

# COMPLÔ CONTRA A AMÉRICA



**PHILIP ROTH**



COMPANHIA DAS LETRAS

PHILIP ROTH

# Complô contra a América

*Tradução*

Paulo Henriques Britto



## Sumário

1

*Junho de 1940—outubro de 1940*  
Vote em Lindbergh ou vote a favor da guerra

2

*Novembro de 1940—junho de 1941*  
Judeu falastrão

3

*Junho de 1941—dezembro de 1941*  
Seguidores de cristãos

4

*Janeiro de 1942—fevereiro de 1942*  
O coto

5

*Março de 1942—junho de 1942*  
Nunca antes

6

*Mai de 1942—junho de 1942*  
O país deles

7

*Junho de 1942—outubro de 1942*

Ostumultosanti-Winchell

8

*Outubro de 1942*  
Tempos difíceis

9

*Outubro de 1942*  
Medo perpétuo

Post-scriptum

*Junho de 1940 — outubro de 1940*

Vote em Lindbergh ou vote a favor  
da guerra

O medo domina estas lembranças, um medo perpétuo. Toda infância, é claro, tem seus terrores, mas me pergunto se eu não teria sido uma criança menos assustada se Lindbergh não tivesse chegado à Presidência ou se eu não fosse filho de judeus.

Quando ocorreu o choque inicial, em junho de 1940 — o lançamento da candidatura presidencial de Charles A. Lindbergh, o heróico aviador americano de renome mundial, na convenção do Partido Republicano, realizada em Filadélfia —, meu pai estava com trinta e nove anos; era corretor de seguros, tinha apenas o curso primário e ganhava um pouco menos de cinqüenta dólares por semana, o que era suficiente para pagar as contas principais sem atraso mas não dava para quase mais nada. Minha mãe — que não pôde realizar o projeto de cursar a escola normal por falta de dinheiro, que depois de concluir o secundário continuou morando com os pais enquanto trabalhava como secretária, que conseguiu fazer com que não nos sentíssemos pobres durante a pior fase da Depressão utilizando o salário que meu pai lhe entregava todas as sextas-feiras com a mesma eficiência com que administrava a casa — tinha trinta e seis. Meu irmão, Sandy, que cursava a sétima série e tinha um talento prodigioso para o desenho, estava com doze anos, e eu, aluno da terceira série, embora pela minha idade devesse estar na segunda — e aprendiz de filatelista, inspirado, como milhões de outros meninos, pelo mais famoso colecionador do país, o presidente Roosevelt —, tinha sete.

Morávamos num pequeno sobrado de uma rua arborizada, toda de casas de madeira com varandas de tijolos vermelhos, cada varanda encimada por um telhado de cumeeira e com uma área pequenina à frente cercada por uma sebe baixa. O bairro de Weequahic fora construído num loteamento de fazendas a sudoeste de Newark, pouco depois da Primeira Guerra Mundial; cerca de meia dúzia de ruas receberam nome de comandantes navais vitoriosos da Guerra Hispano-Americana, uma prática imperial; e o cinema, em homenagem ao primo distante de Franklin Delano Roosevelt — e vigésimo sexto presidente da República —, chamava-se Cine Roosevelt. A rua em que morávamos, a Summit Avenue, ficava no ponto mais alto do bairro, um promontório de altitude considerável numa cidade portuária em que poucos pontos atingem mais de trinta metros acima do nível do pântano salgado a norte e a leste do perímetro urbano, e da baía profunda situada a leste do aeroporto, que contorna ostanques de óleo da península de Bayonne e lá se confunde com a baía de Nova York, passando pela Estátua da Liberdade e perdendo-se no Atlântico. Quem olhasse para o oeste da janela de fundos do nosso quarto, por vezes conseguia ver ao longe a massa escura das árvores dos montes Watchung, uma serra de baixa altitude cercada por grandes propriedades e subúrbios prósperos de baixa densidade populacional, fronteira extrema do mundo conhecido — a cerca de treze quilômetros de nossa casa. Seguindo para o sul, no

quarteirão seguinte começava Hillside, uma cidade operária habitada majoritariamente por gentios. A divisa com Hillside assinalava também o início do condado de Union, que era uma Nova Jersey totalmente diferente da nossa.

Éramos uma família feliz em 1940. Meus pais eram extrovertidos e hospitaleiros; faziam amigos entre os colegas de trabalho de meu pai e as mulheres que, com minha mãe, haviam ajudado a organizar a Associação de Pais e Mestres da recém-construída Escola da Chancellor Avenue, onde eu e meus irmãos estudávamos. Todos eram judeus. Os homens do bairro eram ou pequenos comerciantes — donos da *bombonnière*, da mercearia, da joalheria, da loja de roupas, da loja de móveis, do posto de gasolina, da delicatessen —, ou proprietários de pequenas indústrias perto da divisa Newark—Irvington, ou trabalhadores autônomos — encanadores, eletricitas, pintores e caldeiros —, ou então vendedores ambulantes como meu pai, fora de casa o dia inteiro, caminhando pelas ruas da cidade e entrando nas casas das pessoas para vender seus produtos e vivendo das comissões. Os judeus médicos e advogados e os comerciantes afluentes, donos de lojas importantes no centro da cidade, moravam em casas individuais situadas nas transversais da encosta leste do promontório em que ficava a Chancellor Avenue, para os lados do Parque Weequahic, uma extensão de cento e vinte hectares cobertos de relva e árvores, com tratamento paisagístico dotado de um lago onde se podia andar de barco, de campo de golfe e de pista de corrida de camuagens. O parque separava Weequahic das fábricas e dos terminais portuários que se sucediam ao longo da Route 27, bem como do viaduto da Ferrovia Pensilvânia, mais para leste, e do aeroporto florescente, mais para leste, e da beirinha dos Estados Unidos, mais para leste — os armazéns e o cais do porto da baía de Newark, aonde chegavam carregamentos vindos do mundo inteiro. Na extremidade oeste do bairro, a mais afastada do parque, onde morávamos, vivia um ou outro professor ou farmacêutico, mas de modo geral havia bem poucos profissionais liberais na nossa vizinhança, e sem dúvida lá não morava nenhum membro das famílias ricas de empresários e industriais. Os homens trabalhavam cinquenta, sessenta, até setenta horas por semana, ou mais; as mulheres trabalhavam o tempo todo, sem contar com a ajuda de quase nenhum eletrodoméstico, lavando roupa, passando camisas, cerzindo meias, ajeitando colarinhos, pregando botões, embrulhando agasalhos de lã com naftalina no fim do inverno, passando lustra-móveis na mobília, varrendo e lavando assoalhos, lavando janelas, limpando pias, banheiras, privadas e fogões, passando aspirador de pó nos tapetes, cuidando dos doentes, fazendo compras, cozinhando, dando comida a parentes, amumando armários e gavetas, supervisionando trabalhos de pintura e consertos domésticos, organizando atividades religiosas, pagando contas, administrando o orçamento doméstico e ao mesmo tempo tomando conta das crianças, cuidando de sua saúde, roupa, limpeza, educação, nutrição, conduta, de seus aniversários, de sua disciplina e de sua moral. Umhas poucas mulheres trabalhavam ao lado dos maridos em lojas nas ruas comerciais do bairro, sendo ajudadas, depois do horário escolar e nos sábados, pelos filhos mais velhos, que faziam entregas e cuidavam dos estoques e da limpeza.

Para mim, era o trabalho, muito mais do que a religião, que identificava e distinguia nossos vizinhos. Ninguém no bairro usava barba nem vestia aqueles trajes europeus antiquados, tampouco andava de quipá na rua e nas casas em que eu entrava e saía todos os dias com meus amigos de infância. Os adultos minimamente religiosos já não observavam os costumes judaicos

de maneira ostensiva, identificável, fora um ou outro homem mais velho, como o alfaiate e o açougueiro *kosher* — e os avós doentes ou decrepitos que eram obrigados a morar com os filhos adultos —, quase ninguém ali falava com sotaque. Em 1940, os casais judeus e seus filhos conversavam entre si num inglês americano mais parecido com a língua falada em Altoona ou Binghamton do que com os dialetos notoriamente utilizados do outro lado do Hudson pelos judeus nova-iorquinos. Havia inscrições em hebraico na vitrine do açougue e nas pequenas sinagogas do bairro, mas era só nesses lugares (e no cemitério) que encontrávamos o alfabeto do livro de orações em vez das letras bem conhecidas da língua nativa, utilizada o tempo todo por praticamente todos nós para todas as finalidades, elevadas ou humildes. No jomaleiro em frente à *bonbonnière* da esquina, a revista de turfe, *Racing Form*, vendia dez vezes mais exemplares do que o diário em iídiche, o *Forvertz*.

Israel ainda não existia, seis milhões de judeus europeus ainda não haviam deixado de existir, e a relevância da longínqua Palestina (sob mandato britânico desde que os aliados vitoriosos dissolveram, em 1918, as últimas províncias remotas do extinto Império Otomano) era para mim um mistério. Quando um desconhecido barbudo que jamais fora visto sem chapéu começou a aparecer regularmente em nossa casa, com intervalos de alguns meses, ao cair da tarde, pedindo, num inglês macarrônico, contribuições para a criação de uma pátria para os judeus da Palestina, eu, que não era uma criança ignorante, não entendia o que ele estava fazendo à nossa porta. Meus pais davam algumas moedas a mim ou a Sandy para que as colocássemos em sua caixa de donativos, generosidade essa, pensava eu, motivada pelo desejo de não magoar os sentimentos de um pobre velho que nem mesmo com o passar dos anos conseguia enfiar na cabeça que havia três gerações já tínhamos uma pátria. Todas as manhãs, na escola, eu prestava o juramento à bandeira nacional. Com meus colegas, nas cerimônias, cantava hinos que louvavam as maravilhas de nosso país. Observava religiosamente os feriados nacionais, e jamais me ocorreu questionar minha empolgação com a queima de fogos do Dia da Independência, pelo peru do Dia de Ação de Graças ou pela partida dupla de beisebol no Dia do Soldado. A nossa pátria era os Estados Unidos da América.

Nesse momento os republicanos lançaram a candidatura Lindbergh, e tudo mudou.

Havia mais de dez anos que Lindbergh era um herói tão adorado em nosso bairro quanto em qualquer outro lugar. Sua chegada a Paris, após voar sozinho durante trinta e três horas e meia sem parar, partindo de Long Island num pequeno monomotor chamado *Spirit of St. Louis*, por acaso coincidiu com o dia da primavera de 1927 em que minha mãe descobriu estar grávida de meu irmão mais velho. Assim, o jovem aviador cuja ousadia emocionara toda a nação e o mundo, cujo feito apontava para um futuro de progressos aeronáuticos inimagináveis, passou a ocupar um lugar todo especial na galeria de casos familiares que origina a primeira mitologia coerente de uma criança. O mistério da gravidez e o heroísmo de Lindbergh se misturaram na minha cabeça para conferir uma distinção quase divina à minha mãe, já que a encamação de seu primeiro filho veio acompanhada de nada menos do que uma anunciação global. Sandy vinha a registrar esse momento com um desenho que representava a justaposição desses dois eventos magníficos. No



desenho — que ele concluiu com nove anos de idade e que demonstrava uma afinidade inconsciente com os cartazes de propaganda soviéticos — Sandy a imaginava a alguns quilômetros de nossa casa, em meio a uma multidão delirante na esquina das ruas Broad e Market. Uma moça esguia de vinte e três anos, de cabelo negro e sorriso escancarado, ela aparece surpreendentemente desacompanhada, usando seu avental de florzinhas no cruzamento das duas principais artérias da cidade; tendo uma das mãos aberta diante do avental, por trás do qual os quadris estreitos ainda não indicam seu estado, enquanto com a outra é a única pessoa na multidão a apontar para o céu, na direção do *Spirit of St. Louis*, que passa sobre o centro de Newark no exato instante em que ela se dá conta de que, num feito tão triunfal para um ser humano quanto o de Lindbergh, concebeu Sanford Roth.

Sandy estava com quatro anos e eu, Philip, ainda não era nascido quando, em março de 1932, o primogênito de Charles e Anne Morrow Lindbergh, um menino cujo nascimento, um ano e oito meses antes, fora comemorado em todo o país, foi raptado da casa da família, que vivia isolada num lugarejo chamado Hopewell, em Nova Jersey. Cerca de dez semanas depois, o cadáver já putrefato da criança foi descoberto por acaso no meio do mato, a alguns quilômetros da residência. O bebê havia sido assassinado ou morto por acidente depois de ser retirado do berço e, na escuridão, ainda envolto nas roupas de cama, carregado pela janela para fora de seu quarto no andar de cima da casa por meio de uma escada improvisada, enquanto a ama e a mãe se entregavam a seus afazeres noturnos habituais em outros cômodos da residência. Quando o julgamento por rapto e morte em Flemington, Nova Jersey, chegou ao término, em fevereiro de 1935, com a condenação de Bruno Hauptmann — um ex-presidiário alemão de trinta e cinco anos que morava no Bronx com a esposa, também alemã —, a bravura do autor do primeiro vôo transatlântico solitário já estava impregnada por um sentido trágico que o transformava num herói martirizado comparável a Lincoln.

Após o julgamento, os Lindbergh partiram do país na esperança de que, graças a uma estada no estrangeiro, o novo bebê Lindbergh comesse menos riscos e eles próprios recuperassem algo da privacidade que desejavam. A família se instalou numa cidadezinha da Inglaterra, e Lindbergh, por iniciativa própria, começou a fazer as viagens à Alemanha nazista que o transformariam em vilão para a maioria dos judeus americanos. No decorrer dessas cinco visitas, durante as quais viu com os próprios olhos a magnitude da máquina bélica alemã, foi ostensivamente recebido pelo marechal Göring e cerimoniosamente condecorado em nome do *Führer*, e manifestou de modo inequívoco o elevado apreço que tinha por Hitler, dizendo que a Alemanha era “a nação mais interessante” do mundo e seu líder, “um grande homem”. E todo esse interesse e admiração foram manifestados *depois* que as leis raciais aprovadas por Hitler em 1935 privaram os judeus da Alemanha de seus direitos civis, sociais e de propriedade, cancelaram sua cidadania e proibiram casamentos mistos com arianos.

Quando entrei para a escola em 1938, o nome de Lindbergh provocava em nossa casa o mesmo tipo de indignação evocado pelos programas radiofônicos dominicais do padre Coughlin, de Detroit, que publicava um semanário de direita chamado *Social Justice*, cuja virulência anti-semita atçou as paixões de um público considerável durante todo o período da Depressão. Foi em novembro de 1938 — o ano mais negro, mais temível dos últimos dezoito

séculos para os judeus da Europa — que o pior *pogrom* dos tempos modernos, a *Kristallnacht*, foi instigado pelos nazistas em toda a Alemanha: sinagogas incendiadas, residências e propriedades comerciais de judeus destruídas e, no decorrer de toda uma noite que foi um presságio do futuro monstruoso, milhares de judeus retirados à força de suas casas e transportados para campos de concentração. Quando sugeriram a Lindbergh que, diante daquela selvageria sem precedentes perpetrada por um Estado contra seus próprios cidadãos nativos, talvez fosse o caso de ele devolver a cruz de ouro enfeitada com quatro suásticas que lhe fora conferida em nome do *Führer* pelo marechal Göring, ele se recusou a fazê-lo, argumentando que, para ele, devolver publicamente a Medalha da Cruz de Serviço da Águia Alemã seria “um insulto desnecessário” à liderança nazista.

Lindbergh foi o primeiro americano famoso vivo que aprendi a odiar — assim como o presidente Roosevelt foi o primeiro americano famoso vivo que me ensinaram a amar —, e assim sua indicação pelo Partido Republicano para disputar a Presidência com Roosevelt em 1940 abalou, como nada abalara antes, a imensa segurança pessoal que eu sentia como coisa natural, sendo um menino americano filho de pais americanos que estudava numa escola americana e morava numa cidade americana num período em que a nação americana estava em paz com o mundo.

A única ameaça comparável ocorrera pouco mais de um ano antes, quando, por ter mantido um nível elevado de vendas durante o pior período da Depressão como corretor na filial de Newark da companhia de seguros Metropolitan Life, meu pai foi convidado a aceitar o cargo de gerente assistente, para coordenar o trabalho dos corretores que atuavam na filial de Union, cidade a dez quilômetros de nossa casa, a respeito da qual só o que eu sabia era que lá havia um cinema *drive-in* que funcionava mesmo que chovesse; e aceitando a promoção meu pai teria de se mudar para lá com a família. Como gerente assistente, em pouco tempo meu pai poderia passar a ganhar setenta e cinco dólares por semana, e a médio prazo seu salário semanal talvez chegasse a cem, o que em 1939 representava uma fortuna para pessoas com perspectivas de vida como as nossas. E como em Union havia casas unifamiliares à venda, graças à Depressão, por uns poucos milhares de dólares, ele poderia realizar a ambição que nutria desde o tempo em que, menino pobre, morava num cortiço em Newark: tornar-se um cidadão americano com casa própria. “Orgulho de proprietário” era uma das expressões prediletas de meu pai, pois sintetizava um ideal tão concreto quanto o pão para um homem com as suas origens, um ideal que não estava ligado à competitividade social nem ao consumo conspícuo, e sim a sua imagem de pai de família e provedor.

O único problema era que em Union — tal como em Hillside, uma comunidade operária de gentios — muito provavelmente meu pai seria o único judeu trabalhando numa filial em que havia trinta e cinco pessoas, minha mãe seria a única mulher judia da rua e eu e Sandy seríamos os únicos alunos judeus da escola.

Na semana em que meu pai recebeu a oferta de promoção — uma promoção que, acima de tudo, atenderia aos anseios de um mínimo de segurança financeira de uma família em plena Depressão —, nós quatro fomos no sábado, depois do almoço, fazer uma visita a Union. Mas tão

logo chegamos lá e começamos a rodar pelas ruas residenciais, olhando pelas janelas do carro para as casas de dois andares — não exatamente todas idênticas, porém cada uma com sua varanda telada, gramado bem aparado, arbustos e caminho de cascalho que dava numa garagem com vaga única, casas muito modestas mas assim mesmo mais espaçosas do que nosso apartamento de dois quartos e sala, casas bem semelhantes às casinhas brancas que víamos nos filmes passados em cidadezinhas típicas do interior dos Estados Unidos —, tão logo chegamos lá, nossa inocente alegria motivada pela possibilidade de ascensão social e orgulho proprietário foi substituída, como era de se esperar, por uma certa dúvida quanto aos limites da caridade cristã. Quando meu pai lhe perguntou: “O que você acha, Bess?”, minha mãe, uma pessoa normalmente cheia de energia, reagiu com um entusiasmo que até mesmo uma criança podia perceber que era fingido. E, embora eu fosse ainda bem pequeno, compreendi o motivo; sabia que ela estava pensando: “A nossa casa vai ser a casa dos judeus. Vai ser igualzinho como era em Elizabeth”.

Elizabeth, Nova Jersey, no tempo em que minha mãe era menina e morava num apartamento nos altos da mercearia de seu pai, era um porto industrial quatro vezes menor do que Newark, dominado pela classe trabalhadora irlandesa, seus políticos e uma vida social intensa que girava em torno das muitas igrejas da cidade; embora eu nunca a tivesse ouvido se queixar de ter sido maltratada de modo ostensivo em Elizabeth quando menina, foi só quando ela se casou e se mudou para o novo bairro judeu de Newark que adquiriu a autoconfiança que lhe permitiu se tornar coordenadora de série da Associação de Pais e Mestres, depois vice-presidente da APM, encarregada de criar um Clube de Mães do Jardim-de-Infância e, por fim, presidente da APM, quando propôs, durante um congresso em Trenton dedicado ao tema paralisia infantil, um baile beneficente a ser realizado todos os anos no dia 30 de janeiro — aniversário do presidente Roosevelt —, proposta aceita pela maioria das escolas de Newark. Na primavera de 1939, ela já estava no segundo ano de sua bem-sucedida carreira de líder progressista — apoiava um jovem professor de estudos sociais interessado em introduzir a “educação visual” nas salas de aulas da escola da Chancellor Avenue — e agora era inevitável ela pensar que estaria abrindo mão de tudo que havia realizado como esposa e mãe na Summit Avenue. Se tivéssemos a felicidade de comprar uma casa em uma daquelas ruas de Union, que estávamos vendo na primavera, a melhor época, minha mãe não apenas voltaria a ter o *status* de seus tempos de menina, como filha de um imigrante judeu, dono de uma mercearia em Elizabeth, cidade de católicos irlandeses, como também — o que era ainda pior — eu e Sandy seríamos obrigados a passar por tudo que ela havia passado como forasteira em seu próprio bairro.

Apesar do desânimo de minha mãe, meu pai fez o que pôde para nos manter empolgados, comentando que tudo parecia muito limpo e bem-cuidado, chamando minha atenção e a de meu irmão para o fato de que se nos mudássemos para uma daquelas casas não teríamos mais de dividir o mesmo quarto pequeno e o mesmo armário, e explicando as vantagens de se pagarem prestações em vez de aluguel, uma aula de princípios de economia que terminou de repente quando ele foi obrigado a parar o carro no sinal fechado ao lado de uma espécie de bar ao ar livre que ocupava toda uma esquina. Havia mesas verdes de piquenique espalhadas sob as árvores frondosas, e naquela tarde ensolarada de sábado garçons de uniforme branco andavam lépidos por entre as mesas, equilibrando bandejas cheias de garafas, jarras e pratos, enquanto homens das

idades mais variadas reunidos em torno das mesas fumavam cigarros, cachimbos e charutos e bebiam em grandes goles de canecos com ou sem tampa. Havia música também — um acordeão tocado por um homenzinho gordo de calça curta e meias compridas, com um chapéu enfeitado por uma pena comprida.

“Filhos-da-puta!”, exclamou meu pai. “Fascistas sem-vergonha!” Então o sinal abriu e seguimos em frente em silêncio, para ver o prédio onde meu pai teria uma oportunidade de ganhar mais do que cinqüenta dólares por semana.

Foi meu irmão, quando nos deitamos naquela noite, que me explicou por que meu pai havia se descontrolado e xingado aqueles homens na frente dos filhos: o parque espaçoso e alegre no meio da cidade era uma cervejaria ao ar livre e tinha algo a ver com a Associação Teuto-Americana, e a Associação Teuto-Americana tinha algo a ver com Hitler, e Hitler — isso ninguém precisava me dizer — tinha tudo a ver com a perseguição aos judeus.

O licor do anti-semitismo. Era o que eu imaginava que todos bebiam com tanta alegria naquela cervejaria — como todos os nazistas em toda parte bebiam canecos e mais canecos de anti-semitismo como se estivessem tomando o remédio de todos os males.

Meu pai teve de se ausentar do trabalho por uma manhã para ir à sede da firma em Nova York — um prédio alto coroado por um farol que, segundo a empresa afirmava com orgulho, era “A Luz que Jamais se Apaga” — e disseram ao supervisor das agências que não iria aceitar a promoção que tanto desejava.

“A culpa é minha”, disse minha mãe logo que ele começou a relatar, à mesa do jantar, o que havia transcorrido no décimo oitavo andar do prédio localizado no número 1 da Madison Avenue.

“Não é culpa de ninguém”, disse meu pai. “Antes de sair eu já tinha explicado o que ia dizer a ele, e fui lá e disse isso mesmo, e pronto. Nós não vamos nos mudar para Union, meninos. Vamos ficar aqui mesmo.”

“E o que foi que ele fez?”, perguntou minha mãe.

“Ele ouviu tudo que eu tinha a dizer.”

“E depois?”, ela indagou.

“Ele se levantou e apertou minha mão.”

“Não disse nada?”

“Disse: ‘Boa sorte, Roth!’”

“Ele estava zangado com você.”

“O Hatcher é um cavalheiro à antiga. Um góí grandalhão, um metro e oitenta de altura. Parece artista de cinema. Sessentão, totalmente em forma. São essas as pessoas que mandam, Bess — essa gente não perde tempo se zangando com um sujeito como eu.”

“E agora?”, ela perguntou, dando a entender que o que viesse a acontecer como resultado daquela reunião com Hatcher não seria nada de bom, e talvez fosse terrível. E eu julgava entender o motivo. Se você se esforçar, consegue fazer o que quiser — era esse o axioma que nossos pais nos haviam ensinado. À mesa do jantar, meu pai sempre repetia para nós: “Se alguém perguntar: Você é capaz de fazer isso? Você tem condição?, vocês devem sempre responder: ‘Claro’. Quando descobrirem que vocês na verdade não sabiam fazer o que era para fazer, vocês já vão ter aprendido,

e aí o emprego é seu. E quem sabe, pode ser a oportunidade que só aparece uma vez na vida”. No entanto, em Nova York ele não fizera nada disso.

“O que foi que o Chefe disse?”, minha mãe perguntou. “O Chefe” era como chamávamos o gerente da filial de Newark, onde meu pai trabalhava, Sam Peterfreund. Naquele tempo em que havia cotas secretas limitando o número de judeus que podiam frequentar faculdades e escolas profissionalizantes, em que uma discriminação incontestável impedia que os judeus fossem promovidos a cargos de chefia nas grandes empresas e em que havia restrições rígidas proibindo o ingresso de judeus em milhares de organizações sociais e instituições comunitárias, Peterfreund foi um dos primeiros e raríssimos judeus a ocupar cargos administrativos na Metropolitan Life. “Foi ele que propôs seu nome”, disse minha mãe. “Como será que *ele* está se sentindo?”

“Sabe o que ele me falou depois que eu voltei? Sabe o que me disse sobre a filial de Union? Ela está *assim* de bêbado. É famosa pelos bêbados. Antes ele não quis influenciar a minha decisão. Não queria me atrapalhar, se eu estava mesmo decidido. Diz que todo mundo sabe que os corretores de lá trabalham duas horas na parte da manhã e passam o resto do dia no botequim ou em lugares ainda piores. E queriam que eu fosse pra lá, eu, o judeu, o novo patrão judeu que os góis estão todos doidos pra ter, queriam que eu fosse lá pra ir pegar os corretores nos botequins. Queriam que eu fosse lá pra dizer a eles que eles têm que trabalhar pra sustentar as mulheres e os filhos. Imagina só como eles iam adorar me ouvir dizendo isso. Imagina só os nomes que eles iam me chamar pelas costas. Não, melhor ficar onde estou. Melhor pra todos nós.”

“Mas será que a companhia pode demitir você por não ter aceitado?”

“Meu bem, eu fiz o que fiz, e ponto final.”

Mas minha mãe não acreditava que o Chefe tinha mesmo dito aquilo; achava que meu pai havia inventado a história para que ela não ficasse se culpando por ele ter se recusado a se mudar com os filhos para uma cidade gentia dominada pela Associação Teuto-Americana, fazendo-o perder uma oportunidade que só apareceria uma vez na vida *dele*.

Os Lindbergh voltaram para retomar sua vida nos Estados Unidos em abril de 1939. Poucos meses depois, em setembro, tendo anexado a Áustria e invadido a Tchecoslováquia, Hitler entrou na Polônia e conquistou o país; a França e a Grã-Bretanha reagiram declarando guerra à Alemanha. Nessa época, Lindbergh atuava como coronel da Força Aérea do Exército e começou a viajar por todo o país em nome do governo norte-americano, defendendo o desenvolvimento da aviação do país e a expansão e a modernização desse setor das Forças Armadas. Quando Hitler rapidamente ocupou a Dinamarca, a Noruega, a Holanda e a Bélgica, e praticamente derrotou a França, desencadeando a segunda grande guerra europeia do século, o coronel da Força Aérea tomou-se o ídolo dos isolacionistas — e inimigo de Roosevelt — quando assumiu como missão adicional a tarefa de impedir que os Estados Unidos fossem levados a entrar na guerra ou a oferecer qualquer tipo de auxílio aos britânicos e aos franceses. Já havia uma antipatia forte entre Lindbergh e Roosevelt, mas a partir do momento em que o coronel passou a declarar abertamente, em grandes assembleias públicas, em transmissões radiofônicas e em revistas populares, que o presidente enganava o país com suas promessas de paz ao mesmo tempo que secretamente promovia

agitações e planejava mergulhar o país no conflito armado, alguns membros do Partido Republicano passaram a ver Lindbergh como o homem capaz de impedir que “o belicista da Casa Branca” conquistasse um terceiro mandato presidencial.

Quanto mais Roosevelt pressionava o Congresso no sentido de levantar o embargo armamentista e abrir brechas na posição de neutralidade do país para que a Grã-Bretanha não fosse derrotada, mais diretamente era atacado por Lindbergh, até que este pronunciou o famoso discurso radiofônico, diante de uma enorme platéia entusiástica em Des Moines, em que incluiu entre “os grupos mais importantes que estão empurrando esta nação em direção à guerra” um grupo que constituía menos de três por cento da população, ora designado como “o povo judeu”, ora como “araça judaica”.

“Nenhuma pessoa dotada de honestidade e visão”, afirmou Lindbergh, “pode examinar a atual política pró-guerra sem se dar conta dos perigos que ela implica tanto para nós quanto para eles.” Em seguida, com uma franqueza notável, acrescentou:

Uns poucos judeus de visão têm consciência disso e se opõem à intervenção. Mas a maioria ainda não o faz. [...] Não podemos lhes negar o direito de defender o que eles consideram seus próprios interesses, porém devemos também cuidar dos nossos. Não podemos permitir que as paixões e preconceitos naturais de outros povos levem nosso país à destruição.

No dia seguinte, as acusações que haviam sido recebidas com aplausos entusiásticos em Iowa foram vigorosamente criticadas por jornalistas liberais, pelo assessor de imprensa de Roosevelt, por agências e organizações judaicas e até mesmo, dentro do Partido Republicano, pelo promotor público de Nova York, Thomas Dewey, e pelo advogado de Wall Street Wendell Willkie, ambos candidatos potenciais à Presidência. Foram tão sérias as críticas feitas por secretários de Estado filiados ao Partido Democrata, como o secretário do Interior Harold Ickes, que Lindbergh abriu mão de sua patente de coronel do Exército de reserva para não ter de servir sob o comando de Roosevelt. Porém o Comitê América em Primeiro Lugar, a organização mais abrangente entre as que lideravam a luta contra a intervenção militar, manteve seu apoio a ele, e Lindbergh continuou sendo o mais popular defensor da neutralidade. Para muitos membros da América em Primeiro Lugar, não havia como refutar (nem mesmo com base em fatos) a idéia defendida por Lindbergh de que “o maior perigo” que os judeus representavam para a nação era serem eles “proprietários e forças influentes nas esferas do cinema, da imprensa, do rádio e do governo”. Quando Lindbergh escrevia, com orgulho, a respeito de “nosso legado de sangue europeu”, quando alertava contra “a diluição causada por raças estrangeiras” e “a infiltração de sangue inferior” (expressões encontradas em trechos de seu diário referentes àquela época), ele estava registrando convicções pessoais compartilhadas com parte considerável dos membros mais tradicionais da América em Primeiro Lugar, e também com um grupo mais radical — maior até mesmo do que imaginavam meu pai, que odiava o anti-semitismo, ou minha mãe, que nutria uma desconfiança profundamente arraigada contra os cristãos — que florescia por todos os Estados Unidos.

Convenção Republicana de 1940. Eu e meu irmão fomos dormir naquela noite — quinta-feira, 27 de junho — com o rádio ligado na sala, onde nosso pai, nossa mãe e nosso primo mais velho, Alvin, acompanhavam a cobertura ao vivo, em Filadélfia. Após seis votações, os republicanos ainda não haviam conseguido escolher o candidato. O nome de Lindbergh não fora pronunciado por um único delegado, e por causa de um congresso de engenharia numa fábrica do Meio-Oeste, onde ele assessorava o projeto de um novo avião de caça, o famoso aviador não estava presente nem era esperado. Quando eu e Sandy fomos nos deitar, a convenção permanecia dividida entre Dewey, Willkie e dois poderosos senadores republicanos, Vandenberg, de Michigan, e Taft, do Ohio, e parecia difícil que um acordo a portas fechadas fosse negociado em breve pelas figuras dominantes do partido, como o ex-presidente Hoover, derrotado por Roosevelt em 1932 numa vitória acachapante, ou o governador Alf Landon, a quem Roosevelt impusera uma derrota ainda mais humilhante quatro anos depois, com a maior diferença de votos em toda a história.

Como era a primeira noite quente do verão, estavam abertas as janelas de todos os quartos, e eu e Sandy não tínhamos como não continuar acompanhando da cama a transmissão que vinha do rádio da nossa sala e do rádio do apartamento debaixo do nosso, e também — como as casas eram separadas por uma travessa em que mal dava para passar um carro — dos rádios de nossos vizinhos dos dois lados e da casa em frente. Naquele tempo ainda não existiam aparelhos de ar condicionado para se sobreporem aos ruídos das noites tropicais, e assim os sons daquela transmissão radiofônica encobriam todo o quarteirão, da Keer Street à Chancellor Avenue — quarteirão em que não morava um único republicano em nenhum dos trinta e tantos sobrados com uma família em cada andar, nem no pequeno prédio de apartamentos recém-construído na esquina da Chancellor Avenue. Em ruas como as nossas, na época em que o candidato do partido à Presidência era Roosevelt, os judeus só votavam em candidatos democratas.

Mas nós dois éramos meninos, e acabamos dormindo apesar de tudo isso, e provavelmente só teríamos acordado no dia seguinte se Lindbergh — quando os republicanos continuavam num impasse já na vigésima votação — não tivesse chegado inesperadamente à convenção às 3h18 da madrugada. O herói, um homem esguio, alto e belo, ágil e atlético, que ainda não completara quarenta anos, chegou com seu traje de aviador, tendo pousado o próprio avião no aeroporto de Filadélfia alguns minutos antes, e quando ele entrou um surto de entusiasmo redentor fez com que todos os convencionais se levantassem e se pusessem a gritar: “Lindy! Lindy! Lindy!” durante trinta gloriosos minutos, sem nenhuma interrupção da mesa diretora. Por trás desse drama pseudo-religioso espontâneo havia toda uma maquinação executada pelo senador Gerald P. Nye, da Dakota do Norte, um isolacionista de direita que rapidamente colocou em votação o nome de Charles A. Lindbergh, de Little Falls, Minnesota, quando então dois dos membros mais reacionários do Congresso — os representantes Thorkelson, de Montana, e Mundt, da Dakota do Sul — apoiaram o novo nome, e exatamente às quatro da manhã de sexta-feira, 28 de junho, o Partido Republicano, por aclamação, escolheu como candidato um racista que se referira aos judeus no rádio, para uma platéia nacional, como “outros povos” que utilizavam sua imensa “influência [...] com o objetivo de levar nosso país à destruição”, em vez de reconhecer que formávamos, na verdade, uma pequena minoria de cidadãos, muitíssimo menor do que a

população cristã, cidadãos que, em sua maioria, eram impedidos de ter poder político por preconceitos religiosos, e que certamente não eram menos leais aos princípios da democracia americana do que um admirador de Adolf Hitler.

“Não!” foi a palavra que nos despertou, “Não!” gritada a plenos pulmões por vozes masculinas, em todas as casas do quarteirão. Não pode ser. Não. Presidente da República? Não.

Segundos depois, eu e meu irmão estávamos de novo junto ao rádio, com o resto da família, e ninguém se deu ao trabalho de nos mandar de volta para o quarto. Embora estivesse quente, minha mãe, pudica, tinha vestido um robe por cima da camisola fina — também ela tinha ido dormir e fora despertada pelo banulho — e estava agora sentada no sofá ao lado de meu pai, cobrindo a boca com os dedos, como se tentasse não vomitar. Enquanto isso, meu primo Alvin, não conseguindo mais continuar sentado, andava de um lado para outro, numa sala de cinco metros e meio por quatro, com um passo agressivo, como se fosse um vingador disposto a rodar toda a cidade à procura de seu inimigo mortal.

A raiva daquela noite foi uma verdadeira fomalha, uma forja que retorceu a todos como se fossem de aço. E não diminuiu — não havia como diminuir, enquanto Lindbergh, diante da tribuna em Filadélfia, ouvia em silêncio a multidão aclamando-o outra vez como salvador da pátria, nem quando ele fez seu discurso, aceitando a candidatura do partido e, junto com ela, o encargo de manter o país fora da guerra na Europa. Todos nós já aguardávamos apavorados o momento em que ele repetiria em plena convenção suas acusações maliciosas contra os judeus, mas o fato de que ele não o fez em nada afetou o estado de espírito que levou todas as famílias do quarteirão a saírem às ruas quase às cinco da manhã. Famílias inteiras que até então eu só vira com seus trajes diurnos estavam de pijama, de camisola por baixo do roupão, de chinelos, andando de um lado para outro ao raiar do dia como se tivessem sido expulsas da cama por um terremoto. Mas o que mais chocava uma criança como eu era a raiva, a raiva em homens que eu só conhecia como pessoas brincalhonas e alegres, ou então como chefes de família caladões e trabalhadores, que passavam o dia desentupindo canos, consertando caldeiras, vendendo maçãs a quilo e que, à noite, liam o jornal, ouviam rádio e dormiam na poltrona da sala, homens simples que por acaso eram judeus e agora andavam pela rua furiosos, xingando sem o menor constrangimento, lançados de uma hora para outra de volta ao conflito infeliz de que pensavam haver livrado suas famílias por ter a geração anterior providencialmente imigrado.

A mim me pareceu bom sinal Lindbergh não ter mencionado os judeus no discurso de aceitação, sinal de que havia calado fundo nele a reação vigorosa que o obrigara a entregar a patente de coronel do Exército, ou então de que ele tinha mudado de idéia depois de proferir o discurso de Des Moines, ou então de que já havia se esquecido de nós, ou quem sabe no fundo sabia muito bem que nosso compromisso irrevogável era com os Estados Unidos — que, embora a Irlanda ainda fosse importante para os irlandeses e a Polônia para os poloneses e a Itália para os italianos, não tínhamos nenhuma ligação, de natureza sentimental ou outra qualquer, com aqueles países do Velho Mundo em que nossa presença jamais fora bem-vinda e para onde não tínhamos a menor intenção de retomar. Se eu fosse capaz de colocar em palavras o significado daquele



momento, provavelmente teria pensado isso. Mas aqueles homens na rua pensavam coisa muito diversa. Para eles, o fato de Lindbergh não ter mencionado os judeus era apenas um estratagemas, o início de uma campanha de embuste cujo objetivo era nos calar e nos pegar desprevenidos. “Hitler na América”, gritavam os vizinhos. “Fascismo na América! SS na América!” Depois de passarem toda a noite em claro, aqueles adultos atônitos pensaram e disseram em voz alta tudo que era possível pensar e dizer na frente dos filhos, até que começaram a voltar para suas casas (onde os rádios continuavam ligados a todo o volume), os homens para fazer a barba, vestir-se e tomar café correndo antes de ir para o trabalho, as mulheres para vestir os filhos, dar-lhes de comer e prepará-los para o dia.

Roosevelt animou a todos com sua reação vigorosa ao saber que seu adversário seria Lindbergh e não um senador da estatura de Taft, ou um promotor agressivo como Dewey, ou um advogado importante, ladino e bonito como Willkie. Quando o acordaram às quatro da manhã para dar-lhe a notícia, Roosevelt teria previsto, ainda deitado em sua cama na Casa Branca: “Quando essa história terminar, esse rapaz vai se aprender não só da hora em que se meteu na política, mas também da hora em que aprendeu a pilotar”. Em seguida, voltou a dormir imediatamente — pelo menos essa foi a história que nos trouxe tanto conforto no dia seguinte. Na rua, no momento em que todos só conseguiam pensar na ameaça à nossa segurança imposta por aquela afronta tão injusta, curiosamente ninguém se lembrava de Roosevelt, tido como nosso baluarte contra a opressão. A surpresa da candidatura Lindbergh tivera o efeito de reativar um sentimento atávico de impotência que tinha mais a ver com Kichinev e os pogroms de 1903 do que com a Nova Jersey de trinta e sete anos depois; assim, todos haviam esquecido que o presidente tinha nomeado Felix Frankfurter para o Supremo Tribunal e escolhido Henry Morgenthau para seu secretário do Tesouro, e que o financista Bernard Baruch era seu assessor de confiança, e que a primeira-dama e o secretário do Interior, Harold Ickes, e o secretário da Agricultura, Henry Wallace, eram todos os três, tal como o presidente, reconhecidamente amigos dos judeus. Além de Roosevelt, havia que levar em conta a Constituição Federal, a Carta de Direitos, e também os jomais, a liberdade de imprensa americana. Até mesmo uma publicação republicana, o *Newark Evening News*, publicou um editorial que trazia à lembrança dos leitores o discurso de Des Moines e criticava de forma direta a candidatura Lindbergh; e *PM*, o novo tablóide novo-iorquino de esquerda que custava cinco centavos e que meu pai começara a trazer para casa depois do trabalho junto com o *Newark News* — e que tinha como lema “*PM* é contra as pessoas que oprimem as outras” —, atacou os republicanos num longo editorial, bem como nas notícias e colunas e espalhadas por quase todas as suas trinta e duas páginas, inclusive colunas anti-Lindbergh na seção de esportes assinadas por Tom Meany e Joe Cumminskey. Na primeira página, o jornal exibiu uma foto grande da medalha nazista de Lindbergh, e na seção Foto do Dia, onde o jornal garantia publicar fotografias que as outras publicações se recusavam a divulgar — fotos polêmicas de linchamentos e prisioneiros acorrentados, de fura-greves amados de porretes, de condições desumanas nas penitenciárias americanas —, páginas e mais páginas mostravam o candidato republicano em viagem pela Alemanha nazista em 1938, concluindo com uma foto de página

inteira de Lindbergh com a medalha infame pendurada no pescoço, apertando a mão de Hermann Göring, o líder nazista mais importante depois de Hitler.

Na noite de domingo, ouvimos toda a seqüência de programas de humor, à espera de Walter Winchell, às nove. E quando ele entrou no ar e começou a dizer tudo o que esperávamos ouvi-lo dizer, no exato tom de desprezo que desejávamos, vieram aplausos do outro lado da travessa, como se o famoso jornalista não estivesse isolado num estúdio de rádio na margem oposta da grande barreira que era o rio Hudson, e sim aqui, entre nós, lutando com fúria, a gravata afrouxada, o colarinho desabotoado, o chapéu cinza inclinado para trás na cabeça, dizendo cobras e lagartos de Lindbergh para um microfone colocado sobre uma mesa forrada de oleado na cozinha do vizinho.

Era a última noite de junho de 1940. Após um dia quente, tinha refrescado o bastante para que todos pudessem ficar dentro de casa sem suar, mas quando Winchell se despediu às nove e quinze nossos pais resolveram sair, para que nós quatro aproveitássemos a bela noite juntos. Íamos apenas caminhar até a esquina e voltar — e depois disso eu e meu irmão íamos para a cama —, mas já era quase meia-noite quando nos deitamos, e dormir estava fora de cogitação para dois meninos tão dominados pela excitação dos pais. Como a belicosidade destemida de Winchell tivera o efeito de fazer com que todos os nossos vizinhos também saíssem de casa, o que começou como uma alegre caminhada noturna terminou como uma festa de quarteirão improvisada. Os homens pegaram cadeiras de praia nas garagens e as amaram nas entradas das travessas, as mulheres trouxeram jarras de limonada, as crianças menores comiam alucinadas de uma casa para outra e as mais velhas reuniram-se e ficaram rindo e conversando, tudo isso porque o judeu mais conhecido do país depois de Albert Einstein havia decretado guerra a Lindbergh.

Fora Winchell, afinal, quem inventara os famosos três pontinhos que separavam — e de algum modo mágico validavam — aquelas notícias quentes que mantinham o mais tênue fundamento na realidade, e fora também Winchell quem mais ou menos criara a prática de disparar na cara das massas crédulas o chumbo grosso dos mexericos e das insinuações — destruindo reputações, constrangendo celebridades, conferindo fama, fazendo e dembando carreiras no mundo artístico. Sua coluna era a única publicada por centenas de jomais em todo o país, e em seus quinze minutos das noites de domingo, o programa de notícias mais popular em toda a nação, Winchell, com seu jeito de falar de metralhadora giratória e seu ceticismo agressivo, dava a cada furo jornalístico o ar sensacionalista de uma revelação estarecedora. Nós o admirávamos por não estar no poder e ao mesmo tempo conhecer os bastidores do poder, por ser amigo de J. Edgar Hoover, o diretor do FBI, bem como vizinho do mafioso Frank Costello e confidente do círculo íntimo de Roosevelt, sendo até mesmo convidado de vez em quando à Casa Branca para tomar um drinque com o presidente e diverti-lo — o sujeito que brigava na rua, sabia das coisas, não tinha medo de nada, conhecia todo mundo, inspirava medo aos inimigos e estava do nosso lado. Walter Winschel (na verdade Weinschel), nascido em Manhattan, passara de dançarino de *vaudeville* a um inexperiente columnista na Broadway que começou a ganhar muito dinheiro encamando as paixões dos mais vulgares tablóides lidos por semi-analfabetos, mas desde

a ascensão de Hitler, e muito antes de qualquer outro jornalista ter visão ou indignação suficientes para enfrentá-los, tomara-se inimigo número um dos fascistas e anti-semitas. Já havia apelidado de “ratzistas” os membros da Associação Teuto-Americana e atacado o líder da organização, Fritz Kuhn, no rádio e em letra de fôma, tachando-o de agente secreto estrangeiro, e agora — depois da pilhéria de Roosevelt, do editorial do *Newark News* e do ataque frontal de *PM* — bastava que Walter Winchell revelasse a “filosofia pró-nazista de Lindbergh” para seus trinta milhões de ouvintes nas noites de domingo e afirmasse que a candidatura de Lindbergh era a maior ameaça já sofrida pela democracia americana para que todas as famílias judias da pequena Summit Avenue, uma rua de apenas um quarteirão, voltassem a parecer americanos que desfrutavam da vitalidade e da animação de uma cidadania segura, livre e protegida, em vez de saírem de casa de pijama como loucos fugidos do hospício.

Meu irmão era conhecido na vizinhança por saber desenhar “qualquer coisa” — uma bicicleta, uma árvore, um cachorro, uma cadeira, um personagem de histórias em quadrinhos como Ferdinando —, se bem que ultimamente estivesse mais interessado em representar rostos de verdade. Um grupo de crianças sempre se formava a seu redor onde quer que ele se instalasse, depois das aulas, com seu bloco de desenho e sua lapiseira, para desenhar as pessoas que estivessem por perto. Invariavelmente, os observadores começavam a gritar: “Desenha ele, desenha ela, me desenha!”, e Sandy atendia a essas exortações, ainda que só para que parassem de gritar em seus ouvidos. Enquanto isso, sua mão não parava de trabalhar, ele levantava a vista, olhava para baixo, para cima, para baixo — e pronto, lá estava fulano ou sicrano na folha de papel. Qual é o segredo?, todos lhe perguntavam. Como é que você faz? Como se, para realizar aquele feito, ele usasse alguma espécie de decalque, ou mesmo executasse um passe de magia. Em resposta a todas essas perguntas incômodas, Sandy limitava-se a dar de ombros ou sorrir: o segredo era ser o menino silencioso, sério e discreto que ele era. Embora aonde quer que fosse atraísse as atenções por sua capacidade de fazer os retratos que lhe pediam, isso parecia não exercer nenhum efeito sobre a impessoalidade que constituía o núcleo de sua força, a modéstia inata que lhe dava vigor, quando, mais tarde, abriu mão dela, pagou um preço alto.

Em casa, não ficava mais copiando ilustrações da *Collier's* ou fotografias da *Look*, e sim estudando um manual de arte a respeito da figura humana. Ganhara esse livro como prêmio num concurso estudantil de cartazes para o Dia da Árvore, que coincidiu com um programa de plantio de árvores administrado pelo Departamento de Parques e Propriedades Públicas. Houve até mesmo uma cerimônia em que ele trocou apertos de mão com um certo sr. Baumgart, superintendente da Seção de Árvores de Sombra. O desenho do cartaz premiado fora inspirado num selo venuelho de dois centavos comemorativo do sexagésimo aniversário do Dia da Árvore, que ele vira na minha coleção de selos. O selo me parecia particularmente belo porque, dentro de cada uma de suas estreitas bordas verticais brancas, dava para ver uma árvore esguia cujos galhos se encontravam no alto — quando o selo entrou para a minha coleção, examinei com minha lupa suas marcas características. (A pequena lupa — junto com um álbum com capacidade de dois mil e quinhentos selos, uma pinça, um odontômetro, chameiras gomadas e um prato de bomacha

preta chamado filigranoscópio — eu ganhara de meus pais como presente de aniversário ao completar sete anos. Por mais dez centavos, eles compraram para mim também um livrinho de noventa e poucas páginas intitulado *Manual do filatelista*, onde, no capítulo “Como começar a colecionar selos”, li, fascinado, esta frase: “Em velhos arquivos de finnas ou em coleções de cartas particulares, muitas vezes é possível encontrar selos de séries já fora de circulação, de grande valor. Assim, se você tem amigos que moram em casas velhas e com sótãos em que material desse tipo esteja guardado, tente obter envelopes contendo selos e invólucros”. Na nossa casa não havia sótão; nenhum dos nossos amigos, que moravam em apartamentos e sobrados, tinha sótão; mas nas casas unifamiliares de Union havia sótãos logo abaixo dos telhados — do banco de trás do carro eu via as janelinhas dos sótãos nas duas extremidades de cada casa quando demos uma volta de carro por lá naquele sábado terrível um ano antes, e assim foi que, quando voltamos para casa naquela tarde, eu só conseguia pensar nos envelopes velhos contendo selos e nos invólucros pré-pagos de jomais com carimbos de franquia que estavam guardados naqueles sótãos que eu jamais poderia “obter” por ser judeu.)

O que tomava fascinante o selo comemorativo do Dia da Árvore era o fato de ele representar uma atividade humana, e não apenas uma pessoa famosa ou um lugar importante — mais ainda, uma atividade sendo realizada por crianças no centro do selo, um menino e uma menina de dez ou onze anos estão plantando uma árvore; o menino cava com uma pá enquanto a menina, sustentando o tronco com uma das mãos, com a outra o segura imediatamente acima do buraco. No cartaz de Sandy, as crianças estão uma em cada lado da árvore, o menino é destro e não canhoto, está de calça comprida e não de calça curta, e coloca um dos pés sobre a pá, para enfiá-la no chão. Há também, no desenho de Sandy, uma terceira criança, um menino mais ou menos da minha idade, que é quem está de calça curta. Ele aparece ao lado da árvore sendo plantada, ligeiramente em segundo plano, e tem na mão um regador — tal como eu estava quando posei para meu irmão, com minha melhor calça curta de ir para a escola e meias compridas. A idéia de acrescentar essa terceira criança partira de minha mãe, em parte para diferenciar o desenho de Sandy do que aparecia no selo — e assim protegê-lo da acusação de ter apenas “copiado” —, mas também para dar ao cartaz um conteúdo social que envolvia um tema nada comum em 1940, nem em cartazes nem em qualquer outro lugar, e que por questões de “bom gosto” talvez até tomasse o desenho inaceitável para o júri.

A terceira criança que plantava a árvore era negra, e o que levou minha mãe a propor sua inclusão — além do desejo de incentivar nos filhos a virtude cívica da tolerância — foi outro selo da minha coleção, um de dez centavos, recém-lançado, na “série educadores”, cinco selos que eu tinha comprado nos correios por vinte e um centavos, quantia que havia pagado ao longo do mês de março com minha mesada semanal de cinco centavos. Acima do retrato central, via-se em cada selo a imagem de uma lâmpada que, segundo o Departamento dos Correios dos Estados Unidos, seria a “Lâmpada do Saber”, mas que para mim era a lâmpada de Aladim, numa referência ao menino personagem das *Mil e uma noites* que possuía a lâmpada mágica, o anel e os dois gênios que lhe davam tudo que ele pedia. O que eu pediria a um gênio seriam os selos americanos com que todo colecionador sonhava: em primeiro lugar, o célebre selo aéreo de vinte e quatro centavos lançado em 1918, que supostamente valia três mil e quatrocentos dólares, em que o avião

representado no centro, o *Flying Jenny* do Exército, aparecia invertido; em seguida, os três famosos selos da Exposição Pan-Americana de 1901, também impressos com os centros invertidos por engano e que valiam mais de mil dólares cada um.

No selo verde de um centavo da série dos educadores, logo acima da imagem da Lâmpada do Saber, aparecia Horace Mann; no vermelho de dois centavos, Mark Hopkins; no roxo de três, Charles W. Eliot; no azul de quatro, Frances E. Willard; no marrom de dez, Booker T. Washington, o primeiro negro a ser representado num selo americano. Lembro que, após colocar no álbum o selo de Booker T. Washington, fui mostrá-lo a minha mãe, para ela ver que a série de cinco estava completa, e lhe perguntei: “A senhora acha que algum dia vai haver um selo com um judeu?”. E ela respondeu: “Provavelmente — algum dia, sim. Pelo menos eu espero”. Na verdade, vinte e seis anos se passaram até que tal viesse a ocorrer, e foi preciso um Einstein para romper a barreira.

Sandy economizou sua mesada semanal de vinte e cinco centavos — e os trocados que ganhava retirando neve da calçada, folhas secas e lavando o carro da família — até juntar o bastante para ir de bicicleta à papelaria da Clinton Avenue, onde eram vendidos artigos de desenho e pintura, para adquirir, aos poucos, na decorrer dos meses, um lápis de carvão, depois lixas para fazer a ponta do lápis, depois papel para desenho a carvão, depois um tubinho de metal por meio do qual ele soprava a fina névoa fixadora que impedia que os desenhos de carvão borrassem. Sandy tinha também prendedores grandes, uma prancha de madeira prensada, lápis de desenho amarelos, bombrachas, blocos, papel de desenho — equipamentos que ele guardava numa caixa de papelão no chão do armário do nosso quarto; minha mãe, quando fazia limpeza, não tinha permissão para mexer nessa caixa. A meticulosidade enérgica de Sandy (herança materna) e sua perseverança extraordinária (herança paterna) aumentavam ainda mais a admiração que me inspirava aquele irmão mais velho que, na opinião de todos, estava destinado à grandeza, enquanto a maioria dos meninos da idade dele não parecia digna sequer de almoçar numa mesa junto com outro ser humano. Eu era na época o bom menino, obediente em casa e na escola — meu lado teimoso ainda estava praticamente inativo, preparado para entrar em ação num momento posterior —, e ainda pequeno demais para conhecer o potencial de uma raiva interior. E com meu irmão eu era menos intransigente do que com qualquer outra pessoa.

Quando completou doze anos, Sandy ganhou de presente uma pasta grande e preta de papelão duro, que se dobrava ao longo de uma costura e era fechada em cima com duas fitas que ele amarrava num laço para prender as folhas. A pasta media cerca de sessenta centímetros por quarenta e cinco, e era grande demais para caber nas gavetas da nossa cômoda ou para ser guardada em pé no fundo do armário superdotado que eu dividia com ele. Assim, permitia-se que Sandy deixasse a pasta — juntamente com seus blocos em espiral — debaixo da cama, e era nela que ele guardava os desenhos que considerava os melhores, a começar com sua obra-prima de 1936, o ambicioso retrato de nossa mãe apontando para o *Spirit of St. Louis*, que seguia numo a Paris. Sandy fizera um bom número de retratos grandes do heróico aviador, tanto a lápis quanto a carvão, que ficavam na pasta. Faziam parte de uma série de americanos importantes, a maioria dos quais eram pessoas vivas admiradas por nossos pais: o presidente Roosevelt e a primeira-dama; o prefeito de Nova York, Fiorello La Guardia; o presidente do sindicato dos mineiros, John L. Lewis; e a romancista Pearl Buck, que conquistara o prêmio Nobel em 1938 — seu rosto fora copiado da

sobrecapa de um de seus *best-sellers*. Alguns dos desenhos guardados na pasta eram de parentes, e desses cerca de metade retratava nossa avó paterna — não tínhamos outra avó ou avó vivo —, que às vezes servia de modelo para Sandy quando tio Monty a trazia para nos visitar aos domingos. Autorizado pela palavra “veneranda”, ele desenhava todas as rugas que encontrava em seu rosto, todos os nós em seus dedos artificiais, enquanto — com o mesmo senso de dever que a fizera esfregar assoalhos de joelhos a vida toda, e cozinhar para uma família de nove no fogão a carvão — a figurava miúda e robusta de nossa avó “posava” numa cadeira na cozinha.

Estávamos sozinhos em casa, poucos dias depois do programa de rádio de Winchell, quando Sandy pegou sua pasta debaixo da cama e levou-a para a sala de jantar. Colocou-a sobre a mesa (que só era usada quando recebíamos o Chefe ou comemorávamos ocasiões especiais em família) e com todo o cuidado retirou os retratos de Lindbergh, separando-os das folhas de papel vegetal que os protegiam, colocando-os lado a lado sobre a mesa. No primeiro, Lindbergh estava com seu boné de couro de avião, as correias soltas sobre as orelhas; no segundo, o boné estava semi-oculto por óculos protetores pesados, levantados sobre a testa; no terceiro, Lindbergh não usava boné, e o único sinal que o identificava como avião era o olhar firme voltado para o horizonte longínquo. Não era difícil perceber a bravura desse homem, tal como Sandy o havia representado. Um herói viril. Um aventureiro corajoso. Uma pessoa naturalmente dotada de força e retidão gigantescas, combinadas com uma tranquilidade poderosa. Não era de modo algum um vilão terrível, tampouco uma ameaça à humanidade.

“Ele vai ser presidente”, disse-me Sandy. “O Alvin diz que o Lindbergh vai ganhar.”

Sandy me deixou tão confuso e assustado que fiz de conta que aquilo era uma brincadeira, e ri.

“O Alvin vai para o Canadá, vai entrar para o Exército canadense”, disse ele. “Vai lutar pela Inglaterra contra o Hitler.”

“Mas ninguém vence o Roosevelt”, repliquei.

“O Lindbergh vence. O fascismo vai tomar conta dos Estados Unidos.”

E ficamos os dois parados, um ao lado do outro, sob o efeito intimidador dos três retratos. Ter sete anos de idade nunca antes me parecera uma deficiência tão grave.

“Não conta pra ninguém que eu guardei esses retratos”, disse ele.

“Mas a mamãe e o papai já viram”, retruquei. “Eles já viram todos os retratos. Todo mundo viu.”

“Eu disse pra eles que rasguei.”

Ninguém era mais honesto que meu irmão. Ele não era calado porque vivia escondendo coisas e enganando as pessoas, mas porque nunca se dava ao trabalho de se comportar mal e portanto nada tinha a esconder. Mas agora fatores externos haviam mudado o significado daqueles desenhos, transformando-os em algo que eles não eram, e por isso ele dissera a nossos pais que os havia destruído, transformando-se em algo que ele não era.

“E se eles descobrirem?”, perguntei.

“Como é que vão descobrir?”, ele perguntou.

“Não sei.”

“Isso mesmo”, disse ele. “Você não sabe. É só você ficar com a boca fechada que ninguém

nuncavai descobri nada.”

Fiz o que ele mandou por muitas razões, uma delas o fato de que o terceiro selo americano mais antigo da minha coleção — que nada me faria rasgar e jogar fora — era um selo aéreo de dez centavos lançado em 1927 para comemorar o vôo transatlântico de Lindbergh. Um selo azul, cujo comprimento era o dobro da altura e que tinha no centro uma imagem do *Spirit of St. Louis* sobrevoando o oceano em direção ao leste, a qual servira a Sandy de modelo para o avião de seu desenho comemorativo. Junto à margem branca esquerda vê-se a costa da América do Norte, com as palavras “Nova York” estendendo-se pelo Atlântico; junto à borda direita, as costas da Irlanda, Grã-Bretanha e França, com a palavra “Paris” no final de um arco pontilhado representando a trajetória de uma cidade à outra. No alto do selo, logo abaixo das letras brancas em que se lê, em negrito, CORREIOS DOS ESTADOS UNIDOS, aparecem as palavras LINDBERGH - AÉREO numa fonte um pouco menor, mas grande o suficiente para ser lida por um menino de sete anos com visão perfeita. O selo já valia vinte centavos, de acordo com o catálogo de Scott, e na mesma hora me dei conta de que seu valor aumentaria ainda mais (etão depressa que logo ele se tornaria o objeto mais valioso de minha propriedade) se Alvin estivesse certo e o pior viesse a acontecer.

Na calçada, durante os longos meses de férias, jogamos um novo jogo chamado “Eu declaro guerra”, com uma bola de borracha barata e um pedaço de giz. Com o giz, desenhávamos um círculo de um metro e meio a dois de diâmetro, dividido em tantos setores quantos fossem os jogadores, e em cada um escrevíamos o nome de um dos vários países que estavam sempre no noticiário naquele ano. Depois, cada jogador escolhia seu país e colocava-se com um pé dentro e outro fora do círculo, para que, quando chegasse a hora, pudesse fugir depressa. Enquanto isso, um jogador escolhido, lançando a bola para o alto, anunciava lentamente, num tom dramático: “Eu... declaro... guerra... a...”. Suspense, e então o menino que declarava guerra jogava a bola no chão, gritando ao mesmo tempo: “Alemanha!”, ou “Japão!”, ou “Holanda!”, ou “Itália!”, ou “Bélgica!”, ou “Inglaterra!”, ou “China!” — às vezes gritando até “Estados Unidos!” —, e todo mundo saía correndo, menos o representante do país atacado. O papel que lhe cabia era agarrar a bola o mais depressa possível e gritar “Parou!”. Nesse momento, todos os que estavam aliados contra ele eram obrigados a parar no lugar em que estivessem, quando então o país-vítima dava início ao contra-ataque, tentando eliminar os países agressores um por um, golpeando-lhes com a bola, com toda a força, começando com os mais próximos dele e avançando após cada golpe assassino.

Jogávamos esse jogo de modo incessante. Até que chovesse e os nomes dos países fossem temporariamente apagados, as pessoas que passavam pela rua tinham que pisar neles ou então contorná-los. No nosso bairro, nessa época, não existia grafiteagem, só esses restos hieroglíficos dos nossos jogos de rua. Uma coisa perfeitamente inofensiva; no entanto, algumas mães ficavam enlouquecidas após passarem horas ouvindo aquela brincadeira pelas janelas abertas. “Será que vocês não conseguem fazer outra coisa? Não dá pra ananjar outra brincadeira?” Não, não dava — também nós só pensávamos em declarações de guerra.

Em 18 de julho de 1940, a convenção do Partido Democrata, reunida em Chicago, escolheu, por maioria esmagadora, Franklin Delano Roosevelt para concorrer pela terceira vez à Presidência, logo no primeiro escrutínio. Pelo rádio ouvimos seu discurso de aceitação, pronunciado com aquela entoação confiante e aristocrática que, já havia oito anos, inspirava milhões de famílias simples como a nossa a não perder a esperança, apesar de todas as dificuldades. Algo no tom decoroso daquela fala, por mais estranha que fosse para nós, não apenas aquietava nossa ansiedade como também conferia à nossa família uma importância histórica, unindo, com autoridade, as nossas vidas à dele e às de toda a nação quando o presidente se dirigia a nós, em nossas salas, como seus “concidadãos”. A possibilidade de que os americanos escolhessem Lindbergh — de que escolhessem *qualquer pessoa* — em vez do presidente que no decorrer de dois mandatos conseguia controlar com sua voz o tumulto das questões humanas... essa possibilidade era impensável, principalmente para um pequeno americano como eu, que jamais ouvira a voz de outro presidente que não ele.

Cerca de seis semanas depois, no sábado anterior ao Dia do Trabalho, Lindbergh surpreendeu o país ao não participar do desfile comemorativo em Detroit, apesar de estar programado o lançamento de sua candidatura com uma carreta no coração proletário da América isolacionista (território controlado pelo padre Coughlin e por Henry Ford, dois anti-semitas), chegando sem anúncio prévio à pista de pouso em Long Island, onde dera início, treze anos antes, a seu espetacular voo transatlântico. O *Spirit of St. Louis* havia sido levado para lá em segredo, num caminhão, coberto por uma lona, e passara a noite num hangar distante; mas quando Lindbergh conduziu o avião até a faixa de pouso, todas as agências de notícias do país, bem como todas as estações de rádio e todos os jornais de Nova York, já tinham enviado repórteres para testemunhar a decolagem. Dessa vez, Lindbergh não seguia para o leste, atravessando o Atlântico rumo à Europa, e sim para o oeste, sobrevoando todo o país em direção à Califórnia. Em 1940, é claro, as empresas de aviação já transportavam cargas, passageiros e correspondência havia mais de uma década, em grande parte como resultado do incentivo proporcionado pelo feito de Lindbergh e por seu trabalho incansável como consultor das recém-criadas companhias de aviação, pelo qual recebia um salário anual de um milhão de dólares. Mas quem estava lançando a campanha naquele dia não era o milionário paladino da aviação comercial, tampouco o Lindbergh condecorado em Berlim pelos nazistas, nem o Lindbergh que, num discurso transmitido para todo o país pelo rádio, havia culpado o excesso de influência judaica pela tentativa de empurar o país para a guerra, nem mesmo o pai estóico da criança seqüestrada e assassinada por Bruno Hauptmann em 1932. Era o desconhecido piloto dos correios que ousara fazer o que nenhum aviador fizera antes, o Águia Solitária que todos amavam, ainda jovem e incorupto, mesmo após tantos anos de fama extraordinária. No fim de semana prolongado que fechou o verão de 1940, Lindbergh nem sequer chegou perto de quebrar o recorde de voo transcontinental que ele próprio estabelecera dez anos antes, num avião mais potente do que o velho *Spirit of St. Louis*. Não obstante, quando pousou no aeroporto de Los Angeles foi recebido por uma multidão composta basicamente de funcionários da aviação — dezenas de milhares de homens que trabalhavam nas grandes fábricas da região —, tão entusiasmada quanto as multidões que o haviam recebido em outras ocasiões.



O Partido Democrata classificou o vôo como um golpe publicitário elaborado pela equipe de Lindbergh, quando na verdade a decisão de ir de avião até a Califórnia havia sido tomada apenas algumas horas antes pelo próprio Lindbergh, a sós, e não pelos profissionais designados pelo Partido Republicano para orientar o político novato em sua primeira campanha, os quais, como todo mundo, imaginavam que ele fosse a Detroit.

Seu discurso foi simples e direto, pronunciado com voz aguda e neutra, com seu sotaque do Meio-Oeste, uma voz americana completamente diferente da de Roosevelt. Seu traje de aviador — botas de cano alto, calças de montaria e um blusão leve por cima da camisa e gravata — era idêntico ao que ele utilizara na travessia do Atlântico, e ele falou sem retirar o boné de couro e os óculos protetores, que estavam levantados sobre a testa, tal como no desenho de carvão que Sandy guardava escondido debaixo da cama.

“Minha intenção ao concorrer à Presidência”, disse à multidão entusiasmada, assim que ela parou de repetir seu nome, “é preservar a democracia americana, impedindo que nosso país participe de mais uma guerra mundial. A escolha é simples. Não se trata de escolher entre Charles A. Lindbergh e Franklin Delano Roosevelt. Trata-se de escolher entre Lindbergh e a guerra.”

Foi só isso — quarenta e seis palavras, contando com o A de Augustus.

Após uma chuveirada, um lanche e um cochilo de uma hora no aeroporto de Los Angeles, o candidato voltou ao *Spirit of St. Louis* e foi para San Francisco. Ao cair da tarde estava em Sacramento. E onde quer que pousasse na Califórnia, naquele dia, era como se o país não tivesse sofrido o craque da bolsa de valores nem as desgraças da Depressão (tampouco os triunfos do governo Roosevelt), como se nem mesmo a guerra da qual ele queria nos proteger tivesse sequer passado pela cabeça de alguém. Lindy aparecia no céu em seu famoso avião, e era como se estivéssemos de volta a 1927. Era o Lindy outra vez, aquele rapaz que falava sem rodeios, que jamais precisava assumir um ar ou um tom de superioridade, que simplesmente *era superior* — Lindy, o intrépido, ao mesmo tempo jovem e maduro, um individualista austero, o americano lendário, modelo de virilidade, que consegue realizar o impossível confiando apenas em si próprio.

No decorrer das seis semanas seguintes, ele conseguiu passar um dia inteiro em cada um dos quarenta e oito estados americanos, até que, no final de outubro, voltou para a pista de pouso em Long Island de onde havia decolado no fim de semana do Dia do Trabalho. Durante o dia, voava de uma cidade para outra, pousando em estradas se não havia nenhuma pista por perto, ou até mesmo num trecho de pasto quando ia conversar com famílias de fazendeiros nos condados rurais mais remotos do país. Seus pronunciamentos feitos nos campos de pouso eram imadiados por estações locais e regionais, e mais de uma vez por semana, na capital do estado onde estivesse passando a noite, ele enviava uma mensagem à nação. A mensagem era sempre sucinta e a mesma: é tarde demais para impedir uma guerra na Europa, mas não é tarde demais para impedir que os Estados Unidos participem dessa guerra. Roosevelt está enganando a nação. A América vai ser arrasada para a guerra por um presidente que mente quando promete a paz. A escolha é simples. Vote em Lindbergh ou vote a favor da guerra.

Quando era um jovem piloto no tempo em que a aviação ainda era uma novidade, Lindbergh, acompanhado por um aviador mais velho e mais experiente, divertia platéias em todo o Meio-Oeste saltando de pára-quadras ou andando pela asa do avião sem estar de pára-quadras, os

democratas, agora, comparavam sua campanha política nas asas do *Spirit of St. Louis* a seus espetáculos aéreos do passado. Nas entrevistas coletivas, Roosevelt já nem se dava ao trabalho de fazer um comentário irônico quando algum jornalista lhe dirigia uma pergunta sobre a campanha nada ortodoxa de Lindbergh, porém simplesmente aproveitava para comentar a preocupação de Churchill com a possibilidade de a Grã-Bretanha ser invadida pela Alemanha a qualquer momento, ou para afirmar que em breve ia pedir ao Congresso que financiasse a primeira convocação de americanos ao serviço militar jamais ocorrida em tempo de paz, ou para mandar a Hitler o recado de que os Estados Unidos não tolerariam qualquer interferência com a ajuda transatlântica que a nossa Marinha mercante estava enviando ao esforço de guerra britânico. Estava claro desde o início que a campanha do presidente consistiria em permanecer na Casa Branca, de onde, em contraste com as “pinuetas” de Lindbergh, para usar o termo do secretário de Estado Ickes, pretendia enfrentar a difícil situação internacional com toda a autoridade, trabalhando vinte e quatro horas por dia se necessário.

Duas vezes durante sua campanha pelo interior do país Lindbergh se perdeu em condições atmosféricas adversas, e em cada uma dessas ocasiões passaram-se horas até que fosse possível restabelecer contato com ele através do rádio, e ele pudesse avisar ao país que estava tudo bem. Em outubro, porém, exatamente no dia em que os americanos ficaram sabendo, atônitos, que no último bombardeio noturno de Londres os alemães haviam atingido a Catedral de São Paulo, um boletim radiofônico na hora do jantar anunciou que o *Spirit of St. Louis* fora visto explodindo no ar ao sobrevoar os montes Alleghennies, caindo em chamas em seguida. Dessa vez passaram-se seis longas horas até que um segundo boletim corrigisse o primeiro, informando que um problema de motor, e não uma explosão, obrigara Lindbergh a fazer um pouso de emergência em terreno traiçoeiro nas montanhas do oeste da Pensilvânia. Antes que a correção fosse ao ar, porém, nosso telefone tocou sem parar — amigos e parentes ligavam para especular com nossos pais respeito do possível acidente fatal sofrido pelo candidato. Diante de mim e de Sandy, nossos pais não deram nenhuma demonstração de alívio diante da possibilidade de que Lindbergh tivesse morrido, mas também não afirmaram esperar que isso não tivesse acontecido; tampouco participaram da comemoração nacional ocorrida quando, por volta das onze da noite, ficamos sabendo que, longe de ter morrido numa explosão, o Água Solitária já havia saltado do avião, em perfeito estado, esperando apenas a chegada de uma peça para que pudesse retomar sua campanha.

Na manhã de outubro em que Lindbergh aterissou no aeroporto de Newark, em meio à comitiva que o aguardava para lhe dar as boas-vindas a Nova Jersey estava o rabino Lionel Bengelsdorf, da Bnai Moshe, a primeira sinagoga conservadora da cidade, organizada por judeus poloneses. A Bnai Moshe ficava a uns poucos quarteirões do velho grieto, que continuava sendo o bairro mais pobre, embora lá não morassem mais os frequentadores da Bnai Moshe, e sim uma comunidade de negros pobres, recém-chegados do Sul. Havia anos que a Bnai Moshe vinha perdendo frequentadores entre as famílias mais prósperas; em 1940 elas já tinham abandonado o judaísmo conservador e passado a frequentar as congregações reformadas de Bnai Jeshurun e Oheb Shalom — ambas muito bem instaladas entre as mansões antigas da High Street — ou então se

bandeado para o outro templo conservador antigo, B'nai Abraham, alguns quilômetros a oeste de seu local original, numa antiga igreja batista próxima aos lares dos médicos e advogados judeus de Clinton Hill. A nova B'nai Abraham era o mais esplêndido dos templos da cidade, um prédio circular de projeto austero, supostamente em estilo grego, onde cabiam mil fiéis nos Altos Feriados. Joachim Prinz, um imigrante expulso de Berlim pela Gestapo de Hitler, substituíra o antigo rabino, Julius Silberfeld, um ano antes, e já estava se afirmando como um homem forte e progressista, que oferecia à sua próspera congregação uma visão da história do judaísmo fortemente marcada por sua própria experiência no cenário sangrento dos crimes nazistas.

Os sermões do rabino Bengelsdorf eram transmitidos todas as semanas pela WNJR para o público que ele denominava de “minha congregação radiofônica”. Ele havia publicado alguns livros de poesia religiosa que eram típicos presentes de *bar mitzvah* e de casamento. Nascera na Carolina do Sul em 1879, filho de um imigrante que trabalhava como comerciante de tecidos, e sempre que se dirigia a uma platéia judaica, no púlpito ou pelo rádio, seu elegante sotaque sulista, juntamente com suas cadências sonoras — tal como a cadência de seu nome polissilábico —, causava uma impressão de nobre profundidade. Assim, por exemplo, ao falar sobre sua amizade com o rabino Silberfeld da B'nai Abraham e com o rabino Foster da B'nai Jeshurun, disse uma vez à sua platéia radiofônica: “Estava escrito: tal como Sócrates, Platão e Aristóteles estiveram juntos no mundo da Antiguidade, nós estamos juntos no mundo da religião”. O sermão sobre o altruísmo que ele ofereceu a seus ouvintes para explicar por que um rabino de sua estatura contentava-se em permanecer à frente de uma congregação moribunda começava assim: “Talvez lhes interesse conhecer a resposta que dou às perguntas que me fazem literalmente milhares de pessoas. Por que o senhor abre mão dos benefícios comerciais de um ministério peripatético? Por que prefere permanecer em Newark, tendo o templo B'nai Moshe como seu único púlpito, quando lhe surgem seis oportunidades diárias de ir para outras congregações?”. Ele havia estudado em grandes instituições educacionais da Europa e em universidades americanas, e dizia-se que falava dez línguas; que conhecia filosofia clássica, teologia, história da arte, história antiga e moderna; que jamais fazia concessões em questões de princípio; que jamais recorria a anotações quando pronunciava um sermão ou dava uma palestra; que sempre andava com fichas referentes aos assuntos que mais lhe interessavam no momento, nas quais anotava suas reflexões e impressões todos os dias. Era também um excelente cavaleiro, que às vezes fazia seu cavalo parar de repente para poder anotar um pensamento, utilizando a sela como escrivaninha improvisada. Todas as manhãs, bem cedo, andava a cavalo nas pistas de equitação do Weequahic Park, acompanhado — até ela morrer de câncer em 1936 — por sua esposa, herdeira do mais rico joalheiro de Newark. A mansão da família dela, na Elizabeth Avenue, próxima ao parque, na qual eles moravam desde que se casaram, em 1907, continha uma biblioteca sobre judaísmo que era considerada uma das coleções particulares mais valiosas do mundo.

Em 1940, Leonel Bengelsdorf era considerado o rabino que havia permanecido por mais tempo à frente de uma mesma sinagoga nos Estados Unidos. Os jornais referiam-se a ele como o líder religioso dos judeus de Nova Jersey, e toda vez que ele aparecia em público, o que era freqüente, sempre mencionavam seu “talento oratório”, além das famosas dez línguas. Em 1915, quando a cidade comemorava duzentos e cinqüenta anos de fundação, sentado ao lado do

prefeito Raymond, o rabino fez uma prece, tal como fazia todos os anos nos desfiles do Dia do Soldado e do Dia da Independência: RABINO LOUVA DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA era a manchete que aparecia anualmente no *Star-Ledger* no dia 5 de julho. Em seus sermões e palestras nos quais afirmava que “o desenvolvimento dos ideais americanos” era a prioridade número um dos judeus e que “a americanização dos americanos” era o melhor meio de preservar nossa democracia contra “o bolchevismo, o radicalismo e o anarquismo”, ele citava com frequência a mensagem final de Theodore Roosevelt à nação, na qual o falecido presidente dissera: “Aqui não pode haver fidelidade dividida. Qualquer homem que afirme que é americano mas é também outra coisa simplesmente não é americano. Só há lugar aqui para uma única bandeira, a bandeira dos Estados Unidos”. O rabino Bengelsdorf falara sobre a americanização dos americanos em todas as igrejas e escolas públicas de Newark, na presença de praticamente todos os grupos e associações fraternais, cívicas, históricas e culturais do estado, e os artigos publicados nos jornais de Newark a respeito de suas falas registravam os nomes das dezenas de cidades em todo o país onde ele fora convocado para falar, em conferências e convenções dedicadas a esse tema, bem como sobre questões que iam desde o crime e o movimento pela reforma das penitenciárias — “O movimento pela reforma das penitenciárias está impregnado dos mais elevados princípios éticos e ideais religiosos” — até as causas da Grande Guerra — “A guerra é resultado das ambições mundanas dos povos europeus e de sua tentativa de atingir as metas de grandeza militar, poder e riqueza” —, a importância das creches — “As creches são os jardins de flores humanas em que cada criança cresce numa atmosfera de alegria e felicidade” —, os males da era industrial — “Cremos que o valor do trabalhador não pode ser computado com base no valor material de sua produção” — e o movimento pelo voto feminino, uma proposta à qual ele se opunha de maneira veemente, argumentando que “se os homens são incapazes de cuidar dos negócios de Estado, por que não ajudá-los a se tornar capazes? Jamais se conseguiu curar um mal multiplicando-o por dois”. Meu tio Monty, que odiava todos os rabinos mas tinha uma ojeriza particularmente peçonhenta por Bengelsdorf desde menino, quando fora aluno bolsista da escola religiosa da B'nai Moshe, gostava de comentar a respeito dele: “Aquele filho-da-puta metido a besta sabe tudo — pena que ele não saibana nada mais”.

O aparecimento do rabino Bengelsdorf no aeroporto — onde, segundo a legenda da fotografia estampada na primeira página do *Newark News*, ele era o primeiro na fila dos que queriam apertar a mão de Lindbergh quando este saiu da cabine do *Spirit of St. Louis* — foi uma fonte de consternação para boa parte dos judeus da cidade, entre eles meus pais, como também foi a declaração atribuída a ele pelo jornal, que noticiou a rápida passagem de Lindbergh pela cidade. “Estou aqui”, teria dito o rabino Bengelsdorf ao *News*, “para que não haja a menor dúvida de que os judeus deste país são inteiramente leais aos Estados Unidos. Ofereço meu apoio à candidatura do coronel Lindbergh porque os objetivos políticos do meu povo são idênticos aos dele. A América é a nossa pátria amada. A América é nossa única pátria. Nossa religião não depende de nenhuma outra terra que não deste grande país, ao qual, agora como sempre, dedicamos nossa total devoção e lealdade como os mais orgulhosos de seus cidadãos. Quero que Charles

Lindbergh seja meu presidente não *apesar* de eu ser judeu, mas *porque* eu sou judeu — um judeu *americano*”.

Três dias depois, Bengelsdorf participou do enorme comício realizado no Madison Square Garden para marcar o final da campanha aérea de Lindbergh. Àquela altura faltavam apenas duas semanas para as eleições, e embora parecesse haver cada vez mais apoio à candidatura Lindbergh entre os eleitores do Sul, região tradicionalmente ligada ao Partido Democrata, e fosse prevista uma disputa renhida nos estados mais conservadores do Meio-Oeste, as pesquisas de opinião nacionais indicavam que o presidente tinha uma margem folgada no voto popular e outra bem maior no Colégio Eleitoral. Os líderes do Partido Republicano, segundo os jomais, estariam desesperados porque o candidato, teimosamente, recusava-se a permitir que qualquer outra pessoa determinasse a estratégia de sua campanha; assim, para interromper aquela interminável campanha pelo interior, austera e repetitiva, e envolvê-lo numa atmosfera mais semelhante à da entusiástica convenção que indicara sua candidatura em Filadélfia, organizou-se o comício no Madison Square Garden, anunciado para todo o país pelo rádio na véspera da segunda segunda-feira de outubro.

Os quinze oradores que saudaram Lindbergh naquela noite foram apresentados como “americanos de destaque de todas as categorias sociais”. Entre eles, um líder dos agricultores falou sobre o mal que uma guerra faria à agricultura americana, que ainda estava em crise em virtude da Primeira Guerra Mundial e da Depressão; um líder trabalhista ressaltou os efeitos desastrosos que a guerra representaria para o trabalhador americano, cuja vida passaria a ser determinada por órgãos do governo; um industrial falou sobre as catastróficas conseqüências a longo prazo da guerra para a indústria americana, que teria uma expansão excessiva e sofreria uma tributação onerosa; um pastor protestante observou que a guerra moderna embrutecia os jovens que iam para o campo de batalha; e um padre católico assinalou a inevitável deterioração da vida espiritual de uma nação pacífica como a nossa e a destruição dos bons sentimentos que seriam causadas pelo ódio belicoso. Por fim, o rabino Lionel Bengelsdorf, de Nova Jersey, recebeu uma salva de palmas especial de todos aqueles partidários de Lindbergh quando chegou sua vez de subir ao palco, pois o papel que lhe cabia era demonstrar que a ligação de Lindbergh com os nazistas não implicava nenhuma cumplicidade, de modo algum.

“É”, disse Alvin, “ele foi comprado. Não tem jeito. Enfiaram uma argola de ouro naquele narigão de judeu, e agora eles podem puxar ele pra qualquer lado.”

“Isso é você que está dizendo”, retrucou meu pai; não que ele também não estivesse indignado com o comportamento de Bengelsdorf. “Vamos ouvir o homem”, disse a Alvin, “deixa ele falar. Não vamos nos precipitar” — palavras que eram pronunciadas mais para os meus ouvidos e os de Sandy, para que aquela surpreendente cadeia de eventos não nos parecesse tão temível quanto parecia aos adultos. Na véspera, eu caí da cama dormindo, o que não acontecia desde o dia em que fui promovido do berço para a cama e — a fim de impedir que eu rolasse para fora do colchão — meus pais colocaram duas cadeiras da cozinha ao lado da cama. Quando eles concluíram que o fato de eu voltar a cair da cama depois de tantos anos só podia ser feito da presença de Lindbergh em Newark, afimeei que não me lembrava de ter tido nenhum pesadelo com o candidato, que simplesmente acordei no chão, entre minha cama e a de meu irmão, muito embora tivesse consciência de que quase sempre, antes de dormir, eu ficava pensando nos desenhos

de Lindbergh escondidos na pasta de meu irmão. Eu vivia perguntando a ele se não seria melhor escondê-los no porão em vez de embaixo da cama, ao lado da minha, mas como tinha jurado não mencionar a existência dos desenhos para ninguém — e como me parecia insuportável a idéia de abrir mão de meu selo de Lindbergh — não tinha coragem de insistir nesse ponto, embora os desenhos realmente me atentassem e criassem uma distância entre mim e meu irmão, quando eu mais precisava do apoio dele.

Era uma noite fria. A calefação estava ligada e as janelas tinham sido fechadas, mas mesmo sem ouvi-los a gente sabia que todos os rádios do quarteirão estavam ligados, e que famílias que em outras circunstâncias jamais acompanhariam um comício de Lindbergh estavam escutando com atenção, porque a participação do rabino Bengelsdorf fora anunciada. Algumas pessoas importantes de sua congregação já haviam começado a exigir que ele renunciasse, ou então que a diretoria da sinagoga o afastasse imediatamente, enquanto a maioria, que continuava a apoiá-lo, tentava convencer-se de que o rabino apenas exercia sua liberdade de expressão garantida num regime democrático, e que, por mais honORIZADOS que estivessem com o apoio dado por ele à candidatura Lindbergh, não tinham o direito de tentar silenciar uma consciência tão renomada quanto a dele.

Naquela noite o rabino Bengelsdorf revelou à nação o que lhe parecia ser o verdadeiro motivo que levava Lindbergh a empreender suas viagens à Alemanha na década de 1930. “Ao contrário do que afirmam os que o criticam”, informou-nos o rabino, “ele não foi à Alemanha uma única vez como simpatizante ou seguidor de Hitler, porém foi lá todas as vezes como consultor secreto do governo norte-americano. Longe de trair os Estados Unidos, como continuam a afirmar os desinformados ou mal-intencionados, o coronel Lindbergh, trabalhando quase sozinho, conseguiu fortalecer o preparo militar dos Estados Unidos, transmitindo seus conhecimentos às nossas Forças Armadas e fazendo tudo o que lhe foi possível no sentido de promover a causa da aviação americana e expandir as defesas aéreas da nação.”

“Meu Deus”, exclamou meu pai. “Todo mundo *sabe*...”

“Shhh”, cochichou Alvin, “shhh — deixa o grande orador falar.”

“É bem verdade que em 1936, muito antes de terem início as hostilidades na Europa, os nazistas conferiram ao coronel Lindbergh uma medalha, e também é verdade”, prosseguiu Bengelsdorf, “que o coronel aceitou a medalha. Mas o tempo todo, meus amigos, o tempo todo ele estava explorando em segredo a admiração dos nazistas, a fim de melhor proteger e preservar nossa democracia e preservar a nossa neutralidade através da força.”

“Eu não acredito...”, começou meu pai.

“Tente acreditar”, murmurou Alvin, mal-doso.

“Essa guerra não é nossa”, afirmou Bengelsdorf, e a multidão reunida no Madison Square Garden reagiu com um minuto inteiro de aplausos. Prosseguiu o rabino: “Essa guerra é da Europa”. Novamente, aplausos prolongados. “É mais uma de uma seqüência milenar de guerras européias que remontam ao tempo de Carlos Magno. É a segunda guerra devastadora que eles fazem em menos de meio século. E quem poderá esquecer o trágico preço pago pelos Estados Unidos na última grande guerra européia? Quarenta mil americanos mortos em combate. Cento e noventa e dois mil americanos feridos. Setenta e seis mil americanos mortos por doenças. Trezentos

e cinqüenta mil americanos recebendo pensão por invalidez até hoje, por terem participado da guerra. E qual será o preço astronômico a ser pago desta vez? O número de nossos mortos — diga, presidente Roosevelt, será apenas o dobro, o triplo, ou talvez o quádruplo? Diga, presidente, que espécie de América resultará do massacre em massa de jovens americanos inocentes? Claro que as perseguições promovidas pelos nazistas contra a população judaica da Alemanha é para mim uma fonte de profunda angústia, tal como é para todo judeu. Durante os anos em que estudei teologia nas grandes universidades alemãs de Heildeberg e Bonn, fiz muitos amigos de projeção lá, grandes sábios que hoje, apenas por serem alemães de origem judaica, perderam os cargos universitários que ocupavam havia muitos anos e estão sendo impiedosamente perseguidos pelos amaceiros nazistas que subiram ao poder em sua pátria. Sou veementemente contrário a suas ações, e o coronel Lindbergh também é contrário a suas ações. Mas de que modo esse destino cruel que se impôs a eles em seu próprio país poderá ser modificado se nosso grande país entrar na guerra contra aqueles que os atormentam? Se tiver algum efeito, certamente será o de piorar muitíssimo o modo como são tratados os judeus da Alemanha — piorar, temo eu, de modo trágico. Sim, sou judeu, e como judeu sinto na própria carne o sofrimento deles. Porém sou cidadão dos Estados Unidos, meus amigos,” — mais uma vez, aplausos — “nasci nos Estados Unidos, fui criado nos Estados Unidos, e por isso lhes pergunto: de que modo minha dor seria atenuada se os Estados Unidos entrassem agora nessa guerra e, juntamente com os filhos de nossas famílias protestantes e os filhos de nossas famílias católicas, os filhos de nossas famílias judaicas fossem lutar e morrer às dezenas de milhares nos campos de batalha ensangüentados da Europa? De que modo minha dor diminuiria se eu fosse obrigado a consolar membros de minha própria congregação...”

Minha mãe, a menos veemente de nossa família, a que costumava acalmar os outros quando ficávamos excitados, de repente achou tão insuportável o sotaque sulista de Bengelsdorf que foi obrigada a sair da sala. Mas enquanto ele não terminou o discurso, sendo em seguida aplaudido estrondosamente pela platéia ao deixar o palco, ninguém mais se mexeu nem disse palavra. Eu não ousaria falar, e meu irmão estava ocupado — como muitas vezes acontecia em tais situações — desenhando a todos nós no momento em que escutávamos a transmissão. Alvin conservava-se num estado de silêncio cheio de ódio assassino, e meu pai — privado, talvez pela primeira vez na vida, daquela paixão implacável que sempre manifestava diante de algum revés ou decepção — estava emocionado demais para falar.

Pandemônio. Êxtase indizível. Finalmente Lindbergh entrou no palco amado no Madison Square Garden, e, como alguém fora de si, meu pai pulou do sofá e desligou o rádio no momento exato em que minha mãe apareceu na sala, perguntando: “Alguém gostaria de alguma coisa? Alvin”, disse ela, com lágrimas nos olhos, “aceita um chá?”.

Sua função era manter a integridade de nosso mundo com toda a calma e sensatez de que era capaz; isso dava sentido a sua vida, e era só o que ela estava tentando fazer; no entanto, nenhum de nós jamais a viu desempenhar um papel tão ridículo ao cumprir as obrigações impostas por essa ambição matema tão comiqueira.

“Mas o que diabo está acontecendo?!” meu pai começou a gritar. “Por que cargas-d’água ele foi fazer isso? Esse discurso idiota! Será que ele acha que vai haver um único judeu agora capaz de votar nesse anti-semita por causa desse discurso idiota e mentiroso? Será que ele ficou

completamente maluco? O que esse homem acha que está fazendo?”

“Judeizando o Lindbergh”, disse Alvin. “Judeizando o Lindbergh para os góis.”

“Judeizando o quê?”, perguntou meu pai, exasperado com a idéia de que Alvin estava dizendo coisas sarcásticas e sem sentido num momento de tamanha confusão. “Fazendo o *quê*?”

“Não chamaram ele para falar pros judeus. Não foi pra isso que compraram ele. Será que o senhor não entende?”, perguntou Alvin, impulsionado pelo que lhe parecia ser a verdade oculta. “Ele está lá falando pros góis — ele está dando aos góis de todo o país a permissão pessoal dele, como rabino, pra votarem no Lindy no dia da eleição. Será que o senhor não entende, tio Herman, o que eles convenceram o grande Bengelsdorf a fazer? Ele acaba de garantir a derrota do Roosevelt!”

Por volta das duas da manhã naquela noite, ferrado no sono, caí de novo da cama, mas dessa vez me lembrei depois do sonho que tive antes do tombo. Era um pesadelo mesmo, e tinha a ver com minha coleção de selos. Havia acontecido uma coisa com ela. Em duas séries de selos, o desenho tinha sofrido uma transformação terrível, sem que eu soubesse quando nem como ela se dera. No sonho, eu tirava o álbum da gaveta da cômoda para levá-lo à casa de meu amigo Earl, e seguia para lá tal como fizera dezenas de vezes antes. Earl Axman tinha dez anos e estava na quinta série. Morava com a mãe num prédio novo, de quatro andares e tijolos amarelos, construído três anos antes num grande terreno baldio que havia perto da esquina da Chancellor com a Summit, numa diagonal em relação à escola primária. Antes, ele morava em Nova York. O pai músico tocava na Glen Gray Casa Loma Orchestra — Sy Axman tocava saxofone tenor ao lado de Glen Gray, cujo instrumento era o saxofone alto. Os pais de Earl eram divorciados, e sua mãe era uma loura bela como uma atriz, que havia sido cantora da banda por pouco tempo antes de Earl nascer e que, segundo meus pais, era originária de Newark e morena de nascença — na verdade, uma moça judia chamada Louise Swig que se mudara para o South Side e se tomara famosa na cidade como atriz de teatro de revista, em peças montadas na Associação Hebraica de Moços. De todos os meninos que eu conhecia, Earl era o único filho de pais divorciados e o único cuja mãe usava maquiagem pesada, blusas tomara-que-caia e saias cheias de babados com uma anágua grande por baixo. Ela gravara a canção “Gotta be this or that” no tempo em que cantava com a orquestra de Glen Gray, e Earl vivia tocando o disco para mim. Nunca conheci outra mãe como ela. Earl não a chamava de “mãe” nem de “mamãe” — escândalo dos escândalos, chamava-a de “Louise”. No quarto dela havia um armário cheio de anáguas, e quando eu e Earl estávamos sozinhos no apartamento ele as mostrava a mim. Uma vez até deixou que eu pegasse numa delas, cochichando, enquanto eu tentava me decidir se faria ou não o que ele sugeria: “Pega onde você quiser”. Depois abriu uma gaveta e exibiu-me os sutiãs da mãe, dizendo que eu podia pegar num deles, mas essa oferta não aceitei. Eu ainda era pequeno o suficiente para ser capaz de admirar um sutiã à distância. Os pais de Earl lhe davam um dólar por semana cada um para ele gastar em selos, e quando a Casa Loma Orchestra não estava tocando em Nova York, e sim numa turnê, o sr. Axman mandava para Earl envelopes com selos aéreos com carimbos de cidades as mais variadas. Havia até mesmo um de “Honolulu, Oahu”, lugar onde, segundo Earl — que era perfeitamente capaz de aumentar a grandeza do pai, como se para o filho de um corretor de seguros ter um pai saxofonista de uma



banda de *swing* famosa (e uma mãe louira oxigenada) já não fosse um espanto —, o sr. Aman fora levado a uma “residência particular” para ver um exemplar carimbado do selo havaiano “missionário” de dois centavos, lançado em 1851 — quarenta e sete anos antes da anexação do Havaí pelos Estados Unidos, um tesouro inimaginável com valor estimado em cem mil dólares, que tinha como desenho central apenas o número 2.

Earl possuía a melhor coleção de selos do pedaço. Ele me ensinou todos os conhecimentos práticos e teóricos sobre filatelia que aprendi quando menino — a história dos selos, as vantagens relativas de colecionar selos novos ou selos carimbados, questões técnicas referentes a papel, impressão, cores, goma, sobrecargas, textura, emissões especiais, as grandes falsificações e erros de desenho — e, com seu pedantismo prodigioso, deu início a meu aprendizado falando-me sobre o colecionador francês Monsieur Herpin, que cunhou o termo “filatelia”, explicando-me que derivava de duas palavras gregas; a segunda delas, *ateleia*, que tinha a ver com a condição de estar livre de impostos, nunca consegui entender direito. Sempre que terminávamos de examinar nossas coleções na cozinha e que por um momento ele não tinha mais como me dominar, Earl dava um risinho maroto e dizia: “Agora vamos fazer uma coisa horrorosa”. Foi numa dessas ocasiões que conheci a *lingerie* de sua mãe.

No sonho, eu estava indo para a casa de Earl com meu álbum de selos apertado contra o peito, quando alguém gritou meu nome e começou a me perseguir. Fugi para dentro de um beco e enfiei-me numa garagem para me esconder e verificarse algum selo havia se deslocado da chameira, porque durante a perseguição eu tinha tropeçado e deixado o álbum cair no lugar exato em que sempre jogávamos “Eu declaro guerra”. Quando abri na página da série comemorativa do bicentenário de Washington, de 1932 — doze selos cujos valores variavam de meio centavo (marrom-escuro) a dez centavos (amarelo) —, fiquei atônito. A efígie de Washington não aparecia mais nos selos. No alto de cada um deles permanecia a inscrição — conforme me haviam explicado, em tipos romanos brancos, espaçada em uma ou duas linhas — “Correios dos Estados Unidos”. Também as cores permaneciam como antes — o de dois centavos vermelho, o de cinco azul, o de oito verde-oliva, e assim por diante; todos os selos tinham o mesmo tamanho-padrão, e as molduras dos retratos continuavam uma diferente da outra, tal como na série original; só que em vez de cada um dos doze selos mostrar um retrato diferente de Washington, agora todos eram iguais, e eram retratos de Hitler. E na faixa sob cada retrato não aparecia mais o nome “Washington”. Quer a faixa fosse curvada para baixo, como no selo de meio centavo e no de seis centavos, quer curvada para cima, como nos de quatro, cinco, sete e dez, ou reta com as pontas levantadas, como no de um, no de um e meio e nos de dois, três, oito e nove, o nome que aparecia na faixa agora era “Hitler”.

Foi quando olhei para a página ao lado, para ver se havia acontecido alguma coisa com minha série de dez selos sobre os parques nacionais, de 1934, que caí da cama e acordei no chão, dessa vez gritando. Parque Yosemite, na Califórnia; Grand Canyon, no Arizona; Mesa Verde, no Colorado; Crater Lake, no Oregon; Acadia, em Maine; Mount Rainier, em Washington; Yellowstone, em Wyoming; Zion, em Utah; Glacier, em Montana; Great Smoky Mountains, em Tennessee — sobre a imagem de cada selo, riscando as ribanceiras, as matas, os rios, os picos, o géiser, as gargantas, a costa de granito, atravessando as águas azul-escuras e as cachoeiras altas, riscando tudo

que havia de mais azul e verde e branco na América, a ser preservado para sempre naquelas reservas intactas, aparecia uma cruz suástica negra.

Novembro de 1940 — junho de 1941

Judeu falastrão

Em junho de 1941, apenas seis meses após a posse de Lindbergh, nossa família viajou quinhentos quilômetros de carro até Washington, D. C., para visitar os lugares históricos e os famosos prédios governamentais. Minha mãe tinha passado quase dois anos pondo suas economias numa conta do Clube de Natal do Howard Savings Bank, um dólar por semana retirado do orçamento doméstico para cobrir o grosso das nossas despesas de viagem. A idéia surgia no tempo em que Roosevelt cumpria seu segundo mandato e os democratas controlavam as duas câmaras, mas agora que os republicanos estavam no poder e o novo ocupante da Casa Branca era considerado um inimigo traiçoeiro, a família chegou a discutir a possibilidade de, em vez de ir à capital, seguir para o norte para ver as cataratas do Niágara, vestir capas de chuva e fazer o passeio de barco pela rota das Mil Ilhas do rio S. Lourenço e depois cruzar de carro a fronteira para conhecer Ottawa. Alguns de nossos amigos e vizinhos já começavam a falar em abandonar o país e emigrar para o Canadá se o governo Lindbergh passasse a atacar os judeus abertamente, de modo que uma viagem ao Canadá também seria uma oportunidade de conhecermos um possível refúgio em caso de perseguição. Em fevereiro, meu primo Alvin havia ido para o Canadá a fim de se juntar às Forças Armadas canadenses, tal como disse que faria, para lutar ao lado dos britânicos contra Hitler.

Quando partiu para o Canadá, Alvin morava conosco havia quase sete anos. Era filho do irmão mais velho de meu pai; ele falecera quando Alvin tinha seis anos, e a mãe do menino — prima em segundo grau de minha mãe, e quem a havia apresentado a meu pai — morrera quando ele estava com treze. Assim, ele veio morar conosco durante os quatro anos em que foi aluno do colégio Weequahic, um menino de inteligência viva que jogava e roubava, e que meu pai estava decidido a salvar. Em 1940, Alvin estava com vinte e um anos, morando num quarto alugado no sobrado de uma engraxataria na Wright Street, do outro lado da esquina onde ficava a quitanda, e já trabalhava havia dois anos na Steinheim & Sons, uma das duas maiores empresas de construção de Newark cujos proprietários eram judeus — a outra era a dos irmãos Rachlin. Alvin conseguiu o emprego através do velho Steinheim, o fundador da companhia e freguês de meu pai.

Steinheim, que falava com um sotaque carregado e não sabia ler inglês mas era, segundo meu pai, “um homem de aço”, ainda freqüentava a nossa sinagoga nas Grandes Festas. Anos antes, no Yom Kippur, ao ver meu pai à porta da sinagoga com Alvin, o velho confundiu meu primo com meu irmão mais velho e perguntou: “O que é que esse menino faz? Ele pode ir lá trabalhar conosco”. E assim Abe Steinheim, que havia transformado a pequena empresa de construção de seu pai imigrante num empreendimento multimilionário — porém apenas depois de uma guerra

em família que terminou com seus dois irmãos no olho da rua —, acabou gostando do sólido e atarracado Alvin, e de seu jeito arrogante, e, em vez de colocá-lo para trabalhar na sala de correspondência ou como contínuo, empregou-o como seu motorista: era Alvin quem fazia pequenas compras, entregava recados, levava o velho às diversas obras da empresa para ver como estavam se saindo os empreiteiros (a quem Abe se referia como “os ladrões”, embora fosse ele, segundo Alvin, quem os roubava, como aliás fazia com todos). Nos sábados de verão, Alvin o levava a Freehold, onde Abe possuía meia dúzia de cavalos que punha para correr na pista de lá, cavalos que ele chamava de “hambúrgueres”. “Hoje um hambúrguer nosso corre em Freehold”, e lá iam os dois no Cadillac para ver seu cavalo perder mais uma vez. Jamais ganhava dinheiro com as corridas, mas não era esse seu objetivo. Nos sábados, cavalos seus participavam das corridas da Associação de Cavalos de Carroça na pista do Weequahic Park, e ele dizia aos jornais que ia restaurar a pista plana de Mount Holly, em decadência havia muitos anos; desse modo, Abe Steinheim conseguiu se tornar comissário de corridas do estado de Nova Jersey, passando a usar em seu carro um distintivo que lhe permitia subir na calçada, acionar uma sirene e estacionar em qualquer lugar. E foi assim que se tornou amigo dos funcionários do condado de Monmouth e acabou conseguindo penetrar no círculo exclusivo de gente ligada a cavalos no litoral do estado — góis de Wall Township e Spring Lake que o levavam para almoçar em clubes fechados. Abe dizia a Alvin: “Todo mundo me vê e ficam todos cochichando, morrendo de vontade de cochichar: ‘Olha só quem está aqui’, mas todo mundo adora beber da minha bebida e ser convidado para um jantar caprichado, de modo que vale a pena”. Ele possuía um barco para pescar em águas profundas, que era guardado no braço do rio Shark; levava seus convidados para passear de barco, enchia-os de bebida e contratava sujeitos que pescavam por eles; assim, sempre que um hotel novo era construído entre Long Branch e Point Pleasant, era sempre num terreno que os Steinheim conseguiam quase de graça — pois Abe, tal como o pai, tinha a grande sabedoria de só comprar mercadorias com desconto.

De três em três dias, Alvin o levava de carro de seu escritório até o 744 da Broad Street, uma distância de quatro quarteirões, para que ele rapidamente aparasse o cabelo na barbearia atrás da tabacaria, onde comprava camisas-de-vênus e chantos de um dólar e meio. Ora, o 744 da Broad Street era um dos dois prédios comerciais mais altos do estado; os últimos vinte andares eram ocupados pelo National Newark and Essex Bank, os advogados e financistas de maior prestígio da cidade ficavam nos outros andares, e os homens mais ricos de Nova Jersey freqüentavam aquela barbearia — no entanto, uma das obrigações de Alvin era telefonar para o barbeiro e avisá-lo para que se aprontasse; Abe estava chegando, e quem estivesse sentado na cadeira teria de ser expulso. No dia em que Alvin conseguiu o emprego, na hora do jantar meu pai nos disse que Abe Steinheim era o maior e o mais fascinante construtor de toda a história de Newark. “E além disso é um gênio”, acrescentou. “Pra chegar a onde chegou, só mesmo sendo um gênio. Brillante. E bonito. Louro. Forte, mas não gordo. Sempre bem-vestido. Casacos de pêlo de camelo. Sapatos bicolores. Camisas lindas. Se veste muito bem. E tem uma bela mulher — educada, classada, o sobrenome de solteira dela era Freilich, os Freilich de Nova York, ela já era muito rica antes de se casar com ele. O Abe é muito esperto. E além de tudo corajoso. Pode perguntar a qualquer um em Newark: se o projeto é ousado, o Steinheim topa na hora. Ele constrói prédios em terrenos que ninguém quer

aniscar. O Alvin vai aprender muito com ele. Vai poder ver o que é uma pessoa trabalhando dia e noites sem parar numa coisa que é dela. Quem sabe isso não vai marcar a vida do Alvin.”

Em parte para que meu pai pudesse vigiá-lo e minha mãe se certificasse de que ele não estava se alimentando exclusivamente de cachorros-quentes, Alvin vinha jantar conosco duas vezes por semana, e milagrosamente, em vez de ouvir sermões rigorosos sobre a honestidade, a responsabilidade e o trabalho à mesa do jantar — como acontecera após ter sido apanhado com a mão na gaveta da caixa registradora do posto da Esso em que trabalhava depois da escola, e meu pai ter conseguido convencer o proprietário, Simkowitz, a não fazer uma denúncia, oferecendo-se para cobrir o rombo ele próprio, quando tudo indicava que Alvin ia acabar no reformatório de Rahway —, Alvin tinha discussões acaloradas com meu pai a respeito de política, em particular sobre o capitalismo, um sistema que, desde que meu pai o convencer a se interessar pela leitura de jornais e a conversar sobre as notícias, Alvin condenava e meu pai defendia, argumentando pacientemente com seu sobrinho reabilitado, não como membro da Associação Nacional de Industriais, e sim como defensor do *New Deal* de Roosevelt. Meu pai alertava Alvin: “Não vale a pena começar a falar sobre Karl Marx com o senhor Steinheim. Porque ele não vai pensar duas vezes — você vai levar um pé na bunda. Aprenda com ele. É para isso que você está lá. Aprenda com ele e seja respeitoso, porque essa pode ser a oportunidade da sua vida”.

Mas Alvin não suportava Steinheim e falava mal dele constantemente — ele é falso, é valentão, é pão-duro, só sabe gritar, rouba todo mundo, não tem um único amigo neste mundo, ninguém suporta a presença dele, e eu, dizia Alvin, tenho que levar esse sujeito de carro para tudo quanto é lado. Ele é cruel com os filhos, não se interessa nem em olhar para os netos, e a mulher dele, uma magricela que morre de medo de pisar nos calos dele, ele humilha sempre que lhe dá na veneta. Todo mundo na família é obrigado a morar no mesmo prédio luxuoso que o Abe construiu numa rua cheia de cavalhos e bordos perto do Upsala College em East Orange — os filhos trabalham para ele em Newark o dia inteiro, e o velho só fala com eles aos berros; depois, em casa, à noite, pega o telefone e continua a gritar com eles. O dinheiro é tudo no mundo, mas não é para comprar coisas, não; é só para se preparar para o que puder acontecer: defender sua posição, garantir suas posses e comprar com desconto qualquer coisa que ele quiser no mercado imobiliário, pois foi assim que ele fez fortuna depois do craque da Bolsa. Dinheiro, dinheiro, dinheiro — viver no meio do caos, negociando o tempo todo e ganhando todo o dinheiro do mundo.

“Um sujeito se aposenta aos quarenta e cinco anos com cinco milhões de dólares. Cinco milhões no banco, uma fortuna, e sabe o que o Abe diz?”, Alvin pergunta a meu irmão de doze anos e a mim. O jantar já terminou e ele está conosco no quarto — os três deitados em cima das colchas, sem sapatos, Sandy na cama dele, Alvin na minha e eu a seu lado, no espaço entre o braço forte e o peito forte dele. É uma delícia: histórias sobre a avareza de Steinheim, sua obsessão, sua vitalidade sem limites e sua arrogância indizível, e quem conta essas histórias é um primo que também não tem limites, apesar de todos os esforços de meu pai, um primo fascinante, emocionalmente ainda primitivo e que aos vinte e um anos já é obrigado a fazer a barba duas vezes por dia para não parecer um criminoso empedemido. Histórias dos descendentes carnívoros dos macacos gigantesco que outrora viviam em florestas e que desceram das árvores, onde ficavam o

dia inteiro mordiscando folhas, para vir trabalhar no centro de Newark.

“O que é que o senhor Steinheim diz?”, pergunta Sandy.

“Ele diz: ‘O sujeito tem cinco milhões. Só isso. Ainda está moço, na flor da idade, com oportunidade de um dia ter cinqüenta, sessenta, talvez até cem milhões, e não é que ele me diz: ‘Vou pular fora. Eu não sou como você, Abe. Não vou ficar esperando o infarto. O que eu tenho já dá pra fechar o botequim e passar o resto da vida jogando golfe’? E sabe o que diz o Abe? ‘Esse homem é um babaca completo.’ Cada vez que vai um empreiteiro lá na firma na sexta-feira pegar dinheiro pra madeira, vidro, tijolo, o Abe diz: ‘Olha, estamos sem dinheiro, só posso lhe dar isso’, e aí paga metade, um terço — se puder, só um quarto —, e essa gente precisa do dinheiro pra sobreviver, mas esse é o método que o Abe aprendeu com o pai. Ele constrói tanto prédio que fica tudo por isso mesmo e ninguém tenta matar o desgraçado.”

“Será que alguém é capaz de matar ele?”, pergunta Sandy.

“Eu sou”, diz Alvin.

“Conta do aniversário de casamento”, peço.

“O aniversário de casamento...”, ele repete. “É, ele cantou cinqüenta músicas. Ele contrata um pianista”, diz Alvin, exatamente da mesma maneira como conta a história toda vez que eu peço, “e ninguém dá nenhuma opinião, ninguém sabe o que está acontecendo, todos os convidados passam a noite inteira comendo a comida dele, e ele fica em pé ao lado do piano, de smoking, cantando uma música depois da outra, e quando as pessoas vão embora ele continua ali cantando, todas as músicas populares que você pode imaginar, e quando os convidados vão se despedir ele nem dá atenção”.

“Ele grita com você?”, pergunto a Alvin.

“Comigo? Com todo mundo. Ele grita em tudo que é lugar. Domingo de manhã eu levo ele de carro na Tabatchnick’s. As pessoas fazem fila pra comprar *bagel* e salmão defumado. A gente entra e ele já começa a gritar — a fila tem umas seiscentas pessoas, mas ele grita: ‘Chegou o Abe!’, e deixam ele furar a fila tranqüilamente. O Tabatchnick vem correndo dos fundos da loja, empura todo mundo pro lado e aí o Abe faz uma compra de cinco mil dólares, a gente volta pro carro e lá está a senhora Steinheim, que pesa cinqüenta quilos e sabe muito bem quando a melhor coisa a fazer é sair da frente, e ele pega o telefone, liga pro três filhos e eles aparecem em cinco segundos, e os quatro comem uma refeição pra quatrocentas pessoas. Ele só gasta dinheiro em comida. Comida e chanuto. Se vai na Tabatchnick’s ou na Kartzman’s, não quer nem saber quem está lá, quantas pessoas — vai e compra a loja inteira. Comem até a última fatia do que estiver na mesa toda manhã de domingo, esturjão, arenque, *bagel*, pickles, aí eu levo ele pro escritório de alugueis pra ver quantos apartamentos estão vagos, quantos estão alugados, quantos estão sendo reformados. Sete dias por semana. Não pára nunca. Nunca tira férias. Nunca se deve deixar nada pra amanhã — esse é o lema dele. Ele vira bicho se alguém desperdiça um minuto da hora do expediente. Não consegue nem dormir se não souber que no dia seguinte vai fechar mais negócios e ganhar mais dinheiro — e essa coisa toda me dá nojo. Pra mim, esse cara é um manifesto vivo pela demubada do capitalismo.”

Meu pai dizia que as queixas de Alvin eram criancices e que ele não devia fazer comentários desse tipo no trabalho, especialmente depois que Abe decidiu financiar os estudos de Alvin na

Rutgers University. Você é inteligente demais, disse Abe a Alvin, para ser tão burro; e então aconteceu uma coisa que estava muito além das esperanças realistas de meu pai. Abe pega o telefone, liga para o presidente da Rutgers e começa a gritar com ele. “Vocês vão aceitar esse garoto, se ele acabou ou não o colegial não interessa, esse garoto é órfão, é um gênio em potencial, vocês vão dar a ele uma bolsa integral que eu construo pra vocês um prédio na faculdade, o mais bonito do mundo — mas não vou construir nem uma privada se esse garoto não cursar a Rutgers com todas as despesas pagas!” E explica a Alvin: “Nunca gostei de ter um chofer que fosse chofer e idiota. Gosto de lidar com garotos de futuro. Você vai pra Rutgers, quando vier passar as férias de verão aqui você continua dirigindo para mim, e depois, quando se formar como primeiro da turma, aí nós dois vamos sentar e ter uma conversa”.

Abe queria que Alvin fosse para New Brunswick começar os estudos em setembro de 1941 e, após quatro anos de faculdade, voltasse para trabalhar, como uma pessoa respeitável; em vez disso, porém, em fevereiro Alvin partiu para o Canadá. Meu pai ficou furioso com ele. Passaram semanas discutindo até que, sem nos avisar, Alvin pegou o trem expresso na Pennsylvania Station de Newark e foi direto para Montreal. “Eu não entendo a sua moralidade, tio Herman. O senhor não quer que eu vire ladrão, mas acha direito eu trabalhar prum ladrão.” “O Steinheim não é ladrão. Ele é um construtor. Ele faz o que todos fazem”, retrucou meu pai, “o que todos eles têm que fazer, porque a concorrência no ramo é feroz. Mas os prédios dele não caem, é ou não? Ele faz alguma coisa que seja contra a lei, Alvin? Faz?” “Não, ele só faz sacanear os empregados dele de todas as maneiras possíveis. Eu não sabia que a sua moralidade também era a favor disso.” “Dane-se a minha moralidade”, disse meu pai, “todo mundo na cidade está sabendo da minha moralidade. A questão não sou eu. É o seu futuro. É você fazer faculdade. Quatro anos de faculdade de graça.” “De graça porque ele intimidou o presidente da Rutgers do mesmo modo como intimida todo mundo.” “Isso é problema do presidente da Rutgers! Mas o que é que você está dizendo? Acha mesmo que o pior ser humano do mundo é o sujeito que quer fazer de você uma pessoa instruída e amarrar um lugar pra você na fima dele?” “Não, não, o pior ser humano do mundo é o Hitler e, pra falar com franqueza, eu prefiro lutar contra aquele filho-da-puta do que perder meu tempo com um judeu como o Steinheim, que só envergonha os outros judeus com essa.” “Ah, não me venha com essas crianças — e também não gosto de ouvir você dizendo ‘filho-da-puta’. O Steinheim não envergonha ninguém. Acha que se você trabalhasse pra um construtor irlandês seria melhor,? Então experimenta — vai trabalhar pro Shanley, pra você ver que criatura maravilhosa ele é. E os italianos, você acha que eles são melhores? O Steinheim fala demais, enquanto os italianos matam.” “E o Longy Zwillman também não mata?” “Ora, faça-me o favor, então não sei do Longy? Eu me criei na mesma rua que o Longy. O que é que isso tem a ver com a Rutgers?” “Tem a ver comigo, tio Herman — eu não quero ficar devendo favor ao Steinheim o resto da minha vida. Já não basta ele infenizar a vida dos três filhos dele? Já não basta eles serem obrigados a celebrar todos os dias santos judaicos com ele, e mais o Dia de Ação de Graças e o Ano-Novo? Eu também tenho que ouvir a gritaria dele? Todo mundo trabalhando no mesmo escritório e morando no mesmo prédio, todo mundo esperando uma coisa só: a morte do velho, pra poderem dividir tudo. Uma coisa eu garanto, tio Herman: o sofrimento da família não vai durar muito.” “Você está enganado. Redondamente enganado. Esse pessoal não pensa só em dinheiro, não.” “O senhor é

que está enganado! Ele controla todos eles com o dinheiro! Esse homem é um louco varido, que eles só agüentam por medo de perdero dinheiro!” “Eles agüentam porque são uma família. Toda família tem que agüentar muita coisa. Família é família na paz e na guerra. Nós estamos passando por uma pequena guerra agora. Eu compreendo. Eu aceito. Mas isso não é motivo pra você abrir mão da faculdade que você não pôde cursar e que você pode muito bem cursar agora, e sair por aí com essa idéia maluca de lutar contra o Hitler.” “Então”, diz Alvin, como se finalmente compreendesse a verdade não apenas a respeito de seu patrão como também de seu tio e protetor, “o senhor também é isolacionista. O senhor e o Bengelsdorf. O Bengelsdorf, o Steinheim — esses dois formam um belo casal.” “De quê?”, perguntou meu pai, imitado, tendo por fim perdido a paciência. “De judeus hipócritas.” “Ah”, disse meu pai, “então você agora está contra os judeus também?” “Contra esses judeus. Os judeus que são uma vergonha para os judeus — sou contra eles, sim!”

A discussão prosseguiu por quatro noites consecutivas, e então, na quinta noite, uma sexta-feira, Alvin não apareceu para jantar, embora a idéia fosse obrigá-lo a jantar conosco regularmente até que meu pai o fizesse cair na realidade — aquele vagabundo imaturo que meu pai havia conseguido transformar, sozinho, na consciência da família.

No dia seguinte ficamos sabendo, graças a Billy Steinheim — o filho de Steinheim mais próximo a Alvin, que se preocupava com ele o bastante para ser o primeiro a nos telefonar na manhã de sábado —, que, depois de receber seu salário na sexta-feira, Alvin jogou a chave do Chevrolet na cara do velho Steinheim e foi embora, e quando meu pai pegou o carro e foi até a Wright Street, onde ficava o quarto em que Alvin morava, para se informar do que ocorrera e avaliar até que ponto ele havia destruído suas possibilidades, o dono da engraxataria que era o proprietário do quarto lhe disse que o inquilino havia pagado o aluguel, feito as malas e partido para combater o pior ser humano do mundo. Dada a magnitude do ódio de Alvin, ele não teria se contentado com um inimigo de menor estatura.

A eleição em novembro não foi de modo algum apertada. Lindbergh recebeu cinqüenta e sete por cento do voto popular e no Colégio Eleitoral obteve uma vitória esmagadora: ganhou em quarenta e seis estados, perdendo apenas em Nova York, estado natal de Roosevelt, e, por apenas dois mil votos, em Maryland, onde havia uma grande população de funcionários do governo federal, a maioria dos quais havia votado no presidente; foi o único estado ao sul da linha Mason-Dixon em que Roosevelt recebeu quase metade dos votos, beneficiando-se da tradicional lealdade sulista ao Partido Democrata. Na manhã após a eleição, predominava no país um clima de perplexidade, particularmente entre os institutos de pesquisa de opinião; mas no dia seguinte todo mundo parecia compreender tudo, e os comentaristas de rádio e os columnistas de jornais falavam como se a derrota de Roosevelt estivesse predestinada. O que havia acontecido, explicavam eles, era que os americanos não estavam dispostos a quebrar a tradição de reeleger o presidente apenas uma vez, tradição essa instituída por George Washington e que nenhum presidente antes de Roosevelt ousara desafiar. Além disso, após a Depressão, a confiança renascente de todos, jovens e velhos, havia sido despertada pela juventude de Lindbergh e por sua postura graciosa e atlética, que contrastava



vivamente com as dificuldades físicas impostas a Roosevelt pela poliomielite. Por fim, havia que considerar a maravilha da aviação e o novo estilo de vida que ela prometia: Lindbergh, que já quebrara o recorde de vôos de longa distância, certamente saberia liderar a nação numo ao desconhecido futuro aeronáutico, ao mesmo tempo que seu jeito sério e tradicional garantia que os feitos da engenharia moderna em nada afetavam os valores do passado. Assim, concluíram os especialistas, os americanos do século xx, cansados de enfrentar uma crise a cada década, ansiavam por um clima de normalidade, e o que Charles A. Lindbergh representava era a normalidade elevada a proporções heróicas, um homem direito com um rosto honesto e uma voz nada empolgante, que havia demonstrado a todo o mundo, de forma cabal, ter coragem para assumir o controle, resolução para influenciar a história e, claro, força para transcender as tragédias pessoais. Se Lindbergh prometia que não haveria guerra, então não haveria guerra — para a grande maioria, a questão se resumia a isso.

Para nós, pior ainda do que a eleição foram as semanas que se seguiram à posse, em que o novo presidente viajou até a Islândia para reunir-se com Adolf Hitler e, após dois dias de conversações “cordiais”, assinar “um acordo” que garantia relações pacíficas entre a Alemanha e os Estados Unidos. Houve protestos contra o Acordo da Islândia em mais de dez cidades americanas, e ouviram-se discursos veementes na Câmara e no Senado pronunciados por parlamentares democratas que haviam sobrevivido à avalanche republicana e que condenavam Lindbergh por negociar com um tirano fascista assassino como se fosse seu igual, e por aceitar reunir-se com ele num reino insular historicamente aliado a uma monarquia democrática que os nazistas já haviam conseguido conquistar — uma tragédia nacional para a Dinamarca, evidentemente terrível para o povo e seu rei, que a visita de Lindbergh a Reykjavik parecia tacitamente aprovar.

Quando voltou da Islândia para Washington — veio pilotando o novo bimotor Interceptor da Lockheed, escoltado por dez grandes aviões da Marinha voando em formação —, o presidente fez um pronunciamento para a nação de apenas cinco frases. “Agora está garantido que nossa grande nação não participará da guerra na Europa.” Assim se iniciava a mensagem histórica e assim ela prosseguia e terminava: “Não vamos nos aliar a nenhum país em guerra neste mundo. Ao mesmo tempo, continuaremos amando os Estados Unidos e treinando os jovens das nossas Forças Armadas na utilização da tecnologia militar mais avançada. A chave da nossa invulnerabilidade é o desenvolvimento da aviação norte-americana, inclusive a tecnologia de foguetes. Desse modo nossas fronteiras continentais se tornarão inexpugnáveis, ao mesmo tempo que nossa neutralidade será escrupulosamente mantida”.

Dez dias depois, o presidente assinou em Honolulu o Acordo do Havai com o príncipe Fumimaro Konoye, primeiro-ministro do governo imperial japonês, e com o ministro das Relações Exteriores, Yosuke Matsuoka. Como emissários do imperador Hirohito, os dois já haviam assinado um documento formando uma tríplice aliança com a Alemanha e a Itália em Berlim, em setembro de 1940, em que os japoneses apoiavam a “nova ordem europeia” estabelecida sob a liderança da Itália e da Alemanha, as quais, por sua vez, apoiavam a “Nova Ordem na Ásia Oriental” instituída pelo Japão. Além disso, os três países se comprometiam a apoiar-se mutuamente na esfera militar caso um deles fosse atacado por outro que não estivesse envolvido num conflito europeu nem na guerra entre a China e o Japão. Tal como o Acordo da Islândia, o Acordo do Havai, para

todos os efeitos, transformava os Estados Unidos num membro da tríplice aliança do Eixo, na medida em que estendia o reconhecimento norte-americano à soberania japonesa na Ásia Oriental e garantia que os Estados Unidos não se oporiam à expansão japonesa no continente asiático, a qual incluía a anexação das Índias Holandesas e da Indochina Francesa. O Japão se comprometia a reconhecer a soberania norte-americana sobre o continente americano, a respeitar a independência política do Estado associado norte-americano das Filipinas — que deveria entrar em vigor em 1946 — e a aceitar os territórios americanos do Havaí, Guam e Midway como possessões permanentes dos Estados Unidos no Pacífico.

Após a assinatura dos Acordos, por toda parte americanos declaravam: não à guerra! Nunca mais, jovens lutando e morrendo! Lindbergh sabe lidar com Hitler, diziam; Hitler o respeita porque ele é Lindbergh. Mussolini e Hirohito o respeitam porque ele é Lindbergh. As únicas pessoas contra ele, diziam, são os judeus. E isso certamente era verdade nos Estados Unidos. Aos judeus, nada restava senão preocupar-se. Na rua, os adultos especulavam o tempo todo o que fariam conosco, quem haveria de nos proteger e como nós mesmos poderíamos nos proteger. As crianças menores, como eu, chegavam da escola assustadas e perplexas, às vezes até chorando, por conta dos comentários feitos pelas crianças mais velhas a respeito do que Lindbergh dissera sobre nós a Hitler e do que Hitler dissera sobre nós a Lindbergh naqueles almoços e jantares na Islândia. Um dos motivos que levaram meus pais a não modificar o plano antigo de viajara Washington era o desejo de fazer com que eu e Sandy acreditássemos — mesmo que eles próprios não acreditassem — que a única coisa que havia mudado era o presidente. Os Estados Unidos não eram um país fascista e jamais o seriam, apesar das previsões de Alvin. Havia um novo presidente e um novo Congresso, mas eles eram obrigados a respeitar a lei estabelecida pela Constituição. Eram republicanos, eram isolacionistas e entre eles havia anti-semitas, sim — como, aliás, também entre os sulistas do partido do próprio Roosevelt —, porém estavam longe de ser nazistas. Além disso, bastava ouvir o programa radiofônico de Winchell nas noites de domingo, em que ele atacava o novo presidente e “seu amigo Joe Goebbels” e dava os nomes dos lugares onde o Departamento do Interior estava pretendendo construir campos de concentração — a maioria deles em Montana, estado de origem do homem que Lindbergh escolhera vice-presidente em nome da “unidade nacional”, o democrata isolacionista Burton K Wheeler — para que ficasse claro que o novo governo estava sendo vigiado de perto pelos jornalistas prediletos de meu pai, como Winchell, Dorothy Thompson, Quentin Reynolds, William L. Shirer e, naturalmente, a equipe do PM. Agora até eu folheava o PM quando meu pai o trazia à noite para casa, não apenas para ler a tira em quadrinhos de “Bamaby” e ver as fotografias, mas para ter nas próprias mãos uma prova concreta de que, apesar da rapidez extraordinária com que mudava nosso *status* como americanos, continuávamos a viver numa democracia.

Depois que Lindbergh tomou posse, no dia 20 de janeiro de 1941, Roosevelt voltou com a família para sua propriedade em Hyde Park, Nova York, e desde então não aparecia mais em público nem dava declarações. Como Roosevelt havia se interessado por filatelia no tempo em que, ainda menino, morava em Hyde Park — segundo se dizia, sua mãe lhe dera de presente os álbuns de selos que guardava desde a infância —, eu o imaginava passando o tempo guardando em álbuns as centenas de selos que havia acumulado durante seus oito anos na Casa Branca.

Como todo colecionador sabia, nenhum presidente antes havia lançado tantos selos novos, e nenhum jamais tivera tamanho envolvimento com o Departamento de Correios. Quando ganhei meu álbum, minha primeira meta foi obter todos os selos que eu sabia terem sido desenhados ou propostos por Roosevelt, a começar pelo selo de três centavos de 1936 com a efígie de Susan B. Anthony, comemorativo do décimo sexto aniversário da emenda constitucional que estendera o voto à mulher, e o de cinco centavos de 1937 dedicado a Virginia Dare, assinalando o nascimento em Roanoke, trezentos e cinquenta anos antes, da primeira criança filha de ingleses nascida na América. Quem me deu o selo de Dia das Mães de três centavos lançado em 1934, com desenho original de Roosevelt — no canto esquerdo vinha a inscrição “Em memória e em homenagem às mães norte-americanas” e, à direita do centro, o famoso retrato da mãe de Whistler —, foi minha própria mãe, para que eu iniciasse minha coleção; os selos vinham em quadra. Fora ela também quem me ajudara a comprar os sete selos comemorativos que Roosevelt havia aprovado no primeiro ano de seu mandato. O que os tornava particularmente interessantes para mim era o fato de cinco deles estarem em caracteres vistosos, o número “1933”, ano em que nasci.

Antes de viajarmos para Washington, pedi que me deixassem levar o álbum de selos. Temendo que eu o perdesse e depois ficasse amasado, de início minha mãe disse não, mas depois consegui convencê-la quando insisti na necessidade de ter comigo ao menos os selos com as efígies dos presidentes — os dezesseis que eu já conseguira obter da série lançada em 1938, cada um com um valor mais elevado que o anterior, de George Washington a Calvin Coolidge. O selo do Cemitério Nacional de Arlington, de 1922, o do Memorial de Lincoln e o dos prédios do Congresso, de 1923, estavam acima do meu orçamento, mas assim mesmo utilizei como argumento para levar minha coleção na viagem o fato de que esses três lugares famosos estavam representados em preto-e-branco na página do álbum a eles reservada. Na verdade, eu não queria deixar o álbum em nosso apartamento vazio por causa do pesadelo que tivera, temendo que, por não ter eu renovado do álbum o selo aéreo de dez centavos de Lindbergh, ou por Sandy ter mentido a nossos pais e conservado seus desenhos de Lindbergh intactos debaixo da cama — ou porque uma traição filial conspirava com a outra —, uma transformação maligna pudesse ocorrer durante minha ausência, fazendo com que meus Washingtons, fora de meu controle, se transformassem em Hitlers, e cruzes suásticas aparecessem sobre meus Parques Nacionais.

Assim que entramos em Washington, viramos na rua errada no meio de um tráfego pesado, e enquanto minha mãe tentava ler o mapa da cidade, explicando a meu pai como chegar ao hotel, surgiu a nossa frente o maior objeto branco que eu já vira na vida. No alto da ladeira em que estávamos apareceu o Capitólio, com uma escadaria larga que levava a uma colunata e encimado por uma cúpula complicada em três níveis. Sem querer, havíamos chegado ao próprio âmago da história da nação, e mesmo que não fôssemos capazes de exprimir esse sentimento em palavras, contávamos com a história americana, com o que nela havia de mais inspirador, para nos proteger contra Lindbergh.

“Vejam!”, exclamou minha mãe, virando-se para mim e para Sandy, no banco de trás. “Não é

emocionante?”

A resposta, naturalmente, foi afirmativa, mas Sandy parecia mergulhado num estupor patriótico, e resolveu imitá-lo, deixando que o silêncio exprimisse minha estupefação também.

Nesse momento um policial montado numa motocicleta encostou em nosso carro. “Algum problema, Nova Jersey?”, indagou pela janela aberta.

“Estamos procurando nosso hotel”, respondeu meu pai. “Como é mesmo o nome do hotel, Bess?”

Minha mãe, que instantes antes estava emocionada com a imensidão majestosa do Capitólio, ficou branca na hora, e quando falou sua voz soou tão débil que foi inaudível em meio ao trânsito barulhento.

“Tenho que tirar vocês daqui”, gritou o guarda. “Fale mais alto, senhora.”

“Hotel Douglas”, gritou meu irmão mais que depressa, tentando ver direito a motocicleta. “Na K Street, guarda.”

“Obrigado, garotão”, e levantou o braço, para que os carros que vinham atrás de nós parassem e nós o acompanhássemos; deu meia-volta e seguiu pela Pennsylvania Avenue, no sentido contrário.

Disse meu pai, rindo: “Estamos sendo tratados como reis”.

“Mas como você sabe onde ele está levando a gente?”, perguntou minha mãe. “Herman, o que está acontecendo?”

Com o policial a nossa frente, passamos por uma sucessão de enormes prédios governamentais; a certa altura Sandy apontou, entusiasmado, para um extenso gramado a nossa esquerda. “Olha lá!”, gritou. “A Casa Branca!” Então minha mãe começou a chorar.

“É que...”, ela tentou explicar logo antes de chegarmos ao hotel e o policial se despedir de nós com um gesto antes de ir embora, “é que parece que não estamos mais vivendo num país normal. Me desculpem, meninos — por favor, me desculpem.” Mas começou a chorar outra vez.

Num quatinho de fundos do Douglas havia uma cama de casal para meus pais e duas caminhas para mim e meu irmão, e tão logo meu pai deu uma gorjeta ao mensageiro que abriu a porta para nós e levou nossas malas para dentro do quarto, minha mãe recuperou seu jeito normal — ou pelo menos fingiu recuperar, guardando nossas roupas na cômoda e observando, com aprovação, que as gavetas estavam foadas com papel limpo.

Estávamos viajando desde que saíramos de casa, às quatro da manhã, e já passava da uma da tarde quando voltamos à rua, em busca de um lugar para almoçar. O carro estava estacionado em frente ao hotel, do outro lado da rua, e junto dele havia um homenzinho de feições angulosas com um jaquetão cinza, que levantou o chapéu para nós, dizendo: “Meu nome é Taylor, minha gente. Sou guia profissional aqui na Capital Federal. Se não querem perder tempo, vale a pena contratar uma pessoa como eu. Eu dirijo o carro para vocês não se perderem, levo vocês para conhecer todas as atrações, dou todas as informações que quiserem, espero para pegar vocês e escolho restaurantes de bom preço e de comida gostosa, e tudo isso vai custar, usando o carro de vocês, nove dólares por dia. Vejam a minha licença”, disse, exibindo um documento de várias páginas a meu pai. “Emitido pela Câmara de Comércio”, explicou. “Verlin M. Taylor, meu senhor, guia oficial de Washington desde 1937. Cinco de janeiro de 1937, para ser exato — o dia em que foi aberta a sessão do

septuagésimo quinto Congresso dos Estados Unidos”

Os dois trocaram um aperto de mãos, e meu pai, com seu traquejo de corretor de seguros, folheou o documento exibido pelo guia antes de devolvê-lo a ele. “Pelo visto, está tudo muito bem”, disse meu pai, “mas acho nove dólares por dia um pouco salgado, senhor Taylor, pelo menos para nós.”

“Compreendo. Mas pense só: sozinho, o senhor mesmo dirigindo sem conhecer a cidade e tentando encontrar vaga para deixar o carro — bom, o senhor e sua família vão acabar não vendo nem metade do que vão poder ver comigo, e também nem vão se divertir tanto. Ora, eu levo vocês a um bom lugar pra almoçar, espero no carro, depois vamos direto ver o Monumento a Washington. Depois a gente desce o Mall e vai conhecer o Memorial Lincoln. Washington e Lincoln — nossos dois maiores presidentes —, eu sempre gosto de começar assim. O senhor sabe que Washington jamais morou em Washington. Ele escolheu um lugar para a cidade, assinou a lei que fez dela a capital permanente do governo, mas foi o sucessor dele, John Adams, o primeiro presidente a morar na Casa Branca, em 1800. Primeiro de novembro, para ser exato. A mulher dele, Abigail, se mudou pra lá duas semanas depois. Entre as muitas curiosidades que há para ver na Casa Branca, ainda existe um copo de cristal trabalhado que pertenceu a John e Abigail Adams.”

“Está aí uma coisa que eu não sabia”, respondeu meu pai, “mas deixe eu falar com a minha mulher.” Em voz baixa, perguntou a ela: “Será que é caro demais pra gente? Bem informado ele é”. Nossa mãe cochichou: “Mas quem foi que mandou ele aqui? Como foi que ele identificou o nosso carro?”. “Faz parte do trabalho dele, Bess, descobrir quem é turista. É assim que ele ganha a vida.” Eu e meu irmão estávamos encolhidos ao lado deles, na esperança de que mamãe parasse de falar e aquele guia bem-falante de cara pontuda e pernas curtas fosse contratado para nos mostrar a cidade.

“O que é que vocês querem?”, perguntou meu pai, virando-se para Sandy e para mim.

“Bom, se for caro demais.”, foi dizendo Sandy.

“Deixe isso pra lá”, respondeu meu pai. “Vocês gostaram desse sujeito ou não?”

“Ele é uma figura, papai”, sussurrou Sandy. “É igualzinho a um pato de madeira. Gosto quando ele diz ‘para ser exato.’”

“Bess”, disse meu pai, “esse homem é um guia profissional legítimo. Tem cara de quem nunca somiu na vida, mas é um homenzinho esperto e muito bem-educado. Deixa eu ver se ele aceita sete dólares.” Nesse ponto meu pai se afastou de nós, aproximou-se do guia, os dois tiveram uma conversa séria por alguns minutos e então, negócio fechado, os dois trocaram outro aperto de mãos e meu pai disse em voz alta: “Ok, vamos comer”, cheio de energia como sempre, mesmo quando não havia nada para fazer.

Era difícil dizer o que era mais inacreditável: eu estar fora de Nova Jersey pela primeira vez na vida, na Capital Federal, a quase quinhentos quilômetros de casa, ou estamos em nosso próprio carro dirigido por um estranho cujo sobrenome era o mesmo do décimo segundo presidente da República, cujo perfil aparecia no selo vermelho amarelado de doze centavos que estava no álbum no meu colo, colado entre o selo de Polk de onze centavos e o selo de Fillmore de treze centavos.

“Washington”, dizia o sr. Taylor, “é dividida em quatro zonas: noroeste, nordeste, sudeste e sudoeste. Com poucas exceções, as ruas que correm do norte para o sul são numeradas e as que

correm do leste para o oeste são identificadas por letras. De todas as capitais que existem no mundo ocidental, esta cidade é a única criada exclusivamente para servir de sede de um governo nacional. É isso que a torna diferente não apenas de Londres e Paris mas também de outras cidades americanas, como Nova York e Chicago.”

“Vocês ouviram?”, indagou meu pai, olhando para trás, para Sandy e para mim. “Ouviu, Bess, o senhor Taylor explicando por que Washington é tão especial?”

“Ouvi”, disse ela, e segurou minha mão para se tranquilizar tranquilizando-me, dando a entender que agora tudo ia dar certo. Mas desde que chegamos a Washington até a hora em que fomos embora, minha única preocupação foi impedir que alguma coisa acontecesse com minha coleção de selos.

A lanchonete a que o sr. Taylor nos levou era limpa e barata, e a comida tão boa como ele havia dito que seria; quando terminamos a refeição e saímos à rua, vimos nosso carro estacionado em fila dupla na frente da lanchonete. “*Timing* perfeito”, exclamou meu pai.

“Com o passar dos anos”, explicou o sr. Taylor, “a gente aprende a calcular quanto tempo uma família leva para almoçar. A senhora gostou?”, perguntou à nossa mãe. “Estava tudo como devia estar?”

“Muito bom, obrigada.”

“Então todo mundo está pronto para ver o Monumento a Washington”, disse ele, e partimos. “Vocês sabem, naturalmente, a quem o monumento é dedicado — a nosso primeiro presidente, que, na opinião da maioria das pessoas, foi o nosso maior presidente, juntamente com Lincoln.”

“Eu incluiria Franklin Delano Roosevelt nessa lista. Um grande homem, e o povo do nosso país não votou nele”, disse meu pai. “E veja quem foi eleito no lugar dele.”

O sr. Taylor ouviu-o educadamente, porém não fez nenhum comentário. “Bom”, prosseguiu ele, “todos vocês já viram fotos do Monumento a Washington. Mas pelas fotos nem sempre dá pra ver como ele é impressionante. Com uma altitude de cento e setenta metros, quarenta e seis centímetros e quatro milímetros, é a obra de alvenaria mais alta do mundo. O novo elevador elétrico chega até o alto em um minuto e quinze segundos. A outra opção é subir por uma escada em espiral com oitocentos e noventa e três degraus. Lá de cima, temos uma vista com um raio de cerca de vinte e cinco a trinta quilômetros. Vale a pena. É ali — estão vendo?”, disse ele. “Logo em frente.”

Minutos depois, o sr. Taylor encontrou uma vaga para o carro no estacionamento e, quando saímos do automóvel, enquanto nos acompanhava andando depressa com suas peminhas tortas, explicava: “O monumento foi limpo pela primeira vez só alguns anos atrás. Imagine que serviço de limpeza, senhora Roth. Usaram água misturada com areia e escovas com cerdas de aço. A operação levou cinco meses e custou cem mil dólares”.

“Foi durante o governo Roosevelt?”, perguntou meu pai.

“Creio que sim.”

“E as pessoas sabem disso?”, indagou meu pai. “As pessoas levam isso em conta? Não. Elas querem mais é entregar o país a um piloto de correio aéreo. E isso ainda é o de menos.”

O sr. Taylor permaneceu no lado de fora quando entramos no monumento. Diante do

elevador, nossa mãe, que mais uma vez me segurava pela mão, aproximou-se de nosso pai e sussurrou: “Você não devia falar dessas coisas”.

“Que coisas?”

“Sobre o Lindbergh.”

“Ora, eu só estava manifestando a minha opinião.”

“Mas você nem sabe quem é esse homem.”

“Sei, sim. É um guia licenciado, com documentos que comprovam isso. Estamos no Monumento a Washington, Bess, e você está me dizendo pra não manifestar minhas opiniões como se o Monumento a Washington ficasse em Berlim.”

Essas palavras tão diretas deixaram-na ainda mais aflita, especialmente porque as pessoas que aguardavam o elevador ouviam o que dizíamos. Virando-se para um dos outros pais, que estava acompanhado da mulher e de dois filhos, meu pai perguntou: “Vocês são de onde? Nós somos de Nova Jersey”. “Maine”, respondeu o homem. “Vocês ouviram?”, disse meu pai a meu irmão e a mim. Cerca de vinte crianças e adultos entraram no elevador, enchendo-o pela metade, e enquanto ele subia por aquela estrutura de pilares de ferro meu pai passou um minuto e quinze segundos perguntando às outras famílias de onde cada uma delas vinha.

O sr. Taylor nos esperava lá fora quando terminamos a visita. Ele pediu que eu e Sandy descrevêssemos o que tínhamos visto das janelas a cento e setenta metros de altura, e então andou conosco ao redor do monumento, contando a história complicada de sua construção. Depois tirou umas fotos da família com nossa câmara-caixão Brownie; depois meu pai, apesar dos protestos do sr. Taylor, fez questão de tirar uma foto dele com minha mãe, Sandy e eu, tendo o Monumento a Washington como fundo, até que por fim voltamos para o carro e, com o sr. Taylor mais uma vez dirigindo, descemos o Mall em direção ao Memorial Lincoln.

Dessa vez, enquanto estacionava, o sr. Taylor nos avisou que o Memorial Lincoln era diferente de qualquer outro edifício do mundo, e que devíamos nos preparar para nos emocionar. Então nos acompanhou do estacionamento até o grande prédio de pilares com a enorme escadaria de mármore; subimos a escada, passando pelas colunas, e chegamos ao interior do monumento, onde se elevava a imensa estátua de Lincoln em seu amplo trono dos tronos; o rosto esculpido me pareceu uma combinação das mais sagradas — ao mesmo tempo o rosto de Deus e o rosto dos Estados Unidos.

Muito sério, meu pai disse: “E mataram ele, aqueles cachorros”.

Nós quatro estávamos bem em frente ao pedestal da escultura, que era iluminada de tal modo a revestir Abraham Lincoln de uma grandiosidade colossal. A grandeza comum simplesmente se desfazia diante daquilo, e não havia como se proteger, adulto ou criança, daquela atmosfera solene de hipérbole.

“Quando a gente pensa no que este país faz com seus maiores presidentes...”

“Herman”, implorou minha mãe, “não comece.”

“Não estou começando nada. Foi mesmo uma grande tragédia. Não é verdade, meninos? O assassinato de Lincoln?”

O sr. Taylor aproximou-se e nos disse em voz baixa: “Amanhã vamos ao Ford’s Theatre, onde ocorreu o atentado, e depois à Petersen House, do outro lado da rua, para ver o lugar onde ele

morreu”.

“Eu estava dizendo, senhor Taylor, é um absurdo o que esse país faz com seus grandes homens.”

“Graças a Deus temos presidente Lindbergh”, disse uma voz de mulher a poucos metros de nós. Era uma mulher idosa, que estava sozinha, folheando um guia turístico, e seu comentário parecia não se dirigir a ninguém, embora parecesse ter sido provocado pelas palavras de meu pai.

“Comparar Lincoln a Lindbergh? Essa é boa”, meu pai gemeu.

Na verdade, a senhora idosa não estava sozinha, e sim com um grupo de turistas, um dos quais era um homem mais ou menos da idade de meu pai, que talvez fosse o filho dela.

“Alguma coisa está incomodando o senhor?”, ele perguntou a meu pai, dando um passo agressivo em nossa direção.

“Amim, não”, disse meu pai.

“Alguma coisa que essa senhora disse incomodou o senhor?”

“Não, senhor. Estamos numa democracia.”

O desconhecido, boquiaberto, olhou longamente para meu pai, depois para minha mãe, para Sandy e para mim. E o que viu ele? Um homem bem-vestido, musculoso, de peito largo, com um metro e setenta e cinco de altura, razoavelmente bonito, olhos verdes acinzentados e cabelos castanhos já ralos, cortados bem curtos na frente, exibindo ao mundo suas orelhas de modo um pouco mais cômico do que o necessário. A mulher era esguia mas forte, e se vestia com certo apuro, um cacho de cabelo escuro e ondulado caído sobre uma das sobrancelhas, bochechas arredondadas com um pouco de ruço, nariz proeminente, braços grossos, pernas bem-feitas, cadeiras estreitas e os olhos vivos de uma moça com metade da sua idade. Nos dois adultos havia um excesso de prudência e um excesso de energia, e acompanhavam o casal dois meninos que ainda eram praticamente só superfícies macias, filhos pequenos de pais ainda jovens, atentos, de boa saúde, incomigáveis apenas em seu otimismo.

E a conclusão que o desconhecido extraiu de suas observações ele demonstrou com um movimento debochado de cabeça. Então, com um assobio ruidoso que não deixava dúvida sobre a impressão que lhe havíamos causado, voltou para a companhia da senhora idosa e do grupo de turistas, afastando-se de nós com um passo lento e oscilante que parecia, juntamente com a silhueta de suas costas largas, ter a intenção de registrar um alerta. Foi então que o ouvimos referir-se a meu pai como um “judeu falastão”, comentário seguido logo depois pela declaração da senhora de idade: “Eu daria qualquer coisa para dar um tapa na cara dele”.

Mais que depressa o sr. Taylor nos conduziu a um salão menor anexo ao principal, onde havia uma placa com o texto da oração de Gettysburg e um mural cujo tema era a Abolição.

“Ouvir palavras assim num lugar como esse”, disse meu pai, a voz sufocada estremeendo de indignação. “Num santuário dedicado a um homem como esse!”

Enquanto isso, o sr. Taylor apontava para a pintura e dizia: “Estão vendo? O anjo da verdade libertando um escravo”.

Meu pai, porém, não conseguia ver nada. “Vocês acham que uma pessoa diria uma coisa dessas se o presidente ainda fosse o Roosevelt? Ninguém ousaria, nem pensaria, no tempo do Roosevelt...”, disse meu pai. “Mas agora que nosso grande aliado é Adolf Hitler, agora que o melhor



amigo do presidente dos Estados Unidos é Adolf Hitler — ora, eles acham que agora vale qualquer coisa. É uma vergonha. A começar pela Casa Branca...”

A quem ele se dirigia senão a mim? Meu irmão ia atrás do sr. Taylor, fazendo perguntas a respeito do mural, e minha mãe tentava se conter para não dizer nem fazer nada, reprimindo as emoções que a haviam dominado horas antes no carro — só que, daquela vez, sem a justificativa de agora.

“Leia isso”, disse meu pai, apontando para a placa com a oração de Gettysburg. “Leia. Todos os homens são criados iguais.”

“Herman”, exclamou minha mãe, “eu não aguento mais.”

Voltamos para a luz do dia e nos reunimos no degrau de cima. A haste alongada do Monumento a Washington destacava-se a quase um quilômetro dali, do outro lado do lago artificial que se estendia até os terraços que conduziam ao Memorial Lincoln. Havia olmos plantados em torno do terreno todo. Era o panorama mais lindo que eu jamais vira, um paraíso patriótico, o Jardim do Éden americano, e lá estávamos nós, encolhidos, a família expulsa.

“Escutem”, disse meu pai, puxando a mim e meu irmão para junto de si, “acho que a gente devia tirar um cochilo. Acordamos muito cedo. Proponho que a gente volte pro hotel e descansa por uma hora ou duas. O que o senhor acha, senhor Taylor?”

“O senhor é que sabe. Depois de jantar talvez a família queira fazer um passeio de carro para ver Washington à noite, os famosos monumentos todos iluminados.”

“Grande idéia”, disse meu pai. “É ou não é, Bess?” Mas minha mãe não era tão fácil de animar como a mim e Sandy. “Meu bem”, disse meu pai, “nós cruzamos com uma maluca. Dois malucos. Isso também podia acontecer no Canadá. Não vamos deixar uma coisa dessas estragar a nossa viagem. Vamos todos descansar, e o senhor Taylor fica esperando, e depois a gente recomeça. Olhem”, disse ele, com um gesto amplo. “Isso aqui é uma coisa que todos os americanos deviam ver. Vejam só, meninos. Olhem pela última vez para Abraham Lincoln.”

Obedecemos, mas eu não sentia mais aquele entusiasmo patriótico que me remexia as entranhas. Quando começamos a descer a longa escada de mármore, ouvi uns meninos atrás de nós perguntando aos pais: “É ele mesmo? Ele está enterrado ali embaixo daquelas coisas todas?”. A meu lado na escada, minha mãe tentava agir como alguém que não estava entrando em pânico por dentro, e de repente me dei conta de que cabia a mim fazer com que ela se segurasse, transformar-me de repente numa criatura nova, corajosa, com algo de Lincoln. Mas a única coisa que consegui fazer quando ela me ofereceu a mão foi segurá-la e apertá-la como o ser imaturo que eu era, um menino cuja coleção de selos ainda representava nove décimos de seu conhecimento do mundo.

No carro, o sr. Taylor planejou o resto de nosso dia. Voltaríamos para o hotel para cochilar e, às quinze para as seis, ele iria nos pegar para jantar. Podíamos voltar à lanchonete perto da Union Station onde havíamos almoçado, ou então ir a um dos outros restaurantes de preços populares cuja qualidade ele garantia. Depois do jantar ele nos levaria para conhecer Washington à noite.

“Nada tira o senhor do sério, não é, senhor Taylor?”, disse meu pai.

Ele respondeu apenas com um movimento de cabeça ambíguo.

“O senhor é de onde?”, indagou meu pai.

“Indiana, senhor Roth.”

“Indiana. Pensem nisso, meninos. De que cidade?”

“Na verdade, de nenhuma. Meu pai é mecânico. Consertava equipamentos agrícolas. Não parava em lugar nenhum.”

“Pois bem”, disse meu pai, por motivos que o sr. Taylor certamente não compreendeu, “eu tiro meu chapéu pro senhor. O senhor tem motivo pra ser orgulhoso.”

Mais uma vez, o sr. Taylor limitou-se a um movimento de cabeça: era um sujeito sério, com um temo apertado, de eficiência e porte inconfundivelmente militares — como se ocultasse algo, só que nada havia a esconder, tudo de impessoal nele era claramente visível. Falava pelos cotovelos sobre Washington, D. C. e não dizia absolutamente nada sobre nenhum outro assunto.

Quando voltamos ao hotel, o sr. Taylor estacionou o carro e entrou conosco, como se fosse não apenas nosso guia mas também nosso acompanhante — ainda bem, porque no pequeno saguão do hotel encontramos nossas quatro malas na recepção.

Quem estava ali era um homem diferente, que se apresentou como o gerente.

Quando meu pai perguntou por que nossas malas estavam ali, o gerente explicou: “Nos desculpen, mastivemos que fazer as malas para vocês. O funcionário que trabalha à tarde cometeu um equívoco. O quarto que ele deu a vocês já estava reservado para outra família. Aqui está o seu depósito”. E entregou a meu pai um envelope contendo uma nota de dez dólares.

“Mas minha mulher escreveu pra vocês. Vocês nos responderam. A reserva foi feita há meses. Por isso fizemos o depósito. Bess, cadê as cópias das cartas?”

Ela apontou para as malas.

“Meu senhor”, disse o gerente, “o quarto está ocupado e não há outra vaga. Não vamos cobrar nada pela utilização do quarto hoje, nem pelo sabonete que foi retirado.”

“Retirado? Aquela palavra foi o bastante para fazê-lo perder as estribeiras. “Você está dizendo que nós roubamos um sabonete?”

“Não, senhor, de modo algum. Talvez um dos meninos tenha levado o sabonete como souvenir. Não há problema. Não vamos brigar por causa de uma coisa tão pequena, nem começar a procurar o sabonete nos bolsos deles.”

“Mas o que é que está acontecendo?”, meu pai insistiu, e diante da cara do gerente bateu o punho cerrado sobre o balcão.

“Senhor Roth, se o senhor vai fazer uma cena...”

“Vou, sim”, disse meu pai. “Vou fazer uma cena até descobrir o que aconteceu com aquele quarto!”

“Nesse caso”, respondeu o gerente, “não tenho outra opção senão ligar pra polícia.”

Então minha mãe — que segurava a mim e meu irmão pelos ombros, protegendo-nos a seu lado, mantendo-nos a uma distância prudente do balcão — chamou meu pai pelo nome, tentando impedir que ele insistisse. Mas já era tarde. Desde o início, era tarde demais. Ele jamais aceitaria a postura subserviente que o gerente queria lhe impor.

“Esse desgraçado do Lindbergh!”, exclamou meu pai. “Agora todos os fascistazinhos como você estão pondo as manguinhas de fora!”

“Devo chamar a polícia ou o senhor vai levar suas malas e sair daqui com sua família imediatamente?”

“Pode chamar a polícia”, respondeu meu pai. “É pra chamarmesmo.”

Agora havia mais cinco ou seis hóspedes no saguão. Eles haviam chegado enquanto a discussão prosseguia, e tinham permanecido para ver como a coisa ia terminar.

Neste momento, o sr. Taylor se aproximou de meu pai e disse: “O senhor tem toda a razão, mas chamar a polícia não é uma boa solução”.

“Não, é a solução *correta*, sim. Pode chamar a polícia”, repetiu meu pai ao gerente. “Existem leis neste país contra pessoas como você.”

O gerente pegou o telefone e, enquanto discava, o sr. Taylor se aproximou de nossas malas, pegou-as e foi saindo com elas do hotel.

Disse minha mãe: “Heman, terminou. O senhor Taylor já pegou as malas”.

“Não, *Bess*”, disse ele, indignado. “Não agüento mais essas idiotices. Quero falar com a polícia.”

O sr. Taylor voltou para o saguão e, sem parar, aproximou-se da recepção, onde o gerente completava a ligação. Em voz baixa, dirigiu-se apenas a meu pai. “Tem um bom hotel não muito longe daqui. Já liguei para eles do telefone lá fora. Eles têm um quarto pra vocês. É um bom hotel numa rua boa. Vamos até lá pegar o quarto.”

“Obrigado, senhor Taylor. Mas agora estamos esperando a polícia. Quero obrigar esse homem a refletir sobre as palavras da oração de Gettysburg que li ainda há pouco naquela placa.”

As pessoas que assistiam à cena se entreolharam somindo quando meu pai mencionou a oração de Gettysburg.

Cochichei para meu irmão: “O que está acontecendo?”.

Respondeu ele, também cochichando: “Anti-semitismo”.

De onde estávamos, vimos dois policiais chegando de motocicleta. Desligaram os motores e entraram no hotel. Um deles colocou-se ao lado da porta, de onde podia olhar para todos, enquanto o outro se aproximou do balcão, chamando o gerente para um canto onde os dois pudessem conversar a sós.

“Seu guarda...”, disse meu pai.

O policial virou-se e disse: “Só posso falar com uma das partes em conflito de cada vez, meu senhor”, e voltou a conversar com o gerente, apoiando o queixo numa das mãos, pensativo.

Meu pai virou-se para nós. “É importante fazer isso, meninos.” Disse a minha mãe: “Não há motivo pra se preocupar”.

Tendo terminado a conversa com o gerente, o policial veio falar com meu pai. Não sorriu, embora tivesse somido de vez em quando enquanto escutava o gerente, porém falou sem nenhum sinal de raiva, num tom que de início parecia simpático. “Qual é o problema, Roth?”

“Fizemos um depósito para um quarto nesse hotel, por três noites. Recebemos uma carta confirmando a reserva. Minha mulher tem todos os documentos nas malas. Chegamos aqui hoje, fizemos o registro, ocupamos o quarto, desfizemos as malas, saímos pra fazer turismo e, quando voltamos, fomos expulsos porque o quarto estava reservado pra outra pessoa.”

“E qual é o problema?”, perguntou o policial.

“Somos uma família de quatro pessoas, seu guarda. Vimos de carro lá de Nova Jersey. Ninguém tem o direito de nos expulsar.”

“Mas”, disse o guarda, “se outra pessoa já tinha reservado o quarto...”

“Não há nenhuma outra pessoa! E se há, porque ela é mais importante do que nós?”

“Mas o gerente devolveu seu depósito. Ele até fez as malas para vocês.”

“Seu guarda, o senhor não está entendendo. Por que nossa reserva vale menos do que a dos outros? Estive com minha família no Memorial Lincoln. Lá tem a oração de Gettysburg escrita na parede. O senhor sabe o que está escrito lá? Todos os homens são criados iguais.”

“Mas isso não quer dizer que todas as reservas de hotel são criadas iguais.”

A voz do policial chegou até os observadores da cena, espalhados pelo saguão; alguns, incapazes de se controlar, riram alto.

Minha mãe afastou-se de Sandy e de mim, deu um passo à frente e falou. Tinha aguardado o momento em que sua intervenção não pioraria a situação, e, embora sua respiração estivesse alterada, pelo visto concluirá que o momento havia chegado. “Meu bem, vamos embora”, implorou. “O senhor Taylor já encontrou um quarto bom pra nós aqui perto.”

“Não!”, exclamou meu pai, livrando-se com um safanão da mão com que ela tentou segurá-lo pelo braço. “Este policial sabe por que fomos expulsos. Ele sabe, o gerente sabe, todo mundo neste saguão sabe.”

“Acho que você devia ouvir sua mulher”, disse o policial. “Devia fazer o que ela está dizendo, Roth. Vá embora daqui.” Com um gesto de cabeça em direção à porta, acrescentou: “Antes que eu perca a paciência”.

Meu pai ainda queria resistir, mas restava-lhe também um pouco de sanidade mental, que lhe permitiu compreender que aquela discussão já não interessava a ninguém senão a ele próprio. Saímos do hotel sob os olhares de todos. O único a falar foi o outro policial. Em seu posto ao lado do vaso de planta da entrada, acenou com a cabeça de modo simpático e, quando passamos por ele, estendeu a mão e despeneteou-me o cabelo. “Tudo bem, garotão?” “Tudo bem”, respondi. “O que é que você tem aí?” “Meus selos”, disse eu, mas segui em frente antes que ele tivesse tempo de pedir para ver minha coleção e eu fosse obrigado a mostrá-la só para não ser preso.

O sr. Taylor nos aguardava lá fora, na calçada. Disse meu pai a ele: “Isso nunca me aconteceu na vida. Eu ando no meio das pessoas o tempo todo, gente de todo tipo, de todas as classes sociais, e nunca...”.

“O Douglas mudou de proprietário”, disse o sr. Taylor. “Está sob uma nova administração.”

“Mas nós temos amigos que já se hospedaram lá e ficaram cem por cento satisfeitos”, interveio minha mãe.

“Pois é, senhora Roth, ele mudou de dono. Mas já arranjei um quarto para vocês no Evergreen, e tudo vai dar certo.”

Nesse momento ouviu-se o ruído estrepitoso de um avião sobrevoando Washington a baixa altitude. Na rua, algumas pessoas que estavam caminhando pararam, e um homem levantou os braços em direção ao céu, como se tivesse começado a nevar em pleno verão.

Sandy, que era capaz de reconhecer a silhueta de qualquer aeronave, Sandy, que tudo sabia, apontou e exclamou: “É o Interceptor da Lockheed!”.

“É o presidente Lindbergh”, explicou o sr. Taylor. “Todas as tardes, mais ou menos a essa hora, ele sobrevoa o Potomac. Vai até os montes Alleghennies, depois passa pelos montes Blue Ridge e

segue até a baía de Chesapeake. As pessoas já ficam esperando a hora.”

“É o avião mais rápido do mundo”, disse meu irmão. “O Messerschmitt 110 dos alemães faz quinhentose noventa quilômetros por hora — o Interceptor faz oitocentos. É um caça que dá um banho em qualquer outro no mundo.”

Todos ficamos olhando junto com Sandy, que não conseguia ocultar o fascínio que lhe inspirava o exato avião em que o presidente fora à Islândia reunir-se com Hitler. O Interceptor subiu num ângulo abrupto, com uma força tremenda, e desapareceu no céu. Na rua, os passantes começaram a bater palmas, alguém gritou “Viva Lindy!”, e de poistodos seguraram em frente.

No Evergreen, minha mãe e meu pai dormiram juntos numa única cama de solteiro, e eu e Sandy na outra. O sr. Taylor não havia conseguido arranjar nada melhor de uma hora para outra, mas depois do que acontecera no Douglas ninguém reclamou por isso — nem por não serem as camas nada confortáveis, nem por ser o quarto ainda menor do que o do outro hotel, nem por haver no banheiro microscópico, embora encharcado de desinfetante, um cheiro meio estranho — especialmente depois que ao chegar fomos muito bem-recebidos pela mulher bem-humorada que estava na recepção, e nossas malas foram empilhadas num carrinho por um negro velho com uniforme de mensageiro, um homem alto e desengonçado que a mulher chamava de Edward B, o qual, ao abrir a porta do nosso quarto no térreo, cuja janela dava para um poço de ventilação, anunciou com humor: “O Evergreen Hotel dá as boas-vindas à família Roth na Capital Federal!” e nos fez entrar com muitos salamaleques, como se aquela cripta mal-iluminada fosse uma suíte do Ritz. Meu irmão não tirara o olho de Edward B. desde o momento em que ele pegara nossa bagagem, e na manhã seguinte, antes que o resto da família se levantasse, vestiu-se someteiramente, pegou seu bloco de desenho e foi correndo até o saguão para fazer um retrato do homem. No entanto, quem estava trabalhando no momento era um outro mensageiro negro, cujo rosto não tinha tantas dobras e fendas pitorescas quanto o de Edward B, se bem que do ponto de vista artístico também era um achado — pele retinta, feições marcadamente africanas, algo que Sandy só viu numa foto na contracapa de uma edição da *National Geographic*.

Passamos a maior parte da manhã visitando, com o sr. Taylor, o Capitólio e o Congresso, e depois Supremo Tribunal e a Biblioteca do Congresso. O sr. Taylor sabia a altura de cada cúpula, as dimensões de cada salão, as origens geográficas dos mármores de todos os pisos, o nome de todas as personagens retratadas e de todos os eventos comemorados em cada quadro ou mural encontrado em cada um dos prédios federais em que entramos. “O senhor é um espanto”, disse-lhe meu pai. “Um menino nascido numa cidadezinha em Indiana. O senhor devia aparecer no *Information Please*.”

Depois do almoço, seguimos para o sul ao longo do Potomac e entramos na Virgínia, para conhecer Mount Vernon. “Como todos sabem, Richmond, na Virgínia”, explicou o sr. Taylor, “foi a capital dos onze estados sulistas que romperam com a União pra formar os Estados Confederados da América. Muitas das grandes batalhas da Guerra da Secessão foram travadas na Virgínia. Acerca de trinta quilômetros a oeste fica o Parque Nacional de Manassas. No parque estão situados os dois campos de batalha em que os confederados derrotaram as forças da União perto do riacho Bull Run, primeiro sob o comando do general p. g. t. Beauregard e do general j. e. Johnston, em julho de 1861, e depois do general Robert E. Lee e do general Stonewall Jackson, em

agosto de 1862. O general Lee era o comandante do Exército da Virgínia, e o presidente da Confederação, que tinha a capital em Richmond, era Jefferson Davis, como vocês certamente se lembram das aulas de história. A sudoeste, a duzentos quilômetros daqui, fica Appomattox, na Virgínia. Vocês sabem o que aconteceu no fórum de lá em abril de 1865 — 9 de abril, para ser exato. O general Lee rendeu-se ao general U. S. Grant, pondo fim à Guerra da Secessão. E todos vocês sabem o que aconteceu com Lincoln seis dias depois: foi assassinado.”

“Aqueles cachorros”, comentou meu pai outra vez.

“Pois lá está ela”, disse o sr. Taylor no momento em que a casa de Washington apareceu a nossa frente.

“Ah, é tão bonita”, exclamou minha mãe. “Vejam só a varanda. Aqueles janelões. Crianças, isso não é uma réplica — é a casa de verdade de George Washington.”

“E da esposa dele, Martha”, acrescentou o sr. Taylor, “e dos dois enteados do general, que ele adorava.”

“É mesmo?”, indagou minha mãe. “Eu não sabia disso. Meu filho menor tem um selo de Martha Washington”, disse ela. “Mostre o selo pro senhor Taylor”, e imediatamente encontrei o selo de um centavo e meio, o marrom, de 1938, com a efígie da mulher do primeiro presidente de perfil, o cabelo coberto com algo que, segundo minha mãe explicou quando comprei o selo, estava entre uma touca e uma rede de cabelo.

“É, é ela mesmo”, concordou o sr. Taylor. “Ela aparece também, como certamente você sabe, num selo de quatro centavos de 1923 e num de oito centavos de 1902. E esse selo de 1902, senhora Roth, é o primeiro em que aparece uma mulher americana.”

“Sabia disso?”, minha mãe me perguntou.

“Sabia”, respondi, e para mim todas as complicações causadas pela nossa condição de judeus na Washington de Lindbergh simplesmente desapareceram, e comecei a me sentir tal como na escola, quando, no início de alguma cerimônia, todo mundo ficava em pé e cantava o Hino Nacional com muita emoção.

“Ela foi uma ótima companheira para o general Washington”, contou-nos o sr. Taylor. “Seu nome de solteira era Martha Dandridge, viúva do coronel Daniel Parke Custis. Os dois filhos se chamavam Patsy e John Parke Custis. Quando se casou com Washington, Martha tinha uma das maiores fortunas da Virgínia.”

“É o que eu sempre digo pros meus filhos”, comentou meu pai, rindo pela primeira vez naquele dia. “Na hora de casar, façam como o presidente Washington. É tão fácil amar mulher rica quanto amar mulher pobre.”

A visita a Mount Vernon foi o momento mais alegre de toda aquela viagem, talvez por causa da beleza do lugar, dos jardins, das árvores e da casa, realçada por situar-se numa elevação com vista para o Potomac; talvez por acharmos tão diferentes os móveis, a decoração, o papel de parede — o sr. Taylor sabia um milhão de coisas a respeito daquele papel de parede; talvez por termos a oportunidade de ver de uma distância de poucos metros a cama de baldaquino em que Washington dormia, a escrivaninha em que trabalhava, as espadas que portava, os livros que possuía e lia; ou talvez só por estarmos a vinte e cinco quilômetros de Washington, onde o espírito de Lindbergh pairava sobre tudo.

Mount Vernon ficava aberta até as quatro e meia, e assim tivemos bastante tempo para ver todos os cômodos e todos os prédios anexos, para perambular pelos jardins e depois visitar a loja de suvenires, onde não resisti à tentação de comprar um abridor de cartas que era uma réplica em estanho, com dez centímetros de comprimento, de um mosquete com baioneta da época da Revolução Americana. Comprei-o com doze dos quinze centavos que estava economizando para nossa visita, no dia seguinte, à Agência de Gravura e Impressão, enquanto Sandy, prudente, adquiriu com suas economias um livro ilustrado que contava a vida de Washington, cujas ilustrações ele poderia utilizar para fazer mais retratos que acrescentaria à série patriótica guardada na pasta debaixo da cama.

O dia já terminava e estávamos indo à lanchonete para beber alguma coisa quando um avião voando a baixa altitude veio se aproximando de nós nuidosamente. À medida que o estrodo ficava mais alto, as pessoas começavam a gritar: “É o presidente! É o Lindy!”. Homens, mulheres e crianças saíram correndo para o amplo gramado à frente da casa e começaram a acenar para o avião, o qual, ao cruzar o Potomac, inclinou as asas. “Viva!”, gritavam as pessoas. “Viva Lindy!” Era o mesmo caça Lockheed que tínhamos visto sobrevoando a cidade na tarde anterior, e não havia outra coisa a fazer senão nos juntar aos outros e ficamos, como bons patriotas, vendo o avião fazer a curva e sobrevoar mais uma vez a casa de George Washington antes de mudar de rumo e seguir o curso do Potomac para o norte.

“Não era ele — era ela!” Alguém que dizia ter conseguido enxergar o interior da cabine espalhara o boato de que o piloto do Interceptor era a esposa do presidente. E talvez fosse verdade. Lindbergh a havia ensinado a pilotar quando ainda eram noivos, e muitas vezes ela o acompanhava em seus vôos; assim, as pessoas começaram a dizer aos filhos que tinham acabado de ver Anne Morrow Lindbergh sobrevoar Mount Vernon, um acontecimento histórico de que eles jamais se esqueceriam. A essa altura, a audácia de Anne, que lhe permitia pilotar uma das aeronaves mais avançadas do país, bem como suas maneiras irrepreensíveis de moça bem-criada da classe dominante e seus dotes literários — havia publicado dois livros de poesia — já a tinham tomado a mulher mais admirada dos Estados Unidos, segundo as pesquisas de opinião.

E foi assim que nosso passeio perfeito foi estragado — não tanto por ter o avião do presidente sobrevoado o lugar onde estávamos, pilotado por ele ou por sua mulher, dois dias seguidos, mas por aquela pineta, para usar o termo de meu pai, ter inspirado o mesmo sentimento em todos, menos em nós. “Sabíamos que as coisas iam mal”, meu pai disse aos amigos para quem telefonou assim que voltamos para casa, “mas não tão mal assim. Só vocês vendo. Eles vivem um sonho, e a gente um pesadelo.”

Foi a frase mais eloqüente que jamais ouvi dizer, uma frase, talvez, bem mais precisa do que qualquer verso escrito pela mulher de Lindbergh.

O sr. Taylor nos levou de volta ao Evergreen para que pudéssemos tomar banho e descansar, e pontualmente às cinco e quarenta e cinco voltou para nos levar à lanchonete barata que ficava perto da estação ferroviária; depois nos encontraríamos, disse ele, para fazermos o passeio noturno de Washington que não tínhamos feito na véspera.

“Por que o senhor não vem conosco hoje?”, perguntou-lhe meu pai. “O senhor deve estar cansado de comer sozinho o tempo todo.”

“Não quero invadir sua privacidade, senhor Roth.”

“Olha, o senhor é um guia excelente, e vai ser um prazer para nós. É nosso convidado.”

A lanchonete ficava ainda mais cheia à noite do que de dia; todas as cadeiras estavam ocupadas e havia fregueses esperando em fila a hora de serem servidos por três homens com aventais e chapéus brancos, que trabalhavam num ritmo tão acelerado que não tinham tempo nem de enxugar o suor do rosto. À mesa, minha mãe sentiu-se tranqüilizada em reassumir suas tarefas matemáticas habituais — “Meu amor, tente não chegar com a boca perto do prato quando for dar uma garfada” —, e o fato de que o sr. Taylor estava sentado ao nosso lado como um parente ou amigo da família, embora não fosse uma aventura tão insólita quanto semos expulsos do Douglas Hotel, era ao menos uma oportunidade de ver como comia uma pessoa criada em Indiana. Meu pai era o único de nós que prestava atenção aos outros fregueses, todos rindo, fumando e atacando o afrancesado prato do dia — carne assada *au jus* e torta de peçã *la mode* —, enquanto dedilhava no copo d’água, aparentemente tentando compreender como era possível que outras pessoas tivessem problemas tão diferentes dos dele.

Quando finalmente manifestou seus pensamentos — algo que continuava a ser mais importante para ele do que comer —, não se dirigiu a nenhum de nós, e sim ao sr. Taylor, que naquele exato momento começava a comer o pedaço de torta de queijo que havia escolhido como sobremesa. “Nós somos judeus, senhor Taylor. O senhor já deve saber disso agora, se não sabia antes, porque foi por isso que fomos expulsos ontem. Ficamos muito chocados”, disse ele. “É difícil a gente se recuperar de uma coisa dessas. É chocante, mesmo que algo assim pudesse ter acontecido se o presidente não fosse esse homem, mas o fato é que ele é o presidente e não é amigo dos judeus. É amigo de Adolf Hitler.”

“Herman”, cochichou minha mãe, “você vai assustar o caçulinha.”

“O pequemucho já sabe de tudo”, disse ele e voltou a se dirigir ao sr. Taylor. “O senhor já ouviu o programa do Winchell? Vou citar o que o Walter Winchell disse outro dia: ‘Terão eles feito algum outro acordo diplomático, falado sobre outros assuntos, concordado sobre outras coisas? Terão chegado a um acordo a respeito dos judeus americanos — e, nesse caso, que acordo?’. Pro senhor ver como o Winchell é peitudo. Teve a coragem de dizer isso pra todo o país.”

Para nossa surpresa, uma pessoa havia se aproximado tanto de nossa mesa que estava quase debruçada sobre ela — um homem já velho, pesado, bigodudo, com um guardanapo de papel branco enfiado no cinto, que parecia dominado pela necessidade de dizer o que tinha a dizer. Estava sentado numa mesa próxima da nossa, e as pessoas que o acompanhavam estavam todas inclinadas em nossa direção, ansiosas para ver o que ia acontecer.

“Ei, o que é isso, meu chapa?”, exclamou meu pai. “Chega um pouco pra trás, está bem?”

“O Winchell é um judeu”, disse o homem, “que recebe dinheiro do governo britânico.”

O que aconteceu foi que as mãos de meu pai elevaram-se da mesa com violência, como se ele tivesse a intenção de cravar a faca e o garfo direto no barrigão no desconhecido, que mais parecia a barriga de um ganso cevado. Não era preciso mais nada para deixar clara sua repulsa, e no entanto o bigodudo permaneceu imóvel. O bigode não era um quadradinho escuro cortado bem rente, como o de Hitler, e sim algo menos oficial, mais estilizado, um bigode branco e substancial de leão-marinho, como o exibido pelo presidente Taft no selo vermelho-claro de cinqüenta centavos



de 1938.

“Um judeu falastrão com poder demais.”, foi dizendo o desconhecido.

“Chega!”, exclamou o sr. Taylor, que se pôs de pé de repente e colocou-se, pequenino como era, entre o homenzarrão que pairava sobre nós e meu pai indignado, o qual permanecia imobilizado diante daquele volume ridículo.

Judeu falastrão. E, pela segunda vez, em menos de quarenta e oito horas.

Dois dos homens de avental que estavam servindo haviam se aproximado correndo, segurando o agressor, um de cada lado. “Isto aqui não é nenhum bar de esquina, não”, disse um deles, “ouviu, meu amigo?” Eles o obrigaram a voltar a sua mesa e a se sentar, e o que o havia repreendido aproximou-se de nós e disse: “Vocês podem encher a xícara de café quantas vezes quiserem. Os meninos podem pegar mais sorvete. Podem terminar o jantar com calma. Eu sou o proprietário, meu nome é Wilbur, e toda a sobremesa que vocês quiserem é por conta da casa. Vou pegar mais água gelada pra vocês”.

“Obrigado”, disse meu pai, falando como se fosse uma máquina, um efeito sinistro. “Obrigado”, repetiu. “Obrigado.”

“Herman, por favor”, sussurrou minha mãe, “vamos embora.”

“De modo algum. Não. Ainda não acabamos de comer.” Pigarreou e prosseguiu: “Vamos fazer nosso passeio noturno por Washington. Não vamos voltar ao hotel enquanto não fizemos nosso passeio noturno por Washington”.

Em outras palavras, teríamos que terminar aquela noite, e não fugir assustados. Para Sandy e para mim, isso queria dizer que podíamos comer mais uma boa quantidade de sorvete, levada à nossa mesa por um dos homens de avental.

Foram necessários alguns minutos para que a lanchonete se recuperasse e os ruídos de cadeiras rangendo e talheres e pratos se chocando voltassem a ser ouvidos, ainda que não no volume habitual.

“Quer mais café?”, meu pai perguntou a minha mãe. “Você ouviu o que o dono disse — ele quer que você encha a xícara outra vez.”

“Não”, mumurou ela, “não quero mais, não.”

“E o senhor, quer mais café?”, indagou ele ao sr. Taylor.

“Não, estou satisfeito.”

“Mas então”, disse meu pai ao sr. Taylor — num tom forçado, desanimado, porém se esforçando para empumar para longe todas as coisas terríveis que avançavam sobre nós. “O senhor trabalhava em quê antes de ser guia turístico? Ou o senhor sempre trabalhou nisso aqui em Washington?”

E então ouvimos mais uma vez o homem que se aproximara da nossa mesa dizer que, tal como Benedict Arnold,\* Walter Winchell havia se vendido aos ingleses. “Ah, mas não se preocupem”, comentava com os amigos, “os judeus vão aprender logo, logo.”

Naquele silêncio, não havia como não ouvir o que o homem dissera, especialmente por ele não ter feito a menor tentativa de baixar a voz. Metade dos fregueses nem sequer levantou a vista, preferindo fingir nada ter ouvido, mas alguns se viraram para olhar diretamente para os corpos estranhos.

Só uma vez eu vi, num *western*, uma cena em que uma multidão lambuzava um homem de piche e depois o cobria de penas, e pensei que era isso que ia acontecer conosco, imaginando que toda a nossa humilhação estava grudada em nossa pele como uma camada espessa de imundície, impossível de lavar.

Meu pai enudeceu por um momento, e mais uma vez precisou decidir se devia tentar controlar os acontecimentos ou entregar-se a eles. “Eu estava perguntando ao senhor Taylor”, disse ele a minha mãe, tomando a mão dela nas suas, “o que ele fazia antes de virar guia turístico.” Ele olhou para ela como se tentasse enfeitá-la, como se tentasse impedir que a vontade de minha mãe se libertasse da sua e ela agisse de modo autônomo.

“Eu sei”, disse ela, “eu ouvi.” E então, angustiada, os olhos mais uma vez enchendo-se de lágrimas, com esforço emperdigou-se na cadeira e dirigiu-se ao sr. Taylor: “É, conte pra nós, por favor”.

“Continuem tomando seu sorvete, meninos”, insistiu meu pai, passando a mão em nossos braços até que olhamos para ele, bem em seus olhos. “O sorvete está gostoso?”

“Está”, respondemos.

“Então continuem tomando com calma.” Somiu para nos fazer somir e em seguida dirigiu-se ao sr. Taylor: “O que era mesmo que o senhor fazia antes de ser guia?”.

“Eu era professor de faculdade, senhor Roth.”

“É mesmo?”, exclamou meu pai. “Estão ouvindo, meninos? Vocês estão jantando com um professor de faculdade.”

“Professor de história”, acrescentou o sr. Taylor, para ser exato.

“Eu devia ter imaginado”, reconheceu meu pai.

“Uma faculdade pequena, no noroeste de Indiana”, disse o sr. Taylor a nós quatro. “Quando reduziram o corpo docente à metade, em 32, fui dispensado.”

“E aí o que foi que o senhor fez?”, quis saber meu pai.

“O senhor pode imaginar, não é? Com o desemprego e as greves, fiz um pouco de tudo. Colhi hortelã no pântano. Trabalhei no abatedouro de Hammond. Trabalhei na fábrica de sabonete Cudahy, em Chicago. Trabalhei por um ano na fábrica de meias Real Silk, em Indianápolis. Trabalhei até em Logansport, no hospital psiquiátrico de lá, como serente; eu lidava com doentes mentais. A coisa estava feia mesmo, e acabei batendo aqui.”

“E como era o nome da faculdade onde o senhor lecionava?”, perguntou meu pai.

“Wabash.”

“Wabash? Ora”, disse meu pai, tranqüilizado pelo som daquela palavra, “todo mundo já ouviu falar nessa história.”

“Quatrocentos e vinte e seis alunos? Não sei se todo mundo já ouviu, não. O que todo mundo já ouviu é uma coisa que foi dita por um ilustre ex-aluno nosso, se bem que nem todo mundo sabe que ele estudou em Wabash. O que se sabe é que ele foi vice-presidente de 1912 a 1920. Vice-presidente por dois mandatos, Thomas Riley Marshall.”

“Claro”, disse meu pai. “O vice-presidente Marshall, governador democrata de Indiana. Foi vice de outro grande democrata, Woodrow Wilson. Um homem digno, o presidente Wilson. Foi o presidente Wilson”, prosseguiu ele, que após dois dias ouvindo as aulas do sr. Taylor agora sentia

necessidade de lecionar também, “quem teve a coragem de nomear Louis D. Brandeis para o Supremo Tribunal. Foi o primeiro judeu a chegar ao Supremo Tribunal. Sabiam disso, meninos?”

Sabíamos, sim — não era a primeira vez que ele nos dizia isso. Era só a primeira vez que ele nos dizia isso num tom de voz tonitruante numa lanchonete em Washington, D.C.

Pegando embalo, o sr. Taylor prosseguiu: “E o que o vice-presidente disse é famoso em todo o país até hoje. Um dia, no Senado Federal — quando ele estava presidindo uma sessão do Senado —, ele disse aos senadores: ‘O que esse país precisa mesmo é de um bom chanito de cinco centavos’”.

Meu pai riu — de fato, aquele comentário singelo havia conquistado o afeto de toda a sua geração, e até mesmo Sandy e eu já conhecíamos a frase, que ele havia repetido para nós. Assim, meu pai riu com vontade, e depois, para espanto não apenas de sua família mas provavelmente de todos os presentes, diante dos quais já havia elogiado Wilson por ter nomeado um judeu para o Supremo Tribunal, proclamou: “O que este país precisa agora é de um novo presidente”.

Não houve nenhuma comoção geral. Nada. E, por não ter entregado os pontos, estava quase garantido que meu pai havia ganhado o dia.

“Não existe um rio chamado Wabash?”, perguntou em seguida ao sr. Taylor.

“O afluente mais longo do rio Ohio. Atravessa todo o estado, numa extensão de setecentos e sessenta e cinco quilômetros, de leste a oeste.”

“Tem uma música, também”, lembrou meu pai, num tom quase enlevado.

“É verdade”, respondeu o sr. Taylor. “Uma música muito famosa. Talvez tão famosa quanto Yankee Doodle. Composta por Paul Dresser em 1897. ‘On the banks of the Wabash, far away.’”

“Isso mesmo!”, exclamou meu pai.

“Era a música favorita”, continuou o sr. Taylor, “dos nossos soldados na Guerra Hispano-Americana em 1898, e foi adotada como hino oficial do estado de Indiana em 1913. Quatro de março, para ser exato.”

“Isso, isso mesmo, eu conheço essa música”, disse-lhe meu pai.

“Acho que todo americano conhece”, concordou o sr. Taylor.

E de repente, em ritmo acelerado, meu pai começou a cantá-la, alto o bastante para que todos na lanchonete o ouvissem. “As velas tremeluzem entre os plátanos...”

“Muito bom!”, disse nosso guia, com admiração, “muito bom mesmo”, e, enfeitada pelos dotes de barítono de meu pai, aquela pequena enciclopédia ambulante tão séria finalmente sonou.

“Meu marido”, disse minha mãe, de olhos secos, “tem uma voz muito bonita.”

“Tem, sim”, concordou o sr. Taylor, e embora ninguém aplaudisse — com exceção de Wilbur, atrás do balcão —, nesse momento nos levantamos abruptamente para sair antes que nosso pequeno triunfo fosse estragado por um acesso de fúria do homem de bigode presidencial.

\*Traidora Revolução Americana. (N.T.)

Junho de 1941 — dezembro de 1941

Seguidores de cristãos

Em 22 de junho de 1941, o pacto teuto-soviético de não-agressão — assinado havia dois anos por Hitler e Stálin poucos dias antes da invasão e partilha da Polônia — foi rompido sem aviso prévio quando Hitler, já tendo tomado a Europa continental, ousou empreender a conquista do imenso território que se estendia da Polônia pela Ásia adentro até chegar ao Pacífico, através de um ataque em massa contra as tropas de Stálin ao leste. Naquela noite, o presidente Lindbergh falou da Casa Branca à nação sobre a colossal expansão da guerra promovida por Hitler, e surpreendeu até mesmo meu pai pela maneira franca como elogiou o *Führer*. “Com esse ato”, declarou o presidente, “Adolf Hitler se afirma como a maior defesa de que dispõe o mundo contra a disseminação do comunismo e de seus males. Não se está diminuindo o mérito do império do Japão. Os japoneses acham-se tão empenhados na modernização da China corrupta e feudal de Chiang Kai-shek quanto dedicados à tarefa de exterminar a minoria fanática de comunistas chineses, cujo objetivo é assumir o comando desse imenso país e, tal como os bolcheviques na Rússia, transformar a China numa colônia penal comunista. Mas é a Hitler que o mundo inteiro deve agradecer hoje pelo ataque à União Soviética. Se o Exército alemão tiver sucesso em sua luta contra o bolchevismo soviético — e tudo leva a crer que terá —, os Estados Unidos jamais precisarão enfrentar a ameaça de um Estado comunista voraz impondo seu sistema pernicioso ao resto do mundo. Só espero que os internacionalistas que ainda estão no Congresso Federal reconheçam que, se tivéssemos permitido que nossa nação fosse amastada para esta guerra mundial do lado de Grã-Bretanha e França, nossa grande democracia estaria agora aliada ao regime malévolo da União Soviética. É bem possível que o Exército alemão esteja lutando hoje numa guerra em que, não fosse ele, caberia aos soldados americanos lutar.”

Nossas tropas, no entanto, estavam em prontidão, e assim permaneceriam por um bom tempo, afirmou o presidente a seus concidadãos, por conta do serviço militar compulsório em tempo de paz estabelecido pelo Congresso a pedido do próprio Lindbergh — vinte e quatro meses de treinamento militar para jovens de dezoito anos, seguidos por oito anos na reserva em disponibilidade, o que contribuiria muitíssimo no sentido de atingir a meta dupla do presidente de “manter a nação fora de todas as guerras estrangeiras e manter todas as guerras estrangeiras fora da nação”. “Um destino independente para os Estados Unidos” — foi essa expressão que Lindbergh repetiu cerca de quinze vezes na sua fala presidencial no início do ano, e também no final do discurso que pronunciou na noite de 22 de junho. Quando pedi a meu pai que explicasse o que significavam aquelas palavras — absorto pelas manchetes e paralisado por tantos pensamentos angustiados, eu vivia me perguntando o que queria dizer isso ou aquilo —, ele franziu a testa e disse: “Quer dizer dar as costas aos amigos. Quer dizer fazer aliança com os inimigos deles. Sabe o que isso quer dizer, meu filho? É a destruição de tudo que este país representa”.

Sob os auspícios do programa Gente como a Gente — nas palavras da Agência de Absorção Americana, recém-criada por Lindbergh, “o programa de voluntários que leva jovens da cidade para conhecer as formas de vida tradicional do interior da pátria” —, meu irmão partiu no último dia de junho de 1941 para passar o verão como “aprendiz” de um plantador de fumo em Kentucky. Porque ele nunca havia saído de casa, e porque a família jamais vivera tempos de tamanha incerteza, e porque meu pai era radicalmente contrário à AAA, portanto que ela implicava a respeito de nossa cidadania — e também porque Alvin, que já estava engajado no Exército canadense, havia se transformado numa fonte constante de preocupação —, todos ficaram muito emocionados na despedida de Sandy. O que dera forças a Sandy para resistir à argumentação de nossos pais contra sua participação no Gente como a Gente — e o levava a se inscrever no programa — fora o apoio dado pela irmã mais moça de minha mãe, Evelyn, uma mulher muito ativa que era agora assistente executiva do rabino Lionel Bengelsdorf, o qual fora nomeado pelo novo governo para o cargo de primeiro-diretor do escritório da AAA no estado de Nova Jersey. O objetivo declarado da AAA era implementar programas “que estimulassem as minorias religiosas e nacionais dos Estados Unidos a se incorporarem mais integralmente à sociedade maior”, mas até a primavera de 1941 a única minoria em que a nova agência parecia estar interessada era a nossa. O programa Gente como a Gente pretendia retirar centenas de rapazes judeus entre doze e dezoito anos das cidades onde viviam e estudavam e levá-los para trabalhar por oito semanas em fazendas a centenas de quilômetros de suas casas, onde ficariam morando com as famílias dos fazendeiros. Cartazes que louvavam o novo programa de verão haviam sido afixados aos quadros de avisos tanto na escola elementar Chancellor quanto no colégio secundário Weequahic, bem próximo de casa, onde os alunos, tal como a população do bairro, eram quase todos judeus. Num dia de abril, um representante da AAA de Nova Jersey viera falar para os meninos com mais de doze anos a respeito da missão do programa, e naquela noite Sandy levou para a mesa do jantar um formulário a ser preenchido que exigia a assinatura de um dos pais.

“Você sabe qual é a verdadeira intenção desse programa?”, meu pai perguntou a Sandy. “Entende por que é que o Lindbergh quer separar garotos como você de suas famílias e mandar lá pra esse fim de mundo? Será que não entende o que está por trás disso tudo?”

“Mas não tem nada a ver com anti-semitismo, se é que o senhor está pensando. O senhor só pensa nisso, em mais nada. É apenas uma grande oportunidade.”

“Oportunidade pra quê?”

“Pra viver numa fazenda. Conhecer Kentucky. Desenhar todas as coisas que tem lá. Tratores. Celeiros. Animais. Vários tipos de animais.”

“Mas não estão mandando você pra um lugar tão longe pra você desenhar animais”, retrucou meu pai. “Você vai pra dar lavagem pros animais. Espalhar estrume. No final do dia vai estar tão cansado que mal vai conseguir ficar em pé, quanto mais desenhar.”

“E as suas mãos”, disse minha mãe. “Nas fazendas tem arame farpado. Tem máquinas com lâminas afiadas. Você pode machucar as mãos, e aí o que seria de você? Nunca mais ia poder desenhar. Eu pensei que você fosse fazer um curso na escola de artes neste verão. Que ia estudar desenho com o senhor Leonard.”

“Posso fazer isso depois — eu quero conhecer os Estados Unidos!”

No dia seguinte, tia Evelyn veio jantar conosco, convidada por minha mãe, na hora em que Sandy havia combinado fazer o dever de casa na casa de um colega; assim, ele não estaria presente para assistir à discussão que haveria de explodir entre tia Evelyn e meu pai a respeito do programa Gente como a Gente; e foi justamente o que aconteceu assim que ela entrou em casa e disse que cuidaria do pedido de Sandy logo que seu formulário chegasse ao escritório. “Não faça nenhum favorpranós”, disse meu pai, muito sério.

“Está me dizendo que não vai deixar ele ir?”

“E por que é que eu devia deixar? Por quê?”, perguntou ele.

“Não vejo por que não”, respondeu tia Evelyn. “A menos que você seja um desses judeus que têm medo até da própria sombra.”

A discordância entre os dois foi se tomando cada vez mais forte durante a refeição, meu pai insistindo que o programa Gente como a Gente era apenas o primeiro passo do plano de Lindbergh de separar os filhos judeus de seus pais, para enfraquecer a solidariedade da família judaica, e tia Evelyn dando a entender, de modo não muito delicado, que o maior medo de um judeu como seu cunhado era o de que seus filhos escapassem do destino de se tornar tão bitolados e medrosos quanto ele.

Alvin era a ovelha negra da família de meu pai; Evelyn, a dissidente da família de minha mãe. Era professora primária substituta da rede escolar de Newark, e anos antes fora uma das fundadoras do Sindicato dos Professores de Newark, uma organização de esquerda cujos membros — algumas centenas de professores, judeus na maioria — competiam com outra associação de classe, mais tradicional e apolítica, na negociação de contratos com o governo municipal. Em 1941, Evelyn tinha acabado de completar trinta anos, e até dois anos antes, quando minha avó materna morreu de infarto depois de passar dez anos sofrendo do coração, era Evelyn quem cuidava dela no minúsculo sobrado que mãe e filha dividiam na Dewey Street, não muito longe da escola da Hawthorne Avenue, onde Evelyn trabalhava como professora substituta. Nos dias em que nenhuma vizinha podia dar uma passada no apartamento para ver como estava nossa avó, minha mãe ia de ônibus à Dewey Street e cuidava dela até a hora em que Evelyn voltava do trabalho; e quando Evelyn ia ao teatro em Nova York com seus amigos intelectuais, nas noites de sábado, meu pai ia pegar nossa avó de carro para que ela passasse umas horas conosco, ou então minha mãe ia à Dewey Street para ficar com ela. Muitas vezes tia Evelyn não retomava de suas noitadas em Manhattan — mesmo tendo combinado estar de volta antes de meia-noite —, obrigando minha mãe a passar a noite separada do marido e dos filhos. Além disso, havia tardes em que Evelyn só voltava para casa horas depois do término das aulas, por causa de um antigo namoro intermitente com um professor substituto de North Newark, que, tal como Evelyn, era um sindicalista dedicado, e, ao contrário dela, casado, italiano e pai de três filhos.

Minha mãe sempre dizia que, se não tivesse ficado presa em casa tantos anos cuidando da mãe doente, Evelyn teria se casado logo após concluir o curso normal e jamais teria tido envolvimento “escandaloso” com colegas de trabalho casados. Apesar de seu nariz avantajado, tia Evelyn era considerada “vistosa”, e era verdade, tal como dizia minha mãe, que quando a pequenina Evelyn — uma morena cheia de vida com uma silhueta perfeita, ainda que diminuta, e olhos negros enormes, oblíquos como olhos de gato, com um batom camésmim que sempre

causava impacto — entrava numa sala todos se viravam para olhar, tanto homens como mulheres. O cabelo, a que o laquê emprestava um brilho metálico, era preso num coque; as sobranceiras eram pinçadas de modo radical, e ela ia para o trabalho com uma saia de cores vivas, sapatos de salto alto da mesma cor, um cinto branco largo e uma blusa diáfana em tom pastel. Meu pai achava aquelas roupas impróprias para uma professora, e o diretor de Hawthorne tinha a mesma opinião, mas minha mãe — que, com ou sem razão, sentia-se culpada por Evelyn ter sido obrigada a “sacrificar sua juventude” cuidando da mãe — era incapaz de censurar o jeito ousado da irmã, mesmo quando Evelyn abandonou o magistério, largou o sindicato e, aparentemente sem nenhum escrúpulo, rompeu com seu passado político para ir trabalhar com o rabino Bengelsdorf na AAA de Lindbergh.

Alguns meses se passaram até meus pais se darem conta de que tia Evelyn era amante do rabino e que se tomara sua amante quando o conhecera numa recepção ocorrida logo depois de ele haver discursado no Sindicato de Professores de Newark sobre o tema “Desenvolvimento de ideais americanos em sala de aula” — e só se deram conta disso porque, ao sair da AAA de Nova Jersey para assumir o cargo de diretor federal da sede do órgão em Washington, Bengelsdorf anunciou aos jomais de Newark que, aos sessenta e três anos de idade, estava noivo de sua impetuosa assistente, de trinta e um anos.

Quando fugiu para lutar contra Hitler, Alvin imaginou que a maneira mais rápida de participar do combate seria embarcar num dos destróieres canadenses que protegiam os navios da Marinha mercante que enviavam mantimentos para a Grã-Bretanha. Os jomais com frequência noticiavam casos de navios canadenses afundados por submarinos alemães no Atlântico Norte, às vezes bem perto do continente, nas águas costeiras piscoas da Terra Nova — o que era particularmente preocupante para os britânicos porque o Canadá havia se tomado praticamente sua única fonte de armas, alimentos, remédios e maquinaria desde que o governo Lindbergh demudara a legislação, aprovada pelo Congresso durante o governo Roosevelt, que garantia a ajuda à Grã-Bretanha. Em Montreal, Alvin conheceu um jovem refugiado americano que lhe disse que a Marinha estava por fora — quem estava realmente fazendo as coisas acontecerem eram as unidades de assalto canadenses, que realizavam ataques noturnos nos territórios europeus controlados pelos nazistas, sabotavam serviços públicos de importância vital para os alemães, explodiam arsenais de munições e, juntamente com as tropas de assalto britânicas e os movimentos de resistência clandestinos europeus, destruíam instalações portuárias e estaleiros ao longo de toda a costa da Europa ocidental. Quando esse rapaz contou a Alvin que as unidades de assalto aprendiam várias maneiras diferentes de matar um homem, Alvin abandonou seu plano original e resolveu entrar para uma dessas unidades. Tal como as outras Forças Armadas canadenses, as unidades de assalto tinham muito interesse em aceitar cidadãos americanos qualificados, e assim, após dezesseis semanas de treinamento, Alvin entrou para uma unidade ativa e foi enviado a uma área secreta de concentração de tropas nas ilhas britânicas. E foi só então que recebemos uma mensagem dele, uma carta com apenas quatro palavras: “Fui lutar. Até breve”.

Dias depois de Sandy haver embarcado sozinho no trem noturno que o levaria a Kentucky,

meus pais receberam uma segunda carta, enviada não por Alvin e sim pelo Departamento da Guerra em Ottawa, avisando o parente mais próximo de Alvin que seu sobrinho havia sido ferido em combate e convalescia num hospital em Dorset, na Inglaterra. Naquela noite, depois que os pratos do jantar foram lavados, minha mãe sentou-se à mesa da cozinha com uma caneta-tinteiro e a caixa de papel de carta com monograma, material utilizado apenas em ocasiões importantes. Meu pai sentou-se do outro lado da mesa, e eu me coloquei atrás de minha mãe, olhando por cima de seu ombro, vendo sua letra cursiva cobrir o papel de modo uniforme, graças ao método de caligrafia que ela aprendera no tempo em que trabalhou como secretária e que havia ensinado a Sandy e a mim quando éramos pequenos — o anular e o mindinho davam apoio à mão, e o indicador ficava mais perto da pena que o polegar. Ela pronunciava cada frase em voz alta antes de escrevê-la, para que meu pai fizesse alguma modificação ou acréscimo, se julgasse necessário.

Querido Alvin:

Hoje de manhã recebemos uma carta do governo canadense dizendo que você foi ferido em combate e está num hospital na Inglaterra. Não havia nenhum detalhe específico na carta, apenas o endereço para o qual deveríamos escrever.

No momento estamos à mesa da cozinha, o tio Herman, Philip e a tia Bess. Todos nós queremos saber de modo detalhado como você está. Sandy viajou e só volta no final do verão, mas vamos escrever para ele dando notícias suas imediatamente.

Há alguma possibilidade de que você seja mandado de volta para o Canadá? Se houver, vamos até lá de carro para visitá-lo. Enquanto isso, mandamos abraços e esperamos que você nos escreva da Inglaterra. Por favor, escreva ou peça a alguém para escrever por você. Faremos qualquer coisa que você quiser.

Você é muito querido, e temos muitas saudades suas.

Nós três assinamos a mensagem. Só recebemos resposta quase um mês depois.

Caros sr. e sra. Roth:

O cabo Alvin Roth recebeu a sua carta de 5 de julho. Sou a enfermeira-chefe de sua unidade, e li a carta para ele várias vezes, até ter certeza de que ele sabia quem a tinha enviado e entendia o teor da mensagem.

No momento, o cabo Roth não está comunicativo. Ele perdeu parte da perna esquerda, abaixo do joelho, e sofreu um ferimento grave no pé direito. O pé está sarando, e essa ferida não deve deixar nenhuma seqüela. Quando sua perna esquerda estiver pronta, ele receberá uma prótese e aprenderá a andar com ela.

O cabo Roth está passando por um momento muito difícil, mas garanto-lhes que com o tempo ele poderá retomar sua vida civil sem maiores problemas físicos. Este hospital atende apenas a casos de amputação e queimadura. Já vi muitos homens passarem pelas mesmas dificuldades psicológicas que o cabo Roth está vivendo no momento, mas na maioria eles se recuperaram, e tenho muita convicção de que o cabo Roth também conseguirá se recuperar.

Atenciosamente,



Uma vez por semana, Sandy escrevia dizendo que estava bem, falando sobre o calor que fazia em Kentucky e concluindo com uma frase a respeito da vida na fazenda — por exemplo: “Tivemos uma safra enorme de amoras-pretas”, “As moscas estão enlouquecendo os bezerros”, “Hoje estão colhendo a alfafa” ou então “Começou a capação”, fosse lá o que isso significava. Em seguida, abaixo da assinatura — e talvez para provar a seu pai que ainda tinha energia bastante para desenhar mesmo depois de passar o dia inteiro trabalhando na fazenda —, esboçava um porco (“Esse porco pesa mais de cento e cinquenta quilos!”), ou um cachorro (“Suzie, a cadela do Orin — a especialidade dela é assustar cobras”), ou um carneiro (“O sr. Mawhinney levou trinta carneiros para o mercado ontem”) ou um celeiro (“Acabaram de passar creosoto nele. Que cheiro!”). Normalmente o desenho ocupava muito mais espaço do que o texto, e minha mãe ficava decepcionada ao ver que as perguntas que ela fazia em suas cartas semanais — se ele precisava de roupas, remédios ou dinheiro — quase nunca eram respondidas. É claro que eu sabia que minha mãe era igualmente dedicada aos dois filhos, mas foi só depois que Sandy partiu para Kentucky que percebi o quanto ele era importante para ela como um indivíduo distinto de seu irmãozinho. Embora minha mãe não fosse ficar deprimida por passar oito semanas separada de um filho que já tinha treze anos, mesmo assim, durante todo o verão, percebi sinais de tristeza em certos gestos e expressões faciais seus, principalmente à mesa da cozinha, quando a quarta cadeira permanecia vazia noite após noite.

Tia Evelyn nos acompanhou à Pennsylvania Station para ir buscar Sandy quando ele chegou de viagem, num sábado no final de agosto. Ela era a última pessoa que meu pai gostaria que viesse conosco, mas tal como acabou permitindo, contra suas inclinações pessoais, que Sandy se inscrevesse no programa Gente como a Gente e fosse trabalhar em Kentucky durante o verão, deixou que a cunhada exercesse sua influência sobre o filho dele, para não tomar ainda mais difícil uma situação que implicava, a longo prazo, perigos ainda não muito bem definidos.

Na estação, tia Evelyn foi a primeira a reconhecer Sandy tão logo ele saltou do trem, cerca de cinco quilos mais pesado do que estava ao partir, o cabelo castanho alourado pelo sol que ele pegara trabalhando no campo. Além disso, tinha crescido três ou quatro centímetros, e as bainhas das calças estavam bem acima dos sapatos; assim, a impressão geral que tive de meu irmão foi a de que ele estava disfarçado.

“Ó fazendeiro!”, chamou tia Evelyn, “aqui!” E Sandy veio caminhando em nossa direção, com passo amastado, balançando as malas que carregava e exibindo um jeito de andar diferente, de quem vivia ao ar livre, que combinava com seu novo físico.

“Seja bem-vindo, desconhecido”, disse minha mãe, e com uma expressão de menina no rosto abraçou-lhe o pescoço, muito alegre; as palavras que susmurrou em seu ouvido (“Nunca vi um rapaz tão bonito!”) o levaram a se queixar: “Ah, mãe, pára com isso!”. Naturalmente, o comentário teve o efeito de fazer toda a família cair na gargalhada. Todos nós o abraçamos; parado ao lado do trem em que viajara mil e duzentos quilômetros, Sandy fez muque para que eu apalpassse seu bíceps. No carro, quando começou a responder a nossas perguntas, percebemos que sua voz estava mais grave, e pela primeira vez ouvimos seu sotaque nasalado de caipira.

Tia Evelyn estava triunfante. Sandy falava sobre sua última tarefa na fazenda — fora com Orin, um dos filhos dos Mawhinney, catar as folhas de fumo que caíam durante a colheita. Normalmente eram as folhas mais baixas da planta, explicou Sandy; e era com elas que se fazia o fumo de melhor qualidade, o que obtinha o melhor preço no mercado. Mas os homens que colhem fumo numa plantação de dez hectares não podem se dar ao trabalho de catar as folhas caídas no chão, disse Sandy, pois precisam cortar cerca de três mil varais por dia para conseguir pôr tudo no estaleiro em duas semanas. “Espere aí, espere aí — o que é varal, meu amor?”, perguntou tia Evelyn, e ele fez questão de lhe dar a resposta mais extensa possível. E o que é estaleiro?, perguntou ela. O que é capar, o que é desbrotar, o que é deslarvar? Quanto mais perguntas tia Evelyn fazia, mais seguro de si Sandy se tomava; assim, quando chegamos à Summit Avenue e o carro entrou no beco, ele continuava falando sobre o cultivo de fumo como se imaginasse que todos nós estivéssemos dispostos a ir direto até o quintal dos fundos para preparar o pedacinho de terra cheio de capim que havia ao lado das latas de lixo, para que em breve Newark tivesse sua primeira safra de *burley* branco. “É o *burley* adoçado dos Lucky Strikes”, ele nos informou, “que dá aquele gostinho”; enquanto isso, eu estava ansioso para apalpar seu bíceps outra vez, o que para mim era uma coisa tão extraordinária quanto seu sotaque regional, se era mesmo isso — aquela combinação de erres amastados, vogais espichadas e nasaladas, fosse o que fosse, nada tinha a ver com o inglês que falávamos em Nova Jersey.

Tia Evelyn estava triunfante, mas meu pai parecia encumalado; quase não falava e, à mesa do jantar, ficou mais sombático do que nunca quando Sandy se pôs a proclamar as virtudes do sr. Mawhinney. Para começo de conversa, o sr. Mawhinney havia se formado na faculdade de agricultura da Universidade de Kentucky, enquanto meu pai, como a maioria das outras crianças nascidas nos cortiços de Newark antes da Grande Guerra, só havia concluído o ginásio. O sr. Mawhinney não possuía apenas uma fazenda, mas três — as duas menores estavam arrendadas —, e aquela terra pertencia à sua família quase desde os tempos de Daniel Boone; já meu pai não possuía nada de mais valioso que um carro de seis anos de idade. O sr. Mawhinney sabia selar cavalos, dirigir tratores, lidar com debulhadoras, utilizar semeadoras-adubadoras de tração mecânica, lavar um campo com uma junta de mulas ou de bois com a mesma facilidade; sabia praticar a alternância de culturas e dar ordens a empregados, brancos ou negros; sabia consertar ferramentas, afiar arados e cortadores, construir cercas, instalar arame farpado, criar galinhas, aplicar parasiticida em carneiros, descomiar gado, abater porcos, defumar toucinho, preparar presunto curado no açúcar — e além disso plantava as melancias mais doces e suculentas que Sandy jamais comera. Como cultivava fumo, milho e batata, o sr. Mawhinney conseguia se sustentar exclusivamente com o que tirava da terra, e no jantar de domingo (em que aquele fazendeiro de um metro e noventa e três de altura, que pesava cento e cinco quilos, consumia uma quantidade de frango frito com molho cremoso maior do que a de todas as pessoas juntas à mesa) comia apenas alimentos que ele próprio havia produzido em sua fazenda; já meu pai só sabia vender apólices de seguro. Não era nem preciso dizer que o sr. Mawhinney era cristão, pertencia à maioria esmagadora que havia feito a Revolução Americana, fundado a nação, conquistado a natureza, subjugado os índios, escravizado os negros, emancipado os negros e segregado os negros, um dos milhões de cristãos bons, honestos e trabalhadores que haviam desbravado a fronteira, lavrado a terra,

construído as cidades, governado os estados, ocupado o Congresso e a Casa Branca, acumulado riquezas, se apropriado da terra, das usinas de aço, dos times de beisebol, das estradas de ferro e dos bancos, até mesmo da língua inglesa, um daqueles protestantes nórdicos e anglo-saxões acima de qualquer suspeita que desde sempre mandavam e para sempre mandariam no país — generais, dignitários, magnatas, os homens que faziam as leis, davam as ordens e viravam a mesa quando bem entendiam — enquanto meu pai, claro, era apenas um judeu.

Sandy foi informado do que ocorrera com Alvin logo depois que tia Evelyn foi embora. Meu pai estava à mesa da cozinha trabalhando em seus livros de contabilidade, preparando-se para fazer suas cobranças noturnas, e minha mãe estava no porão com Sandy examinando as roupas que ele trouxera de Kentucky, decidindo quais seriam consertadas e quais seriam jogadas fora antes de pôr o resto no tanque de lavar roupa. Minha mãe sempre fazia na mesma hora o que tinha de ser feito, e estava decidida a cuidar das roupas sujas do filho antes de se deitar. Eu estava lá embaixo com eles, pois não conseguia desgrudar de meu irmão. Ele sempre soubera tudo que eu não sabia, e agora tinha voltado de Kentucky sabendo ainda mais.

“Preciso lhe falar sobre o Alvin”, disse minha mãe. “Eu não quis escrever porque... bom, não quis assustar você, meu amor.” Então, tendo se concentrado para ter certeza de que não ia chorar, disse em voz baixa: “O Alvin está ferido. Foi levado pra um hospital na Inglaterra. Está se recuperando dos ferimentos”.

Atônito, Sandy perguntou: “Quem foi que feriu ele?”, como se se tratasse de alguma coisa ocorrida em nosso bairro e não na Europa ocupada pelos nazistas, onde havia gente sendo ferida, estropiada e morta o tempo todo.

“Não sabemos os detalhes”, disse minha mãe. “Mas não foi um ferimento superficial. Tenho que lhe dizer uma coisa muito triste, Sanford.” E, embora se esforçasse para manter a coragem, sua voz começou a fraquejar quando disse: “O Alvin perdeu uma pema”.

“Uma pema?” Há poucas palavras menos complexas do que “pema”, mas ele levou algum tempo para compreendê-la.

“Foi. De acordo com uma carta que uma das enfermeiras mandou para nós, foi a pema esquerda, abaixo do joelho.” Como se esta informação pudesse de algum modo servir de consolo ao filho, acrescentou: “Se você quiser ler, a carta está lá em cima”.

“Mas... como é que ele vai andar?”

“Ele vai ganhar uma pema artificial.”

“Mas não entendo quem foi que feriu ele. Como foi que ele se feriu?”

“Ora, eles estavam lá lutando contra os alemães”, disse ela, “então deve ter sido um deles.”

Ainda se esquivando da consciência daquilo que aos poucos ia se tornando claro, Sandy perguntou: “Qual pema?”

Com o máximo de doçura que era capaz, minha mãe repetiu: “A esquerda”.

“A pema inteira? Toda ela?”

“Não, não, não”, ela apressou-se a tranquilizá-lo. “Eu já disse, meu amor — abaixo do joelho.”

De repente Sandy começou a chorar, e porque ele estava muito maior agora, nos ombros, no peito, nos pulsos, do que poucos meses antes, porque seus braços estavam musculosos como braços de homem e não finos como os de uma criança, fiquei tão estupefato ao ver as lágrimas escorrendo por seu rosto queimado de sol que também comeci a chorar.

“Meu amor, é tenível”, disse minha mãe. “Mas Alvin não morreu. Ele ainda está vivo, e pelo menos está fora da guerra.”

“O quê?”, explodiu Sandy. “A senhora ouviu o que acabou de me dizer?”

“O que é que você quer dizer?”, indagou ela.

“A senhora não ouviu o que a senhora mesma disse? Ele está fora da guerra.”

“E está mesmo. Isso é garantido. E por isso ele pode voltar pra casa antes que aconteça alguma coisa pior.”

“Mas por que foi que ele se meteu nessa guerra, mãe?”

“Por causa...”

“Por causa do papai!”, gritou Sandy.

“Meu amor, não, isso não é verdade”, e cobriu a boca com a mão, como se ela tivesse pronunciado aquelas palavras imperdoáveis. “Isso não é verdade”, repetiu. “O Alvin foi pro Canadá sem nos avisar. Ele fugiu naquela noite de sexta-feira. Você lembra como foi tenível. Ninguém queria que o Alvin fosse pra guerra — ele é que resolveu ir, coisa da cabeça dele.”

“Mas o papai quer que o país inteiro entre na guerra. É ou não é? Não foi por isso que ele votou no Roosevelt?”

“Fale mais baixo, por favor.”

“Primeiro a senhora diz que graças a Deus que o Alvin não está mais na guerra...”

“Fala *baixo!*” E a tensão do dia agora a dominava de tal modo que ela perdeu as estribelas e falou ríspidamente para o filho de quem sentira tanta saudade durante todo o verão: “Você não sabe o que está dizendo!”

“Mas a senhora não ouve!”, ele gritou. “Se não fosse o presidente Lindbergh...”

Aquele nome de novo! Eu preferia ouvir uma bomba explodir a mais uma vez escutar aquele nome que nos atomentava a todos.

Nesse exato instante meu pai apareceu no patamar mal iluminado da escada que dava no porão. De onde estávamos, junto ao tanque de lavar roupa, só era possível ver as calças e os sapatos dele, o que provavelmente foi até bom.

“Ele está transtornado por causa do Alvin”, disse minha mãe, olhando para cima, explicando o porquê daquela gritaria. “Eu fiz uma bobagem.” Olhando para Sandy, disse: “Não devia ter lhe contado hoje. Não é fácil para um menino chegar em casa depois da experiência importante que você teve... nunca é fácil ir de um lugar para outro... e além disso você deve estar tão cansado...”, e então, impotente, entregando-se a sua própria exaustão, completou: “Vocês dois, agora mesmo, vão lá pra cima pra eu poder lavar as roupas”.

E assim, ao nos virarmos para subir a escada, constatamos que, por sorte, meu pai já havia desaparecido. Estava no carro, saindo para fazer suas cobranças.

Na cama, uma hora depois, todas as luzes da casa estão apagadas. Nós dois cochichamos.

Foi bom mesmo lá?

Muito bom.

Por que é que foi tão bom?

Avida na fazenda é uma delícia. Agente acorda cedinho, passa o dia inteiro fora de casa, e tem uma porção de animais. Eu fiz um monte de desenho de animal, vou te mostrar meus desenhos. E agente tomava sorvete toda noite. É a senhora Mawhinney quem faz. Lá tem leite fresco.

Leite é sempre fresco.

Não, lá era leite tirado direto da vaca. Ainda quentinho. Agente botava no fogo, fervia, tirava a nata e bebia.

Não faz mal, não?

Por isso é que agente ferve.

Mas você não bebe direto da vaca.

Eu provei uma vez, mas o gosto não é muito bom, não. É muito grosso.

Você tirou leite da vaca?

O Orin me mostrou como faz. É difícil. O Orin pegava e esguichava o leite, e os gatos vinham se chegando, tentavam pegar o leite.

Você tinha amigos?

O Orin é o meu melhor amigo.

Orin Mawhinney?

É. Ele tem a minha idade. Estuda numa escola de lá. O Orin trabalha na fazenda. Acorda às quatro da manhã. Faz um monte de coisa. Não é como a vida da gente, não. Ele pega um ônibus pra ir pra escola. É uma viagem de uns quarenta e cinco minutos, ele volta no final da tarde, aí trabalha mais um pouco, aí faz o dever de casa, aí vai pra cama. No dia seguinte ele acorda às quatro da manhã. Não é fácil ser filho de fazendeiro, não.

Mas eles são ricos, não são?

São bem ricos.

Por que é que você está falando assim agora?

Ué, o que é que tem? É assim que as pessoas falam lá em Kentucky. Queria que você ouvisse a senhora Mawhinney falando. Ela é da Geórgia. Ela faz panqueca todo dia pro café-da-manhã. Com *bacon*. O senhor Mawhinney é que defuma o toucinho. No defumadouro. Ele sabe fazer isso.

Você comia *bacon* todo dia?

Todo dia. É uma delícia. E no domingo quando a gente acordava a gente comia panqueca com *bacon* e ovos. Ovos das galinhas de lá mesmo. Eles são quase venmelhos no meio, de tão frescos. Agente vai e pega eles lá no galinheiro e traz pra cozinha e come.

Você comia presunto?

Agente comia presunto no jantar umas duas vezes por semana. É o senhor Mawhinney que faz o presunto. Tem uma receita especial da família dele. Ele diz que se o presunto não fica pendurado envelhecendo por um ano, ele nem come.

Você comia salsicha?

Comia. É ele que faz as salsichas também. Eles moem num moedor especial. Às vezes a gente comia salsicha em vez de *bacon*. É gostoso. E costeleta de porco também é gostoso. É uma delícia. Eu não entendo porque é que a gente não come.

Porque é porco.

E daí? Por que é que você acha que os fazendeiros criam porco? Não é pras pessoas ficarem olhando pra eles. É como qualquer outra coisa que a gente come. E é muito gostoso.

Você vai continuar comendo porco?

Claro.

Mas lá fazia muito calor, não é?

De dia. Mas a gente voltava pra casa na hora do almoço, e comia sanduíche de tomate com maionese. Com limonada. Muita limonada. A gente dava uma descansada e depois voltava pra campo e fazia o que tinha que fazer. Às vezes a gente passava a tarde inteira arrancando erva daninha do milharal. Ou da plantação de fumo. A gente tinha uma horta, eu e o Orin, e tinha que arrancar as ervas de lá também. A gente trabalhava junto com os empregados, e tinha uns que eram pretos, diaristas. E tem um preto, o Randolph, que é arrendatário, e ele começou como diarista. É um fazendeiro de primeira, diz o senhor Mawhinney.

Você entende os negros falando?

Claro.

Você sabe imitar?

Eles falam *bacca* em vez de *tobacco*. Dizem “*I ’clare*” o tempo todo. Mas eles não são de falar muito, não. O que eles mais fazem é trabalhar. Quando é época de abater os porcos, o senhor Mawhinney chama o Clete e o velho Henry para estripar os porcos. Eles são pretos, são irmãos, e levam os intestinos dos porcos pra comer fritos.

Você comeu isso?

E eu tenho cara de preto? O senhor Mawhinney diz que os pretos estão começando a ir embora do interior porque eles acham que ganham mais dinheiro na cidade. Às vezes o velho Henry vai preso sábado à noite. Por causa de bebida. Ai o senhor Mawhinney paga a multa pra ele sair da cadeia porque precisa dele na segunda-feira.

Eles usam sapato?

Alguns. As crianças andam descalças. Os Mawhinney dão pra eles as roupas deles quando elas ficam velhas. Mas eles eram felizes.

Alguém fala alguma coisa sobre anti-semitismo?

Eles nem pensam nisso, Philip. Nunca tinham visto um judeu antes de mim. Eles que me disseram. Mas nunca falaram nada pra ofender. No Kentucky é assim. As pessoas de lá são muito simpáticas.

E então? Você gostou de voltar pra casa?

Mais ou menos. Sei lá.

Você volta pra lá no ano que vem?

Claro.

E se a mamãe e o papai não deixarem você ir?

Eu vou assim mesmo.

Tudo levava a crer que, ao comer *bacon*, presunto, costeletas de porco e salsichas, Sandy desencadeara um processo de transformação em nossa família que não podia mais ser detido. O rabino Bengelsdorf vinha jantar em nossa casa. Trazido portia Evelyn.

“Por que nós?”, perguntou meu pai a minha mãe. O jantar havia terminado, Sandy estava na cama escrevendo para Orin Mawhinney e eu estava sozinho com eles na sala, curioso para ver como meu pai ia receber aquela notícia, agora que tudo a nossa volta estava mudando ao mesmo tempo.

“Ela é minha irmã”, disse minha mãe com um toque de agressividade, “ele é o patrão dela — eu não posso dizê-la a ela.”

“Eu posso”, retrucou meu pai.

“Você não vai fazer isso.”

“Então me explica mais uma vez por que é que a gente merece essa grande honra, hein? Um sujeito tão importante não tem mais o que fazer do que vir à nossa casa?”

“A Evelyn quer que ele conheça o seu filho.”

“Isso é ridículo. Sua irmã sempre foi ridícula. Meu filho está cursando a oitava série na escola da Chancellor Avenue. Ele passou o verão capinando. Isso tudo é ridículo.”

“Herman, eles vêm aqui na quinta-feira, e nós vamos recebê-los direito. Você pode odiar o rabino, mas ele não é nenhum zé-ninguém.”

“Eu sei disso”, respondeu meu pai, impaciente. “Aliás é por isso que eu odeio ele.”

Agora, quando meu pai andava pela casa, quase sempre tinha na mão um exemplar do *PM*, ora enrolado como um canudo que parecia uma arma — como se ele estivesse se preparando para ir à guerra se fosse convocado —, ora aberto na página de algum artigo que queria ler em voz alta para minha mãe. Naquela noite o que o deixava perplexo era a facilidade com que os alemães avançavam em território russo; agitando o jornal, possesso, exclamou de repente: “Mas por que é que esses russos não lutam? Eles têm aviões — por que é que não usam? Por que é que ninguém lá sabe brigar? O Hitler entra num país, cruza a fronteira, vai avançando sem mais nem menos, e pronto, o país é dele. A Inglaterra”, proclamou, “é o único país da Europa que está enfrentando esse cachorro. Ele joga bomba nas cidades inglesas todas as noites, e os ingleses revidam com a RAF. Graças a Deus que existe a RAF.”

“Quando é que o Hitler vai invadir a Inglaterra?”, perguntei. “Por que ele não invade a Inglaterra logo?”

“Faz parte do acordo que ele fez com o Lindbergh lá na Islândia. O Lindbergh quer ser o salvador da humanidade”, meu pai me explicou, “negociando a paz que vai terminar a guerra, e assim, depois que o Hitler tomar a Rússia, e tomar o Oriente Médio, e tudo mais que ele quiser tomar, o Lindbergh convoca uma conferência de paz de araque — só pra fazer tudo que os alemães querem. Os alemães vão participar, e o preço que se vai pagar pra haver paz no mundo e a Inglaterra não ser invadida vai ser um governo fascista na Inglaterra. Um primeiro-ministro fascista na Downing Street. E quando os ingleses disserem não, aí sim o Hitler vai invadir, tudo isso com a

aprovação do nosso presidente, o amigo da paz.”

“É isso que o Walter Winchell diz?”, perguntei, achando que aquela explicação era inteligente demais para ser idéia dele.

“Isso é o que *eu* digo”, retrucou meu pai, o que provavelmente era verdade. A pressão dos acontecimentos estava tendo o efeito de acelerar a educação de todo mundo, inclusive a minha. “Mas graças a Deus temos o Walter Winchell. Sem ele estaríamos roubados. É a única pessoa do rádio que ainda tem coragem de atacar esses cachorros. É uma vergonha. É pior que uma vergonha. Aos poucos, devagar e sempre, cada vez tem menos gente neste país que critica o Lindbergh por puxar o saco do Hitler.”

“E os democratas?”, indaguei.

“Meu filho, nem me fale nos democratas. Eu já estou muito imitado.”

Na quinta-feira, minha mãe me chamou para ajudá-la a pôr a mesa da sala de jantar, e depois me despachou para o quarto para que eu vestisse minhas melhores roupas. Tia Evelyn e o rabino Bengelsdorf haviam combinado de chegar às sete, quarenta e cinco minutos depois da hora em que costumávamos terminar de jantar na cozinha, mas o rabino não podia chegar antes das sete por ser um homem muito ocupado. Esse homem era precisamente o traidor que meu pai, normalmente tão respeitoso com os religiosos judaicos, acusara de fazer “um discurso idiota e mentiroso” em defesa de Lindbergh no Madison Square Garden, o “judeu hipócrita” que, segundo Alvin, havia garantido a derrota de Roosevelt “judeizando o Lindbergh para os góis”; assim, era surpreendente que nos preparássemos para recebê-lo com tamanha cerimônia para o jantar. Fui avisado de que não deveria usar as toalhas limpas que tinham sido colocadas no banheiro, nem chegar perto da poltrona do meu pai, que seria oferecida ao rabino antes do jantar.

De início, ficamos todos na sala de visitas, muito tesos em nossas cadeiras, enquanto meu pai oferecia ao rabino um uísque ou, se ele preferisse, um *schnaps*, mas Bengelsdorf não aceitou nem uma coisa nem outra, pedindo um copo de água da tomeira. “A água de Newark é a melhor do mundo para se beber”, disse o rabino, no tom de profunda consideração que caracterizava todas as suas falas. Educadamente, pegou o copo que minha mãe lhe ofereceu num descanso, embora eu ainda me lembrasse de que em outubro ela fugira do rádio para não ter que ouvir o rabino elogiando Lindbergh. “A senhora tem uma casa muito agradável”, disse ele. “Tudo no seu lugar, e muito bem colocado. Vê-se que, como eu, a senhora tem amor pela ordem. Observo que aprecia a cor verde.”

“Verde-garafa”, respondeu minha mãe, tentando sorrir e ser agradável, mas ainda falando com dificuldade e sem conseguir olhar diretamente para ele.

“A senhora deve se orgulhar muito de sua linda casa. É uma honra para mim estar aqui como convidado.”

O rabino era um homem bem alto, com um físico semelhante ao de Lindbergh, magro e calvo; usava um terno escuro com colete e sapatos negros reluzentes; por si só, sua postura ereta me dava a impressão de exprimir sua dedicação aos ideais mais elevados da humanidade. O sotaque sulista melífluo que eu ouvira no rádio me levava a imaginar um homem de aparência muito menos austera, porém apenas seus óculos eram intimidadores, em parte por serem óculos de lentes ovais, que pinçavam o nariz para ficar no lugar, dando-lhe um aspecto de conija, semelhantes aos



que Roosevelt utilizava, em parte porque o próprio fato de que o rabino os usava — e examinava seu interlocutor através daquelas lentes com um olhar microscópico — deixava claro que não se podia discordar dele. Quando falava, porém, seu tom de voz era simpático, cálido, até mesmo confidencial. Eu ficava esperando que a qualquer momento ele fosse começar a nos tratar com desprezo ou a nos dar ordens, mas ele apenas se limitava a falar com aquele sotaque (nem um pouco semelhante ao de Sandy), e com uma voz tão suave que às vezes era necessário prender a respiração para ouvir suas manifestações de erudição.

“E você deve ser o rapaz”, disse ele a Sandy, “que nos deixou tão orgulhosos.”

“Eu sou o Sandy”, respondeu meu irmão, vermelho como um pimentão. Achei que ele dera uma resposta brilhante a uma pergunta que outro menino de sucesso, tentando ser modesto como se esperava dele, talvez não conseguisse enfrentar com tanta desenvoltura. Não, nada agora poderia abalar Sandy, agora que ele tinha aqueles músculos, aqueles cabelos clareados pelo sol e que havia ingerido aquela abundância de porco sem pedir permissão a ninguém.

“E o que você achou”, indagou o rabino, “de ter de trabalhar numa fazenda em Kentucky, naquele calor, naquele sol escaldante?” Ele não pronunciava os erres, espichava as vogais e caprichava na primeira vogal de “Kentucky”, ao contrário de Sandy, que dizia “Kintucky”.

“Aprendi muita coisa. Aprendi muita coisa sobre meu país.”

Tia Evelyn ficou visivelmente encantada, como era de se esperar, já que na véspera, ao telefone, ela lhe havia ensinado a dar essa exata resposta a uma pergunta como aquela. Como ela sempre fazia questão de ser melhor do que meu pai, nada poderia lhe dar mais prazer do que moldar a existência de seu filho bem nas barbas dele.

“Você ficou numa fazenda de fumo, sua tia Evelyn me disse.”

“Sim, senhor. Fumo *burley* branco.”

“Você sabia, Sandy, que o fumo foi a base econômica da primeira colônia inglesa permanente na América, em Jamestown, na Virgínia?”

“Não sabia, não, senhor”, reconheceu, acrescentando, porém: “Mas isso não me surpreende”. E assim, num instante, o pior ficou para trás.

“Os pioneiros de Jamestown sofreram muitas provações”, explicou o rabino. “Mas o que os salvou da fome e impediu que a colônia fosse extinta foi o cultivo do fumo. Pense nisso. Sem o fumo, o primeiro governo democrático do Novo Mundo jamais teria se reunido em Jamestown, como aconteceu em 1619. Sem o fumo, a colonização da Virgínia teria fracassado, e as Primeiras Famílias da Virgínia, cuja riqueza provinha de suas plantações de fumo, jamais teriam se tomado importantes. E quando você pensa que as Primeiras Famílias da Virgínia foram os ancestrais dos estadistas virginienses que fundaram nossa pátria, você entende a importância vital do fumo para a história da nossa República.”

“É verdade”, respondeu Sandy.

“Eu sou do Sul”, proseguiu o rabino. “Nasci catorze anos depois da tragédia da Guerra da Secessão. Meu pai, quando jovem, lutou do lado da Confederação. O pai dele veio da Alemanha e se estabeleceu na Carolina do Sul em 1850. Ele era mascate. Tinha um cavalo e uma carroça, usava uma barba comprida e vendia suas mercadorias tanto para negros quanto para brancos. Já ouviu falar em Judah Benjamin?”, perguntou o rabino a Sandy.

“Não, senhor.” Mas na mesma hora corrigiu-se, acrescentando: “Posso lhe perguntar quem foi ele?”.

“Ora, ele era um judeu e, no governo da Confederação, acima dele só havia Jefferson Davis. Um advogado judeu que trabalhou para Davis como procurador-geral da República, secretário da Guerra e secretário das Relações Exteriores. Antes da secessão do Sul, havia atuado no Senado Federal como um dos dois senadores da Carolina do Sul. A causa que levou o Sul a provocar a guerra não era legal nem moralmente aceitável, a meu ver, mas ainda assim sempre tive a maior admiração por Judah Benjamin. Um judeu era uma raridade nos Estados Unidos daquele tempo, tanto no Norte quanto no Sul, mas não pense que não havia anti-semitismo naquela época também. Assim mesmo, Judah Benjamin chegou muito perto do auge do sucesso político no governo confederado. Depois que a guerra terminou, derrotado, ele foi embora do país e tomou-se um advogado importante na Inglaterra.”

Nesse momento minha mãe foi para a cozinha — supostamente para verificar o jantar — e tia Evelyn disse a Sandy: “Acho que é uma boa hora de mostrar ao rabino os desenhos que você fez na fazenda”.

Sandy levantou-se e levou até a poltrona de Bengelsdorf os vários cadernos que havia preenchido com desenhos durante o verão, os quais estavam em seu colo desde que nos reunimos na sala de visitas.

O rabino pegou um dos cadernos e começou a folheá-lo lentamente.

“Conte ao rabino alguma coisa sobre cada desenho”, sugeriu tia Evelyn.

“Isso é o estaleiro”, disse Sandy. “É o celeiro em que eles penduram as folhas de fumo pra curar depois da colheita.”

“Sem dúvida, é um celeiro, sim, e muito bem desenhado. Gostei bastante do jogo de luzes e sombras. Você é muito talentoso, Sanford.”

“Isso aí é um pé de fumo. A planta é assim mesmo. Está vendo? É como um triângulo. É grande. Essa ainda está com a flor no alto. Isso é antes da capação.”

“E este pé de fumo”, disse o rabino, virando a página, “com o saco em cima — está aí uma coisa que nunca vi antes.”

“É assim que eles recolhem as sementes. Essa planta é só pra produzir sementes. Eles cobrem a flor com um saco de papel bem amarrado. Assim a flor fica exatamente como eles querem.”

“Muito bom, muito bom mesmo”, disse o rabino. “Não é fácil desenhar uma planta de modo preciso e ao mesmo tempo produzir uma obra de arte. Veja só essas sombras na parte de baixo das folhas. Realmente, está muito bom.”

“Isso aqui é um arado, é claro”, disse Sandy, “e isso é uma enxada. Essa enxada pequena é um sachô, pra capinar. Se bem que a gente pode amancar com a mão mesmo.”

“E você capinou muito?”, perguntou o rabino, maroto.

“E como?”, respondeu Sandy, e o rabino Bengelsdorf sorriu; agora não parecia nem um pouco assustador. “E essa aí é uma cachorra”, prosseguiu meu irmão, “a cachorra do Orin. Ela está domindo. Esse é um dos negros, o velho Henry, e aqui as mãos dele. Eu achei elas muito expressivas.”

“E quem é este?”

“É o irmão do velho Henry, o Clete.”

“Gostei da maneira como você o representou. Ele parece muito cansado, com os ombros caídos. Eu conheço esses negros — eu me criei com eles, e os respeito. E isso aqui? Que coisa é essa?”, indagou o rabino. “Aqui, com o fole.”

“Tem uma pessoa aí dentro. É assim que eles esguicham inseticida nos pés de fumo. O homem tem que ficar vestido assim dos pés à cabeça, com umas luvas grandes e umas roupas pesadas, e todo abotoado, pra não se queimar. Quando ele esguicha inseticida com o fole, ele pode se queimar se encostar na pele. É um pó verde, e quando termina a roupa fica coberta com esse pó. Eu tentei pegar a aparência do pó, tentei deixar o desenho mais claro no lugar onde tem o pó, mas acho que não ficou muito bom, não.”

“É, é claro”, disse o rabino, “é difícil desenhá-lo”, e começou a folhear o caderno um pouco mais depressa até chegar ao fim e fechá-lo. “Kentucky foi uma experiência que você aproveitou bastante, não foi, meu jovem?”

“Eu adorei”, respondeu Sandy, e meu pai, que estava calado e imóvel no sofá desde o momento em que cedera ao rabino sua poltrona favorita, levantou-se dizendo: “Tenho que ajudar a Bess”, no mesmo tom em que teria dito: “Vou me suicidar pulando pela janela”.

“Os judeus deste país”, explicou o rabino durante o jantar, “são diferentes dos de todas as outras comunidades de judeus na história do mundo. Nenhum outro grupo de judeus teve tantas oportunidades nos tempos modernos. Os judeus americanos podem participar integralmente da vida nacional de sua pátria. Não precisam mais viver isolados como párias, uma comunidade separada do resto da população. Só precisam ter a coragem que seu filho Sandy demonstrou ao ir sozinho para um lugar desconhecido em Kentucky e passar o verão trabalhando no campo. A meu ver, Sandy e outros meninos judeus como ele que participam do programa Gente como a Gente deviam servir de modelo não apenas para todas as crianças judias neste país mas também para todos os judeus adultos. E isso não é apenas um sonho meu; é também o sonho do presidente Lindbergh.”

Nossa provação de repente caminhava para o pior momento possível. Eu ainda me lembrava de meu pai em Washington enfrentando o gerente do hotel e o policial ameaçador, e agora que o nome de Lindbergh fora pronunciado em tom tão respeitoso na casa dele imaginei que chegara o momento em que ele enfrentaria Bengelsdorf.

Mas um rabino é um rabino, e meu pai não disse nada.

Minha mãe e tia Evelyn serviram a comida, três pratos seguidos por um bolo-mámore que fora preparado em nosso forno naquela tarde. Comemos nos pratos “bons” com os talheres “bons”, e na sala de jantar ainda por cima, onde ficavam o melhor tapete, os melhores móveis e as melhores toalhas de mesa, e onde só comíamos em ocasiões especiais. De onde eu estava na mesa dava para ver as fotos dos mortos da nossa família sobre o aparador, que era o nosso santuário. Lá estavam os retratos de nossos dois avôs, nossa avó materna, uma tia materna e dois tios — um deles o tio Jack, pai de Alvin, e o irmão mais velho que meu pai idolatrava. Logo depois que o rabino Bengelsdorf invocou o nome de Lindbergh, senti-me mais confuso do que nunca. Um rabino era um rabino, mas enquanto isso Alvin estava num hospital do Exército canadense em Montreal aprendendo a andar com uma pema artificial depois de perder a pema lutando contra Hitler, e na

minha própria casa — onde eu podia vestir qualquer roupa *menos* as roupas “boas” — haviam me obrigado a usar minha única gravata e meu único paletó para impressionar precisamente o rabino que ajudara a eleger presidente um amigo de Hitler. Como eu poderia não estar confuso, quando nossa vergonha e nossa glória eram uma coisa só? Algo de essencial fora destruído e perdido; estávamos sendo coagidos a ser outra coisa que não os americanos que éramos; e no entanto, à luz do candelabro de cristal, em meio aos móveis pesados e escuros da sala de jantar, estávamos comendo o assado preparado por minha mãe em companhia da primeira pessoa famosa que recebíamos em casa.

Para me confundir ainda mais e me obrigar a pagar o preço mais alto possível pelos meus pensamentos, imediatamente Bengelsdorf começou a falar sobre Alvin, a respeito de quem tia Evelyn o havia informado. “Fiquei triste quando soube que um parente de vocês se feriu. Meu coração está com todos vocês. A Evelyn me disse que quando seu sobrinho sair do hospital ele virá se recuperar aqui na casa de vocês. Certamente vocês compreendem a angústia mental que uma ferida como essa pode provocar numa pessoa que ainda está na flor dos anos. Vocês precisarão de todo o amor e paciência de que são capazes para ajudá-lo a voltar a ter uma vida útil. O caso dele é particularmente trágico porque não havia necessidade nenhuma de ele ir para o Canadá lutar nas Forças Armadas de lá. Alvin Roth é um cidadão nato dos Estados Unidos, e os Estados Unidos não estão em guerra com nenhum outro país, não têm intenção de entrar em guerra com ninguém, e não exigem que um único jovem daqui se exponha ao risco de perder a vida ou um membro. Alguns de nós nos esforçamos muito para conseguir que essa situação viesse a se concretizar. Recebi muita hostilidade da parte de membros da comunidade judaica por me aliar à campanha de Lindbergh na eleição de 1940. Porém o que me deu forças para persistir foi meu horror à guerra. É realmente terrível o jovem Alvin perder a vida numa batalha no continente europeu que nada tem a ver com a segurança dos Estados Unidos nem com o bem-estar dos americanos...”

E assim ele prosseguiu, de certa forma repetindo o que dissera no Madison Square Garden em defesa da neutralidade dos Estados Unidos, mas agora eu só pensava em Alvin. Ele vinha morar conosco? Olhei para minha mãe. Ela não nos dissera nada sobre isso. Quando ele chegaria? Onde dormiria? Já não era fácil, como minha mãe dissera em Washington, não estamos mais vivendo num país normal; agora nunca mais viveríamos numa casa normal. Uma vida de ainda mais sofrimento ganhava forma a meu redor, e eu queria gritar: “Não! O Alvin não pode ficar aqui — ele só tem uma perna!”.

Eu estava tão horrorizado que levei algum tempo para me dar conta de que o clima respeitoso havia se dissipado e que meu pai não estava mais permitindo que o deixassem de lado. De algum modo ele havia finalmente conseguido vencer os obstáculos representados pelas credenciais de Bengelsdorf e por suas próprias deficiências; já não se sentia intimidado por toda aquela grandiosidade rabínica e, instigado pela sensação irreprimível de que um desastre estava próximo — e profundamente irritado com aquela condescendência —, estava partindo para cima de Bengelsdorf, apesar do *pince-nez* e tudo o mais.

“O Hitler”, ouvi-o dizer, “o Hitler não é um problema comiqueiro, rabino! Esse maluco não está fazendo uma guerra de mil anos atrás. Está fazendo um tipo de guerra que ninguém nunca viu neste planeta. Ele conquistou a Europa. Está lutando contra a Rússia. Todas as noites ele

bombardeia Londres, demutando prédios e matando centenas de civis britânicos inocentes. Ele é o pior anti-semita da história. E no entanto o grande amigo dele, nosso presidente, acredita na palavra do Hitler quando ele lhe diz que há um 'acordo' entre eles. Hitler também fez um acordo com os russos. E manteve a palavra? Ele fez um acordo com o Chamberlain. E manteve a palavra? O objetivo do Hitler é conquistar o mundo, inclusive os Estados Unidos da América. E como em todo lugar que ele entra ele mata os judeus, quando chegar a hora certa ele vem pra cá e mata os judeus daqui. E o que é que o nosso presidente vai fazer então? Nos proteger? Nos defender? Nosso presidente não vai mover uma palha. Foi esse o acordo que eles fecharam lá na Islândia, e qualquer adulto que não veja isso está maluco."

O rabino Bengelsdorf não demonstrou nenhuma impaciência com meu pai, ouviu-o com ar respeitoso, como se concordasse ao menos com parte do que ele dizia. Só Sandy parecia não conseguir conter seus sentimentos, e quando nosso pai se referiu a Lindbergh em tom de desprezo como "nosso presidente", ele se virou para mim e fez uma cara que mostrou o quanto havia se afastado da órbita familiar apenas por ter se ajustado ao novo governo, como havia feito a maioria dos americanos. Minha mãe estava sentada à direita de meu pai, e quando ele terminou segurou a mão dele, mas se era para exprimir o orgulho que sentia dele ou se para pedir que se calasse, não estava claro. Quanto a tia Evelyn, essa imitava o rabino em tudo, e ficou disfarçando seus pensamentos por trás de uma máscara de tolerância bondosa enquanto seu cunhado ignorante ousava discutir, usando seu vocabulário paupérrimo, com um estudioso conhecedor de dez idiomas.

Bengelsdorf não respondeu de imediato, porém deixou que se instalasse uma pausa significativa, e em seguida observou em voz baixa: "Ontem mesmo estive na Casa Branca de manhã, conversando com o presidente". Neste momento bebi um gole de água, dando-nos tempo de recuperar o autocontrole. "Eu lhe dei parabéns", prosseguiu, "por ter conseguido atenuar em muito a desconfiança que inspirava nos judeus desde suas viagens à Alemanha no final dos anos 30, quando estive em missão secreta para o governo americano, avaliando o poderio aéreo alemão. Eu disse a ele que muitos membros da minha congregação que haviam votado no Roosevelt estavam agora totalmente do lado dele, satisfeitos por ele ter garantido nossa neutralidade, evitando que nosso país sofresse as agonias de mais uma Grande Guerra. Disse a ele que o Gente como a Gente e outros programas semelhantes estavam começando a convencer os judeus do país de que ele não é de modo algum inimigo deles. É bem verdade que antes de se tornar presidente ele fez algumas declarações públicas baseadas em clichês anti-semitas. Mas é que naquela época era ignorante sobre essas questões, como hoje ele mesmo reconhece. Tenho a satisfação de lhes dizer que bastaram duas ou três conversas reservadas com o presidente para que ele abrisse mão de suas idéias errôneas e passasse a compreender a natureza múltipla da vida judaica nos Estados Unidos. Ele não é um homem mau, de modo algum. É um homem de uma inteligência imensa, de uma probidade absoluta, que se tomou mercedamente famoso por sua coragem pessoal e que agora gostaria que eu o ajudasse a demutar as barreiras da ignorância que continuam a separar os cristãos dos judeus e os judeus dos cristãos. Como, infelizmente, também há ignorância entre os judeus, muitos dos quais continuam a ver o presidente Lindbergh como um Hitler americano, quando sabem muito bem que ele não é um ditador que chegou ao poder com

um golpe de Estado, e sim um líder democrático que obteve uma maioria esmagadora de votos numa eleição livre e limpa, e que jamais manifestou a menor inclinação para o autoritarismo. Ele não glorifica o Estado à custa do indivíduo; muito pelo contrário, estimula o individualismo empresarial e a livre iniciativa sem as amarras da interferência governamental. Onde está o culto ao Estado dos fascistas? Onde está a violência fascista? Onde estão os camisas-pardas nazistas e a polícia secreta? Quando você observou uma única manifestação de anti-semitismo fascista partindo do governo? O que Hitler impôs aos judeus da Alemanha quando aprovou as leis de Nurembergue em 1935 é precisamente a antítese do que o presidente Lindbergh tem feito pelos judeus americanos através da Agência de Absorção Americana. As leis de Nurembergue privaram os judeus de seus direitos civis e fizeram de tudo para excluí-los da comunidade nacional. O que eu tenho incentivado o presidente Lindbergh a fazer é lançar programas que convidem os judeus a participar da vida nacional até onde quiserem — uma vida nacional que, certamente você há de concordar, é tão nossa quanto de outro qualquer.”

Uma seqüência de frases tão bem informadas jamais fora ouvida em nossa mesa de jantar, e provavelmente em nenhuma casa em todo o nosso quarteirão, de modo que foi surpreendente — quando o rabino concluiu com uma pergunta bem suave, num tom até íntimo: “Diga-me, Heman, o que eu lhe expliquei atenuou um pouco seus temores?” — ouvir meu pai responder secamente: “Não. Não. De modo algum”. E em seguida, sem se preocupar com a possibilidade de estar não apenas desagradando o rabino mas também insultando sua dignidade e desencadeando uma reação de desprezo vingativo, meu pai acrescentou: “Ouvir uma pessoa como o senhor falando assim — para ser franco — me deixa ainda mais alarmado”.

No dia seguinte, tia Evelyn telefonou para nos informar, esfuziante, que dos cem meninos de Nova Jersey que tinham passado o verão no Oeste sob o patrocínio do programa Gente como a Gente, Sandy fora escolhido como “agente de recrutamento” para todo o estado. Seu papel seria falar na condição de veterano para jovens judeus e suas famílias a respeito das muitas vantagens do programa da AAA, e estimulá-los a participar. Foi essa a vingança do rabino. O filho mais velho de meu pai era agora membro honorário do novo governo.

Foi pouco depois que Sandy começou a passar suas tardes na sala da tia Evelyn na AAA, no centro da cidade, que minha mãe vestiu seu melhor *tailleur* — saia e paletó cinzentos, feitos sob medida, listrados, o traje que ela usava para presidir as reuniões da Associação de Pais e Mestres e para atuar como mesária no subsolo da escola quando havia eleições — e foi procurar emprego. Na hora do jantar, anunciou que tinha encontrado trabalho como vendedora de vestidos na Halmé's, uma grande loja de departamentos no centro da cidade. Fora contratada antecipadamente para trabalhar no período de festas, seis dias por semana e nas noites de quarta-feira, mas tendo experiência como secretária, sua esperança era que nas semanas subsequentes se abrisse uma vaga no setor administrativo da loja e ela fosse contratada em caráter permanente depois do Natal. Explicou a Sandy e a mim que seu salário ajudaria a pagar as contas da família, que aumentariam com a volta de Alvin, mas sua verdadeira intenção (que apenas o marido conhecia) era depositar seu salário num banco em Montreal pelo correio, antevendo a

possibilidade de sermos obrigados a fugir para o Canadá e recomeçar nossa vida do zero.

Minha mãe não estava mais em casa, meu irmão também não, e Alvin em breve voltaria. Meu pai tinha ido de carro a Montreal para visitá-lo no hospital militar de lá. Numa manhã de sexta-feira, algumas horas antes de eu e Sandy nos levantarmos para ir para a escola, minha mãe aprontou o café-da-manhã dele, encheu de café uma garrafa térmica, preparou três refeições — três sacos de papel identificados com o lápis de desenho de Sandy, A de almoço, L de lanche e J de jantar —, e lá se foi meu pai em direção à fronteira canadense, uma viagem de quinhentos e cinqüenta quilômetros. Como seu patrão só podia lhe dar folga na sexta-feira, ele teria de dirigir o sábado inteiro para visitar Alvin e depois passar o domingo todo na estrada, para estar de volta a tempo de comparecer à reunião matinal da segunda-feira. Na ida, um dos pneus furou; na volta, dois pneus furaram. Afim de não se atrasar para a reunião, ele nem passou em casa, indo direto da estrada para o centro da cidade. Quando o vimos à hora do jantar, ele estava havia mais de um dia sem dormir e não tomava um banho decente havia ainda mais tempo. Segundo nos relatou, Alvin parecia um cadáver; estava pesando por volta de cinqüenta quilos. Ao ouvir isso, fiquei a me perguntar quanto pesaria a pena que ele perdera, e naquela noite tentei, sem sucesso, pesar minha pena na balança do banheiro. “Ele não tem apetite”, disse meu pai. “Eles põem a comida na frente dele, e ele empurra o prato pro lado. Esse menino é durão, mas não quer mais viver, não quer fazer nada, só ficar deitado, escaveirado, com uma expressão terrível no rosto. Eu disse a ele: ‘Alvin, eu te conheço desde que você nasceu. Você não foge da raia. Você não pede arrego. Você é forte como seu pai. Seu pai agüentava tudo e tocava em frente assim mesmo. Sua mãe também’. Eu disse a ele: ‘Quando seu pai morreu, sua mãe precisou se recuperar — ela não tinha escolha, precisava cuidar de você’. Mas não sei se adiantou o que eu falei. Espero que pelo menos um pouco”, prosseguiu, a voz fraquejando, “porque enquanto eu estava lá, com todos aqueles rapazes doentes cada um na sua cama, enquanto eu estava sentado ao lado dele naquele hospital...” Não consegui concluir a frase. Foi a primeira vez que vi meu pai chorar. Para uma criança, é um verdadeiro marco, o momento em que as lágrimas de uma outra pessoa são mais insuportáveis do que as dela.

“É porque você está muito cansado”, disse-lhe minha mãe. Ela se levantou da cadeira; tentando acalmá-lo, aproximou-se dele e começou a acariciar-lhe a cabeça. “Quando acabar de comer”, disse ela, “você toma um banho e vai direto pra cama.”

Comprimindo a cabeça contra a mão de minha mãe, meu pai começou a soluçar de modo incontrolável. “Arrancaram a pena dele”, disse, e então minha mãe fez sinal para mim e Sandy, indicando que a deixássemos confortá-lo a sós.

Uma vida nova teve início para mim. Eu vira meu pai se descontrolar, e minha infância jamais voltaria a ser como antes. Aquela mãe que sempre estava em casa agora passava o dia trabalhando na Hahné; o irmão sempre disponível ia trabalhar para Lindbergh depois da escola; e o pai que havia desafiado uma lanchonete cheia de anti-semitas em Washington agora chorava alto e de boca aberta — como um bebê abandonado e também como um homem torturado — por se sentir impotente diante daqueles eventos imprevistos. E, como a eleição de Lindbergh me ensinara muito bem, o desenrolar de um imprevisto era tudo. Visto de trás para a frente, o imprevisto implacável era o que estudávamos na escola sob o nome de “História”, uma matéria inofensiva em que todo o inesperado no momento em que ocorreria surge estampado nas páginas

como inevitável. É o terror imprevisível que a ciência da história encobre, transformando desastre em epopéia.

Agora que passava boa parte do tempo sozinho, após as aulas eu não desgrudava de Earl Axman, meu mentor em matéria de filatelia, e o que eu fazia com ele não era apenas examinar sua coleção de selos com minha lupa, nem vasculhar a cômoda de sua mãe e aquela fascinante profusão de *delingeries*. Como meu dever de casa não me tomava tempo algum e minha tínica obrigação doméstica era deixar a mesa posta para o jantar, eu tinha todo o tempo do mundo para me dedicar a travessuras. E, como a mãe de Earl passava as tardes no salão de beleza ou então fazendo compras em Nova York, meu amigo sempre estava a minha disposição para me ajudar nessa tarefa. Ele era quase dois anos mais velho do que eu, e porque seus pais glamorosos eram divorciados — e porque eram glamorosos — ao que parecia Earl nunca se dera ao trabalho de ser uma criança-modelo. Ultimamente, cada vez mais irritado com minha condição modelar, eu adquirira o hábito de murmurar na cama: “Agora vamos fazer uma coisa horrível”, a frase com a qual Earl ora me empolgava, ora me assustava, quando enjoava do que estávamos fazendo. Meu espírito de aventura cedo ou tarde haveria de se manifestar, mas desiludido por sentir minha família se afastando de mim, juntamente com o resto do país, eu estava pronto para aprender as liberdades que podiam ser tomadas por um menino oriundo de uma família exemplar no momento em que ele parava de tentar agradar todo mundo com sua pureza juvenil e descobria o prazer culpado de agir por conta própria em segredo.

O que comecei a fazer com Earl foi seguir pessoas. Ele já vinha se dedicando a essa prática umas duas vezes por semana havia alguns meses: ia para o centro da cidade sozinho depois das aulas e procurava, num ponto de ônibus, homens que estivessem voltando do trabalho para casa. Quando o escolhido tomava um ônibus, Earl o imitava, acompanhava-o em sua viagem sem que ninguém desse por ele até que o homem saltava, quando então ele também saltava e o seguia até sua casa, a uma distância prudente. “Por quê?”, perguntei. “Pra ver onde eles moram.” “Mas só isso? Só isso?” “É muita coisa. Vou pra todos os lados. Às vezes até pra outra cidade. Vou a todo lugar que eu quero ir. Tem gente morando em tudo que é lugar”, explicou Earl. “Como é que você chega em casa antes da sua mãe?” “Aí é que está — você tem que ir o mais longe possível e voltar pra casa antes da mãe chegar.” O dinheiro das passagens de ônibus, ele confessou sem nenhum pudor, era roubado das bolsas da mãe; em seguida, cheio de um prazer maligno, como se estivesse abrindo o cofre-forte de Fort Knox, escancarou uma gaveta do quarto onde havia uma grande variedade de bolsas, uma jogada por cima da outra. Nos fins de semana, quando ia ficar com o pai em Nova York, roubava dinheiro dos bolsos dos tempos do pai guardados no armário, e quando quatro ou cinco músicos da Casa Loma Orchestra vinham ao apartamento do pai jogar pôquer nos domingos, ele os ajudava a levar os casacos para a cama, depois examinava os bolsos um por um e guardava os trocados que retirava numa meia suja no fundo de sua mala. Em seguida, voltava com a maior desfaçatez para a sala e ali ficava a tarde inteira assistindo ao jogo de pôquer e ouvindo casos engraçados que os homens contavam, ocomidos em ocasiões em que a orquestra tocara na Paramount, na Essex House e no Glen Island Casino. Em 1941, eles haviam acabado de voltar de



Hollywood, onde participaram de um filme, e assim, entre uma e outra rodada, falavam sobre as estrelas de cinema, informações em primeira mão que Earl passava para mim e que eu, em seguida, repassava para Sandy, o qual sempre reagia dizendo “Conversa fiada” e me avisando para não andar com Earl Axman. “Esse seu amigo”, disse-me ele, “sabe coisas que um menino como ele não devia saber.” “Ele tem uma coleção de selos fantástica.” “É, e uma mãe”, retrucou Sandy, “que sai com qualquer um. Sai até com uns caras mais moços que ela.” “Como é que você sabe?” “Todo mundo na Summit Avenue sabe.” “Eu não sei”, respondi. “Pois isso”, Sandy prosseguiu, “não é a única coisa que você não sabe.” Muito convencido, pensei com meus botões: “Acho que tem uma coisa que nem você sabe”, porém pensei também, preocupado, que talvez a mãe do meu melhor amigo fosse aquilo que os meninos mais velhos chamavam de “puta”.

Acabei constatando que era bem mais fácil do que eu imaginava acostumar-me a roubar dinheiro de meus pais, e mais fácil do que imaginava seguir pessoas na rua, muito embora nas primeiras vezes eu ficasse o tempo todo em estado de choque, só pelo fato de estar no centro da cidade, sem ninguém tomando conta de mim, às três e meia da tarde. Às vezes íamos até a Pennsylvania Station para escolher algum homem, às vezes à Broad Street esquina com a Market, às vezes subíamos a Market até o fórum, para encontrar uma presa no ponto de ônibus de lá. Jamais seguíamos mulheres. Elas não nos interessavam, segundo Earl. Nunca seguíamos um homem que parecesse ser judeu. Os judeus não nos interessavam. Nossa curiosidade estava restrita aos homens, adultos cristãos que trabalhavam o dia todo no centro de Newark. Para onde iam quando voltavam para casa?

Minha apreensão atingia o auge quando subíamos no ônibus e pagávamos a passagem. O dinheiro da passagem era roubado, estávamos num lugar onde não devíamos estar e seguíamos para um destino desconhecido — e quando chegávamos lá, fosse onde fosse, sentia-me tão transtornado pela emoção que nem compreendia o nome do bairro que Earl cochichava em meu ouvido. Eu estava perdido, era um menino perdido — era isso que eu fazia de conta. O que é que vou comer? Onde vou dormir? Serei atacado por cachorros? Serei preso e lançado na cadeia? Será que algum cristão vai me recolher e me adotar? Ou terminarei sendo seqüestrado como o filho dos Lindbergh? Eu fazia de conta ou que estava perdido numa região longínqua e desconhecida ou então que, com a conivência de Lindbergh, Hitler tinha invadido os Estados Unidos e eu e Earl fugíamos dos nazistas.

Enquanto tais temores me atontavam, estávamos sub-repticiamente virando esquinas, atravessando ruas, agachando-nos atrás de árvores para não sermos vistos até o momento crucial em que o homem que seguíamos chegava em casa e o víamos abrindo a porta e entrando. Então, de uma certa distância, contemplávamos a casa — cuja porta estava fechada outra vez — e Earl fazia comentários do tipo “O gramado é grandão”, ou “O verão já terminou — porque é que eles ainda não tiraram as telas?”, ou “Está vendo ali na garagem? É o Pontiac novo”. E porque tentar olhar para dentro da casa pela janela sem ser visto era demais até mesmo para o voyeurismo judaico de Earl Axman, ele então, seguido por mim, tomava o ônibus que nos levaria de volta à Pennsylvania Station. Muitas vezes, àquela hora em que todos estavam saindo do trabalho, o ônibus que voltava para o centro não levava nenhum outro passageiro além de nós, e era como se o motorista fosse nosso chofer e o ônibus do município fosse nossa limusine particular, e nós dois nos sentíamos os

meninos mais ousados do mundo. Earl era um garoto de dez anos extremamente bem alimentado e de tez muito branca que já começava a parecer um bamilzinho, com bochechas rechonchudas de bebê, cílios longos e escuros e cachos negros perfumados com a brilhantina do pai; quando o ônibus estava vazio ele se esparmiava no banco comprido de trás, numa postura de paxá que exprimia à perfeição seu estado de espírito arrogante, enquanto eu, sentado a seu lado, magricela e ossudo, somia a aquele somiso de êxtase meio envergonhado típico dos pequenos escudeiros.

Da Pennsylvania Station pegávamos o ônibus I4, que nos deixava em casa; era nosso quarto ônibus da tarde. Na hora do jantar, eu ficava pensando: “Segui um cristão, e ninguém sabe. Comi o risco de ser raptado, e ninguém sabe. Com o dinheiro que nós dois juntos tínhamos, se a gente quisesse a gente podia ter...”, e às vezes quase me entregava à minha mãe atenta, porque por baixo da mesa da cozinha (tal como fazia Earl quando estava tramando alguma coisa) eu não conseguia parar de sacudir o joelho. Noite após noite, eu ia dormir encantado pelo fascínio do novo e grandioso objetivo que encontrara para a minha existência de menino de oito anos fugir da minha vida. Na escola, quando ouvia pela janela um ônibus subindo a ladeira da Chancellor Avenue, não conseguia pensar em outra coisa que não fosse estar dentro dele; o mundo exterior se transformara para mim num ônibus, tal como, para um menino da Dakota do Sul, o mundo se reduzia a um pônei — o pônei que o transporta para os limites da fuga permissível.

Comecei a atuar com Earl como aprendiz de mentiroso e ladrão no final de outubro; sem que minha sensação de maravilhamento diminuísse nem um pouco, nossas excursões secretas continuaram à medida que o tempo foi esfriando em novembro, chegando até dezembro, quando o centro da cidade foi enfeitado para o Natal e um excesso de homens a ser seguidos oferecia-se em cada ponto de ônibus. Havia árvores de Natal à venda nas calçadas do centro, coisa que eu jamais vira, vendidas a um dólar cada uma por meninos que pareciam gente muito pobre ou então casos perdidos recém-saídos do reformatório. De início, achei que uma transação financeira como aquela em plena rua fosse ilegal, no entanto ninguém parecia preocupado em esconder o que fazia. Havia uma profusão de policiais, policiais com cassetetes em suas rondas com aqueles casacos azuis, mas eles pareciam satisfeitos e perfeitamente integrados — integrados com o Natal, bem entendido. Desde pouco depois do Dia de Ação de Graças, o vento vinha trazendo nevascas fortes duas vezes por semana, e dos dois lados das ruas recém-limpas havia montes de neve suja da altura de um automóvel.

Sem se importar com a multidão de fim de tarde, os vendedores separavam uma árvore das outras, carregavam-na pela calçada apinhada e punham-na de pé, com o tronco serrado, para que o freguês pudesse apreciá-la. Era estranho ver árvores que haviam sido plantadas por algum fazendeiro a quilômetros da cidade amontoadas junto às grades de ferro das igrejas mais velhas da cidade e empilhadas diante das fachadas imponentes de bancos e companhias de seguros; também era estranho ouvir, numa rua do centro da cidade, o sotaque rústico daqueles homens. Não havia árvores à venda em nosso bairro — porque não havia quem as comprasse —, e assim o mês de dezembro, se tinha um cheiro específico, era o de alguma coisa que um gato de rua havia retirado de uma lata de lixo demutada no quintal de alguém; ou do jantar sendo preparado no fogão de um apartamento onde a janela da cozinha, embaçada de vapor, ficava ligeiramente entreaberta para deixar entrar um pouco do ar da rua; ou do gás de carvão tóxico vomitado pelas chaminés das

fomalhas, ou dos baldes cheios de cinzas trazidos do porão para ser esvaziados sobre os trechos mais escorregadios da calçada. Em comparação com as fragrâncias de North Jersey na primavera úmida, no verão tórido e no outono indeciso e caprichoso, os cheiros de um inverno gelado eram quase imperceptíveis — pelo menos assim me parecia até eu conhecer o centro da cidade com Earl, ver as árvores, respirar fundo e constatar que, tal como se dava sob tantos outros aspectos, para os cristãos o mês de dezembro era diferente. As ruas do centro ficavam enfeitadas com milhares de lâmpadas, gente cantava canções de Natal, a banda do Exército da Salvação se exibia a todo vapor, um Papai Noel rindo em cada esquina — dezembro era o mês do ano em que o coração da minha cidade natal pertencia, do modo mais sublime e exclusivo, aos cristãos. No Military Park havia uma árvore de Natal enfeitada com doze metros de altura, e na fachada do edifício do Serviço Público tinham pendurado uma gigantesca árvore de Natal metálica, iluminada por holofotes, a qual, segundo o *Newark News*, tinha vinte e quatro metros de altura, enquanto eu não chegava a um metro e quarenta.

Minha última expedição com Earl ocorreu numa tarde pouco antes do início das férias de Natal, quando pegamos o ônibus de Linden para seguir um homem que levava em cada mão uma sacola de compras de uma loja de departamentos cheia de presentes, ambas enfeitadas com temas natalinos em vermelho e verde; apenas dez dias depois, a sra. Axman sofreria um esgotamento nervoso e partiria numa ambulância, altas horas da madrugada; pouco depois, no Ano-Novo de 1942, Earl seria recolhido pelo pai, com sua coleção de selos e tudo. O caminhão de mudanças veio em seguida, ainda em janeiro, e sob meu olhar atento levou todos os móveis da casa, inclusive a cômoda que continha a *lingerie* da mãe de Earl, e os Axman nunca mais foram vistos por nenhum morador da Summit Avenue.

Como já era inverno e agora anoitecia e esfriava muito cedo, tomara-se ainda mais gratificante seguir os homens quando eles saltavam do ônibus; era como se estivéssemos em ação até bem depois de meia-noite, quando as outras crianças já dormiam havia horas. O homem das sacolas de compras continuava no ônibus depois que cruzamos a divisa de Hillside; já estávamos em Elizabeth quando ele saltou, logo depois do cemitério grande, não muito longe do bairro onde minha mãe fora criada, no sobrado da mercearia do pai dela. Saltamos em seguida sem fazer barulho; nós dois éramos iguais a milhares de outras crianças dali, com nossa típica camuflagem hibernal de casaco de lã com capuz, luvas grossas também de lã e calças disformes de veludo cotelê enfiadas em botas de bota grandes demais para nós, nas quais havíamos deixado sem abotoar metade daqueles botões infemais. Porque julgávamos estar mais ocultos na escuridão do que estávamos na realidade, ou porque com o tempo ficávamos cada vez menos cuidadosos, certamente não soube nos seguir-lo com a mesma perícia de outras ocasiões, comprometendo desse modo a reputação da “dupla invencível”, o nome que Earl, num momento de vanglória, havia conferido à equipe de seguidores de cristãos em que nos havíamos transformado.

Caminhamos por dois longos quarteirões, cheios de majestosas casas de tijolo iluminadas por lâmpadas natalinas, identificadas por Earl num cochicho como “mansões de milionários”; depois seguimos por dois quarteirões mais curtos, com casas de madeira bem menores, mais modestas, semelhantes às que já havíamos visto às centenas nas ruas que havíamos palmilhado, cada uma com um enfeite de Natal na porta. No segundo quarteirão, o homem entrou num

caminho estreito e curto de tijolo que dava numa casa de madeira baixa, em forma de caixa de sapatos, que se destacava, simpática, da neve acumulada como se fosse um enfeite comestível de um grande bolo coberto de glacê. Havia luzes fracas acesas nos dois andares, e por uma das janelas ao lado da porta da frente víamos a árvore de Natal piscando. Quando o homem largou as sacolas para pegar a chave, aproximamo-nos mais e mais do gramado branco e ondulado até que, olhando pela janela, pudemos divisar os enfeites da árvore.

“Olha”, sussurrou Earl. “Está vendo no alto? Bem no alto da árvore — está vendo? É Jesus!”

“Não, é um anjo.”

“E o que você acha que Jesus é?”

Respondi, também cochichando: “Eu pensava que era o Deus deles”.

“E chefe dos anjos também — olha ele lá!”

Era este, pois, o resultado final de nossa busca — Jesus Cristo, que, pelo raciocínio deles, era tudo, e que, pelo meu, havia fodido com tudo: porque se não fosse Cristo não haveria cristãos, e se não houvesse cristãos não haveria anti-semitismo, e se não houvesse anti-semitismo não haveria Hitler, e se não houvesse Hitler Lindbergh não seria presidente, e se Lindbergh não fosse o presidente...

De repente o homem que havíamos seguido, parado diante da porta aberta, ainda segurando as sacolas de compras, virou-se para nós e com voz suave, como se exalasse um anel de fumaça, chamou: “Meninos”.

Ficamos tão aparvalhados por sermos apanhados em flagrante que ao menos eu senti o impulso de sair do esconderijo e, como o menino-modelo que era até dois meses antes, limpar minha consciência proclamando meu nome. Porém o braço de Earl me deteve.

“Meninos, não se escondam. Não há motivo”, disse o homem.

“E agora?”, sussurrei para Earl.

“Shhhhhhh”, ele retrucou.

“Meninos, sei que vocês estão aí. Está ficando muito escuro”, ele nos alertou, num tom simpático. “Não estão morrendo de frio? Que tal um chocolate quente? Venham pra dentro, depressa, meninos, antes que comece a nevar. Tem chocolate quente, tem bolo de canela, bolo de gergelim, biscoito de gengibre, biscoito em forma de bichinho, cada um de uma cor, e *marshmallow* também — tem *marshmallow*, meninos, pra gente assar na lareira.”

Quando olhei para Earl outra vez, querendo saber o que fazer, ele já estava voltando para Newark. “Corre!”, gritou para mim olhando para trás. “Sebo nas canelas, Phil — o cara é veado!”

*Janeiro de 1942 — fevereiro de 1942*

O coto

Alvin deu baixa em janeiro de 1942, primeiro se livrando da cadeira de rodas, depois das muletas e, após um período de reabilitação no hospital, tendo aprendido com as enfermeiras do Exército canadense a andar com a perna artificial sem precisar de ajuda. Ele receberia do governo canadense uma pensão mensal de invalidez no valor de cento e vinte e cinco dólares, pouco mais da metade do que meu pai ganhava por mês na Metropolitan, e também trezentos dólares por ocasião do desligamento do serviço ativo. Como ex-combatente inválido, poderia obter outros benefícios se optasse por permanecer no Canadá, onde os voluntários estrangeiros que serviam nas Forças Armadas recebiam cidadania imediatamente após a baixa, se assim desejassem. E, por que foi que ele não virou canadense?, indagou tio Monty. Já que nunca gostou dos Estados Unidos, por que não ficou por lá e aproveitou?

Monty era o mais arrogante dos meus tios, e provavelmente por isso também o mais rico. Fizera fortuna vendendo frutas e legumes no atacado, no mercado da Miller Street, perto da linha ferroviária. Foi o pai de Alvin, o tio Jack, quem abriu o negócio, chamando Monty para trabalhar com ele; depois que tio Jack morreu, Monty levou para lá seu irmão mais moço, meu tio Herb; quando convidou meu pai também — no tempo em que meus pais eram recém-casados e não tinham um tostão —, ele não quis, pois passara a infância toda suportando a arrogância de Monty. Meu pai conseguia se igualar com o ritmo extraordinário de Monty e tinha uma capacidade tão notável quanto a do irmão de suportar todos os tipos de privação; porém a experiência da meninice lhe ensinara que ele não tinha como competir com aquele inovador que fora o primeiro a trazer tomates maduros para Newark no inverno, comprando carregamentos de tomates verdes cubanos e os amadurecendo em salas especialmente aquecidas no segundo andar de seu depósito, onde o assoalho rangia a cada passo que se dava. Quando os tomates estavam no ponto, Monty os empacotava em caixas de quatro e os vendia a preço de ouro; foi assim que passou a ser conhecido como o Rei do Tomate.

Enquanto continuávamos morando num sobrado alugado de cinco peças em Newark, meus tios atacadistas viviam no trecho judeu do subúrbio de Maplewood, onde cada um deles tinha um casarão branco em estilo colonial, com persianas nas janelas, gramado verde na frente e um Cadillac reluzente na garagem. Infelizmente, ou felizmente, o egoísmo orgulhoso de Abe Steinheim, ou do tio Monty, ou do rabino Bengelsdorf — judeus dinâmicos, que pareciam compelidos por sua condição difícil de filhos de imigrantes a desempenhar o papel mais importante que lhes estivesse ao alcance como homens americanos — não fazia parte da personalidade de meu pai, que também não tinha o menor desejo de supremacia; assim, embora o orgulho pessoal o motivasse e ele se caracterizasse por uma mistura de firmeza com pugnacidade, intensificada, tal como no caso dos outros, pelas marcas de sua infância pobre e estigmatizada pelo

preconceito, ele se dava por satisfeito se conseguisse se tomar alguma coisa (não necessariamente tudo) sem que para tanto fosse necessário destruir as vidas dos que o cercavam. Meu pai nascera para brigar mas também para proteger, e destroçar um inimigo não o entusiasmava, como acontecia com seu irmão mais velho (para não falar em todos os outros empresários judeus impiedosos). Havia mandões e havia mandados, e os mandões normalmente eram por um bom motivo — tal como abraçavam determinado ramo de negócio por um bom motivo, fosse esse ramo a construção de edifícios, o comércio de hortigranjeiros, o rabinato ou o crime. Era a melhor solução que encontravam para não serem obstruídos — e, de seu próprio ponto de vista, humilhados — acima de tudo pela discriminação da hierarquia protestante que mantinha em seus lugares, sem reclamar, noventa e nove por cento dos judeus que trabalhavam nas grandes empresas.

“Se o Jack estivesse vivo”, disse Monty, “esse menino não tinha saído por essa porta. Você não devia ter deixado ele ir pra lá, Hem. Ele foge pro Canadá pra virar herói de guerra e veja só no que dá, vai ser um aleijado fodido pro resto da vida.” Era domingo, no sábado seguinte Alvin estaria de volta, e tio Monty, com roupas limpas em vez do blusão todo manchado, as calças velhas e sujas e o boné de pano imundo que costumava usar no mercado, estava apoiado na pia de nossa cozinha, um cigarro pendurado no canto da boca. Minha mãe não estava presente. Ela pedira licença e saíra da cozinha, como costumava fazer quando Monty aparecia lá em casa, mas eu era um menino pequeno e ficava mesmerizado na presença dele, como se meu tio fosse mesmo um gorila, como dizia minha mãe depois que ele ia embora, quando a grosseria dele a deixava indignada.

“O Alvin não suporta esse seu presidente”, respondeu meu pai. “Por isso ele foi pro Canadá. Aliás, não faz muito tempo que você também não suportava esse homem. Mas agora ficou amigo do anti-semita. A Depressão passou, é o que dizem todos vocês que são judeus ricos, e não foi graças ao Roosevelt, não, e sim ao senhor Lindbergh. A Bolsa está em alta, os lucros aumentando, os negócios vão de vento em popa — e por quê? Porque temos a paz de Lindbergh em vez da guerra de Roosevelt. E pra vocês a única coisa que importa é o dinheiro, não é?” “Você está parecendo o Alvin, Herman. Parece um garoto. E tem alguma coisa importante além do dinheiro, tem? Seus dois filhos são importantes. Você quer que o Sandy volte pra casa um dia que nem o Alvin? Quer que o Phil”, disse, olhando para mim, sentado à mesa da cozinha ouvindo tudo, “volte pra casa um dia que nem o Alvin? Nós estamos fora dessa guerra, e vamos ficar fora dela. Até onde eu enxergo, o Lindbergh não me fez mal nenhum.” Eu esperava que meu pai dissesse “Você não perde por esperar”, mas talvez por eu estar ouvindo a conversa, um tanto assustado, ele se calou.

Assim que Monty saiu, meu pai me disse: “Seu tio não usa a cabeça. Voltar pra casa como o Alvin — isso não vai acontecer”. “Mas se o Roosevelt voltar a ser presidente? Então vai ter guerra”, argumentei. “Talvez sim, talvez não”, respondeu meu pai, “ninguém pode prever nada de antemão.” “Mas se tivesse guerra”, insisti, “e se o Sandy já estivesse na idade, então ele ia ter que lutar na guerra. E se ele lutasse na guerra, então o que aconteceu com o Alvin *podia* acontecer com ele, sim.” “Meu filho, qualquer coisa pode acontecer com qualquer um”, disse meu pai, “mas normalmente não acontece.” “Só que às vezes acontece”, pensei, mas não ousei expressar esse pensamento, porque ele já estava perturbado com as minhas perguntas e talvez nem soubesse responder se eu continuasse a insistir. Como o que tio Monty lhe disse sobre Lindbergh era

exatamente o que o rabino Bengelsdorf dissera antes — e também o que Sandy me dizia, em segredo —, comecei a pensar que talvez meu pai não soubesse do que estava falando.

Já fazia quase um ano da posse de Lindbergh quando Alvin voltou para Newark no trem noturno de Montreal, acompanhado por uma enfermeira da Cruz Vermelha canadense e sem metade de uma das pernas com que havia ido para lá. Fomos de carro até a Pennsylvania Station para buscá-lo, tal como tínhamos feito no verão anterior para receber Sandy, só que dessa vez Sandy estava conosco. Algumas semanas antes, em prol da harmonia familiar, meus pais haviam permitido que eu fosse com tia Evelyn ver Sandy impressionar a congregação de uma sinagoga em New Brunswick, cerca de sessenta quilômetros ao sul de Newark, tentando convencer a platéia a inscrever seus filhos no programa Gente como a Gente, contando histórias de suas aventuras em Kentucky e exibindo seus desenhos. Meus pais me deram a entender, de modo bem claro, que não valia a pena eu falar com Alvin sobre a participação de Sandy no programa; eles próprios lhe explicariam tudo, mas só depois que Alvin voltasse a se acostumar a estar em casa e compreendesse melhor como o país havia mudado desde que ele fora para o Canadá. Não se tratava de esconder nada de Alvin nem de mentir para ele; a idéia era protegê-lo de qualquer coisa que pudesse atrapalhar sua recuperação.

Naquela manhã, o trem de Montreal estava atrasado, e para passar o tempo — e porque a situação política agora não saía de sua cabeça o dia inteiro — meu pai havia comprado um exemplar do *Daily News*. Sentado num banco da estação, comeu os olhos pelo jornal, um tablóide direitista de Nova York a que ele sempre se referia como “aquele jornalco”, enquanto o resto da família andava pela plataforma, aguardando com nervosismo o início de uma nova fase de nossa vida. Quando os alto-falantes anunciaram que o trem de Montreal se atrasaria ainda mais, minha mãe, de braços dados comigo e com Sandy, levou-nos de volta ao banco para ficarmos todos juntos esperando. Enquanto isso, meu pai já lera o máximo que conseguia do *Daily News* e jogara o jornal no lixo. Como lá em casa não se desperdiçava sequer um tostão, fiquei perplexo ao vê-lo jogar fora o jornal minutos após comprá-lo, tal como me surpreendera ao vê-lo comprando aquela publicação. “Dá pra acreditar nessa gente?”, disse ele. “Esse cachorro fascista *continua* sendo o herói deles.” O que meu pai não disse era que ao cumprir sua promessa de campanha de que manteria o país fora da guerra mundial, o cachorro fascista havia se tomado um herói para praticamente todos os jomais do país, com exceção do PM.

“Bom”, disse minha mãe quando o trem finalmente entrou na estação e foi parando, “lá vem seu primo.”

“O que é que a gente vai fazer?”, perguntei a ela; minha mãe levantou-se, puxando-nos, e fomos os quatro em direção à plataforma.

“Vamos recebê-lo. É o Alvin. Vamos dar as boas-vindas a ele.”

“E apena dele?”, cochichei.

“O que é que tem apena dele, meu amor?”

Dei de ombros.

Nesse momento meu pai segurou-me pelos ombros. “Não tenha medo”, disse. “Não tenha

medo do Alvin nem da pema dele. Mostre a ele como você está crescendo.”

Foi Sandy quem se destacou dos outros e saiu correndo em direção ao vagão que havia parado uns cinqüenta metros a nossa frente. Alvin estava sendo retirado do trem numa cadeira de rodas por uma mulher com o uniforme da Cruz Vermelha, enquanto a pessoa que corria para ele gritando seu nome era o único membro da família que havia passado para o outro lado. Eu já não sabia o que pensar de meu irmão, mas também não sabia o que pensar de mim mesmo, de tanto que me ocupava em tentar esconder os segredos de todos, ao mesmo tempo que fazia o possível para conter meus medos e não parar de acreditar em meu pai, bem como nos democratas, em Roosevelt e em quem mais pudesse impedir que eu me juntasse ao resto do país e passasse a adorar o presidente Lindbergh.

“Você voltou!”, gritou Sandy. “Está em casa!” E então vi meu irmão, que acabara de completar catorze anos mas agora estava forte como um rapaz de vinte, cair de joelhos no chão de concreto da plataforma para poder abraçar o pescoço de Alvin. Minha mãe começou a chorar e meu pai rapidamente segurou minha mão, ou para que eu não me descontrolasse, ou para que ele próprio não sucumbisse ao caos de seus sentimentos.

Achei que cabia a mim ser o próximo a correr até Alvin, e assim desprendi-me de meus pais e saí correndo em direção à cadeira de rodas, lá chegando, tal como Sandy, abracei meu primo e senti na mesma hora um cheiro de podre. De início pensei que o fedor viesse da pema, mas vinha de sua boca. Prendi a respiração e fechei os olhos e só soltei o abraço quando senti que Alvin se inclinava para a frente para apertar a mão de meu pai. Foi então que percebi as muletas de madeira presas a um dos lados da cadeira de rodas, e pela primeira vez ousei olhar para ele diretamente. Eu jamais vira uma pessoa tão esquelética e tão amasada. Em seus olhos, porém, não havia nenhum sinal de medo nem de lágrimas, e eles encaravam meu pai com ferocidade, como se seu pai de criação tivesse cometido o ato imperdoável que o transformara num aleijado.

“Herman”, ele disse, e nada mais que isso.

“Você voltou”, meu pai respondeu, “está em casa. Vamos levá-lo pra casa.”

Então minha mãe se abaixou para beijá-lo.

“Tia Bess”, disse Alvin.

Apena esquerda da calça caía direto do joelho, algo que os adultos já estavam acostumados a ver, mas que para mim foi surpreendente, muito embora eu já conhecesse um homem sem as duas pernas, um homem que só começava na altura dos quadris, que não passava de um coto de gente. Eu já o vira mendigando na calçada, perto do escritório de meu pai, mas sua monstruosidade era tão colossal que eu nem me sentia obrigado a pensar muito nele, já que não havia o menor risco de ele ir moral conosco. Era na temporada de beisebol que o homem conseguia mais dinheiro; quando os empregados que trabalhavam no prédio saíam ao final do dia, ele cantava os escores das partidas com uma voz inesperadamente grave, de declamador, e cada um que passava jogava algumas moedas no balde amassado em que ele recolhia as esmolas. Ele se deslocava — e ali parecia viver — sobre uma pequena plataforma de compensado assentada sobre um par de patins. Só me lembro das luvas de trabalho pesadas e gastas que o homem usava para proteger as mãos, que eram seu meio de locomoção; não me lembro de mais nada de seu traje, porque o medo de ser visto olhando para ele confundia-se com o terror de vê-lo, por isso jamais o observei o suficiente



para memorizar suas roupas. Parecia tão milagroso ele conseguir se vestir quanto poder urinar e defecar, e mais ainda se lembrar dos resultados das partidas. Sempre que eu ia ao prédio vazio da companhia de seguros com meu pai nas manhãs de sábado — meu maior prazer era ficar rodopiando em sua cadeira giratória enquanto ele examinava a correspondência da semana —, meu pai e o homem-coto sempre trocavam um aceno de cabeça. Constatei então que a injustiça grotesca de um homem ser reduzido à metade não apenas havia acontecido, o que por si só já era incompreensível, como também acontecera com alguém chamado Robert, um nome masculino dos mais comuns, com seis letras, exatamente como o meu. “E aí, tudo bem, Robertinho?”, dizia meu pai quando o encontrávamos no prédio. “Tudo bem, Herman?”, respondia Robertinho. Uma vez perguntei a meu pai: “Ele tem sobrenome?”. “Você tem?”, retrucou meu pai. “Tenho.” “Poisele também.” “E qual é o sobrenome dele? Robertinho do quê?”, indaguei. Meu pai pensou por um momento, depois riu e disse: “Pra dizer a verdade, meu filho, não sei”.

Desde o momento em que soube que Alvin estava voltando para Newark e ia convalescer em nossa casa, eu sem querer ficava pensando em Robert naquela plataforma e com aquelas luvas de trabalho toda vez que na escuridão eu me esticava rígido na cama, tentando adormecer à força: primeiro meus selos cobertos de suásticas, e agora Robertinho, o homem-coto.

“Pensei que você já ia estar andando com a pema que te deram. Pensei que eles só iam te dar baixa com você já andando”, ouvi meu pai dizer a Alvin. “O que houve?”

Sem se dar ao trabalho de olhar para ele, Alvin respondeu seco: “O coto abriu”.

“Como assim?”, perguntou meu pai.

“Não é nada. Não se preocupe.”

“Ele tem bagagem?”, meu pai indagou à enfermeira.

Mas antes que ela pudesse responder, Alvin interveio: “Claro que tenho bagagem. Onde você acha que minha pema está?”.

Sandy e eu seguimos para a seção de bagagem com Alvin e a enfermeira, enquanto meu pai foi pegar o carro num estacionamento no Raymond Boulevard, acompanhado por minha mãe, que resolveu ir com ele na última hora, muito provavelmente para conversarem sobre o estado mental de Alvin, coisa que não haviam previsto. Na plataforma, a enfermeira havia convocado um carregador, e os dois ajudaram Alvin a ficar em pé; em seguida, o carregador ocupou-se da cadeira de rodas, enquanto a enfermeira seguia ao lado de Alvin, que foi pulando num pé só até chegar à escada rolante. Lá a enfermeira colocou-se a seu lado, como um escudo humano, e Alvin manteve-se agarrado ao corrimão enquanto a escada descia. Eu e Sandy fomos atrás deles, um pouco afastados para não sentir seu hálito nada perfumado — mas não tão afastados que Sandy, com os músculos instintivamente retesados, já não estivesse preparado para a eventualidade de ter que segurar Alvin caso ele perdesse o equilíbrio. O carregador, levando a cadeira de rodas invertida acima de sua cabeça, com as muletas ainda presas a ela, foi descendo pela escada paralela à escada rolante, e já estava lá embaixo para nos receber quando Alvin chegou, seguido por nós. O carregador colocou a cadeira de rodas no chão e segurou-a com firmeza para que Alvin se sentasse nela, porém ele simplesmente virou-se com um pé só e saiu pulando vigorosamente, enquanto a

enfemeira — a quem ele nem agradecera nem dissera adeus — ficou vendo-o afastar-se saltando a toda velocidade pelo assoalho de mármore, em meio à multidão, numo à seção de bagagem.

“Ele não pode cair?”, Sandy perguntou à enfemeira. “Está correndo demais. E se ele escorregar e cair?”

“Cair?”, retrucou a enfemeira. “Esse garoto pula pra tudo quanto é lado. É capaz de pular vários quilômetros. Não cai, não. Ele é o campeão mundial de pulo. Se deixássemos, ele teria vindo pulando lá de Montreal, em vez de vir de trem, com a minha ajuda.” Então ela abriu-se conosco, duas crianças protegidas que nada sabiam sobre o ressentimento da perda: “Já vi muitos soldados furiosos”, disse ela. “Já vi soldados furiosos por terem perdido os *quatro* membros, mas nunca vi uma raiva igual à dele.”

“Raiva de quê?”, perguntou Sandy, aflito.

A enfemeira era uma mulher robusta, com olhos cinzentos sérios e cabelo curto de soldado sob o boné cinzento da Cruz Vermelha, porém assumiu um tom suave e maternal, uma suavidade que foi mais uma das surpresas daquele dia, e como se Sandy também estivesse sob seus cuidados explicou: “Todo mundo tem raiva da mesma coisa — das coisas que a vida faz com a gente”.

Eu e minha mãe tivemos que voltar de ônibus, porque não cabia todo mundo no pequeno Studebaker da família. A cadeira de rodas de Alvin foi para o porta-malas, mas como era uma antiga, volumosa, dessas que não dobram, foi necessário amarrar a tampa do porta-malas com um barbante grosso. Sua mala de lona (dentro da qual devia estar a pema artificial) estava tão cheia que Sandy não conseguiu levantá-la, nem mesmo com minha ajuda, e tivemos de arrastá-la pelo chão da estação até chegarmos à rua; então meu pai pegou-a, e com a ajuda de Sandy colocou-a no banco de trás. Meu irmão viajou em cima da mala, inclinado para a frente, com as muletas de Alvin no colo. Suas pontas recobertas de borracha saíam por uma das janelas de trás, com o lenço de meu pai amarrado nelas para alertar os outros motoristas. Meu pai e Alvin foram na frente, e eu já me preparava para ir espremido entre eles, bem junto à alavanca de câmbio, quando minha mãe disse que queria que eu fosse com ela de ônibus. Sua intenção, percebi depois, foi poupar-me de mais uma cena de sofrimento.

“É assim mesmo”, disse ela quando viramos a esquina e seguimos em direção à passagem subterrânea onde ficava o ponto do ônibus 14. “É perfeitamente natural você estar assustado. Todos nós estamos”.

Neguei estar assustado, mas quando dei por mim estava tentando encontrar no ponto de ônibus um homem para seguir. Sem dúvida, haveria no mínimo doze rotas diferentes que passavam ali, no ponto da Pennsylvania Station, e por acaso um ônibus vindo de Vailsburg com destino à longínqua North Newark estava recebendo passageiros no momento exato em que eu e minha mãe aguardávamos a chegada do 14. Encontrei o homem perfeito para ser seguido, um homem de terno e com uma pasta, que parecia — embora eu admitisse não ter a mestria de Earl nesses assuntos — não ser judeu. No entanto, limitei-me a dirigir-lhe um olhar cheio de anseio enquanto a porta do ônibus se fechava e ele ia embora sem que eu estivesse num banco próximo a vigiá-lo.

Quando nos vimos dentro do ônibus, minha mãe virou-se para mim: “Me diz por que é que você está tão perturbado”.

Como não respondi nada, ela começou a explicar o comportamento de Alvin na estação. “Ele está envergonhado. Tem vergonha de ser visto na cadeira de rodas. Quando ele foi embora daqui, era um rapaz forte e independente. Agora quer se esconder, quer gritar, quer explodir, e é tenível pra ele. E é tenível também pra um menino como você ver seu primo grande nesse estado. Mas tudo isso vai mudar. Assim que ele compreender que não tem por que se envergonhar de estar como está, do que aconteceu com ele, o Alvin vai recuperar o peso perdido e começar a andar normalmente com a pema artificial, e vai cada vez mais ficar parecido com o que era antes de ir pro Canadá... Isso ajuda um pouco? Isso que estou te dizendo ajuda em alguma coisa?”

“Não estou precisando de ajuda, não”, respondi, mas o que eu queria perguntar era: “O coto — o que quer dizer o coto abri? Eu vou ter que olhar pra ele? Vou ter que pegar nele? Os médicos vão consertar?”.

Num sábado, duas semanas antes, eu tinha descido ao porão com minha mãe para ajudá-la a esvaziar as caixas cheias de coisas de Alvin, que meu pai fora pegar no quarto da Wright Street depois que ele fugiu para o Canadá. Tudo que podia ser lavado minha mãe lavou no tanque duplo do porão, ensaboando numa parte e enxaguando na outra, depois colocando peça por peça na máquina de espremer roupas enquanto eu rodava a manivela. Aquela máquina me inspirava ódio; as roupas emergiam achatadas daqueles dois rolos, como se tivessem sido atropeladas por um caminhão, e sempre que eu tinha que ir ao porão por algum motivo o medo me fazia evitar dar as costas para aquela geringonça. Agora, porém, num esforço interior, eu estava recolhendo cada peça úmida, deformada e desfigurada no cesto de roupas, que depois levaria para cima para que minha mãe pendurasse tudo na corda do quintal. Fiquei entregando-lhe os pregadores enquanto ela, debruçada na janela, pendurava cada roupa; e aquela noite, após o jantar, enquanto minha mãe passava as camisas e os pijamas que eu a ajudara a pôr na corda, dobrei as cuecas de Alvin e fimei uma bola com cada par de meias dele, na mesa da cozinha, decidido a fazer com que tudo desse certo sendo o melhor menino imaginável, muito, mas muito melhor do que Sandy, melhor até do que eu mesmo.

Quando cheguei da escola no dia seguinte, tive de fazer duas viagens ao alfaiate onde mandávamos lavar roupa a seco, para levar as peças melhores de Alvin. Alguns dias depois fui buscá-las e, chegando em casa, pendurei tudo — sobretudo, temo, paletó esporte e duas calças — em cabides de madeira na metade do meu armário que havia reservado para ele, empilhando o resto das roupas limpas nas duas gavetas de cima, que antes pertenciam a Sandy. Como Alvin ia dormir em nosso quarto — para que tivesse acesso mais fácil ao banheiro —, Sandy já estava se preparando para mudar-se para o jardim-de-inverno do apartamento, colocando seus pertences na despensa da sala de jantar, junto com a toalha de mesa e os guardanapos de linho. Uma noite, dias antes da chegada de Alvin, engraxei seus sapatos marrons e seus sapatos pretos, tentando ao máximo não pensar se era mesmo necessário engraxar os quatro pés. Fazer aqueles sapatos brilhar, levar as roupas de Alvin ao alfaiate, guardar com cuidado as peças recém-lavadas nas gavetas da cômoda — tudo isso era apenas uma prece, uma prece improvisada em que eu implorava aos deuses domésticos que protegessem nossos humildes cinco cômodos e tudo que eles continham da fúria vingativa da

pema perdida.

Com base no que via pelas janelas do ônibus, eu tentava calcular quanto tempo ainda restava antes de chegarmos à Summit Avenue, quando seria tarde demais para desfazer meu destino. Estávamos na Clinton Avenue, bem em frente ao Riviera Hotel, onde, como eu invariavelmente me lembrava, meus pais haviam passado a noite de núpcias. O centro da cidade ficara para trás; estávamos mais ou menos no meio da viagem; bem a nossa frente encontrava-se o templo B'nai Abraham, aquela grande fortaleza oval construída para atender aos judeus ricos da cidade, um território tão estranho para mim quanto o Vaticano.

“Eu posso dormir na sua cama”, disse minha mãe, “se é isso que está incomodando você. Por ora, até todo mundo se acostumar com tudo outra vez, posso dormir na sua cama ao lado da cama do Alvin e você fica com o papai na nossa cama. Você acha que assim seria melhor?”

Respondi que preferia dormir sozinho na minha própria cama.

“E se o Sandy voltasse do jardim-de-inverno pra cama dele”, sugeriu minha mãe, “o Alvin dormisse na sua e você passasse para o sofá-cama em que o Sandy ia dormir, no jardim-de-inverno? Será que você se sentiria sozinho na sala de casa, ou prefere essa solução?”

Se eu preferia essa solução? Eu adoraria. Mas como poderia o Sandy, que estava trabalhando para Lindbergh, dividir o quarto com alguém que havia perdido a pema numa guerra contra os amigos nazistas de Lindbergh?

Estávamos entrando na Clinton Place, tendo já passado pelo ponto da Clinton Avenue; era a esquina tão conhecida onde, antes que Sandy me abandonasse para ir trabalhar com tia Evelyn nas tardes de sábado, eu e ele costumávamos saltar para assistir à sessão dupla do Cine Roosevelt, cuja marquise de letras negras ficava a um quarteirão dali. Logo o ônibus passaria pelos becos estreitos e as casas de sobrado geminadas, todas iguais, de Clinton Place — ruas muito semelhantes à nossa, mas cujas fachadas de tijolos vermelhos, com pequenas varandas à entrada, não despertavam nenhuma das emoções essenciais da infância desencadeadas pelas casas da nossa rua —, antes de fazer a última curva e entrar na Chancellor Avenue. Ali começava a subida na ladeira íngreme, passando pelas pilastras caneladas do prédio novo e elegante do colégio secundário, depois pelo mastro de bandeira sólido da minha escola primária, chegando ao alto da ladeira, onde outrora um grupo de Lemi Lenapes, segundo nossa professora da terceira série, vivia numa pequena aldeia, preparando comida em cima de pedras quentes e fazendo desenhos em peças de cerâmica. Era ali que fomos saltar, no ponto da Summit Avenue, na diagonal em relação às vitrines cheias de chocolates recém-preparados e exibidos em profusão entre laços de fita, da Anna Mae's, a *bonbonnière* que substituíra as tendas indígenas e cujas fragrâncias adoçavam o ara menos de dois minutos de caminhada de casa.

Em outras palavras, o tempo de que eu dispunha para dizer que queria dormir no jardim-de-inverno, sim, podia ser medido com precisão e estava se esgotando a cada cinema, a cada *bonbonnière*, a cada entrada de prédio por que passávamos, e no entanto eu só conseguia dizer não, não, quero mesmo ficar onde estou, até que por fim minha mãe não tinha mais nada a dizer para me tranquilizar e, sem querer, mergulhou num silêncio melancólico muito preocupante, sem sequer tentar disfarçar o fato, como se os acontecimentos daquela manhã finalmente estivessem tendo sobre ela os efeitos que haviam tido sobre mim. Enquanto isso, como eu não sabia por

quanto mais tempo me seria possível continuar ocultando o fato de que Alvin se tomara insuportável para mim por causa de sua pema amputada, da pema vazia de sua calça, de seu cheiro terrível, da cadeira de rodas, das muletas, de seu hábito de não olhar para nós quando falava conosco, comecei a fazer de conta que estava seguindo alguém no ônibus que não parecia ser judeu. Foi então que me dei conta — utilizando todos os critérios que Earl me havia ensinado — de que minha mãe tinha cara de judia. O cabelo, o nariz, os olhos — minha mãe era *inconfundivelmente* judia. Mas nesse caso eu, que era tão parecido com ela, também devia ser. Eu não sabia disso.

Alvin estava cheirando mal daquele jeito porque seus dentes estavam estragados. “Quando você passa por muitos problemas, você perde os dentes”, explicou o dr. Lieberfarb depois de examiná-lo com seu espelhinho, exclamando “ih!” dezenove vezes, e naquela mesma tarde começou as obturações. Assumi todo aquele trabalho de graça porque Alvin havia se oferecido como voluntário para combater os fascistas e porque, ao contrário dos “judeus ricos” que deixavam meu pai atônito por se acharem protegidos na América de Lindbergh, Lieberfarb continuava não tendo ilusões a respeito do que “os muitos Hitlers deste mundo” ainda planejavam contra nós. Dezenove blocos de ouro não era pouca coisa, mas era assim que ele manifestava sua solidariedade com meu pai, com minha mãe e comigo, bem como com os democratas, ao contrário de tio Monty, tia Evelyn, Sandy e de todos os republicanos que no momento desfrutavam do amor de seus compatriotas. Dezenove blocos de ouro também era um serviço que exigia muito tempo, ainda mais para um dentista que havia estudado odontologia à noite enquanto passava os dias trabalhando como estivador em Port Newark e que jamais teve uma mão muito leve. Lieberfarb trabalhou durante meses, porém após as primeiras semanas o pior já tinha sido consertado, de modo que não era mais tão terrível dormir a pouca distância da boca de Alvin. Mas o coto era outro problema. “O coto abriu” quer dizer que sua extremidade está ferida, aberta, infeccionada. Surgem bolhas, lesões, edemas, torna-se impossível usar a prótese, e o jeito é andar de muletas até que o toco sare e possa suportar a pressão sem abrir outra vez. A culpa era da pema artificial, que não encaixava muito bem. Os médicos diziam que a pema havia perdido o encaixe, porém a verdade é que ela *nunca* encaixara direito, segundo Alvin, porque o homem que tomara as medidas não havia feito o serviço como devia.

“Quanto tempo leva para sarar?”, perguntei-lhe na noite em que finalmente ele me explicou o sentido de “o coto abriu”. No jardim-de-inverno, Sandy já estava domindo havia horas, tal como meus pais no quarto deles, e eu e Alvin também estávamos domindo quando ele começou a gritar “Dança! Dança!”, então, arfando de modo assustador, levantou-se de repente e ficou sentado na cama, totalmente desperto. Quando acendi o abajur e o vi encharcado de suor, levantei-me, abri a porta do quarto e, embora também eu de súbito estivesse coberto de suor, atravessei na ponta dos pés o pequeno corredor, mas não fui ao quarto de meus pais para contar o que havia acontecido, e sim ao banheiro, pegar uma toalha para Alvin. Ele enxugou o rosto e o pescoço, depois tirou a camisa do pijama para secar o peito e as axilas, e então finalmente vi o que havia se tomado a parte superior do homem desde que a inferior fora destroçada. Não havia feridas,

nem marcas de pontos, nem cicatrizes desfiguradoras, mas também não havia força — apenas uma pele pálida de menino doentio recobrindo as protuberâncias ósseas.

Era nossa quarta noite juntos. Nas três primeiras, Alvin tivera o cuidado de despir-se e vestir o pijama no banheiro, voltando para o quarto aos pulos para pendurar as roupas no armário; como ele usava o banheiro de novo para se vestir de manhã, eu ainda não fora obrigado a olhar para o coto, podendo assim fazer de conta que não sabia de sua existência. À noite eu me virava para a parede e, exaurido por todas as minhas preocupações, adormecia imediatamente, acordando apenas quando, de madrugada, Alvin se levantava, ia pulando até o banheiro e depois voltava para a cama. Fazia isso sem acender as luzes; eu temia que ele esbomasse em alguma coisa e caísse no chão. À noite, qualquer movimento que meu primo fizesse me dava vontade de fugir, e fugir não apenas do coto. Foi na quarta noite, depois que terminou de se enxugar com a toalha e ficou deitado, nu da cintura para cima, que Alvin arregalou a pema esquerda da calça e olhou para o coto. Aquilo me pareceu um bom sinal — sinal de que sua agitação mórbida estava diminuindo, ao menos comigo —, mas assim mesmo eu não queria olhar na direção dele... e por isso olhei, tentando agir como um soldado na minha cama. O que vi, estendendo-se do joelho, foi uma coisa com cerca de quinze centímetros de comprimento que parecia a cabeça alongada de um animal sem rosto, uma coisa em que Sandy, com uns poucos traços bem colocados, seria capaz de desenhar olhos, nariz, boca, dentes e orelhas, transformando-a num rato. Vi precisamente o que a palavra “coto” quer dizer: a parte restante de algo que era para estar lá e não está mais. Para quem jamais tivesse visto uma pema, aquilo talvez parecesse normal, pois a pele desprovida de pêlos contornava a extremidade abreviada como se fosse obra da natureza e não o resultado de uma seqüência de amputações trabalhosas.

“Já sarou?”, perguntei.

“Ainda não.”

“Quando vai sarar?”

“Nunca”, respondeu ele.

Fiquei atônito. Então isso não vai ter fim!, pensei.

“É muito frustrante”, disse Alvin. “Você põe a pema que eles te dão e aí o coto abre. Você pega as muletas e aí ele começa a inchar. De qualquer jeito o coto fica mal. Pega as minhas ataduras na cômoda.”

Fiz o que ele pediu. Eu teria que pegar nas ataduras bege que ele usava para impedir que o coto inchasse quando tirava a pema artificial. Estavam enroladas num canto da gaveta ao lado das meias de Alvin. Cada uma delas tinha cerca de oito centímetros de largura, e para que não desenrolassem estavam presas com alfinetes de segurança grandes. Para mim, enfiar a mão dentro daquela gaveta era tão desagradável quanto descer ao porão e enfiar a mão na máquina de espremer roupas; mas foi o que fiz, e quando levei as ataduras para a cama, uma em cada mão, ele disse: “Isso, garotão”, e conseguiu me fazer rir dando tapinhas na minha cabeça como se eu fosse um cachorro.

Temendo o que viria a seguir, sentei-me em minha cama e fiquei olhando.

“Agente faz esse curativo”, explicou ele, “pra não inchar.” Segurou o coto com uma das mãos, enquanto com a outra retirava o alfinete de segurança e desenrolava uma das ataduras em torno do coto, uma volta cruzando com outra, até chegar ao joelho; continuou subindo por mais alguns

centímetros. “A gente faz esse curativo pra não inchar” — repetiu as palavras num tom cansado, com uma paciência exagerada — “mas a atadura não pode encostar no machucado senão ele não sara. E aí você fica botando e tirando até ficar maluco.” Quando terminou de desenrolar a atadura e prendeu a ponta com o alfinete de segurança, mostrou-me o resultado. “Tem que apertar com força, está vendo?” Começou a fazer o mesmo com a segunda atadura. O coto — quando ele terminou — de novo me fez pensar num animal pequeno, só que dessa vez parecia ter sido amordaçado com todo o cuidado para que não cravasse os dentes afiadíssimos na mão de quem o havia capturado.

“Como é que você aprende a fazer isso?”, perguntei.

“Não precisa aprender. É só botar. Só que”, anunciou de repente, “está apertado demais, poma. É, acho que a gente *tem* que aprender, sim. Puta que o pariu! Às vezes fica frouxo demais, às vezes fica apertado demais, que merda! Essa poma deixa qualquer um maluco.” Retirou o alfinete de segurança que prendia a segunda atadura e desfez os dois curativos para começar tudo outra vez. “Como você vê”, disse Alvin, tendo agora que se conter para não manifestar a raiva que lhe inspirava a inutilidade de tudo aquilo, “a gente acaba aprendendo”, e retomou o processo de refazer o curativo, que, como a cura, também parecia jamais ter fim.

No dia seguinte, assim que acabaram as aulas, corri para casa, sabendo que lá não encontraria ninguém — Alvin estava no dentista; Sandy estava em algum lugar com tia Evelyn, os dois ajudando Lindbergh, por algum motivo inexplicável, a atingir seus objetivos; e meus pais só voltariam do trabalho na hora do jantar. Como Alvin decidira usar os dias para deixar que a ferida sarasse sem o curativo e as noites para amarrar o coto para que não inchasse, encontrei com facilidade as ataduras no canto da primeira gaveta da cômoda, onde ele as guardara naquela manhã. Sentei-me na beira da cama, areguei a pema esquerda da calça e, constatando chocado que o que restava da pema de Alvin não era muito mais grosso do que a minha própria pema, comeci a fazer um curativo. Na escola, eu havia passado o dia relembrando o que o vira fazer na véspera, mas às três e vinte, quando cheguei em casa, mal havia começado a enrolar a primeira bandagem em torno de meu coto imaginário quando senti algo logo abaixo do joelho que, ao examinar, constatei ser uma casca de ferida do coto ulcerado de Alvin. A casca teria se soltado durante a noite — Alvin ignorou-a ou então nem reparou nela — e agora ela estava grudada em mim, e eu não tinha como enfrentar uma situação como aquela. Embora os engulhos começassem quando eu ainda estava no quarto, disparei em direção à porta dos fundos e desci correndo a escada do porão, de modo que consegui posicionar minha cabeça acima do tanque duplo alguns segundos antes de começar a vomitar de verdade.

Ver-me sozinho na caverna úmida do porão era uma provação em quaisquer circunstâncias, e não apenas por causa da máquina de espremer roupa. Com aquela faixa de mofo correndo ao longo das paredes caídas cheias de rachaduras — manchas em todos os tons de um arco-íris excrementício e botões que pareciam ter vazado de um cadáver —, o porão era um mundo macabro, que se estendia por baixo de toda a casa, com meia dúzia de fendas fechadas por um vidro enegrecido de sujeira que davam para o cimento do beco e o gramado maltratado de casa e que em nada ajudavam a clarear o ambiente. Havia diversos ralos do tamanho de pires no fundo da concavidade no meio do chão de concreto. Na boca de cada um deles, ficava um disco negro

pesado com furos concêntricos do tamanho de uma moeda pequena, e não era difícil para mim imaginar que criaturas vaporosas malévolas emergiam das entranhas da terra por aqueles buracos e se introduziam em minha vida. O porão era um lugar onde faltavam não apenas janelas ensolaradas mas também todos os tranquilizadores sinais de humanidade, e quando, no primeiro ano do secundário, numa aula de mitologia greco-romana, li a respeito do Hades, de Cérbero e do rio Estige, na mesma hora me lembrei do nosso porão. Uma lâmpada de trinta watts pendia acima do tanque no qual eu tinha vomitado; havia uma segunda lâmpada perto das caldeiras de carvão — três vultos alinhados, acesos, como se fossem a trindade infernal que imperava no nosso Hades — e havia também uma lâmpada, quase sempre queimada, pendurada no fio elétrico que passava por dentro de cada depósito.

Parecia-me insuportável a idéia de que um dia caberia a mim o encargo de colocar carvão dentro da caldeira de nossa família de manhã bem cedo, no inverno, enchê-la de carvão antes de me deitar, e uma vez por dia despejar um balde de cinzas frias no quintal dos fundos. Sandy já era forte o suficiente para se encarregar dessa tarefa, que antes era responsabilidade de meu pai, mas dentro de alguns anos, quando meu irmão, como todos os outros rapazes americanos de dezoito anos, fosse prestar vinte e quatro meses de serviço militar no novo Exército-cidadão do presidente Lindbergh, eu herdaria aquela função, da qual só me livraria quando chegasse minha hora de ser recrutado. Imaginar um futuro em que eu teria de descer ao porão sozinho para trabalhar na caldeira era, aos nove anos de idade, um pensamento tão perturbador quanto a idéia da inevitabilidade da morte, a qual também já havia começado a me atormentar na cama, todas as noites.

Porém, o que mais me inspirava medo no porão era a presença dos que já haviam morrido — meus dois avôs, a mãe de minha mãe e os pais de Alvin. Os corpos deles tinham sido enterrados perto da Route 1, na divisa entre Newark e Elizabeth, mas para poderem fiscalizar nossa vida e policiar nosso comportamento seus fantasmas moravam dois andares abaixo do nosso sobrado. Deles eu não guardava nenhuma lembrança, com exceção da avó que morrera quando eu tinha seis anos, e no entanto sempre que ia ao porão sozinho tomava o cuidado de avisar a todos, um por um, que eu estava descendo, pedindo-lhes encarecidamente que mantivessem distância e não me atacassem assim que eu me visse entre eles. Quando Sandy tinha a minha idade, ele enfrentava esse medo descendo a escada a toda velocidade, berando: “Seus facínoras, eu sei que vocês estão aí embaixo — estou amado!”, enquanto eu descia a escada sussurrando: “Se fiz alguma coisa errada, peço desculpas”.

Além da máquina de espremer roupas, dos ralos, dos mortos — os fantasmas dos mortos que me vigiavam, julgavam e condenavam enquanto eu vomitava dentro do tanque duplo em que minha mãe e eu tínhamos lavado as roupas de Alvin —, havia também gatos de rua, que penetravam no porão quando alguém deixava a porta dos fundos aberta e que ficavam miando lá do lugar escuro onde se escondiam, e também a tosse agoniada de nosso vizinho do andar de baixo, o sr. Wisnow, uma tosse que, ouvida do porão, dava a impressão de que ele estava sendo serrado ao meio pelos dentes de um traçador. Tal como meu pai, o sr. Wisnow era corretor de seguros e trabalhava para a Metropolitan, porém estava havia um ano recebendo pensão por invalidez, porque o câncer em sua boca e garganta não permitia que ele fizesse outra coisa que não



ficar em casa ouvindo novelas radiofônicas, quando não dormia ou tossia de modo incontrolável. A sede da companhia de seguros permitia que sua mulher o substituísse — a primeira mulher a trabalhar como corretora de seguros na história da seção de Newark —, e agora ela cumpria o mesmo expediente interminável que meu pai, o qual normalmente tinha de sair para fazer cobranças depois do jantar e passava quase todos os sábados e domingos tentando obter novos clientes, já que o fim de semana era sua única oportunidade de encontrar os chefes de família em casa para ouvirem sua arenga. Antes de minha mãe começar a trabalhar como vendedora na Hahne's, ela costumava visitar o sr. Wishnow uma ou duas vezes por dia para ver como ele estava; e agora, quando a sra. Wishnow telefonava dizendo que não poderia chegar em casa a tempo de preparar o jantar, minha mãe fazia um pouco mais de comida do que de costume, e eu e Sandy, antes de nos sentarmos à mesa para jantar, levávamos, cada um, um prato de comida numa bandeja ao apartamento do primeiro andar, um para o sr. Wishnow e outro para Seldon, o filho único do casal. Seldon abria a porta e nós atravessávamos com todo o cuidado o corredor até chegarmos à cozinha, tentando não detamar nada ao colocar as bandejas na mesa, onde o sr. Wishnow já estava a nossa espera, com um guardanapo de papel enfiado no paletó de pijama mas sem a menor cara de que era capaz de se alimentar sozinho, por mais necessitado de alimento que estivesse. “Vocês estão bem, meninos?”, ele nos perguntava com o farapo de voz que lhe restava. “Tem uma piada para me contar, Phillie? Estou precisando de uma boa piada”, admitia, mas sem ressentimento, sem tristeza, apenas demonstrando a jovialidade suave e defensiva de uma pessoa que se agarrava à vida sem nenhum motivo visível. Seldon certamente devia ter contado ao pai que eu fazia os colegas rir na escola, por isso ele me pedia que lhe contasse uma piada, muito embora na sua presença eu não conseguisse sequer falar. O máximo que eu podia fazer era tentar encerrar um homem que eu sabia estar morrendo — e, pior ainda, *resignado* com a idéia de que estava morrendo — sem permitir que meus olhos percebessem nos dele os sinais sinistros do sofrimento físico que ele era obrigado a suportar enquanto se preparava para uma existência espectral em nosso porão, junto com todos os outros mortos. Às vezes, quando era necessário renovar o estoque de remédios do sr. Wishnow, Seldon subia a escada correndo para me perguntar se eu queria ir com ele à farmácia e, como meus pais me haviam explicado que o pai de Seldon estava condenado — e como Seldon agia como se não soubesse nada a respeito disso —, era impossível para mim dizer não, embora jamais me agradasse a companhia de uma pessoa que demonstrava de modo tão desavergonhado a necessidade de ter um amigo. Seldon era uma criança visivelmente esmagada pela solidão, dotada de uma abundância inmerecida de sofrimentos, que se esforçava demais para manter no rosto um sorriso permanente, um desses meninos magricelas, pálidos, de rosto doce, que constroem a todos por jogar bola como uma menina, mas que ao mesmo tempo era o garoto mais inteligente da turma e o gênio da escola em aritmética. Curiosamente, Seldon era também o melhor da aula de educação física quando se tratava de subir e descer as cordas que pendiam do teto alto do ginásio; havia uma relação integral entre sua agilidade aérea — segundo um de nossos professores — e sua destreza inigualável com os números. Já era campeão de xadrez, jogo que lhe fora ensinado pelo pai, e assim, toda vez que ia com ele à farmácia, eu sabia que era inevitável terminarmos dois jogando xadrez na sala escura da família — escura para economizar energia e também porque as cortinas permaneciam fechadas o tempo todo a fim de que os curiosos mórbidos da vizinhança

não pudessem acompanhar, passo a passo, a trajetória de Seldon numo à orfandade. Indiferente à minha resistência inflexível, Seldon, o solitário (era esse o cognome que lhe fora dado por Earl Axman, o qual sofrera uma outra espécie de catástrofe doméstica quando sua mãe teve seu repentino esgotamento nervoso), tentava me ensinar pela milionésima vez como cada peça se deslocava no tabuleiro e como se jogava aquele jogo, enquanto no quarto dos fundos seu pai tossia com tanta insistência e tanta força que dava a impressão de haver não um mas quatro, cinco, seis pais lá dentro, tossindo até morrer.

Em menos de uma semana, não era mais Alvin, e sim eu, quem fazia seu curativo; eu havia praticado tanto em minha própria pema — e sem vomitar outra vez — que ele jamais se queixou de estarem as ataduras frouxas ou apertadas demais. Passei a fazer isso todas as noites — mesmo depois que o coto sarou e Alvin voltou a andar normalmente com a pema artificial — para que não viesse a inchar outra vez. Durante todo o tempo em que o coto estava sarando, a pema artificial permanecia guardada no fundo do armário de roupas, quase escondida atrás dos sapatos no chão e das calças penduradas. Ainda era necessário algum esforço para não reparar nela, mas eu estava decidido a não vê-la, e só descobri de que material era feita no dia em que Alvin pegou-a no armário para usá-la. Fora o fato de que imitava de modo sinistro a metade inferior de uma pema de verdade, tudo nela era horrível, porém ao mesmo tempo maravilhoso, a começar pelos “arceiros”, como dizia Alvin: a peça de couro que se fechava em torno da coxa, desde logo abaixo da nádega até o alto do joelho, e se prendia à prótese por juntas articuladas de aço em ambos os lados do joelho. O coto, coberto por uma comprida meia de lã, encaixava-se com folga num bocal acolchoado no alto da prótese, que era de madeira oca com furos para ficar mais leve, e não, como eu imaginava, um pedaço de bomacha preta semelhante a um cassete de história em quadrinhos. Na extremidade da pema ficava o pé artificial, que só se flexionava uns poucos graus, acolchoado com uma sola de esponja. O pé se aparafusava na pema com perfeição, sem que ficasse aparecendo qualquer articulação, e embora mais parecesse uma fôma de sapato do que um pé de verdade, com cinco dedos separados, depois que Alvin calçava as meias e os sapatos — meias lavadas pela minha mãe, sapatos engraxados por mim —, quem o visse pensaria que os dois péseram dele.

No primeiro dia em que voltou a usar a pema artificial, Alvin ficou andando de um lado para o outro no beco, desde a garagem até a sebe mirada que cercava o minúsculo gramado da frente, porém sem dar nem um passo além disso, para que ninguém o visse da rua. No segundo dia, novamente passou a manhã se exercitando sozinho, mas quando cheguei da escola saíu comigo para mais uma sessão de prática, dessa vez não mais se dedicando apenas a andar, porém fingindo que o estado de seu coto e o encaixe com a prótese — e o longo futuro de pemeia que tinha pela frente — não o preocupavam. Na semana seguinte, Alvin passou o tempo todo em casa com a pema mecânica, e na semana seguinte me disse: “Pega a bola de futebol”. Só que não tínhamos nenhuma bola de futebol — era um artigo tão caro quanto travas e ombreiras, coisas que só os garotos “ricos” possuíam. Como eu só podia pegar emprestada uma bola no *playground* da escola se fosse usá-la lá mesmo — eu, que até então jamais havia roubado outra coisa que não uns trocados dos bolsos de meus pais —, o que fiz sem hesitar por um momento foi descer a Keer

Avenue até o trecho onde havia casas unifamiliares com gramados na frente e nos fundos, olhando para todas as entradas de garagem, até encontrar o que procurava — uma bola de futebol americano para roubar, uma bola de couro de verdade, marca Wilson, amarrada de tanto rolar na calçada, o couro já gasto, com uma câmara de bomacha inflável dentro, que algum menino rico e descuidado deixara dando sopa. Coloquei-a debaixo do braço e fui embora, subindo a ladeira em disparada até chegar à Summit Avenue, como se estivesse disputando uma partida de campeonato pela Notre Dame.

Naquela tarde, ficamos quase uma hora praticando passes, e à noite, quando examinamos o coto, com a porta do quarto fechada, não vimos nenhum sinal de que ele estivesse se abrindo outra vez, muito embora, ao me fazer lançamentos em espiral com perfeição, Alvin tivesse jogado quase todo o peso do corpo sobre a pema artificial. “Eu não tinha escolha” — seria essa a defesa que eu apresentaria se me apanhassem em flagrante naquele dia na Keer Avenue. Meu primo Alvin queria uma bola de futebol, meritíssimo. Ele perdeu uma pema lutando contra Hitler e voltou para casa; ele queria uma bola. O que eu podia fazer?

A essa altura, já havia se passado um mês desde aquela terrível chegada à Pennsylvania Station; embora não fosse muito agradável, eu não sentia mais nenhuma repulsa quando, ao pegar meus sapatos de manhã, estendia a mão para apanhar a prótese de Alvin no fundo do armário e depois a entregava a ele, que, sentado na cama de cuca, aguardava a vez de usar o banheiro. Ele estava cada vez menos deprimido e já começara a ganhar peso, devorando punhados do que encontrasse na geladeira entre as refeições; seus olhos não pareciam mais tão enormes; seu cabelo voltara a ser abundante, ondulado, tão negro que parecia lustroso como cera; assim, quando se sentava na cama com o coto exposto a cada manhã o menino que o adorava tinha mais motivos para adorá-lo, e achava um pouco menos insuportável ter pena do que inspirava pena.

Em pouco tempo Alvin não se restringia mais ao beco e, sem ter que recorrer às muletas ou à bengala, que o humilhavam quando precisava utilizá-las em público, andava para todos os lados com sua pema artificial: fazia compras para minha mãe no açougue, na padaria e na quitanda; ia comer cachorro-quente na esquina; pegava o ônibus não apenas para ir ao dentista na Clinton Avenue como também para ir até a Market Street comprar uma camisa nova na Larkey’s — e também, o que eu ainda não sabia, freqüentava o campo dos fundos do colégio secundário, levando no bolso o dinheiro do desligamento do Exército canadense, à procura de parceiros para uma rodada de pôquer ou dados. Um dia, depois das aulas, nós dois guardamos no depósito do porão a cadeira de rodas, e naquela noite, após o jantar, contei a minha mãe a idéia que me ocorrera na escola. Onde quer que estivesse, o que quer que estivesse fazendo, eu dava por mim pensando em Alvin, tentando encontrar uma maneira de fazê-lo parar de pensar na prótese — assim eu disse a ela: “Se tivesse um zíper no lado da calça do Alvin, ia ser mais fácil ele tirar e botar a calça quando está com a pema mecânica, não ia?”. Na manhã seguinte, a caminho do trabalho, minha mãe deixou uma das calças de Alvin, que o Exército lhe dera, com uma costureira que trabalhava em casa na vizinhança; ela descosou a calça de alto a baixo e colocou no lugar um zíper que ia até cerca de quinze centímetros acima da bainha. Naquela noite, quando Alvin vestiu a calça depois de abrir o zíper, foi fácil passar com a prótese sem ter que xingar o resto da humanidade só porque ele estava se vestindo. E depois que fechava o zíper, não se via nada. “Agente nem vê!”, exclamei. Na manhã

seguinte, pusemos todas as outras calças de Alvin numa sacola de papel para minha mãe levar à costureira. “Eu não sei viver sem você”, disse-me Alvin quando nos deitamos naquela noite. “Sem você eu não conseguia nem vestir minhas calças”, e me deu para sempre a medalha canadense que lhe fora concedida “em reconhecimento a seu desempenho em circunstâncias excepcionais”. Era uma medalha de prata redonda; num dos lados, o perfil do rei Jorge VI; no outro, um leão triunfante pisando num dragão morto. Naturalmente, adorei o presente, e passei a usar a medalha o tempo todo, porém com a fita verde estreita de que ela pendia presa à minha camisa-de-meia, para que ninguém a visse e duvidasse do meu patriotismo. Eu só a deixava na gaveta em casa nos dias em que tínhamos aula de educação física e era necessário tirar a camisa.

E como ficava Sandy? Como andava muito ocupado, de início pareceu não perceber que, do dia para a noite, eu me transformara no criado pessoal de um herói de guerra canadense condecorado, que por sua vez me havia condecorado; quando se deu conta disso — ficou consternado de início menos por estar Alvin tão ligado a mim, o que era de se esperar agora que domínamos no mesmo quarto, do que por ser tratado com uma indiferença hostil pelo primo — já era tarde demais para me desalojar daquele glorioso papel de coadjuvante (o qual implicava tarefas nojentas) que eu fora obrigado a assumir e que, para surpresa de Sandy, me proporcionara um reconhecimento tão sublime nos anos finais de minha longa carreira de irmão caçula.

E tudo isso fora conseguido sem que eu sequer tocasse no assunto da ligação de Sandy, através da tia Evelyn e do rabino Bengelsdorf, com nosso odioso governo atual. Todos, inclusive meu irmão, evitavam falar sobre a AAA e o programa Gente como a Gente na presença de Alvin, convencidos de que, enquanto ele não compreendesse que a imensa popularidade das políticas isolacionistas de Lindbergh havia feito com que até mesmo muitos judeus comesçassem a apoiá-lo — e que era uma traição muito menor do que podia parecer um menino judeu da idade de Sandy ser atraído pela aventura representada pelo programa Gente como a Gente —, seria impossível conter a indignação do membro da família que mais odiava Lindbergh e que mais havia se sacrificado por essa causa. Porém Alvin parecia já ter percebido que Sandy o havia traído, e, sendo ele quem era, não se dava ao trabalho de disfarçar seus sentimentos. Eu não dissera nada, meus pais não disseram nada, e sem dúvida Sandy não dissera nada que pudesse comprometê-lo com Alvin; no entanto, seu primo de algum modo sabia (ou ao menos se comportava como se soubesse) que a primeira pessoa que lhe dera as boas-vindas na estação ferroviária fora também o primeiro a se passar para o lado dos fascistas.

Ninguém tinha idéia do que Alvin pretendia fazer na vida. Seria-lhe difícil encontrar trabalho, porque nem todo mundo estaria disposto a contratar uma pessoa vista como um aleijado ou um traidor, ou ambas as coisas. Porém era fundamental, diziam meus pais, combater qualquer tendência que ele manifestasse no sentido de não fazer nada e ficar emburrado num canto, chafurdando na autocomiseração, sobrevivendo com o dinheiro da pensão. Minha mãe queria que ele usasse essa renda para custear a faculdade. Ela havia se informado e descobrira que se Alvin passasse um ano na Academia de Newark, tirando no mínimo notas B nas matérias em que tirara D e F no secundário, era bem possível que conseguisse entrar na Universidade de Newark no

ano seguinte. Mas meu pai não conseguia imaginar Alvin voluntariamente retomando à décima segunda série, mesmo que fosse numa escola particular no centro da cidade; aos vinte e dois anos e tendo passado por tudo por que passara, ele precisava era arranjar o mais depressa possível um emprego de futuro; para tal, meu pai propôs que Alvin entrasse em contato com Billy Steinheim. Billy era o filho que fizera amizade com Alvin no tempo em que ele trabalhava como chofer de Abe; se Billy se dispusesse a convencer seu pai a dar uma segunda oportunidade a Alvin, talvez encontrassem um lugar para ele na companhia, um lugar humilde de início, mas no qual ele poderia se redimir diante de Abe Steinheim. Se necessário — mas só se necessário —, Alvin poderia começar a trabalhar com tio Monty, que já viera oferecer ao sobrinho uma vaga no mercado de hortigranjeiros; isso fora nos primeiros dias, quando o coto de Alvin estava muito machucado e ele ainda passava a maior parte do tempo na cama, não permitindo que abrísemos as persianas do quarto por medo de entrever, por uma fresta que fosse, o mundo no qual ele outrora circulara inteiro. Vindo da Pennsylvania Station no carro com meu pai e Sandy, ele fechou os olhos quando se aproximaram do colégio, para não se lembrar das vezes incontáveis em que saía correndo daquele prédio ao final do dia, sem nenhum sofrimento físico que o impedisse de fazer o que lhe desse na veneta.

Foi justamente na tarde antes do dia em que tio Monty veio nos visitar que cheguei da escola um pouco atrasado — era a minha vez de limpar os quadros-negros — e constatei que Alvin tinha desaparecido. Não o encontrei na cama nem no banheiro nem em nenhum outro cômodo do apartamento; assim, fui correndo para o quintal dos fundos e, em seguida, perplexo, voltei depressa para dentro de casa, pois ouvi, pela escada do porão, gemidos fracos vindos lá de baixo — fantasmas, os fantasmas atormentados dos pais de Alvin! Quando descí a escada pé ante pé, curioso para saber se era possível vê-los além de ouvi-los, o que vi, parado junto à parede da frente do porão, foi Alvin, olhando pelo estreito retângulo de vidro que dava para a Summit Avenue, no nível da rua. Ele estava com um roupão de banho, equilibrando-se com uma das mãos no parapeito estreito. A outra mão eu não via. Ele a estava usando para um fim que eu era pequeno demais para entender. Através de um pequeno círculo no vidro que ele limpava para que ficasse transparente, Alvin olhava as garotas que moravam na Keer Avenue, voltando do colégio pela nossa rua. Dali ele só podia ver as pernas delas, passando lépidas atrás da sebe, mas era o bastante para fazê-lo gemer de angústia, julgava eu, por não ter mais duas pernas para andar. Em silêncio, subi a escada de costas, saí pela porta dos fundos e fiquei de cócoras no canto mais recôndito da nossa garagem, planejando fugir para Nova York, onde moraria com Earl Axman. Foi só porque estava ficando escuro e eu tinha dever de casa a fazer que voltei para dentro, parando no caminho para ver se Alvin ainda estava no porão. Ele não estava mais lá, e assim usei descer a escada, passar correndo pela máquina de espremer roupas e contornar os ralos, até chegar à janela, onde fiquei na ponta dos pés, com a intenção apenas de olhar para a rua tal como ele havia feito; então constatei que a parede caíada, no trecho abaixo da janela, estava toda melada, recoberta de uma substância gosmenta. Como não fazia idéia do que era masturbação, eu certamente não sabia o que era espermatozóide. Pensei que fosse pus. Pensei que fosse catarro. Não sabia o que pensar, só sabia que era uma coisa terrível. Na presença daquela secreção misteriosa, imaginei que fosse algo que supurasse dentro do corpo de uma pessoa e depois jorasse pela boca, quando ela estava consumida pela dor.

Na tarde em que veio ver Alvin, tio Monty estava a caminho da Miller Street, no centro da cidade, onde, desde os catorze anos, ele passava a noite trabalhando no mercado. Chegava lá em tomo das cinco e voltava para casa apenas às nove da manhã seguinte, para fazer sua principal refeição e passar o resto do dia dormindo. Era assim que vivia o membro mais rico de nossa família. Suas duas filhas levavam uma vida melhor. Linda e Annette, que eram um pouco mais velhas do que Sandy e exibiam aquela timidez tenível de meninas que vivem andando na ponta dos pés em tomo de um pai tirânico, tinham muitas roupas e estudavam no colégio Columbia, no subúrbio de Maplewood, onde havia outros garotos judeus que possuíam montes de roupas, cujos pais eram proprietários de Cadillacs e tinham um segundo carro na garagem à disposição da mulher e dos filhos crescidos. No casarão de Maplewood morava com eles minha avó, que também tinha muitas roupas, todas compradas para ela pelo filho mais próspero, roupas que ela só usava nas Grandes Festas e quando Monty a obrigava a vestir-se e sair para almoçar com a família aos domingos. Não havia restaurante que fosse *kosher* o bastante para ela, por isso minha avó sempre pedia um menu de prisioneiro — pão e água; de qualquer modo, não sabia se comportar em restaurantes. Uma vez, quando viu um auxiliar de garçom carregando uma pilha pesadíssima de pratos para a cozinha, levantou-se e foi correndo ajudá-lo. Tio Monty gritou: “Mãe! Não! *Loz im tsu ru!* Deixa o menino!”, e quando ela lhe deu um tapa na mão para afastá-lo, foi necessário puxá-la de volta para a mesa pela manga de seu vestido coberto de ridículas lantejoulas. Havia uma negra, conhecida como “a menina”, que vinha de ônibus de Newark fazer a limpeza do apartamento duas vezes por semana, mas mesmo assim, quando não havia ninguém por perto, vovó se ajoelhava para esfregar o assoalho da cozinha e do banheiro; e era ela quem lavava suas próprias roupas, numa tábua de bater, muito embora houvesse no subsolo habitável da casa de Monty uma lavadora Bendix nova em folha de noventa e nove dólares. Minha tia Tillie, mulher de Monty, vivia se queixando do marido que dormia o dia todo e jamais estava em casa à noite, embora o resto da família achasse que era isso — muito mais do que o Oldsmobile novo que ela ganhara — a grande sorte de sua vida.

Alvin estava deitado na cama, ainda de pijama, às quatro da tarde daquele dia de janeiro em que Monty veio visitá-lo pela primeira vez e ousou fazer a pergunta cuja resposta nenhum de nós sabia — “Mas como foi que você conseguiu perder esse raio dessa pema?”. Como Alvin estava muito pouco comunicativo, respondendo com um gemido de repulsa quando, chegando da escola, tentei alegrá-lo, eu não imaginava que nosso parente menos simpático conseguisse arrancar dele alguma informação.

Mas a presença de tio Monty, sempre com um cigarro pendurado no canto da boca, era tão intimidadora que nem mesmo Alvin, naqueles primeiros dias, foi capaz de fazê-lo calar a boca e ir embora. Naquela tarde em particular, Alvin não conseguiu sequer fazer uma pálida imitação daquela atitude arrogante de desafio que lhe permitira sair pulando de modo espantoso pela estação ferroviária, ao chegar a Newark com uma pema a menos.

“França”, foi a resposta vaga que Alvin deu à grande pergunta.

“O pior país do mundo”, retrucou Monty, com absoluta convicção. Aos vinte e um anos de idade, no verão de 1918, Monty havia lutado na França contra os alemães na segunda e catastrófica batalha do Mame, e depois na floresta de Argonne, quando os aliados romperam o *front* ocidental

alemão; assim, claro, ele sabia tudo sobre a França.

“Eu não perguntei onde”, disse Monty. “Perguntei como.”

“Como”, repetiu Alvin.

“Põe isso pra fora, garoto. Vai te fazer bem.”

Ele sabia isso também — o que faria bem a Alvin.

“Onde você estava”, perguntou ele, “quando foi atingido? E não vai me dizer que estava no lugar errado, não. Você passou a vida toda no lugar errado.”

“Agente estava esperando o barco que vinha nos pegar.”

Nesse ponto fechou os olhos, como se não pretendesse jamais voltar a abri-los. Mas em vez de calar-se, o que eu rezava para que ele fizesse, acrescentou de repente: “Eu atirei num alemão”.

“E aí?”, disse Monty.

“Ele ficou gritando o resto da noite.”

“E aí? E aí? Continua. Ele ficou gritando. E aí?”

“Aí que pouco antes do dia nascer, antes do barco chegar, fui rastejando até ele. Uns cinqüenta metros mais ou menos. A essa altura ele já estava morto. Mas fui até lá e dei dois tiros na cabeça dele. Depois cuspi no filho-da-puta. Foi então que jogaram a granada. Me acertou nas duas pernas. Numa das pernas o pé virou para trás. Quebrado e torcido. Isso eles consertaram. Eles operaram e consertaram. Puseram gesso. Endireitaram o meu pé. Mas o outro foi embora. Olhei pra baixo e vi um pé virado pra trás e a outra perna pendurada. A perna esquerda já estava praticamente amputada.”

Era isso, muito diferente da realidade heróica que eu, na minha ingenuidade, tinha imaginado.

“Sozinho na terra de ninguém”, comentou Monty. “Vai ver que foi um dos seus mesmo que acertou em você. Ainda não estava claro, aquele lusco-fusco, um sujeito ouve um tiro, entra em pânico — e pronto, lá vai granada.”

Com relação a essa hipótese, Alvin nada tinha a dizer.

Qualquer um teria compreendido e amolecido ao ver o suor recobrindo a testa de Alvin e as gotas que se acumulavam em seu pescoço, e percebendo que ele ainda não tinha aberto os olhos. Mas não meu tio — ele compreende e não amolece. “E como foi que não te abandonaram ali? Depois de você aprontar essa, por que é que eles não deixaram você lá, morrendo?”

“Tinha lama pra todos os lados”, foi a resposta vaga de Alvin. “O chão era só lama. Eu só me lembro da lama.”

“Quem foi que salvou você, seu desajustado?”

“Eles me pegaram. Eu devia estar desacordado. Eles vieram e me pegaram.”

“Estou tentando entender o funcionamento do seu cérebro, Alvin, e não consigo. Ele cospe. Ele vai lá e cospe. E foi assim que perdeu a perna.”

“Tem coisas que a gente não sabe por que faz.” Fui eu que disse isso. Eu não sabia de nada, mas estava dizendo ao meu tio: “Você faz e pronto, tio Monty. Você não consegue não fazer”.

“Quem não consegue não fazer, Phillie, é um desajustado profissional.” Virou-se para Alvin. “E agora? Vai passar o resto da vida aí deitado, vivendo da pensão? Vai depender da sorte, que nem um jogador? Já te passou pela cabeça a idéia de trabalhar pra ganhar a vida, como faz o resto do

mundo, esse bando de otários? Tem um emprego pra você lá no mercado, quando sair dessa cama. Você vai começar de baixo, lavando o chão com a mangueira, classificando os tomates, você começa lá embaixo junto com os empurradores de carrinhos e os outros boçais, mas é um emprego, você trabalha pra mim e ganha um salário toda semana. Você roubou metade do dinheiro daquele posto da Esso, mas assim mesmo eu te ofereço esse trabalho porque você continua sendo filho do Jack, e pelo meu irmão eu faço qualquer coisa. Eu não estaria onde estou agora sem o Jack. Foi o Jack que me ensinou tudo sobre o mercado hortigranjeiro, e depois morreu. Quem o Steinheim, que quis ensinar você a trabalhar em construção. Mas ninguém consegue te ensinar nada, seu desajustado. Você vai e joga a chave na cara do Steinheim. Você é importante demais para enfrentar o Abe Steinheim. Só mesmo o Hitler pro Alvin Roth enfrentar.”

Na cozinha, numa gaveta onde ficavam os pegadores de panela e o termômetro do fomo, minha mãe guardava uma agulha comprida e dura e um carretel de linha grossa, para costurar o peru no Dia de Ação de Graças depois que ele era recheado. Além da máquina de espremer roupas, era o único instrumento de tortura que havia lá em casa, que eu soubesse; e minha vontade era pegar essa agulha e costurar a boca de meu tio.

Diante da porta do quarto, antes de sair para o mercado, Monty virou-se para fazer um resumo. Valentões adoram fazer resumos. Aquele resumo redundante e esmagador — não há nada semelhante a isso, só mesmo uma tradicional soma de chicote. “Os seus camaradas amiscaram tudo pra salvar você. Foram lá e amastaram você debaixo de fogo. Não foi? E pra quê? Pra você poder passar o resto da vida jogando dado com o Margulis? Pra ficar no carteadado lá no pátio da escola? Pra você voltar a trabalhar no posto de gasolina e roubar o dinheiro do Simkowitz? Você faz tudo errado. Tudo que você faz é errado. Até na hora de atirar nos alemães atira errado. Por que será? Por que é que você joga chave na cara das pessoas? Por que é que você cospe? O sujeito já está morto — e você vai lá e cospe... Por quê? Porque a vida não foi entregue a você numa bandeja de prata como foi pro resto da sua família? Se não fosse o Jack, Alvin, eu não ia estar aqui gastando o meu latim, não. Você nunca fez nada pra merecer nada. Vamos deixar isso claro. Nada. Há vinte e dois anos que você só faz asneira. Eu estou fazendo isso pelo seu pai, meu filho, não por você. Estou fazendo isso pela sua avó. ‘Ajuda o menino’, ela me pede, e é por isso que estou te ajudando. Quando você descobrir como é que você quer fazer fortuna, põe a sua pema de pau e vem conversar comigo.”

Alvin não chorou, não xingou, não gritou, nem mesmo depois que Monty saiu pela porta dos fundos e entrou no carro, quando ele poderia ter posto para fora todos os seus pensamentos malévolos. Naquele dia ele não conseguia nem mesmo gritar. Nem desabar. Quem desabou fui eu, quando Alvin se recusou a abrir os olhos e olhar para mim quando lhe implorei; quem desabou fui eu, sozinho, mais tarde, no único lugar daquela casa onde eu sabia que podia ficar longe dos vivos e de tudo aquilo que eles não conseguem não fazer.



Março de 1942 — junho de 1942

Nunca antes

Foi assim que Alvin se voltou contra Sandy:

Antes de deixá-lo sozinho na manhã da primeira segunda-feira após sua chegada, minha mãe fez Alvin lhe prometer que usaria as muletas para se locomover enquanto não houvesse ninguém em casa que pudesse pegar as coisas para ele. Mas para Alvin era tão insuportável a idéia de andar de muletas que ele se recusava a submeter-se à estabilidade que elas lhe proporcionavam mesmo quando estava sozinho. À noite, já deitados e com as luzes apagadas, Alvin me fazia rir explicando por que andar de muletas não era tão simples quanto minha mãe imaginava. “Você vai ao banheiro”, dizia ele, “e elas ficam caindo o tempo todo. Fazendo o maior barulho. É uma merda, o barulho que elas fazem. Você vai ao banheiro, você tem que segurar as muletas, você tenta tirar o pau pra fora e não consegue porque as muletas atrapalham. O jeito é largar elas. Af você fica numa pema só. Isso não é muito bom. Se você pende um pouco pra um lado ou pra outro, você mijar fora do vaso. O teu pai me diz que eu devia me sentar para mijar. Sabe o que eu digo para ele? ‘Eu mijar sentado o dia em que você mijar sentado, Heman.’ Uma merda, essas muletas. Ficar num pé só. Tirar o pau pra fora. Jesus Cristo. Mijar já não é uma coisa muito fácil.” Essa altura, estou rindo de modo descontrolado, não apenas porque a história fica ainda mais engaçada por ele estar cochichando alto no quarto escuro, mas porque nunca antes um homem se expôs tanto para mim dessa maneira, usando com tamanha liberdade as palavras proibidas e fazendo humor escatológico sem nenhuma inibição. “É ou não é, garotão?”, diz Alvin. “Abre o jogo comigo — mijar não é tão fácil quanto parece.”

Assim foi que, naquela primeira manhã de segunda-feira em que ficou sozinho em casa, quando a amputação ainda era para ele uma perda ilimitada que o estorvaria e o atormentaria pelo resto da vida, Alvin levou um tombo que só eu da família fiquei sabendo. Ele estava apoiado na pia da cozinha, para onde tinha ido, sem as muletas, tomar um copo d’água. Quando se virou para voltar ao quarto, esqueceu (por motivos mais do que compreensíveis) que só tinha uma pema, e em vez de saltar fez o que todo mundo lá em casa fazia — começou a andar, e naturalmente caiu. A dor que sentiu na extremidade do coto era ainda pior do que a dor na parte da pema que já não existia — uma dor, Alvin me explicou uma vez quando o vi pela primeira vez sofrer uma crise na cama a meu lado, “que te agana e não larga mais”, muito embora o membro em questão já não exista. “Dói onde tem pema”, disse Alvin quando sentiu necessidade de me tranquilizar com algum comentário cômico, “e dói onde não tem. Quería saber quem foi que inventou uma coisa dessas.”

No hospital na Inglaterra, davam morfina aos pacientes que tinham sofrido amputação para controlar a dor. “Você fica pedindo o tempo todo”, ele me explicou. “E toda vez que você pede eles dão. Você aperta um botão, vem a enfermeira e você pede a ela: ‘Morfina, morfina’, e aí você

apaga.” “Doía muito no hospital?”, perguntei. “Não era brincadeira, garotão.” “Foi a pior dor que você já sentiu?” “A pior dor que eu já senti”, respondeu ele, “foi quando meu pai fechou a porta do carro no meu dedo quando eu tinha seis anos de idade.” Ele riu, e por isso eu ri também. “O meu pai disse — quando ele me viu me arrebitando de tanto chorar, um molequinho dessa altura, assim —, o meu pai disse: ‘Para de chorar que não adianta nada.’” Rindo baixinho outra vez, acrescentou: “E acho que isso foi ainda pior do que a dor. É a minha última lembrança dele. Naquele mesmo dia, logo depois ele embarcou e morreu”.

Estrebuchando no chão de linóleo da cozinha, Alvin não tinha ninguém para ajudá-lo a se levantar, muito menos para lhe trazer uma dose de morfina; todos estavam no trabalho ou na escola, e portanto, após algum tempo, foi obrigado a se amastar da cozinha até o quarto. No exato momento, porém, em que ia se levantar do chão para a cama, viu a pasta de desenhos de Sandy. Meu irmão continuava usando a pasta para guardar seus desenhos a lápis e carvão em formato grande, entre as folhas de papel vegetal, e também quando precisava levá-los a algum lugar para mostrá-los. A pasta era grande demais para ser guardada no jardim-de-inverno onde ele dormia agora, por isso a deixava debaixo da cama no nosso quarto. Por mera curiosidade, Alvin puxou-a um pouco para fora, mas como não entendeu de imediato o que era — e como na verdade o que mais queria era voltar para a cama — resolveu ignorá-la, quando então percebeu a fita que a mantinha fechada. A vida não tinha sentido, viver era insuportável, ele ainda sofria a dor provocada pelo acidente idiota ocorrido na cozinha; assim, apenas por não se sentir capaz de realizar nenhuma tarefa física mais exigente, Alvin ficou mexendo na fita até desatá-la.

O que ele encontrou dentro da pasta foram os três retratos de Charles A Lindbergh com traje de aviador que Sandy dissera a meus pais ter destruído dois anos antes, bem como os que havia desenhado a pedido de tia Evelyn depois que Lindbergh foi eleito presidente. Eu só vi os desenhos novos quando tia Evelyn me levou a New Brunswick para ouvir Sandy fazer sua apresentação em prol do programa Gente como a Gente no subsolo da sinagoga. “Esse aqui mostra o presidente Lindbergh assinando a Lei do Recrutamento Universal, que vai manter nosso país em paz ensinando os jovens a proteger e a defender a pátria. Esse aqui mostra o presidente sentado na frente de uma prancheta de desenho, dando sugestões aeronáuticas para o novo caça-bombardeiro americano. Nesse aqui eu mostro o presidente Lindbergh descansando na Casa Branca, com o cachorro da família.”

Cada um dos desenhos novos exibidos antes da fala de Sandy em New Brunswick foi examinado por Alvin no chão do quarto. Então, apesar do impulso destrutivo despertado pela consciência de que aqueles belos retratos haviam sido desenhados com um cuidado metuculoso, ele os recolocou entre as folhas de papel vegetal e empurrou a pasta para debaixo da cama.

Quando Alvin voltou a andar pelo bairro, os desenhos de Sandy deixaram de ser o único indício de que, enquanto ele atacava depósitos de munição na França, o sucessor republicano de Roosevelt, ainda que não houvesse conquistado a confiança irrestrita dos judeus, pelo menos estava sendo aceito como tolerável até mesmo por aqueles nossos vizinhos que de início o odiavam com tanta veemência quanto meu pai. Walter Winchell continuava a atacar o presidente

no seu programa de rádio dominical; todos no quarteirão o escutavam, e durante o tempo do programa davam crédito a suas interpretações alamistas das políticas do presidente; mas como nenhum de seus temores havia se concretizado depois da posse de Lindbergh, nossos vizinhos pouco a pouco começaram a acreditar mais no otimismo tranquilizador do rabino Bengelsdorf do que nas profecias terríveis de Winchell. E não eram apenas nossos vizinhos, e sim líderes judeus de todo o país, que começavam a admitir abertamente que Lionel Bengelsdorf, de Newark, longe de tê-los traído ao apoiar Lindbergh na eleição de 1940, havia enxergado mais longe e compreendido para onde caminhava o país, e que sua nomeação para o cargo de diretor da Agência de Absorção Americana — tomando-se o principal conselheiro do governo para assuntos judaicos — fora uma conseqüência direta de ter ele astutamente conquistado a confiança de Lindbergh ao apoiá-lo desde o início. Se o anti-semitismo do presidente havia sido de algum modo neutralizado (ou, mais espantosamente ainda, emadicado), os judeus estavam dispostos a atribuir o milagre à influência do venerando rabino que em breve se tomaria — mais um milagre — tio por afinidade de Sandy e de mim.

Um dia, no início de março, fui sem ser convidado até o beco que ficava nos fundos do *playground* da escola, onde Alvin costumava jogar dados ou pôquer à tarde, quando não fazia muito frio e o tempo estava bom. Agora, quando eu chegava em casa, raramente o encontrava lá, e embora na maioria das vezes ele estivesse de volta antes das cinco e meia para jantar, depois da sobremesa Alvin ia até a lanchonete que ficava a um quarteirão de casa para se encontrar com seus ex-colegas do secundário, alguns dos quais também haviam trabalhado no posto da Esso de Simkovitz e sido demitidos junto com ele por estarem roubando o patrão. Quando ele voltava para casa eu já estava dormindo, e era só na hora em que ele retirava a penna mecânica e começava a se deslocar aos pulos até o banheiro que eu abria os olhos e mummurava seu nome antes de adormecer outra vez. Cerca de sete semanas depois de ele ter se instalado em meu quarto, deixei de ser indispensável e me vi, de uma hora para outra, privado daquele fascinante substituto de Sandy, o qual agora nunca estava a meu lado, tendo se tomado uma estrela graças a tia Evelyn. O cidadão mutilado e sofredor, o pária que havia se tomado para mim uma figura mais impressionante do que qualquer homem que eu jamais conhecera, inclusive meu pai, o homem cujas lutas acimadas eu havia assumido, com cujo futuro eu me preocupava em vez de prestar atenção à professora na sala de aula, estava voltando a se entumarmar com os mesmos vagabundos que o haviam ajudado a se transformar num ladrãozinho aos dezesseis anos de idade. Ao que parecia, Alvin perdera na guerra, juntamente com a penna, todos os bons hábitos que lhe haviam sido inculcados no tempo em que vivia sob os cuidados de meus pais. Tampouco manifestava qualquer interesse pela luta contra o fascismo, embora dois anos antes ninguém tivesse conseguido impedi-lo de alistar-se. Na verdade, se ele saía de casa com sua penna artificial todas as noites, era, ao menos no início, para não ter de ficar sentado na sala enquanto meu pai lia em voz alta as notícias sobre a guerra publicadas no jornal.

Não havia batalha contra as potências do Eixo que não agoniasse meu pai, principalmente quando as coisas iam mal para a União Soviética e a Grã-Bretanha, deixando bem claro que elas

precisavam com urgência das armas americanas que haviam sido negadas por Lindbergh e pelo Congresso controlado pelos republicanos. A essa altura, meu pai já dominava a terminologia dos especialistas em guerra quando se pronunciava sobre a importância de que britânicos, australianos e holandeses não deixassem os japoneses — os quais estavam tomando todo o sudeste asiático, exibindo a crueldade arrogante dos que se sentem racialmente superiores — avançar em direção a oeste, Índia adentro, e para o sul até Nova Zelândia e Austrália. Nos primeiros meses de 1942, as notícias referentes à guerra no Pacífico que meu pai lia para nós eram todas ruins: os japoneses haviam tomado a Birmânia, capturado a Malaia, bombardeado Nova Guiné e, após realizarem ataques marítimos e aéreos devastadores, capturando dezenas de milhares de soldados britânicos e holandeses, conquistado Cingapura, Bôrnéu, Sumatra e Java. Mas o que mais preocupava meu pai era a campanha na Rússia. No ano anterior, quando os alemães pareciam prestes a ocupar todas as cidades importantes da parte ocidental da União Soviética (inclusive Kiev, situada na região de origem de meus avós maternos, que haviam emigrado para a América na década de 1890), nomes até mesmo de cidades russas de menor importância, como Petrozavodsk, Novgorod, Dniepropetrovsk e Taganrog, tomaram-se tão familiares para mim como os das capitais dos quarenta e oito estados da federação. No inverno de 1941-42, os russos realizaram os contra-ataques impossíveis que quebraram os cercos de Leningrado, Moscou e Stalingrado, mas em março os alemães já haviam se recuperado daquele inverno catastrófico e, como mostravam os mapas de movimentos de tropas publicados no *Newark News*, preparavam-se para conquistar o Cáucaso numa ofensiva na primavera. Meu pai explicou que o que tomava tão terrível a possibilidade de uma derrocada russa era que ela levaria o mundo a acreditar na invencibilidade da máquina militar alemã. Os imensos recursos naturais da União Soviética caíam em mãos alemãs, e o povo russo seria forçado a servir ao Terceiro Reich. O pior de tudo “para nós” era que, à medida que a Alemanha avançasse para o leste, milhões e milhões de judeus russos passariam a ser dominados por um exército de ocupação que tinha todas as condições de implementar o programa messiânico de Hitler: livrar a humanidade das garras dos judeus.

Segundo meu pai, o triunfo brutal do militarismo antidemocrático estava prestes a se realizar praticamente no mundo inteiro, o massacre dos judeus russos — inclusive de membros da família extensa de minha mãe — era iminente, e Alvin não ligava a mínima. Agora ele não se preocupava mais com o sofrimento de ninguém — só com o dele.

Encontrei Alvin ajoelhado, apoiando-se no joelho da pema que lhe restava, com dados na mão e uma pilha de notas a seu lado, colocadas debaixo de um pedaço irregular de cimento para que não voassem. Com a pema artificial esticada à frente, parecia um dançarino russo executando um daqueles balés eslavos enlouquecidos. Havia seis outros jogadores num círculo fechado a sua volta, três ainda no páreo, apertando entre os dedos o que lhes restava de dinheiro, dois sem um tostão, apenas assistindo — que reconheci vagamente como ex-alunos do colégio de Weequahic, casos perdidos já na faixa dos vinte —, e um sujeito de pema compridas em pé a seu lado, que fiquei sabendo ser o “parceiro” de Alvin, Shushy Margulis, o membro da turma de Alvin dos tempos do posto de gasolina por quem meu pai nutria mais desprezo. Entre os garotos, Shushy era

conhecido como o rei do *pinball*, porque tinha um tio de quem ele vivia se gabando o qual era mesmo o rei não apenas do *pinball* como também de todos os pontos de jogo ilegal de Filadélfia, que era o seu reino — e também porque passava horas jogando *pinball* nas *bonbonnières* do bairro, empurrando a máquina, xingando-a, sacudindo-a violentamente de um lado para outro até que o jogo terminava ou porque as luzes coloridas da máquina começavam a piscar ou porque o dono da loja o expulsava. Shushy era o famoso engraçadinho que divertia seus admiradores jogando fósforos acesos dentro da caixa de correio verde grande que ficava em frente do colégio, que uma vez comera um louva-a-deus vivo para ganhar uma aposta e que, durante sua curta carreira no colégio, para fazer rir o pessoal da lanchonete freqüentada por sua turma, atravessava a Chancellor Avenue mancando, uma das mãos levantada para deter os carros — mancando do modo mais trágico e se amastando, embora não tivesse nenhum defeito físico. A essa altura, já estava com mais de trinta anos e continuava morando com a mãe costureira num dos pequenos sobrados perto da sinagoga da Wainwright Street. Foi à mãe de Shushy, universalmente conhecida como “a senhora Margulis, coitada”, que minha mãe levou as calças de Alvin para pôr zíperes — coitada não apenas por ser viúva e sobreviver costurando para uma confecção em Down Neck que lhe pagava uma miséria, mas também porque seu filho sem juízo nunca teve emprego, sem contar o trabalho de contínuo para o contraventor que tinha sua sede numa sinuca de esquina perto da casa deles, logo depois do orfanato católico da Lyons Avenue.

O orfanato ficava dentro do terreno cercado da igreja de São Pedro, que curiosamente monopolizava três quarteirões quadrados bem no coração do nosso bairro irredimível. A igreja tinha um campanário alto e uma agulha mais alta ainda, encimada por uma cruz que se elevava, sublime, acima dos cabos telefônicos. Nas redondezas, não havia nenhum prédio mais alto que ela, a menos que se descesse por mais de um quilômetro a ladeira da Lyons Avenue até chegar ao hospital onde nasci, o Beth Israel, e onde todos os meninos que eu conhecia haviam nascido e sido circuncidados aos oito dias de idade. Ladeavam o campanário da igreja duas torres menores que nunca examinei com mais atenção porque, segundo me diziam, havia imagens de santos cristãos esculpidas na pedra, e os vitrais altos e estreitos contavam uma história que eu não queria conhecer. Perto da igreja havia uma pequena residência paroquial; como quase tudo situado naquele mundo estranho circundado por uma cerca negra de ferro, a residência fora construída na segunda metade do século anterior, algumas décadas antes da construção das primeiras casas do lado oeste no bairro de Weequahic, que acabou se transformando na fronteira judaica de Newark. Além da igreja ficava uma escola primária que atendia os órfãos — cerca de cem — e um número menor de garotos católicos do bairro. Tanto a escola quanto o orfanato eram administrados por uma ordem de freiras, freiras alemãs, segundo me disseram. As crianças judias, mesmo as de famílias tolerantes como a minha, costumavam atravessar a rua nas raras ocasiões em que as víamos caminhando em nossa direção com seus trajés sombrios, e rezava a tradição familiar que meu irmão, quando pequeno, um dia estava sentado sozinho à frente da nossa casa quando viu duas delas vindo pela Chancellor Avenue, e chamou minha mãe, animado, dizendo: “Olha só, mamãe — as bruxas”.

Ao lado da residência dos órfãos havia um convento. Eram dois prédios simples de tijolos vermelhos, e às vezes, no verão, à tardinha, víamos de relance os órfãos — crianças brancas de ambos os sexos, de seis a catorze anos, mais ou menos — sentados na escada de incêndio, ao ar livre. Não

me lembro de ter visto os órfãos em grupo em nenhum outro lugar, e certamente nunca caminhando à vontade pela rua, como nós. Se os visse, ficaria tão desconcertado quanto me sentia na presença das freiras, principalmente por serem órfãos, mas também por serem, segundo se dizia, crianças “abandonadas” e “indigentes”.

Atrás da residência dos órfãos havia algo único em nosso bairro — e em qualquer outra cidade industrial com quase meio milhão de habitantes: uma das pequenas fazendas que davam a Nova Jersey o apelido de “estado-horta”, no tempo em que pequenos sítios hortigranjeiros administrados por famílias ainda eram rentáveis; havia vários deles nos recantos rurais do estado. Os legumes e verduras produzidos na igreja de São Pedro eram consumidos pelos órfãos, pelas dez ou doze freiras, pelo velho monsenhor da paróquia e pelo padre mais jovem que era seu assistente. Com a ajuda dos órfãos, a horta era cultivada por um fazendeiro alemão chamado Thimmes, que também morava lá — a menos que minha memória me engan e esse fosse o nome do monsenhor da igreja, que chefiava a instituição havia anos.

Na escola pública, a cerca de um quilômetro dali, comiam boatos de que as freiras que davam aulas aos órfãos costumavam castigar os alunos mais burros batendo-lhes nas mãos com régua de madeira, e que quando um menino praticava alguma travessura mais séria, vinha o assistente do monsenhor golpear-lhes as nádegas, usando o mesmo chicote com que o fazendeiro fustigava os dois cavalos lerdos e enclados que puxavam o arado no tempo de plantio. Todos nós conhecíamos bem esses cavalos e os reconhecíamos, porque de vez em quando eles atravessavam a fazenda juntos, chegavam ao pequeno prado arborizado que ficava ao sul do terreno da igreja e, curiosos, punham as cabeças por cima do portão que dava para a Goldsmith Avenue, onde transcorria a roda de dados que encontrei por acaso.

Uma cerca de correntes de ferro com mais de dois metros de altura separava o *playground* da Goldsmith Avenue, e outra de arame, com mourões de madeira, do lado oposto, dava para a fazenda; como não havia ainda nenhuma casa por perto, e era pequeno o trânsito de pedestres e automóveis, aquele recanto quase bucólico e isolado era perfeito para o pequeno grupo de fracassados do bairro, que ali podiam se divertir impunes. Até então, eu só havia me aproximado de um desses conciliábulo sinistros uma vez em que, durante uma partida de algum jogo no *playground*, fui correndo atrás da bola e a encontrei junto de um grupo que formava um círculo fechado, logo atrás da cerca, um xingando o outro e usando palavras amorosas apenas quando se dirigiam aos dados.

Eu não era nenhum santinho, inimigo declarado do vício do jogo; tinha até pedido com insistência a Alvin que me ensinasse a jogar dados, quando ele ainda usava muletas e minha mãe me pedia que o acompanhasse até o dentista e para fazer coisas como colocar o dinheiro da passagem dele na caixa do ônibus e segurar as muletas para Alvin enquanto ele saltava da porta de trás do ônibus para a rua. Naquela noite, quando toda a família estava dormindo e já havíamos desligado o abajur entre nossas camas, ele ficou observando com um sorriso nos lábios enquanto, à luz da minha lanterna, eu sussurrava: “Vamos lá, dadinhos”, e sem fazer nenhum ruído consegui sete pontos três vezes seguidas jogando os dados sobre os lençóis. No entanto, agora que eu o via

dominado por aquela gente baixa, ao pensar em todos os sacrifícios que minha família fizera para impedir que ele virasse uma cópia de Shushy, todos os palavrões que Alvin havia me ensinado invadiram minha mente. Eu o maldizia em nome de meu pai, minha mãe e principalmente de meu irmão caído no ostracismo — então fora por isso que todos nós havíamos resolvido suportar a maneira como Alvin tratava Sandy? Fora por isso que ele fugira para lutar na guerra? Pensei: “Pega a poma da sua medalha, seu pemeta, e enfia ela no cu!”. Seria bom se ele perdesse toda a sua pensão até o último centavo e aprendesse a lição, mas na verdade Alvin não conseguia parar de ganhar, tal como não conseguia abrir mão do desejo de voltar a ser herói para alguém; assim, já tendo acumulado um bom maço de notas, aproximou os dados de meus lábios e, com uma voz áspera, para fazer graça aos amigos, me disse: “Sopra neles, gun”. Soprei, ele jogou os dados e ganhou mais uma vez. “Seis mais um dá quanto?”, perguntou. “Sete”, respondi, obediente.

Shushy abaixou-se e despenteou-me; começou a me chamar de mascote de Alvin, como se aquela palavra pudesse resumir o papel que eu decidira desempenhar junto a meu primo desde que ele voltara para casa, como se uma palavra tão vazia e infantil pudesse abarcar o motivo pelo qual a medalha de Alvin, com a efígie do rei Jorge, estava espetada na minha camisa-de-meia. Shushy usava um terno de gabardine cor de chocolate, calça-pião e paletó com ombreiras e lapelas extravagantes, seu traje predileto sempre que andava pelo bairro, gíngando e estalando os dedos — e, como dizia minha mãe, “jogando fora a vida dele” —, enquanto a mãe, num sótão minúsculo, fazia banha em cem vestidos por dia para pagar as contas da família.

Quando começava a perder depois de ganhar várias rodadas, Alvin juntava todo o dinheiro que tinha ganhado e, de modo ostensivo, enfiava o maço de notas no bolso — o homem que quebrou a banca atrás do colégio. Então, apoiando-se na cerca de arame, levantava-se. Eu sabia (e não apenas por notar que ele estava sentindo, mancando) que uma bolha grande havia aparecido em seu coto na véspera e que aquele dia ele não estava nada bem. Porém Alvin não permitia que ninguém além dos familiares o visse usando muletas e, antes de sair para encontrar-se com o pulla do Shushy — e desperdiçar mais um dia repudiando do modo mais gritante todos os ideais que o haviam transformado num aleijado —, amarrava o coto na prótese, por mais que doesse.

“Filho-da-puta que fez essa pema” — foi a única queixa que pronunciou quando se aproximou de mim e pôs a mão em meu ombro.

“Posso ir pra casa agora?”, murmurei.

“Claro que pode.” Em seguida, pegou duas notas de dez dólares no bolso — quase metade do que meu pai ganhava por semana — e alisou-as contra a palma de minha mão. Nunca antes eu experimentara a sensação de que o dinheiro era uma coisa viva.

Em vez de voltar para casa atravessando o *playground*, optei por um caminho um pouco mais comprido, descendo a Goldsmith Avenue até a Hobson Street para poder ver de perto os cavalos do orfanato. Nunca tivera coragem de estender o braço para tocá-los e até então jamais usara os nomes irônicos que os outros meninos tinham dado àqueles dois bichos sujos de lama, que babavam uma saliva grossa: “Omaha” e “Whirlaway”, nomes dos dois dos maiores vencedores do Kentucky Derby da época.

Parei a uma distância prudente daquelas cabeçomas com olhos negros e reluzentes em alto-relevo, de cílios longos, pousadas sobre a cerca do orfanato, inspecionando impassíveis a terra de ninguém entre a fortaleza de São Pedro e o território judaico em volta. A corrente solta pendia junto ao portão. Bastaria que eu levantasse a tranca e abrisse o portão para que os cavalos escapassem. Atenção era imensa — tal como a sensação de hostilidade.

“Lindbergh filho-da-puta”, disse eu aos cavalos. “Lindbergh nazista filho-da-puta, vá tomar no cu!” Então, temendo que, se eu abrisse o portão, os cavalos em vez de fugir me agamassem com seus dentes poderosos e me amastassem para dentro do orfanato, saí correndo pela rua e, entrando na Hobson, passei batido pelo quarteirão de prédios de quatro apartamentos, chegando à esquina da Chancellor Avenue, onde donas de casa que eu conhecia entravam e saíam da mercearia, da padaria e do açougue, e meninos mais velhos cujos nomes eu sabia andavam de bicicleta, e o filho do alfaiate levava em cada ombro uma pilha de roupa passada para entregar aos fregueses, atravessando a entrada da oficina do sapateiro italiano, de onde vinham vozes de cantores italianos do rádio sempre sintonizado na WEVD — sendo as iniciais EVD uma homenagem ao herói socialista perseguido Eugene V. Debs. Ali eu me sentia protegido de Alvin, de Shushy, dos cavalos, dos órfãos, dos padres, das freiras e do chicote da escola paroquial.

Quando dei meia-volta e comecei a subir a ladeira em direção a minha casa, um homem bem-vestido, de terno, começou a caminhar a meu lado. Ainda era muito cedo para os trabalhadores do bairro estarem voltando para casa, por isso na mesma hora desconfeei.

“Você é o Philip?”, indagou ele com um sorriso largo. “Você já ouviu o *Gangbusters* no rádio, Philip? Aquele programa sobre o J. Edgar Hoover e o FBI?”

“Já.”

“Pois bem, eu trabalho para o senhor Hoover. Ele é o meu chefe. Eu sou agente do FBI. Olha aqui”, disse ele, tirando uma carteira do bolso interno do paletó e abrindo-a para me mostrar seu distintivo. “Se você não se incomodar, eu queria lhe fazer umas perguntinhas.”

“Não me incomoda, não, mas estou indo pra casa. Preciso ir pra casa.”

Imediatamente pensei nas duas notas de dez dólares. Se ele me revistasse, se tivesse um mandado para me revistar, não encontraria aquela dinheirama toda e concluiria que fora roubada? Não era o que qualquer um concluiria? E até dez minutos antes, desde que nascera, eu andava para todos os lados com os bolsos vazios, saía para a rua sem um tostão! Minha mesada de cinco centavos era guardada num pote de geléia, em cuja tampa Sandy cortara uma fenda com o abridor de latas de seu canivete de escoteiro. Agora eu andava pelo bairro como um assaltante de bancos.

“Não tenha medo. Fique calmo, Philip. Você já assistiu o *Gangbusters*. Nós estamos do seu lado. Nós protegemos você. Eu só queria fazer umas perguntas sobre o seu primo Alvin. Como é que ele está?”

“Está bem.”

“E como é que está a pema dele?”

“Boa.”

“Ele está andando direito?”

“Está.”

“Não era ele que estava com você ainda há pouco? Não era o Alvin que estava ali atrás do



*playground*? Na calçada, junto com o Shushy Margulis?

Não respondi, e por isso ele disse: “Tudo bem se eles estavam jogando dado. Isso não é crime. É coisa de homem crescido. O Alvin deve ter jogado muito dado lá no hospital do Exército em Montreal”.

Vendo que continuei mudo, ele insistiu: “Do que é que aquele pessoal estava falando?”.

“De nada.”

“Então eles passam a tarde toda lá, e não falam sobre nada?”

“Ele só diziam que estavam perdendo não sei quantos dólares.”

“Mais nada? Nada sobre o presidente? Você sabe quem é o presidente, não sabe?”

“Charles A. Lindbergh.”

“Nada sobre o presidente Lindbergh, Philip?”

“Não ouvi nada, não”, respondi, o que era verdade.

Mas não teria ele ouvido aquele *meu* comentário dirigido aos cavalos? Impossível — e no entanto eu já estava convicto de que ele sabia tudo que eu havia feito desde que Alvin voltara da guerra e me dera a medalha. Não havia dúvida de que ele sabia que eu estava usando a medalha. Se não, por que estaria me olhando dos pés à cabeça daquele jeito?

“Eles falaram sobre o Canadá?”, o homem indagou. “Falaram em ir pro Canadá?”

“Não, senhor.”

“Pode me chamar de Don, está bem? E eu vou te chamar de Phil. Você sabe o que é um fascista, não sabe, Phil?”

“Acho que sei.”

“Você se lembra de ouvir um deles chamar alguém de fascista?”

“Não.”

“Não tenha pressa. Não responda depressa. Pode pensar com calma. Tente se lembrar. É importante. Eles chamaram alguém de fascista? Disseram alguma coisa sobre o Hitler? Você sabe quem é o Hitler?”

“Todo mundo sabe.”

“Ele é um homem mau, não é?”

“É”, concordei.

“Ele é contra os judeus, não é?”

“É.”

“Quem mais é contra os judeus?”

“A Associação Teuto-Americana.”

“Mais alguém?”, ele perguntou.

Eu não era besta de mencionar Henry Ford, o Comitê América em Primeiro Lugar, os democratas sulistas nem os republicanos isolacionistas, quanto mais Lindbergh. Nos últimos anos, eu já ouvira lá em casa uma lista muito mais longa que essa de americanos importantes que odiavam os judeus, e além disso havia também os cidadãos comuns, dezenas de milhares, talvez milhões, como os homens que estavam tomando cerveja e fizeram com que nossa família decidisse não ir morar em Union, o dono do hotel em Washington e o homem bigodudo que nos insultou na lanchonete perto da Union Station. “Não diga nada”, foi a ordem que dei a mim

mesmo, como se um menino de nove anos protegido pela família estivesse envolvido com criminosos e tivesse algo a esconder. Mas àquela altura eu provavelmente já começava a me considerar um criminoso mirim, por ser judeu.

“E quem mais?”, ele repetiu. “O senhor Hoover quer saber quem mais. Vamos, diga a verdade, Phil.”

“Eu estou dizendo a verdade”, insisti.

“Como vai sua tia Evelyn?”

“Vai bem.”

“Ela vai se casar. Não é verdade que ela vai se casar? Isso pelo menos você pode responder.”

“É.”

“E você sabe com quem ela vai se casar?”

“Sei.”

“Você é um garoto esperto. Eu acho que você sabe mais — muito mais. Mas você é esperto demais pra me dizer tudo, não é?”

“Ela vai se casar com o rabino Bengelsdorf”, eu disse. “Ele é o chefe da AAA.”

Ao me ouvir dizer isso, o homem riu. “Está bem, pode ir pra casa. Vá pra casa comer o seu matsá. Não é por isso que você é tão esperto? De tanto comer matsá?”

Estávamos na esquina da Chancellor com a Summit, e dali já dava para ver a entrada do nosso sobrado no fim do quarteirão. “Até logo!”, exclamei, e nem esperei o sinal abrir; fui correndo para casa antes que caísse na amadilha dele, se é que já não havia caído.

Havia três carros de polícia estacionados em frente de casa, o beco estava bloqueado por uma ambulância e dois policiais conversavam na varanda da entrada, enquanto um terceiro guardava a porta dos fundos. As mulheres do quarteirão, a maioria ainda de avental à frente de suas casas, tentavam entender o que se passava, e todas as crianças estavam na calçada do lado oposto da rua, olhando para os policiais e a ambulância por entre os carros estacionados. Eu jamais as via reunidas daquela maneira, em silêncio, com um ar tão assustado.

Nosso vizinho do andar de baixo havia morrido. O sr. Wishnow tinha se suicidado. Por isso tantas coisas que eu jamais poderia imaginar estavam bem ali, diante da minha casa. Pesando menos de quarenta quilos, ele conseguira se estrangular amando os cordões da cortina da sala no varal do amário dos fundos em tomo do pescoço, em seguida inclinando-se para a frente até cair da cadeira da cozinha que havia colocado dentro do amário. Quando Seldon chegou da escola e foi guardar o casaco, encontrou o pai de pijama, pendurado de cabeça para baixo no amário, a cabeça encostada no chão, entre as galochas e as botas da família. O primeiro pensamento que me veio à cabeça assim que me deram a notícia foi que eu nunca mais teria de me preocupar com a possibilidade de ouvir o moribundo tendo um acesso de tosse no primeiro andar quando eu estivesse sozinho no porão, nem jamais voltaria a ouvi-lo tossindo quando estivesse tentando pegar no sono. Porém, em seguida me dei conta de que o fantasma do sr. Wishnow entraria para o grupo de espectros que habitavam o porão, e que porque sua morte me proporcionara um sentimento de alívio ele faria questão de me assombrar pelo resto da minha vida.

Sem saber o que fazer, de início fiquei ajoelhado ao lado dos carros estacionados, escondido junto com os outros meninos. Nenhum deles tinha uma visão mais abrangente que a minha da

catástrofe que se abateria sobre os Wishnow, mas com base nas informações que eles sussurravam consegui entender de que modo o sr. Wishnow tinha morrido e fiquei sabendo que Seldon e a mãe estavam dentro do apartamento, juntamente com um policial e os paramédicos. E mais o cadáver. Era o cadáver que as crianças esperavam ver. Fiquei esperando com elas, para que não acontecesse de eles carregarem o sr. Wishnow escada abaixo no exato momento em que eu entrasse pelos fundos. Também não tinha vontade de ir para casa e ficar sozinho até que meu pai, minha mãe ou Sandy chegassem. Quanto a Alvin, eu nunca mais queria vê-lo, nem ter de responder perguntas sobre ele para ninguém.

A mulher que saiu da casa acompanhando os paramédicos não era a sra. Wishnow, e sim minha mãe. Não entendi o que ela estava fazendo em casa na hora do trabalho, até que me dei conta de que o pai morto que estavam levando era o meu. Claro, sem dúvida — fora o meu pai que havia se suicidado. Ele não agüentava mais o Lindbergh e o que o Lindbergh estava deixando os nazistas fazerem com os judeus da Rússia e o que o Lindbergh tinha feito com a nossa família aqui mesmo, por isso ele se enforcara — no nosso amário.

Naquele momento, eu não tinha centenas de lembranças de meu pai, e sim apenas uma, e ela me parecia não ser suficientemente importante para estar me ocorrendo numa hora como aquela. A última lembrança que Alvin guardava de seu pai era a imagem dele fechando a porta do carro em seu dedo — a minha era de meu pai cumprimentando o homem-coto que ficava todo dia mendigando à porta do edifício em que ele trabalhava. “E aí, tudo bem, Robertinho?”, dizia meu pai, e o homem-coto respondia: “Tudo bem, Herman?”.

Foi então que me esgueirei entre os carros estacionados um bem perto do outro e atravessei a rua correndo.

Quando vi que o lençol cobria o corpo e o rosto do meu pai, impedindo que ele respirasse, comeci a chorar alto.

“Não, não chora, meu amor”, disse minha mãe. “Não há por que você ficar com medo.” Abraçou minha cabeça, apertou-me contra si e repetiu: “Não há por que ficar com medo. Ele estava doente, estava sofrendo e aí morreu. Agora não está sofrendo mais”.

“Ele estava no amário”, disse eu.

“Não estava, não. Estava na cama. Ele morreu na cama. Estava muito, muito doente. Você sabia disso. Era por isso que ele tossia o tempo todo.”

A essa altura as portas da ambulância já estavam escancaradas para receber a maca. Os paramédicos a levaram para dentro, manobrando-a com todo o cuidado, e fecharam as portas. Minha mãe estava a meu lado na rua, segurando minha mão; para meu espanto, estava perfeitamente calma. Foi só quando fiz menção de soltar-me dela e sair correndo atrás da ambulância, foi só quando gritei “Ele não pode respirar!”, que ela por fim se deu conta do que estava me torturando.

“Foi o senhor Wishnow — foi o senhor *Wishnow* que morreu.” Ela me sacudiu, de leve, para que eu voltasse à realidade. “Foi o pai do Seldon, meu amor — ele morreu hoje, por causa da doença dele.”

Eu não sabia se ela estava mentindo para que eu não ficasse ainda mais histérico ou se estava me relatando a maravilhosa verdade.

“O Seldon encontrou ele dentro do armário?”

“Não. Eu já disse que não. O Seldon encontrou o pai na cama. Amãe dele não estava em casa, por isso ele chamou a polícia. Eu vim porque a senhora Wishnow ligou lá pra loja e me pediu pra vir dar uma ajuda. Você entendeu? O papai está no trabalho. Ele está trabalhando. Mas o que é que você estava pensando? O papai vai chegar daqui a pouco pra jantar. O Sandy também. Não há por que você ficar com medo. Todo mundo vai estar em casa, todo mundo está vindo pra casa, e aí nós vamos jantar”, disse ela, tranqüilizadora. “Está tudo bem.”

Mas não estava tudo bem. O agente do FBI que havia me interrogado a respeito de Alvin na Chancellor Avenue havia ido ao departamento de modas da Halme's para interrogar minha mãe, depois passou na filial da Metropolitan de Newark para falar com meu pai, e logo depois que Sandy saiu do escritório da tia Evelyn o homem entrou no ônibus em que meu irmão estava, sentou-se a seu lado e fez mais um interrogatório. Na hora do jantar, Alvin não estava em casa e portanto não ouviu essa conversa — no momento em que fomos começar a comer, ele telefonou e disse a minha mãe que não guardasse comida para ele. Pelo visto, toda vez que ganhava muito dinheiro no pôquer ou nos dados Alvin levava Shushy até o Hickory Grill e os dois jantavam chumasco preparado no carvão. “O parceiro do Alvin no crime” — era assim que meu pai se referia a Shushy. Naquela noite, ele chamou Alvin de ingrato, burro, imprudente, ignorante e incorrigível.

“E ressentido”, disse minha mãe, triste, “tão ressentido por causa da pema dele.”

“Pois eu já estou cheio da pema dele”, disse meu pai. “Ele foi pra guerra. Quem foi que mandou ele ir? Eu não fui. Nem você. Nem o Abe Steinheim. O Abe Steinheim queria que ele fosse pra faculdade. Ele foi pra guerra porque quis, e teve sorte de não morrer. Sorte dele só ter perdido a pema. É isso, Bess. Pra mim, chega. Então o FBI vem interrogar meus filhos? Já não chega eles ficarem pegando no seu pé e no meu — e na minha sala, imagine você, na frente do patrão! Não”, disse ele. “Isso tem que acabar, evai acabar agora. Isso aqui é uma casa de família. Então ele foi jantar na cidade com o Shushy? Pois que vá morar com o Shushy.”

“Se pelo menos ele voltasse pra escola”, disse minha mãe. “Ou arranjasse um emprego.”

“Ele já tem um emprego”, replicou meu pai. “O devagabundo.”

Quando terminamos o jantar, minha mãe separou comida para Seldon e a sra. Wishnow, e meu pai a ajudou a levar os pratos para o apartamento de baixo enquanto eu e Sandy lavávamos a louça. Fomos para a pia como fazíamos quase todas as noites, só que dessa vez eu não conseguia parar de falar. Contei-lhe sobre o jogo de dados. Falei sobre o agente do FBI. Falei sobre o sr. Wishnow. “Ele não morreu na cama, não”, expliquei. “Amãe não está contando a verdade pra gente. Ele se suicidou, só que ela não quer dizer. O Seldon encontrou ele dentro do armário quando chegou da escola. Ele se enforcou. Por isso que a polícia veio.”

“Ele mudou de cor?”, meu irmão perguntou.

“Eu só vi ele coberto pelo lençol. Vai ver que foi porque ele mudou de cor — não sei. Não sei nem quero saber. Foi horrível quando eles balançaram a maca e parecia que ele estava se mexendo.” Não disse em voz alta que de início achei que fosse meu pai com medo de que, se falasse, aquilo se realizasse. O fato de que meu pai estava vivo, cheio de vida — e imitado com Alvin

eameaçando expulsá-lo da casa —, não afetava nem um pouco esse meu pensamento.

“Como é que você sabe que ele estava dentro do armário?”, perguntou Sandy.

“Era o que todos os garotos estavam dizendo.”

“E você acredita neles?” Por ter ficado famoso, ele estava se tomando um garoto muito duro, cuja autoconfiança tremenda parecia cada vez mais arrogância, sempre que ele falava sobre mim e meus amigos.

“Então por que a polícia veio aqui? Só porque ele morreu? Tem gente morrendo o tempo todo”, disse eu, tentando porém não acreditar nas minhas próprias palavras. “Foi ele que se matou. Ele não tinha outra saída.”

“E tem alguma lei que proíbe isso, se suicidar?”, perguntou meu irmão. “O que é que eles iam fazer, prender ele porque se suicidou?”

Eu não sabia. Eu já não sabia o que era a lei, e por isso não sabia mais o que era proibido. Já nem sabia mais se meu próprio pai — que acabara de descer para o apartamento dos vizinhos com minha mãe — estava mesmo vivo, ou fingindo que estava vivo, ou sendo levado morto dentro daquela ambulância. Eu não sabia mais nada. Não sabia por que o Alvin agora era mau em vez de bom. Eu não sabia se havia sonhado que um agente do FBI tinha me interrogado na Chancellor Avenue. Só podia ser sonho, mas ao mesmo tempo não podia ser, porque todo mundo disse que tinha sido interrogado também. Amenos que tudo isso fosse um sonho. Eu me sentia meio tonto, e achei que ia desmaiar. Nunca tinha visto ninguém desmaiar, a não ser nos filmes, e eu próprio jamais havia desmaiado. Nunca antes tinha olhado para minha casa escondido do outro lado da rua, sentindo vontade de que ali não fosse a minha casa. Nunca antes andara com vinte dólares no bolso. Nunca antes conhecera alguém que tivesse visto o próprio pai enforcado dentro de um armário. Nunca antes fora obrigado a crescer tão depressa assim.

Nunca antes — o grande refrão de 1942.

“Melhor você chamar a mãe”, disse eu a meu irmão. “Chama ela — manda ela voltar pra casa agora!” Mas antes mesmo que Sandy tivesse tempo de chegar à porta dos fundos para descer a escada, eu já estava vomitando sobre o pano de prato que ainda tinha na mão, e quando café foi porque minha pema tinha sido amancada por uma explosão e meu sangue estava esguichando para todos os lados.

Fiquei de cama com muita febre por seis dias, tão fraco e caído que o médico da família passou a vir me ver todas as tardes para acompanhar o avanço da minha doença, uma doença bastante comum entre as crianças que se chama “por que é que as coisas não podem ser como eram antes?”.

Para mim, o dia seguinte era domingo. Tio Monty estava nos visitando num final de tarde. Alvin também estava presente, e com base no que, deitado na cama, eu ouvia dizerem na cozinha, ninguém tivera notícia dele desde a sexta-feira em que o sr. Wishnow se suicidara e ele saíra daquele jogo de dado com um gordo maço de notas de cinco, dez e vinte dólares. Mas desde o jantar daquela sexta-feira eu próprio havia sumido, em meio a cascos de cavalos, envolto em alucinações calidoscópicas em que os cavalos do orfanato me perseguiam até os confins da terra.

E agora tio Monty outra vez, mais uma vez tio Monty atacando Alvin, com um vocabulário que eu não acreditava estar sendo usado em nossa casa na presença de minha mãe. Mas tio Monty sabia dominar Alvin valendo-se de métodos que estavam fora do alcance de meu pai.

Ao cair da tarde, depois que toda a gritaria havia se reduzido a um coro de lamentações pela morte de meu tio Jack e que a voz estentórea de Monty ficou rouca, Alvin aceitou o trabalho no mercado hortigranjeiro que se recusara a sequer considerar a primeira vez que Monty o oferecera. Tão intimidado quanto na manhã em que chegou mutilado à Pennsylvania Station, sob os cuidados da enfermeira canadense grandalhona, tão demotado quanto no momento em que, em sua cadeira de rodas, não ousava olhar ninguém nos olhos, Alvin concordou em abrir mão de sua parceria com Shushy e parar de jogar nas ruas do bairro. Ele, que odiava as lágrimas tanto quanto a subserviência, deixou todos atônitos ao chorar de culpa, implorando que o perdoassem e prometendo que pararia de maltratar meu irmão, desrespeitar meus pais e exercer uma má influência sobre mim, e que passaria a nos tratar com a consideração que merecíamos. Tio Monty disse a Alvin que se ele não cumprisse suas promessas e continuasse a sabotar a vida da família de Heman, os Roth iam cortar relações com ele em caráter definitivo.

Embora parecesse estar se esforçando para dar conta do trabalho braçal que lhe ofereceram no início, Alvin não permaneceu no emprego tempo suficiente para ascender a uma posição em que lhe fosse exigido algo mais do que varrer e carregar. Um dia, quando não havia ainda completado uma semana no mercado, o FBI foi fazer perguntas sobre ele, o mesmo agente de antes recorrendo às mesmas perguntas inócuas e ameaçadoras que havia feito à minha família e a mim, só que dessa vez dando a entender aos demais empregados que Alvin era um traidor assumido que estava tramando, juntamente com outros dissidentes antiamericanos como ele, um atentado contra o presidente Lindbergh. As acusações eram ridículas, no entanto, embora Alvin estivesse muito bem-comportado aquela semana — tal como havia jurado ficar —, foi despedido na mesma hora e, ao sair, um dos brutamontes do mercado lhe disse que jamais voltasse a pôr os pés ali. Quando meu pai telefonou a seu irmão exigindo uma explicação, Monty argumentou que não tivera escolha — os homens de Longy é que lhe deram ordem de despedir seu sobrinho. Longy Zwillman, que tal como meu pai e seus irmãos fora criado como filho de imigrantes nos velhos cortiços judeus, na época dominava a contravenção de Nova Jersey; tomara-se o potentado implacável de todas as atividades ilegais — controlava o jogo, furava greves e impunha serviços de transportes a comerciantes como Belmont Roth. Como Longy não queria de modo algum ver o FBI freqüentando o mercado, Alvin perdeu o emprego, pegou suas coisas em nossa casa e saiu da cidade em menos de vinte e quatro horas, só que dessa vez não cruzou a fronteira em direção a Montreal para lutar nas tropas de choque canadenses, e sim atravessou o rio Delaware num a Filadélfia, onde foi trabalhar com o tio de Shushy, o rei das máquinas de jogo, contraventor que, ao que parecia, era mais tolerante com traidores do que seu incomparável rival de Nova Jersey.

Na primavera de 1942, para comemorar o sucesso do Acordo da Islândia, o presidente e a primeira-dama ofereceram um jantar na Casa Branca em homenagem ao ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Joachim von Ribbentrop, o qual, segundo se sabia, tinha defendido a

candidatura Lindbergh junto a seus colegas nazistas, argumentando que ele seria o presidente ideal do ponto de vista da Alemanha, muito antes de Lindbergh ser escolhido como candidato pelo Partido Republicano na convenção de 1940. Von Ribbentrop fora o negociador que permanecera sentado ao lado de Hitler durante todas as negociações na Islândia, e o primeiro líder nazista a ser convidado a visitar os Estados Unidos em caráter oficial desde que os fascistas subiram ao poder, quase dez anos antes. Assim que foi anunciado o jantar em homenagem a von Ribbentrop, a imprensa liberal reagiu com críticas severas, e houve manifestações de protesto em todo o país contra a decisão da Casa Branca. Pela primeira vez desde que entregara o cargo, o ex-presidente Roosevelt apareceu em público, fazendo em Hyde Park um breve pronunciamento dirigido à nação, exortando o presidente Lindbergh a retirar aquele convite “em nome de todos os americanos que amam a paz, em particular das dezenas de milhões de americanos descendentes de europeus cujos países de origem estão sendo obrigados a viver sob o jugo massacrante dos nazistas”.

Roosevelt foi imediatamente atacado pelo vice-presidente Wheeler por “fazer política”, interferindo na atuação intencional do presidente no poder. Era não apenas cinismo, afirmou o vice-presidente, como também uma irresponsabilidade total defender as mesmas políticas perigosas que por um triz não haviam amastado a nação para um conflito sangrento na Europa no tempo em que os democratas do *New Deal* estavam no poder. Wheeler era ele próprio democrata; cumprira três mandatos como senador de Montana e fora o primeiro e único membro de partido oposicionista a ser escolhido como companheiro de chapa desde que Lincoln optara por Andrew Johnson como seu candidato a vice-presidente ao concorrer à reeleição em 1864. No início de sua carreira política, Wheeler fora tão esquerdista que atuara como porta-voz dos líderes sindicais radicais de Butte e fora inimigo da Anaconda Copper — a companhia de mineração que dominava Montana como se o estado fosse uma loja da empresa —, e, por ter sido um dos primeiros a apoiar Roosevelt, seu nome fora proposto como companheiro de chapa em 1932. Já havia se afastado do Partido Democrata em 1924 para concorrer à vice-presidência na chapa de Robert La Follette, senador reformista de Wisconsin do Partido Progressista, que era apoiado pelos sindicatos; em seguida, abandonando La Follette e seus partidários da esquerda não comunista, juntou-se a Lindbergh e aos isolacionistas de direita para fundar o Comitê América em Primeiro Lugar, atacando Roosevelt com declarações antibélicas tão extremistas que foram rotuladas pelo presidente como “as afirmações mais mentirosas, vis e antipatrióticas já feitas na vida pública em toda a minha geração”. Wheeler fora escolhido pelos republicanos como companheiro de chapa de Lindbergh em parte porque sua máquina política em Montana ajudara a eleger candidatos republicanos ao Congresso no final dos anos 30, porém mais ainda para convencer a população de que havia forte apoio suprapartidário à causa isolacionista, e também para que houvesse na chapa um candidato brânco, bem diferente de Lindbergh, a quem caberia atacar e acusar seu próprio partido em todas as oportunidades, tal como ele fez na entrevista coletiva que concedeu na sala da vice-presidência, quando previu que, se a retórica “belicista” do pronunciamento de Roosevelt fosse um indício da campanha que os democratas pretendiam lançar nas próximas eleições, eles sofreriam ainda mais perdas no Congresso do que as ocorridas na esmagadora vitória republicana de 1940.

No fim de semana seguinte, a Associação Teuto-Americana encheu o Madison Square

Garden, cuja lotação quase se esgotou — cerca de vinte e cinco mil pessoas vieram apoiar o convite do presidente Lindbergh dirigido ao ministro alemão e denunciar os democratas por seu “belicismo” reincidente. Durante o segundo governo Roosevelt, o FBI e as comissões parlamentares de inquérito que investigavam a ATA haviam conseguido imobilizar a organização, classificando-a como uma fachada para os nazistas e apresentando queixas-crime contra seus principais líderes. Mas desde a posse de Lindbergh cessaram as tentativas do governo de intimidar os membros da ATA, que agora haviam conseguido recuperar sua força identificando-se não apenas como patriotas americanos de origem germânica que se opunham à intervenção americana em guerras estrangeiras, mas também como inimigos fidedeais da União Soviética. Os fortes sentimentos fascistas que uniam os membros da ATA agora estavam disfarçados por proclamações patrióticas veementes, que alertavam para o perigo de uma revolução comunista em escala global.

Embora fosse agora uma organização anticomunista e não pró-nazista, a ATA continuava tão anti-semita quanto antes, afirmando abertamente em seus folhetos de propaganda que bolchevismo e judaísmo eram a mesma coisa, fazendo acusações a judeus “favoráveis à guerra” — tais como o secretário do Tesouro Morgenthau e o financista Bernardo Baruch, que tinham sido confidentes de Roosevelt — e, naturalmente, mantendo-se fiel aos propósitos expostos na declaração oficial feita quando da fundação da organização em 1936: “combater a loucura da ameaça global comunista, dirigida por Moscou, e os judeus transmissores desse bacilo” e promover “a liberdade e um governo não-judeu nos Estados Unidos”. No comício do Madison Square Garden de 1942, porém, não se viam as bandeiras nazistas, as braçadeiras com suásticas, os braços erguidos à maneira nazista, os uniformes da SS nem a foto gigantesca do *Führer* que caracterizaram a primeira manifestação da organização em 20 de fevereiro de 1939, evento que fora promovido pela ATA como “comemoração do Dia de George Washington”. Também não havia faixas nas paredes proclamando “Acorde, América — abaixo os judeus comunistas”, nem referências a Franklin D. Roosevelt como “Franklin D. Rosenfeld”, nem os *buttons* brancos vistosos com letras negras distribuídos aos membros da ATA, que os ostentavam nas lapelas, onde se lia:

MANTENHA AMÉRICA  
FORADA  
GUERRA JUDAICA

Nesse ínterim, Walter Winchell continuava a se referir aos membros da ATA como “tantos-americanos”, e Dorothy Thompson, a destacada jornalista e esposa do romancista Sinclair Lewis, que fora expulsa da manifestação de 1939 por exercer o que chamou de seu “direito constitucional de rir de afirmações ridículas pronunciadas em áreas públicas”, continuou a denunciar a propaganda da organização com o mesmo ânimo demonstrado três anos antes, quando saíra do evento gritando: “Mentiras e mais mentiras! É *Mein Kampf*, linha por linha!”. E, em seu programa radiofônico dominical após a manifestação da ATA, Winchell afirmou, com sua autoconfiança de sempre, que a hostilidade crescente desencadeada pelo jantar em homenagem a von Ribbentrop assinalava o fim da lua-de-mel do povo americano com Charles A. Lindbergh. “A gafe presidencial



do século”, afirmou Winchell, “a gafe das gafes, pela qual os capangas reacionários do nosso presidente pró-fascista vão pagar muito caro nas eleições de novembro.”

A Casa Branca, acostumada ao endeusamento quase ilimitado a Lindbergh, parecia paralisada pelo sentimento geral de rejeição que a oposição rapidamente conseguira fazer voltar contra a Presidência, e muito embora o governo tentasse distanciar-se da manifestação da ATA em Nova York, os democratas — decididos a estabelecer uma ligação entre Lindbergh e aquela organização mal-afamada — também realizaram um evento no Madison Square Garden. Uma sucessão de oradores atacou com veemência a “ATA pró-Lindbergh”, até que, para o espanto e a alegria de todos, o próprio Roosevelt apareceu no palanque. A ovação com que foi saudado teria se estendido por muito mais de dez minutos se o ex-presidente não tivesse naquele momento levantado a voz, fazendo-se ouvir em meio ao barulho: “Meus compatriotas, meus compatriotas — tenho um recado para o senhor Lindbergh e o senhor Hitler. O atual momento me obriga a afirmar com uma franqueza que eles não terão como não entender que somos nós, e não eles, os senhores do destino desta nação”, palavras tão emocionantes e dramáticas que todos os seres humanos daquela multidão (bem como da sala de nosso apartamento, e de tantos outros apartamentos de nossa rua) foram dominados pela empolgante ilusão de que a redenção do país estava próxima.

“A única coisa de que devemos ter medo”, disse Roosevelt a sua platéia, evocando as palavras iniciais da frase mais conhecida jamais pronunciada num discurso de posse presidencial, “é a subserviência de Charles A. Lindbergh a seus amigos nazistas, é ver o presidente da maior democracia do mundo desavergonhadamente fazendo a corte de um déspota responsável por incontáveis atos criminosos e barbaridades, um tirano cruel e selvagem sem igual na história das maldades humanas. Mas nós, americanos, não permitiremos que nosso país seja dominado por Hitler. Não permitiremos que o mundo seja dominado por Hitler. Hoje todo o planeta está dividido entre escravidão e liberdade. Nós... escolhemos... a liberdade! Só permitiremos uma América que seja dedicada à liberdade! Se existe um complô perpetrado por forças antidemocráticas em nosso país, um grupo de *quislings* que planejam criar um Estado fascista aqui, ou perpetrado por nações estrangeiras sequiosas de poder e supremacia — um complô com o objetivo de suprimir a grande explosão de liberdade humana cujo documento fundamental é a Carta de Direitos dos Estados Unidos, um complô cujo objetivo é substituir a democracia americana pela autoridade absoluta de um déspota, como ocorre nos regimes que atualmente escravizam os povos da Europa —, saibam aqueles que ousam conspirar em segredo contra nossa liberdade que nós, americanos, sob qualquer ameaça, diante de qualquer perigo, jamais entregaremos as garantias de liberdade que nos foram legadas por nossos fundadores na Constituição dos Estados Unidos.”

A reação de Lindbergh veio alguns dias depois: ele vestiu seu traje de aviador e, numa manhã, bem cedo, decolou de Washington em seu Interceptor bimotor para conversar com o povo americano pessoalmente, garantindo-lhe que todas as decisões por ele tomadas visavam exclusivamente aumentar a segurança e garantir o bem-estar de todos. Era o que ele fazia sempre que a menor crise se esboçava: entrava em seu avião e voava para cidades em todas as regiões do país, desta vez chegando a cobrir até quatro ou cinco num mesmo dia, graças à velocidade fenomenal

do Interceptor; e toda vez que seu avião pousava uma multidão de microfones de estações de rádio o aguardava, juntamente com todos os notáveis da cidade, os correspondentes das agências noticiosas, os repórteres locais e milhares de cidadãos que haviam se reunido para ver em carne e osso o jovem presidente em seu blusão de aviador e boné de couro que haviam se tornado famosos. E em todas essas ocasiões Lindbergh fazia questão de dizer que voava sem escolta presidencial, sem proteção do Serviço Secreto ou da Aeronáutica. Isso demonstrava sua convicção de que o espaço aéreo nacional era seguro — todo o país estava em segurança agora que seu governo, em pouco menos de um ano, havia afastado por completo a ameaça da guerra. Ele lembrava suas platéias de que desde que assumira o poder nenhum jovem americano fora obrigado a amassar a vida num campo de batalha, e que assim seria enquanto estivesse na Presidência. O povo americano havia manifestado fé em sua liderança, e todas as promessas que ele fizera estavam sendo cumpridas.

Foi tudo o que Lindbergh disse, era tudo o que tinha a dizer. Não mencionou o nome de von Ribbentrop nem fez nenhuma referência à ATA ou ao Acordo da Islândia. Não fez nenhuma declaração favorável aos nazistas, nada que revelasse afinidade com o líder nazista e suas metas, nem comentou com aprovação que o Exército alemão havia se recuperado das perdas sofridas no inverno e que em todo o *front* russo os comunistas soviéticos estavam sendo empurrados para o leste, nimo à derrocada final. Mas todo mundo nos Estados Unidos já sabia que o presidente estava finamente convicto, tal como a ala de direita que dominava seu partido, de que a melhor maneira de impedir que o comunismo avançasse na Europa, na Ásia e no Oriente Médio, chegando até o nosso hemisfério, era permitir que o poder militar do Terceiro Reich efetuasse a destruição total da União Soviética de Stálin.

A seu modo discreto, taciturno e sedutor, Lindbergh afirmava para as platéias reunidas nas pistas de pouso e em torno dos rádios quem ele era e o que fizera; quando já estava pronto para voltar para o avião e seguir em direção à próxima parada, poderia perfeitamente anunciar que, após o jantar na Casa Branca em homenagem a von Ribbentrop, a primeira-dama convidaria Adolf Hitler e sua namorada para passarem o fim de semana do Quatro de Julho como convidados no quarto Lincoln da Casa Branca, que assim mesmo seus compatriotas continuariam a aclamá-lo como salvador da democracia.

Shepsie Tirschwell, amigo de infância de meu pai, era um dos projecionistas-editores do Cine Jomal da Tela, na Broad Street, desde sua inauguração em 1935, o único cinema da cidade inteiramente dedicado a noticiários. Assessor, que duravam uma hora, continham notícias, curtas e o jornal "A Marcha do Tempo"; o cinema abria de manhã cedo e funcionava até a meia-noite. Todas as quintas-feiras, o sr. Tirschwell e mais três editores mergulhavam num mar de noticiários enviados por companhias como a Pathé e a Paramount, escolhiam trechos e os enendavam, formando um noticiário bem atualizado, para que freqüentadores habituais como meu pai — cujo escritório na Clinton Street ficava a poucos quarteirões dali — pudessem se pôr a par dos acontecimentos nacionais, eventos importantes ocorridos no estrangeiro e momentos emocionantes dos campeonatos esportivos, que nos tempos do rádio só podiam ser vistos no

cinema. Meu pai tentava encontrar tempo para assistir a uma projeção completa uma vez por semana, e sempre que o fazia ele nos contava, na hora do jantar, os fatos e as personalidades que tinha visto. Tojo. Pétain. Batista. De Valera, Arias, Quezon. Camacho. Litvinov. Jukov. Hull. Welles. Hamman. Dies. Heydrich. Blum. Quisling. Gandhi. Rommel. Mountbatten. O rei Jorge. La Guardia. Franco. O papa Pio XII. E isso era apenas uma lista abreviada do enorme elenco de personagens dos jomais da tela, que protagonizavam eventos os quais, segundo meu pai, nós havíamos de lembrar um dia como acontecimentos históricos e contar a nossos filhos.

“Pois o que é a história?”, era a pergunta retórica que ele fazia quando assumia seu tom professoral na hora do jantar. “A história é tudo que acontece em todos os lugares. Até mesmo aqui em Newark. Até mesmo aqui na Summit Avenue. Até mesmo o que acontece nesta casa com um homem comum — isso vai virar história um dia.”

Nos fins de semana em que o sr. Tirschwell estava trabalhando, meu pai levava a mim e Sandy ao Cine Jomal da Tela para complementar nossa educação. O sr. Tirschwell deixava ingressos gratuitos na bilheteria para nós, e meu pai sempre nos levava até a cabine de projeção depois do espetáculo para nos dar a mesma aula de civismo. Dizia ele que numa democracia manter-se informado a respeito dos acontecimentos era o dever mais importante do cidadão, e que nunca era cedo demais para começar a acompanhar o noticiário. Junto ao projetor, ele nos mostrava as peças do aparelho, dizendo o nome de cada uma, e depois olhávamos para as fotografias emolduradas que havia nas paredes, tiradas na noite da inauguração do cinema, em que todos os convidados estavam em traje a rigor; o primeiro e único prefeito judeu de Newark, Meyer Ellenstein, havia cortado a fita amarrada à entrada do cinema e recebido os convidados famosos, contava o sr. Tirschwell, destacando entre eles, apontando para suas fotos, o ex-embaixador dos Estados Unidos na Espanha e o fundador da loja de departamentos Bamberger’s.

O que mais me agradava no Cine Jomal da Tela eram detalhes como as poltronas, colocadas de tal maneira que até mesmo os adultos não precisavam se levantar para que outras pessoas passassem; a cabine de projeção que, segundo diziam, era à prova de som; e o tapete do *hall* em forma de rolo de filme, no qual a gente podia pisar ao entrar e sair da sala de projeção. É só quando me ponho a recordar aqueles sábados consecutivos de 1942, quando Sandy tinha catorze anos e eu nove, em que meu pai nos levou para ver a manifestação da ATA numa semana e para ver Roosevelt se dirigindo à platéia do evento anti-Ribbentrop no Madison Square Garden na semana seguinte, que consigo me lembrar de mais detalhes além das vozes de Lowell Thomas, que narava a maior parte do noticiário político, e de Bill Stern, o locutor entusiasmado que informava sobre esportes. Porém não me esqueci do evento da ATA por causa do ódio que senti ao ver os membros da organização em pé, repetindo o nome de von Ribbentrop como se fosse ele o presidente dos Estados Unidos, e também não me esqueci da fala de Roosevelt porque, quando ele afirmou, dirigindo-se à platéia anti-Ribbentrop, que “a única coisa que devemos temer é a subserviência de Charles A. Lindbergh a seus amigos nazistas”, metade da platéia do cinema vaiou, enquanto o resto, inclusive meu pai, bateu palmas o mais alto possível, e cheguei a temer que uma guerra irrompesse ali mesmo na Broad Street, em plena luz do dia, e que, ao sairmos do cinema escuro, encontraríamos o centro de Newark reduzido a um monte de ruínas fumegantes, com incêndios por toda parte.

Para Sandy, não foi fácil agüentar aquelas duas sessões de sábado no Cine Jomal da Tela, e como ele já imaginava que não ia ser fácil, de início recusou o convite de meu pai, só concordando em ir conosco quando ficou claro que se tratava de uma ordem. Na primavera de 1942, faltavam apenas alguns meses para Sandy ingressar no secundário; ele era um rapazinho esguio, alto e bonito, sempre bem-vestido e bem penteado, com uma postura, tanto sentado quanto em pé, digna de um cadete da academia de West Point. Sua experiência como um dos principais porta-vozes jovens do programa Gente como a Gente lhe conferia, além disso, um ar de autoridade incomum em alguém de sua idade. Ao constatar que Sandy sabia influenciar adultos e conquistar seguidores entre os jovens da vizinhança que estavam ansiosos por imitá-lo e para passar o verão numa fazenda através do programa da Agência de Absorção Americana, meus pais se surpreenderam e passaram a se sentir mais intimidados com seu filho mais velho do que no tempo em que todos o consideravam apenas um menino simpático, perfeitamente normal, com talento para desenhar retratos. A mim, ele sempre me parecia poderoso por ser mais velho; agora eu o julgava mais poderoso do que nunca e continuava a admirá-lo, muito embora tivesse me afastado dele porque Alvin me dissera que Sandy agia como um oportunista — se bem que até mesmo o oportunismo (se meu primo tinha razão e se esse era o termo correto) parecia mais uma realização notável, sinal de uma maturidade tranqüila e consciente de quem conhece bem o mundo.

Naturalmente, o conceito de oportunismo não estava muito claro para mim aos nove anos de idade, mas o sentido ético da coisa me foi transmitido de modo muito vivo pelo tom de repulsa com que Alvin pronunciou seu veredicto e pelo que disse para sustentar sua posição. Tinha acabado de chegar do hospital na época, e sentia-se tão infeliz que nem tentava se conter.

“O seu irmão não é nada”, disse-me ele, deitado em sua cama, uma noite. “Ele é menos do que nada.” E foi então que rotulou Sandy de oportunista.

“É mesmo? Por quê?”

“Porque assim são as pessoas; elas tentam levar vantagem e os outros que se fodam. O Sandy é um oportunista escroto. A sacana da sua tia também é, com aqueles peitos pontudos dela. E o grande rabino também. A tia Bess e o tio Herman são pessoas honestas. Mas o Sandy — se vendendo àqueles filhos-da-puta assim sem mais nem menos? Com a idade dele? Com o talento que ele tem? Um escrotinho dos bons, esse seu irmão.”

Se vender. Uma expressão nova para mim, mas não mais difícil de compreender que “oportunista”.

“Ele só fez uns desenhos”, expliquei.

Mas Alvin não estava disposto a deixar que eu diminuísse a importância daqueles desenhos, principalmente porque de alguma maneira ele ficara sabendo que Sandy estava trabalhando no programa Gente como a Gente de Lindbergh. Não tive coragem de lhe perguntar como ele descobrira algo que eu estava decidido a jamais lhe contar, mas parecia-me claro que, tendo descoberto por acaso os desenhos embaixo da cama, Alvin teria revistado as gavetas do aparador da sala de jantar, onde Sandy guardava seus cadernos escolares e o papel em que escrevia, e lá encontrado todas as provas de que precisava para odiá-lo para o resto da vida.

“Não é o que você está pensando”, disse eu, mas na mesma hora fiquei tentando imaginar o que poderia ser então. “Ele está fazendo isso pra nos proteger”, acrescentei. “Pra gente não ter

problemas.”

“Porminha causa”, completou Alvin.

“Não!”, neguei.

“Mas foi isso que ele disse a você. Pra família não ter problemas por causa do Alvin. É assim que ele justifica essa merda em que ele se meteu.”

“Mas se não fosse isso então por que ele ia fazer uma coisa dessas?” Fiz a pergunta com toda a inocência de uma criança e com toda a astúcia de que uma criança é capaz — e sem saber como eu poderia sair daquele conflito que só estava conseguindo piorar ao dizer mentiras idiotas em defesa de meu irmão. “Qual o problema do que ele está fazendo se ele está tentando ajudar?”

Ele limitou-se a responder: “Não acredito em você, companheiro”; e como eu não tinha condição de levar a melhor numa discussão com Alvin, desisti de tentar acreditar no que eu próprio dissera. Mas se Sandy tivesse mesmo me dito que estava levando uma existência dupla! Se estivesse mesmo apenas tentando fazer o melhor possível numa situação terrível, fingindo que se tomara partidário de Lindbergh para nos proteger! Só que, depois que o vira falando para uma platéia de judeus adultos naquela sinagoga em New Brunswick, eu não tinha mais qualquer dúvida de que ele estava convencido do que dizia, e que adorava a atenção que estavam lhe dando. Meu irmão descobrira que possuía o dom raro de ser alguém; assim, quando discursava louvando o presidente Lindbergh, e exibia os desenhos que fizera dele, e dizia em público (usando palavras escritas por tia Evelyn) como tinha sido uma experiência enriquecedora para ele passar oito semanas como um trabalhador judeu numa fazenda no coração da América cristã — quando fazia o que, para dizer a verdade, eu adoraria fazer se pudesse, o que era normal e patriótico em todo país, e era anormal e errado apenas na casa dele —, Sandy estava se divertindo à beça.

Então a história aprontou mais uma de suas intrusões intempestivas um convite, elegantemente impresso, do presidente Charles A. Lindbergh e esposa, enviado ao rabino Lionel Bengelsdorf e à sra. Evelyn Finkel, para o jantar oficial em homenagem ao ministro das Relações Exteriores da Alemanha no sábado, 4 de abril de 1942. Ao visitar trinta cidades do país em seus vôos solitários, Lindbergh reafirmara sua reputação de realista e equilibrado, e de homem do povo que falava sem rodeios, tomando-a mais sólida do que antes de Winchell rotular o jantar em homenagem a von Ribbentrop de “a gafe política do século”. Logo os editoriais dos jornais, na maioria dominados por republicanos, proclamavam que a gafe fora de Roosevelt e dos democratas, ao transformar numa conspiração sinistra o que não passava de um simpático jantar na Casa Branca oferecido a um dignitário estrangeiro.

Meus pais ficaram atônitos quando souberam do convite, mas nada podiam fazer. Alguns meses antes haviam comunicado a Evelyn sua decepção por vê-la tomar-se mais um membro do pequeno grupo de judeus equivocados dispostos a atuar como lacaios do poder. Não fazia sentido questionar mais uma vez sua relação administrativa indireta com o presidente da República, ainda mais porque sabiam que não era nenhuma convicção ideológica que a motivava, como parecia ser no tempo em que ela atuava como sindicalista, tampouco ambição política deslavada, e sim a sensação gloriosa de ter sido salva pelo rabino Bengelsdorf de sua vida de professora substituta

moradora de um sótão na Dewey Street, sendo milagrosamente transportada, como Cinderela, para a vida na corte. Quando, porém, ela telefonou uma noite para dizer a minha mãe que ela e o rabino haviam combinado que levariam meu irmão para o jantar com von Ribbentrop — bem, no início ninguém quis acreditar. Já não era fácil aceitar que Evelyn, da noite para o dia, tivesse saltado da nossa pequena sociedade local para o mundo das celebridades que apareciam na “Marcha do Tempo”; agora Sandy também? Já não era inimaginável ele fazer conferências a favor de Lindbergh em sinagogas? Isso simplesmente não podia ser, insisti meu pai — querendo dizer que não admitia aquilo; era não apenas algo incrível como também uma idéia repugnante. “Isso só prova”, disse ele a meu irmão, “que sua tia está maluca.”

E talvez estivesse, mesmo — temporariamente enlouquecida por lhe ter subido à cabeça sua própria importância recém-conquistada. De que outro modo poderia ela ter tido a audácia de tentar arranjar para seu sobrinho de catorze anos um convite para um evento tão grandioso? Como conseguiria convencer o rabino Bengelsdorf a fazer à Casa Branca um pedido tão absurdo, se não com aquela insistência tenaz e inflexível de uma pessoa enlouquecida com a ascensão social? Pelo telefone, meu pai falou com ela com o máximo de calma de que era capaz. “Para com essa bobagem, Evelyn. Nós não somos pessoas importantes. Deixa a gente em paz, por favor. Já não está fácil uma pessoa comum suportar a situação.” Porém a essa altura minha tia já estava comprometida de modo irrevogável com sua missão de libertar aquele sobrinho excepcional (para que ele pudesse desempenhar um papel importante no mundo, tal como ela) do confinamento que lhe impunha o cunhado ignorante. Sandy iria participar do jantar para dar testemunho do sucesso do programa Gente como a Gente, ele ia participar do jantar como nada menos que o representante nacional do programa Gente como a Gente, e não era um pai com mentalidade de gueto que ia impedi-lo de ir — nem impedi-la de levá-lo. Ela pegou o carro, e quinze minutos depois chegou a hora da verdade.

Depois que pôs o telefone no gancho, meu pai não tentou conter sua indignação, e começou a esbravejar como se fosse o tio Monty. “Na Alemanha, eles pelo menos têm a decência de proibir os judeus de entrarem no Partido Nazista. Com isso, e mais as braçadeiras com suásticas, e os campos de concentração, pelo menos fica claro que os porcos judeus são excluídos. Mas aqui os nazistas fazem de conta que querem que os judeus *participem*. E por quê? Por esperteza. Pros judeus dormirem no ponto e ficarem achando que está tudo correndo às mil maravilhas aqui nos Estados Unidos. Mas isto?”, exclamou. “Isto? Convidar judeus pra apertar as mãos sujas de sangue de um criminoso nazista? Inacreditável! Eles não param de mentir e tramar nem por um minuto! Encontram o melhor menino, o mais talentoso, o mais trabalhador, o mais maduro... Não! Já debocharam demais de nós com o que estão fazendo com o Sandy! Ele não vai a lugar nenhum! Eles já roubaram o meu país — não vão roubar o meu filho!”

“Mas ninguém”, gritou Sandy, “está debochando de *ninguém*. Isso é uma grande oportunidade.” “Para um oportunista”, pensei, mas fiquei de boca calada.

“Não responda”, disse-lhe meu pai; só isso, e a severidade tranquila daquelas palavras foi mais eficaz do que a raiva para fazer Sandy se dar conta de que teria início agora a pior hora de sua vida.

Tia Evelyn bateu à porta e minha mãe levantou-se para abrir a porta dos fundos. “O que é que essa mulher quer *agora*?”, meu pai exclamou para minha mãe. “Eu digo a ela para nos deixar em

paz — e aí ela vem, essa doida vanidosa!

Minha mãe não discordava em absoluto da posição de meu pai, porém dirigiu-lhe um olhar suplicante enquanto saía da cozinha, na esperança de convencê-lo a ter um pouco de piedade, por menos que Evelyn merecesse piedade pelo modo idiota como havia explorado o entusiasmo de Sandy.

Tia Evelyn ficou (ou fingiu ficar) atônita ao ver que meus pais não conseguiam entender o que significava um menino da idade de Sandy ser convidado à Casa Branca, o que significaria para seu futuro ele ser convidado para um jantar na Casa Branca... “Essa história de *Casa Branca* não me impressiona nem um pouco!”, meu pai exclamou, batendo na mesa para que ela se calasse depois de pronunciar “Casa Branca” pela décima quinta vez. “O que me impressiona é a pessoa que mora lá. É a pessoa que mora lá é um nazista.” “Ele não é nazista!”, insistiu Evelyn. “E você vai querer me convencer de que *Herr* von Ribbentrop também não é nazista?” Em resposta, minha tia chamou meu pai de medroso, provinciano, inculto, bitolado... e ele a chamou de leviana, simplória, deslumbrada... e a discussão se prolongou, as ofensas vindo de um lado da mesa para o outro, cada um cuspidando acusações para aumentar a fúria do outro, até que um comentário de tia Evelyn — um comentário relativamente suave, aliás, a respeito de todos os pauzinhos que o rabino tinha mexido em prol de Sandy — foi a gota d’água; meu pai levantou-se e pediu-lhe que fosse embora. Ele saiu da cozinha, foi para o *hall* dos fundos e abriu a porta que dava para a escada; de lá, chamou-a: “Ria. Agora. E não me apareça mais aqui. Não quero ver você nesta casa nunca mais”.

Tia Evelyn não conseguia acreditar, nem nós. Aquilo parecia uma brincadeira, uma fala de um filme de Abbott e Costello. Ria, Costello. Se é para você continuar aprontando desse jeito, vá embora desta casa e não volte nunca mais.

Minha mãe levantou-se da mesa onde os três adultos tinham se sentado antes para tomar chá, e foi ter com meu pai no *hall*.

“Essa mulher é uma idiota, Bess”, ele disse a ela, “uma idiota infantil que não entende nada. Uma idiota *perigosa*.”

“Fecha a porta, por favor”, minha mãe lhe disse.

“Evelyn”, ele chamou. “Agora. Imediatamente. Vá embora.”

“Não faça isso”, minha mãe sussurrou.

“Estou esperando que sua irmã saia da minha casa”, ele respondeu.

“Nossa casa”, disse minha mãe, e voltou para a cozinha. “Ev, vá pra casa”, disse ela em voz baixa, “pras coisas se acalmarem.” O rosto de tia Evelyn estava encostado na mesa, oculto entre as mãos. Minha mãe seguiu-a pelo braço, fez com que ela se levantasse e conduziu-a até a porta dos fundos, saindo com ela; nossa tia tão cheia de si e dinâmica parecia ter sido atingida por um tiro e estarsendo levada para algum lugar para morrer. Então ouvimos meu pai bater a porta.

“Essa mulher acha que tudo é uma festa”, disse ele a Sandy e a mim quando fomos até o *hall* para ver como tinha terminado a guerra. “Acha que tudo é um jogo. Vocês viram os jogos de tala. Eu levei vocês ao cinema. Vocês sabem muito bem o que viram lá.”

“É”, concordamos. Achei que devia dizer alguma coisa, já que meu irmão se recusava a falar. Ele havia suportado estoicamente o ostracismo implacável que Alvin lhe tinha imposto, as sessões do

Cine Jomal da Tela e agora a expulsão de sua tia favorita — aos catorze anos, já se transformara num dos homens obstinados da família, decidido a suportar qualquer coisa.

“Pois bem”, disse meu pai, “*não* é um jogo. É uma luta. Não se esqueçam: é uma luta!”  
Mais uma vez concordei.

“No mundo exterior...” Mas de repente parou. Minha mãe não havia voltado. Eu tinha nove anos e achava que ela não voltaria mais. E talvez meu pai, com quarenta e um, tivesse pensado o mesmo: meu pai, que a vida dura havia libertado de muitos temores, não perdera o medo de ser privado de sua preciosa esposa. Vivíamos num tempo em que a idéia de catástrofe nunca parecia distante, e agora ele olhava para seus filhos como se eles tivessem perdido a mãe de uma hora para outra, tal como Earl na noite em que a sra. Axman sofreu seu esgotamento nervoso. Quando meu pai foi até a sala e ficou olhando pelas janelas da frente, eu e Sandy fomos atrás dele. O carro de tia Evelyn não estava mais estacionado junto ao meio-fio. E minha mãe não estava na calçada, nem na entrada do prédio, nem no beco, nem mesmo do outro lado da rua — tampouco no porão, quando meu pai desceu a escada correndo chamando-a pelo nome. Também não estava com Seldon e sua mãe. Eles estavam jantando na cozinha quando meu pai bateu à porta e nós três entramos.

Meu pai perguntou à sra. Wishnow: “Você viu a Bess?”

A sra. Wishnow era uma mulher camuda, alta e desengonçada, que andava com os punhos cerrados; fiquei atônito quando me disseram que ela era uma menina alegre, que ria muito, quando meu pai a conheceu, junto com sua família, na Third Ward de Newark, antes da Grande Guerra. Agora que ela era ao mesmo tempo mãe e chefe de família, meus pais viviam elogiando sua dedicação incansável a Seldon. Não havia dúvida de que a vida *dela* era uma luta: bastava olhar para seus punhos.

“O que aconteceu?”, ela indagou.

“A Bess não está aqui?”

Seldon levantou-se da mesa e saiu para nos cumprimentar. Com o suicídio de seu pai, a aversão que ele me inspirava se tomara ainda mais forte, e quando terminavam as aulas eu me escondia atrás da escola sempre que percebia que ele estava me esperando para voltar comigo. Embora morássemos a apenas um quarteirão da escola, de manhã eu descia a escada na ponta dos pés e saía de casa quinze minutos mais cedo só para não me encontrar com ele. Mas à tarde eu fatalmente cruzava com ele, mesmo se estívéssemos em extremidades opostas da ladeira da Chancellor Avenue. Eu ia fazer alguma pequena compra para minha mãe e de repente Seldon estava gnudado em mim, como se tivesse aparecido por acaso. E sempre que ele vinha tentar me ensinar a jogar xadrez, eu fingia que não estava em casa e não abria a porta. Quando minha mãe estava, ela tentava me convencer a jogar com ele, usando como argumento justamente o fato que eu mais me esforçava para esquecer. “O pai dele era um grande jogador de xadrez. Uma vez até ganhou o campeonato da Associação Judaica de Moços. Foi ele que ensinou o Seldon a jogar, e agora o Seldon não tem mais com quem jogar, por isso ele procura você.” Eu dizia a minha mãe que não gostava do jogo, ou que não o entendia, ou que não sabia jogar, mas por fim não havia saída, Seldon chegava com o tabuleiro e as peças, nós nos instalávamos na mesa da cozinha e ele mais uma vez me dizia que fora seu pai que fizera o tabuleiro e comprara as peças. “Ele foi a Nova



York, sabia exatamente onde era pra ir, e encontrou as peças que queria — elas são muito bonitas, não são? É uma madeira especial. E foi ele mesmo que fez o tabuleiro. Encontrou a madeira e ele mesmo cortou — está vindo como as cores são diferentes?” A única maneira que eu conhecia de fazê-lo parar de falar naquele pai morto apavorante era contra-atacar com as últimas piadas escatológicas que aprendera na escola.

Enquanto subíamos a escada voltando para casa, me dei conta de que meu pai agora ia se casar com a sra. Wishnow e que em breve nós três levaríamos todas as nossas coisas para o apartamento de baixo e iríamos morar com ela e Seldon; indo e voltando da escola, eu não teria mais como evitar a presença de Seldon e sua necessidade insaciável de meu apoio. E, ao chegar em casa, eu teria de guardar meu casaco no armário em que o pai de Seldon se enforcara. Sandy dormiria no jardim-de-inverno do apartamento dos Wishnow, tal como fizera em nossa casa no tempo em que Alvin morava conosco; eu dormiria no quarto dos fundos com Seldon, e no outro quarto meu pai dormiria no lugar do pai de Seldon, ao lado da mãe dele, sempre de punhos cerrados.

Minha vontade era ir até a esquina, pegar um ônibus e desaparecer. Ainda tinha os vinte dólares de Alvin guardados no bico de um sapato no fundo do armário. Eu pegaria o dinheiro, tomaria um ônibus, saltaria na Pennsylvania Station e compraria uma passagem só de ida para Filadélfia. Lá encontraria Alvin, e nunca mais voltaria a morar com minha família. Eu ficaria com Alvin, cuidando do coto dele.

Minha mãe ligou para casa depois que fez tia Evelyn dormir. O rabino Bengelsdorf estava em Washington, mas ele conversara com Evelyn pelo telefone e depois falou com minha mãe, garantindo-lhe que ele sabia muito melhor do que seu marido pateta quais eram os interesses dos judeus. Disse que jamais se esqueceria do modo como Herman tratara Evelyn, ainda mais depois de tudo que ele fizera por seu sobrinho, em atenção aos pedidos de Evelyn. O rabino concluiu dizendo a minha mãe que tomaria as medidas apropriadas no momento oportuno.

Por volta das dez, meu pai foi pegar minha mãe de carro. Eu e Sandy já estávamos de pijama quando ela entrou no quarto, sentou-se na minha cama e tomou minha mão. Eu nunca a vira tão exausta — não completamente esgotada como a sra. Wishnow, mas muito diferente daquela mãe sempre incansável, cheia de contentamento e energia, no tempo em que sua única preocupação era administrar a casa com a renda líquida de meu pai de menos de cinqüenta dólares semanais. Um emprego no centro da cidade, uma casa para cuidar, uma mãe impulsiva, um marido decidido, um filho de catorze anos teimoso e outro de nove anos apreensivo — nem mesmo a concorrência de todas essas preocupações, com todas as exigências que elas implicavam, teria sido demais para uma mulher tão hábil, se ainda por cima não houvesse Lindbergh.

“Sandy”, disse ela, “o que é que a gente pode fazer? Quer que eu explique por que seu pai acha que você não deve ir? Podemos falar sobre isso tranquilamente? Mais cedo ou mais tarde vamos ter que conversar sobre isso. Só eu e você, mais ninguém. Às vezes seu pai perde as estribeiras, mas eu não — você sabe. Você sabe que eu vou escutar você. Mas é preciso entender o que está acontecendo. Porque talvez não seja mesmo uma boa idéia você se envolver mais nessa história. Talvez tia Evelyn tenha cometido um erro. Ela é muito entusiasmada, meu amor. Ela sempre foi assim. Acontece uma coisa fora do comum e ela perde completamente o senso da medida. Seu pai

acha... Quer que eu continue, meu amor, ou prefere dormir?”

“Faz o que você quiser”, disse Sandy, seco.

“Continua”, disse eu.

Minha mãe sorriu para mim. “Por quê? O que você quer saber?”

“Porque é que todo mundo está gritando.”

“Porque cada um vê a coisa de um jeito.” Beijou-me em despedida, dizendo: “Porque todo mundo está com mil coisas na cabeça.” Mas quando ela se virou para a cama de Sandy para beijá-lo, ele enfiou o rosto no travesseiro.

Normalmente meu pai saía para o trabalho quando eu e Sandy ainda não havíamos acordado, e minha mãe se levantava cedo para tomar o café-da-manhã com ele, preparar os sanduíches que comeríamos no almoço, que ela embrulhava em papel parafinado e guardava na geladeira, e depois saía para o trabalho, quando já estávamos prontos para ir para a escola. No dia seguinte, porém, meu pai só saiu de casa depois que pôde explicar a Sandy por que ele não iria ao jantar na Casa Branca nem voltaria a participar de nenhum dos programas patrocinados pela AAA.

“Os amigos do von Ribbentrop”, disse ele a Sandy, “não são nossos amigos. Todas as sujeiras que o Hitler já impôs à Europa, todas as mentiras imundas que contou pro outros países, passaram pela boca do senhor von Ribbentrop. Algum dia você vai estudar o que aconteceu em Munique. Vai entender o papel que o senhor von Ribbentrop desempenhou, enganando o senhor Chamberlain, que assinou um tratado que não valia o papel em que estava escrito. Leia o que sai sobre esse homem no *PM*. Escute o que o Winchell diz sobre ele. O Winchell chama ele de ‘ministro von Ribbensnobe’. Você sabe o que ele fazia antes da guerra? Vendia champanhe. Era vendedor de bebida, Sandy. Ele é um mentiroso — plutocrata, ladrão e mentiroso. Até mesmo o ‘von’ no nome dele é mentira. Mas você não sabe nada disso. Não sabe nada sobre o von Ribbentrop, nem sobre o Göring, nem sobre o Goebbels, o Himmler e o Hess — *maseu sci*. Já ouviu falar no castelo na Áustria onde o *Herr* von Ribbentrop oferece lautos jantares a outros criminosos nazistas? Sabe como foi que ele conseguiu esse castelo? Roubou. O nobre que era dono dele foi jogado num campo de concentração pelo Himmler, e agora o castelo pertence ao vendedor de bebida! Você sabe onde fica Danzig, Sandy, e sabe o que aconteceu lá? Sabe o que é o Tratado de Versalhes? Já ouviu falar em *Mein Kampf*? Pergunte ao senhor von Ribbentrop que ele explica. Eu também explico, só que não do ponto de vista dos nazistas. Eu acompanho as coisas, eu leio, sei quem são esses criminosos, meu filho. E não vou permitir que você se aproxime deles.”

“Nunca vou perdoar o senhor por isso”, respondeu Sandy.

“Vai, sim”, contestou minha mãe. “Um dia você vai compreender que seu pai só quer o melhor pra você. Ele tem razão, meu amor, acredita em mim — você não tem nada que andar com essas pessoas. Elas estão usando você.”

“A tia Evelyn?”, retrucou Sandy. “A tia Evelyn está me ‘usando’? Ela dá um jeito de eu ser convidado para a Casa Branca e isso é me usar?”

“É”, disse minha mãe com tristeza.

“Não! Não é verdade!”, ele exclamou. “Me desculpe, mas não vou trair a tia Evelyn.”

“A sua tia Evelyn”, disse meu pai, “é que nos traiu. Gente como a Gente”, acrescentou com desprezo. “O único objetivo desse tal de Gente como a Gente é transformar as crianças judias numa quinta-coluna e jogar elas contra seus pais.”

“Que bobagem!”, disse Sandy.

“Pára com isso!”, raliou minha mãe. “Pára com isso agora mesmo. Será que você não entende que nós somos a única família do quarteirão que está passando por uma coisa dessas? A única família em todo o bairro. Todo mundo já entendeu que o melhor a fazer é continuar vivendo como se vivia antes da eleição e esquecer quem é o presidente. E é isso que nós estamos fazendo também. Coisas ruins aconteceram, mas agora isso acabou. O Alvin foi embora, agora sua tia Evelyn foi embora, e tudo vai voltar ao normal.”

“E quando é que a gente vai se mudar para o Canadá”, Sandy perguntou a ela, “por causa do seu complexo de perseguição?”

Meu pai apontou para ele e disse: “Não repete as bobagens da sua tia. E não responde para mim desse jeito nunca mais”.

“Você é um ditador”, retrucou Sandy, “um ditador *pior* que o Hitler.”

Como meus paistinhos tinham sido criados em famílias em que o pai imigrante não pensava duas vezes antes de disciplinar os filhos com os métodos tradicionais de coação, eles eram incapazes de bater em Sandy ou em mim, e por uma questão de princípios desaprovavam castigos corporais. Assim, a única coisa que meu pai fez quando seu filho lhe disse que ele era pior do que Hitler foi se afastar, enojado, e ir para o trabalho. Mas ele mal havia saído pela porta dos fundos quando minha mãe levantou a mão e, para minha surpresa, deu um tapa na cara de Sandy. “Você não entende o que seu pai acaba de fazer por você?”, ela gritou. “Será que não entende o que você por um triz não chegou a fazer? Acaba esse café-da-manhã e vai pra escola. E volta pra casa assim que terminar a aula. Seu pai mandou — e é bom obedecer.”

Sandy não piscou quando ela bateu nele, e agora, mais inflexível do que nunca, resolveu tomar-se ainda mais heróico dizendo, à queima-roupa: “Eu vou à Casa Branca com a tia Evelyn. E se isso incomoda essa mentalidade de gneto de vocês, estou me mexendo”.

Para coroar aquela manhã desagradável, para tomar ainda mais insuportavelmente implausível todo aquele caos, minha mãe o fez pagar em dobro por sua desobediência filial, dando-lhe um segundo tapa; e dessa vez ele começou a chorar. E se não tivesse chorado, aquela nossa mãe tão prudente teria levantado a mão bondosa e delicada para lhe acertar um terceiro, um quarto e um quinto tabefes. “Ela não sabe o que está fazendo”, pensei, “ela é outra pessoa — *todo mundo* é outra pessoa”, e agarrando meus livros comi para a escada dos fundos, saí no beco, fui para a rua e, como se já não bastassem os horrores daquele dia, lá estava Seldon me esperando à porta do prédio para ir comigo até a escola.

Quando voltava do trabalho, cerca de duas semanas depois, meu pai passou pelo Cine Jomal da Tela para ver a cobertura do jantar oferecido a von Ribbentrop. Foi então que Shepsie Tirschwell, seu velho amigo de infância, com quem foi falar na cabine de projeção após a sessão, lhe contou que no dia 10 de junho iria para Winnipeg com a esposa, os três filhos, a mãe e os sogros

idosos. Representantes da pequena comunidade judaica de Winnipeg haviam ajudado o sr. Tirschwell a amarrar emprego como projecionista num cinema de bairro de lá e encontrado apartamentos para toda a família num bairro judeu modesto muito semelhante ao nosso. Os canadenses haviam conseguido também um empréstimo a juros baixos para que os Tirschwell pudessem financiar a mudança, e também para ajudá-los a manter os sogros de Tirschwell enquanto sua mulher procurava emprego em Winnipeg. O sr. Tirschwell disse a meu pai que não tinha a menor vontade de abandonar seu torrão natal e seus velhos amigos, e tampouco queria largar aquele emprego único no cinema mais importante de Newark. Ia ter que abrir mão de muita coisa, mas com base nos inúmeros noticiários a que assistira nos últimos anos, enviados por produtoras de jomais da tela de todo o mundo, não tinha dúvida de que o lado secreto do acordo fechado na Islândia entre Lindbergh e Hitler em 1941 previa que Hitler primeiro derrotaria a União Soviética, depois invadiria e conquistaria a Inglaterra e somente então (e depois que os japoneses ocupassem a China, a Índia e a Austrália, completando desse modo a sua “Nova Ordem na Grande Ásia Oriental”) o presidente dos Estados Unidos estabeleceria a “Nova Ordem Fascista Americana”, uma ditadura totalitária semelhante à de Hitler que prepararia o campo para a última grande luta no continente — a invasão, a conquista e a nazificação da América do Sul, que seriam realizadas pela Alemanha. Dois anos depois, com a suástica tremulando no parlamento de Londres, a bandeira do Sol Nascente hasteada em Sydney, Nova Délhi e Pequim, e tendo Lindbergh sido reeleito para mais quatro anos, a fronteira entre Estados Unidos e Canadá seria fechada, as relações diplomáticas entre os dois países seriam suspensas e, para que os americanos se dessem conta do grave perigo interno que tomava necessária a suspensão de seus direitos constitucionais, teria início o massacre dos quatro milhões e meio de judeus norte-americanos.

Após a visita de von Ribbentrop a Washington — e o triunfo que ela representou para os mais perigosos seguidores americanos de Lindbergh — era esse o panorama previsto pelo sr. Tirschwell, e era tão mais pessimista do que meu pai era capaz de imaginar que ele decidiu não transmiti-lo a nós, e não nos dizer, ao chegar do cinema para jantar, que os Tirschwell iam viajar em breve, certo de que a notícia me deixaria em pânico, irritaria Sandy e faria com que minha mãe quisesse emigrar imediatamente. Desde a posse de Lindbergh, um ano e meio antes, calculava-se que apenas duzentas ou trezentas famílias judias tinham buscado refúgio permanente no Canadá; os Tirschwell eram os primeiros fugitivos que meu pai conhecia pessoalmente, e a notícia da decisão deles abalou demais.

Além disso, foi um choque para ele ver o nazista von Ribbentrop e sua mulher serem recebidos afetuosamente à entrada da Casa Branca pelo presidente e pela primeira-dama. E também ver todos os convidados iminentes saltando de suas limusines e somindo ao pensar que iriam jantar e dançar na presença de von Ribbentrop — e ver entre os convidados, aparentemente tão fascinados quanto os outros por aquele evento repugnante, o rabino Lionel Bengelsdorf e a sra. Evelyn Finkel. “Eu não conseguia acreditar”, disse meu pai. “Ela aparece somindo de orelha a orelha. E o futuro marido então? Com cara de quem acha que o jantar é em homenagem a ele. Você precisava ver o sujeito — cumprimentando todo mundo como se ele fosse um figurão!” “Mas por que é que você foi assistir?”, perguntou minha mãe, “quando estava na cara que ia ficar transtornado desse jeito?” “Eu fui”, respondeu meu pai, “porque todos os dias me faço a mesma

pergunta: Como é que isso pode estar acontecendo nos Estados Unidos? Como gente assim pode estar mandando no nosso país? Se eu não visse com meus próprios olhos, ia achar que era uma alucinação.”

Embora o jantar estivesse apenas começando, Sandy largou os talheres e murmurou: “Mas não tem nada acontecendo nos Estados Unidos, *nada*”, e levantou-se da mesa — e não era a primeira vez que isso acontecia desde aquele dia em que minha mãe lhe dera uns tabefes. Agora, durante as refeições, se alguém fizesse alguma referência ao noticiário, por mais discreta que fosse, Sandy se levantava e, sem dar explicações nem se desculpar, ia para o quarto e fechava a porta. As primeiras vezes em que fez isso, minha mãe foi atrás dele para conversar e convidá-lo a voltar para a sala, mas Sandy, sentado à sua mesa, ficou fazendo ponta num lápis de carvão ou rabiscando em seu bloco, até que ela desistiu e o deixou em paz. Meu irmão nem sequer se dignava a falar comigo quando, apenas por me sentir solitário, eu ousava lhe perguntar quanto tempo ele pretendia continuar daquele jeito. Comecei a achar que ele era bem capaz de pegar suas coisas e sair de casa, indo não para a casa de tia Evelyn, e sim para a fazenda dos Mawhinney em Kentucky. Ele mudaria o nome para Sandy Mawhinney e nunca mais o veríamos, tal como nunca mais veríamos Alvin. E ninguém precisaria raptá-lo — ele próprio se entregaria aos cristãos para nunca mais voltar a ter qualquer envolvimento com os judeus. Ninguém precisava raptá-lo, porque Lindbergh já o havia raptado, a ele e a todo mundo!

O comportamento de Sandy me deixou tão perturbado que, à noite, passei a fazer meu dever de casa longe dele, na mesa da cozinha. Foi assim que uma vez ouvi meu pai — que estava na sala com minha mãe, lendo o jornal vespertino enquanto Sandy permanecia isolado nos fundos do apartamento, desdenhoso — dizer a minha mãe que a confusão em nossa família era exatamente o tipo de discórdia que os anti-semitas ligados a Lindbergh queriam criar entre pais e filhos judeus com programas como o Gente como a Gente. A consciência desse fato, porém, tivera o efeito de fortalecer ainda mais sua decisão de não fugir, como Shepsie Tirschwell resolvera fazer.

“Mas que história é essa?”, exclamou minha mãe. “Você está me dizendo que os Tirschwell vão para o Canadá?” “Vão, sim, em junho”, respondeu ele. “Por quê? Por que em junho? O que é que vai acontecer em junho? Quando você ficou sabendo? Por que não disse nada?” “Por que eu sabia que você ia ficar preocupada.” “E fiquei mesmo — e não é pra ficar? Por quê”, insistiu ela, “por quê, Herman, eles vão embora em junho?” “Porque o Shepsie acha que chegou a hora. Não vamos falar sobre isso”, disse meu pai, mais baixo. “O caçula está na cozinha, e ele já anda muito assustado. Se o Shepsie acha que é a hora, a decisão é dele e da família dele, e boa sorte para ele. O Shepsie passa o dia inteiro vendo noticiários. Ver notícias é a vida do Shepsie, e como as notícias são terríveis, isso afeta a sua maneira de pensar, por isso ele tomou essa decisão.” “Ele tomou essa decisão”, retrucou minha mãe, “porque está *bem informado*.” “Eu também estou bem informado”, respondeu meu pai, seco. “Tão bem informado quanto ele — só que cheguei a uma conclusão diferente. Será que você não entende que esses cachorros anti-semitas *querem* que a gente vá embora? Eles querem que os judeus fiquem tão fartos”, acrescentou, “que vão embora pra não voltar mais, e aí todo esse país maravilhoso fica pros góis. Pois eu tenho uma idéia melhor. Por que é que *eles* não vão embora? Todos eles — por que não vão morar na Alemanha nazista com o *Führer* deles? *Aí nós* é que vamos ter um país maravilhoso! Olha, o Shepsie que faça o que ele acha

que está certo, mas nós não vamos a lugar nenhum. Ainda existe um Supremo Tribunal neste país. Graças a Franklin Roosevelt, o Supremo Tribunal é liberal, e está lá pra cuidar dos nossos direitos. Nele tem o juiz Douglas O juiz Frankfurter. O juiz Murphy e o juiz Black. Eles estão lá para manter a lei. Ainda há gente boa neste país. Tem o Roosevelt, tem o Ickes, tem o prefeito La Guardia. Em novembro vai ter eleição pro Congresso. Ainda há eleição neste país, e as pessoas podem votar sem que ninguém mande em quem elas têm de votar.” “E em quem é que elas vão votar?”, perguntou minha mãe, e imediatamente ela própria respondeu: “O povo americano vai votar e os republicanos vão ficar ainda mais fortes”. “Fala mais baixo. Tenta não falar muito alto, está bem? Quando chegar novembro”, disse meu pai, “a gente vai ver o resultado das eleições, e aí vamos ter tempo para resolver o que fazer.” “E se a gente não tiver tempo?” “Vai dar tempo, sim. Por favor, Bess”, disse ele, “a gente não pode cair nisso toda noite.” E não disse mais nada, mas provavelmente foi por saber que eu estava fazendo o dever de casa na cozinha que minha mãe obrigou-se a se calar também.

No dia seguinte, saindo da escola, desci a Chancellor Avenue, tomei a Clinton Place e andei até depois da escola secundária, onde me parecia pouco provável que alguém me reconhecesse, e lá peguei um ônibus para o centro da cidade, numo ao Cine Jomal da Tela. Eu havia verificado o horário no jomal da véspera. Uma das sessões de uma hora se iniciaria às três e cinquenta e cinco, de modo que eu podia pegar o ônibus H às cinco no ponto da Broad Street, bem em frente ao cinema, e estar em casa na hora do jantar, ou até mesmo antes disso, dependendo da hora em que aparecesse o jantar de von Ribbentrop. De alguma maneira eu iria ver tia Evelyn na Casa Branca, e não porque, como meus pais, estivesse horrorizado e indignado com o que ela estava fazendo, mas porque a presença dela lá me parecia a coisa mais extraordinária que já tinha acontecido com um membro de nossa família — fora, claro, o que acontecera com Alvin.

**FIGURÃO NAZISTA RECEBIDO NA CASA BRANCA** — era essa a manchete em letras negras que aparecia nos dois lados da marquise triangular do cinema, e essas palavras, juntamente com a consciência de estar no centro da cidade sem meu irmão nem Earl Aman, nem meu pai, nem minha mãe, me inspiraram uma sensação de transgressão poderosa quando fui até a bilheteria e pedi um ingresso.

“Você não está acompanhado de um adulto?”, disse a bilheteira. “Sou órfão”, expliquei. “Moro no orfanato lá da Lyons Avenue. A irmã me mandou fazer um trabalho sobre o presidente Lindbergh.” “Cadê o bilhete dela?” Eu havia preparado um bilhete cuidadosamente, no ônibus, usando uma página em branco no caderno, e entreguei-o à bilheteira. Eu me baseara nos bilhetes que minha mãe escrevia dando permissão para que eu participasse de passeios escolares, só que estava assinado “Irmã Mary Catherine, Orfanato São Pedro”. A mulher olhou para o papel sem o ler, depois fez sinal para que eu entregasse o dinheiro. Dei-lhe uma das notas de dez de Alvin — uma nota muito grande para um menino do meu tamanho, quanto mais órfão —, mas ela estava ocupada e me deu nove e cinquenta de troco, junto com o ingresso, sem criar problemas. Porém não devolveu o bilhete. “Vou precisar dele”, insisti. “Vamos lá, meu filho”, disse ela impaciente, fazendo sinal para que eu seguisse em frente e desse lugar ao próximo da fila.

Entre na sala no momento em que as luzes se apagavam e, aos acordes de uma música marcial, a projeção tinha início. Como, ao que parecia, todos os homens de Newark (poucas

mulheres freqüentavam aquele cinema) queriam ver o inusitado convidado à Casa Branca, a sala estava lotada, e o único lugar que encontrei foi numa das últimas fileiras do balcão — quem entrasse agora teria de ficar em pé atrás da última fileira da platéia. Eu estava muito excitado, não apenas por ter conseguido fazer algo que ninguém esperaria de mim mas também porque, envolto pela fumaça de centenas de cigarros e pelo cheiro extravagante dos charutos de cinco centavos, eu me sentia mergulhado na magia viril de um menino disfarçado de homem entre homens.

Britânicos chegam a Madagascar para tomar a base naval francesa.

Pierre Laval, chefe do governo francês de Vichy, denuncia a ação britânica como “um ato de agressão”.

Bombardeiros da RAF atacam Stuttgart pela terceira noite seguida.

Caças britânicos em batalha encamiçada no espaço aéreo de Malta.

Exército alemão retoma ataque à União Soviética na península de Kertch.

Mandalay é tomada pelo Exército japonês na Birmânia.

Exército japonês realiza mais uma incursão nas selvas da Nova Guiné.

Exército japonês entra na província chinesa de Yunnan, vindo da Birmânia.

Guemilheiros chineses atacam a cidade de Cantão, matando quinhentos soldados japoneses.

Uma multidão de capacetes, uniformes, armas, prédios, portos, praias, flora, fauna — rostos humanos de todas as raças —, mas, fora isso, sempre o mesmo inferno se repetindo, o mal indizível de cujos horrores os Estados Unidos eram a única grande nação a ser poupada. Imagens e mais imagens de sofrimentos intempestivos: morteiros disparando, soldados de infantaria correndo, fuzileiros navais desembarcando com rifles erguidos, aviões soltando bombas, aviões explodindo e caindo em espiral, sepulturas coletivas, capelães ajoelhados, cruzes improvisadas, navios afundando, marinheiros se afogando, o mar em chamas, pontes destruídas, tanques destruídos, hospitais partidos ao meio, colunas de fogo de depósitos de gasolina bombardeados subindo aos céus, prisioneiros amontoados num mar de lama, padiolas levando tosos vivos, civis golpeados por baionetas, bebês mortos, corpos decapitados jomando sangue...

Em seguida, a Casa Branca. Um crepúsculo primaveril. Sombras se estendendo sobre o gramado. Arbustos em flor. Árvores em flor. Limusines dirigidas por choferes uniformizados e as pessoas saindo delas em traje a rigor. Pelas portas abertas do salão de mármore, um conjunto de cordas executa o maior sucesso do ano anterior, “*Intermezzo*”, baseado num tema de *Tristão e Isolda*, de Wagner. Somisos polidos. Risos discretos. O presidente elegante, belo, amado. A seu lado, a poetisa talentosa, aviadora ousada e *socialite* decorosa cujo filho foi assassinado. O loquaz convidado de honra grisalho. Sua elegante esposa nazista com um vestido longo de cetim. Boas-vindas, gracejos, e o europeu galante, escolado nos rituais das cortes reais e elegantíssimo em seu traje a rigor, num gesto encantador beija a mão da primeira-dama.

Não fosse a Cruz de Ferro conferida ao ministro das Relações Exteriores pelo *Führer*, que enfeita seu bolso alguns centímetros abaixo do lenço de seda impecavelmente disposto, é a mais perfeita imitação de homem civilizado de que a astúcia humana é capaz.

E veja só! Tia Evelyn e o rabino Bengelsdorf — passam pela guarda de fuzileiros navais, entram pela porta e somem!

Não chegaram a permanecer por três segundos na tela, e no entanto o resto do noticiário

nacional e a crônica esportiva do final não faziam nenhum sentido para mim; eu torcia para que o filme andasse para trás e mostrasse outra vez o momento em que minha tia se materializava, resplandecente, com as jóias que outrora pertenceram à falecida esposa do rabino. Entre tantas coisas improváveis que a câmara provava serem reais, acima de qualquer dúvida, o triunfo vergonhoso de tia Evelyn era para mim a mais real de todas.

Quando terminou a sessão e as luzes se acenderam, havia um lanterninha de uniforme acenando com a lanterna. “Você aí”, disse ele. “Vem comigo.”

Fomos seguindo por entre a multidão que saía do cinema, passamos por uma porta que ele abriu com uma chave, subimos uma escada estreita que reconheci: havia passado nela nas vezes em que meu pai trouxera a mim e Sandy para ver as manifestações no Madison Square Garden motivadas pela visita de von Ribbentrop. “Quantos anos você tem?”, perguntou o lanterninha.

“Dezesseis.”

“Essa é boa. Continua, garotão. Piora a tua situação ainda mais.”

“Tenho que ir pra casa agora”, disse eu. “Vou perder meu ônibus.”

“Você vai perder muito mais que isso.”

Bateu com força na famosa porta à prova de som da cabine de projeção, e o sr. Tirschwell abriu-a para nós.

Na sua mão estava o bilhete da irmã Mary Catherine.

“Vou ter que mostrar isso a seus pais”, ele disse.

“Foi só uma brincadeira”, expliquei.

“Seu pai vem aqui pegar você. Liguei pro trabalho dele e avisei que você estava aqui.”

“Obrigado”, respondi educadamente, tal como me haviam ensinado a fazer.

“Podem entrar.”

“Mas foi só uma brincadeira”, repeti.

O sr. Tirschwell estava preparando a próxima projeção. Comecei a olhar ao redor, vi que muitas das fotos autografadas de freqüentadores famosos do cinema tinham sido retiradas das paredes, e me dei conta de que o sr. Tirschwell já estava começando a recolher os objetos que ia levar para Winnipeg. Compreendi também que a gravidade de sua decisão por si só justificaria a severidade com que ele estava me tratando. Ao mesmo tempo, eu tinha também a impressão de que o sr. Tirschwell era o tipo de adulto exigente cujo senso de responsabilidade muitas vezes se estende a coisas que não são da sua conta. Quem o visse ou ouvisse falar não acreditaria que ele fora criado num cortiço de Newark junto com meu pai. Era uma versão mais discreta, e claramente mais educada e orgulhosa que meu pai, do menino de gueto com pouca instrução que conseguiu sair daquele mundo de imigrantes pobres de seus pais quase inteiramente graças a uma capacidade de trabalho implacável e metódica. Homens como ele não tinham outro recurso que não o favor. O que levava os gentios socialmente superiores a eles a rotulá-los de “abusados” era de modo geral apenas isto: o favor que era tudo para eles.

“Se eu sair agora”, amisquei, “ainda posso pegar o ônibus e chegar em casa na hora do jantar.”

“Fica aí onde você está, por favor.”

“Mas o que foi que eu fiz de errado? Eu queria ver a minha tia. Isso é uma injustiça”, insisti, correndo o risco de chorar. “Eu queria ver a minha tia na Casa Branca, só isso.”



“Asuata”, ele disse, erillhou os dentes, como se para não dizer mais nada.

Foi justamente o desdém que ele manifestou por minha tia que desencadeou minhas lágrimas. Nesse ponto o sr. Tirschwell perdeu a paciência. “Você está sofrendo?”, perguntou, sarcástico. “Mas do que é que você está sofrendo? Você faz uma idéia do que as pessoas estão sofrendo pelo mundo afora? Será que você não entendeu nada do que viu agora mesmo? Só espero que no futuro você não tenha nenhum motivo pra chorar de verdade. Eu espero, eu rezo pra que no futuro sua família...” Então se calou de repente; claramente, não estava acostumado com aquelas impuções indignas de emoções iracionais, ainda mais ao lidar com uma criança insignificante. Até mesmo eu entendi que aquela sua argumentação não se dirigia a mim, mas esse fato não diminuía o choque de ter de ouvir aquelas palavras.

“O que é que vai acontecer em junho?”, perguntei. Era a pergunta sem resposta que eu ouvira minha mãe dirigir a meu pai na véspera.

O sr. Tirschwell continuava examinando meu rosto como se tentasse avaliar até onde se estendia minha falta de inteligência. “Pára com isso”, disse por fim. “Toma”, e me entregou o seu lenço. “Enxuga os olhos”

Obedeci, mas quando repeti a pergunta — “O que é que vai acontecer? Por que é que vocês estão indo para o Canadá?” — seu tom de imitação desapareceu na mesma hora, substituído por algo ao mesmo tempo mais forte e mais suave — sua inteligência.

“Aranjei um emprego lá”, respondeu.

Apavorei-me ao me dar conta de que ele estava ocultando a verdade para me proteger, e voltei a chorar.

Meu pai chegou cerca de vinte minutos depois. O sr. Tirschwell lhe entregou o bilhete que eu havia escrito para conseguir entrar no cinema, mas meu pai nem se deu ao trabalho de lê-lo, e foi me puxando pelo cotovelo para fora. Foi só quando chegamos à rua que ele leu e me bateu. Primeiro minha mãe bate no meu irmão, agora meu pai lê as palavras da irmã Mary Catherine e, pela primeira vez na vida, sem se conter, me dá um tapa no rosto. Como já estou com os nervos à flor da pele — e longe de ser estóico como Sandy —, me descontrolo por completo junto à bilheteria, bem na frente de todos os gentios que estão saindo do trabalho e voltando apressados para suas casas, prontos para aproveitar um tranquilo fim de semana de primavera na América de Lindbergh, uma nação em paz, uma fortaleza autônoma muito distante dos campos de batalha do mundo, um país onde ninguém corre perigo, só nós.

Maio de 1942 — junho de 1942

O país deles

22 de maio de 1942

Prezado sr. Roth:

Atendendo a pedido do programa Colonização 42, Agência de Absorção Americana, Departamento do Interior, nossa companhia está oferecendo oportunidades de recolocação para empregados mais antigos como o senhor, considerados qualificados para ser incluídos nessa ousada nova iniciativa da AAA em escala nacional.

Foi há exatamente oitenta anos que o Congresso dos Estados Unidos aprovou a Lei de Colonização de 1862, uma lei que se tornou famosa e que não tem igual em todo o mundo, a qual concedia sessenta e cinco hectares de terras devolutas não ocupadas praticamente de graça a fazendeiros dispostos a colonizar o novo Oeste americano. Desde então, nada de comparável foi feito no sentido de oferecer a americanos dotados de espírito de aventura novas oportunidades para ampliar seus horizontes e fortalecer a pátria.

A Metropolitan Life tem o orgulho de estar entre as primeiras grandes empresas e instituições financeiras americanas a ser escolhidas para participar do novo programa de colonização, cujo objetivo é propiciar a famílias americanas emergentes uma oportunidade inédita de se mudar, com todas as despesas pagas pelo governo, a fim de fincar raízes numa região do país até então inacessível para elas. O programa Colonização 42 proporcionará a essas famílias o desafio de explorar um ambiente impregnado das mais antigas tradições de nosso país, onde pais e filhos poderão enriquecer sua americanidade com o passar das gerações.

Ao receber esta notificação, contate imediatamente o sr. Wilfred Kirth, representante do programa Colonização 42 responsável pelo nosso escritório da Madison Avenue. Ele poderá responder todas as suas perguntas pessoalmente, e sua equipe terá prazer em ajudá-lo no que for necessário.

Parabéns ao senhor e a sua família por terem sido escolhidos, dentre tantos outros candidatos merecedores na Metropolitan Life, para estar entre os pioneiros desta nova campanha de colonização de 1942.

Atenciosamente,

Homer L. Kasson

*Vice-presidente, Gerência de Pessoal*

Só alguns dias depois meu pai conseguiu criar coragem para mostrar a minha mãe a carta enviada pela companhia, e lhe dar a notícia de que, em 10 de setembro de 1942, ele seria transferido do distrito de Newark da Metropolitan para um novo distrito que seria aberto em Danville,

Kentucky. No mapa de Kentucky que viera no pacote do programa Colonização 42 entregue a ele pelo sr. Kurth, meu pai localizou Danville para nós. Então leu em voz alta uma página de um panfleto publicado pela Câmara de Comércio intitulado *O Estado de Kentucky*. “Danville é a sede do condado rural de Boyle. Fica numa linda região a cerca de cem quilômetros ao sul de Lexington, que é a segunda maior cidade do estado, sendo a primeira Louisville.” Ele começou a folhear, procurando outros fatos interessantes para ler para nós, tentando suavizar a sensação de absurdo provocada pela nova situação. “Daniel Boone foi um dos que abriram a “Estrada da Fronteira”, a qual foi o ponto de partida para a colonização de Kentucky. [...] Em 1792, Kentucky tomou-se o primeiro estado a oeste dos montes Apalaches a aderir à União. [...] A população de Kentucky em 1940 era de 2845627. A população de Danville — deixa eu ver — a população de Danville era de 6700.”

“E quantos judeus há em Danville?”, perguntou minha mãe. “Quantos desses seis mil e setecentos? Quantos em todo o estado?”

“Você sabe, Bess. Muito poucos. A única coisa que posso dizer é que podia ser pior. Podia ser Montana, que é pra onde os Geller estão indo. Podia ser Kansas, pra onde vão os Schwartz. Ou Oklahoma, pra onde vão os Brody. Sete funcionários da nossa filial vão ter que se mudar, e eu fui o que teve mais sorte, falando sério. Kentucky é um lugar bonito com clima ótimo. Não é o fim do mundo. Agente vai acabar vivendo lá mais ou menos do jeito que vive aqui. Talvez até melhor, já que lá tudo é mais barato e o clima é muito bom. Lá tem escola pros meninos, eu vou ter meu emprego e você vai ter a casa. Quem sabe a gente até consegue comprar uma casa própria, com um quarto pra cada menino e um quintal pra eles brincarem?”

“Como é que eles têm a desfaçatez de fazer uma coisa dessas com as pessoas?”, indagou minha mãe. “Estou pasma, Henna. Nossas famílias estão aqui. É aqui que estão os amigos que fizemos a vida inteira. Os amigos dos nossos filhos também estão aqui. Vivemos aqui nossa vida toda, em paz e harmonia. Moramos a um quarteirão da melhor escola primária de Newark. A um quarteirão do melhor colégio secundário de Nova Jersey. Os meninos foram criados entre judeus. Eles freqüentam a escola com outras crianças judias. Não há conflitos com as outras crianças. Ninguém que fique xingando os meninos. Não há brigas. Eles nunca se sentiram excluídos e sozinhos como eu, quando era menina. Não acredito que a companhia seja capaz de fazer uma coisa dessas com você. Você, que sempre trabalhou pra eles com tanta dedicação, sem medir esforços, de noite e nos fins de semana — e agora”, disse ela imitada, “é assim que eles recompensam você.”

“Meninos”, disse meu pai, “me perguntem o que vocês quiserem saber. Sua mãe tem razão. Isso é uma grande surpresa pra todos nós. Estamos todos meio pasmos. Então perguntem o que vocês quiserem. Não quero que ninguém se sinta confuso com nada.”

Mas Sandy não estava confuso, e não parecia nem um pouco pasmo. Estava empolgado, e mal conseguia disfarçar sua alegria, porque sabia exatamente onde ficava Danville no mapa de Kentucky — a oito quilômetros e meio da fazenda dos Mawhinney. Talvez ele já soubesse que teríamos de ir para lá antes do resto da família. Meu pai e minha mãe não disseram nada, mas precisamente porque ninguém dizia nada, até eu compreendi que não era por acaso que meu pai fora escolhido como um dos sete judeus de nosso distrito que participariam do programa de “colonização”, tal como não era por acaso que ele fora transferido para a nova filial da empresa em

Danville. Depois que abriu a porta de fundos do apartamento e disse a tia Evelyn para ir embora e não voltar nunca mais, nosso destino não poderia ser outro.

Tínhamos acabado de jantar e estávamos na sala de visitas. Sereno e imperturbável, Sandy desenhava e não tinha nada a perguntar, e eu — olhando para a rua com o rosto encostado na tela da janela aberta —, eu também não tinha nada a perguntar; assim, meu pai, imerso em pensamentos negros, sabendo que fora derrotado, começou a andar de um lado para outro, enquanto minha mãe, no sofá, murmurava algo inaudível, recusando-se a aceitar com resignação o que nos aguardava. No drama naquele confronto, na luta contra o desconhecido, um assumira o papel que o outro havia desempenhado no saguão do hotel em Washington. Dei-me conta do quanto as coisas tinham avançado e como tudo havia se tomado terrivelmente confuso, e compreendi que a calamidade, quando acontece, acontece de repente.

Desde por volta das três horas chovia torrencialmente, sem parar. De súbito, porém, o temporal cessou e o sol saiu forte, como se os relógios tivessem avançado e, para os lados do poente, a manhã seguinte estivesse começando agora, às seis da tarde. Como podia uma rua tão modesta quanto a nossa causar tamanha sensação de beleza apenas porque brilhava de chuva? Como podiam as lagunas cobertas de folhas que bloqueavam a calçada e os pequenos quintais alagados exalar um cheiro que me deliciava como se eu tivesse nascido numa selva tropical? Tocada pelo sol forte após a tempestade, a Summit Avenue brilhava de vida, tal como se fosse meu animal de estimação de pêlo sedoso, palpitante, lavado por cortinas de água, que agora se espreguiçasse de puro êxtase.

Nada no mundo me faria sair dali.

“E os meninos vão brincar com quem?”, perguntou minha mãe.

“Lá no Kentucky o que não falta é criança pra brincar”, ele tranqüilizou-a.

“E eu, vou conversar com quem?”, ela insistiu. “Quem é que vai substituir as amigas que eu fiz aqui durante toda a minha vida?”

“Lá também tem mulher.”

“Mulheres gentias”, ela retrucou. Normalmente minha mãe não era sarcástica, mas o tom que adotava agora era de sarcasmo — tal era sua sensação de perplexidade e perigo. “Boas mulheres cristãs, que vão se virar do avesso para eu me sentir em casa. Eles não têm o direito de fazer isso!”, ela afirmou.

“Bess, por favor — quem trabalha pra uma grande empresa está sujeito a essas coisas. Volta e meia ela transferem pessoas de uma filial pra outra. E quando isso acontece o jeito é fazer as malas e se mudar.”

“Eu estou falando do governo. O *governo* não pode fazer isso. Não pode obrigar uma pessoa a fazer as malas e se mudar — isso não consta de nenhuma Constituição que eu conheça.”

“Eles não estão forçando a gente a ir.”

“Então por que é que nós vamos?”, minha mãe perguntou. “É claro que estão nos forçando. Isso é *ilegal*. Você não pode fazer isso com judeus só porque são judeus, obrigar uma família a ir morar num determinado lugar. Você não pode fazer gato-sapato de uma cidade. Acabar com a Newark de agora, onde judeus moram como todas as outras pessoas? E isso é da conta deles? É contra a lei. Todo mundo *sabe* que é contra a lei.”

“É”, disse Sandy sem se dar ao trabalho de levantar a vista do bloco de desenho. “Por que é que a gente não processa os Estados Unidos da América?”

“Mas pode processar, sim”, respondi. “No Supremo Tribunal.”

“Não fale com ele”, disse minha mãe a mim. “Enquanto seu irmão não aprender a ser educado, ele vai ser ignorado.”

Então Sandy levantou-se, pegou suas coisas e foi para o nosso quarto. Não conseguindo mais suportar a impotência de meu pai e a angústia de minha mãe, destranquei a porta da frente e desci correndo a escada, saindo para a rua, onde os meninos que já haviam terminado o jantar estavam jogando pauzinhos de sorvete nas sarjetas para vê-los cair na cascata formada na grade de ferro do esgoto, juntamente com os detritos naturais que a tempestade arancara das árvores e o torvelinho de papéis de balas, besouros, tampas de garrafa, minhocas, guimbas e — misteriosa, inexplicável, previsível — uma única camisa-de-vênus grudada. Todo mundo estava na rua se divertindo, aproveitando a última saída antes de chegar a hora de se deitar — e todos aqueles meninos ainda podiam se divertir porque nenhum deles tinha um pai que trabalhava numa companhia que estivesse colaborando com o programa Colonização 42. Seus pais eram autônomos, ou então trabalhavam com sócios que eram seus irmãos ou cunhados, e por isso não seriam obrigados a se mudar para lugar nenhum. Mas eu também não ia me mudar. Eu não ia deixar que o governo dos Estados Unidos me obrigasse a abandonar uma rua em que até mesmo dos esgotos emanava o elixir da vida.

Alvin estava envolvido com a contravenção em Filadélfia, Sandy vivia exilado em nossa casa e a autoridade de meu pai como protetor fora drasticamente comprometida, senão destruída. Dois anos antes, para preservar nossa opção de vida, ele reunira suas forças, fora até a sede da empresa e, frente a frente com o presidente da companhia, recusara a promoção que representaria um avanço para sua carreira e um aumento de salário, mas cujo preço seria nos obrigar a morar numa região do estado em que havia muitos membros da ATA. Agora meu pai não tinha mais energia para desafiar uma desestuturação potencialmente tão nociva quanto a anterior, pois tinha concluído que era inútil lutar e que ele não era mais senhor de nosso destino. O mais chocante era que meu pai fora reduzido à impotência por estar sua empresa obedecendo ao Estado. Não havia mais ninguém que pudesse nos proteger, só eu.

No dia seguinte, depois das aulas, saí escondido de novo para o ponto de ônibus, dessa vez para pegar a linha 7, cuja rota passava a cerca de um quilômetro da Summit Avenue, do outro lado de um trecho de fazenda que pertencia ao orfanato, onde a fachada da igreja de São Pedro dava para a Lyons Avenue e onde, à sombra daquela torre coroada por uma cruz, era ainda menos provável que eu fosse encontrado por algum vizinho, colega ou um amigo da família do que no dia em que fui até depois do colégio secundário e cheguei à Clinton Place para pegar o 14.

Fiquei esperando no ponto de ônibus em frente à igreja ao lado de duas freiras, ocultas por trás do pano grosseiro e pesado de dois idênticos hábitos negros volumosos, que pela primeira vez eu tinha a oportunidade de examinar com atenção. Naquele tempo, o hábito de uma freira chegava aos sapatos, e esse detalhe, juntamente com o arco de pano engomado alvíssimo que

emoldurava e destacava os traços fisionômicos da mulher e impedia por completo sua visão lateral — a touca rígida que ocultava couro cabeludo, orelhas, queixo e pescoço, e que por sua vez era envolvida num pano branco largo —, tomava as freiras católicas vestidas à maneira tradicional as criaturas de aparência mais arcaica que eu jamais vira, criaturas que, em nosso bairro, eram mais surpreendentes até do que os padres, com seu aspecto sinistro de agentes funerários. Não havia nenhum botão nem bolso à vista, de modo que era impossível imaginar de que forma aquelas colgaduras espessas se prendiam ao corpo, como eram tiradas, se é que algum dia eram tiradas, já que por cima de tudo havia uma enorme cruz metálica pendurada num colar comprido, uma fileira de contas grandes como bolas de gude que pendia de um cinto de couro preto e, preso ao pano que envolvia a touca, um véu negro que se alargava à medida que descia, chegando até à cintura. Fora a pequena região nua do rosto feio e despido de ornamentos emoldurado pela touca, não havia nada de macio, fofo ou felpudo em lugar algum.

Eu imaginava que as duas freiras fossem daquelas que supervisionavam a vida dos órfãos e que lecionavam na escola paroquial. Nenhuma delas estava olhando para mim, e sozinho, sem um companheiro gozador como Earl Axman, eu só ousava olhar para elas de relance, somateiramente; mesmo, porém, estando meus olhos fixos em meus pés, a capacidade de autocensura de uma criança inteligente me faltou, e mais uma vez dei por mim especulando sobre todos os mistérios, sobre todas as questões que diziam respeito àqueles corpos femininos e suas funções inferiores, sempre sob o aspecto mais depravado. Apesar da seriedade da minha missão secreta e de tudo que dela dependia, eu não conseguia me aproximar de uma freira, quanto mais de duas, sem que minha mente fosse invadida por pensamentos judaicos nada puros.

As freiras sentaram-se imediatamente atrás do motorista e, embora a maioria dos lugares mais para o fundo do ônibus estivessem vazios, instalei-me no banco ao lado do delas, do outro lado do corredor estreito, logo atrás da borboleta e da caixa de dinheiro das passagens. Eu não me sentara ali de propósito, nem sabia por que o fizera, mas em vez de me mudar para um banco em que ficaria menos exposto à curiosidade alheia, abri meu caderno e fingi fazer meu dever de casa, ao mesmo tempo querendo e temendo ouvir das freiras alguma coisa bem católica. Infelizmente, elas continuaram mudas, rezando, julgava eu, e nem por estarem rezando no ônibus isso era menos fascinante.

Mais ou menos cinco minutos depois que passamos do centro, ouvi um estalar melódico de contas de rosário quando as duas se levantaram para saltar no amplo cruzamento da High Street com a Clinton Avenue. Num lado da interseção havia uma revendedora de automóveis e, no outro, o Hotel Riviera. Quando as freiras passaram, a mais alta delas me dirigiu um sorriso e, com uma vaga tristeza na voz suave — talvez porque o Messias tinha vindo e ido embora sem que eu tomasse conhecimento —, observou para a companheira: “Que menininho limpo e bonitinho”.

Imagine se ela soubesse em que eu estava pensando. Por outro lado, é possível que soubesse, mesmo.

Minutos depois, antes de o ônibus fazer a última grande curva, saindo da Broad Street e entrando no Raymond Boulevard, onde ficava o último ponto antes da Pennsylvania Station, também eu saltei e fui correndo em direção ao prédio do governo federal na Washington Street, onde trabalhava a tia Evelyn. No saguão, um dos ascensoristas me disse que a AAA ficava no último

andar, e quando cheguei lá perguntei por Evelyn Finkel. “Você é o irmão do Sandy”, disse a recepcionista. “Você parece irmão gêmeo dele”, acrescentou, como um elogio. “O Sandy é cinco anos mais velho que eu”, expliquei. “O Sandy é um menino maravilhoso, maravilhoso”, disse ela, “todo mundo aqui adorava ele.” Então interfonei para a sala da tia Evelyn. “Seu sobrinho Philip está aqui, senhorita F.”, anunciou ela, e segundos depois tia Evelyn chegou e me levou, passando pelas mesas de meia dúzia de homens e mulheres que escreviam à máquina, até a sala dela, que dava vista para a biblioteca pública e o museu de Newark. Ela me beijou e me abraçou e disse que estava morrendo de saudades de mim, e apesar de todas as minhas apreensões — a começar, é claro, pelo medo de que meus pais descobrissem aquele meu encontro com uma parenta que havia brigado com eles — fiz exatamente o que havia planejado: contei a tia Evelyn que tinha ido escondido ao Cine Jomal da Tela para vê-la na Casa Branca. Sentei-me na cadeira ao lado de sua mesa — uma mesa que era o dobro do tamanho da de meu pai em seu escritório ali perto, na Clinton Street — e pedi-lhe que me contasse como tinha sido jantar com o presidente e a primeira-dama. Quando ela começou a responder do modo mais detalhado — e demonstrando uma vontade de me impressionar que não fazia sentido nem mesmo para uma criança como eu, que já estava estarecida com a traição que ela cometera —, eu mal podia acreditar que conseguia com tanta facilidade fazê-la achar que era esse o motivo que me levava a procurá-la.

Havia dois mapas grandes com alfinetes coloridos espetados, afixados a um imenso quadro de avisos na parede atrás da mesa de minha tia. O mapa maior era dos Estados Unidos, e o menor de Nova Jersey, cuja longa divisa com a Pensilvânia, demarcada por um rio, parecia, segundo nos tinham ensinado na escola, o perfil de um cacique — a frente junto a Phillipsburg, as narinas em Stockton e o queixo estreitando-se em direção ao pescoço na vizinhança de Trenton. O lado leste do estado, densamente povoado, onde ficavam Jersey City, Newark, Passaic e Paterson, que se estendia à fronteira reta com os condados mais ao sul do estado de Nova York, formava a parte de trás do cocar do cacique. Era assim que eu via o mapa naquela época, e assim continuo a vê-lo até hoje; juntamente com os cinco sentidos, as crianças criadas no mesmo meio que eu tinham também um sexto sentido, geográfico, que tinha a ver com o lugar em que vivíamos e com o que nos cercava.

Sobre a ampla mesa de tia Evelyn, ao lado de retratos emoldurados de minha falecida avó e do rabino Bengesdorf, havia uma foto grande, autografada, de Lindbergh e sua mulher, juntos no Salão Oval, e outra menor de tia Evelyn, com um vestido longo, apertando a mão do presidente. “Essa era a fila da recepção”, explicou ela. “Para entrar na sala de jantar, os convidados fazem fila e passam pelo presidente, a primeira-dama e o convidado de honra da noite. A gente é apresentada pelo nome e eles tiram uma foto que depois a Casa Branca manda pra gente.”

“O presidente disse alguma coisa?”

“Ele disse: ‘É um prazer vê-la aqui.’”

“Agente pode responder?”, perguntei.

“Eu disse: ‘É uma honra, senhor presidente.’” Minha tia não fez qualquer tentativa de disfarçar a importância que aquele diálogo tivera para ela e talvez para o presidente da República. Como sempre acontecia com tia Evelyn, havia algo de muito sedutor naquele entusiasmo, embora no contexto da confusão instalada em minha casa ficasse claro para mim o que nele havia

de diabólico também. Nunca, em toda a minha vida, eu julgara com tanta severidade um adulto — meus pais, Alvin, nem mesmo tio Monty; também nunca tinha me dado conta do efeito fatal que a vaidade escancarada de uma pessoa insensata podia exercer sobre o destino dos outros.

“A senhora foi apresentada ao senhor von Ribbentrop?”

Com uma timidez quase juvenil, ela respondeu: “Eu dancei com o senhor von Ribbentrop”.  
“Onde?”

“Agente dançou depois do jantar numa tenda grande amada no gramado da Casa Branca. Foi uma noite lindíssima. Tinha uma orquestra e as pessoas dançavam, e eu e o Lionel fomos apresentados ao ministro von Ribbentrop e à esposa dele, e começamos a conversar, e então ele fez uma mesura e me convidou pra dançar. Ele tem fama de dançar muito bem, e é verdade mesmo — é um dançarino espetacular. E o inglês dele é perfeito. Ele estudou na Universidade de Londres e depois morou quatro anos no Canadá, quando era rapaz. Foi a grande aventura da juventude dele, segundo me disse. A meu ver, é um cavalheiro encantador, inteligentíssimo.”

“O que foi que ele disse?”, perguntei.

“Ah, nós falamos sobre o presidente, sobre a AAA, sobre nossa vida — sobre tudo. Ele toca violino, sabe? Ele é como o Lionel, um homem do mundo capaz de conversar com conhecimento de causa sobre qualquer assunto. Olha aqui, meu amor — olha a roupa que eu usei. Está vendo a bolsa na minha mão? É malha de ouro. Está vendo isso aqui? Os escaravinhos? São escaravinhos de ouro, esmalte e turquesa.”

“O que é ‘escaravinho’?”

“É um besouro. Uma jóia que imita um besouro. E ela foi feita aqui mesmo em Newark, pela família da primeira esposa do Lionel. A joalheria deles era famosa no mundo inteiro. Eles faziam jóias para os reis e rainhas da Europa e as pessoas mais ricas dos Estados Unidos. Olha só a minha aliança de noivado”, disse ela, colocando a mãozinha perfumada tão perto de meu rosto que de repente me senti como se fosse um cachorro e tive vontade de lambê-la. “Está vendo a pedra? Isso é uma esmeralda, meu amorzinho.”

“De verdade?”

Ela me beijou. “De verdade! E na foto, aqui — uma pulseira de ouro. Ouro incrustado de safiras e pérolas. De verdade!”, disse ela, me beijando outra vez. “O ministro disse que nunca tinha visto uma pulseira mais bonita que essa em lugar nenhum. E o que você acha que é isso que está no meu pescoço?”

“Um colar?”

“Um colar em forma de festão.”

“O que é ‘festão’?”

“Uma coroa de flores, uma grinalda. ‘Festão’ é como ‘festa’, ‘festival’, você sabe, não é? Todas as palavras são da mesma família. E olha só os dois broches, está vendo? São safiras, meu amor — safiras de Montana incrustadas em ouro. E está vendo quem está usando elas? Quem é? Quem é essa? É a tia Evelyn! É a Evelyn Finkel da Dewey Street! Na Casa Branca! Não é incrível?”

“Acho que é”, disse eu.

“Ah, meu amor”, ela exclamou, me abraçando e me cobrindo o rosto de beijos, “eu também acho que é. Que bom que você veio me ver. Estava com tanta saudade sua!” Então passou as mãos



em mim, como se quisesse ver se meus bolsos estavam cheios de objetos roubados. Só anos depois compreendi que sua habilidade com aquelas mãos talvez tenha sido responsável pela rapidez com que sua vida mudou da noite para o dia graças a uma personalidade da estatura de Lionel Bengelsdorf. Por mais brilhante e erudito que fosse o rabino, superior a todos até mesmo em matéria de egoísmo, minha tia sem dúvida nunca se sentiu constrangida diante dele.

A sensação paradisíaca de estar totalmente rodeado que me dominou então era algo que eu, naturalmente, fui incapaz de identificar na época. Onde quer que eu pusesse minhas mãos, lá estava a superfície macia do corpo de minha tia. Para onde virasse o rosto, lá estava o aroma forte dela. Onde quer que olhasse, eu via sua roupa, seus trajes novos de primavera, tão leves e translúcidos que não chegavam a ocultar o brilho de sua anáguia. E lá estavam os olhos de outro ser humano, vistos de um modo que eu jamais vira antes. Eu ainda não chegara à idade do desejo, e a palavra “tia”, é claro, me cegava; para mim, o endurecimento que oconia de vez em quando em meu pênispequeno como uma bolota era apenas um incômodo inexplicável; assim, o prazer que senti ao me encaixar nas fomas curvilíneas da irmã de minha mãe, uma mulherzinha de trinta e um anos, pequenina e cheia de vida que não parecia inibida por nenhuma espécie de timidez, cujo corpo parecia ter sido feito tomando moros e maçãs como modelos, era uma excitação sem vida, mais nada, como se um selo raro e defeituoso, de valor altíssimo, tivesse aparecido por acaso numa carta normal deixada pelo carteiro em nossa caixa de correio na Summit Avenue.

“Tia Evelyn?”

“Meu amor.”

“A senhora sabe que a gente vai se mudar pra Kentucky?”

“Sei.”

“Eu não quero ir, titia. Eu quero ficar na minha escola.”

Ela se afastou de mim de repente, e com um ar subitamente nada sedutor quis saber: “Quem mandou você aqui, Philip?”

“Quem me mandou? Ninguém.”

“Quem mandou você me procurar? Diga a verdade.”

“É a verdade. Ninguém.”

Tia Evelyn voltou para a cadeira atrás da mesa, e a expressão que surgiu em seus olhos obrigou-me a me conter com todas as forças para não me levantar e sair correndo dali. Mas eu queria o que queria com tanta vontade que fiquei onde estava.

“Você não devia ter medo de Kentucky”, ela disse.

“Eu não estou com medo. Eu não quero é me mudar.”

Até mesmo o silêncio dela era envolvente, e se de fato eu estivesse mentindo teria sido impossível deixar de confessar a verdade. A vida daquela pobre mulher era um estado perpétuo de intensidade.

“Será que não dá pra mandar pra lá o Seldon e a mãe dele em vez de nós?”

“Quem é Seldon?”

“O garoto do andar de baixo, que o pai morreu. A mãe dele agora está trabalhando na Metropolitan. Porque é que a gente tem que ir e eles não?”

“Não foi o seu pai que mandou você vir aqui, meu bem?”

“Não. Não. Ninguém nem sabe que eu estou aqui.”

Mas percebi que ela ainda não acreditava em mim — a aversão que meu pai lhe inspirava era preciosa demais para ser negada pela verdade óbvia.

“O Seldon quer ir com você pra Kentucky?”, ela perguntou.

“Eu não perguntei a ele, não. Não sei. Eu só queria perguntar à senhora se não dava para eles irem em vez da gente.”

“Meu queridinho, você está vendo ali o mapa de Nova Jersey? Está vendo aqueles alfinetes espetados no mapa? Cada um representa uma família escolhida para ser recolocada. Agora olhe pro mapa do país inteiro. Está vendo aqueles alfinetes? Eles representam o lugar pra onde cada família de Nova Jersey vai se mudar. Para combinar isso tudo, foi preciso o trabalho de muitas, muitas pessoas neste escritório, na sede lá em Washington e no estado pra onde cada família está indo. As maiores e mais importantes companhias de Nova Jersey estão realocando os empregados em parceria com o Colonização 42, e isso envolveu muito, muito mais planejamento do que você imagina. E é claro que nenhuma decisão é tomada por uma só pessoa. Mas mesmo que fosse, e mesmo que eu fosse essa pessoa, e mesmo que eu pudesse manter você perto dos seus amigos e da sua escola, eu ia continuar achando que para você ia ser muitíssimo bom deixar de ser apenas mais um menino judeu que os pais não deixam sair do gueto porque têm medo. Veja só o que sua família fez com o Sandy. Você viu seu irmão aquela noite em New Brunswick. Viu ele falando pra toda aquela gente sobre a aventura dele na fazenda de fumo. Você se lembra daquela noite?”, ela perguntou. “Não ficou orgulhoso dele?”

“Fiquei.”

“E ouvindo ele falar você achou que morar em Kentucky era uma coisa assustadora — que o Sandy teve medo em algum momento?”

“Não.”

Nesse ponto, tendo procurado alguma coisa dentro da gaveta, tia Evelyn levantou-se e veio até o lugar onde eu estava sentado. Seu rosto bonito, de traços muito marcados e excessivamente maquiado, de repente me pareceu ridículo — o rosto camal da voracidade maníaca a que, seguindo minha mãe, sua irmã mais nova, tão emotiva, havia sucumbido. Sem dúvida, para uma criança da corte de Luís XIV as ambições e satisfações de uma parenta como ela jamais assumiriam o significado assustador que os sentimentos de minha tia representavam para mim, assim como o sucesso mundano de um religioso como o rabino Bengelsdorf não pareceria nem um pouco escandaloso a meus pais se eles tivessem sido criados numa corte como marquês e marquesa. Provavelmente, não teria sido pior — e talvez fosse até melhor — eu tentar pedir ajuda às duas freiras do ônibus, e não a alguém que se entregara por completo aos prazeres das compições mesquinhas que proliferam onde quer que haja pessoas disputando até a menor migalha de privilégio.

“Seja corajoso, meu amor. Seja um menino corajoso. Você quer ficar sentado na varanda do seu prédio na Summit Avenue o resto da vida ou quer conhecer o mundo como fez o Sandy, e provar que você não é pior do que ninguém? Imagina se eu tivesse tido medo de ir à Casa Branca e conhecer o presidente só porque pessoas como seu pai estão cismadas com ele e dizendo horrores dele. Imagina se eu tivesse tido medo de ser apresentada ao ministro von Ribbentrop só porque as

peoas dizem honores dele. Você não pode viver com medo de tudo que não conhece. Você não pode crescer medroso como seus pais. Prometa que não vai ficar assim.”

“Prometo.”

“Toma”, disse ela, “tenho um presente pra você.” E me entregou uma das duas caixinhas de papelão que tinha na mão. “Peguei pra você na Casa Branca. Adoro você, meu amor, e quero te dar.”

“O que é?”

“Um chocolate que foi servido depois do jantar. É chocolate embrulhado em papel dourado. E você sabe o que é que aparece em alto-relevo no chocolate? As masas da Presidência da República. Este aqui é pra você, e se eu te der o do Sandy você entrega a ele?”

“Entrego.”

“Eles põem isso na mesa da gente na Casa Branca depois do jantar. Chocolates servidos numa salva de prata. E assim que eu olhei pra eles eu pensei nos dois meninos que eu mais quero ver felizes neste mundo.”

Levantei-me, com os chocolates na mão; tia Evelyn me abraçou com força e foi caminhando comigo, passando por todas aquelas pessoas que trabalhavam para ela, até chegar ao corredor, onde apertou o botão do elevador.

“Qual é o sobrenome do Seldon?”, ela me perguntou.

“Wishnow.”

“E ele é o seu melhor amigo.”

Como eu poderia lhe dizer que não o suportava? Assim, terminei mentindo e disse: “É, sim”, e como de fato minha tia me amava e não mentia ao dizer que queria me ver feliz, alguns dias depois, quando eu finalmente já havia conseguido me livrar dos chocolates da Casa Branca jogando-os do outro lado da cerca do orfanato numa hora em que não havia ninguém por perto, a sra. Wishnow recebeu uma carta da Metropolitan informando-a de que ela e sua família também tinham sido contempladas com a transferência para Kentucky.

Numa tarde de domingo no final de maio, realizou-se na sala de visitas de nossa casa uma reunião confidencial de agentes de seguros judeus que, tal como meu pai, seriam transferidos da filial de Newark da Metropolitan sob os auspícios do programa Colonização 42. Todos vieram acompanhados apenas das esposas, pois haviam concluído que era melhor deixar os filhos em casa. Horas antes, eu e Sandy, ajudados por Seldon Wishnow, tínhamos disposto as cadeiras para a reunião, inclusive um jogo de cadeiras desdobráveis que trouxemos do apartamento dos Wishnow. Depois a sra. Wishnow levou-nos os três para o Cine Mayfair em Hillside, onde assistínamos a uma sessão dupla; meu pai iria nos buscar quando a reunião terminasse.

Os outros convidados eram Shepsie e Estelle Tirschwell, que em poucos dias se mudariam com a família para Winnipeg, e Monroe Silverman, um primo distante que recentemente abrira uma firma de advocacia em Irvington, no sobrado da camarinha do segundo irmão mais velho de meu pai, Lenny, o qual obtinha as roupas novas que eu e Sandy usávamos para ir à escola “a preço de custo”. Quando minha mãe — movida pelo respeito que sempre sentia por tudo aquilo que

aprendera a respeitar — sugeriu que o rabino do bairro, Hyman Resnick, fosse convidado para a reunião, nenhum dos outros organizadores presentes em nossa cozinha uma semana antes demonstrou muito entusiasmo pela idéia, e após alguns minutos de discussão protocolar (durante a qual meu pai repetiu as mesmas afirmações diplomáticas que sempre fazia sobre o rabino Resnick — “Eu gosto dele, gosto da mulher dele, sem dúvida ele faz um excelente trabalho, mas, sabe, ele não é uma pessoa muito brilhante, não”) a proposta de minha mãe foi derrotada. Muito embora, para a alegria de uma criança pequena, aqueles amigos íntimos de meus pais exibissem uma gama de vozes tão variada e divertida quanto as dos atores do *Fred Allen Show*, e cada um deles fosse uma figura tão marcadamente diferenciada quanto os personagens das histórias em quadrinhos do jornal vespertino — isso no tempo em que o humor sutil da evolução ainda era bem visível, em que o rejuvenescimento do rosto e do corpo ainda não se tomara uma aspiração séria dos adultos —, no fundo eram pessoas muito semelhantes: criavam os filhos, controlavam os gastos, cuidavam dos pais velhos e de suas casas modestas, tinham opiniões semelhantes com relação à maioria das questões políticas e votavam nos mesmos candidatos nas eleições. O rabino Resnick pontificava numa discreta sinagoga de tijolos amarelos situada na fronteira do bairro, aonde todos iam todos os anos, com seus melhores trajes de sábado, nos três dias de comemorações do Rosh Hashaná e do Yom Kippur, porém onde raramente davam as caras no resto do ano, a não ser nos dias prescritos para as orações diárias pelos mortos, quando necessário. O rabino servia para officiar nos casamentos, enterros e *bar mitzva*s, visitar os doentes no hospital e consolar as famílias entuladas; fora isso, não desempenhava um papel importante no dia-a-dia da vida das pessoas, e nenhuma delas — nem sequer minha mãe, tão respeitosa — esperava tal coisa dele, e não apenas por não ser Resnick muito brilhante. O judaísmo dessa gente não dependia do rabinato nem da sinagoga nem de suas poucas práticas religiosas formais, embora ao longo dos anos, principalmente por causa dos pais velhos que vinham uma vez por semana jantar com os filhos, várias dessas famílias, inclusive a nossa, tivessem adotado hábitos alimentares *kosher*. Sem dúvida, todas as sextas-feiras, na hora do pôr do sol, quando minha mãe acendia ritualmente (um gesto tocante, com a delicadeza devota que ela adquirira na infância, observando a própria mãe) as velas do sábado, ela invocava o Todo-poderoso utilizando seu título hebraico, mas fora essas ocasiões ninguém jamais mencionava “Adonai”. Esses judeus não precisavam de grandes referências, profissões de fé nem credos doutrinários para serem judeus, e certamente não precisavam de outro idioma — já tinham sua língua, cuja expressividade sabiam manipular sem nenhum esforço, fosse à mesa de jogo ou durante uma negociação comercial, com o mesmo virtuosismo espontâneo da população nativa. Sua condição de judeus não era nenhuma desgraça, tampouco um feito de que se sentissem “orgulhosos”. Eles eram o que não podiam deixar de ser — o que jamais tiveram vontade de deixar de ser. Eram judeus por ser quem eram, tal como eram americanos. Tudo era como devia ser, conforme a natureza das coisas, tão fundamental quanto ter artérias e veias, e eles jamais manifestavam o menor desejo de mudar ou negar sua condição, quaisquer que fossem as conseqüências.

Eu conhecia aquelas pessoas desde que nascera. As mulheres eram amigas íntimas e leais que trocavam confidências e receitas e se solidarizaram ao telefone; uma cuidava dos filhos da outra, e elas comemoravam seus aniversários viajando vinte quilômetros até Manhattan para assistir a um

musical na Broadway. Os homens não apenas trabalhavam havia anos na mesma filial da companhia como também se reuniam para jogar besigue nas duas noites de todo mês em que as mulheres jogavam majongue, e de vez em quando, nas manhãs de domingo, um grupo deles ia às velhas saunas da Mercer Street levando o reboque os filhos pequenos — por acaso, os garotos dessas famílias eram todos meninos na faixa de idade entre a minha e a de Sandy. No Dia do Soldado, no Dia da Independência e no Dia do Trabalho, as famílias costumavam fazer um piquenique na reserva de South Mountain, um parque bucólico a cerca de quinze quilômetros a oeste do nosso bairro; lá pais e filhos jogavam ferraduras, organizavam partidas de beisebol, acompanhavam torneios esportivos num rádio portátil cheio de estática, a tecnologia mais avançada que nosso mundo conhecia. Os meninos não eram necessariamente muito amigos, mas nos sentíamos ligados através dos laços que uniam nossos pais. De todos, Seldon era o menos robusto, o menos autoconfiante e — o que era mais doloroso para ele — o mais azarado; e no entanto, por culpa minha, eu ficaria ligado a Seldon pelo resto da minha infância, e provavelmente por mais tempo ainda. Seu hábito de grudar-se a mim se intensificara desde que ele e sua mãe ficaram sabendo que seriam transferidos, e a única coisa que eu pensava era que, como nós dois seríamos os únicos alunos judeus em toda a rede de escolas primárias de Danville, todos — tanto os gentios de Danville quanto nossos pais — haveriam de presumir que eu era seu aliado natural e seu amigo mais próximo. A onipresença de Seldon talvez não viesse a ser a pior coisa que me aguardava em Kentucky, mas na imaginação de um menino de nove anos aquilo parecia uma provação insuportável, e acelerava meus impulsos de rebeldia.

Mas rebelar-me como? Eu ainda não sabia. Por enquanto só sentia aquela agitação que precede os motins, e a única medida que havia tomado fora pegar uma pequena mala de papelão manchada de água, esquecida em meio às nossas malas utilizáveis no depósito do porão, e, após limpar o mofo que a cobria por fora e por dentro, guardar dentro dela, peça por peça, algumas roupas que eu retirara do quarto de Seldon cada vez que minha mãe me obrigava a suportar uma hora de aula de xadrez no apartamento do primeiro andar. Eu não levava minhas próprias roupas para lá porque sabia que minha mãe fatalmente iria sentir falta delas e em breve eu teria de inventar uma explicação. Ela continuava lavando roupa nos fins de semana, e guardava ela mesma as peças já lavadas — bem como as lavadas a seco que eu ia pegar no alfaiate aos sábados — de modo que em sua cabeça havia um mapa detalhado de todas as roupas dos membros da família, no qual estava registrada a localização até do último par de meias. Por outro lado, roubar roupas de Seldon era sopa, e — por ter ele se agamado a mim como uma espécie de sombra — também uma vingança irresistível. Foi fácil retirar cuecas e meias do apartamento dos Wishnow e depois levá-las até o porão: bastou enfiá-las debaixo da minha camisa-de-meia. Roubar e esconder uma calça, uma camisa e um par de sapatos era mais difícil, mas Seldon era tão desatento que foi possível realizar o roubo, que por algum tempo não foi percebido.

Tendo por fim reunido todas as roupas de Seldon de que eu precisava, se alguém me perguntasse qual seria meu próximo passo eu não saberia o que responder. Nós dois éramos do mesmo tamanho, e na tarde em que ousei descer até o depósito, tirar minhas roupas e vestir as dele, bastou-me cochichar as palavras “Oi — meu nome é Seldon Wishnow” para que eu me sentisse muito esquisito, não apenas porque achava Seldon esquisito e agora me transformara nele, mas

também por estar claro que, depois de todas as minhas andanças furtivas e transgressoras pela cidade — que culminavam com aquele baile a fantasia no porão escuro —, eu estava muito mais esquisito do que o próprio Seldon. Esquisito, e ainda por cima com uma espécie de enxoval.

Os dezenove dólares e cinqüenta centavos que me restavam dos vinte de Alvin também foram guardados dentro da mala, debaixo das roupas. Em seguida, mais que depressa vesti minhas próprias roupas outra vez, escondi a mala de papelão embaixo das outras e, antes que o fantasma indignado do pai de Seldon tivesse tempo de me estrangular com uma corda de enforcado, saí correndo para o beco e a rua. Nos dias que se seguiram, consegui me esquecer do que havia escondido e do objetivo não especificado que me levava a fazer aquilo. Podia até encarar essa minha última pequena travessura como algo não muito sério, tão inofensivo quanto seguir cristãos com Earl, até que uma noite minha mãe teve que correr para o apartamento do térreo para consolar a sra. Wishnow, preparar-lhe uma xícara de chá e fazê-la deitar-se; a estressada mãe de Seldon estava amasada porque seu filho, inexplicavelmente, andava “perdendo as roupas”.

Nesse momento, Seldon estava em nosso apartamento; sua mãe o mandara subir para fazer o dever de casa comigo. Ele também estava amasado. “Eu não perdi nada”, dizia entre soluços. “Como que eu ia perder meus sapatos? Como que eu ia perder minha calça?”

“Sua mãe vai se acalmar”, disse eu.

“Não, ela só faz piorar. Nós vamos acabar no asilo por sua culpa”, ela me disse. Pra minha mãe, tudo é ‘a gota d’água’.

“Vai ver que você largou na aula de educação física”, amisquei.

“Mas como? Como é que eu ia sair da aula de educação física sem roupa?”

“Seldon, em algum lugar você deixou. Tenta lembrar.”

No dia seguinte, antes de eu sair para a escola e minha mãe ir para o trabalho, ela sugeriu que eu desse de presente para Seldon algumas roupas minhas para substituir as que haviam sumido. “Tem aquela camisa que você nunca usa — aquela do tio Lenny que você diz que é verde demais. E a calça de veludo cotelê do Sandy, aquela marrom, que nunca ficou boa em você — garanto que ela vai ficar certinha no Seldon. A senhora Wishnow está transtomada, e seria um gesto muito simpático da sua parte”, disse ela.

“E a cueca? A senhora quer que eu dê minha cueca pra ele também? Quer que eu tire agora, mãe?”

“Não precisa”, ela respondeu, somindo para atenuar minha imitação. “Mas a camisa verde, a calça marrom e talvez um daqueles cintos velhos, você não usa. Você é que sabe, mas seria muito importante pra senhora Wishnow, e pro Seldon, então, nem se fala. O Seldon idolatra você. Você sabe disso.”

Na mesma hora pensei: “Ela sabe. Ela sabe o que eu fiz. Ela sabe tudo”.

“Mas não quero ver ele por aí com as minhas roupas”, argumentei. “Não quero que ele fique dizendo pra todo mundo lá em Kentucky: ‘Olha só, estou usando as roupas do Roth!’”

“Você só devia se preocupar com Kentucky quando a gente for pra lá, se é que a gente vai.”

“Ele vai pra escola com a minha roupa *aqui*, mãe.”

“Mas o que é que você tem?”, ela replicou. “O que está acontecendo com você? Você está virando um...”

“A senhora também!” E saí correndo com meus livros para a escola; quando voltei para almoçar tirei do armário de meu quarto a camisa verde que eu odiava e a calça marrom de veludo cotelê que nunca ficara boa em mim e fui entregá-las a Seldon, que estava na cozinha comendo o sanduíche que sua mãe havia deixado para ele e jogando xadrez sozinho.

“Toma”, disse eu, jogando asroupas na mesa. “Estou dando isso pra você.” Então acrescentei, numa tentativa fútil de alterar o curso de nossas vidas: “Agora, vê se pára de andar atrás de mim!”.

Quando eu, Sandy e Seldon voltamos do cinema, encontramos para jantar alguns sanduíches comprados na delicatessen que haviam sobrado. Os adultos, que tinham comido na sala de visitas quando terminou a reunião, já haviam voltado para suas casas, menos a sra. Wishnow, que estava sentada à mesa da cozinha, os punhos cerrados, ainda agüemida, ainda enfrentando a cada dia todas as adversidades que ameaçavam esmagar a ela e a seu filho órfão de pai. Escutou junto conosco os programas cômicos noturnos de domingo à noite, e enquanto comíamos ficou observando Seldon, tal como uma fêmea observa o filhote quando sente o cheiro de algo ameaçador se aproximando. A sra. Wishnow lavou e enxugou os pratos, guardando-os depois no armário; minha mãe, na sala de visitas, passou a vassoura aspiradora no tapete, e meu pai, após recolher o lixo e levá-lo para fora, pegou as cadeiras desdobráveis dos Wishnow e foi guardá-las no apartamento de baixo, no fundo do armário em que o sr. Wishnow se suicidara. O apartamento fedia a fumaça de cigarro, embora todas as janelas estivessem escancaradas, as cinzas e guimbas tivessem sido jogadas na privada e todos os cinzeiros de vidro já estivessem lavados, secos e guardados na seção de bebidas do aparador (de onde nenhuma garrafa fora retirada naquela tarde, pois — em conformidade com a abstenia praticada espontaneamente na maioria dos lares daquela geração de diligentes filhos de imigrantes — nenhum convidado pedira um trago).

Por ora, nossas vidas estavam intactas, nossas casas permaneciam no lugar e o conforto dos rituais costumeiros quase tinha o poder de preservar aquela ilusão, característica das crianças que vivem em tempos de paz, de que o presente tranqüilo é eterno. Ouvíamos no rádio nossos programas prediletos, jantávamos sanduíches de carne enlatada e comíamos pão doce como sobremesa, tínhamos pela frente a retomada das rotinas escolares e uma sessão dupla de cinema para digerir. Mas como não fazíamos idéia do que nossos pais haviam decidido sobre nosso futuro — não sabíamos ainda se Shepsie Tirschwell os havia convencido a emigrar para o Canadá, se nosso primo Monroe tinha conseguido arranjar uma manobra legal e não muito cara que possibilitasse contestar o plano de transferência dos empregados sem que todos fossem despedidos, ou se, depois de pesar da maneira mais desapaixonada possível as vantagens e desvantagens daquela mudança imposta pelo governo, tinham concluído que não havia alternativa senão aceitar o fato de que as garantias de cidadania já não se aplicavam a eles por completo —, a entrega ao totalmente familiar não foi a orgia que costumava ser todas as noites de domingo.

Seldon havia sujado o rosto de mostarda ao atacar com voracidade o sanduíche, e fiquei surpreso quando vi sua mãe limpá-lo com um guardanapo de papel. Surpreendia-me ainda mais constatar que ele permitia que a mãe fizesse aquilo. Pensei: “É porque ele não tem pai”; e embora eu atribuisse tudo o que dizia respeito a Seldon a esse único fato, dessa vez eu provavelmente tinha

razão. Pensei: “É assim que vai ser em Kentucky”. A família Roth contra o mundo, e Seldon e sua mãe jantando conosco para todo o sempre.

Nossa voz de protesto veemente, Walter Winchell, ia ao ar às nove. Havia algumas semanas todos aguardavam que Winchell atacasse o programa Colonização 42, e como isso não acontecera meu pai tentou dar vazão a seu nervosismo escrevendo uma carta para o único homem que, depois de Roosevelt, ele considerava a última esperança da nação. “Isso é um experimento, sr. Winchell. Foi assim que Hitler fez. Os criminosos nazistas começam com uma coisa pequena, e se ninguém reclamar”, escreveu ele, “se ninguém como o senhor lançar um grito de alerta.”, mas não chegou a compilar a lista de horrores que poderiam vir a acontecer, porque minha mãe estava certa de que aquela carta terminaria no FBI. Você vai mandar para o Walter Winchell, argumentava ela, mas nunca vai chegar às mãos do Walter Winchell — lá no correio ela vai ser desviada para o FBI e colocada numa pasta com a etiqueta “Roth, Herman”, e guardada ao lado de uma outra pasta já existente, rotulada “Roth, Alvin”.

Meu pai protestou. “Nunca. Não no correio dos Estados Unidos”, mas a resposta sensata de minha mãe roubou o que lhe restava de certeza: “Você está aí escrevendo uma carta pro Winchell, prevendo justamente que essas pessoas são capazes de fazer qualquer coisa quando descobrem que ninguém reclama. E agora você está tentando me dizer que elas não podem fazer o que bem entenderem com o serviço de correios? Deixa outra pessoa escrever pro Walter Winchell, que os nossos filhos já foram interrogados pelo FBI. O FBI já está de olho na gente por causa do que o Alvin fez.” “Mas é justamente *por isso*”, retrucou meu pai, “que estou escrevendo pra ele. O que é que eu devo fazer? Que outra coisa posso fazer? Se você souber, me diz. Então vou ficar sentado aqui esperando que o pior aconteça?”

Minha mãe diviso, na impotência de meu pai, uma oportunidade; movida não pela crueldade e sim pelo desespero, aproveitou aquela oportunidade, e acabou por humilhá-lo ainda mais. “O Shepsie não fica escrevendo cartas e esperando que o pior aconteça”, disse ela. “Não!”, ele exclamou. “O Canadá de novo, não!”, como se Canadá fosse o nome da doença insidiosa que nos debilitava a todos. “Eu não quero ouvir isso. O Canadá”, disse ele com firmeza, “não é uma solução.” “É *a única* solução”, minha mãe implorou. “Eu não vou fugir!”, meu pai gritou, surpreendendo a todos. “Este país é nosso!” “Não”, respondeu ela com tristeza, “não é mais nosso, não. É do Lindbergh. É dos góis. O país é deles”, disse ela, e o tremor em sua voz, o que havia de chocante naquelas palavras e o pesadelo concreto da realidade implacável obrigaram meu pai, na plenitude de sua masculinidade, saudável, com a cabeça no lugar e tão indômito quanto pode ser um homem de quarenta e um anos de idade, a ver a si próprio com uma clareza acachapante: um pai dedicado, um verdadeiro vulcão de energia, tão incapaz de proteger sua família quanto o sr. Wisniewski, morto dentro do amáριο.

Para Sandy — que ainda permanecia calado, enraivecido com a injustiça de lhe terem roubado sua importância precoce — tudo que os dois diziam não passava de tolices, e sozinho comigo não hesitava em se referir a eles nos termos que havia aprendido com tia Evelyn. “Judeus do gueto”, disse Sandy, “medrosos e paranóicos.” Em casa, zombava de praticamente tudo que lhe diziam sobre qualquer assunto, e depois zombava de mim quando eu dava a entender que não levava a sério seu rancor. De qualquer modo, era possível que, a essa altura, ele já começasse a sentir



prazer em zombar de todos, e talvez mesmo em tempos normais nossos pais fossem obrigados a conviver com a atitude debochada de um filho adolescente inquieto, mas em 1942 o que tomava aquilo mais do que apenas imitante era a situação ambígua e perigosa em que ele permaneceria até o fim fazendo pouco deles, afrontando-os diretamente.

“O que é ‘paranóico’?”, perguntei.

“Uma pessoa que tem medo da própria sombra. Que acha que o mundo inteiro está contra ela. Que acha que Kentucky fica na Alemanha e que o presidente dos Estados Unidos é membro da SS. Essas pessoas”, disse ele, imitando a voz de nossa tia capciosa quando ela se distanciava, orgulhosa, da ralé judaica. “A gente se dispõe a pagar os gastos da mudança, abre os portões pros filhos delas... Sabe o que quer dizer ‘paranóico’?”, perguntou Sandy. “Quer dizer ‘maluco’. Os dois estão binutas — doidos vanidos. E sabe por que eles ficaram assim?”

A resposta era “por causa do Lindbergh”, mas eu não ousava dizê-lo.

“Porquê?”, perguntei.

“Porque vivem numa porcaria de um gueto como se fossem um bando de imigrantes. Sabe como o rabino Bengelsdorf chama isso, segundo a tia Evelyn?”

“Isso o quê?”

“A vida que essas pessoas levam. Ele diz que elas estão ‘mantendo acesa a chama do penar judaico.’”

“E o que isso quer dizer? Não entendi. Traduz pra mim, por favor. O que é ‘penar’?”

“Penar? É o que vocês judeus chamam de *tsuris*.”

Os Wishnow tinham voltado para casa e Sandy se instalara na cozinha para terminar o dever de casa quando meus pais, na sala, ligaram o rádio para ouvir o programa de Walter Winchell. Eu estava deitado, com as luzes apagadas não queria mais ouvir nenhuma história apavorante sobre Lindbergh, von Ribbentrop ou Danville, Kentucky, e não queria pensar sobre meu futuro com Seldon. Tudo que eu queria era dormir, esquecer tudo aquilo e acordar no dia seguinte num lugar diferente. Mas como fazia calor e as janelas estavam escancaradas, foi inevitável que, às nove em ponto, viesse de todos os lados o inconfundível prefixo do programa de Winchell — a seqüência de pontos e traços que, em código Morse (Sandy havia me ensinado), não queria dizer absolutamente nada. E depois, abafando o som cada vez mais suave do telégrafo, a explosão da voz do próprio Winchell, ribombando de todas as casas do quarteirão. “Boa noite, concidadãos...”, e depois, em *staccato*, a saraivada de palavras por que todos esperavam havia tanto tempo — por fim, o flagelo purgativo de Winchell que mudaria tudo. Em tempos de normalidade, quando meus pais tinham o poder de resolver os problemas e de explicar o desconhecido o bastante para dar à existência um ar de racionalidade, tudo era muito diferente, mas naquele aqui-e-agora enlouquecedor, até mesmo para mim Winchell havia se transformado numa espécie de deus, muito mais importante do que Adonai.

“Boa noite, concidadãos, e todos os navios em alto-mar. Vamos às notícias! Manchetes! Para delícia do rato Joe Goebbels e seu patrão, o açougueiro de Berlim, os fascistas de Lindbergh oficialmente deram início à perseguição dos judeus norte-americanos. O nome falso do programa

de perseguição organizado na terra da liberdade é Colonização 42. O Colonização 42 está sendo apoiado e incitado pelos mais respeitáveis cleptocratas da nação — mas não se preocupem, eles serão recompensados com isenções fiscais generosas dadas pelos capangas republicanos de Lindbergh no próximo Congresso mercenário.

“Se os judeus mobilizados pelo programa Colonização 42 vão terminar em campos de concentração nazistas à Buchenwald, isso ainda não foi decidido pelos principais fascistas da camarilha de Lindbergh, o vice-presidente Wheeler e o ministro do Interior Henry Ford. Eu disse ‘se’? Desculpem, ainda não sei falar alemão muito bem. Eu quis dizer ‘quando’.

“Fato: duzentos e vinte e cinco famílias judias já foram instruídas a se retirar das cidades do Nordeste americano para ser enviadas a lugares a milhares de quilômetros de seus familiares e amigos. Esse primeiro lote foi mantido pequeno por motivos estratégicos, para não chamar a atenção do país. Por quê? Porque isso é o princípio do fim para os quatro e meio milhões de cidadãos americanos de origem judaica. Os judeus serão dispersados para os quatro cantos, para lugares em que há muitos seguidores do programa hitlerista América em Primeiro Lugar. Lá será fácil fazer com que, da noite para o dia, os sabotadores direitistas da democracia — os chamados patriotas e os chamados cristãos — se voltem contra essas famílias judias isoladas.

“E quem serão os próximos, meus concidadãos, agora que a Carta de Direitos não está mais em vigor e quem manda são os promotores do ódio racial? Quem serão os próximos do plano de pogroms financiado pelo governo e promovido pela dupla Wheeler-Ford? Os negros, que já sofrem há tanto tempo? Os italianos, tão trabalhadores? Os últimos dos moicanos? Quem mais, entre nós, não é mais bem-vindo na América ariana de Adolf Lindbergh?

“Furo de reportagem! Este repórter que vos fala foi informado de que o Colonização 42 vinha sendo planejado desde 20 de janeiro de 1941, dia em que a Nova Ordem fascista americana ocupou a Casa Branca, e que já fazia parte do contrato de venda celebrado na Islândia entre o Führer estadunidense e seu cúmplice nazista.

“Furo de reportagem! Este repórter que vos fala ficou sabendo que foi somente ao preço do deslocamento gradual — e futuro aprisionamento em massa — dos judeus americanos, perpetrado pelos arianos de Lindbergh, que Hitler aceitou poupar as ilhas Britânicas de uma invasão avassaladora pelo canal da Mancha. Os dois amados Führers concordaram na Islândia que massacrar arianos louros de olhos azuis só fazia sentido se fosse absolutamente necessário. E tudo indica que isso será mesmo absolutamente necessário, se o partido fascista britânico de Oswald Mosley não conseguir assumir poderes ditatoriais na Grã-Bretanha antes de 1944. Esse é o ano em que a raça superior pretende concluir a escravização nazista de trezentos milhões de russos e hastear a bandeira da suástica no Kremlin de Moscou.

“E por quanto tempo mais o povo americano suportará essa traição perpetrada pelo presidente eleito por ele? Por quanto tempo mais os americanos continuarão domindo enquanto sua amada Constituição é esfaqueada pela quinta-columa fascista da direita republicana que marcha sob o signo da cruz e da bandeira? Fiquem comigo, Walter Winchell, o correspondente de Nova York, para ouvirem minha próxima bomba a respeito das mentiras traiçoeiras de Lindbergh.

“Volto num instante!”

Então três coisas aconteceram ao mesmo tempo: a voz tranquilizadora do radialista Ben Grauer deu início a um comercial de loção para asmãos, o produto que patrocinava o programa; o telefone começou a tocar no corredor junto à porta do meu quarto, coisa que nunca acontecia depois das nove da noite; e Sandy explodiu. Dirigindo-se apenas ao rádio (mas num tom tão apaixonado que meu pai imediatamente se levantou de sua poltrona na sala), começou a gritar: “Seu mentiroso filho-da-puta! Mentiroso!”.

“Epa”, disse meu pai, correndo para a cozinha. “Nesta casa, ninguém fala assim, não. Pode parar agora mesmo.”

“Mas como é que o senhor consegue *ouvir* essa porcaria? Que campo de concentração? Não tem nenhum campo de concentração! Tudo que esse cara diz é mentira — um monte de mentiras só pra enrolar vocês! Todo mundo neste país sabe que o Winchell é um tremendo enrolador — só vocês é que não sabem.”

“Vocês quem exatamente?”, ouvi meu pai perguntar.

“Eu morei em Kentucky! Kentucky é um dos estados da federação! Lá mora gente que nem em qualquer outro lugar! Não é um campo de concentração! Esse cara ganha uma fortuna vendendo uma merda de uma loção — e vocês acreditam nele!”

“Eu já disse que não quero ouvir palavrão, e agora quero lhe falar sobre essa história de ‘vocês’. Se eu ouvir esse ‘vocês’ mais uma vez, meu filho, vou pedir que saia desta casa. Se você quer ir morar em Kentucky, eu te levo de carro até a estação e você pode pegar o próximo trem. Porque eu sei muito bem o que você quer dizer com ‘vocês’. E você também sabe. E todo mundo sabe. Não diga mais isso aqui nesta casa.”

“Bom, na minha opinião o Walter Winchell é um enrolador.”

“Ótimo”, disse ele. “É a sua opinião, e você tem o direito de ter. Mas outros americanos têm uma opinião diferente. Por acaso, milhões e milhões de americanos ouvem o Walter Winchell todos os domingos — e eles não são apenas aquelas pessoas a quem você e a sua brilhante tia se referem como ‘vocês’. O programa dele ainda é o noticiário de maior audiência do rádio. O Franklin Roosevelt conta pro Winchell coisas que ele não conta pra nenhum outro jornalista. E escuta o que vou te dizer: isso que ele falou é *verdade*.”

“Mas eu *não* posso escutar o que o senhor diz. Como é que eu posso engolir essa história de ‘milhões’ de pessoas? Milhões de idiotas, isso sim!”

Nesse ínterim, minha mãe tinha atendido o telefone no corredor, e da minha cama eu a ouvia falando também. Sim, claro, eles também tinham ouvido o programa do Winchell. Sim, era terrível, era pior do que eles imaginavam, mas pelo menos a coisa agora estava às claras. Sim, o Heman ia telefonar assim que terminasse o programa.

Minha mãe teve exatamente a mesma conversa quatro vezes seguidas, mas quando o telefone tocou pela quinta vez ela não foi correndo atender, muito embora a pessoa que estava ligando certamente fosse mais um dos amigos do casal que estavam abalados pelas revelações de Winchell — não atendeu porque o anúncio havia terminado e ela já estava sentada ao lado de meu pai junto ao rádio na sala. E Sandy estava agora no quarto, onde eu fingia dormir enquanto ele se preparava para se deitar à luz da pequena luminária com interruptor em forma de bomba d’água, a luminária que ele próprio havia feito na aula de trabalhos manuais no tempo em que era apenas

um menino talentoso que gostava de fazer coisas com suas mãos hábeis e ainda não tinha sido contaminado pelas lutas ideológicas.

Desde a morte de minha avó, cerca de dois anos antes, nosso telefone não era usado de modo tão incessante assim tarde da noite. Já eram quase onze horas quando meu pai terminou de dar retorno a todas as ligações recebidas, e só uma hora depois meus pais foram se deitar, após ficarem conversando em voz baixa na cozinha. E foi apenas duas horas mais tarde que eu, convencido de que eles estavam ferados no sono e que, na cama ao lado da minha, meu irmão não estava mais olhando para o teto e sim dominando também, pude me levantar sem correr nenhum risco de ser descoberto, ir até a porta dos fundos, destrancá-la, descer a escada do porão e atravessar descalço aquele chão úmido até chegar ao nosso depósito.

Não havia nada de impulsivo ou de histérico no que eu fazia, nada de melodramático em minha decisão, nada de insensato, a meu ver. Depois, as pessoas disseram que não imaginavam que por trás daquele meu veniz de aluno de quarta série, obediente e bem-comportado, existisse um menino tão irresponsável e sonhador. Mas aquilo não era um devaneio superficial. Eu não estava brincando de faz-de-conta, tampouco fazendo uma travessura só para ver no que ia dar. Minhas travessuras anteriores com Earl Axman acabaram funcionando como um treinamento valioso, só que seu objetivo fora de todo diverso. Sem dúvida, eu não me sentia mergulhando na loucura, nem mesmo no momento em que, no depósito escuro, despia meu pijama e vestia as calças de Seldon ao mesmo tempo que em minha mente tentava afastar o fantasma de seu pai e não sucumbir ao pavor que me inspirava a cadeira de rodas vazia de Alvin. A única coisa que me consumia era a determinação de resistir a uma catástrofe da qual nossa família e nossos amigos não podiam mais escapar e que talvez resultasse na morte de todos. Mais tarde meus pais disseram: “Ele não sabia o que estava fazendo”, e a explicação oficial passou a ser “sonambulismo”. Mas eu estava completamente acordado, e minha motivação jamais deixou de estar clara para mim. Minha única dúvida era se eu conseguiria fazer o que pretendia. Uma das minhas professoras insinuou que eu estivesse sofrendo de “mania de grandeza”, provocada pelo que estávamos aprendendo na escola a respeito da rede clandestina organizada antes da Guerra da Secessão para salvar os escravos sulistas que tentavam fugir para o Norte. Mas não. Eu não era de modo algum como Sandy, que fora exposto a oportunidades cujo efeito fora intensificar seu desejo de ser grande, de fazer história. Eu não queria nada com a história. Queria ser apenas um menino, tão pequeno quanto possível. Queria ser um órfão.

Havia uma única coisa que eu não podia deixar para trás — meu álbum de selos. Se estivesse certo de que ele seria mantido intacto depois de minha partida, talvez eu não tivesse, no último momento, já saindo do quarto, aberto minha gaveta e, fazendo o mínimo de ruído, retirado o álbum debaixo das meias e cuecas. Porém era para mim insuportável a idéia de que meu álbum seria desfeito ou jogado fora, ou — a pior possibilidade de todas — dado intacto a algum outro menino; assim, coloquei-o debaixo do braço, e peguei também a faca de papel em forma de mosquete comprada em Mount Vernon, cuja baioneta eu usava para abrir as únicas cartas que chegavam para mim além dos cartões de aniversário — os envelopes contendo selos que me eram

enviados regulamentamente de Boston 17, Massachusetts, pela “maior empresa filatética do mundo”, a H. Harris & Co.

Não me lembro de nada do que aconteceu entre o momento em que saí de casa e fui andando pela rua deserta em direção ao orfanato e o instante em que acordei, no dia seguinte, e vi meus pais preocupados ao pé da minha cama, enquanto um médico, que extraía uma espécie de tubo de meu nariz, me dizia que eu estava intestado no hospital Beth Israel e que, embora provavelmente estivesse com uma dor de cabeça terrível, eu estava bem. De fato, minha cabeça doía de modo pavoroso, mas não era porque um coágulo estivesse pressionando o cérebro — uma possibilidade que fora levantada quando me encontraram desmaiado, sangrando — ou porque houvesse alguma lesão cerebral. As radiografias mostravam que não havia fratura craniana, e o exame neurológico afastava a possibilidade de lesão no tecido nervoso. Fora um rasgão de quase oito centímetros que exigiu dezoito pontos, os quais foram removidos na semana seguinte, e de eu não me lembrar do golpe em si, não havia nada de sério. Uma concussão rotineira, disse o médico — era essa a causa da dor e também da amnésia. Possivelmente eu jamais viria a me lembrar do momento em que levei o coice — tampouco da série de acontecimentos que ocasionaram a colisão —, mas o médico disse que também isso era comum acontecer. No mais, minha memória estava perfeita. Felizmente. Ele repetiu essa palavra várias vezes, e na minha cabeça doída aquilo parecia um deboche.

Fiquei sob observação no hospital todo aquele dia e também aquela noite — de hora em hora me acordavam para não haver dúvida de que eu não desmaiara outra vez — e na manhã seguinte tive alta, com a única recomendação de não abusar das atividades físicas durante uma ou duas semanas. Minha mãe pediu licença no trabalho para ficar comigo no hospital, e foi ela quem me levou para casa de ônibus. Como minha cabeça continuou doendo durante cerca de dez dias, e como não havia nada a fazer quanto a isso, não pude ir à aula; no mais, porém, diziam que eu estava bem, principalmente graças a Seldon, que assistira de longe a quase tudo aquilo de que eu não me lembrava. Se Seldon não tivesse saído da cama ao me ouvir descendo a escada dos fundos, se não tivesse me seguido no escuro por toda a Summit Avenue, atravessando o campo de esportes do colégio, chegando à Goldsmith Avenue, passando pelo portão destrancado do orfanato e entrando no trecho arborizado, o mais provável era que eu permanecesse caído no chão, com as roupas dele, desmaiado, até morrer de hemorragia. Seldon voltou para casa correndo, acordou meus pais, que imediatamente pediram auxílio através da telefonista, e entrou em nosso carro com eles, guiando-os até o lugar exato onde eu havia caído. Já devia ser por volta da três da madrugada, e estava escuro como breu; ajoelhada a meu lado no chão úmido, minha mãe apertou contra minha cabeça a toalha que havia trazido para estancar o sangramento, enquanto meu pai me cobria com uma toalha de piquenique velha que estava no porta-malas do carro, para me agasalhar enquanto a ambulância não chegava. Meus pais organizaram meu salvamento, mas foi Seldon Wishnow quem salvou minha vida.

Ao que parecia, eu tinha assustado os dois cavalos quando, desorientado, comecei a andar aos tropeções no escuro, entre o trecho arborizado e o Prado do Orfanato, e quando me virei para tentar

fugir dos cavalos e voltar para a rua por entre as árvores um deles empinou-se, eu tropecei e caí, e o outro cavalo, fugindo, bateu de raspão com o casco na parte de trás do meu crânio. Nas semanas seguintes, empolgado, Seldon repetidamente contou para mim (e, é claro, para toda a escola) todos os detalhes da minha tentativa de fugir de casa à noite e de eu ser recolhido pelas freiras como uma criança sem lar — saboreando em particular o incidente dos cavalos, bem como o fato de que, na rua no meio da noite, descalço e de pijama, ele por duas vezes atravessara mais de um quilômetro de terreno abrasivo entre o orfanato e nossa casa.

Ao contrário da mãe dele e dos meus pais, Seldon continuava fascinado pela descoberta de que não fora ele que inexplicavelmente havia “perdido” suas roupas, e sim eu que as roubara para poder fugir com elas. Esse fato tão improvável atribuía a sua existência um valor de que até então ele não se dera conta. Narrando a história com o prestígio duplo de salvador e conspirador — e mostrando seus pés amanhados a todos que quisessem olhar —, Seldon parecia finalmente adquirir importância até mesmo para ele próprio, um menino ousado que conseguira realizar um feito heróico pela primeira vez na vida; eu, por outro lado, estava amassado, não apenas por sentir vergonha, uma vergonha mais insuportável e duradoura do que a dor de cabeça, mas também porque o álbum de selos, meu maior tesouro, sem o qual minha vida não tinha sentido, havia desaparecido. Só me lembrei de que o havia levado na manhã seguinte ao dia em que voltei para casa, quando me levantei para me vestir e não o encontrei embaixo das minhas meias e cuecas. Eu o guardava ali para poder vê-lo todos os dias assim que acordasse. E agora, a primeira coisa que constatei na minha primeira manhã em casa foi que havia perdido a coisa mais importante que jamais possuía. Minha coleção estava perdida, e não podia ser substituída. Era como — apesar de serem tão grandes as diferenças — perder uma pema.

“Mãe!”, gritei. “Mãe! Aconteceu uma coisa horrível!”

“O que foi?”, ela exclamou, e veio correndo da cozinha até meu quarto. “O que foi que aconteceu?”

Ela pensava, é claro, que o corte estava começando a sangrar, ou que eu ia desmaiar, ou que a dor de cabeça se tomara insuportável.

“Meus selos!”, foi tudo que consegui dizer, e o resto ela deduziu.

Minha mãe então foi procurar o álbum. Sozinha, voltou ao trecho arborizado do orfanato e vasculhou o terreno onde me haviam encontrado, mas não achou nada — nem sequer um mísero selo.

“Tem certeza que levou mesmo o álbum?”, ela me perguntou quando voltou para casa.

“Tenho! Tenho, sim! Está lá! Tem que estar lá! Eu não posso perder meus selos!”

“Mas eu procurei e procurei. Procurei em todos os lugares!”

“Mas quem é que ia pegar? Onde eles podem estar? Aqueles selos são meus! Agente tem que encontrar! São meus!”

Fiquei inconsolável. Imaginei uma horda de órfãos encontrando o álbum e despedaçando-o com suas mãos imundas. Eu os via amassando os selos e comendo-os, pisoteando-os, jogando punhados deles na privada medonha do orfanato e puxando a descarga. Eles odiavam o álbum porque não era deles — odiavam o álbum porque não possuíam nada.

Atendendo a meu pedido, minha mãe não contou nem a meu pai nem a meu irmão o que

havia acontecido com os selos, e tampouco lhes falou a respeito do dinheiro encontrado na calça de Seldon. “No bolso, quando achamos você, havia dezoito dólares e cinquenta centavos. Não sei de onde veio esse dinheiro e nem quero saber. Esse episódio está encerrado. Abri uma poupança pra você no Howard Savings Bank. Depositei o dinheiro lá, pro seu futuro.” Então me entregou uma pequena caderneta com meu nome escrito dentro, e com um único item carimbado em preto na página dos depósitos: “19,50”. “Obrigado”, eu disse. E então minha mãe emitiu um juízo a respeito de seu filho caçula que, a meu ver, ela jamais modificou até morrer: “Você é um menino muito estranho. Eu não imaginava. Não fazia a menor idéia”. Em seguida, me devolveu meu abridor de cartas, o pequeno mosquete de estanho comprado em Mount Vernon. A coronha estava amanhada e suja, e a baioneta ligeiramente torta. Minha mãe o havia encontrado naquela tarde quando, sem dizer nada, saiu correndo do trabalho na hora do almoço para ir, pela segunda vez, examinar detalhadamente o trecho arborizado do orfanato, tentando encontrar o menor vestígio que fosse da coleção de selos que havia evaporado sem mais nem menos.

*Junho de 1942—outubro de 1942*

Ostultosanti-Winchell

Um dia antes de descobrir que minha coleção de selos estava perdida, fiquei sabendo que meu pai decidira largar o emprego. Minutos depois de eu vir do hospital, na manhã de terça, ele chegou em casa e estacionou o caminhão do tio Monty, com sua carroceria de ripas de madeira, ao lado do carro da sra. Wishnow; tinha terminado sua primeira noite de trabalho no mercado da Miller Street. A partir daí, da noite de segunda até a manhã de sexta, ele chegava em casa às nove ou dez da manhã, tomava um banho, fazia a sua principal refeição, ia se deitar e às onze já estava domindo; quando eu voltava da escola, tinha de ter o cuidado de não bater a porta dos fundos para não acordá-lo. Pouco antes das cinco da tarde ele se levantava e ia para o serviço, pois por volta das seis ou sete os fazendeiros começavam a chegar no mercado com seus produtos, e a qualquer momento entre as dez da noite e as quatro da manhã os atacadistas iam fazer compras, juntamente com os donos de restaurantes e hotéis e os últimos vendedores ambulantes da cidade, com suas carroças puxadas por cavalos. Meu pai passava a noite à base de uma gamafa térmica de café e dos dois sanduíches que minha mãe preparava para ele levar. Nas manhãs de domingo, ele ia visitar sua mãe na casa do tio Monty, ou então Monty a trazia à nossa casa, e ele passava o resto do domingo domindo; mais uma vez tínhamos de não fazer banulho para não incomodá-lo. Era uma vida dura, e ainda por cima de vez em quando ele precisava sair bem antes do dia nascer e ir até as fazendas dos condados de Passaic e Union, para buscar os produtos ele próprio, sempre que tio Monty conseguia um abatimento dessa maneira.

Eu sabia que era uma vida dura porque quando meu pai chegava em casa de manhã ele bebia. Normalmente, na nossa casa uma gamafa de *bourbon* Four Roses durava anos. Minha mãe, uma abstinência caricatural, nem sequer suportava ver um copo espumante de cerveja, quanto mais sentir cheiro de uísque, e meu pai só bebia no aniversário de casamento e quando o patrão vinha jantar conosco, ocasiões em que ele lhe servia Four Roses com gelo. Mas agora ele chegava em casa do mercado e, antes mesmo de tirar as roupas sujas e tomar uma chuveirada, servia uma dose de uísque puro, virava a cabeça para trás e bebia de um gole só, fazendo uma careta como se tivesse acabado de morder uma lâmpada. “Bom!”, dizia em voz alta. “Bom!” Só então conseguia relaxar o bastante para comer uma refeição completa sem ter indigestão.

O que me deixava perplexo não era apenas o declínio abrupto ocorrido na carreira profissional de meu pai — o caminhão estacionado no beco, as botas de sola grossa usadas por um homem que antes ia para o trabalho de terno, gravata e sapatos pretos engravados, a cena absurda de meu pai tomando uma dose de *bourbon* e almoçando sozinho às dez da manhã —, mas também meu irmão, a transformação imprevista que ele sofrera.

Sandy não estava mais zangado. Também não manifestava desprezo. Não agia com ar de superioridade. Era como se também ele tivesse sofrido uma pancada na cabeça, só que nele, em vez



de causar amnésia, o golpe tivera o efeito de fazê-lo voltar a ser o menino tranqüilo e consciencioso cuja satisfação provinha não de seu *status* de celebridade precoce cheia de opiniões discordantes, e sim de uma vida interior que o sustentava da manhã à noite e que, para mim, sempre o tomara realmente superior aos demais meninos de sua idade. Ou talvez sua empolgação com a fama — juntamente com seu gosto pelo conflito — houvesse se esgotado; talvez desde o início ele não tivesse o egoísmo necessário, e no fundo sentisse alívio por não precisar mais ser magnífico em público. Ou talvez jamais tivesse acreditado no que supostamente defendia. Ou talvez, enquanto eu estava inconsciente no hospital, com um hematoma potencialmente fatal, meu pai tivesse tido uma conversa séria com ele que surtira efeito. Ou talvez, após a crise que eu havia precipitado, ele estivesse apenas escondendo seu novo eu magnífico *por trás* do Sandy antigo, disfarçando, calculando, aguardando até o momento em que... em que acontecesse conosco alguma coisa, ninguém sabia o quê. Fosse como fosse, por ora o choque dos acontecimentos tivera o efeito de fazer meu irmão voltar para o seio da família.

É minha mãe não trabalhava mais fora. O que conseguira economizar na sua conta de poupança em Montreal era muito menos do que havia planejado, mas já possuía o suficiente para que pudéssemos cruzar a fronteira e começar vida nova no Canadá, se fôssemos obrigados a fugir da noite para o dia. Ela havia largado o emprego na Hahné's tão subitamente quanto meu pai abria mão da segurança que lhe dava seu emprego de doze anos na Metropolitan, para frustrar o plano governamental de nos transferir para Kentucky e nos proteger do subterfúgio anti-semita que o programa Colonização 42 representava, na opinião dele e na de Winchell. Agora minha mãe cuidava de novo da casa em tempo integral; tal como antes, estava sempre em casa quando chegávamos da escola, e nas férias de verão estaria presente para ficar de olho em mim e Sandy, evitando que mais uma vez escapássemos de seu controle e aprontássemos alguma.

Um pai modificado, um irmão recuperado, uma mãe restituída, dezoito pontos de seda preta na minha cabeça, meu maior tesouro perdido de modo irrevogável — tudo isso ocorreria de repente, como num conto de fadas. Nossa família ao mesmo tempo perdera *status* e reafirmara suas raízes da noite para o dia; agora não enfrentava mais nem o exílio nem a expulsão, porém permanecia entrincheirada na Summit Avenue, enquanto dentro de três meses Seldon — com quem agora eu estava inevitavelmente imanado, pois ele vivia contando a todo mundo no bairro que graças a ele eu não morrera de hemorragia depois de fugir de casa usando suas roupas —, Seldon teria de ir embora. No dia 10 de setembro, acompanhado da mãe, ele seria o único menino judeu de Danville, Kentucky.

Meu “sonambulismo” provavelmente teria resultado num escândalo local ainda mais humilhante se Walter Winchell não tivesse sido despedido pela Loção Jergens poucas horas após o término do programa que fora ao ar na noite do domingo em que fugi. Era uma notícia realmente chocante, em que ninguém conseguia acreditar e que Winchell não deixaria o país esquecer. Depois de dez anos como o principal repórter radiofônico dos Estados Unidos, ele foi substituído às nove da noite do domingo seguinte por mais um conjunto de música de dança, transmitido ao vivo de mais um restaurante sofisticado na cobertura de um hotel nova-iorquino. A primeira

acusação lançada pela Jergens era a de que Winchell, um radialista com uma audiência nacional de mais de vinte e cinco milhões de pessoas, fizera o equivalente a “gritar ‘fogo’ num cinema cheio”; a segunda era que ele havia caluniado o presidente da República, pronunciando acusações maliciosas “que apenas um demagogo desavergonhado seria capaz de fazer para despertar as paixões da turba”.

Até mesmo o moderado *New York Times*, um jornal fundado e controlado por judeus — e que, por esse motivo, meu pai tinha em alta consideração — e que criticava bastante a política de Lindbergh referente à Alemanha hitlerista, anunciou que estava inteiramente de acordo com a decisão da Loção Jergens, num editorial intitulado “Uma vergonha para a profissão”. Escreveu o *Times*:

Já há algum tempo os opositores de Lindbergh estão envolvidos numa competição, a ser vencida por quem conseguir apresentar a versão mais absurda a respeito dos motivos de seu governo. Com um único golpe bombástico, Walter Winchell ganhou a disputa. Os escrúpulos residuais e o gosto questionável do sr. Winchell resultaram numa explosão de vinlência tão imperdoável quanto antiética. Lançando acusações tão absurdas que levam até mesmo o mais empedido democrata a inesperadamente solidarizar-se com o presidente, Winchell desacreditou-se de modo irrevogável. A Loção Jergens deve ser elogiada pela rapidez com que o retirou do programa. O jornalismo tal como é praticado pelos Walter Winchell deste país é um insulto a nossa cidadania esclarecida tanto quanto aos padrões jornalísticos de veracidade, imparcialidade e responsabilidade, para com os quais o sr. Winchell, seus iguais que atuam nos tablóides cínicos e seus editores mercenários sempre manifestaram o mais absoluto desprezo.

Num ataque subseqüentemente feito em nome do governo Lindbergh e publicado pelo *Times* como a primeira e mais longa das cartas recebidas a propósito do editorial, um missivista eminente, após mencionar com gratidão o editorial e reforçar seus argumentos com mais exemplos do modo descarado como Winchell abusava da liberdade de opinião, concluiu: “A tentativa de inflamar e assustar seus concidadãos judeus é tão detestável quanto o desrespeito pelas normas do decoro jornalístico que o editorial condena de modo tão categórico. Sem dúvida, nada poderia ser pior do que se aproveitar dos temores históricos de um povo perseguido, ainda mais quando foi justamente no sentido de conseguir a participação integral desse povo numa sociedade aberta e livre de opressão que o governo atual instituiu a Agência de Absorção Americana. Quando Walter Winchell apresenta o programa Colonização 42, cujo objetivo é ampliar e aprofundar o envolvimento na vida nacional dos orgulhosos cidadãos judeus deste país, como uma estratégia fascista para isolá-los e excluí-los da vida da nação, temos o cúmulo da irresponsabilidade jornalística, bem como um exemplo perfeito da técnica da mentira deslavada, que é hoje a maior das ameaças enfrentadas pela liberdade democrática em todo o mundo”.

Assina a carta o “Rabino Lionel Bengelsdorf, Diretor, Agência de Absorção Americana, Departamento do Interior, Washington, D.C.”.

A resposta de Winchell veio na coluna que ele publicava no *Daily Mirror*, um jornal nova-

iorquino que pertencia ao mais rico editor do país, William Randolph Hearst, proprietário de uma cadeia de cerca de trinta jornais de direita e meia dúzia de revistas populares, bem como da King Features, a agência distribuidora de artigos que levava a coluna de Winchell a milhões de leitores de outras publicações. Hearst tinha horror às posições políticas de Winchell, principalmente seu apoio entusiástico a Roosevelt, e só não o havia despedido anos antes porque o público novo-iorquino que o *Daily Mirror* disputava com o *Daily News* achava irresistível a combinação inédita de agressividade investigativa com patriotismo meloso que caracterizava as colunas de Winchell. Segundo o jornalista, Hearst acabou despedindo-o assim mesmo menos por efeito da antiga rixa entre o columnista e seu editor do que por pressões da Casa Branca, a que até mesmo um magnata implacável e poderoso como Hearst não ousava resistir, por temer-lhe as conseqüências.

“Os fascistas de Lindbergh” — era assim que começava a coluna de Winchell, agressiva e incombível, publicada dias depois de ele perder seu programa de rádio — “começaram abertamente a empreender um ataque nazista à liberdade de expressão. Hoje Winchell é o inimigo que deve ser silenciado... Winchell, ‘o belicista’, ‘o mentiroso’, ‘o alamista’, ‘o comunista’, ‘o judeu’. Hoje é este que vos fala, amanhã todos os radialistas e repórteres que ousam dizer a verdade sobre o complô fascista para destruir a democracia americana. Arianos honorários, como o rábido rabino Lionel Venalsdorf, bem como os arrogantes e milionários donos do *New York Times*, esse jornal desprovido de espinha dorsal, não são os primeiros *quislings* judeus ultracivilizados a lamberem as botas de um chefe anti-semita por serem refinados demais para brigar como Winchell... nem serão os últimos. Os jerges da Jergens não são os primeiros industriais acovardados a fazerem o jogo da máquina ditatorial e mentirosa que está afundando este país... e também não serão os últimos.”

Essa coluna — que em seguida arrolava mais quinze inimigos pessoais seus, apontados como os principais colaboradores do fascismo americano — foi a última de Winchell.

Três dias depois, após uma visita a Hyde Park para certificar-se de que Roosevelt continuava decidido a permanecer afastado da vida pública e a não concorrer por um terceiro mandato, Winchell anunciou sua candidatura à presidência da República nas próximas eleições. Até então, eram considerados candidatos o secretário de Estado de Roosevelt, Cordell Hull; o ex-secretário da Agricultura e candidato à Vice-Presidência na eleição de 1940, Henry Wallace; o secretário dos Correios de Roosevelt e presidente do Partido Democrata, James Farley; o juiz do Supremo Tribunal, William O. Douglas; e dois democratas moderados, nenhum deles defensor do *New Deal*, o ex-governador de Indiana Paul V. McNutt e o senador de Illinois Scott W. Lucas. Além disso, segundo uma notícia não confirmada (posta em circulação e talvez fabricada pelo próprio Winchell no tempo em que ele ganhava oitocentos mil dólares por ano para difundir notícias não confirmadas), se a convenção do partido terminasse empatada, o que era perfeitamente possível com candidatos tão pouco carismáticos, Eleanor Roosevelt, uma presença política e diplomática forte durante os dois governos de seu marido — e que ainda era popular, porque seu hábito de falar o que pensava, combinado com sua reserva aristocrática, lhe havia angariado um número enorme de seguidores entre os eleitores mais liberais do partido, bem como inúmeros inimigos que a ridicularizavam na imprensa direitista —, apareceria na convenção, tal como fizera

Lindbergh na convenção republicana de 1940, e ganharia a candidatura por aclamação. Mas uma vez que Walter Winchell se tornou o primeiro candidato democrata a entrar na contenda, e a fazê-lo quase dois anos e meio antes da eleição de 1944, antes mesmo das eleições parlamentares que ocorreriam no meio do mandato presidencial — e a fazê-lo logo após a confusão que resultou quando ele foi “expurgado” de sua profissão pelas “práticas golpistas da gangue fascista que ocupa a Casa Branca” (foi assim que Winchell se referiu a seus inimigos e aos métodos deles ao anunciar sua candidatura) —, o ex-colunista tornou-se o homem a ser derrotado, o único democrata cujo nome todos conheciam e que tinha a coragem de atacar com ferocidade um presidente tão amado quando Lindy.

Os líderes republicanos nem se dignaram a levar a sério a candidatura de Winchell; para eles, aquele cômico incontrolável estava montando um espetáculo para se autopromover e arrancar dinheiro de um punhado de democratas radicais ricos, ou então era apenas um testa-de-ferro de Roosevelt (ou talvez da ambiciosa esposa de Roosevelt) com o objetivo de testar a existência subterfânea de sentimentos anti-Lindbergh num país onde, segundo as pesquisas de opinião, o presidente continuava a ser apoiado por uma maioria inaudita — oitenta a noventa por cento — de eleitores de todas as classes e categorias, com exceção dos judeus. Em outras palavras, Winchell era o candidato dos judeus, embora ele próprio fosse um judeu do tipo mais grosseiro, sem a menor semelhança com a elite de judeus democratas bem-nascidos e honrados, como Bernard Baruch, o amigo rico de Roosevelt, ou o banqueiro e governador de Nova York, Herbert Lehman, ou o recém-aposentado juiz do Supremo Tribunal, Louis Brandeis. E, como se não bastasse ser um judeu de origem humilde que encarnava praticamente todas as características de vulgaridade que tomavam os judeus malvistas nos estratos mais elevados da sociedade americana, fazendo dele um elemento impertinente e irrelevante no cenário político de qualquer outro lugar que não os distritos judaicos da cidade de Nova York, ainda por cima Winchell era conhecido como mulhengo e adúltero, tendo predileção por seduzir dançarinas de pernas compridas e freqüentando celebridades de má reputação do cinema e do teatro que bebiam até altas horas no Stork Club de Nova York, o que o tomava um anátema para a maioria das pessoas respeitáveis. Sua candidatura era uma piada, e como tal foi tratada pelos republicanos.

Mas na nossa rua, naquela semana, as implicações da demissão de Winchell e de sua ressurreição imediata como candidato à Presidência eram praticamente os únicos assuntos de todas as conversas da vizinhança. Depois de quase dois anos em que ninguém jamais sabia se devia acreditar no pior, em que todos tentavam se concentrar nas exigências da vida cotidiana e ao mesmo tempo absorviam todos os boatos a respeito do que o governo pretendia fazer com eles, em que não se podia justificar com fatos concretos nem o pânico nem a tranqüilidade — depois de tanta perplexidade, estavam tão predispostos a aceitar qualquer ilusão que, quando os adultos se reuniam em suas cadeiras de praia para conversar nos becos à noite, as perguntas se sucediam invariavelmente, e se prolongavam sem interrupção por horas: quem seria o companheiro de chapa de Winchell? Quem ele nomearia para seu gabinete? E para o Supremo Tribunal? Quem se revelaria maior líder, Roosevelt ou Winchell? Mergulhavam de cabeça em mil fantasias, e as crianças menorzinhas entravam no espírito e começavam a pular e a dançar, cantarolando: “Wincho pa presidente... Win-cho pa presidente”. Naturalmente, até mesmo uma criança do meu

tamanho tinha consciência de que era impossível um judeu ser eleito presidente, quanto mais um judeu que falava o que lhe dava na telha como Winchell; era como se tal proibição estivesse explicitada na Constituição com todas as letras. No entanto, nem mesmo essa certeza absoluta impedia que os adultos abrissem mão do bom senso e, por uma ou duas noites, imaginassem a si próprios, junto com seus filhos, como cidadãos nativos do paraíso.

O casamento do rabino Bengelsdorf com tia Evelyn se realizou num domingo de meados de junho. Meus pais não foram convidados, nem imaginavam ou queriam tal coisa; no entanto, a angústia de minha mãe era impossível de atenuar. Eu já a ouvira chorando em seu quarto antes, mas embora isso não fosse uma coisa comum, nem agradável, durante todos os meses em que meus pais tentavam avaliar o perigo que o governo Lindbergh representava e decidir qual seria a reação sensata de uma família judia, eu nunca a vi tão inconsolável. “Mas por que isso, ainda por cima?”, ela perguntou a meu pai. “Eles só estão se casando”, ele respondeu. “Não é o fim do mundo.” “Mas não consigo parar de pensar no meu pai”, disse ela. “O seu pai já morreu”, retrucou ele, “e o meu também. Eles já estavam velhos, adoeceram e morreram.” Seria difícil imaginar um tom de voz mais carinhoso que aquele, mas o sofrimento de minha mãe era tal que quanto mais suave a voz dele, mais ela sofria. “E fico pensando também”, ela prosseguiu, “na minha mãe. Ela não ia entender nada.” “Meu bem, as coisas podiam estar muito piores — você sabe disso.” “E vão ficar muito piores mesmo”, disse minha mãe. “Talvez sim, talvez não. Quem sabe as coisas não estão começando a mudar. O Winchell...” “Ah, por favor, o Walter Winchell não vai...” “Shhh, shhh”, exclamou meu pai, “o caçulinha.”

E assim compreendi que Walter Winchell não era, na verdade, o candidato dos judeus, e sim o candidato dos filhos dos judeus, algo que nos ofereciam para nos dar uma sensação de apoio, tal como, não muitos anos antes, o seio materno nos era oferecido não apenas como alimento mas também para mitigar os terrores da infância.

A cerimônia de casamento foi realizada no templo do rabino, e a recepção no salão de baile do Essex House, o hotel mais luxuoso de Newark. As personalidades que compareceram, acompanhadas de seus respectivos cônjuges, foram arroladas no *Newark Sunday Call* num boxe separado da reportagem, ao lado das fotos dos noivos. O tamanho da lista e o nível dos convidados eram espantosos, e menciono o fato aqui para explicar por que eu, ao menos, ficava me perguntando se meus pais e seus amigos da Metropolitan não estariam completamente desligados da realidade por imaginarem que alguma coisa de mau poderia acontecer com eles porque o programa governamental estava sendo administrado por um luminar da estatura do rabino Bengelsdorf.

Para começar, havia um grande número de judeus na cerimônia, entre eles familiares, amigos, membros da congregação do rabino Bengelsdorf, admiradores e colegas de toda Nova Jersey, e outros vindos dos quatro cantos do país só para assistirem ao casamento. Havia também muitos cristãos. Além disso, segundo o artigo do *Sunday Call* — que ocupou uma e meia das duas páginas da coluna social daquele dia —, entre os diversos convidados que não puderam comparecer mas mandaram telegrama de felicitações estava a esposa do presidente, a primeira-

dama Anne Morrow Lindbergh, identificada como grande amiga do rabino: “Como ele, é natural de Nova Jersey e escreve poesia”; os dois teriam em comum “interesses culturais e intelectuais”, e com freqüência se encontravam “na Casa Branca para tomar chá e conversar sobre filosofia, literatura, religião e ética”.

O governo da cidade foi representado por dois dos judeus que já haviam ocupado os mais altos cargos de Newark, o ex-prefeito Meyer Ellenstein, que cumprira dois mandatos, e o secretário da prefeitura, Hany S. Reichenstein, bem como por cinco irlandeses de grande destaque no momento, o diretor da Segurança Pública, o diretor do Departamento de Receita e Finanças, o diretor de Parques e Propriedades Públicas, o engenheiro-chefe da cidade e o assessor jurídico da prefeitura. O chefe dos correios de Newark estava presente, juntamente com o bibliotecário-chefe da Biblioteca Pública de Newark e o presidente da diretoria da biblioteca. Entre os educadores, destacavam-se o presidente da Universidade de Newark, o presidente da Faculdade de Engenharia de Newark, o superintendente da rede escolar e o diretor do S. Benedito, um colégio particular. Havia também um punhado de clérigos de distinção — protestantes, católicos e judeus. A maior congregação negra da cidade, a Primeira Igreja Batista Memorial Peddie, foi representada pelo reverendo George E. Dawkins, a catedral episcopaliana da Trindade, pelo reverendo Arthur Dumper; a Igreja Episcopal da Graça, pelo reverendo Charles L. Gomph; a Igreja Ortodoxa Grega S. Nicolau, da High Street, pelo reverendo George E. Spyridakis; e a Catedral de S. Patrício, católica, pelo reverendíssimo John Delaney.

Estava ausente — fato da maior importância para meus pais, embora não houvesse menção a ele na reportagem — o rabino Joachim Prinz, da congregação Bnai Abraham, o principal rival de Bengelsdorf e o rabino mais importante da cidade. Antes de Bengelsdorf se tornar uma figura de relevância nacional, a autoridade do rabino Prinz entre os judeus de toda a cidade, na comunidade judaica maior e entre estudiosos e teólogos de todas as religiões, era muito maior que a de seu colega mais velho; além disso, ele era o único rabino conservador à frente das três congregações mais ricas da cidade que jamais hesitara em se opor a Lindbergh. Os outros dois, Charles I. Hoffman, da Oheb Shalom, e Solomon Foster, da Bnai Jeshurun, porém, estavam presentes, sendo a cerimônia de casamento oficiada pelo rabino Foster.

Também compareceram os presidentes dos quatro maiores bancos de Newark, os presidentes de duas das maiores companhias de seguros da cidade, o presidente da maior empresa de arquitetura, os dois sócios fundadores da mais prestigiada firma de advocacia, o presidente do Clube Atlético de Newark, o proprietário dos três maiores cinemas do centro da cidade, o presidente da Câmara de Comércio, o presidente da companhia telefônica do estado, os redatores-chefes dos dois maiores jornais diários e o presidente da P. Ballantine, a mais famosa fábrica de cerveja de Newark. Do governo do condado de Essex vieram o supervisor da Câmara do Condado e três vereadores; o poder judiciário de Nova Jersey foi representado pelo vice-presidente do Tribunal de Equidade e por um desembargador do Supremo Tribunal do Estado. A Assembleia Legislativa estadual enviou seu presidente e três dos quatro representantes do condado de Essex; do Senado Estadual veio um representante. A principal autoridade judiciária do estado era um judeu, o procurador-geral David T. Wilentz, que havia conseguido a condenação de Bruno Hauptmann; mas a autoridade estadual cuja presença mais me impressionou foi Abe J. Greene,

também judeu e — mais importante ainda — presidente da federação de boxe de Nova Jersey. Um dos dois senadores federais que representavam o estado estava presente, o republicano W. Warren Barbour, como também nosso membro da Câmara dos Representantes, Robert W. Kean. Do Tribunal Federal de Primeira Instância de Nova Jersey, vieram um juiz de comarca, dois juizes federais e o procurador-geral (cujo nome reconheci por ser ele citado no programa *Gangbusters*), John J. Quinn.

Várias pessoas ligadas ao rabino no escritório central da AAA e alguns representantes do Departamento do Interior vieram de Washington, e embora nenhum membro do alto escalão do governo federal comparecesse ao casamento, ele se fazia simbolicamente presente por meio de uma representante do próprio presidente da República: um telegrama enviado pela primeira-dama, lido em voz alta pelo rabino Foster durante a recepção. Terminada a leitura, os convidados espontaneamente se levantaram para aplaudir os sentimentos da primeira-dama; em seguida, o noivo pediu-lhes que permanecessem em pé para cantar, junto com ele a noiva, o hino nacional.

O texto do telegrama foi publicado na íntegra pelo *Sunday Call*. Era o seguinte:

Meus caros rabino Bengelsdorf e Evelyn:

Meu marido e eu lhes enviamos nossos votos de felicidade e lhes desejamos com todo o fervor a mais pura felicidade.

Foi um grande prazer para nós ter a oportunidade de conhecer Evelyn no jantar oficial realizado na Casa Branca em homenagem ao ministro das Relações Exteriores da Alemanha. Ela é uma jovem encantadora, cheia de energia, claramente uma pessoa correta e de valor, e bastou uma breve conversa com ela para que eu reconhecesse seus dons de personalidade e intelecto que lhe permitiram conquistar a dedicação de um homem tão extraordinário quanto Leonel Bengelsdorf.

Hoje recordo os versos extraordinariamente sucintos que me vieram à mente naquela noite em que conversei com Evelyn. Os versos são de Elizabeth Barrett Browning e aparecem no início do décimo quarto de seus *Sonetos traduzidos do português*; eles resumem a sabedoria feminina que vi emanando dos olhos de Evelyn, surpreendentemente negros e belos: “Se me amas, não me ames não/ Pelo amor em si...”.

Rabino Bengelsdorf, o senhor tem sido para mim mais do que um amigo desde que nos conhecemos aqui na Casa Branca após a cerimônia em que foi criada a Agência de Absorção Americana; e desde que se mudou para Washington a fim de assumir a diretoria da AAA, o senhor também me tem sido um mentor indispensável. Nossas conversas fascinantes, juntamente com os livros instrutivos que generosamente me deu para ler, muito me ensinaram, não apenas sobre a fé judaica mas também sobre as tribulações do povo judeu e as fontes da grande força espiritual que vem garantindo sua sobrevivência há três milênios. Para mim, foi muitíssimo enriquecedor descobrir, graças ao senhor, as raízes profundas que minha própria fé religiosa tem na sua.

Nossa maior missão enquanto americanos é viver em harmonia e fraternidade como um povo unido. Sei, com base no trabalho excelente que o senhor e Evelyn vêm realizando na AAA, o quanto se dedicam à realização dessa meta preciosa. Das muitas bênçãos que Deus

deramou sobre nossa nação, nenhuma é mais valiosa do que ter entre nós cidadão como vocês, defensores orgulhosos e vitais de uma raça indomável cujos antiquíssimos conceitos de justiça e liberdade vêm sustentando nossa democracia americana desde 1776.

Com nossos melhores votos,  
Anne Morrow Lindbergh

Quando o FBI entrou em nossa vida pela segunda vez, foi para vigiar meu pai. O mesmo agente que havia me interrogado a respeito de Alvin no dia em que o sr. Wishnow se enforcara (e que também interrogou Sandy no ônibus, minha mãe na loja e meu pai no trabalho) apareceu no mercado hortigranjeiro e instalou-se na lanchonete onde os homens iam comer e tomar café no meio da noite; tal como fizera quando Alvin começou a trabalhar para o tio Monty, ficou questionando as pessoas sobre o tio de Alvin, Herman, perguntando o que ele andava dizendo a respeito do país e do presidente. Tio Monty foi informado da presença do agente por um dos capangas de Longy Zwillman, o qual repassou a meu tio o que o agente McCorkle lhe dissera — que, depois de dar casa e comida a um traidor que lutara por um país estrangeiro, meu pai agora acabara de largar um bom emprego na Metropolitan Life para não ter que participar de um programa governamental cujo objetivo era unificar e fortalecer o povo americano. Tio Monty disse ao capanga de Longy que seu irmão era um pobre-diabo sem instrução que tinha dois filhos e uma mulher para sustentar, e que não poderia fazer mal nenhum ao país carregando engRADADOS de legumes seis noites por semana. O capanga o ouviu, parecendo concordar, segundo tio Monty, o qual, desrespeitando as normas de decoro que costumavam ser observadas em nossa casa, contou a história para todos nós na cozinha numa tarde de sábado — “E assim mesmo o sujeito vira pra mim e me diz: ‘O seu irmão não pode ficar aqui’. Aí eu disse pra ele: ‘Isso é uma babaquice. Diz pro Longy que essa história toda é só uma sacanagem contra os judeus’. E olha que ele mesmo é judeu, o Niggy Apfelbaum, mas eu falo e falo e não adianta nada. Aí o Niggy vai e fala com o Longy, e diz pra ele que o Roth não fez o que ele mandou. E aí o que acontece? O próprio Longy me aparece por lá, naquela minha salinha de merda, com um terno de seda feito à mão. Um sujeito alto, que sabe falar, muito bem-vestido — a gente entende como é que ele se dá bem com as estrelas de cinema. Aí eu digo pra ele: ‘Eu me lembro de você na escola primária, Longy. Desde aquela época eu sabia que você ia longe’. Aí o Longy vira e diz para mim: ‘Eu também me lembro de você. Desde aquela época eu sabia que você não ia a lugar nenhum’. Aí a gente começou a rir, e eu disse pra ele: ‘O meu irmão precisa de um emprego, Longy. Será que não posso dar um emprego pro meu irmão?’. E será que não posso viver sem o FBI se metendo na minha vida?, ele responde. ‘Estou sabendo’, eu disse. ‘Você não lembra que eu até despedi meu sobrinho Alvin por causa do FBI? Agora, meu irmão não é a mesma coisa, é ou não? Escuta aqui’, eu disse para ele, ‘me dá vinte e quatro horas que eu resolvo tudo. Se eu não conseguir, se não der para resolver, o Herman vai embora’. Aí eu espero até fechar o mercado e de manhã eu vou lá no Sammy Eagle, e lá no bar está sentado o tal safardana irlandês do FBI. ‘Deixa eu te pagar o café-da-manhã’, eu digo a ele, aí peço um uísque e uma cerveja pra ele, sento ao lado dele e digo: ‘O que é que você tem contra os judeus, hein, McCorkle?’. Ele diz: ‘Nada’. ‘Então por que é que você está perseguindo o meu irmão desse jeito? O que foi que ele fez? Ele prejudicou alguém?’. ‘Olha, se eu tivesse alguma coisa contra os



judéis, eu ia estar sentado aqui no bar do Eagle, você acha que o Sammy Eagle ia ser meu amigo? Aí ele vai e chama o Eagle. 'Diz pra ele', pede o McCorkle, 'se eu tenho alguma coisa contra os judeus.' 'Que eu saiba, não', diz o Eagle. 'Quando o seu filho fez o *bar mitzvah*, eu não vim aqui e dei um alfinete de gravata pra ele?' 'Ele ainda usa até hoje', diz o Eagle. 'Está vendo?', diz o McCorkle. 'Eu estou só fazendo o meu serviço, assim como o Sammy faz o dele e você faz o seu.' 'É só isso que o meu imão está fazendo também', eu digo. 'Ótimo. Muito bom. Então não fica dizendo que eu sou contra os judeus.' 'O erro foi meu', eu digo a ele. 'Me desculpa.' E então passo pra ele um envelope, um envelopinho de papel pardo, e fim da história."

Nesse momento meu tio virou-se para mim e disse: "Fiquei sabendo que você é ladrão de cavalo. Soube que roubou um cavalo da igreja. Menino esperto. Deixa eu ver". Baixei a cabeça e mostrei a ele o lugar em que o casco do cavalo havia rasgado meu couro cabeludo. Ele riu enquanto passava o dedo de leve pela cicatriz e pelo trecho que fora raspado, onde o cabelo estava começando a crescer outra vez. "Que você tenha muitos outros", disse ele a mim — e então, como fazia desde que eu era pequeno, me levantou num gesto brusco e me colocou num de seus joelhos, para que eu pudesse montá-lo como se fosse, é claro, um cavalo. "Você já viu uma circuncisão, não viu?", perguntou, e começou a levantar e a baixar a coxa, imitando o movimento do cavalo. "Você sabe o que eles fazem quando circuncidam o bebê, não sabe?" "Eles cortam fora o prepúcio", respondi. "E o que é que eles fazem com o prepúciozinho? Depois que eles tiram — sabe o que eles fazem?" "Não", respondi. "Pois bem", disse o tio Monty, "eles vão guardando, e quando tem bastante prepúcio eles dão tudo pro FBI pra eles fazerem agentes." Não consegui me conter, muito embora soubesse que não devia fazer isto — e embora lembrasse que, na última vez que me contara a piada, ele dissera: "Eles mandam lá pra Irlanda, pra eles fazerem padres" — e comecei a rir. "O que é que tinha dentro do envelope?", perguntei. "Tenta adivinhar", disse ele. "Não sei. Dinheiro?" "Acertou; dinheiro. Você é um ladrãozinho de cavalo muito esperto. É. Dinheiro, que resolve todos os problemas."

Só depois fiquei sabendo, pelo meu imão, que ouvira meus pais conversando no quarto deles, que a quantia dada a McCorkle como suborno teria que ser devolvida ao tio Monty, sendo descontada do salário já magro de meu pai, dez dólares por semana durante os próximos seis meses. E meu pai não podia fazer nada. A respeito de seu trabalho duro e da humilhação de ter que trabalhar para o imão, o único comentário que ele fez foi: "Ele é assim desde que tinha dez anos de idade, e vai ser assim até morrer".

Com exceção dos sábados e das manhãs de domingo, meu pai esteve ausente durante quase todo aquele verão. Minha mãe, por outro lado, não desgrudava de nós, e como eu e Sandy tínhamos que estar em casa ao meio-dia para almoçar e depois no meio da tarde mais uma vez, para ela poder nos controlar, nunca podíamos ir muito longe de casa, e à noite éramos proibidos de ir além do *playground* da escola, a um quarteirão de casa. Ou minha mãe estava se controlando com muito rigor ou então ela conseguira temporariamente resignar-se a sua mortificação, porque embora o salário de meu pai tivesse sofrido um corte profundo e fosse necessário reduzir as despesas do orçamento doméstico de modo impiedoso, ao que parecia as situações absurdas que ela tivera

de enfrentar no último ano não tinham tido nenhum impacto mais forte sobre seu ânimo. Sua resistência tinha muito a ver com o fato de que ela reassumira um trabalho que a gratificava muito mais do que vender vestidos; na loja, fizera o que tinha de ser feito, mas aquela ocupação lhe parecia sem sentido comparada com suas atividades costumeiras. Para mim, só ficou claro até que ponto ela continuava preocupada quando chegou uma carta de Estelle Tirschwell, contando como estava se saindo sua família em Winnipeg. Todos os dias, na hora do almoço, eu levava para casa a correspondência que retirava da nossa caixa de correio na entrada; quando havia um envelope com selo canadense, ela imediatamente se sentava à mesa da cozinha e, enquanto eu e Sandy comíamos nossos sanduíches, lia a carta silenciosamente duas vezes, depois a dobrava e a guardava no bolso do avental, para poder relê-la mais dez vezes antes de entregá-la a meu pai quando ele se levantasse para ir para o mercado — a carta ficava com meu pai, os selos canadenses carimbados ficavam comigo, para me ajudar a dar início a uma nova coleção.

De uma hora para a outra, Sandy passou a andar com garotas da sua idade, adolescentes que ele conhecia desde os tempos da escola mas que jamais antes examinara com tanto interesse e desejo. Ia procurá-las no *playground*, onde as atividades organizadas de verão transcorriam durante o dia inteiro, até o cair da tarde. Eu também ia para lá, agora quase sempre acompanhado por Seldon. Ficava observando Sandy com sentimentos que oscilavam entre a apreensão e o prazer, como se meu irmão tivesse se transformado num punquista ou num vigarista profissional. Ele se plantava num banco perto da mesa de pingue-pongue, onde as meninas costumavam se reunir, e começava a fazer desenhos a lápis num bloco, retratando as mais bonitas; invariavelmente, elas queriam ver os desenhos, e assim, antes que o dia terminasse, quase sempre ele saía do *playground* de mãos dadas com uma delas, com ar sonhador. Sandy tinha uma forte tendência a se apaixonar com facilidade, a qual agora não era mais estimulada por suas atividades de propagandista do programa Gente como a Gente nem pelo trabalho na fazenda dos Mawhinney, e sim por aquelas garotas. Ou bem a irrupção do desejo havia transformado sua vida com uma rapidez inacreditável, tal como a viagem ao Kentucky, e aos catorze anos e meio ele virara uma pessoa nova sob o impacto achapante dos homônios, ou bem, como eu acreditava — pois minha tendência era sempre a de atribuir-lhe onipotência —, convencer as meninas a saírem com ele não passava de um estratagema divertido, uma maneira de matar o tempo até que... Eu sempre achava que, no que dizia respeito a Sandy, havia mais coisas acontecendo do que eu supunha, quando na verdade, apesar daquele seu ar confiante de rapaz bonito, ele também não fazia a menor idéia do motivo que o levava a morder a isca. O fazendeiro judeu de Lindbergh descobre os seios femininos, e de uma hora para outra se transforma em um adolescente como outro qualquer.

Meus pais viam aquela febre namoradeira como uma atitude de desafio, de “rebelião”, uma exibição compensadora de independência por Sandy ter sido obrigado a abandonar a causa de Lindbergh, e pareciam considerá-la até certo ponto inofensiva. A mãe de uma das meninas, evidentemente, não era da mesma opinião, e veio a nossa casa discutir a questão. Quando meu pai chegou do trabalho, ele e minha mãe tiveram uma longa conversa fechados no quarto; depois houve outro diálogo entre meu pai e meu irmão também a portas fechadas; e pelo resto da semana Sandy ficou proibido de se afastar dos arredores de casa. Mas é claro que não seria possível mantê-lo preso na Summit Avenue durante o resto do verão, e logo ele estava de volta ao *playground*,

desenhando retratos de meninas bonitas com muita autoconfiança; e fosse o que fosse que essas garotas permitiam que ele fizesse com as mãos quando saíam com ele — e muita coisa não devia ser, pois naquela época os garotos da oitava série sabiam muito pouco sobre sexo —, elas não voltaram correndo para contar a suas mães, e assim não houve mais telefonemas nervosos para preocupar ainda mais meus pais.

Seldon. O meu verão se resumiu a Seldon. A cara dele grudada na minha, como o focinho de um cachorro, e meninos que eu conhecia desde pequeno rindo de mim e me chamando de Soneca, meninos andando com passos lentos e rígidos de zumbi, os braços esticados para a frente, imitando minha caminhada noturna em direção ao orfanato, e o time inteiro gritando “Hi ho Silver!” sempre que era minha vez de atuar como batedor numa partida de beisebol.

Não haveria um grande piquenique de final de verão na reserva de South Mountain no Dia do Trabalho\* desse ano porque todos os amigos de meu pai que trabalhavam na Metropolitan já haviam se mudado de Newark com seus filhos, para terem tempo de se ajeitar em suas novas residências espalhadas pelo país quando começasse o ano escolar em setembro. Uma por uma, durante o verão, as famílias vieram nos visitar num sábado para se despedir. Era terrível para meus pais, pois de todos os moradores do bairro que trabalhavam no distrito local da Metropolitan e tinham sido transferidos para o interior nos termos do programa Colonização 42, meu pai fora o único que resolvera não ir. Aquelas pessoas eram seus melhores amigos, e as tardes quentes de sábado em que os adultos se abraçavam aos prantos na rua enquanto as crianças assistiam tristonhas — tardes que terminavam quando nós quatro, que íamos ficar, acenávamos da calçada e minha mãe gritava para o carro que partia: “Não esqueçam de escrever!” — eram os momentos mais duros para mim, que deixavam bem claro o quanto estávamos indefesos, fazendo-me compreender que nosso mundo começava a ser destruído — e que meu pai, de todos aqueles homens, era o mais obstinado, movido de modo implacável por seus melhores instintos e pelas exigências excessivas que eles lhe impunham. Só então compreendi que ele havia perdido o emprego não apenas por temer o que nos aguardava se consentíssemos, como os outros, em ser transferidos, mas porque, fossem quais fossem as conseqüências, sempre que forças superiores que ele considerava comoptas tentavam submetê-lo, sua natureza o obrigava a não ceder — neste caso, levava-o a resistir tanto à idéia de fugir para o Canadá, como minha mãe insistia que devíamos fazer, quanto à opção de acatar uma ordem do governo claramente injusta. Havia dois tipos de homens fortes: aqueles que, como tio Monty e Abe Steinheim, eram implacáveis quando se tratava de ganhar dinheiro e aqueles que, como meu pai, obedeciam a seu conceito de justiça de modo inflexível.

“Vamos lá”, disse meu pai, tentando nos animar no sábado em que a última das seis famílias partira, aparentemente para não voltar mais. “Vamos, meninos, vamos tomar um sorvete.” Nós quatro descemos a Chancellor em direção à *drugstore*, cujo farmacêutico era um de seus mais antigos clientes de seguros, e onde no verão costumava ser mais agradável do que na rua, pois havia toldos para impedir que o sol batesse na vitrine e três ventiladores de teto a ranger suavemente

enquanto giravam. Entramos num reservado e pedimos *sundaes*, e, embora minha mãe não conseguisse provar o sorvete por mais que meu pai insistisse, ela por fim conseguiu conter as lágrimas que lhe escorriam rosto abaixo. Afinal de contas, nosso futuro era tão imprevisível quanto o de nossos amigos exilados; assim, ficamos tomando sorvete na penumbra fresca da *drugstore*, todos emudecidos e exauridos, até que minha mãe levantou a vista do guardanapo de papel que estava rasgando metodicamente e, com aquele sorriso amargo e austero de quem já chorou tudo que havia para chorar, disse a meu pai: “Bom, por bem ou por mal, o Lindbergh está nos ensinando o que é ser judeu”. Em seguida, acrescentou: “Nós *pensamos* que somos americanos, mas não somos”. “Bobagem. De jeito nenhum!”, replicou meu pai. “*Eles* é que pensam assim. Isso está fora de discussão, Bess. É inegociável. Essas pessoas não entendem que pra mim isso é um fato indiscutível, ora! Os outros? Então ele acha que nós somos os *outros*? *Ele* é que é o outro. O que tem mais cara de americano — e o menos americano na verdade! Ele é um incompetente. Não podia estar lá. Ele não podia estar lá, é só isso!”

Para mim, a partida mais difícil de suportar foi a de Seldon. É claro que adorei vê-lo ir embora. Eu havia passado o verão inteiro contando os dias. No entanto, naquela manhã da última semana de agosto em que os Wishnow partiram com dois colchões amarrados no capô do carro (instalados ali e cobertos por uma lona, na noite da véspera, por meu pai e Sandy) e uma pilha de roupas no banco de trás que chegava até o teto (entre elas, algumas peças minhas, que eu e minha mãe os havíamos ajudado a levar para o carro), por mais grotesco que fosse, quem não conseguia parar de chorar era eu. Estava me lembrando de uma tarde, quando eu e Seldon tínhamos seis anos de idade e o sr. Wishnow parecia estar bem, ainda trabalhando todos os dias na Metropolitan, e a sra. Wishnow ainda era apenas uma dona de casa como minha mãe, ocupada com as necessidades cotidianas de sua família e até mesmo cuidando de mim algumas vezes, quando minha mãe ia a uma reunião da Associação de Pais e Mestres e Sandy tinha saído e eu ficava sozinho em casa depois da escola. Estava me lembrando do maternalismo genérico que ela tinha em comum com minha mãe — o calor humano que me envolvia sem que eu jamais me desse conta dele — e que ficou tão patente para mim na tarde em que me tranquei dentro do banheiro da casa deles e não conseguia sair. Estava me lembrando do quanto ela fora boa para mim enquanto eu tentava repetidamente, sem sucesso, abrir aquela porta; ela cuidava de mim de modo espontâneo como se, apesar das diferenças de aparência, temperamento e circunstâncias imediatas, nós quatro — Seldon e Selma, Philip e Bess — fôssemos uma única pessoa. Estava me lembrando da sra. Wishnow no tempo em que ela se preocupava exatamente com as mesmas coisas que preocupavam minha mãe — no tempo em que ela era mais um membro vigilante do matriarcado local cuja tarefa básica era estabelecer uma forma de vida doméstica para a geração seguinte. Estava me lembrando da sra. Wishnow no tempo em que ela ainda não estava perturbada, com os punhos cerrados e o rosto tenso de dor.

Era um banheiro pequeno, idêntico ao nosso, um tanto sufocante, a porta ao lado da privada, a privada quase embaixo da pia e a banheira apertada contra a pia. Puxei a porta, mas ela não abriu. Na minha casa, eu teria apenas encostado a porta, mas por estar no apartamento dos Wishnow resolvi trancá-la — coisa que nunca tinha feito na vida. Tranquei a porta, mijei, dei a descarga, lavei as mãos e, por não querer pegar na toalha deles, enxuguei-as nas minhas calças de

veludo cotelê — tudo estava bem, então quando fui sair do banheiro não consegui abrir a tranca acima da maçaneta. Ela rodava um pouco, mas em seguida empacava. Não bati na porta nem sacudi a maçaneta; simplesmente continuei tentando destrancá-la fazendo o mínimo de banulho possível. Mas não adiantava; assim, sentei-me na privada e fiquei pensando que talvez a coisa se resolvesse por si só. Fiquei sentado por algum tempo, mas comecei a me sentir muito sozinho e me levantei para tentar outra vez. A tranca não cedia, e comecei a bater de leve na porta; a sra. Wishnow veio e disse: “Ah, essa tranca às vezes emperra mesmo. Você tem que abrir assim”. Explicou o que eu deveria fazer, mas como eu ainda não conseguisse ela esclareceu, muito tranqüila: “Não, Philip, você tem que puxar pra trás ao mesmo tempo que vira”, e embora eu tentasse seguir as instruções não consegui abrir. “Meu amor”, disse ela, “você vira e ao mesmo tempo puxa pra trás — vira e puxa pra trás.” “Pra trás como?”, perguntei. “Pra trás. Em direção à parede.” “Ah, a parede. Entendi”, disse eu, mas nada dava certo, por mais que eu tentasse. “Não adianta”, exclamei, e comecei a suar; então ouvi a voz de Seldon. “Philip? É o Seldon. Por que é que você trancou? Agente não ia entrar.” “Eu não disse que vocês iam entrar”, protestei. “Então por que é que você trancou?” “Sei lá”, respondi. “Será que a gente vai ter que chamar o corpo de bombeiros, mãe? Eles tiram ele de lá com aquela escada.” “Não, não, não”, disse a sra. Wishnow. “Vamos lá, Philip”, disse Seldon, “não é tão difícil assim.” “É, sim. Não roda.” “Como é que ele vai sair, mãe?” “Seldon, fica quieto. Philip?” “Sim.” “Você está bem?” “Está meio quente aqui dentro. Está ficando quente.” “Bebe um copo d’água, meu amor. Tem um copo dentro do armário de remédios. Bebe um copo d’água bem devagar que você vai se sentir melhor.” “Está bem.” Mastinha alguma coisa gosmenta no fundo do copo, e me limitei a fingir que bebia nele; na verdade, tomei a água com as mãos em concha. “Mãe”, perguntou Seldon, “o que será que ele está fazendo de errado? Philip, o que é que você está fazendo de errado?” “Como é que eu posso saber?”, respondi. “Senhora Wishnow? Senhora Wishnow?” “Que é, meu amor?” “Está ficando muito quente aqui dentro. Estou começando a suar mesmo.” “Então abre a janela. Abre a janelinha do chuveiro. Você alcança?” “Acho que sim.” Tirei os sapatos, entrei na banheira só de meias, e me colocando na ponta dos pés consegui alcançar a janela — uma janela pequena, de vidro fosco, que dava para o beco —, mas quando tentei abri-la constatei que também ela estava emperrada. “Não quer abrir”, eu disse. “Bate nela um pouco, meu amor. Bate embaixo, mas não com muita força, que eu garanto que ela abre.” Obedeci, mas não consegui fazer com que a janela se mexesse. A essa altura minha camisa já estava empapada de suor; preparei-me para dar um bom empunhão na janela, mas ao virar-me devo ter esbarado na alavanca do chuveiro, porque começou a sair água. “Ah, não!”, exclamei; a água gelada caía na minha cabeça e escorria por trás da camisa. Pulei da banheira para o chão ladrilhado do banheiro. “O que aconteceu, meu amor?” “O chuveiro abriu.” “Como?”, perguntou Seldon. “Como que o chuveiro pode abrir?” “Sei lá” “Você se molhou muito?”, ela perguntou. “Mais ou menos.” “Pega uma toalha”, a sra. Wishnow me instruiu. “Pega uma toalha no armário. As toalhas estão no armário.” No nosso banheiro no andar de cima havia um armário estreito idêntico àquele, e era lá que também guardávamos as toalhas, mas quando tentei abrir o deles, não consegui — a porta estava emperrada. Eu puxava, e nada de a porta abrir. “O que foi agora, Philip?” “Nada.” Eu não podia contar para ela. “Pegou a toalha?” “Peguei.” “Então se enxuga. E fica calmo. Você tem que ficar calmo. Não há motivo pra se preocupar.” “Eu estou calmo.” “Senta. Fica sentadinho pra se

enxugar.” Eu estava encharcado, e agora o chão estava ficando molhado também; sentei-me na privada, e foi então que me dei conta do que significava um banheiro — era a extremidade superior de um esgoto — e nesse momento senti meus olhos se encherem de lágrimas. “Não se preocupe”, Seldon gritou lá de fora, “seus pais vão chegar em casa daqui a pouco.” “Mas como é que eu vou sair daqui?” E nesse exato momento a porta se abriu — e lá estava Seldon, e atrás dele sua mãe. “Como é que você fez isso?”, perguntei. “Eu abri a porta”, ele respondeu. “Mas como?” Seldon deu de ombros. “Eu empurrei. Só isso. A porta estava aberta o tempo todo.” E foi aí que botei a boca no mundo e a sra. Wishnow me abraçou, dizendo: “Tudo bem. Essas coisas acontecem. Isso pode acontecer com qualquer um”. “Estava aberta, mãe”, disse Seldon. “Shhh”, disse ela para o filho. “Shhh. Não importa.” Ela entrou no banheiro e fechou o chuveiro — pois água fria continuava enchendo a banheira — e, sem a menor dificuldade, abriu o armário, pegou uma toalha e começou a me enxugar o cabelo, o rosto e o pescoço, dizendo em voz baixa que aquilo não tinha importância, que essas coisas aconteciam com as pessoas o tempo todo.

Mas isso foi muito antes de tudo começara dar errado.

A campanha eleitoral parlamentar começou às oito da manhã da terça-feira seguinte ao Dia do Trabalho, quando Walter Winchell subiu num caixote de madeira na esquina da Broadway com a 42nd Street — a famosa esquina em que ele anunciara sua candidatura à Presidência em cima do mesmo caixote de madeira — com exatamente a mesma aparência, e em plena luz do dia, que tinha nas fotos que o mostravam transmitindo seu programa do estúdio da NBC às nove da noite dos domingos sem paletó, camisa de mangas arregaçadas, a gravata afrouxada e, empunhado para o alto da cabeça, o chapéu de repórter durão. Poucos minutos depois, já se tomara necessária a presença de meia dúzia de membros da Polícia Montada para afastar o trânsito daquela multidão de trabalhadores que se amontoavam na rua, ansiosos para ouvi-lo e vê-lo em carne e osso. E tão logo se espalhou a notícia de que aquele orador com um megafone na mão não era apenas mais um crente chato profetizando desgraças para uma nação pecaminosa, e sim o freqüentador do Stork Club, que até recentemente fora o mais influente radialista do país e o mais temível jornalista de tablóide de Nova York, o número de espectadores passou de centenas para milhares — segundo os jomais, quase dez mil pessoas, que brotavam do metrô e dos ônibus, atraídos pelo candidato independente e por seu radicalismo.

“Oscovardes do rádio”, dizia ele, “e os amiaceiros milionários da imprensa controlados pela Casa Branca de Lindbergh dizem que Winchell foi despedido por gritar ‘Fogo!’ num cinema lotado. Meus concidadãos, a palavra em questão não foi ‘fogo’. O que Winchell gritou foi ‘fascismo’ — e essa é a palavra ainda a se gritar. Fascismo! Fascismo! E vou continuar gritando ‘fascismo’ para todas as multidões de americanos que eu encontrar até que o partido traidor de Herr Lindbergh seja varido do Congresso no dia das eleições. Os hitleristas podem amancar o microfone da minha mão, que foi, aliás, o que eles fizeram, como vocês sabem. Podem tirar de mim minha coluna no jornal, o que eles também já fizeram, como vocês sabem. E quando, Deus nos livre, a América se tomar um país fascista, a SS de Lindbergh pode me trancar num campo de concentração para que eu me cale — e isso eles também vão fazer, como vocês sabem. Eles podem

até trancar vocês num campo de concentração para que vocês se calem. E espero que a essa altura vocês já saibam disso muito bem. Mas o que os nossos hitleristas americanos não podem tirar de mim é meu amor e o de vocês por esta América. Meu amor e o de vocês pela democracia. Meu amor e o de vocês pela liberdade. O que eles não podem tirar de nós — a menos que os otários, os carneirinhos e os medrosos sejam covardes a ponto de reeleger essa tumba mais uma vez — é o poder do voto. É preciso deter o complô hitlerista contra os Estados Unidos — e quem tem de fazer isso são vocês! Vocês, meus concidadãos! Pelo poder do voto do povo desta grande cidade, que ama a liberdade, na terça-feira, 3 de novembro de 1942!

Durante todo aquele dia — 8 de setembro de 1942 — e pela noite adentro, Winchell subiu em seu caixote de madeira em todos os bairros de Manhattan — em Wall Street, onde foi ignorado pela maioria das pessoas, na Little Italy, onde gritos tentaram impedi-lo de falar, em Greenwich Village, onde foi ridicularizado, no bairro das confeitarias, onde foi ovacionado algumas vezes, no Upper West Side, onde foi recebido de braços abertos como um salvador pelos judeus eleitores de Roosevelt, e por fim no Harlem, onde, na multidão de centenas de negros que se reuniram ao entardecer para ouvi-lo falar na esquina da Lenox Avenue com a 125th Street, uns poucos riram e alguns aplaudiram, mas a maioria permaneceu numa atitude de contrariedade respeitosa, como se para conseguir vencer a antipatia daquele público fosse necessário um discurso bem diferente.

Foi difícil calcular o impacto que Winchell teve sobre os eleitores naquele dia. Para o jornal onde ele antes trabalhava, o *Daily Mirror* de Hearst, aquela tentativa de conquistar o apoio popular para a expulsão dos membros do Partido Republicano do Congresso em todo o país parecia mais um golpe publicitário do que qualquer outra coisa — um golpe publicitário egocêntrico, como era de se esperar de um colunista sensacionalista desempregado que não suportava a idéia de não ser mais o centro das atenções — particularmente porque nem mesmo um único candidato do Partido Democrata de Manhattan se aproximou do megafone de Winchell. Se já havia candidatos em campanha, eles fugiam de Winchell cada vez que ele cometia o colossal erro político de associar o nome de Adolf Hitler ao do presidente americano, cujo heroísmo o mundo continuava a idolatrar, cujas realizações até mesmo o *Führer* respeitava e que ainda era adorado por uma maioria esmagadora de americanos como o titã que trouxera paz e prosperidade à nação. Num editorial curto e sarcástico, intitulado “Lá vai ele outra vez”, o *New York Times* tirou a seguinte conclusão a respeito das “últimas patacoadas” de Winchell: “O verdadeiro talento de Walter Winchell é a autopromoção”.

Winchell dedicou um dia inteiro a cada um dos quatro outros distritos da cidade, e na semana seguinte foi a Connecticut. Embora ainda não houvesse nenhum candidato democrata disposto a associar sua campanha eleitoral à retórica inflamada de Winchell, ele continuou levando seu caixote de madeira para os portões das fábricas de Bridgeport e dos estaleiros de New London, onde inclinava o chapéu para trás, afrouxava a gravata e gritava “Fascismo! Fascismo!” na cara da multidão. Depois de comer as indústrias da costa de Connecticut, seguiu para o norte em direção aos bairros operários de Providence, depois atravessou Rhode Island e chegou às cidades industriais do sudeste de Massachusetts, onde falou a pequenos grupos nas esquinas de Fall River, Brockton e Quincy com o mesmo fervor de seu discurso inaugural na Times Square. De Quincy

partiu para Boston, onde planejava passar três dias nos bairros irlandeses de Dorchester e South Boston e no bairro italiano de North End. Porém, na sua primeira tarde na Perkins Square de South Boston, o pequeno grupo que gritava “judeu!” desde que ele saíra de Nova York — onde o prefeito republicano anti-Lindbergh, Fiorello La Guardia, sempre lhe garantira proteção policial — se transformou numa turba agressiva, munida de cartazes escritos à mão, semelhantes às faixas e placas que enfeitavam os comícios da Associação Teuto-Americana no Madison Square Garden. E no instante em que Winchell abriu a boca para falar, alguém que brandia uma cruz em chamas correu em direção ao caixote de madeira para queimá-lo e dois tiros foram dados para o alto, ou como um sinal do organizador para que tivesse início o tumulto, ou para alertar o judeu novaiorquino de que ele se tomara um homem marcado, ou pelos dois motivos. Então, naquele cenário de prédios de tijolo, lojinhas, bondes, árvores de sombra e casas pequenas, cada uma das quais encimada apenas por uma chaminé, pois a televisão ainda não existia, naquela Boston em que a Depressão jamais terminara, diante das tradicionais fachadas que sacramentam a rua central de toda cidade americana — a sorveteria, a barbearia, a farmácia — e perto da silhueta escura e pontiaguda da igreja de Santo Agostinho, vândalos armados de porretes destacaram da multidão gritando “Mata ele!”. E assim, duas semanas após ter início nos cinco distritos de Nova York, a campanha de Winchell, tal como ele a imaginara, começou para valer. Ele finalmente conseguira trazer à tona o lado grotesco do governo Lindbergh, o lado escuro da simpatia afável de Lindbergh, nu e nu.

Embora a polícia de Boston nada fizesse para conter os agressores — foi só uma hora depois dos tiros que uma radiopatrulha apareceu para examinar a cena do atentado —, o grupo de guarda-costas profissionais armados e à paisana que durante toda a viagem havia se mantido ao lado de Winchell conseguiu apagar as chamas que consumiam uma das pernas de sua calça, arancaram-no na primeira onda da multidão logo depois que os primeiros golpes o atingiram e carregaram até um carro estacionado a poucos metros dali, levando-o para o Camey Hospital em Telegraph Hill, onde foram tratados os ferimentos em seu rosto e as pequenas queimaduras na perna.

O primeiro a visitá-lo no hospital não foi o prefeito, Maurice Tobin, nem o candidato que Tobin derrotara nas eleições, o ex-governador James M. Curley (outro democrata ligado a Roosevelt que, tal como Tobin, de Walter Winchell só queria distância). Também não foi o congressista local John W. McCormack, cujo irmão, um *barman* agressivo conhecido como Knocko, dominava o bairro com tanta autoridade quanto o popular representante democrata. Para surpresa de todos, inclusive do próprio Winchell, o primeiro a visitá-lo foi um republicano aristocrático de uma tradicional família da Nova Inglaterra, Leverett Saltonstall, governador de Massachusetts em seu segundo mandato. Assim que soube que Winchell estava hospitalizado, o governador Saltonstall saiu de seu gabinete e foi manifestar pessoalmente sua preocupação a Winchell (um homem que ele certamente desprezava), prometendo investigar aquele pandemônio bem planejado, claramente premeditado e que por um triz não terminara em morte. Além disso, garantiu a Winchell que ele receberia proteção da polícia estadual — e, se necessário, da Guarda Nacional — durante todo o tempo em que durasse sua campanha em Massachusetts. E antes de sair do hospital o governador ordenou que dois soldados armados fossem colocados à



porta do quarto, a alguns metros do leito de Winchell.

O *Boston Herald* interpretou a intervenção de Saltonstall como uma manobra política cujo objetivo seria afinar-se como um conservador corajoso, honrado e dotado de espírito de justiça, um nome respeitável do partido para substituir o atual vice-presidente, o democrata Burton K Wheeler, nas eleições de 1944. Wheeler cumprira o que se exigia dele na campanha de 1940, mas sua imprudência como orador, segundo muitos republicanos, talvez comprometesse o presidente na campanha de reeleição. Numa entrevista coletiva realizada no hospital, em que foi fotografado em trajes hospitalares, metade do rosto coberto por curativos e o pé esquerdo envolto em esparadrapo, Winchell agradeceu a oferta do governador, mas recusou sua ajuda, numa mensagem (redigida, agora que ele estava sendo atacado, numa linguagem mais elegante do que seu tom febril tradicional) distribuída aos mais de vinte repórteres de rádio e da imprensa escrita que haviam se reunido em seu quarto. A mensagem começava assim: “No dia em que um candidato à Presidência dos Estados Unidos precisar de uma falange de policiais armados e membros da Guarda Nacional para proteger seu direito de liberdade de expressão, esta grande nação terá sucumbido à barbárie fascista. Não posso acreditar que a intolerância religiosa que emana da Casa Branca já tenha compungido de tal modo os cidadãos comuns que eles não tenham mais nenhum respeito por seus compatriotas que professam uma crença ou religião diferente da deles. Não posso acreditar que o ódio à minha religião compartilhado por Adolf Hitler e Charles A Lindbergh já tenha de tal modo solapado...”.

A partir daí, agitadores anti-semitas acoessaram o candidato em todos os lugares, ainda que sem sucesso em Boston, onde Saltonstall ignorou a bazófia de Winchell e enviou suas tropas para manter a ordem, utilizando a força quando necessário e prendendo os violentos; a Guarda Nacional obedeceu, ainda que com relutância. Enquanto isso — apoiando-se numa bengala por causa do pé queimado e ainda com curativos no queixo e na testa — Winchell conseguiu atrair multidões iradas que gritavam “Volta pra sua terra, judeu!” em todas as paróquias em que exibia seus estigmas aos fiéis, da igreja das Portas do Céu, em South Boston, ao mosteiro de S. Gabriel, em Brighton. Saindo de Massachusetts, em comunidades no norte do estado de Nova York, na Pensilvânia e em todo o Meio-Oeste que já eram famosas por sua intolerância — e que a estratégia explosiva de Winchell o levava a escolher por esse exato motivo —, as autoridades locais eram, na maioria, mais indulgentes do que Saltonstall com distúrbios civis, e assim, embora passasse a andar com o dobro de guarda-costas à paisana, o candidato corria o risco de ser massacrado cada vez que subia em seu caixote de madeira para denunciar “o fascista da Casa Branca” e atribuir diretamente ao “ódio religioso” do presidente a responsabilidade pelo “estímulo a uma barbárie nazista inédita nas ruas dos Estados Unidos”.

A pior e mais generalizada manifestação de violência ocorreu em Detroit, sede da Frente Cristã do padre Coughlin, que fazia pregações anti-semitas em seus programas radiofônicos, e do popular pastor conhecido como “o decano dos anti-semitas”, o reverendo Gerald I. k. Smith, o qual afirmava que “o caráter cristão é a verdadeira base do verdadeiro americanismo”. Detroit, claro, era também a sede da indústria automobilística americana e a base do secretário do Interior de Lindbergh, o velho Henry Ford, cujo jornal abertamente anti-semita, o *Dearborn Independent*, lançado nos anos 20, se dedicava a “uma investigação da Questão Judaica”; os textos

foram posteriormente publicados em forma de livro, em quatro volumes, num total de quase mil páginas, intitulado *O judeu internacional*. Nessa obra, Ford afirmava que era preciso limpar a América, e que “o judeu internacional e seus satélites, como inimigos conscientes de tudo que os anglo-saxões entendem por civilização, não devem ser poupados”.

Era de se esperar que organizações como a União Americana das Liberdades Cíveis e jornalistas liberais eminentes como John Gunther e Dorothy Thompson se indignassem com os tumultos de Detroit e imediatamente viessem a público manifestar seu repúdio, mas muitos americanos convencionais de classe média, que sentiam repugnância por Walter Winchell e sua retórica e achavam que ele estava “procurando encrenca”, também se horrorizaram com os relatos de testemunhas, segundo as quais a confusão que tivera início na primeira parada de Winchell, em Hamtramck (bairro habitado por trabalhadores da indústria automobilística, onde supostamente havia a maior população polonesa depois de Varsóvia), se espalhou em poucos minutos, de modo suspeito, até a 12<sup>th</sup> Street e o Dexter Boulevard. Ali, no maior bairro judeu da cidade, lojas foram saqueadas e vitrines quebradas; judeus foram impedidos de entrar em seus estabelecimentos e espancados; cruzes embebedas de querosene foram incendiadas nos gramados de casas elegantes do Chicago Boulevard e diante de modestos sobrados habitados por pintores de paredes, encanadores, açougueiros, vendedores de objetos usados e merceiros, na Webb Street e na Tuxedo Street, e nos pequenos quintais de terra batida onde viviam os judeus mais pobres, na Pingry e na Euclid. No meio da tarde, momentos antes de terminarem as aulas nas escolas, uma bomba incendiária foi jogada no saguão da escola primária Winterhalter, onde cinquenta por cento dos alunos eram judeus; outra bomba foi lançada no saguão do colégio secundário Central, com noventa e cinco por cento de alunos judeus; uma terceira bomba entrou pela janela do Instituto Sholem Aleichem — uma organização cultural que fora absurdamente rotulada de comunista por Coughlin — e uma quarta explodiu perto de outra instituição tachada de “comunista” pelo padre, a Aliança de Trabalhadores Judeus. Depois vieram os ataques aos templos. Além de serem quebradas as janelas e conspurcadas as paredes de cerca de metade das trinta e tantas sinagogas ortodoxas da cidade, na hora em que começariam os serviços religiosos vespertinos houve uma explosão na escada do prestigiado templo Shaarey Zedek, no Chicago Boulevard. A bomba danificou bastante o elemento exótico incorporado à estrutura mourisca pelo arquiteto Albert Kahn — três grandes portas em arco que exibiam a uma população operária um estilo nada americano. Cinco passantes, nenhum deles judeu, foram feridos por pedaços de entulho que desabaram da fachada, mas fora isso não houve vítimas.

Quando a noite desceu, centenas dos trinta mil judeus da cidade haviam fugido, atravessando o rio Detroit, para Windsor, Ontário, e a história americana registrara seu primeiro pogrom em grande escala, claramente inspirado nas “demonstrações espontâneas” contra os judeus alemães que se tomaram conhecidas como a Kristallnacht, “a noite dos vidros quebrados”, cujas atrocidades tinham sido planejadas e perpetradas pelos nazistas quatro anos antes e defendidas na época pelo padre Coughlin em seu tablóide semanal, *Social Justice*, como uma reação dos alemães contra “o comunismo de inspiração judaica”. A Kristallnacht de Detroit foi justificada nos mesmos termos no editorial do *Detroit Times* como uma reação infeliz, porém inevitável e perfeitamente compreensível, às atividades do provocador identificado pelo jornal

como “um demagogo judeu que desde o início teve como objetivo provocar a raiva de patriotas americanos com seu discurso populista insidioso”.

Na semana seguinte ao ataque contra os judeus de Detroit em setembro — ataque que não foi coibido com eficiência nem pelo governador de Michigan nem pelo prefeito da cidade —, ocorreram outros episódios de violência contra residências, lojas e sinagogas nos bairros judaicos de Cleveland, Cincinnati, Indianápolis e St. Louis, episódios que, segundo os inimigos de Winchell, teriam sido provocados por sua aparição proposital naquelas cidades após o cataclismo por ele causado em Detroit. Winchell, por sua vez — que em Indianápolis por um triz não foi esmagado por uma pedra de calçamento jogada de um telhado, a qual quebrou o pescoço de um guarda-costas que estava a seu lado —, atribuía os acontecimentos ao “clima de ódio” que emanava da Casa Branca.

Na nossa rua em Newark, a centenas de quilômetros do Dexter Boulevard, ninguém jamais estivera em Detroit, e antes de setembro de 1942 tudo que os meninos da vizinhança sabiam a respeito dessa cidade era que o único jogador de beisebol profissional judeu, Hank Greenberg, era a principal estrela dos Tigers, um time de lá. Mas depois dos tumultos anti-Winchell, até mesmo as crianças passaram a saber de cor o nome dos bairros de Detroit que haviam sido palco das cenas de violência. Repetindo o que os pais diziam, ficavam a discutir se Walter Winchell era corajoso ou imprudente, altruísta ou oportunista, se estava ou não fazendo exatamente o que Lindbergh queria, permitindo que os cristãos se convencessem de que os judeus eram responsáveis por seu próprio sofrimento. Discutiam se não seria melhor — antes que ocorresse um *pogrom* em escala nacional — Winchell desistir de sua campanha para que voltassem a se “normalizar” as relações entre os judeus e os demais americanos, ou se a longo prazo não seria melhor que ele continuasse a alertar os judeus mais complacentes da nação — e a despertar a consciência dos cristãos —, dramatizando a ameaça do anti-semitismo por todo o país. Acaminho da escola, no *playground* depois das aulas, entre uma e outra aula nos corredores da escola, os meninos mais inteligentes, uns da idade de Sandy, outros tão pequenos quanto eu, discutiam com empolgação se a campanha nacional de Walter Winchell, que do alto de seu caixote de madeira fazia que saíssem das sombras os membros da Associação Teuto-Americana, os partidários do padre Coughlin, os militantes da Ku Klux Klan, os Camisas de Prata, os seguidores da América em Primeiro Lugar, da Legião Negra e do Partido Nazista Americano, se a campanha de Winchell, ao fazer esses anti-semitas organizados e seus milhares de simpatizantes invisíveis revelarem sua verdadeira natureza — e também a verdadeira natureza do presidente, chefe do Poder Executivo e comandante das Forças Armadas, que até então não havia se dado ao trabalho de reconhecer que havia uma situação de emergência em todo o país, quanto mais de chamar tropas federais para impedir que outros tumultos acontecessem —, era boa ou má para os judeus.

Depois de Detroit, a população judaica de Newark — cerca de cinquenta mil pessoas numa cidade com mais de meio milhão de habitantes — começou a se preparar para a possibilidade de que cenas de violência irrompessem em suas ruas, ou porque Winchell poderia passar por Nova Jersey ao voltar para o leste, ou porque inevitavelmente ocorreriam tumultos em cidades que, como Newark, tinham um bairro judaico populoso perto de comunidades operárias numerosas habitadas por irlandeses, italianos, alemães e eslavos, onde já havia muitos anti-semitas. Tudo

indicava que essa gente não precisaria de muito incentivo para ser transformada numa turba cega e destruidora pela conspiração pró-nazista que planejara com sucesso os distúrbios de Detroit.

Quase que da noite para o dia, o rabino Joachim Prinz, juntamente com outros cinco eminentes judeus de Newark — entre eles Meyer Ellenstein —, fundaram a Comissão de Cidadãos Judeus Preocupados de Newark. Rapidamente a organização se tomou um modelo para outros grupos civis de judeus formados em outras grandes cidades e decididos a garantir a segurança de suas comunidades, levando as autoridades a se prepararem para as piores eventualidades. A comissão de Newark começou promovendo uma reunião na prefeitura — presidida pelo próprio prefeito Murphy, cuja eleição pusera fim aos oito anos de governo de Ellenstein — da qual participaram o chefe de polícia, o comandante do corpo de bombeiros e o diretor do departamento de Segurança Pública da cidade. No dia seguinte, a comissão se reuniu na sede do governo estadual em Trenton com o governador democrata, Charles Edison, o superintendente da polícia estadual de Nova Jersey e o oficial comandante da Guarda Nacional de Nova Jersey. O secretário da justiça Wilentz, que era conhecido dos seis membros da comissão, também estava presente e, segundo o boletim que a comissão enviou aos jomais do estado, teria garantido ao rabino Prinz que qualquer pessoa que tentasse atacar os judeus de Newark seria punida com todo o rigor da lei. Em seguida, a comissão enviou um telegrama ao rabino Bengelsdorf solicitando uma reunião com ele em Washington, porém foi informada de que o problema em questão era da alçada local e não federal; assim, deviam se dirigir, como já estavam fazendo, às autoridades estaduais e municipais.

Enquanto os defensores do rabino Bengelsdorf o elogiavam por não se envolver com os sórdidos acontecimentos ligados a Walter Winchell, na surdina, em conversas particulares na Casa Branca com a primeira-dama, eles insistiam para que fosse dada ajuda aos judeus e aos inocentes de todo o país que estavam pagando de maneira trágica pela conduta infame do candidato renegado, um provocador cínico que despertava as inquietações mais antigas e pavorosas em cidadãos americanos que não tinham nenhum motivo para se sentir perseguidos. Os defensores de Bengelsdorf, que constituíam um grupo pequeno mas influente, provinham dos mais altos escalões da população judaica assimilada de origem alemã. Muitos deles eram membros de famílias ricas e haviam sido os primeiros judeus a freqüentar escolas secundárias e universidades de elite, onde, por serem poucos, tinham se misturado aos gentios, com quem posteriormente formaram alianças comunitárias, políticas e comerciais, às vezes parecendo ser aceitos por eles como iguais. Para esses judeus privilegiados, não havia nada de suspeito nos programas preparados pela agência do rabino Bengelsdorf para auxiliar judeus mais pobres e menos instruídos, fazendo-os conviver de modo mais harmônico com seus compatriotas cristãos. O que eles julgavam uma infelicidade era a existência de judeus como nós, que continuavam a se amontoar em cidades como Newark, movidos por uma xenofobia gerada por pressões históricas que já não existiam. O *status* conferido por privilégios econômicos e profissionais levava-os a crer que os judeus desprovidos de prestígio eram rejeitados pela sociedade maior mais por se fecharem em comunidades insulares do que por ter a maioria cristã quaisquer sentimentos de exclusão contra eles; assim, bairros como o nosso seriam menos o resultado da discriminação do que a sua própria causa. Eles admitiam, naturalmente, que havia bolsões de pessoas atrasadas nos Estados Unidos,

entre as quais o anti-semitismo vinulento ainda era a paixão mais forte e obsessiva; mas isso se transformava em mais uma razão para que o diretor da AAA incentivasse judeus limitados por uma vida segregada no gueto a pelo menos permitir que seus filhos se integrassem ao restante da população do país, mostrando-lhes que eles nada tinham a ver com a caricatura dos judeus disseminada por nossos inimigos. Se esses judeus ricos, sofisticados e autoconfiantes tinham horror a Winchell e à espécie de auto-caricatura que ele encarnava, era porque Winchell deliberadamente reforçava a hostilidade que eles julgavam atenuar com seu comportamento exemplar em relação a seus colegas e amigos cristãos.

Além do rabino Prinz e do ex-prefeito Ellenstein, estavam na comissão de Newark uma velha líder comunitária, responsável pelo sucesso dos programas de americanização dirigidos a filhos de imigrantes na rede escolar de Newark, e esposa do principal cirurgião do hospital Beth Israel, Jenny Danzi; um executivo da loja de departamentos S. Plaut & Co., que era também filho do fundador e estava em seu décimo mandato como presidente da Associação da Broad Street, Moses Plaut; um líder comunitário importante, maior proprietário de imóveis da cidade e ex-presidente da Conferência de Instituições de Caridade Judaicas de Newark, Michael Stavitsky; e o chefe da equipe médica do Beth Israel, o dr. Eugene Parsonette. Ninguém estranhou que o principal gângster de Newark, Longy Zwillman, não tivesse sido convidado a participar de um grupo de judeus locais tão eminentes, embora Longy fosse rico e muitíssimo influente, e estivesse tão preocupado quanto o rabino Prinz com a ameaça representada pelos anti-semitas que, tomando as provocações de Walter Winchell como pretexto, haviam dado início ao que muitos julgavam ser a primeira fase da solução da “questão judaica” formulada por Henry Ford.

Longy resolveu por conta própria, sem nenhum contato com as muitas autoridades civis que haviam prometido ao rabino Prinz total colaboração, certificar-se de que, se os policiais da cidade e as tropas estaduais fossem tão ausentes em caso de tumultos em Newark quanto haviam sido as autoridades de Boston e Detroit, os judeus da cidade não ficariam desprotegidos. O “Bala” Apfelbaum, que todos na cidade sabiam ser o braço amado de Longy e que também era o irmão mais velho de Niggy Apfelbaum, foi escolhido por Longy para suplementar o trabalho da Comissão de Cidadãos Judeus Preocupados de Newark, recrutando aquele punhado de rapazes judeus inconfundíveis que não haviam conseguido terminar o secundário para transformá-los num grupo de voluntários formado a toque de caixa, denominado Polícia Provisória Judaica. Eram rapazes do bairro isentos dos ideais que tinham sido assimilados pelos demais jovens, rapazes que desde a quinta série já tinham um certo ar de fora-da-lei, que inflavam camisas-de-vênus no banheiro da escola, provocavam brigas no ônibus I4 e se atracavam até sangrar na calçada de concreto em frente aos cinemas; rapazes que, no tempo em que ainda estavam na escola, eram apontados como más companhias pelos pais das outras crianças e que agora, já com mais de vinte anos, trabalhavam na contravenção, jogavam sinuca e lavavam pratos nos restaurantes do bairro. De modo geral, eram conhecidos apenas por seus apelidos expressivos, imbuídos da magia do ilícito — Leo Nusbaum, vulgo “Leão”; Kimmelman, o “Soco-inglês”; Geny Schwartz, o “Grandalhão”; Breitbar, o “Bobão”; Duke Glick, o “Te-pego-lá-fora” — e por seus Q.I.s de dois dígitos.

Agora havia um deles de plantão a cada duas esquinas do bairro, os fracassados da vizinhança, cuspidos por entre os dentes e acertando o bueiro com pontaria perfeita, trocando sinais através de

assobios com os dedos enfiados na boca. Lá estavam eles, os casos perdidos, os obtusos, os deficientes mentais, os marginais do mundo judeu, andando pelas ruas como marinheiros licenciados à procura de briga. Lá estavam eles, aquele punhado de desmiolados que havíamos aprendido a encarar com um misto de pena e medo, os palemas primitivos, os fracos abusados, os halterofilistas arrogantes, abordando pimalhos como eu em plena Chancellor Avenue para nos dizer que devíamos estar sempre com nossos tacos de beisebol à mão, pois a qualquer momento poderíamos ser chamados no meio da noite para ir às ruas, rondando a Associação Hebraica de Moços à noite e os campos de esportes aos domingos e as lojas do bairro durante a semana, recrutando homens fortes entre os adultos da vizinhança para formar um esquadrão de três em cada quarteirão, a ser acionado em caso de emergência. Esses rapazes encamavam tudo o que havia de grosseiro e desprezível que nossos pais queriam deixar para trás, juntamente com a pobreza de sua infância nos guetos da Third Ward; e no entanto eis que aqueles demônios agora haviam se transformado em nossos guardiões, cada um com um revólver carregado na cintura, amas emprestadas pelo “Bala” Apfelbaum, o qual, como todos sabiam, havia dedicado toda sua vida à tarefa de intimidar as pessoas em nome de Longy, ameaçando, espancando, torturando e — embora, imitando seu chefe, que tinha tranqüilamente dez quilos a menos e trinta centímetros a mais que ele, o “Bala” jamais fosse visto em público sem estar de terno e colete, ostentando no bolso um lenço de seda cuidadosamente dobrado da mesma cor que a gravata, com um chapéu caro de aba larga puxado para a frente, até quase ocultar aquele olhar pouco generoso, de quem julgava a natureza humana com muitíssima severidade — matando, se tal fosse a vontade de seu chefe.

Se a morte de Walter Winchell ganhou cobertura nacional imediata, não foi apenas por ter sua campanha política heterodoxa despertado a pior onda de anti-semitismo violento ocorrida fora da Alemanha nazista em todo o século, mas também porque nos Estados Unidos nenhum mero candidato à Presidência jamais fora assassinado. Os presidentes Lincoln e Garfield tinham sido mortos na segunda metade do século XIX e McKinley no início do século XX, e em 1933 Franklin Delano Roosevelt sobrevivera a um atentado que resultara na morte de seu aliado no Partido Democrata, Anton Cermak, prefeito de Chicago; somente vinte e seis anos depois do assassinato de Winchell outro candidato à Presidência da República seria morto — Robert Kennedy, senador democrata de Nova York, que levou um tiro fatal na cabeça depois de vencer as primárias do Partido Democrata na Califórnia numa terça-feira, 4 de junho de 1968.

Numa segunda-feira, 5 de outubro de 1942, eu estava em casa sozinho depois das aulas ouvindo, no rádio da sala, o final do quinto jogo do campeonato de beisebol, entre os Cardinals e os Yankees, quando, no início da última entrada, com o jogo empatado em 2 a 2 e os Cardinals prontos para assumir a ofensiva — eles estavam ganhando o campeonato por três jogos a um —, a transmissão foi interrompida por uma voz de dicção perfeita, levemente britânica, que era a mais valorizada entre os comentaristas esportivos durante os primeiros anos da era do rádio: “Interrompemos este programa para trazer a nossos ouvintes um boletim especial. O candidato à Presidência da República Walter Winchell foi assassinado. Repetindo: Walter Winchell morreu.

Foi assassinado em Louisville, Kentucky, durante um comício político ao ar livre. Isso é tudo que se sabe no momento a respeito do assassinato do candidato à Presidência da República Walter Winchell, ocorrido em Louisville. Voltamos a nossa programação normal.

Faltava pouco para as cinco da tarde. Meu pai tinha acabado de sair para o trabalho no caminhão do tio Monty, minha mãe tinha ido até a Chancellor Avenue fazer uma pequena compra para o jantar e meu obsessivo irmão estava em busca de um local onde pudesse continuar a importunar uma garota até que ela lhe concedesse acesso a seus seios. Ouvi berros na rua, depois um grito vindo de uma casa vizinha, mas o jogo voltara a ser transmitido e o suspense era tremendo: Red Ruffing atremessava a bola para o terceira-base Whitey Kurowski, recém-contratado pelos Cardinals; o receptor Walker Cooper estava na primeira base, tendo marcado seis pontos em cinco jogos; e os Cardinals precisavam apenas de mais essa vitória para conquistar o campeonato. Rizzuto havia marcado um *home run* para os Yankees; Eno Slaughter fizera o mesmo para os Cardinals; e, como os pequenos torcedores histeriônicos gostam de dizer, eu “sabia”, antes mesmo de Ruffing fazer seu primeiro arremesso, que Kurowski ia marcar mais um *home run* para os Cardinals, que obteriam assim sua quarta vitória consecutiva depois de terem perdido o primeiro jogo do campeonato. Eu estava doido para sair correndo aos gritos: “Eu sabia! Eu sabia! Tinha que ser o Kurowski!”. Mas quando Kurowski fez seu *home run*, o jogo terminou e saí pela porta fora correndo a toda velocidade, vi dois membros da polícia judaica — Gery Grandalhão e Duke Glick — correndo de um lado a outro da rua, batendo nas portas e gritando nos becos: “Mataram o Winchell! Mataram o Winchell!”.

Enquanto isso, havia mais garotos saindo de casa correndo, excitadíssimos com o jogo. Porém, assim que chegavam à rua gritando o nome de Kurowski, o Grandalhão berrava com eles: “Peguem seus sacos! A guerra começou!”. E não estava falando sobre a guerra contra a Alemanha.

Ao cair da tarde, não havia uma única família judia em nossa rua que não estivesse fechada em casa, com trancas duplas nas portas, os rádios ligados o tempo todo para escutar os últimos boletins, todo mundo telefonando pra todo mundo, dizendo que Winchell não fizera nenhum comentário inflamável para o público de Louisville; na verdade, começara seu discurso com o que não podia ser outra coisa senão um apelo direto ao amor-próprio cívico da população: “Meus concidadãos de Louisville, Kentucky, moradores orgulhosos desta cidade dos Estados Unidos onde se realiza a maior corrida de cavalos do mundo, terra natal do primeiro membro judeu do Supremo Tribunal dos Estados Unidos...”, e no entanto, antes que tivesse tempo de pronunciar o nome de Louis D. Brandeis, foi demorado por três tiros que lhe acertaram a cabeça por trás. Um segundo boletim, transmitido logo depois, informou que o assassinato ocorrera a poucos metros de um dos mais belos prédios municipais em estilo neogrego de todo o Kentucky, o Fórum do Condado de Jefferson, com uma imponente estátua de Thomas Jefferson voltada para a rua e uma escadaria ampla e comprida que conduzia ao pórtico, ornado com colunas grandiosas. Os tiros que mataram Winchell, ao que parecia, haviam partido de uma das janelas da frente do fórum, janelas amplas, austeras, de proporções perfeitas.

Minha mãe começou a dar telefonemas assim que chegou das compras. Eu a aguardava junto à porta para lhe dar a notícia logo que ela chegasse, mas ela já estava sabendo do pouco que havia para saber, primeiro porque a mulher do açougueiro tinha telefonado para a loja, dando ao

marido a notícia transmitida no primeiro boletim no momento exato em que ele embullhava a carne comprada por minha mãe; além disso, ela percebera a confusão que reinava nas ruas, onde as pessoas corriam para casa a fim de se proteger. Não conseguindo contatar meu pai, cujo caminhão ainda não havia chegado ao mercado, ela naturalmente começou a se preocupar com meu irmão, que mais uma vez estava esticando seu prazo e que talvez só voltasse correndo pela escada dos fundos segundos antes da hora combinada para o jantar, ainda a tempo de lavar das mãos a sujeira do dia e do rosto o batom das garotas. Era o pior momento possível para os dois estarem fora de casa sem que minha mãe soubesse exatamente onde, mas sem sequer parar para guardar as compras ou manifestar sua preocupação, ela me disse: “Pega o mapa. Pega o seu mapa da América”.

Havia um mapa grande da América do Norte, dobrável, num bolso interno da contracapa de um dos volumes da enciclopédia que compramos de um vendedor ambulante no ano em que entrei na escola primária. Comi para a varanda, onde, entre os suportes de livro de latão com a efigie de George Washington que meu pai comprara em Mount Vernon, ficava toda a nossa biblioteca: a enciclopédia de seis volumes; um exemplar da Constituição Federal encadernado em couro, presente da Metropolitan Life; e o dicionário Webster’s que tia Evelyn dera a Sandy quando ele fez dez anos. Abri o mapa sobre o oleado da mesa da cozinha, e minha mãe — usando a lupa que meus pais me deram quando completei sete anos, juntamente com meu inesquecível e insubstituível álbum de selos — começou a procurar o pontinho minúsculo na região centro-norte de Kentucky que era a cidade de Danville.

Instantes depois, nós dois estávamos de volta à mesinha do telefone no corredor, acima da qual havia mais um dos prêmios que meu pai recebera como vendedor de seguros — uma reprodução da Declaração de Independência, gravada em cobre e emoldurada. No condado de Essex só existia telefone automático havia dez anos no máximo, e provavelmente um terço da população de Newark não possuía telefone de espécie alguma — a maior parte das pessoas que tinham compartilhava a linha com outras famílias, como nós — e um interurbano ainda era um fenômeno maravilhoso, não apenas por ser um evento extraordinário para uma família com a nossa faixa de renda mas também porque nenhuma explicação tecnológica, por mais elementar que fosse, era capaz de abolir por completo a aura de magia.

Minha mãe falou da maneira mais clara possível com a telefonista, para que não houvesse nenhuma possibilidade de engano e depois não nos fizessem nenhuma cobrança extra. “Telefonista, quero fazer uma ligação interurbana de pessoa a pessoa. Para Danville, Kentucky. Uma ligação de pessoa a pessoa para a senhora Selma Wishnow. E, por favor, telefonista, quando se completarem os três minutos, não esqueça de me avisar.”

Houve uma longa pausa, enquanto a telefonista procurava o número na lista. Quando minha mãe finalmente ouviu a ligação se completar, fez sinal para que eu colocasse o ouvido perto do dela e não dissesse nada.

“Alô”, disse Seldon, muito animado.

Telefonista: “Interurbano de pessoa a pessoa para a senhora Selma Wisful”.

“Hã”, murmura Seldon.

“Quem fala é a senhora Wisful?”

“Alô? Minha mãe não está em casa no momento.”



Telefonista: “Estou fazendo uma ligação para a senhora Selma Wisful...”

“Wishnow”, grita minha mãe. “Wish-now.”

“Quem é?”, diz Seldon. “Quem é que está ligando?”

Telefonista: “Mocinha, sua mãe está em casa?”

“Eu sou um garoto”, retruca Seldon. Desconcertado. Mais um golpe. É um depois do outro. Mas é verdade, sua voz parece feminina, está mais aguda ainda do que no tempo em que ele morava no andar de baixo do nosso prédio. “Minha mãe ainda não chegou do trabalho”, explica Seldon.

Telefonista: “A senhora Wishnow não está, minha senhora”.

Minha mãe olha para mim e pergunta: “O que é que pode ter acontecido? O menino está sozinho. Onde ela pode estar? Sozinho em casa. Telefonista, eu falo com qualquer um”.

Telefonista: “Pode falar, senhor”.

“Quem é?”, indaga Seldon.

“Seldon, é a senhora Roth. De Newark”

“Senhora Roth?”

“É. Estou fazendo uma ligação interurbana para falar com a sua mãe.”

“De Newark?”

“Você sabe quem eu sou.”

“Mas parece que a senhora está aqui mesmo na rua.”

“É, mas não estou, não. Isto é uma ligação interurbana. Seldon, onde está sua mãe?”

“Estou fazendo um lanche. Estou esperando ela chegar do trabalho. Estou comendo uns biscoitos de figo. E tomando leite.”

“Seldon...”

“Estou esperando a mamãe chegar do trabalho — ela trabalha até tarde. Ela sempre trabalha até tarde. Eu fico esperando. Às vezes faço um lanche...”

“Seldon, pára aí onde você está. Pára de falar só um momento.”

“E aí ela chega em casa e faz jantar. Mas ela chega tarde toda noite.”

Nesse ponto minha mãe se vira para mim e faz menção de me entregar o fone. “Fala com ele. Quando eu falo, ele não me ouve.”

“Falar o quê?”, retruco, rejeitando o fone.

“O Philip está aí?”, pergunta Seldon.

“Um minutinho, Seldon”, diz minha mãe.

“O Philip está aí?”, ele repete.

Minha mãe me diz: “Pega o telefone, por favor”.

“Mas o que é que eu digo?”, pergunto.

“Pega o telefone, só isso”, epõe o fone numa das minhas mãos e levanta o microfone para que eu o segure com a outra.

“Oi, Seldon?”, eu digo.

Num tom hesitante, como se não pudesse acreditar, ele responde: “Philip?”.

“É. Oi, Seldon.”

“Ih, você sabe que eu não tenho nenhum amigo na escola?”

Eu explico: “Agente quer falar com a sua mãe”.

“Minha mãe está no trabalho. Ela trabalha até tarde toda noite. Eu estou fazendo um lanche. Estou comendo uns biscoitos de figo e tomando um copo de leite. Daqui a uma semana mais ou menos vai ser o meu aniversário, e a minha mãe disse que eu posso dar uma festa...”

“Seldon, espera um minuto.”

“Mas eu não tenho nenhum amigo.”

“Seldon, eu preciso perguntar uma coisa pra minha mãe. Espera aí.” Tapando o microfone com a mão, eu cochicho: “Mas o que é que eu digo pra ele?”

Minha mãe responde, também cochichando: “Pergunta se ele está sabendo o que aconteceu hoje em Louisville”.

“Seldon, minha mãe quer saber se você sabe o que aconteceu hoje em Louisville.”

“Eu moro em Danville. Danville, Kentucky. Estou só esperando minha mãe chegar em casa. Estou fazendo um lanche. Aconteceu alguma coisa em Louisville?”

“Só um minuto, Seldon”, eu digo. “E agora?”, cochicho pra minha mãe.

“Continua falando com ele, por favor. Fica falando, só isso. E se a telefonista disser que ostrês minutos passaram, você me avisa.”

“Porque é que você ligou?”, pergunta Seldon. “Vocês vem aqui me visitar?”

“Não.”

“Lembra o dia que eu salvei a sua vida?”, pergunta ele.

“Lembro, sim.”

“Ih, que horassão aí? Você está em Newark? Na Summit Avenue?”

“Agente já disse que está.”

“O som está muito bom, não é? É como se você estivesse aqui mesmo no meu quarto. Eu queria que você viesse fazer um lanche comigo, e aí você podia ficar até o meu aniversário na semana que vem. Eu não tenho nenhum amigo pra convidar pra minha festa de aniversário. Não tem ninguém pra jogar xadrez comigo. Estou aqui praticando a abertura sozinho. Você se lembra da minha abertura? Eu saio com o peão que fica na frente do rei. Lembra que eu tentei ensinar você? Eu saio com o peão do rei, lembra? Aí eu saio com o bispo, depois com o cavalo, depois com um outro cavalo — e você lembra o que a gente faz quando não tem nenhuma peça entre o rei e uma das torres? Quando eu ando duas casas com o rei pra proteger ele?”

“Seldon...”

Minha mãe sussurra: “Diz que está com saudade dele”.

“Mãe”, exclamo.

“Diz, Philip.”

“Estou com saudade de você, Seldon.”

“Então quer fazer um lanche comigo? Porque parece... Você está aqui mesmo no meu quarto?”

“Não, é uma ligação interurbana.”

“Que horassão aí?”

“São... mais ou menos dez pras seis.”

“Ah, aqui também é dez pras seis. Minha mãe devia ter chegado mais ou menos às cinco.”

Cinco emeia no máximo. Teve uma noite que ela chegou às nove.”

“Seldon”, interrompo, “você sabia que mataram o Walter Winchell?”

“Quem é ele?”, Seldon pergunta.

“Deixa eu terminar. O Walter Winchell foi assassinado em Louisville, no Kentucky. No seu estado. Hoje.”

“Que pena. Quem é ele?”

Telefonista: “Ostrês minutos terminaram, senhor”.

“É o seu tio?”, pergunta Seldon. “É aquele seu tio que ia visitar você? Foi ele que morreu?”

“Não, não”, respondo, e de repente me ocorre que parece que foi ele, sozinho agora lá em Kentucky, quem levou um coice na cabeça. Ele parece estupefato. Abobalhado. Um *bobo*. E no entanto era o garoto mais inteligente da nossa turma.

Minha mãe pega o fone. “Seldon, aqui é a senhora Roth. Quero que você escreva uma coisa.”

“Está bem. Tenho que achar um pedaço de papel. E um lápis”

Espera. Espera. “Seldon?”, chama minha mãe.

Mais espera.

“Ok”, diz ele.

“Seldon, escreve o que vou dizer. Esse telefonema está ficando muito caro.”

“Desculpa, senhora Roth. É que eu não estava conseguindo achar nenhum lápis aqui em casa. Eu estava na mesa da cozinha. Eu estava fazendo um lanche.”

“Seldon, escreve que a senhora Roth...”

“Ok”

“...telefonou de Newark”

“De Newark. Ah, eu queria ainda estar morando em Newark, aí no andar de baixo. A senhora sabe, eu salvei a vida do Philip.”

“A senhora Roth telefonou de Newark para saber...”

“Espera aí. Estou escrevendo.”

“...para saber se está tudo bem.”

“Por quê, tem alguma coisa que não está bem? Quer dizer, o Philip está bem. E a senhora está bem. O senhor Roth está bem?”

“Está, sim, obrigada, Seldon. Diga a sua mãe que foi por isso que eu liguei. Por aqui está tudo bem, não precisa se preocupar.”

“E era pra eu me preocupar com alguma coisa?”

“Não. Pode fazer o seu lanche.”

“Acho que já comi muito biscoito de figo, mas obrigada assim mesmo.”

“Até logo, Seldon.”

“Mas eu gosto de biscoito de figo.”

“Até logo, Seldon.”

“Senhora Roth?”

“Sim?”

“O Philip vem me visitar? É que semana que vem é meu aniversário e eu não tenho ninguém pra convidar pra minha festa de aniversário. Eu não tenho nenhum amigo em Danville. Os garotos

aqui me chamam de Saltine. Eu tenho de jogar xadrez com um garoto que tem só seis anos de idade. Ele mora aqui do lado. Ele é o único que eu posso jogar xadrez. Só um garoto. Fui eu que ensinei a ele. Às vezes ele faz umas jogadas que não pode fazer. Ou então ele anda com a dama e eu digo a ele que ele não devia fazer isso. Eu sempre ganho, mas não tem graça. Mas não tem nenhuma outra pessoa pra jogar comigo.”

“Seldon, está difícil pra todo mundo. Agora está difícil pra todo mundo. Até logo, Seldon.”  
Minha mãe pôs o fone no gancho e começou a chorar.

Alguns dias antes, em 10 de outubro, os dois apartamentos da Summit Avenue que haviam sido deixados vagos em setembro pelos “colonizadores de 1942” — o de Seldon e o de uma família do outro lado da rua, quase em frente — foram ocupados por famílias italianas oriundas da First Ward. Na verdade, elas tinham sido encaminhadas para aqueles novos endereços por decreto governamental, ainda que com o incentivo sedutor de um desconto de quinze por cento no preço do aluguel (o que equivalia a seis dólares e trinta e sete centavos sobre um total de quarenta e dois e cinquenta) por um período de cinco anos, sendo o dinheiro pago diretamente aos proprietários pelo Departamento do Interior durante os três anos do contrato inicial e nos dois primeiros anos da renovação do contrato por mais três anos. Esses detalhes, que constavam de um trecho do plano de colonização que não fora divulgado anteriormente, chamado Projeto Boa Vizinhaça, tinha o propósito de atrair um número cada vez maior de moradores gentios para os bairros predominantemente judeus, “enriquecendo” desse modo a “americanidade” de todos os envolvidos. O que se ouvia lá em casa, porém — e às vezes até na escola, dito pelos professores —, é que o verdadeiro objetivo do Projeto Boa Vizinhaça, tal como o do Gente como a Gente, era enfraquecer a solidariedade da estrutura social judaica, bem como diminuir a força eleitoral das comunidades judias em eleições locais e parlamentares. Se o deslocamento de famílias judias e sua substituição por famílias gentias seguissem o cronograma do plano da agência, era bem provável que se criasse uma maioria cristã em pelo menos metade das vinte cidades com maior população judaica do país já no início do segundo mandato de Lindbergh; desse modo, a Questão Judaica americana estaria resolvida em breve, de uma maneira ou de outra.

A família escolhida para morar embaixo do nosso apartamento — mãe, pai, filho e avó — chamava-se Cucuzza. Como meu pai trabalhara anos vendendo apólices na First Ward, onde os clientes cujos pagamentos minúsculos ele recolhia todo mês eram quase todos italianos, ele já conhecia os novos moradores; assim, quando chegou do trabalho na manhã seguinte ao dia em que o sr. Cucuzza, que era vigia, trouxe de caminhão os objetos da família de sua residência anterior, um apartamento sem água quente num cortiço que ficava numa rua transversal perto do cemitério do Santo Sepulcro, meu pai foi direto ao apartamento de baixo para ver se, embora estivesse sem temo e gravata e com as mãos sujas, a velha avó o reconheceria como o agente de seguros que vendera a seu marido a apólice que proporcionara à família os recursos necessários para enterri-lo quando ele morreu.

Os “outros” Cucuzza (parentes dos “nossos”, que também haviam se mudado de um apartamento sem água quente na First Ward para um prédio do outro lado da rua) eram uma

família maior — três filhos, uma filha, pai e mãe e um avô — e vizinhos potencialmente mais banulhentos e mais importunos. Através do avô e do pai, tinham ligações com Ritchie Boiardo, o “Bota”, o gângster que mandava nos bairros italianos de Newark e único rival sério de Longy, que monopolizava o submundo da cidade. Era bem verdade que o pai, Tommy, não passava de um entre muitos paus-mandados, e que, tal como seu pai já aposentado, trabalhava como garçom no Vittorio Castle, o restaurante popular de propriedade de Boiardo, quando não estava fazendo a ronda dos botequins, barbeiros, bordéis, colégios e *bonbonnières* dos guetos da Third Ward para recolher ostrocados dos negros que jogavam todo dia na loteria ilegal. Não por motivos religiosos, os outros Cucuzza não eram o tipo de vizinho que meus pais queriam perto de seus filhos ainda pequenos e impressionáveis, e para nos tranquilizar no café-da-manhã de domingo meu pai explicou que teria sido muito pior se tivesse vindo morar no nosso prédio o homem da contravenção com seus três filhos, em vez do vigia cujo filho, Joey, um menino de onze anos que fora recentemente matriculado no colégio de S. Pedro e que, segundo meu pai, era um garoto bonzinho, com problemas de audição, quase nada tinha em comum com seus primos mauselementos. Na First Ward, os quatro filhos de Tommy Cucuzza estudavam na escola pública do bairro; mas na nossa, tal como Joey, iam ser alunos do S. Pedro e não de uma escola pública como a nossa, cheia de judeuzinhos inteligentes.

Desde que meu pai voltara do trabalho, poucas horas após o assassinato de Winchell — pois apesar da oposição indignada de tio Monty ele resolveu voltar para casa e passar o resto daquela tarde tensa com a mulher e os filhos —, nós quatro estávamos reunidos em torno da mesa da cozinha, esperando que o rádio desse alguma notícia nova, quando o sr. Cucuzza e Joey subiram a escada dos fundos e vieram nos visitar. Bateram na porta e tiveram que esperar até meu pai verificar quem era.

O sr. Cucuzza era um homenzanão calvo, de quase dois metros de altura, que pesava mais de cento e dez quilos; estava com sua roupa de trabalho, um uniforme de vigia noturno — camisa azul-escura, calça da mesma cor recém-passada e um cinto preto largo que, além de sustentar a calça, servia para carregar alguns quilos de equipamentos que eram os mais extraordinários que eu já vira de perto. Havia chaves, em molhos do tamanho de uma granada de mão, penduradas nos dois bolsos da calça, um par de algemas de verdade e um relógio de vigia num estojo preto preso à fivela de latão do cinto. À primeira vista achei que o relógio fosse uma bomba, mas o que o sr. Cucuzza levava no coldre não podia ser outra coisa que não uma pistola. Uma lanterna comprida, que certamente também era usada como porrete, estava enfiada no bolso de trás, com a lâmpada para cima, e no alto da manga da camisa bem engomada havia um retalho triangular branco onde se lia “Guarda Especial”.

Joey também era grande — só dois anos mais velho do que eu, mas com o dobro da minha altura — e, para mim, o equipamento que ele levava era quase tão curioso quanto o de seu pai. Algo parecido com um pedaço de goma de mascar fechava o orifício de seu ouvido direito, um aparelho de surdez ligado por um fio a um estojo preto redondo com um mostrador, o qual ele levava preso ao bolso da camisa; um outro fio ia dar numa bateria mais ou menos do tamanho de

um isqueiro grande, que ficava no bolso da calça. E nas mãos ele carregava um bolo, um presente da sua mãe para a minha.

O presente de Joey era o bolo, o do sr. Cucuzza uma pistola. Ele possuía duas, uma usava no trabalho e outra mantinha escondida em casa. Queria oferecer a meu pai a segunda arma.

“Muito obrigado”, disse meu pai, “mas eu realmente não sei atirar.”

“É só puxare o gatilho.” Para um homenização daqueles, sua voz era surpreendentemente suave, embora tivesse um toque de aspereza, talvez por passar tantas horas exposto ao sereno em seu trabalho de vigia. E seu sotaque era tão gostoso que, quando estava sozinho, eu às vezes fingia falar como ele. Quantas vezes não me diverti dizendo em voz alta “é só puxare o gatilho”? Com exceção da mãe de Joey, que era americana nata, todos os nossos Cucuzza tinham vozes estranhas, sendo a mais estranha de todas a da avó bigoduda, mais estranha ainda que a de Joey, a qual lembrava mais o eco inexpressivo de uma voz. E o que tomava a voz da velha estranha não era apenas o fato de ela só falar italiano com os outros (inclusive comigo), ou sozinho enquanto variava a escada dos fundos ou se ajoelhava na terra para plantar legumes em nosso minúsculo quintal dos fundos, ou quando ficava mumurando na escuridão à porta do apartamento. A voz dela era a mais estranha porque parecia a voz de um homem — aquela velha parecia um velhinho miúdo com um vestido preto longo, e quando falava essa impressão se tomava ainda mais forte, em particular quando emitia ordens, instruções e decretos a que Joey jamais ousava desobedecer. O lado brincalhão de Joey, aquela alma que as freiras e os padres jamais puderam salvar por desconhecer-lhe quase por completo, era praticamente tudo que ele me exibia quando estávamos sozinhos. Era difícil sentir pena de sua surdez sendo ele um menino muito alegre e travesso, com um riso escandaloso, muito falante e cheio de curiosidade, um menino incrivelmente fácil de enganar e que tinha uma mente ágil, ainda que imprevisível. Difícil sentir pena dele, e no entanto a obediência tão absoluta que ele manifestava quando estava com a família me parecia quase tão extraordinária quanto a rebeldia absoluta de um Shushy Margulis. Ele era certamente o melhor filho italiano de toda Newark, e por isso minha mãe o achava irresistível — com sua devoção filial impecável e seus cílios negros e longos, seus olhares píditos dirigidos aos adultos, aguardando que lhe dissessem o que fazer, Joey conseguia que minha mãe deixasse de lado o distanciamento tenso que era sua defesa inata contra os gentios. Já a avó italiana dava-lhe medo — a ela e a mim.

“Você faz pontaria”, o sr. Cucuzza explicava a meu pai, demonstrando com o indicador e o polegar, “e então atira. Faz pontaria, atira e pronto.”

“Eu não preciso”, disse meu pai.

“Mase eles venem”, perguntou o sr. Cucuzza, “como que você vai se proteger?”

“Cucuzza, eu nasci aqui em Newark em 1901”, disse-lhe meu pai. “Minha vida toda paguei meu aluguel em dia, paguei os impostos em dia, paguei minhas contas em dia. Nunca roubei um centavo dos meus patrões. Nunca tentei roubar o governo federal. Eu acredito neste país. Eu amo este país.”

“Eu também”, disse o nosso enorme novo vizinho, cujo cinto negro não teria me fascinado menos se nele estivessem penduradas cabeças encolhidas. “Vim pra cá com dez anos. País melhor no tene. Aqui no tene Mussolini.”

“Que bom que você pensa assim, Cucuzza. É uma tragédia para a Itália, é uma tragédia

humana para gente como você.”

“Mussolini, Hitler — medánojo.”

“Sabe o que eu adoro, Cucuzza? Eu adoro eleição”, disse meu pai. “Adoro votar. Desde que passei a ter idade para votar, nunca perdi uma eleição. Em 1924, votei contra o Coolidge e a favor do Davis, e o Coolidge ganhou. E todo mundo sabe o que o Coolidge fez com os pobres deste país. Em 1928, votei contra o Hoover e a favor do Smith, e o Hoover ganhou. E todo mundo sabe o que o Hoover fez com os pobres deste país. Em 1932, votei contra o Hoover pela segunda vez e a favor do Roosevelt pela primeira vez, e graças a Deus o Roosevelt ganhou e recuperou o país. Ele tirou os Estados Unidos da Depressão e fez o que prometeu: deu uma nova chance para o povo. Em 1936, votei contra o Landon e a favor do Roosevelt de novo, e mais uma vez o Roosevelt ganhou — o Landon só levou em dois estados, Maine e Vermont, e mais nada. Nem mesmo no Kansas. O Roosevelt ganhou o país inteiro com o maior número de votos da história, e outra vez ele fez tudo que tinha prometido fazer pelos trabalhadores durante a campanha. E aí o que é que os eleitores fazem em 1940? Eles vão e elegem um fascista. Não um idiota como o Coolidge, nem um bobalhão como o Hoover, mas um fascista mesmo, de carteirinha e medalha. Eles põem na Casa Branca um fascista e um demagogo, o Wheeler, na chapa dele, e escolhem o Ford pro gabinete, que não apenas é um anti-semita igual ao Hitler mas também um escravocrata, que transformou os trabalhadores em máquinas humanas. E aí hoje você vem na minha casa me oferecer uma pistola. Nos Estados Unidos de 1942, meu novo vizinho, que eu ainda nem conheço, vem aqui me oferecer uma pistola pra eu proteger minha família das hordas fascistas do Lindbergh. Pois não pense que não tenho gratidão, não, Cucuzza. Nunca vou me esquecer que você se preocupou conosco. Mas sou um cidadão dos Estados Unidos da América, eu, minha mulher e meus filhos, como também era”, disse ele, com avoz embargada, “o Walter Winchell..”

Mais eis que de repente tem início um boletim de notícias sobre Walter Winchell. “Shhh!”, exclama meu pai. “Shhh!”, como se houvesse outra pessoa na cozinha falando sem parar que não ele. Todos nós escutamos — até Joey parece estar escutando — tal como pássaros voando em bando ou peixes nadando num cardume.

O corpo de Walter Winchell, assassinado naquele dia num comício em Louisville, Kentucky, provavelmente por um membro do Partido Nazista Americano, agindo em colaboração com a Ku Klux Klan, será transportado de trem durante a noite, de Louisville até a Pennsylvania Station de Nova York. Lá, por ordem do prefeito Fiorello La Guardia e sob proteção da polícia nova-iorquina, o cadáver ficará em câmara ardente no salão da estação ferroviária durante toda a manhã. Segundo o costume judaico, o funeral ocorrerá no mesmo dia, às duas da tarde, no Templo Emanu-El, a maior sinagoga de Nova York. Um sistema de alto-falantes irá transmitir a cerimônia ao público do lado de fora, na Fifth Avenue; calcula-se o comparecimento de dezenas de milhares de pessoas. Além do prefeito La Guardia, deverão se pronunciar durante o funeral o senador democrata James Mead, o governador judeu do estado de Nova York, Herbert Lehman, e o ex-presidente da República Franklin D. Roosevelt.

“Está acontecendo!”, exclama meu pai. “Ele voltou! O Roosevelt voltou!”

“Agente precisa muito dele”, diz o sr. Cucuzza.

“Meninos”, meu pai pergunta, “vocês compreendem o que está acontecendo?” E então ele

abraça Sandy e a mim. “É o princípio do fim do fascismo nos Estados Unidos! Aqui não tem Mussolini, Cucuzza — não tem mais Mussolini, não!”

\*Nos Estados Unidos, a primeira segunda-feira de setembro. (N.T.)



*Outubro de 1942*  
Tempos difíceis

Alvin apareceu em nossa casa na noite seguinte, dirigindo um Buick verde novo em folha, com uma noiva chamada Minna Schapp. Quando menino, eu sempre ficava desconcertado quando ouvia a palavra “noiva”. Dava a impressão de ser uma pessoa especial — então, quando a pessoa em questão chegava, era apenas uma garota que, diante da família do rapaz, tinha medo de dizer alguma coisa errada. Aliás, no caso a pessoa especial não era a futura esposa, e sim o futuro sogro, um negociante espertíssimo que iria livrar Alvin do mundo das máquinas de jogo — onde, auxiliado por dois brutamontes que carregavam os equipamentos e cuidavam dos malfeitores, meu primo trabalhava como instalador de máquinas ilegais — e transformá-lo em gerente de restaurante em Atlantic City, com tudo a que tinha direito: terno de seda feito à mão em Hong Kong e camisa branca com monograma branco. O sr. Schapp havia começado nos anos 20 como Billy Schapiro, vulgo “Pinball”, um pé-de-chinelo ligado aos piores marginais dos cortiços mais decadentes das ruas mais violentas da zona sul de Filadélfia — entre eles, o tio de Shushy Margulis —, mas em 1942, obtendo lucros semanais de mais de quinze mil dólares livres de impostos com suas máquinas de jogo, “Pinball” já havia se regenerado e se metamorfoseado em William F. Schapp II, membro muito respeitado do Green Valley Country Club, da organização fraterna judaica Brith Achim (aonde, nas noites de sábado, levava sua dinâmica esposa coberta de jóias gigantescas para dançar ao som de Jackie Jacobse dos Jolly Jazzers) e da sinagoga Har Zion (através da qual ele adquiriu um mausoléu familiar num belo canto do cemitério da sinagoga com tratamento paisagístico), e proprietário de uma faraônica mansão de dezoito cômodos no subúrbio de Merion, residindo durante o inverno numa cobertura que era o sonho de qualquer jovem pobre, reservada todos os anos para ele no Miami Beach Eden Roc.

Ao trinta e um anos de idade, Minna era oito anos mais velha que Alvin, uma mulher de tez amarelada com ar submisso que, quando ousava falar com sua voz infantil, pronunciava cada palavra como se tivesse acabado de aprender a ver as horas. Era claramente filha de pais dominadores, mas como seu pai era dono não só da Intercity Carting Company — a companhia de transporte que servia de fachada para o negócio das máquinas ilegais — mas também de um restaurante especializado em lagostas que ocupava um terreno imenso no Steel Pier de Atlantic City, onde, nos fins de semana, as pessoas faziam filas que davam a volta no quarteirão para entrar, e como no início dos anos 30 foi abolida a Lei Seca e a lucrativa participação de Billy “Pinball” na empresa de comércio ilegal de bebidas de Waxey Gordon perdeu a razão de ser e ele abriu o “Original Schapp’s” em Filadélfia — uma bistecaria muito freqüentada pela máfia judia da cidade —, Billy “Pinball” teve um papel importante na decisão de Alvin de escolher Minna. “O negócio é o seguinte”, Schapp disse a Alvin quando lhe entregou o dinheiro para ele comprar o anel de noivado da filha. “A Minna toma conta da sua pema, você toma conta da Minna e eu

tomo conta de você.”

Foi assim que meu primo passou a usar ternos feitos à mão e a assumir a glamorosa responsabilidade de conduzir até as mesas fregueses importantes como o prefeito corrupto de Jersey City, Frank Hague; o campeão de Nova Jersey na categoria meio-pesado, Gus Lesnevich; e chefões da marginalidade como Moe Dalitz, de Cleveland, King Solomon, de Boston, Mickey Cohen, de Los Angeles, e até mesmo o “Cérebro”, Meyer Lansky, quando apareciam na cidade para uma convenção de gângsteres. E todo ano, em setembro, era Alvin quem recebia, direto de seu desfile triunfal, a recém-coroadada Miss Estados Unidos, com sua *entourage* de parentes aparvalhados. Assim que todos tinham sido profusamente saudados e ajudados a colocar aqueles ridículos babadores usados nos restaurantes especializados em lagostas, Alvin gozava o prazer de indicar ao garçom, com um estalar de dedos, que a despesa seria por conta da casa.

O futuro genro peneta de Billy “Pinball” em pouco tempo ganhou um apelido também, “Vistoso”, o qual lhe foi conferido, como o próprio Alvin fazia questão de contar a todos, por Allie Stolz, que disputava o campeonato mundial de boxe na categoria peso leve. Alvin tinha vindo de Filadélfia para visitar Stolz — que, tal como Gus Lesnevich, era natural de Newark — no dia em que foi jantar com Minna em nossa casa. Em maio, Stolz havia perdido uma luta de quinze *rounds* no Madison Square Garden para o campeão do momento, e naquele outono estava treinando no ginásio de Marsillo, na Market Street, para lutar em novembro contra Beau Jack, o que lhe daria a oportunidade de desafiar Tippy Larkin se ganhasse. “Depois que o Allie vencer o Beau Jack”, explicou Alvin, “só falta o Larkin pra ele ser campeão, e o Larkin tem queixo de vidro.”

Queixo de vidro. Lero-lero. Bacana. Deram uns pescoções nele. Está me estranhando? A dolorosa é comigo. Amutreta mais velha do mundo. Alvin tinha adquirido um vocabulário novo e um jeito diferente de falar, prepotente, que claramente incomodavam meus pais. No entanto, quando ele disse, impressionado com a generosidade de Stolz, que “o Allie é um cara que ganha na mão dele é manteiga em focinho de cachorro”, achei aquilo tão bacana que fiquei louco para ter uma oportunidade de usar aquela expressão fantástica na escola, juntamente com o extenso rol de gírias que Alvin agora utilizava em vez da palavra “dinheiro.”

Minna passou a refeição inteira calada, embora minha mãe bem que tentasse fazê-la falar; eu fiquei dominado pela timidez; e meu pai não conseguia pensar em outra coisa que não o atentado à sinagoga ocorrido em Cincinnati na véspera e os saques às lojas de proprietários judeus em cidades americanas espalhadas em regiões de dois fusos horários diferentes. Pela segunda noite seguida ele abandonava tio Monty para não deixar sua família sozinha na Summit Avenue, mas ele não conseguia se preocupar com a imitação do irmão num momento como esse, e assim passou o jantar inteiro se levantando a toda hora para ir à sala ligar o rádio e ouvir as notícias referentes às confusões que se seguiram ao funeral de Winchell. Alvin, enquanto isso, só falava em “Allie” e em sua luta pelo título de campeão mundial, como se o peso-leve de Newark representasse para ele o que existia de mais nobre na espécie humana. Poderia haver um abandono mais completo do código moral que lhe custara uma pena? Alvin se livrara de tudo aquilo que outrora se interpunha entre ele e as aspirações de um Shushy Margulis — tinha se livrado de nós.

Quando fui apresentado a Minna, fiquei imaginando se Alvin lhe havia contado que era peneta. Não me ocorreu que, justamente por ter uma personalidade tão submissa, Minna era a

primeira e única pessoa a quem Alvin podia revelar seu segredo, e tampouco compreendi que aquela moça representava a prova viva da sua incapacidade com as mulheres. Na verdade, o coto de Alvin era o principal *trunfo* de Minna, principalmente depois que Schapp morreu, em 1960, e o negócio das máquinas passou a ser controlado pelo irmão incompetente dela, enquanto Alvin se contentava em adquirir restaurantes e andar com as melhores prostitutas de dois estados. Sempre que seu coto abria, ficava machucado, sangrento e infeccionado — o que acontecia como resultado de suas muitas loucuras —, Minna imediatamente entrava em cena para impedir que ele usasse a prótese. Alvin protestava: “Pelo amor de Deus, não se preocupe com isso, vai ficar bom”, mas era só nessas situações que sua mulher sempre se impunha. Retrucava Minna: “Você não pode jogar seu peso nessa pema enquanto ela não ficar boa” — referindo-se à pema artificial, que volta e meia, para usar a expressão que Alvin me ensinara no tempo em que eu, com nove anos incompletos, fazia o serviço agora a cargo de Minna, “perdia o encaixe”. À medida que foi ficando mais velho e o coto passou a abrir com frequência, por ter de sustentar os muitos quilos a mais que ele havia adquirido, sempre que Alvin era obrigado a ficar sem a prótese durante semanas, até melhorar, Minna o levava à praia, quando era verão, e ficava vestida, embaixo de uma banaca de praia, vendo o marido divertir-se horas a fio naquela água curativa, subindo e descendo nas ondas, boiando de costas e cuspidando gêiseres de água salgada para o alto, e depois, para assustar os turistas da praia repleta, sair da água gritando “Tubarão! Tubarão!”, apontando horrorizado para seu coto.

Alvin apareceu em nossa casa com Minna para jantar depois de telefonar pela manhã dizendo a minha mãe que ia estar no norte de Nova Jersey e queria nos visitar para agradecer a seus tios por tudo que haviam feito por ele quando, recém-chegado da guerra, ele dera tanto trabalho a todo mundo. Alvin tinha muitos motivos para lhes ser grato, explicou; queria fazer as pazes com os dois, ver os meninos e apresentar-nos sua noiva. Foi o que Alvin disse, e talvez fosse mesmo essa sua intenção antes de se ver frente a frente com meu pai e lhe voltarem à mente as tentativas que meu pai havia feito de reformá-lo — bem como a antipatia inata entre os dois, uma incompatibilidade entre aqueles dois tipos humanos que eles representavam e que existiu desde sempre. Foi por isso que, tão logo cheguei em casa e fiquei sabendo da vinda de Alvin, vasculhei o fundo da minha gaveta, encontrei a medalha que meu primo me dera e, pela primeira vez desde que ele fora para Filadélfia, recoloquei-a em minha camiseta de baixo.

Sem dúvida, o dia não podia ser pior para uma visita de reconciliação da ovelha negra da família. Não havia ocorrido nenhum episódio de violência anti-semita em Newark nem em nenhuma outra cidade importante do estado durante a noite, mas uma bomba fora lançada numa sinagoga, que acabou inteiramente destruída pelo fogo, em Cincinnati, a algumas centenas de quilômetros de Louisville, no Ohio acima; lojas de proprietários judeus foram atacadas em oito outras cidades (sendo as três maiores St. Louis, Buffalo e Pittsburgh), vitrines foram destruídas a esmo e mercadorias saqueadas; assim, temia-se que o enterro de Walter Winchell em Nova York, do outro lado do rio Hudson, acompanhado das manifestações e contramanifestações que coincidiam com todas as cerimônias, provocasse uma explosão de violência bem mais perto de casa. Na escola, logo no primeiro horário da manhã, houve uma reunião geral de meia hora com alunos entre a quarta e a oitava séries. Ao lado de um representante do Conselho de Educação e um da prefeitura, bem como da presidente da Associação de Pais e Mestres, o diretor da escola

detalhou as medidas que estavam sendo tomadas para garantir nossa segurança durante o dia e propôs dez regras que nos protegeriam de qualquer ameaça, quando estivéssemos a caminho da escola ou de casa. Sem mencionar a polícia judaica do “Bala” Apfelbaum — cujos membros haviam permanecido nas ruas durante toda a noite e ainda estavam lá de manhã, tomando o café quente trazido em garafas térmicas e comendo os sonhos doados pela padaria Lehnhoff, quando eu e Sandy fomos para a escola —, o representante do prefeito nos garantiu que “até que a situação volte à normalidade” o policiamento do bairro seria intensificado, e disse que não devíamos nos assustar se encontrássemos um policial uniformizado guardando cada porta da escola e outro andando pelos corredores. Em seguida, duas folhas mimeografadas foram distribuídas a cada aluno, uma contendo as regras que deveríamos seguir na rua, as quais seriam discutidas pelos professores quando voltássemos para a sala de aula, e outra para ser entregue a nossos pais, avisando-os das novas medidas de segurança. Se houvesse alguma dúvida, nossos pais deviam se dirigir à sr. Sisselman, a presidente da APM que substituíra minha mãe.

Comemos na sala de jantar, que fora usada pela última vez quando tia Evelyn veio nos apresentar o rabino Bengelsdorf. Depois do telefonema de Alvin, minha mãe (que era incapaz de guardar rancor, como Alvin certamente percebeu no momento que a ouviu atender o telefone) saiu para comprar as comidas prediletas do sobrinho, muito embora ficasse nervosa cada vez que destrancava a porta e punha os pés na rua. Os policiais armados que agora caminhavam nas calçadas e faziam a ronda em carros a tranquilizavam só um pouco mais do que os membros da polícia judaica do “Bala” Apfelbaum; assim, como todo mundo que faz compras numa cidade em estado de sítio, ela praticamente correu de um lado para outro pela Chancellor Avenue para adquirir tudo que necessitava. Na cozinha, começou a preparar o bolo de chocolate com cobertura de nozpicadas que era o favorito de Alvin, e a descascar batatas e picar cebolas para fazer o bolo de batata que Alvin comia até não poder mais. A casa ainda cheirava a todas as atividades de fritar, cozer e assar provocadas por aquela visita inesperada quando Alvin entrou no beco com seu Buick novo. Ali (onde eu e ele havíamos praticado passes com a bola de futebol americano roubada por mim) meu primo parou o carro atrás da picape Ford que o sr. Cucuzza usava para fazer mudanças e ganhar um dinheiro extra e que estava estacionada na garagem porque aquele era o dia da semana em que o vigia tirava folga e dormia o tempo todo.

Alvin chegou com um terno de raíom cor de pérola com ombreiras avantajadas e sapatos de duas cores com chapa de metal na ponta das solas, trazendo presentes para todos: o da tia Bess era um avental branco enfeitado com rosas vermelhas; o de Sandy, um bloco de desenho; o meu, um boné de beisebol dos Phillies; e o do tio Herman, um certificado que valia uma refeição gratuita para uma família de quatro membros num restaurante especializado em lagostas em Atlantic City. Aqueles presentes me convenceram de que, embora tivesse fugido para Filadélfia, ele não havia esquecido todas as coisas boas a que tivera acesso em nossa casa antes de perder a pema. Naquele momento, nem parecíamos uma família dividida, e que ao final do jantar — quando Mimma já estava na cozinha aprendendo com minha mãe a fazer bolo de batata — uma batalha campal iria estourar entre meu pai e Alvin. Quem sabe, se meu primo não tivesse chegado com aquelas roupas

espalhafatosas, aquele carro chamativo, exsudando a camalidade do ginásio de esportes de Marsillo e empolgado com o dinheiro inimaginável que estava prestes a ganhar... se Winchell não tivesse sido assassinado vinte e quatro horas antes e nossos piores temores, despertados na eleição de Lindbergh, não parecessem mais próximos de se tornar realidade do que nunca... quem sabe nesse caso os dois homens adultos mais importantes da minha infância não teriam quase chegado a ponto de um matar o outro.

Até aquela noite, eu não imaginava que meu pai estivesse tão bem capacitado para a violência e fosse capaz de efetuar aquela passagem instantânea da sanidade para a loucura, ingrediente indispensável para que o impulso destrutivo entre em ação. Ao contrário do tio Monty, ele não gostava de falar sobre a infância dura num cortiço de judeus na Runyon Street antes da Primeira Guerra, quando bandos de irlandeses, amados de paus, pedras e pedaços de cano de ferro, vinham de quando em quando pelas passagens subterrâneas de Ironbound para se vingar dos assassinos de Cristo da Third Ward, e embora ele gostasse de levar a mim e a Sandy ao Laurel Garden, na Springfield Avenue, quando conseguia ingressos para uma boa luta de boxe, fora do ringue não suportava ver homens brigando. Que ele sempre fora musculoso eu sabia, por uma foto sua aos dezoito anos que minha mãe colocou no álbum de fotografias da família, ao lado da única outra imagem que restara de sua juventude, em que ele aparecia, com seis anos, ao lado de tio Monty, que, três anos mais velho, já era quase meio metro mais alto que ele — dois moleques com macacões velhos e camisas sujas, numa posição muito rígida, os bonés empurrados para trás o suficiente para mostrar que seus cabelos estavam brutalmente raspados. Na foto sépia tirada aos dezoito anos, meu pai já está muito distante da infância: é uma verdadeira força da natureza, braços cruzados, só de calção, numa praia ensolarada em Spring Lake, Nova Jersey, a pedra angular imóvel na base de uma pirâmide humana formada por seis garçons travessos aproveitando o dia de folga. Como aquela foto de 1919 deixava claro, desde o início ele tinha peitorais poderosos; e conseguira manter aqueles ombros resistentes e braços musculosos durante todo o tempo em que trabalhou como cobrador da Metropolitan Life, de modo que agora, aos quarenta e um anos, tendo carregado engradados pesados e sacos de cinqüenta quilos seis vezes por semana durante todos aqueles meses, havia talvez mais energia explosiva acumulada em seu corpo do que jamais houvera em toda a sua vida.

Antes daquela noite, seria tão difícil para mim imaginá-lo dando uma surra em alguém — muito menos tirando sangue do filho órfão de seu adorado irmão mais velho — quanto imaginá-lo em cima de minha mãe, principalmente porque, entre os descendentes de judeus europeus pobres movidos por ambições americanas tenazes, não havia tabu mais forte do que a proibição generalizada, embora jamais escrita, do uso da força para resolver disputas. Naquela época, de modo geral os judeus eram não-violentos tanto quanto abstêmios, uma virtude, porém, que teve a desvantagem de fazer com que a maioria dos jovens da minha geração jamais adquirisse a agressividade combativa que era a regra número um da formação dos outros filhos de imigrantes, e que, sem dúvida alguma, mostrava-se de grande valor prático nas situações em que não se conseguia escapar da violência nem pela negociação nem pela fuga. Entre as centenas de alunos da minha escola na faixa dos cinco aos catorze anos que não estavam geneticamente programados para ser pesos-levés profissionais como Allie Stoltz ou contraventores de sucesso como Longy Zwillman,

aconteciam muito menos lutas corporais do que nas outras escolas dos bairros da cidade industrial de Newark, onde as obrigações éticas dos meninos definiam-se de modo diferente e eles davam vazão a sua agressividade de maneiras que, de modo geral, não eram vedadas.

Assim, por todos os motivos imagináveis, essa foi uma noite devastadora. Em 1942, eu ainda não era capaz sequer de imaginar as terríveis implicações do ocorrido, mas ver o sangue de meu pai e o de Alvin já era o bastante para me deixar estarecido. Havia sangue por toda parte: em nosso falso tapete oriental, sangue pingando dos estilhaços da nossa mesa de centro, sangue na testa de meu pai como se fosse um sinal, sangue espirrando do nariz de meu primo — e os dois não estavam exatamente lutando nem brigando, e sim carambolando um no outro, com um estalido de ossos terrível a cada colisão, recuando e atacando outra vez, como alces trocando chifradas, criaturas fantásticas, híbridas, saídas da mitologia diretamente para a nossa sala, um massacrando a carne do outro com seus chifres pontudos e colossais. Dentro de uma casa, normalmente a pessoa reduz seus movimentos, a velocidade, mas naquele momento a escala das coisas estava invertida, e era terrível de se ver. Os tumultos de rua em South Boston e Detroit, o assassinato em Louisville, a sinagoga incendiada em Cincinnati, os quebra-quebras em St. Louis, Pittsburgh, Buffalo, Akron, Youngstown, Peoria, Scranton e Syracuse... e agora isto: na sala de uma família normal — o lugar que tradicionalmente todos se esforçam para defender das intrusões de um mundo hostil — os anti-semitas encontravam a solução perfeita para o pior problema do país: num acesso de histeria, nós mesmos nos entregávamos à auto destruição.

O horror terminou quando o sr. Cucuzza, de touca e camisola de dormir (um traje que eu jamais vira alguém usar, nem homem nem menino, senão em um filme cômico), invadiu nosso apartamento de pistola em riste. A avó italiana de Joey gemia de desespero no patamar de nossa escada, com um apropriadíssimo traje calabrês de Rainha das Sombras — e do nosso apartamento veio um ruído igualmente apavorante no momento em que a porta dos fundos, arrombada, escancarou-se e minha mãe viu que o desconhecido de camisola estava armado. Minha começou a devolver para as mãos tudo aquilo que havia ingerido no jantar, eu próprio não me contive e me urinei todo, enquanto Sandy, o único de nós que conseguiu encontrar as palavras certas, e forças para pronunciá-las, exclamou: “Não atira, não! É o Alvin!”. Mas o sr. Cucuzza, cujo trabalho era atuar como guardião de propriedades privadas, fora treinado para primeiro agir e só depois fazer distinções; assim, sem sequer parar para perguntar “Quem é Alvin?”, imobilizou o agressor de meu pai com uma chave de braço, enquanto com a outra mão encostava o cano da pistola em sua cabeça.

Aprétese de Alvin estava partida ao meio, seu coto estilhaçado e um de seus pulsos fraturado. Três dentes incisivos de meu pai foram reduzidos a cacos, duas costelas estavam fraturadas, junto ao malar direito havia um corte que precisou de quase tantos pontos quanto a ferida que adquiri ao levar o coice do cavalo do orfanato, e o pescoço sofreu uma torção tão séria que ele foi obrigado a andar meses com um colar cervical. A mesa de centro com tampo de vidro e base de mogno escuro, que minha mãe havia economizado durante anos para comprar na Bam’s (na qual, após uma hora de leitura agradável à noite, ela largava, com o marcador de fita, o novo romance de Pearl Buck, Fannie Hurst ou Edna Ferber que alugara na pequena biblioteca da família), fora reduzida a frangalhos, espalhados por toda a sala, e havia cacos de vidro microscópicos enfiados nas mãos de

meu pai. O tapete, as paredes e a mobília estavam sujos de chocolate (da cobertura do bolo que estavam comendo quando se sentaram para conversar, na hora da sobremesa, na sala de visitas) e também de sangue, e ainda havia o cheiro do sangue deles — um cheiro sufocante e nauseabundo de matadouro.

É terrível uma cena de violência ocorrida numa casa — é como ver roupas numa árvore após uma explosão. Pode-se até estar preparado para ver os mortos, mas não as roupas na árvore.

E tudo isso porque meu pai não conseguia entender que a natureza de Alvin simplesmente não podia ser reformada, apesar de todas as lições de moral e de todo aquele amor severo — tudo por meu pai ter tentado salvá-lo daquilo que sua natureza inevitavelmente fazia dele. Tudo porque meu pai, ao olhar para Alvin e lembrar-se da vida tragicamente curta de seu irmão, comentou, em desespero: “Buick do ano, temo de malandro, um bando de amigos marginais — você está sabendo, você se preocupa, Alvin, com o que está acontecendo neste país hoje? Antigamente, você se preocupava. Eu me lembro muito bem. Mas agora, não. Você só quer saber de charutos e automóveis. Você faz idéia do que está acontecendo com os judeus neste exato momento em que a gente está aqui?”.

E Alvin, que finalmente conseguira alguma coisa na vida, que nunca antes se sentira tão esperançoso, não suportou, não admitiu que seu pai de criação, cuja tutela já fora tudo para ele — o parente que, quando ninguém mais o queria, duas vezes o trouxera para um pequeno e hospitaleiro apartamento em Weequahic, para ele viver com uma família bondosa e cheia de preocupações benignas —, viesse lhe dizer que ele não dera em nada. Com a voz rouca dos indignados, num tom em *staccato*, sem uma única cesura que permitisse a introdução de alguma nota que não fosse retaliação, calúnia, agressão, coação e blefe absurdo, Alvin gritou a meu pai: “Os judeus? Eu fodi com a minha vida por causa dos judeus! Eu perdi a poma da minha perna por causa dos judeus! Perdi a minha pema por causa de você! Eu estava cagando pro Lindbergh! Mas você me despacha para lutar contra ele, e eu, babaca que eu sou, vou pra guerra. E olha, olha, meu tio desastrado — *perdi a porra da minha perna!*”.

Nesse momento, agarrou o tecido cinza-pérola lustroso de sua calça e puxou-o para cima, revelando que, de fato, debaixo do pano não havia mais um membro inferior de carne, osso, sangue e músculo. Então, insultado, renegado, sentindo-se mais uma vez um homem reduzido à impotência (e um moleque vagabundo), acrescentou o toque heróico final, cuspidando na cara de meu pai. Uma família, meu pai gostava de dizer, é família na paz e na guerra, mas aquilo era uma guerra familiar como eu jamais imaginara. Cuspir no rosto de meu pai tal como cuspira no rosto daquele soldado alemão morto!

Se o tivessem deixado seguir em frente sem tentarem endireitá-lo, seguir naquela sua trajetória marginal... mas isso não acontecera, e portanto foi assim que a grande ameaça nos derrotou e o horror da violência invadiu nosso lar, e compreendi de que modo o ressentimento toma um homem cego e gera aviltamento.

Mas por quê, por que então ele foi lutar? Por que lutou e por que caiu? Como há uma guerra em curso, ele vai e resolve lutar — o feroz instinto de rebeldia caindo numa amadilha histórica! Se a época fosse outra, se ele fosse mais inteligente... Mas ele quer lutar. Ele é muito parecido com os pais de que quer se livrar. Eis a tirania do problema. A tentativa de ser fiel àquilo de que ele quer se

livrar. Tentando ser fiel e tentando se livrar daquilo a que é fiel ao mesmo tempo. Por isso ele foi lutar — pelo menos é o que concluí.

Mais tarde, ainda naquela noite, depois que dois amigos de Alvin estacionaram em frente a nossa casa num Cadillac com placas da Pensilvânia (um deles para levar Alvin e Minna ao consultório do médico de Allie Stolz na Elizabeth Avenue, o outro para levar o Buick deles para Filadélfia); depois que meu pai voltou do pronto-socorro do Beth Israel (onde extraíram os cacós de vidro de suas mãos, costuraram seu rosto, tiraram uma radiografia de seu pescoço, imobilizaram sua caixa torácica e, quando ele saía, lhe deram comprimidos de codeína para atenuar a dor); depois que o sr. Cucuzza, que levou meu pai ao hospital em sua picape, o trouxe de volta para aquele campo de batalha conspurcado e devastado que era agora nosso apartamento, ouviram-se tiros na Chancellor Avenue. Tiros, gritos, berros, sirenes — o *pogrom* havia começado, e segundos depois o sr. Cucuzza subiu a escada que acabara de descer e bateu mais uma vez na nossa porta dos fundos, agora quebrada, antes de entrar afobado.

Morrendo de sono, fui arrancado da cama por meu irmão, mas como minhas pernas não se firmavam e eu caía a toda hora, movido por um pavor incontornável, meu pai teve de me carregar no colo. Minha mãe — que em vez de se deitar e tentar dormir havia vestido um avental, calçado luvas de bomacha e começado a limpar a imundície da casa com um balde, uma vassoura e um esfregão —, minha mãe meticulosa, chorando em meio aos escombros de sua sala de visitas, foi guiada até a porta pelo sr. Cucuzza, e nós quatro fomos levados ao antigo apartamento dos Wisnow, para nos refugiarmos lá.

Desta vez, quando o sr. Cucuzza ofereceu a meu pai uma pistola, ele aceitou. Seu pobre corpo mortal estava cheio de manchas roxas, coberto de esparadrapo; seus dentes estavam quebrados e assim mesmo ele ficou sentado conosco no chão do *hall* de fundos do apartamento dos Cucuzza, um cômodo sem janelas, olhando concentrado para a arma em suas mãos, como se não fosse apenas uma arma e sim a coisa mais séria que já lhe haviam confiado desde o dia em que lhe puseram no colo os filhos recém-nascidos. Minha mãe estava muito tesa, entre o estoicismo assumido de Sandy e minha estupefação inerte, segurando cada um de nós pelo braço que estava a seu lado e esforçando-se para manter um fino veniz de coragem para que os filhos não percebessem o terror que a dominava. Enquanto isso, o maior homem que eu já vira em toda a minha vida andava pelo apartamento escurecido com uma pistola na mão, indo de uma janela a outra, com passos furtivos, para verificar, com a meticulosidade precisa de um vigia noturno veterano, se havia alguém escondido ali perto com um machado, um revólver, uma corda ou uma lata de querosene.

Joey, sua mãe e sua avó tinham sido instruídos pelo sr. Cucuzza a permanecer em suas camas, embora a velha não conseguisse resistir ao magnetismo de toda aquela turbulência e à imagem de desamparo que nós quatro formávamos. Resmungando pequenas explosões de italiano cu cujo sentido certamente não seria elogioso para nós, ela olhava da porta da cozinha escura — onde costumava dormir, vestida, num catre ao lado do fogão —, fixando em nós a pontaria de sua loucura (pois louca ela certamente era) como se fosse a santa padroeira do anti-semitismo cujo



crucifixo de prata causara tudo aquilo.

O tiroteio durou menos de uma hora, mas quando voltamos a nosso apartamento o dia já estava raiando, e foi só depois que o sr. Cucuzza foi corajosamente até o trecho em que a Chancellor Avenue estava interditada com cordas que ficamos sabendo que os tiros tinham sido trocados não entre policiais e anti-semitas, e sim entre a polícia da cidade e a polícia judaica. Não tinha havido nenhum *pogrom* em Newark naquela noite, apenas uma troca de tiros, mas extraordinária por ter ocorrido bem perto de casa; fora isso, o tipo de coisa que costuma acontecer em qualquer cidade grande à noite. E embora três judeus tivessem morrido — Duke Glick, Gery “Grandalhão” e o próprio “Bala” —, não foi por serem judeus (“se bem que isso ajudou”, comentou tio Monty), mas por serem o tipo de marginal que o novo prefeito não queria ver nas ruas, principalmente para que Longy compreendesse que não era mais um membro honorário da comissão do condado (cargo que, segundo os inimigos de Meyer Ellenstein, ele havia ocupado durante o mandato do antecessor judeu de Murphy). Ninguém levou a sério o chefe de polícia quando ele explicou ao *Newark Jews* que tinham sido aqueles “seguranças rápidos no gatilho” que, sem ser provocados, atiraram, pouco antes da meia-noite, em dois policiais que faziam a ronda; entre nossos vizinhos não houve nenhuma manifestação aberta de luto por aqueles três homens — gente perigosa que nenhuma pessoa respeitável teria a iniciativa de convocar como protetores — terem sido executados sem a menor cerimônia. Sem dúvida, era temível que o sangue de homens violentos manchasse a calçada por onde as crianças do bairro passavam todos os dias a caminho da escola, mas pelo menos não era sangue derramado num conflito com a Ku Klux Klan, os Camisas de Prata ou a Associação Teuto-Americana.

Não houve nenhum *pogrom*, e no entanto às sete da manhã meu pai fez uma ligação interurbana para Winnipeg, na qual admitiu a Shepsie Tirschwell que os judeus estavam tão assustados e os anti-semitas tão assanhados que não era mais possível levar uma vida normal em Newark — onde, felizmente, o prestígio do rabino Prinz continuava exercendo influência sobre as autoridades, e nenhuma família judia havia sofrido nada mais sério do que uma mudança forçada. Se haveria perseguições sancionadas pelo governo, ninguém podia garantir, mas o medo da perseguição era tamanho que nem mesmo um homem prático, que vivia imerso em suas tarefas cotidianas, que tentava ao máximo conter sua insegurança, ansiedade e raiva e se deixar guiar pela razão, tinha mais qualquer esperança de conservar o equilíbrio.

Sim, meu pai admitiu, ele estava errado desde o início, e quem tinha razão eram Bess e os Tirschwell — e então, da melhor maneira possível, pôs de lado o constrangimento por todas as suas avaliações e atos equivocados, inclusive a violência absurda que destruía, juntamente com a mesa de centro, aquela barreira rígida de retidão que, durante toda a sua vida, se impusera entre sua infância miserável e seus ideais maduros. “Pois é isso”, disse ele a Shepsie Tirschwell, “não consigo mais viver sem saber o que vai acontecer amanhã”, e a conversa passou para o assunto emigração, que medidas deveriam ser tomadas, o que era preciso providenciar, de modo que quando eu e Sandy saíssemos de casa já estava bem claro que, por incrível que parecesse, havíamos sido dominados por forças inimigas e estávamos prestes a fugir do país e virar estrangeiros. Fui para a escola chorando sem parar. Nossa incomparável infância nos Estados Unidos havia terminado. Em breve minha pátria se transformaria apenas em meu país de origem. Agora até mesmo Seldon, lá no Kentucky, me

parecia numa situação melhor que a minha.

No entanto, de repente tudo terminou. O pesadelo terminou. Lindbergh desapareceu e nossos problemas tiveram fim, muito embora eu jamais recuperasse aquela imperturbável sensação de segurança que me fora instilada desde a primeira infância por uma grande república protetora e por pais ferocemente responsáveis.

*Extraído dos arquivos do Cine Jornal da Tela de Newark*

*Terça-feira, 6 de outubro de 1942*

Trinta mil pessoas passam pelo salão central da Pennsylvania Station para homenagear Walter Winchell, num caixão coberto pela bandeira nacional. Esse número ultrapassou até mesmo as expectativas do prefeito de Nova York, Fiorello La Guardia, que tomou a decisão de transformar o assassinato numa ocasião para toda a cidade prantear “as vítimas americanas da violência nazista”, terminando com uma oração fúnebre pronunciada por Franklin Delano Roosevelt. Do lado de fora da estação (e em muitas outras regiões da cidade), homens e mulheres silenciosos, em traje de luto, distribuem grandes botões pretos em que se lê, em letras brancas, a pergunta: “Onde está Lindbergh?”. Pouco antes do meio-dia, o prefeito La Guardia chega ao estúdio da estação de rádio da cidade, onde tira o chapéu de caubói preto de aba larga (lembrança de sua infância passada no território de Arizona, como filho de um maestro de banda do Exército) para recitar o padre-nosso; depois recoloca o chapéu na cabeça para ler em voz alta, em hebraico, a prece judaica para os mortos. Ao meio-dia em ponto, por decreto da Câmara de Vereadores, é observado um minuto de silêncio nos cinco distritos da cidade. A polícia de Nova York está em toda parte, principalmente por causa das manifestações de protesto organizadas por grupos de direita em Yorkville, bairro de Manhattan ao norte do Upper East Side e ao sul do Harlem com população de maioria alemã, e onde funciona o quartel-general do movimento nazista americano; esses grupos dão apoio ativo ao presidente e a suas políticas. À uma da tarde, uma guarda de honra de motocicletas, com policiais ostentando faixas negras nos braços, escolta o cortejo fúnebre que se forma do lado de fora da estação, e que, com o prefeito seguindo à frente num *sidecar*, segue lentamente para o norte pela Eighth Avenue, vira para o leste na 57th Street, depois numa ao norte outra vez pela Fifth Avenue até chegar, na altura da 65th Street, ao templo Emanuel. Ali, entre os dignitários convocados por La Guardia para preencher todos os lugares do templo, encontram-se dez membros do gabinete de Roosevelt de 1940, os quatro juízes nomeados ao Supremo Tribunal por Roosevelt, os presidentes das duas maiores centrais sindicais — Philip Murray, da CIO, e William Green, da AFL —, o presidente do Sindicato dos Mineiros, John L. Lewis, o presidente da União Americana das Liberdades Cívicas, Roger Baldwin, e diversos atuais e ex-governadores, senadores e representantes democratas de Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia e Connecticut, entre eles o candidato derrotado na eleição presidencial de 1928, o ex-governador de Nova York Al Smith. Alto-falantes, instalados durante a noite por funcionários do município, presa a postes telefônicos e umbrais de prédios por toda a cidade, transmitem a cerimônia fúnebre aos nova-iorquinos reunidos nas ruas de todos os bairros de Manhattan (menos Yorkville) e aos milhares de visitantes que a eles se juntaram — todos aqueles concidadãos que ouviam o programa semanal de Walter Winchell desde que ele foi ao ar pela primeira vez e que vieram à sua cidade natal para homenageá-lo. E praticamente todos os homens, mulheres e crianças estão

usando aquele emblema de provocativa solidariedade que agora se encontra por toda parte, com os dizeres: “Onde está Lindbergh?”.

Fiorello H. La Guardia — o ídolo terra-a-terra dos trabalhadores da cidade; o ex-parlamentar exuberante que por cinco mandatos representou agressivamente um congestionado distrito do East Harlem habitado por italianos e judeus pobres, que já em 1933 qualificava Hitler como “um louco pervertido” e propunha um boicote aos produtos alemães; o porta-voz tenaz dos sindicatos, dos necessitados, dos desempregados, que lutou quase sozinho contra a ala apática dos congressistas republicanos ligados a Hoover durante o temível primeiro ano da Depressão e que, para horror de seu próprio partido, pedia impostos para “escalpelar os ricos”; o republicano liberal e reformista anti-Tammany\* que há três mandatos, como representante de uma coalizão entre os republicanos e o Partido Liberal, governa a maior cidade do país, a metrópole com a maior população judaica do hemisfério ocidental —, La Guardia é o único membro de seu partido que abertamente manifesta desprezo por Lindbergh e pelo dogma nazista da superioridadeariana, o qual ele próprio (filho de uma judia não-praticante de Trieste, na época controlada pela Áustria, e de um livre-pensador italiano que veio para os Estados Unidos trabalhando como músico num navio) identifica como a base das convicções de Lindbergh e do imenso culto americano que se criou em torno da figura do presidente.

La Guardia, ao lado do caixão, dirige-se aos dignitários com aquela mesma voz nervosa e aguda que se tomou famosa durante uma greve dos jomais nova-iorquinos, quando ele lia para as crianças, através da estação de rádio da cidade, todas as manhãs de domingo, as lendas das histórias em quadrinhos, como se fosse um tio paciente, balão por balão, começando com Dick Tracy e terminando com Aninha, a Pequena Órfã, sem pular nenhuma tira.

“Desafida, vamos deixar de lado a hipocrisia”, diz o prefeito. “Todos sabemos que Walter não era um ser humano adorável. Não era o tipo do homem forte e calado que esconde tudo, e sim o investigador escandaloso que odeia tudo que é escondido. Todos que já foram mencionados em sua coluna concordam que Walter nem sempre era veraz em suas acusações. Não era tímido, não era modesto, não era decente, gentil, nada disso. Meus amigos, se eu fosse relacionar todas as qualidades que Walter não possuía, ficaríamos aqui até o próximo Yom Kippur. Sou obrigado a admitir que Walter Winchell era um excelente representante das imperfeições humanas. Ao se declarar candidato à Presidência dos Estados Unidos, seriam seus motivos inteiramente puros? Os motivos de Walter Winchell? Sua candidatura absurda não estaria contaminada por um egocentrismo exacerbado? Meus amigos, só um homem como Charles A. Lindbergh tem motivos inteiramente puros ao se candidatar à Presidência da República. Só Charles A. Lindbergh é decente, discreto etc. — ah, e veraz também, quando, uma vez a cada dois ou três meses, num esforço de sociabilidade, ele repete suas dez obviedades favoritas para a nação. Só Charles A. Lindbergh é um estadista altruísta, um santo forte e calado. Walter, por outro lado, era um colunista fofoqueiro. Era um frequentador da Broadway, que gostava de comidas de cavalos, da vida noturna, da boate de Shemman Billingsley — segundo me disseram uma vez, ele gostava até de garotas. E a revogação daquele ‘nobre experimento’, como dizia o senhor Herbert Hoover, a revogação da emenda constitucional hipócrita, cara, buma e irrealista que instituiu a Lei Seca, foi tão ignóbil para Walter Winchell quanto para todos nós aqui em Nova York. Em suma, Walter não possuía

nenhuma das virtudes reluzentes que são demonstradas diariamente pelo incompetível piloto de provas que se aboletou na Casa Branca.

“Ah, sim, há também mais algumas diferenças entre o falível Walter e o infalível Lindy que talvez valha a pena mencionar. Nosso presidente é um simpatizante do fascismo, e muito provavelmente um fascista mesmo — e Walter Winchell era um inimigo do fascismo. Nosso presidente não gosta de judeus e muito provavelmente é um anti-semita de quatro costados, enquanto Walter Winchell era judeu e um inimigo impiedoso e veemente do anti-semitismo. Nosso presidente é um admirador de Adolf Hitler e é muito provavelmente ele próprio um nazista — e Walter Winchell foi o primeiro e o maior inimigo de Hitler neste país. Nesse ponto, nosso imperfeito Walter era incompetível — no ponto mais importante. Walter fala alto, fala depressa demais, fala demais, e no entanto, se fomos comparar as duas coisas, a vulgaridade de Walter tem algo de grandioso, enquanto o decoro de Lindbergh é horrendo. Walter Winchell, meus amigos, era inimigo dos nazistas *onde quer que eles estivessem*, inclusive no Congresso Nacional, onde os Dies, os Bilbo e os Pamel Thomasservem seu *Führer*, e no *New York Journal-American* ou no *New York Daily News* com seus columnistas hitleristas, e na Casa Branca, onde assassinos nazistas são recebidos com tapete vermelho à custa do contribuinte. E foi justamente *por ser* inimigo de Hitler *e por ser* inimigo dos nazistas que Walter Winchell foi assassinado ontem, à sombra da estátua de Thomas Jefferson na praça pública mais histórica e mais bela da antiga e nobre cidade de Louisville. Foi por manifestar suas opiniões no estado de Kentucky que w. w. foi assassinado pelos nazistas norte-americanos, os quais, graças ao silêncio do nosso presidente forte, calado e altruísta, hoje atuam livremente por todo o vasto território nacional. Quem disse que isso não pode acontecer aqui? Meus amigos, *já está* acontecendo — e onde está Lindbergh? *Onde está Lindbergh?*”

Nas ruas, as pessoas que acompanhavam o discurso pelos alto-falantes começam a repetir a pergunta do prefeito, e logo um coro soturno se espalha em cascata por toda a cidade — “Onde está *Lind-bergh*? Onde está *Lind-bergh*? — enquanto, no interior da sinagoga, o prefeito repete essas três palavras coléricas, batendo com raiva no púlpito não como um orador enfatizando um argumento com um gesto teatral, e sim como um cidadão revoltado que exige a verdade. “Onde está Lindbergh?” É com essa peroração irada que La Guardia, vermelho de indignação, prepara a multidão para o clímax do evento, a entrada em cena de Franklin D. Roosevelt, o qual surpreende até mesmo os políticos que lhe são mais próximos (Hopkins, Morgenthau, Farley, Berle, Baruch, todos sentados, chapéu na cabeça, a poucos metros do caixão onde se encontra o candidato martirizado, cuja megalomania escandalosa jamais agradou o círculo mais próximo ao presidente, por mais útil que ele fosse ao chefe como porta-voz) ao escolher como sucessor de Winchell o político ladino, desdenhoso, imitado, teimoso e gorducho, de apenas um metro e cinqüenta e sete centímetros de altura, conhecido entre seus eleitores apaixonados como “Pequena Flor”. Do púlpito do templo Emanu-El, o principal nome do Partido Democrata afirma apoiar o prefeito republicano de Nova York como candidato da “unidade nacional” na eleição de 1944, em que Lindbergh tentará a reeleição.

*Quarta-feira, 7 de outubro de 1942*

Pilotado pelo presidente Lindbergh, o *Spirit of St. Louis* decola de Long Island de manhã,

saindo da mesma pista que utilizou para dar início a seu vôo solo transatlântico em 20 de maio de 1927. Sem nenhuma escolta protetora, o avião risca um céu límpido de outono, sobrevoando Nova Jersey, Pensilvânia, Ohio e chegando a Kentucky. Somente uma hora antes do horário previsto para o pouso, meio-dia, no aeroporto comercial de Louisville, é que Lindbergh avisa a Casa Branca de seu destino. O prefeito de Louisville, Wilson Wyatt, e a população da cidade mal têm tempo de se preparar para a chegada do presidente. O mecânico está a postos para examinar o avião e prepará-lo para a viagem de volta.

Apolícia calcula que pelo menos um terço dos trezentos e vinte mil habitantes de Louisville caminhou oito quilômetros até a pista de pouso de Bowman, e os campos e as estradas já estão cobertos de gente quando o presidente aterrissa e conduz com perícia o avião até uma plataforma onde foi instalado um microfone para que ele possa se dirigir à multidão. Quando finalmente começa a diminuir o ruído da saudação do público e sua voz já pode ser ouvida, o presidente não faz nenhuma menção a Walter Winchell, nenhuma alusão ao assassinato ocorrido dois dias antes, nem ao funeral da véspera, nem ao discurso feito pelo prefeito La Guardia ao ser ungido sucessor de Winchell por Roosevelt numa sinagoga de Nova York. Não é necessário. Que La Guardia, tal como Winchell antes dele, não passa de uma fachada para Roosevelt, que com suas ambições ditatoriais tenta se reeleger pela terceira vez, algo jamais ocorrido na história do país, e que os que estão por trás dos “solertes ataques de La Guardia ao nosso presidente” são as mesmas pessoas que tentaram obrigar o país a entrar na guerra em 1940, isso já foi explicado à nação, em linguagem bem expressiva, pelo vice-presidente Wheeler, num discurso de improviso feito diante da Legião Americana, em Washington, na véspera.

O presidente limita-se a dizer à multidão: “Nosso país está em paz. Nosso povo está trabalhando. Nossas crianças estão nas escolas. Vim até aqui para lembrar vocês disso. Agora volto para Washington para que as coisas continuem assim”. Uma seqüência de frases bastante inócua; porém, para essas dezenas de milhares de cidadãos de Kentucky que há dois dias se tomaram foco de interesse nacional, é como se o presidente tivesse anunciado o fim de todos os sofrimentos na Terra. Mais uma vez, há um verdadeiro pandemônio enquanto o presidente, lacônico como sempre, despede-se da multidão com um simples aceno e mais uma vez se ajoelha na estreita cabine do avião onde cabe com dificuldade, e da pista o mecânico somidente lhe faz um sinal com a chave inglesa de que está tudo bem. O motor é ligado, o Águia Solitária mais uma vez acena para o povo, e com um ruído impetuoso o *Spirit of St. Louis* levanta vôo e vai se afastando, centímetro por centímetro, metro por metro, do belo e inculto estado celebrizado por Daniel Boone, até que por fim (como o piloto de exibições audaz que era quando rapaz, no tempo em que caminhava sobre as asas do avião e fazia vôos rasantes sobre cidadezinhas do Oeste, para delírio da multidão) Lindy passa raspando pelos fios telefônicos que se estendem de poste a poste ao longo da Route 58. Ganhando altitude aos poucos, impelido por um suave e cálido vento de cauda, o aviãozinho mais famoso da história — o equivalente moderno da *Santa María* de Colombo e do *Mayflower* dos peregrinos — segue em direção ao leste, para nunca mais servir.

*Quinta-feira, 8 de outubro de 1942*

Buscas efetuadas ao longo da rota aérea de Louisville a Washington não encontram qualquer vestígio de destroços, muito embora seja um belo dia de outono, com condições de tempo

perfeitas para que as equipes vasculhem as serras íngremes da Virgínia Ocidental e as fazendas cultivadas de Maryland, e para que as autoridades do estado enviem lanchas da polícia para percorrer toda a costa de Maryland e Delaware até o escurecer. No período da tarde, o Exército, a Guarda Costeira e a Marinha também começam a atuar, juntamente com centenas de homens e rapazes de todos os condados de todos os estados a leste do Mississipi que se ofereceram como voluntários para ajudar as unidades da Guarda Nacional mobilizadas pelos governadores. No entanto, em Washington, à hora do jantar, ainda não há qualquer notícia acerca do paradeiro do avião ou de seus possíveis destroços; assim, às vinte horas o gabinete é convocado a se reunir em caráter de emergência na casa do vice-presidente. Nessa reunião, Burton K. Wheeler anuncia que, tendo consultado a primeira-dama, os líderes da maioria na Câmara e no Senado e o presidente do Supremo Tribunal Federal, concluiu que é do interesse da nação que ele assuma os poderes de presidente em exercício de acordo com o artigo 2º, seção 1ª, da Constituição Federal.

Em dezenas de jomais vespertinos, a manchete sombria, com as letras mais garafais já utilizadas pela imprensa desde a quebra da Bolsa de Valores em 1929 (e com o objetivo de atingir Fiorello La Guardia), é: ONDE ESTÁ LINDBERGH?

*Sexta-feira, 9 de outubro de 1942*

Quando a população começa seu dia de trabalho, a lei marcial já foi imposta em todos os Estados Unidos, seus territórios e possessões. Ao meio-dia, o presidente em exercício vai, sob guarda militar, até o Capitólio, onde anuncia, numa sessão de emergência do Congresso feita a portas fechadas, que o FBI possui informações segundo as quais o presidente teria sido seqüestrado e estaria nas mãos de grupos desconhecidos em algum ponto da América do Norte. O presidente em exercício garante ao Congresso que todas as medidas necessárias estão sendo tomadas no sentido de conseguir que o presidente seja rapidamente libertado e os criminosos levados à Justiça. Nesse ínterim, as fronteiras do país com o Canadá e o México foram fechadas, tal como os aeroportos e os portos marítimos; de acordo com o presidente em exercício, a ordem será mantida no Distrito de Colúmbia pelas Forças Armadas e, em outras localidades, pela Guarda Nacional, em cooperação com o FBI e com as autoridades policiais locais.

## OUTRAVEZ!

Essa a manchete sucinta publicada por todos os jomais da cadeia Hearst no país, juntamente com fotos do filho bebê de Lindbergh, fotografado vivo pela última vez em 1932, dias antes de ser seqüestrado, com um ano e oito meses de idade.

*Sábado, 10 de outubro de 1942*

A estação de rádio estatal da Alemanha anuncia que o seqüestro de Charles A. Lindbergh, trigésimo terceiro presidente dos Estados Unidos e signatário do histórico Acordo da Islândia com o Terceiro Reich, foi obra de uma conspiração de “interesses judaicos”. Informações ultra-secretas obtidas pela Wehrmacht teriam corroborado a afirmação feita inicialmente pelo Departamento de Estado no sentido de que o complô teria sido tramado pelo belicista Roosevelt — mancomunado com seu secretário do Tesouro judeu, Morgenthau, seu juiz do Supremo Tribunal, também judeu, Frankfurter, e o banqueiro judeu Baruch — e estaria sendo financiado

pelos usurários internacionais judeus Warburg e Rothschild, e executado sob a direção do capanga mestiço de Roosevelt, o gângster meio-judeu La Guardia, prefeito de Nova York, uma cidade judia, juntamente com o poderoso governador judeu do estado de Nova York, o financista Lehman, com o objetivo de reinstalar Roosevelt na Casa Branca e lançar uma implacável guerra judaica contra o mundo não-judeu. Segundo informações entregues ao FBI pela embaixada alemã em Washington, o assassinato de Walter Winchell foi planejado e executado pela mesma cabala de judeus ligados a Roosevelt — sendo, como era de se esperar, a responsabilidade do crime atribuída por eles a americanos de origem germânica —, com o fim de desencadear a pérfida campanha “Onde está Lindbergh?”, a qual, por sua vez, levou o presidente a empreender sua viagem de avião até a cena do assassinato para tranquilizar os cidadãos de Louisville, Kentucky, que estavam naturalmente temerosos de retaliações por parte de grupos organizados de judeus. Porém lá — segundo informações da Wehrmacht —, enquanto o presidente se dirigia à multidão, um mecânico do aeroporto que fora subornado pela conspiração judaica (e que desapareceu, provavelmente assassinado por ordem de La Guardia) danificou o rádio da aeronave. Tão logo o presidente decolou com destino a Washington, constatou que era impossível entrar em contato com unidades de rádio situadas em terra ou em outros aviões, e viu-se obrigado a se entregar quando o *Spirit of St. Louis* foi interceptado por caças de guerra britânicos que voam a altitudes elevadas, os quais o fizeram desviar-se de sua rota e aterrisar, horas depois, num campo de pouso secreto mantido, por interesses judaicos internacionais, do outro lado da fronteira canadense, perto do estado de Nova York, governado por Lehman.

Nos Estados Unidos, o pronunciamento alemão leva o prefeito La Guardia a dizer aos repórteres: “Qualquer cidadão americano capaz de acreditar nessa mentira nazista grotesca já se encontra no nível mais baixo possível de degradação”. Não obstante, tanto o prefeito quanto o governador, segundo fontes bem-informadas, teriam sido entrevistados exaustivamente por agentes do FBI, e o secretário do Interior, Ford, está exigindo que o primeiro-ministro do Canadá, Mackenzie King, realize buscas intensivas em território canadense para localizar o presidente Lindbergh e seus seqüestradores. O presidente em exercício Wheeler estaria examinando a documentação alemã com seus assessores da Casa Branca, porém não fará nenhum comentário a respeito dessas alegações enquanto as buscas do avião presidencial não tiverem se encerrado. Destróieres da Marinha, juntamente com lanchas-topedeiras da Guarda Costeira, estão no momento procurando vestígios de um possível acidente aeronáutico numa área que se estende do cabo May, em Nova Jersey, ao norte, até o cabo Hatteras, na Carolina do Norte, ao sul, enquanto unidades do Exército, do Corpo de Fuzileiros Navais e da Guarda Nacional continuam a realizar buscas em vinte estados, tentando encontrar pistas do avião desaparecido.

As unidades da Guarda Nacional responsáveis pela imposição do toque de recolher em toda a nação não registraram nenhum episódio de violência provocado pelo desaparecimento do presidente. Sob lei marcial, os Estados Unidos permanecem em paz, embora o chefe da Ku Klux Klan e o líder do Partido Nazista Americano tenham feito um pronunciamento conjunto em que pedem ao presidente em exercício que “implemente medidas extremas para proteger a nação de um golpe de Estado judaico”.

Enquanto isso, uma comissão de clérigos judeus americanos, liderada pelo rabino Stephen

Wise, de Nova York, envia um telegrama à primeira-dama manifestando sua total solidariedade nesse momento difícil por que passa sua família. O rabino Lionel Bengelsdorf é visto entrando na Casa Branca ao cair da tarde; ele teria sido chamado pela senhora Lindbergh para prestar auxílio espiritual à família neste terceiro dia de vigília. O convite feito pela Casa Branca ao rabino Bengelsdorf é interpretado por muitos como sinal de que a primeira-dama se recusa a aceitar a hipótese de que “interesses judaicos” teriam qualquer relação com o desaparecimento de seu marido.

*Domingo, 11 de outubro de 1942*

Em igrejas de todo o país são feitas preces pela família Lindbergh. As três grandes redes de rádio cancelam sua programação normal para transmitir o serviço religioso realizado na Catedral Nacional de Washington, onde a primeira-dama e seus filhos estão presentes; no restante do dia e da noite as estações transmitem apenas música religiosa. Às vinte horas, o presidente em exercício Wheeler dirige-se à nação, afirmando a seus compatriotas que não pretende de modo algum encetar as operações de busca. Informa que, a convite do primeiro-ministro do Canadá, representantes de órgãos policiais norte-americanos vão ajudar a Real Polícia Montada Canadense a vasculhar a parte oriental da fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá e os condados na parte sul das províncias do leste canadense.

Tendo se tomado porta-voz oficial da primeira-dama, o rabino Lionel Bengelsdorf diz a um grande grupo de repórteres que o aguarda na entrada da Casa Branca que a senhora Lindbergh pede ao povo americano que ignore as especulações feitas por quaisquer governos estrangeiros referentes às circunstâncias do desaparecimento de seu marido. Segundo o rabino, a primeira-dama gostaria de lembrar que, em 1926, quando seu marido trabalhava como piloto do serviço de correios entre St. Louis e Chicago, ele por duas vezes sobreviveu, sem qualquer ferimento, a desastres aéreos que destruíram as aeronaves em que se encontrava. Assim, no momento a primeira-dama acredita que o presidente mais uma vez terá sobrevivido ao acidente, se é que de fato houve um acidente. Afirma o rabino que a primeira-dama não se sente convencida pelas supostas provas de seqüestro que lhe foram apresentadas pelo presidente em exercício. Quando perguntam ao rabino por que a senhora Lindbergh não fala ela própria e por que a imprensa vem sendo impedida de entrevistá-la, ele responde: “Lembrem-se de que não é a primeira vez, em seus trinta e seis anos de vida, que a senhora Lindbergh se vê obrigada a enfrentar indagações da imprensa quando está vivendo uma gravíssima crise familiar. Creio que o público americano mostra-se disposto a aceitar a maneira de agir escolhida pela primeira-dama para proteger sua privacidade e a de seus filhos enquanto durarem as buscas”. Quando lhe perguntam se têm fundamento os boatos segundo os quais a senhora Lindbergh não teria condições emocionais de tomar decisões e que o próprio Lionel Bengelsdorf seria o responsável por elas, o rabino responde: “Quem tiver observado o equilíbrio da primeira-dama na catedral hoje de manhã certamente terá concluído que ela está em pleno gozo de suas faculdades intelectuais e que, apesar da gravidade da situação, sua capacidade de agir racionalmente e tomar decisões não foi de modo algum afetada”.

Apesar das afirmações do rabino, as agências de notícias informam que “um alto funcionário do governo” — que se supõe ser o secretário Ford — suspeita que a primeira-dama tenha se tomado cativa do “rabino Rasputin”, o porta-voz judeu cuja influência sobre a esposa do



presidente é considerada comparável à do monge camponês louco que insidiosamente controlou as mentes do czar e da czarina da Rússia e se tomou o verdadeiro chefe do palácio imperial às vésperas da Revolução Russa, e cujo reinado de loucuras só chegou ao fim quando ele foi assassinado por uma conspiração de aristocratas russos patrióticos.

*Segunda-feira, 12 de outubro de 1942*

Os matutinos londrinos afirmam que o serviço de informações britânico apresentou ao FBI comunicações alemãs em código que provam de modo cabal que o presidente Lindbergh está vivo, em Berlim. Segundo as fontes britânicas, no dia 7 de outubro, pondo em execução um plano concebido há muito pelo marechal-do-ar Hermann Göring, o presidente dos Estados Unidos fez o *Spirit of St. Louis* cair numa localização predeterminada no oceano Atlântico, cerca de quinhentos quilômetros a leste de Washington. Lá foi recebido por um submarino alemão cuja tripulação o transferiu para uma belonave gemânica que o aguardava perto da costa de Portugal para levá-lo à cidade de Kotor, em Montenegro, na margem do mar Adriático, controlada pelos italianos. Os destroços do avião presidencial foram recolhidos a um navio militar alemão, ali desmontados, embalados e transportados para um depósito da Gestapo em Bremen. O presidente foi levado de uma pista de pouso em Kotor até a Alemanha num navio camuflado da Luftwaffe, acompanhado pelo marechal Göring. Ao chegar a uma base da Luftwaffe, foi conduzido de carro até o esconderijo de Hitler em Berchtesgaden, onde se reuniu com o *Führer*.

Grupos de resistência sérvios na Iugoslávia confirmam as informações britânicas, com base em dados que lhes foram fornecidos por fontes do governo do general Milan Nedich, em Belgrado, apoiado pela Alemanha, cujo ministério do Interior coordenou a operação naval no porto de Kotor.

Em Nova York, o prefeito La Guardia afirma aos repórteres: “Se é verdade que nosso presidente fugiu para a Alemanha nazista por livre e espontânea vontade, se é verdade que, desde que assumiu o cargo, ele está trabalhando na Casa Branca como agente nazista, se é verdade que nossas políticas nacionais e internacionais vêm sendo impostas ao presidente pelo regime nazista que atualmente tiraniza todo o continente europeu, então não tenho palavras com que qualificar uma traição cuja perversidade é sem igual na história da humanidade”.

Apesar da imposição da lei marcial e do toque de recolher em todo o país, e da presença de soldados da Guarda Nacional fortemente armados nas ruas de todas as grandes cidades americanas, tumultos anti-semitas têm início logo após o pôr do sol nos estados de Alabama, Illinois, Indiana, Iowa, Kentucky, Missouri, Ohio, Carolina do Sul, Tennessee, Carolina do Norte e Virgínia, prosseguindo por toda a noite e a madrugada. Só por volta das oito da manhã tropas federais — enviadas pelo presidente em exercício Wheeler para apoiar as unidades da Guarda Nacional — conseguem dar fim às perturbações e controlar os incêndios mais graves provocados pelos desordeiros. A essa altura, cento e vinte e dois cidadãos americanos já haviam morrido.

*Terça-feira, 13 de outubro de 1942*

Ao meio-dia, o presidente em exercício Wheeler falou à nação via rádio, atribuindo a responsabilidade pelos tumultos ao “governo britânico e seus aliados belicistas neste país”.

“Tendo espalhado as acusações mais falsas e sórdidas que seria possível lançar contra um patriota da estatura de Charles A. Lindbergh, que reação essas pessoas imaginavam que teria um país

que já chora o desaparecimento de um líder amado? Para promover seus próprios interesses econômicos e raciais”, afirma o presidente em exercício, “essas pessoas resolvem pôr à prova a consciência de uma nação conturbada pela dor, e o que elas imaginam que vai acontecer? Posso garantir que foi restaurada a ordem em nossas cidades conturbadas de todo o Sul e do Meio-Oeste, mas a que preço para a tranquilidade de nossa nação?”

Uma declaração da esposa do presidente é então anunciada pelo rabino Lionel Bengelsdorf. Mais uma vez, a primeira-dama aconselha seus compatriotas a não dar ouvidos a qualquer hipótese ainda não confirmada a respeito do desaparecimento de seu marido vinda de qualquer capital estrangeira, e pede ao governo norte-americano que encerre imediatamente as operações de busca do avião de seu marido, que já duram uma semana. A primeira-dama quer que o país relembra a tragédia de Amelia Earhart, a maior de todas as aviadoras, a qual, seguindo o exemplo do presidente Lindbergh, realizou seu famoso vôo transatlântico solitário em 1932, desaparecendo porém sem deixar vestígios em 1937, quando tentou repetir o feito cruzando o Pacífico. “Como aviadora experiente que é”, diz à imprensa o rabino Bengelsdorf, “a primeira-dama concluiu que o presidente deve ter sofrido algo semelhante ao que ocorreu com Amelia Earhart. A vida é repleta de perigos, e a aviação, naturalmente, também tem os seus, acima de tudo para aqueles que, como Amelia Earhart e Charles A. Lindbergh, foram levados por sua ousadia e coragem de aviadores solitários a dar início à era da aviação em que agora vivemos.”

Mais uma vez, os repórteres pedem para reunir-se com a primeira-dama, e mais uma vez seu porta-voz oficial, delicadamente, lhes nega o pedido, o que leva o secretário Ford a exigir a prisão do rabino Rasputin.

#### *Quarta-feira, 14 de outubro de 1942*

Ao cair da tarde, o prefeito La Guardia concede uma entrevista coletiva para denunciar três manifestações da “loucura galopante que está ameaçando a sanidade da nação”.

Em primeiro lugar, um artigo publicado na primeira página do *Chicago Tribune*, originado em Berlim, afirma que o filho de doze anos do presidente Lindbergh e da primeira-dama — o menino que se supunha ter sido seqüestrado e assassinado em Nova Jersey em 1932 — teria se encontrado com o pai em Berchtesgaden após ter sido salvo pelos nazistas de uma masmorra em Cracóvia, na Polônia, onde desde seu desaparecimento fora mantido prisioneiro no gueto judeu da cidade. Todos os anos, os judeus tiravam sangue do menino prisioneiro para utilizar na preparação ritual dos *matsá* da comunidade a serem consumidos na Páscoa judaica.

Em segundo lugar, os republicanos da Câmara apresentaram um projeto de lei pedindo uma declaração de guerra contra a Confederação Canadense se o primeiro-ministro King não revelasse o paradeiro do presidente desaparecido dentro de vinte e quatro horas.

Em terceiro lugar, órgãos policiais do Sul e do Meio-Oeste afirmam que os “supostos tumultos anti-semitas” de 12 de outubro teriam sido instigados por “elementos judeus locais” que atuavam a serviço de “uma vasta conspiração judaica cujo objetivo é minar o moral da nação”. Dos 122 mortos, 97 já teriam sido identificados como “provocadores judeus” que tentavam desviar as suspeitas do grupo verdadeiramente responsável pelos conflitos e que tramava assumir o controle do governo federal.

Afirma o prefeito La Guardia: “É verdade, há mesmo um complô em andamento, e para

mim é um prazer identificar as forças por trás dele — a histeria, a ignorância, a malícia, a burrice, o ódio e o medo. Que espetáculo repugnante nosso país se tomou! Mentira, crueldade e loucura em toda parte, e a força bruta nos bastidores aguardando a hora de dar cabo de todos nós. Agora o *Chicago Tribune* está nos dizendo que durante todos esses anos, padeiros judeus muito espertos usavam o sangue do filho seqüestrado de Lindbergh para fazer *matsá* pascalis na Polônia — uma história que continua tão delirante hoje quanto no dia em que foi inventada por anti-semitas malucos, quinhentos anos atrás. O *Führer* deve estar muito satisfeito por conseguir envenenar nosso país com suas baboseiras sinistras. Interesses judaicos. Elementos judeus. Usurários judeus. Retaliação judia. Conspirações judaicas. Uma guerra judaica contra o mundo. E dizer que ele conseguiu escravizar os Estados Unidos com essa palhaçada! Enfeitçar a mente da maior nação do mundo sem dizer uma única palavra que não fosse mentira! Que prazer não estamos dando ao homem mais perverso do mundo!”.

*Quinta-feira, 15 de outubro de 1942*

Pouco antes do amanhecer, o rabino Lionel Bengelsdorf é detido pelo FBI como suspeito de ser “um dos líderes da conspiração judaica contra os Estados Unidos”. Ao mesmo tempo, a primeira-dama, que estaria sofrendo de “esgotamento nervoso extremo”, é transferida por uma ambulância da Casa Branca para o hospital militar Walter Reed. Também foram detidos, entre outros, o governador Lehman, Bernard Baruch, o juiz Frankfurter e seu protegido David Lilienthal, que atuou no governo Roosevelt, os assessores do ex-presidente Adolf Berle e Sam Rosenman, os líderes sindicais David Dubinsky e Sidney Hillman, o economista Isador Lubin, os jornalistas de esquerda i. f. Stone e James Wechsler e o socialista Louis Waldman. Outras prisões estariam prestes a ser efetuadas, mas o FBI não deixou claro se a acusação de conspiração associada ao seqüestro do presidente será levantada apenas contra alguns dos suspeitos ou se contra todos eles.

Unidades de tanques e de infantaria do Exército chegam a Nova York para ajudar a Guarda Nacional a abafar violentas manifestações contra o governo que ocorrem esporadicamente. Em Chicago, em Filadélfia e em Boston, tentativas de manifestações de protesto contra o FBI — que constituiriam violações da lei marcial — resultaram apenas em ferimentos leves, embora centenas de pessoas tenham sido detidas, segundo a polícia.

No Congresso, republicanos de peso elogiam o FBI por esmagar o complô. Em Nova York, o prefeito La Guardia concede uma entrevista coletiva, ladeado por Eleanor Roosevelt e Roger Baldwin, da União Americana das Liberdades Cívicas. Eles exigem que sejam imediatamente libertados o governador Lehman e seus supostos cúmplices. Pouco depois, La Guardia é levado preso, na mansão do prefeito.

Para se dirigir aos manifestantes num protesto convocado por uma comissão de cidadãos nova-iorquinos, o ex-presidente Roosevelt viaja de sua casa, em Hyde Park, a Nova York; “para a sua própria proteção”, é imediatamente detido pela polícia. O Exército fecha todos os jomais e estações de rádio da cidade, e um toque de recolher passa a vigorar durante todo o dia em Nova York, até segunda ordem. Tanques militares bloqueiam todas as pontes e túneis de Manhattan.

Em Buffalo, o prefeito anuncia que pretende distribuir máscaras antigás a todos os cidadãos, e o prefeito da cidade vizinha de Rochester dá início ao programa de abrigos públicos para “proteger os moradores caso o Canadá resolva atacar o país de surpresa”. Uma troca de tiros de armas leves é

noticiada pela estação de rádio nacional canadense; teria ocorrido na fronteira entre o estado de Maine e a província de New Brunswick, perto da residência de verão de Roosevelt, na ilha de Campobello, baía de Fundy. Em Londres, o primeiro-ministro Churchill afirma que a Alemanha pretende invadir em breve o México, supostamente para proteger o flanco sul dos Estados Unidos enquanto tropas americanas tentam arrancar o Canadá do controle britânico. Afirma Churchill: “A questão não é mais a grande democracia norte-americana tomar medidas militares para nos salvar. Chegou a hora de os cidadãos americanos entrarem em ação para salvar a si próprios. Não se trata mais de dois dramas históricos isolados, o americano e o britânico; não são e nunca foram. Trata-se de uma única crise, e agora, tal como antes, devemos enfrentá-la juntos”.

*Sexta-feira, 16 de outubro de 1942*

A partir das nove da manhã, um transmissor de rádio secreto em algum lugar da Capital Federal inadia a voz da primeira-dama, a qual, com o auxílio de algum funcionário do Serviço Secreto fiel a Lindbergh, conseguiu fugir do hospital Walter Reed, onde — embora as autoridades afirmassem que ela estava sendo tratada pelos psiquiatras do Exército — ela teria sido mantida presa, em camisa-de-força, por quase vinte e quatro horas. Seu tom é suave e simpático; as palavras são pronunciadas sem nenhum sinal de aspereza ou desdém indignado — é a voz controlada de uma pessoa totalmente respeitável, que aprendeu a encarar o sofrimento e a decepção sem jamais perder o autocontrole. Ainda que se trate de um feito extraordinário, não há impetuosidade em sua atitude, e ela não manifesta medo algum.

“Meus compatriotas, não podemos permitir que os órgãos responsáveis pelo cumprimento das leis desrespeitem essas mesmas leis. Em nome de meu marido, peço às unidades da Guarda Nacional que se desamem e se dissolvam e retomem à vida civil. Peço a todos os membros das Forças Armadas dos Estados Unidos que deixem as cidades e voltem a suas bases de origem, sob o comando dos oficiais autorizados. Peço ao FBI que liberte todos aqueles detidos sob a acusação de conspirar contra meu marido e que lhes restitua imediatamente seus direitos civis. Peço às autoridades da área de segurança de toda a nação que façam o mesmo com relação àqueles detidos em cadeias locais e estaduais. Não há o menor indício de que uma só dessas pessoas tenha qualquer responsabilidade pelo que quer que haja acontecido a meu marido e a seu avião na quarta-feira 7 de outubro de 1942, ou nos dias subsequentes. Peço à polícia de Nova York que se retire das redações de jornais e revistas e estações de rádios ilegalmente ocupadas pelo governo, para que esses órgãos da imprensa voltem a funcionar normalmente nos termos garantidos pela Primeira Emenda à Constituição. Peço ao Congresso Federal que dê início aos procedimentos para destituir o atual presidente da República em exercício e nomear um novo presidente nos termos da Lei da Sucessão Presidencial de 1886, a qual determina que, em caso de vacância da Vice-Presidência da República, o cargo de presidente deverá ser ocupado pelo secretário de Estado. A Lei da Sucessão de 1886 também prevê que, nas circunstâncias em questão, o Congresso decidirá se deve ou não ser realizada uma eleição presidencial extraordinária; assim sendo, peço ao Congresso que autorize a realização de uma eleição presidencial que coincida com as eleições parlamentares programadas para a primeira terça-feira após a primeira segunda-feira de novembro.”

Essa transmissão radiofônica é repetida pela primeira-dama a cada meia hora, até que, ao meio-dia, ela anuncia que, em oposição ao presidente em exercício — a quem ela acusa de tê-la

mandado seqüestrar e deter ilegalmente —, vai voltar para a Casa Branca, na companhia dos filhos. Aludindo de modo intencional ao texto mais sagrado da democracia americana, ela conclui: “Não cederei nem me deixarei intimidar pelos representantes ilegais de um governo sedicioso, e peço ao povo americano que apenas siga meu exemplo e se recuse a aceitar ou apoiar esse comportamento indefensável da parte do governo. A história do atual governo é uma sucessão de afrontas e usurpações, todas com o objetivo de exercer uma tirania absoluta sobre estes estados. Este governo faz ouvidos moucos à voz da Justiça e estendeu sobre nós uma jurisdição indefensável. Conseqüentemente, em defesa daqueles mesmos direitos inalienáveis afirmados em julho de 1776 por Jefferson da Virgínia e Franklin da Pensilvânia e Adams da baía de Massachusetts, e pela autoridade do mesmo povo benévolo destes Estados Unidos, e apelando ao mesmo supremo juiz do mundo pela retidão de nossas intenções, eu, Anne Morrow Lindbergh, natural do estado de Nova Jersey, moradora do Distrito de Colúmbia e esposa do trigésimo terceiro presidente dos Estados Unidos, declaro encerrado este lamentável episódio de usurpação. O complô de nossos inimigos fracassou, a liberdade e a justiça estão restauradas e aqueles que violaram a Constituição Federal serão entregues ao Poder Judiciário, em conformidade com as leis da nação”.

“Nossa Senhora da Casa Branca” — esse o título concedido à sr. Lindbergh, ainda que com relutância, por Harold Ickes — volta à residência presidencial no fim da tarde desse mesmo dia, e de lá, valendo-se do poder que lhe confere sua mística de mãe sofredora da criança martirizada e de viúva resoluta do deus desaparecido, rapidamente consegue fazer com que o Congresso e os tribunais dissolvam o governo inconstitucional de Wheeler, cuja criminalidade, em apenas oito dias no exercício do cargo, deixa longe o governo republicano de Warren Harding, vinte anos antes.

A restauração da ordem democrática iniciada pela sr. Lindbergh culmina duas e meia semanas depois, na terça-feira, 3 de novembro de 1942, quando os democratas assumem o controle da Câmara e do Senado com larga margem de votos, e Franklin Delano Roosevelt é eleito por uma maioria esmagadora para seu terceiro mandato presidencial.

No mês seguinte — após o devastador ataque-surpresa a Pearl Harbor perpetrado pelos japoneses e, quatro dias depois, após a Alemanha e a Itália declararem guerra aos Estados Unidos — os americanos entram no conflito global que tivera início na Europa três anos antes, quando a Alemanha invadiu a Polónia e que foi crescendo até envolver dois terços da população mundial. Envergonhados por sua cumplicidade com o governo Wheeler e desmoralizados pela colossal derrota eleitoral, os poucos republicanos que não perdem seus mandatos parlamentares passam a apoiar o presidente democrata e sua luta contra as potências do Eixo. Câmara e Senado aprovam o ingresso dos Estados Unidos na guerra sem um único voto dissidente, e um dia após sua posse o presidente Roosevelt decreta a Proclamação nº 2568, perdoadando Burton Wheeler. Segue um trecho do documento:

Em conseqüência de certos atos ocorridos antes que fosse destituído do cargo de presidente em exercício, Burton K. Wheeler expôs-se à possibilidade de ser indiciado e julgado por crimes contra os Estados Unidos. Para poupar a nação do desgaste de um processo criminal contra um ex-presidente da República em exercício e para proteger o país da perturbação de um tal espetáculo em tempo de guerra, eu, Franklin Delano Roosevelt, presidente da

República, valendo-me do poder de perdoar que me é conferido pelo artigo 20, seção 2a da Constituição, concedo livremente o perdão pleno e integral a Burton Wheeler por todos os crimes contra os Estados Unidos que tenham sido cometidos por ele ou com sua anuência no decorrer do período de 8 de outubro de 1942 a 16 de outubro de 1942.

Como todos sabem, nunca mais se teve notícia do presidente Lindbergh, embora circulassem histórias, durante toda a guerra e ainda dez anos após seu término, semelhantes aos boatos referentes a outras pessoas importantes também desaparecidas nessa época turbulenta, como Martin Bormann, o secretário particular de Hitler, que segundo alguns teria escapado das forças aliadas fugindo para a Argentina, então governada por Juan Perón — mas que provavelmente morreu em Berlim nos últimos dias do nazismo —, e Raoul Wallenberg, o diplomata sueco responsável pela distribuição de passaportes de seu país que salvaram do extermínio cerca de vinte mil judeus húngaros e que desapareceu — numa prisão soviética, ao que tudo indica — quando os russos ocuparam Budapeste em 1945. Os poucos que ainda se dedicam ao estudo da conspiração envolvendo Lindbergh continuam a divulgar pistas e relatos sobre a possível localização do desaparecido em boletins publicados de modo intermitente e dedicados a tecer especulações sobre o destino misterioso do trigésimo terceiro presidente dos Estados Unidos.

A história mais rocambolesca e mais inacreditável — ainda que não a menos convincente — foi contada a nossa família por tia Evelyn após a detenção do rabino Bengelsdorf, e sua fonte seria ninguém menos que Anne Morrow Lindbergh, que a teria relatado ao rabino dias antes de ser levada à força da Casa Branca e mantida prisioneira na seção de psiquiatria do hospital Walter Reed.

Segundo o rabino Bengelsdorf, para a sra. Lindbergh a origem de tudo teria sido o seqüestro de seu filho Charles, ocorrido em 1932, planejado e financiado pelo Partido Nazista pouco antes de Hitler subir ao poder. De acordo com o que a primeira-dama teria relatado ao rabino, Bruno Hauptmann entregou o bebê aos cuidados de um amigo que morava perto dele no Bronx, e que como ele era um imigrante alemão mas que na verdade atuava como espião nazista; assim, horas após ter sido retirado de seu berço em Hopewell, Nova Jersey, e levado para fora de casa por Hauptmann numa escada improvisada, Charles Júnior já estava a caminho da Alemanha. O cadáver encontrado e identificado como o filho dos Lindbergh dez dias depois era o de outra criança, escolhida pelos nazistas para ser assassinada por guardar semelhança com o bebê seqüestrado, abandonada no mato, já em decomposição, perto da residência dos Lindbergh para que Hauptmann fosse condenado e executado e para que assim ninguém, exceto os Lindbergh, soubessem a verdade sobre as circunstâncias do rapto. Através de um espião nazista que atuava disfarçado como correspondente de um jornal em Nova York, o casal foi logo informado de que Charles havia chegado são e salvo em território alemão, e que seria muito bem tratado por uma equipe selecionada de médicos, aias, professores e militares nazistas — um tratamento especial digno do filho primogênito do maior aviador do mundo — desde que Lindbergh colaborasse integralmente com Berlim.

Por causa dessa ameaça, nos dez anos seguintes o destino dos Lindbergh e o de seu filho raptado — e, pouco a pouco, o destino dos Estados Unidos — passaram a ser determinados por

Adolf Hitler. Graças à eficiência de seus agentes em Nova York e Washington — e em Londres e Paris, depois que o famoso casal, obedecendo às ordens recebidas, “fugiram” como expatriados para a Europa, onde Lindbergh começou a visitar regularmente a Alemanha nazista e a elogiar as realizações de sua máquina militar —, os nazistas puseram-se a explorar a fama de Lindbergh em prol do Terceiro Reich e à custa dos Estados Unidos, decidindo onde o casal iria morar, que amizades faria e, acima de tudo, que opiniões defenderia em pronunciamentos públicos e em escritos publicados. Em 1938, como recompensa por Lindbergh ter aceitado uma medalha prestigiosa oferecida por Hermann Göring num jantar organizado em Berlim para homenagear o aviador, e após inúmeras cartas suplicantes que Anne Morrow Lindbergh conseguiu enviar em segredo ao próprio *Führer*, os Lindbergh tiveram por fim autorização para visitar seu filho, que a essa altura já era um belo menino louro de oito anos que, desde o dia em que chegara à Alemanha, estava sendo criado como um membro exemplar da Juventude Hitlerista. O pequeno cadete, que falava alemão, não sabia, porque tal não lhe fora dito, que os americanos famosos a que ele e seus colegas foram apresentados após uma parada na academia militar de elite em que estudavam eram seus pais, e os Lindbergh não receberam permissão de conversar com ele nem de ser fotografados a seu lado. A visita ocorreu no momento em que Anne Morrow Lindbergh se convencia de que a história do seqüestro do menino era uma fraude indizivelmente cruel e que já estava mais do que na hora de livrar-se daquela servidão imposta por Adolf Hitler. Porém, tendo visto Charles vivo pela primeira vez desde que ele desaparecera em 1932, os Lindbergh deixaram a Alemanha mais do que nunca sob o poder do pior inimigo de seu país.

Receberam então ordem de pôr fim a seu exílio e voltar aos Estados Unidos, onde o coronel Lindbergh deveria assumir a causa do movimento América em Primeiro Lugar. Eram-lhe entregues discursos, já redigidos em inglês, acusando os britânicos, Roosevelt e os judeus e apoiando a neutralidade dos Estados Unidos na guerra europeia, e com instruções específicas de onde e quando cada discurso deveria ser feito, até mesmo que roupas deveriam ser usadas nessas ocasiões. Todos os estratagemas políticos elaborados em Berlim eram executados por Lindbergh com o mesmo perfeccionismo meticuloso que caracterizava sua carreira de aeronauta, inclusive a noite em que ele chegou com seu traje de aviador à convenção do Partido Republicano e aceitou a indicação para a candidatura presidencial com palavras escritas pelo ministro da Propaganda nazista, Joseph Goebbels. Os nazistas planejaram cada manobra da campanha eleitoral, e depois que Lindbergh derrotou Roosevelt foi o próprio Hitler quem assumiu o comando, preparando — em reuniões semanais com Göring, que fora escolhido como seu sucessor e que era responsável pela economia da Alemanha, e Heinrich Himmler, que comandava os assuntos internos do país e chefiava a Gestapo, o órgão policial a cuja custódia fora entregue Charles Lindbergh Jr. — a política externa norte-americana que mais interessava aos objetivos bélicos da Alemanha e a seus grandiosos planos imperiais.

Em pouco tempo Himmler começou a interferir diretamente em assuntos internos dos Estados Unidos, pressionando o presidente Lindbergh — a quem o chefe da Gestapo se referia com desprezo em seus memorandos como “nosso *Gauleiter* americano” — para que fossem tomadas medidas repressivas contra os quatro e meio milhões de judeus americanos; e foi nesse momento, segundo a sra. Lindbergh, que o presidente assumiu, ainda que de início de modo

apenas passivo, uma atitude de resistência. De saída, ele criou a Agência de Absorção Americana, um órgão nascido para ser essencialmente irrelevante e não causar nenhum dano sério aos judeus e ao mesmo tempo passar a impressão — graças a programas como Gente como a Gente e Colonização 42 — de que se ajustava à orientação de Himmler no sentido de “dar início, nos Estados Unidos, a um processo sistemático de marginalização que leve, num futuro previsível, ao confisco de todos os bens dos judeus e ao total desaparecimento da população judia, seus pertences e propriedades”.

Heinrich Himmler não era homem de se deixar enganar por um embuste tão óbvio, nem de se dar ao trabalho de disfarçar sua decepção quando Lindbergh ousou se justificar — através de von Ribbentrop, que Himmler enviou a Washington numa visita de Estado, supostamente para comparecer a um jantar em sua homenagem, mas na verdade com a finalidade de ajudar o presidente a formular medidas mais rigorosas contra os judeus — explicando ao supremo comandante dos campos de concentração de Hitler que as garantias incorporadas ao texto da Constituição Federal, somadas às tradições democráticas americanas solidamente estabelecidas, tinham o efeito de impedir que uma solução final para o problema judaico fosse posta em prática nos Estados Unidos com a mesma rapidez e eficiência que num continente em que o anti-semitismo estava profundamente arraigado na população havia milênios e o poder dos nazistas era absoluto. Durante o jantar oficial em homenagem a von Ribbentrop, o presidente foi chamado a um canto por seu ilustre convidado, que lhe entregou um cabograma, decodificado momentos antes na embaixada alemã, com a resposta de Himmler: “Pense no menino antes de voltar a responder com parvoíces semelhantes. Pense no jovem Charles, um bravo e destacado cadete alemão que aos doze anos de idade conhece melhor que seu famoso pai o valor que nosso *Führer* dá às garantias constitucionais e tradições democráticas, especialmente no que diz respeito aos direitos dos parasitas”.

Com essa reprimenda de Himmler dirigida ao “Águia Solitária com coração de galinha” (era nesse tempo que Himmler se referia a Lindbergh em memorandos intemos), Lindbergh começou a ser repudiado como um instrumento útil do Terceiro Reich. Ao derrotar Roosevelt e os intervencionistas antinazistas do partido de Roosevelt, ele dera ao Exército alemão um tempo adicional para sufocar a resistência persistente e inesperada da União Soviética sem que a Alemanha corresse o risco de ter ao mesmo tempo de enfrentar o poderio industrial e militar dos Estados Unidos. Mais importante ainda, a presidência de Lindbergh proporcionou à indústria e aos cientistas alemães — que já desenvolviam em segredo uma bomba de poder explosivo inaudito fundada na fissão atômica, bem como um motor de foguete capaz de mandar essa bomba para o outro lado do Atlântico — mais dois anos para completar a preparação para o conflito apocalíptico com os Estados Unidos, cujo resultado, previa Hitler, determinaria o curso da civilização ocidental e o progresso da humanidade pelos próximos mil anos. Se Lindbergh tivesse se mostrado de fato o visionário inimigo dos judeus por quem o alto-comando alemão o tomara com base em informações reunidas sobre ele, e não um mero “anti-semita de coquetel”, como Himmler o tachava com desprezo, talvez o presidente tivesse tido permissão para completar seu mandato e ser reeleito antes de se aposentar e entregar o governo a Henry Ford, que já fora escolhido por Hitler como sucessor de Lindbergh apesar de sua idade avançada. Se Himmler tivesse



contado com um presidente americano com credenciais americanas inteprocháveis para implementar a solução final do problema judaico americano, é óbvio que posteriormente não viria a ser necessário utilizar recursos materiais e humanos alemães para cumprir tal missão nos Estados Unidos, nem teria sido preciso fazer com que o avião de Lindbergh desaparecesse em pleno vôo, conforme foi decidido por Berlim na quarta-feira 7 de outubro de 1942; nesse caso, o presidente em exercício Wheeler não teria assumido o cargo no dia seguinte e se revelado, para espanto e admiração dos que até então o viam como um simples bufão, um líder de verdade em poucos dias, espontaneamente implementando as exatas medidas que von Ribbentrop havia proposto a Lindbergh e que, Himmler acreditava, o herói americano não adotara em virtude das objeções morais pueris de sua mulher.

Uma hora após o desaparecimento de Lindbergh, a primeira-dama já fora informada pela embaixada alemã de que a responsabilidade pelo bem-estar de seu filho agora dependia apenas dela, e que se ela fizesse outra coisa que não desocupar a Casa Branca e retirar-se da vida pública por completo, Charles Jr. seria retirado da academia militar e enviado ao *front* russo na ofensiva contra Stalingrado em novembro, onde permaneceria em serviço como o mais jovem soldado de infantaria do Terceiro Reich a atuar na guerra, até morrer como um bravo nos campos de batalha pela glória do povo alemão.

Foi essa a história que, em resumo, tia Evelyn contou a minha mãe quando apareceu em nossa casa horas depois de o rabino Bengelsdorf ser levado, algemado, por agentes do FBI, do hotel em que estavam hospedados em Washington. De modo mais detalhado, a história está relatada em *Minha vida sob Lindbergh*, a apologia de quinhentas e cinqüenta páginas em forma de diário político publicada logo após a guerra pelo rabino Bengelsdorf e qualificada por um porta-voz da família Lindbergh, numa declaração feita à imprensa, como “uma calúnia infundada e condenável, motivada pela vingança e pela ganância, sustentada por um egocentrismo exacerbado, inventada com o propósito grosseiro de obter lucro comercial, e à qual a sra. Lindbergh não se dignará responder”. Quando minha mãe ouviu a história pela primeira vez, concluiu que agora não havia mais dúvida de que o choque de ver o rabino Bengelsdorf ser preso tivera o efeito de fazer sua irmã sofrer uma crise de loucura temporária.

O dia que se seguiu à visita inesperada de tia Evelyn foi a sexta-feira 16 de outubro de 1942, data em que a sra. Lindbergh, antes de voltar para a Casa Branca, de algum lugar não identificado em Washington, fez o pronunciamento radiofônico em que, com base apenas em sua autoridade de “esposa do trigésimo terceiro presidente dos Estados Unidos”, declarou “encerrado este lamentável episódio de usurpação” implementado pelo presidente em exercício. Se algum mal ocorreu ao filho raptado em consequência do ato corajoso da primeira-dama; se Charles Jr. de fato sobreviveu ao seqüestro e terminou sofrendo o destino terrível prometido por Himmler, ou mesmo se teve o infortúnio de ser criado como pupilo privilegiado e refém precioso do Estado alemão; se Himmler, Göring e Hitler realmente tiveram alguma relação importante com a ascensão de Lindbergh no Comitê América em Primeiro Lugar, influenciaram a política norte-americana durante os vinte e dois meses que durou o governo Lindbergh e foram responsáveis pelo misterioso

desaparecimento do presidente — tais questões são objeto de controvérsia há mais de meio século, se bem que agora despertem polémicas bem menos passionais e generalizadas do que durante as trinta e pouco semanas de 1946 em que (apesar de rotulada por Westbrook Pegler, o mais influente jornalista de direita anti-Roosevelt, como “o diário alucinado de um mitômano comprovado”, um epíteto citado com frequência) *Minha vida sob Lindbergh* permaneceu nos primeiros lugares das listas de *best-sellers* do país, juntamente com duas biografias de Roosevelt, que morrera na Presidência no ano anterior, apenas poucas semanas antes de a rendição incondicional da Alemanha nazista assinalar o fim da parte europeia da Segunda Guerra Mundial.

\* Grupo do Partido Democrata que controlou a cidade de Nova York do final do século XIX às primeiras décadas do século XX através da corrupção. (N.T.)

Outubro de 1942

Medo perpétuo

O telefonema de Seldon veio quando minha mãe, Sandy e eu já estávamos deitados. Foi numa segunda-feira, 12 de outubro, e na hora do jantar o rádio noticiou que haviam ocorrido turbulências no Meio-Oeste e no Sul depois que os serviços de informação britânicos anunciaram que o presidente Lindbergh teria deliberadamente abandonado seu avião a quinhentos quilômetros da costa, e fora levado pela Marinha e pela Aeronáutica nazistas para um encontro secreto com Hitler. Foi só no dia seguinte que os jornais matutinos puderam fornecer detalhes a respeito dos conflitos de uma desencadeados por essa notícia, mas poucos minutos depois que a informação chegou até nós, sentados em torno da mesa da cozinha, minha mãe já havia adivinhado quem eram os salvos da violência e qual o motivo dela. Àquela altura, a fronteira com o Canadá já tinha sido fechada havia três dias, e até eu, que achava insuportável a idéia de abandonar os Estados Unidos, compreendia perfeitamente que meu pai, quando se recusara a atender aos pedidos de minha mãe e ir embora do país meses antes, cometera o erro mais sério de toda a sua vida. Ele já voltara a trabalhar à noite no mercado; minha mãe saía todos os dias para comprar comida — dias antes, tivera a atitude quixotesca de comparecer a uma reunião na escola em que foram escolhidos os mesários da eleição de novembro; eu e Sandy fíamos à escola todas as manhãs com nossos amigos, mas assim mesmo, quando começou a segunda semana do governo de Wheeler como presidente em exercício, o medo estava em toda parte, muito embora a sra. Lindbergh aconselhasse os americanos a não levar em conta qualquer notícia vinda de países estrangeiros a respeito da localização do presidente, e apesar da importância assumida pelo rabino Bengelsdorf, que agora era membro da nossa família, um tio por afinidade que jantara uma vez em nossa casa mas que nada podia fazer para nos ajudar, e mesmo que pudesse nada faria, porque ele e meu pai só sentiam desprezo um pelo outro. O medo estava em toda parte, a expressão de medo estava em toda parte, principalmente nos olhos dos nossos protetores, aquela expressão que surge na fração de segundo depois que você tranca a porta e se dá conta de que não tem a chave. Nunca tínhamos visto os adultos reduzidos à impotência, todos pensando a mesma coisa. Os mais fortes faziam o possível para manter a calma e a coragem e para assumir um tom realista quando nos diziam que nossas preocupações em breve terminariam e nossa vida voltaria ao normal; mas quando ligavam o rádio e ouviam o noticiário, ficavam amassados ao constatar a velocidade com que todas aquelas coisas teríveis estavam acontecendo.

Então, na noite do dia 12, quando todos estávamos deitados sem conseguir dormir, o telefone tocou: era Seldon ligando a cobrar de Kentucky. Eram dez da noite e sua mãe ainda não havia chegado; como ele sabia o nosso número de cor (e não sabia para quem mais ligar), pegou o telefone, chamou a telefonista e, desesperado, tentando pronunciar todas as palavras necessárias antes que perdesse a capacidade de falar, disse a ela: “Ligação a cobrar, por favor. Newark, Nova Jersey.

81 Summit Avenue. Waverley 3-4827. Meu nome é Seldon Wishnow. Quero fazer uma ligação de pessoa a pessoa para o senhor Roth ou a senhora Roth. Ou Philip. Ou Sandy. Qualquer um, telefonista. Minha mãe não está em casa. Tenho dez anos. Estou sem comer e ela não está em casa. Telefonista, por favor — Waverley 3-4827. Eu falo com qualquer um!.

Naquela manhã, a sra. Wishnow tinha ido de carro até Louisville, onde ficava o escritório regional da Metropolitan, para se apresentar ao supervisor do distrito, atendendo a um pedido da companhia. Louisville ficava a mais de cento e cinquenta quilômetros de Danville, e na maior parte do caminho as estradas eram tão ruins que ela levaria praticamente o dia inteiro só para ir e voltar. Por que o supervisor do distrito não lhe escreveu uma carta ou telefonou para lhe comunicar o que queria dela, isso ninguém jamais compreendeu, nem lhe pediu que explicasse. Meu pai imaginou que a companhia pretendia despedi-la naquele dia e desejava que ela entregasse o livro onde registrava à mão todos os pagamentos recolhidos, para em seguida mandá-la embora, desempregada após apenas seis semanas de trabalho e a mais de mil quilômetros de casa. Ela não conseguira fazer praticamente nada naquelas primeiras semanas, na região rural do condado de Boyle, mas não por não ter se esforçado, e sim porque não havia muito serviço por lá. Aliás, todas as transferências feitas pela Metropolitan sob os auspícios do programa Colonização 42, sem exceção, estavam sendo catastróficas para os agentes que antes trabalhavam no distrito de Newark. Nos rincões quase desabitados daqueles estados longínquos para os quais eles e suas famílias haviam sido transferidos, nenhum deles jamais conseguiria ganhar em comissões um quarto do que costumavam receber no norte de Nova Jersey, uma região densamente habitada — assim, mesmo que só por isso, meu pai tinha enxergado longe ao largar o emprego e ir trabalhar para o tio Monty. Mas não enxergara tão longe com relação à idéia de cruzar a fronteira canadense antes que ela fosse fechada e fosse decretada a lei marcial.

“Se ela estivesse viva...”, disse Seldon a minha mãe, depois que ela aceitou o telefonema a cobrar, “se ela estivesse viva...” No início, Seldon chorava tanto que não conseguia dizer outra coisa, e até mesmo essas quatro palavras eram quase ininteligíveis.

“Seldon, chega. Pára com isso. Você está ficando histérico. É claro que sua mãe está viva. Ela só está demorando pra chegar em casa — só isso.”

“Mas se ela estivesse viva ela *telefonava!*”

“Mas, Seldon, e se ela estiver presa no trânsito? E se houve algum problema no carro e ela teve que ir pro acostamento pra consertar? Isso já aconteceu antes, quando vocês estavam aqui em Newark, lembra? Lembra aquela noite que estava chovendo, furou um pneu e você veio pro nosso apartamento? Deve ser só isso, um pneu furado; meu querido, fica calmo. Você tem que parar de chorar. Sua mãe está bem. Ficar repetindo essas coisas que você está dizendo, coisas que não são verdade, só vai deixar você mais nervoso ainda. Então, por favor, por favor, pára com isso agora. Faz um esforço, tenta ficar calmo.”

“Mas ela morreu, senhora Roth! Que nem meu pai! Agora os meus *dois* pais morreram!” E ele tinha razão, é claro. Seldon nada sabia sobre os conflitos que ocorriam em Louisville, e sabia muito pouco sobre o que acontecia no resto do país. Como na vida da sra. Wishnow não havia lugar para outra coisa que não seu filho e seu trabalho, nunca havia um jornal para se ler naquela casa, e quando os dois se sentavam à mesa do jantar em Danville não dispunham do noticiário

radiofônico que tínhamos em Newark. O mais provável é que ela estivesse tão cansada lá em Danville que nem mesmo ouvia rádio, e tão entorpecida que não conseguia mais registrar nenhuma outra desgraça que não sua própria vida.

Mas Seldon estava certíssimo: a sra. Wishnow tinha morrido, se bem que o fato só viria à tona no dia seguinte, quando o carro incendiado com os restos mortais de sua mãe foi encontrado, fumegante, numa vala ao lado de uma plantação de batatas na baixada logo ao sul de Louisville. Ao que parecia, ela fora espancada e roubada, e o carro incendiado logo no início das turbulências daquela noite, que não se restringiram às ruas centrais de Louisville, onde ficavam as lojas de propriedade de judeus, nem às ruas residenciais onde moravam os poucos cidadãos judeus da cidade. A Ku Klux Klan sabia que, assim que fossem acesas as tochas e as cruzes de fogo, os ratos tentariam fugir e estava preparada para capturá-los não apenas na estrada principal que seguia em direção ao Ohio, para o norte, mas também ao longo das estreitas vias secundárias em direção ao sul; e foi numa delas que a sra. Wishnow pagou com a própria vida por ter sido o nome de Lindbergh vilipendiado, primeiro pelo falecido Walter Winchell e agora pela máquina propagandística judaica do primeiro-ministro Churchill e do rei Jorge VI.

Disse minha mãe: “Seldon, você precisa comer alguma coisa. Comendo você vai se acalmar. Vá até a geladeira e pegue uma coisa pra comer”.

“Eu já comi os biscoitos de figo. Não tem mais nenhum.”

“Seldon, estou falando em você fazer uma refeição. Sua mãe deve chegar logo, mas enquanto isso não pode ficar aí parado esperando que ela venha dar comida pra você — precisa se virar sozinho, e não é só comer biscoito, não. Largue esse telefone, vá até a geladeira e depois volte pra me dizer o que é que tem lá dentro que você pode comer.”

“Mas é uma ligação interurbana.”

“Seldon, faça o que eu estou mandando.”

Para Sandy e para mim, que estávamos bem perto dela, no *hall* dos fundos, minha mãe disse: “Ela não chegou até agora, e ele está sem comer, sozinho, e ela não telefonou, e o coitadinho está desesperado e morrendo de fome”.

“Senhora Roth?”

“Diga, Seldon.”

“Tem ricota. Mas está velha. Não está com uma cara muito boa, não.”

“O que é que tem mais?”

“Beterraba. Numa tigela. É sobra. Fria.”

“Mais alguma coisa?”

“Vou olhar de novo — só um minuto.”

Dessa vez, quando Seldon largou o fone minha mãe perguntou a Sandy: “Os Mawhinney moram a que distância de Danville?”.

“De caminhão, uns vinte minutos.”

“Na minha cômoda”, disse minha mãe a Sandy, “em cima dela, na minha bolsa de moedas — o número está lá. Num pedaço de papel dentro daquela minha bolsinha pequena, marrom. Vai e pegá pra mim, por favor.”

“Senhora Roth?”, disse Seldon.

“Sim, estou aqui.”

“Tem manteiga.”

“Só isso? Não tem leite, não? Não tem suco?”

“Mas isso é café-da-manhã. Não é jantar.”

“Tem Rice Krispies, Seldon? Tem Com Flakes?”

“Claro”, disse ele.

“Então pega o cereal que você gosta mais.”

“Rice Krispies.”

“Pega os Rice Krispies, pega o leite e o suco, e prepara o seu café-da-manhã.”

“Agora?”

“Faça o que eu estou dizendo, por favor”, disse ela. “Quero que você tome o café-da-manhã.”

“O Philip está aí?”

“Está, sim, mas você não pode falar com ele. Primeiro tem que comer. Eu vou ligar pra você daqui a meia hora, depois que você comer. Agora são dez e dez, Seldon.”

“Aí em Newark também são dez e dez?”

“Aqui em Newark e aí em Danville. Exatamente a mesma hora nos dois lugares. Eu volto a ligar às quinze para as onze”, disse minha mãe.

“Aí eu posso falar com o Philip?”

“Pode, mas primeiro quero que você se sente à mesa da cozinha com tudo que você precisa. Quero que use colher, garfo, guardanapo e faca. Coma devagar. Use um prato. Uma tigela. Tem pão?”

“Está velho. Só umas duas fatias.”

“Vocês têm tomadeira?”

“Claro. A gente trouxe ela no carro. Lembra aquela manhã que a gente pôs as coisas todas no carro?”

“Ouça o que estou dizendo, Seldon. Preste atenção. Quero que você prepare tomadas, além do cereal. E passe manteiga. Tomadas com manteiga. E beba também um copo de leite, bem grande. Quero que você tome um bom café-da-manhã, e quando sua mãe chegar quero que você diga a ela pra ligar pra cá imediatamente. Pode ligar a cobrar. Diga para ela não se preocupar com a conta. É importante pra gente saber que ela chegou em casa. Mas de todo modo daqui a meia hora eu telefono pra você de novo, por isso não vá a lugar nenhum.”

“Lá fora está escuro. Ir pra onde?”

“Seldon, vá tomar o seu café-da-manhã.”

“Ok.”

“Até logo”, disse ela. “Até já. Eu ligo às quinze para as onze. Fique aí onde você está.”

Em seguida, minha mãe ligou para os Mawhinney. Meu irmão entregou-lhe o pedaço de papel com o número e ela pediu à telefonista que fizesse a ligação; assim que alguém atendeu, ela disse: “É a senhora Mawhinney? Aqui é a senhora Roth. A mãe do Sandy Roth. Estou telefonando de Newark, Nova Jersey, senhora Mawhinney. Desculpe se acordei a senhora, mas estamos precisando da sua ajuda por causa de um menino que está sozinho em Danville. O quê? Sim, claro, sim”.

Disse minha mãe a nós: “Ela vai chamar o marido”.

“Ah, não”, gemeu meu irmão.

“Sanford, não é hora disso. Eu também não queria estar fazendo isso. Eu sei que não conheço essa gente. Sei que eles não são como nós. Sei que os fazendeiros se deitam cedo e acordam cedo e trabalham muito. Mas me diga que outra coisa posso fazer. Aquele garotinho vai enlouquecer se continuar sozinho. Ele não sabe onde a mãe dele está. Alguém tem que ir lá. Ele já passou por coisas demais pra um menino da idade dele. Perdeu o pai. Agora a mãe sumiu. Será que você não compreende o que isso significa?”

“Claro que compreendo”, respondeu meu irmão, indignado. “Claro que compreendo.”

“Muito bem. Então você compreende que alguém tem que ir lá. Alguém...” Mas então o sr. Mawhinney atendeu o telefone, e minha mãe lhe explicou por que estava ligando, e imediatamente ele concordou em fazê-lo que ela pedia. Quando desligou, minha mãe disse: “Pelo menos ainda tem gente decente neste país. Pelo menos ainda tem gente decente em *algum* lugar”.

“Eu não disse?”, meu irmão sussurrou.

Jamais admirei tanto minha mãe quanto naquela noite, e não só por ela estar aceitando e fazendo ligações interurbanas com aquela prodigalidade. Havia mais, muito mais. Para começo de conversa, a agressão de Alvin contra meu pai na semana anterior. A reação violenta de meu pai. A destruição da nossa sala de visitas. Meu pai com dentes quebrados, costelas fraturadas, o rosto cheio de pontos e um colar cervical no pescoço. O tiroteio na Chancellor Avenue. Nossa convicção de que aquilo era um *pogrom*. As sirenes disparando a noite toda. Os gritos na rua a noite toda. Nós escondidos no *hall* dos Cucuzza, meu pai com uma pistola carregada no colo, o sr. Cucuzza com uma pistola carregada na mão — e tudo isso só na semana anterior. Para não falar no mês anterior, no ano anterior, nos dois anos anteriores — todos esses golpes, insultos e surpresas com o objetivo de enfraquecer e assustar os judeus não tinham ainda conseguido minar a força de minha mãe. Antes de ouvi-la mandar Seldon, a mais de mil quilômetros de distância, preparar uma refeição, sentar-se e comer, antes de ouvi-la telefonar para os Mawhinney — gentios que freqüentavam a igreja e que ela nem sequer conhecia — e pedir-lhes que a ajudassem a salvar Seldon da loucura, antes de ouvi-la dizer ao sr. Mawhinney que se alguma coisa séria tivesse acontecido com a sra. Wisnow eles não comiam nenhum risco de precisar assumir a responsabilidade por Seldon, que meu pai estava disposto a pegar o carro e ir até Kentucky para trazer Seldon de volta para Newark (e prometer tal coisa ao sr. Mawhinney quando ninguém ainda sabia até que ponto os Wheeler e os Ford estavam dispostos a permitir que as turbas agissem impunemente), eu não fazia idéia do que fora a história da vida de minha mãe naqueles anos. Até o telefonema desesperado de Seldon, eu nunca havia computado o preço que o governo Lindbergh fizera meus pais pagarem — até aquele momento, eu não sabia fazer uma conta com cifras tão elevadas.

Quando ligou para Seldon às quinze para as onze, minha mãe lhe explicou o plano que havia elaborado com os Mawhinney. Mandou Seldon pôr num saco de papel a escova de dentes, o pijama, uma cueca e um par de meias limpas, vestir uma suéter bem quente e seu casaco de frio, pôr seu boné de flanela e esperar em casa até que o sr. Mawhinney viesse buscá-lo de caminhão. O sr. Mawhinney era um homem muito bom, minha mãe explicou a Seldon, um homem bom e generoso, com uma mulher muito simpática e quatro filhos, que Sandy conhecera no verão que

passou na fazenda deles.

“Então ela morreu mesmo”, gritou Seldon.

Não, não, não, de modo algum — sua mãe viria pegá-lo na fazenda dos Mawhinney no dia seguinte e levá-lo de lá para a escola. Os Mawhinney iriam providenciar tudo, ele não precisava se preocupar com nada. Mas enquanto isso havia outras coisas que ele precisava fazer: com sua letra mais caprichada, Seldon devia escrever um bilhete para a mãe e deixá-lo na mesa da cozinha, dizendo que ia dormir aquela noite nos Mawhinney e dando o telefone deles. Ele também diria no bilhete que era para sua mãe telefonar para a sra. Roth a cobrar tão logo chegasse em casa. Depois disso, Seldon devia ir para a sala e ficar esperando até ouvir a buzina do caminhão do sr. Mawhinney; em seguida, apagaria todas as luzes da casa.

Minha mãe acompanhou Seldon etapa por etapa da preparação de sua partida e depois, elevando o valor da conta telefônica a níveis que não consigo nem imaginar, permaneceu na linha até que ele terminasse de fazer tudo que ela mandara e voltasse ao telefone para confirmar que tinha cumprido todas as ordens, e mesmo assim ela não desligou, continuando a tranquilizá-lo até que por fim Seldon gritou: “É ele, senhora Roth! Ele está buzinando!”. Então minha mãe disse: “Está bem, Seldon, mas agora saia com calma — pegue a sacola, apague as luzes, não esqueça de trancar a porta depois que sair, e amanhã de manhã, bem cedo, você vai ver sua mãe. Boa sorte, meu querido, e não corra, e... Seldon? Seldon, desligue o telefone!”. Mas isso ele não fez. Na pressa de fugir o mais depressa possível daquela casa assustadora, vazia, sem pai nem mãe, ele largou o fone pendurado. Isso, porém, pouco importava. Mesmo que a casa pegasse fogo, não fazia diferença, porque Seldon nunca mais voltaria a pôr o pé nela.

No domingo, 19 de outubro, ele estava de volta à Summit Avenue. Meu pai, acompanhado por Sandy, foi até Kentucky de carro para pegá-lo. O caixão contendo os restos mortais da sra. Wishnow chegou depois, de trem. Eu sabia que seu corpo tinha sido inteiramente calcinado dentro do carro, mas assim mesmo não conseguia deixar de imaginá-la no caixão, ainda de punhos cerrados. E a toda hora eu me via outra vez trancado no banheiro do apartamento do andar de baixo, enquanto a sra. Wishnow, do lado de fora, tentava me explicar como abrir a porta. Como ela fora paciente! Tão parecida com minha mãe! E agora estava dentro de um caixão, e era por culpa minha que ela estava lá.

Eu não conseguia pensar em outra coisa na noite em que minha mãe, como um oficial em pleno combate, fez com que Seldon preparasse sua refeição, organizasse sua saída e fosse recolhido pelos Mawhinney. A culpa é minha. Eu não conseguia pensar em outra coisa naquele momento, e até hoje não consigo parar de pensar nisso. Foi por minha culpa que tudo aquilo aconteceu com Seldon e sua mãe. O rabino Bengelsdorf tivera sua parte de culpa, e tia Evelyn também, mas eu desencadeara tudo aquilo — aquela devastação fora obra minha.

Na quinta-feira, 15 de outubro — dia em que o golpe de Wheeler atingiu o auge da ilegalidade —, nosso telefone tocou às quinze para as seis da manhã. Minha mãe achou que era meu pai e Sandy ligando de Kentucky com uma má notícia, ou então — pior ainda — alguém ligando para dar uma má notícia sobre eles, mas era minha tia. Minutos antes, agentes do FBI tinham batido na porta do quarto do hotel em Washington onde o rabino Bengelsdorf estava morando. Tia Evelyn tinha ido de Newark a Washington justamente na véspera e, assim, foi por



mero acaso que passara a noite lá — não fosse por isso, talvez nem ficasse sabendo em que circunstâncias seu marido tinha desaparecido. Os agentes não se deram ao trabalho de esperar que a porta fosse aberta; abriram-na com a chave-mestra fomicida pelo gerente do hotel e, depois de apresentarem ao rabino um mandado de prisão e esperar em silêncio que ele se vestisse, levaram-no do quarto algemado, sem dar nenhuma explicação a tia Evelyn, a qual, tão logo viu pela janela o rabino ser colocado num carro que não era da polícia, imediatamente ligou para minha mãe pedindo ajuda. Mas numa ocasião como aquela minha mãe certamente não estava disposta a me deixar aos cuidados de outra pessoa e enfrentar cinco horas de viagem de trem para ajudar uma imã com quem ela não falava havia meses. Cento e vinte e dois judeus tinham sido assassinados três dias antes — entre eles, conforme tínhamos acabado de ser informados, a sra. Wishnow; meu pai e Sandy ainda faziam aquela viagem perigosa para resgatar Seldon; e ninguém sabia o que seria preciso enfrentar ali mesmo na Summit Avenue. O tiroteio com a polícia da cidade, que resultara nas mortes de três marginais do bairro, fora o que de pior havia acontecido em Newark até o momento; não obstante, o fato de ocorrer na Summit Avenue, tão perto de casa, deixara todos os moradores da rua com a sensação de que o muro que até então protegia suas famílias tinha sido demibado — não o muro do gueto (que não protegia ninguém, nem do medo nem das patologias da exclusão), não um muro cujo objetivo fosse excluí-los ou prendê-los, e sim um muro protetor de leis que os defendiam dos desatinos de um gueto.

Às cinco da tarde, tia Evelyn surgiu em nossa casa, mais enlouquecida ainda do que parecia ao telefone logo após a prisão do rabino Bengelsdorf. Ninguém em Washington podia ou queria dizer a ela onde estava seu marido, nem mesmo se estava vivo, e quando soube que pessoas aparentemente inatacáveis tinham sido presas, figuras como o prefeito La Guardia, o governador Lehman e o juiz Frankfurter, ela sucumbiu ao pânico e pegou o trem. Temendo voltar sozinha para a mansão do rabino na Elizabeth Avenue — e temendo também que, se telefonasse antes, minha mãe lhe pediria para não vir —, tomou um táxi diretamente da estação para a Summit Avenue e implorou que minha mãe a deixasse entrar. Apenas duas horas antes, uma notícia assustadora tinha sido transmitida pelo rádio: o presidente Roosevelt, ao chegar a Nova York para participar de uma manifestação de protesto à tarde no Madison Square Garden, tinha sido “detido” pela polícia nova-iorquina — e fora isso que levava minha mãe a sair de casa e, pela primeira vez desde que ingressei no jardim-de-infância, em 1938, ir me pegar na escola ao final das aulas. Até então, ela estava agindo como os demais moradores da rua, de acordo com as instruções do rabino Prinz, para quem a comunidade devia continuar com sua vida normal e deixar as questões de segurança nas mãos da comissão de cidadãos; mas naquela tarde ela concluiu que, tendo em vista os últimos acontecimentos, as recomendações sábias do rabino deviam ser deixadas para trás e, assim, acompanhada de outras cem mães que tinham chegado à mesma conclusão, ela foi pegar o filho quando tocou o último sinal e um bando de crianças começou a jogar das portas da escola.

“Eles estão atrás de mim, Bess! Eu preciso me esconder — você tem que me esconder!”

Como se não fosse bastante a reviravolta sofrida por nossas vidas em pouco mais de uma

semana, agora lá estava minha tia vibrante, ativa, a esposa (ou talvez, àquela altura, a viúva) da pessoa mais importante que nossa família já viu de perto — lá estava a pequenina tia Evelyn, de cara lavada, desgrenhada, subitamente transformada numa bruxa, numa figura feia e vulnerável, tanto pela desgraça quanto por sua própria histeria. E lá estava minha mãe impedindo que ela entrasse no apartamento, com uma expressão furiosa de que eu jamais julgara capaz. Nunca tinha visto minha mãe tão furiosa, nem jamais ouvira xingar ninguém. Nem imaginava que ela soubesse fazer tal coisa.

“Por que não vai se esconder na casa do von Ribbentrop?”, exclamou minha mãe. “Por que não vai pedir proteção ao seu amigo, Herr von Ribbentrop? Sua pateta! E a *minha* família? Você acha que a gente também não está com medo? Acha que nós também não estamos correndo perigo? Suavaca egoísta — *todos nós* estamos com medo!”

“Mas eles vão me prender!vão me torturar, Bessie, porque eu sei a verdade!”

“Você não pode ficar aqui! Nem pensar!”, disse minha mãe. “Você tem casa, dinheiro, criadagem — tem tudo pra se proteger. Nós não temos nada disso, absolutamente nada. Vai embora, Evelyn! Vai! Sai daqui de casa!”

Para nosso espanto, minha tia virou-se para mim para pedir proteção. “Meu queridinho, meu amor...”

“Como você ousa!”, gritou minha mãe, e bateu a porta com força, quase acertando na mão que tia Evelyn, impotente, estendia em direção à minha.

No momento seguinte, minha mãe me abraçou com tanta força que, pela testa, fiquei ouvindo seu coração bater.

“Como é que ela vai pra casa?”, indaguei.

“De ônibus. Não é problema nosso. Ela vai de ônibus como todo mundo.”

“Mas que história é essa dela saber a verdade, mãe?”

“Nada. Esquece. Sua tia não é mais problema nosso.”

De volta à cozinha, ela escondeu o rosto nas mãos e imediatamente foi tomada por um acesso de choro. Seus escrúpulos de mãe responsável foram por água abaixo, juntamente com a força que havia utilizado com rigor para ocultar sua fraqueza e não deixar que seu mundo desabasse.

“Como é que pode, a Selma Wishnow ter morrido?”, perguntou ela. “Como é que eles podem prender o presidente Roosevelt? Como é que essas coisas podem estar acontecendo?”

“Porque o Lindbergh desapareceu?”, arisquei.

“Porque ele *apareceu*”, emendou ela. “Porque ele apareceu, aquele góí idiota pilotando aquele avião idiota! Ah, eu não devia ter deixado eles irem buscar o Seldon! Onde está seu irmão? Onde está seu pai?” E onde está — ela parecia se perguntar também — aquela vida ordenada de outrora, aquele grande, aquele imenso empreendimento que era a nossa vida familiar? “A gente nem sabe onde eles estão”, prossegui, mas falando como se quem estivesse perdida fosse ela própria. “Deixar eles saírem assim... O que é que eu tinha na cabeça? Deixar eles saírem quando o país inteiro... quando...”

Ela impediu-se de continuar, porém estava perfeitamente claro para onde a conduzia seu pensamento: ... quando góis estão matando judeus nas ruas.

Para mim, nada havia a fazer senão ficar olhando para ela até seu choro se esgotar, quando então toda a concepção que eu tinha dela até o momento sofreu uma mudança surpreendente: minha mãe era um ser humano como eu. Essa revelação me chocou, e eu era pequeno demais para compreender que esse era o laço mais forte que poderia haver entre nós.

“Como pude mandá-la embora?”, exclamou minha mãe. “Ah, meu amor, o que, o que a vovó diria se estivesse aqui?”

O remorso, como era de se esperar, foi o modo como seu sofrimento se manifestou, a autoflagelação implacável de quem condena a si própria, como se em tempos tão enlouquecidos como aqueles houvesse uma maneira certa e uma maneira errada de agir que teria sido óbvia para outra pessoa, como se diante de dilemas como aqueles qualquer um não fosse presa fácil da estupidez. No entanto, ela se recriminava por ter feito juízos errôneos que não apenas eram naturais, quando não restava mais explicação lógica nenhuma para coisa alguma, como também tinham sido gerados por emoções de que ela não podia de modo algum contestar. O pior era que, por mais convicta que estivesse de que cometera um erro catastrófico, se tivesse agido contra seus próprios instintos não teria agora menos motivos de estar arrependida do que fizera. Para o menino que a via se debatendo naquela dúvida angustiada (e que estava ele próprio tremendo de medo), tudo aquilo representava uma descoberta: eu descobrira que não havia como fazer uma coisa certa sem também fazer algo errado, tão errado que, especialmente numa situação de caos em que tudo estava em jogo, o melhor a fazer talvez fosse esperar e não agir — só que não fazer nada era também fazer alguma coisa... em circunstâncias como aquela, não fazer nada era fazer muita coisa —, e descobrira também que, até mesmo para uma mãe que a cada dia combatia de modo metódico o fluxo desordenado da vida, não havia sistema de desse jeito numa trapalhada sinistra como aquela.

À luz dos acontecimentos drásticos daquele dia (que, em matéria de intolerância tirânica e traição, deixou longe até mesmo a aprovação das Leis dos Estrangeiros e da Sedição de 1798, que Jefferson qualificara de “reinado das bruxas” dos federalistas), reuniões de emergência foram convocadas para aquela noite nas quatro escolas do bairro que, juntas, incluíam praticamente todos os alunos judeus da rede escolar primária de Newark. Cada reunião seria presidida por um membro da Comissão de Cidadãos Judeus Preocupados. Um caminhão com um sistema de alto-falantes havia passado no final da tarde, pedindo a todos que avisassem os vizinhos sobre as reuniões. As pessoas podiam levar os filhos se não quisessem deixá-los sozinhos em casa, e, para que se tranqüilizassem, foram informadas de que toda a polícia estava mobilizada no South Ward — a proteção policial chegava até a Frelinghuysen Avenue, ao leste, e até a Springfield Avenue, ao norte —, como o prefeito Murphy prometera ao rabino Prinz. Toda a polícia montada do departamento — dois pelotões de doze policiais, divididos e distribuídos por quatro distritos diferentes — tinha sido escalada para patrulhar as ruas oeste do bairro de Weequahic que davam para Irvington (onde, uma noite antes, uma loja de bebidas localizada na principal rua comercial do trecho e cujo proprietário era judeu havia sido inteiramente incendiada, depois de arrombada e saqueada) e também as ruas ao sul que margeavam o condado de Union e as cidades de Hillside

(famosa, para mim, pela enorme fábrica da Bristol-Myers na Route 22, que produzia o pó dentifício que usávamos, onde, na véspera, haviam quebrado as janelas de uma sinagoga) e Elizabeth (onde os pais de minha mãe tinham se instalado como imigrantes na virada do século — e onde, o que era fascinante para um menino de nove anos, a fábrica de *pretzels*\* da Livingston Street, segundo se dizia, contratava surdos-mudos do estado para dar nó na massa — e onde haviam profanado sepulturas no cemitério do templo Bnai Jeshunn, a poucos quarteirões do campo de golfe do Weequahic Park).

Pouco antes das seis e meia, minha mãe desceu a rua com passos rápidos em direção à Escola Chancellor Avenue, onde a reunião ia se realizar. Fiquei em casa, encarregado de atender o telefone e aceitar a ligação interurbana caso meu pai telefonasse da estrada. Os Cucuzza haviam lhe prometido que cuidariam de mim até ela voltar, e de fato, no momento exato em que minha mãe descia a escada, Joey vinha subindo, de três em três degraus, enviado pela sra. Cucuzza para me fazer companhia enquanto eu esperava — em vão, no final das contas — pelo telefonema interurbano informando que meu pai e meu irmão estavam bem e logo chegariam em casa com Seldon. Sob a lei marcial, o Exército havia requisitado as instalações da Bell Telephone para fins militares, e com isso o serviço de interurbano ainda aberto para civis estava sobrecarregado; havia quarenta e oito horas que não tínhamos notícia de meu pai.

Como a divisa entre Newark e Hillside passava cerca de duzentos metros ao sul de nossa casa, durante aquela noite, mesmo com as janelas fechadas, nos dava algum conforto ouvir o tropel ruidoso dos cavalos da polícia subindo e descendo a ladeira da Keer Avenue, logo depois da esquina. E quando abri a janela de meu quarto e me debrucei sobre o beco escuro para escutar, consegui ouvi-los, ainda que ao longe, no trecho onde a Summit Avenue desembocava na Liberty Avenue de Hillside. A Liberty atravessava toda Hillside até chegar à Route 22, que seguia para o oeste entrando em Union e de lá rumava ao sul, penetrando os imensos territórios cristãos desconhecidos daquelas cidades de nomes autenticamente anglo-saxônicos: Kenilworth, Middlesex e Scotch Plains.

Essas cidades não chegavam a ser subúrbios de Louisville, mas ficavam além das fronteiras ocidentais do meu mundo conhecido; e embora fosse necessário atravessar mais três condados de Nova Jersey apenas para alcançar a divisa leste da Pensilvânia, na noite de 15 de outubro cheguei a ficar alariado ao imaginar o pesadelo de uma onda de fúria anti-semita que varresse os Estados Unidos em direção ao leste, escoando pela Route 22, irrompendo na Liberty Avenue e dali vindo estourar diretamente na Summit Avenue e em nosso beco, subindo nossa escada dos fundos como a água de uma inundação, não fosse a barreira sólida representada pelos traseiros luzidios dos cavalos da polícia de Newark, cuja força, velocidade e beleza haviam se materializado no trecho da nossa rua graças ao mais eminente rabino de Newark, Prinz, nobre até no nome.

Como era de se esperar, Joey não ouvia quase nada do que se passava lá fora, e assim ficava correndo de um cômodo para outro, olhando pelas janelas das duas extremidades da casa, tentando ver, ainda que de relance, algum detalhe anatômico de ao menos um dos cavalos — cavalos de uma linhagem com membros muito mais compridos, torsos musculosos e muito mais esguios, crânios mais alongados e muito mais delicados do que o desengonçado cavalo do orfanato que me havia dado um coice —, e também ver os policiais uniformizados, cada um deles

com duas fileiras de reluzentes botões de latão percorrendo de alto a baixo a túnica folgada, com uma pistola enfiada no coldre preso à cintura.

Alguns anos antes, meu pai me levava com Sandy ao Weequahic Park numa manhã de domingo para arenessar fendas na quadra de malha do parque, e um policial disparou em perseguição a alguém que tinha roubado a bolsa de uma mulher — um momento em Newark que parecia saído da corte do rei Artur. Fiquei por alguns dias fascinado com o encantamento daquela cena galante. Os policiais escolhidos para ingressar na polícia montada eram os mais ágeis e atléticos, e para uma criança pequena era um espetáculo mesmerizante ver um deles descer a rua majestosamente, parar para preencher uma multa de estacionamento e em seguida, sem desmontar, esticar o braço para prender a multa sob o limpador de pára-brisa do carro, um gesto físico, que exprimia uma convicção magnífica para com a era da máquina. Na famosa torre de tráfego de Four Corners, havia postos da polícia montada, cada um voltado para um ponto cardinal, e aos sábados muitos meninos eram levados ao centro da cidade para ver os cavalos que estavam de serviço naquele dia, acariciar-lhes os focinhos, dar-lhes tomões de açúcar e ser informados de que cada policial montado valia por quatro a pé, além, é claro, de lhes fazer as perguntas de sempre: “Como é que ele se chama?” “O cavalo é de verdade?” “O pé dele é feito de quê?”. Às vezes via-se um cavalo da polícia amarrado junto a uma rua movimentada do centro, absolutamente tranqüilo com sua manta azul e branca ostentando as iniciais NP, um capão com mais de um metro e oitenta de altura, pesando quinhentos quilos, com um cassetete grande e ameaçador preso a seu flanco e o ar mais *blasé* deste mundo, como se fosse uma estrela de Hollywood, enquanto o policial que acabara de desmontar, parado a seu lado, com culotes azul-escuros, botas altas pretas e um pomográfico coldre de couro com a forma exata do órgão sexual masculino ereto, imune a qualquer acidente em meio ao pandemônio de carros e caminhões e ônibus a buzinar, garantia o fluir tranqüilo do trânsito com ágeis movimentos de braços. Esses policiais tinham talento para tudo — até mesmo, o que desagradava meu pai, para irromper numa multidão de grevistas e dissolvê-la —, e vê-los ali tão perto, com seu ar glamoroso de heróis, ajudava a acalmar meus nervos e preparar-me para a calamidade que estava prestes a acontecer.

Na sala, Joey retirou o aparelho de surdez e o estendeu a mim, dando-o, *empurrando-o* para mim num gesto incompreensível — o aparelho e o estojo preto do microfone, com a bateria e todos os fios. Não entendi por que ele imaginava que eu pudesse querer aquilo, ainda mais numa noite como aquela, porém lá estava toda a parafernália espalhada na palma de suas mãos, com um aspecto ainda mais sinistro, se tal era possível, do que quando instalada em sua orelha. Não estava claro para mim se ele queria que eu lhe fizesse perguntas a respeito do aparelho, ou o admirasse, ou tentasse desmontá-lo para consertá-lo. Mas não; ele queria que eu o usasse.

“Põe você”, disse ele com sua voz oca, grave.

“Porquê?”, gritei. “Não vai servir em mim.”

“Não serve em ninguém”, disse ele. “Põe.”

“Eu não sei botar”, argumentei, falando o mais alto possível, e assim Joey prendeu o estojo do microfone à minha camisa, colocou a bateria no bolso da minha calça e, depois de verificar se todos os fios estavam bem ligados, deixou que eu mesmo enfiasse a peça moldada no ouvido. Para tal, fechei os olhos e fiz de conta que era uma concha, que estávamos na praia e ele queria que eu

ouviu o ruído do oceano... mas tive de conter a ânsia de vômito quando consegui enfiar a peça no lugar, ainda quente e grudada do ouvido dele.

“Está bem. E agora?”

Então ele estendeu a mão, e como se estivesse acionando o interruptor de uma cadeira elétrica e eu fosse o inimigo público número um, com um sorriso nos lábios foi girando o potenciômetro no centro do estojo do microfone.

“Não estou ouvindo nada”, disse eu.

“Peraí que eu vou aumentar.”

“Será que esse negócio vai me fazer ficar surdo?”, e imediatamente me imaginei surdo e mudo, preso em Elizabeth o resto da vida dando nósem massa de biscoito na fábrica de *pretzels*.

Ele riu gostosamente ao me ouvir dizendo isso, embora eu não tivesse nenhuma intenção de fazer graça.

“Olha”, disse eu, “não quero fazer isso, não. Agora, não. Tem muita coisa acontecendo lá fora que não tem a menor graça, você sabe.”

Mas ele não se dava conta do que estava acontecendo, ou por ser católico e não ter motivo para se preocupar ou simplesmente porque Joey era sempre Joey em qualquer situação.

“Sabe o que foi que o vigarista que vendeu isso falou? E olha que ele nem é médico”, disse Joey, “mas ficou fazendo exame em mim assim mesmo. Ele tirou o relógio do bolso e encostou ele no meu ouvido e aí perguntou: ‘Está ouvindo agora, Joey?’. Eu não ouvi nada, aí ele escreveu uns números num papel. Aí ele pegou duas moedas no bolso, e foi a mesma coisa. Ele bateu uma moeda na outra e perguntou: ‘Está ouvindo as moedas, Joey?’, e aí foi indo pra longe, e eu vi ele batendo as moedas, mas não ouvi nada. ‘A mesma coisa’, eu disse pra ele, e aí ele anotou no papel outra vez. Depois olhou pro papel com uma cara muito séria, e aí pegou essa merda de aparelho numa gaveta. Botou em mim, todas as peças, e disse pro meu pai: ‘O seu filho vai ouvir até o capim crescendo, porque esse modelo é muito bom’”, e ao dizer isso Joey foi aumentando o volume, até que comecei a ouvir água entrando numa banheira — só que eu era a banheira. Então aumentou mais ainda — e veio o trovão.

“Pára com isso!”, exclamei. “Chega!” Mas Joey pulava de alegria de um lado para outro, por isso amanei o aparelho do ouvido e por um momento fiquei aparvalhado, pensando que, não bastasse o prefeito La Guardia estar preso, e o presidente Roosevelt também, e o rabino Bengelsdorf também, o garoto que agora morava no andar de baixo ia me dar tanto trabalho quanto o que morava lá antes, e foi então que resolvi fugir de casa outra vez. Eu ainda era muito inexperiente em matéria de gente para compreender que, no final das contas, todo mundo dá muito trabalho, inclusive eu. Primeiro era o Seldon que me parecia insuportável, e agora era o Joey; assim, resolvi naquele exato momento fugir dos dois. Ia fugir antes que Seldon chegasse, antes que os anti-semitas chegassem, antes que chegasse o cadáver da sra. Wisniew e eu tivesse que ir ao enterro. Sob a proteção da polícia montada, eu fugiria naquela noite de tudo que me perseguia, de tudo que me odiava, de tudo que queria me matar. Fugiria de tudo que eu havia feito e não havia feito, eu começaria do zero, um menino que ninguém conhecia. E me dei conta, na mesma hora, de que o lugar para onde eu deveria fugir era Elizabeth, para a fábrica de *pretzels* de lá. Eu diria a eles, escrevendo num papel, que era surdo-mudo. Eles me dariam um emprego na fábrica, eu jamais

falaria e fingiria não ouvir nada, e ninguém descobriria quem eu era.

Joey perguntou: “Você está sabendo do garoto que bebeu o sangue do cavalo?”.

“Que sangue do cavalo?”

“O cavalo da igreja. De um garoto que entrou lá de noite, na fazenda, e bebeu o sangue do cavalo. Estão procurando ele.”

“Quem que está procurando ele?”

“Oscaras. O Nick. Aqueles caras. Oscaras mais velhos.”

“Quem é o Nick?”

“Um dos órfãos. Ele tem dezoito anos. O garoto que fez isso é judeu que nem você. Eles têm certeza que ele é judeu, evão achar ele.”

“Por que é que ele bebeu o sangue do cavalo?”

“Judeu bebe sangue.”

“Você não sabe o que está dizendo. Eu não bebo sangue. O Sandy não bebe sangue. Meus pais não bebem sangue. Ninguém que eu conheço bebe sangue.”

“Esse garoto bebe.”

“É mesmo? Como é que ele se chama?”

“O Nick ainda não sabe. Mas estão procurando ele. Não se preocupa que eles vão achar.”

“E o que é que vão fazer então, hein, Joey? Beber o sangue dele? *Judeu não bebe sangue. Quem diz isso é maluco.*” Devolvi-lhe o aparelho de surdez — pensando que agora, além do mais, eu tinha de fugir também do tal Nick —, e logo Joey voltou a correr de uma janela a outra, tentando ver os cavalos, até que, quando não suportava mais estar perdendo o que, na sua cabeça, equivalia ao espetáculo do Velho Oeste de Buffalo Bill sendo exibido ali mesmo na frente da nossa casa, saiu correndo porta afora; não voltei a vê-lo naquela noite. Dizia-se que havia um cavalo da polícia em Newark que mascava fumo, tal como o policial que ia montado nele, e que sabia somar batendo no chão com a pata direita da frente, e Joey depois disse que chegou a vê-lo em nosso quarteirão, um cavalo do oitavo distrito chamado Ned, que deixava os meninos se balançarem pendurados em seu rabo sem escoiceá-los. É possível que ele tenha mesmo conhecido o lendário Ned, e que tenha valido a pena. Fosse como fosse, por me largar sozinho naquela noite e não voltar mais, por entregar-se a seu amor às novidades em vez de obedecer às ordens de sua mãe, Joey foi severamente castigado quando o pai voltou para casa na manhã seguinte, e seu traseiro avantajado, que até lembrava o de um cavalo, foi impiedosamente golpeado com a corcova preta do relógio do vigia.

Depois que Joey desapareceu, tranquei a porta com duas voltas na chave, e só não liguei o rádio para me distrair por temer que mais um boletim extra interrompesse a programação normal, dando a mim, sozinho em casa, uma notícia ainda mais horrorosa do que as que eu já ouvira naquele dia. Daí a pouco eu já estava pensando outra vez em fugir para a fábrica de *pretzels*. Lembrei-me do artigo sobre a fábrica que havia sido publicado no *Sunday Call* cerca de um ano antes e que eu tinha recortado para levar à escola, pois estava fazendo um trabalho sobre as indústrias de Nova Jersey. No artigo, o dono da fábrica, um tal de sr. Kienze, afirmava ser falsa a idéia, aparentemente difundida em todo o mundo, de que para uma pessoa aprender a fazer *pretzels* era necessário treiná-la durante anos. “Eu ensino num dia”, disse ele, “se ela for capaz de aprender.” Boa

parte do artigo tinha a ver com a controvérsia sobre a necessidade de colocar sal no *pretzel*. O sr. Kuenze afirmava que não era preciso pôr sal do lado de fora, que ele só o fazia “para satisfazer o público”. O importante, explicou, era pôr sal na massa, e isso ele era o único fabricante de *pretzels* do estado a fazer. Segundo o artigo, o sr. Kuenze tinha cem empregados, muitos deles surdos-mudos, mas também “rapazes e moças que trabalham depois das aulas”.

Eu sabia qual era o ônibus que passava pela fábrica — era o mesmo que eu e Earl havíamos tomado na tarde em que fomos até Elizabeth atrás do cristão que, na última hora, Earl identificou como veado. Eu teria de rezar para que o veado não estivesse no mesmo ônibus — se por acaso estivesse, eu saltaria e tomaria o próximo. Era importante levar comigo um bilhete, dessa vez assinado não pela irmã Mary Catharine, e sim por um surdo-mudo. “Prezado sr. Kuenze. Li a seu respeito no *Sunday Call*. Quero aprender a fazer *pretzels*. Tenho certeza que eu aprendo num dia. Sou surdo-mudo. Sou órfão. O senhor me dá o emprego? E assinei: “Seldon Wisnaw”. Não consegui de modo algum imaginar um nome diferente.

Eu precisava do bilhete, e precisava de roupas. Era importante dar ao sr. Kuenze a impressão de ser um menino confiável; eu não podia chegar lá sem roupa alguma. E dessa vez precisava também de um plano, de “um plano a longo prazo”, como dizia meu pai. A idéia me ocorreu de imediato: meu plano a longo prazo seria economizar o dinheiro ganho na fábrica de *pretzels* para comprar um bilhete só de ida até Omaha, Nebraska, onde o padre Flanagan dirigia a Cidade dos Meninos. Eu conhecia a Cidade dos Meninos e o padre Flanagan — como todos os meninos do país — por causa do filme com Spencer Tracy, que havia ganhado um Oscar interpretando o famoso padre e doado o prêmio à Cidade dos Meninos. Eu tinha cinco anos quando vi o filme no Cine Roosevelt com Sandy numa tarde de sábado. O padre Flanagan pegava meninos da rua, alguns já transformados em ladrões e pequenos gângsteres, e os levava para sua fazenda, onde eles ganhavam alimentos e roupas, estudavam, jogavam beisebol, cantavam num coro e aprendiam a se tornar bons cidadãos. O padre Flanagan era o pai de todos eles, qualquer que fosse sua raça ou religião. Em sua maioria, os meninos eram católicos, alguns protestantes, mas havia também uns poucos meninos judeus pobres na fazenda — eu sabia porque meus pais, que como milhares de outras famílias americanas haviam visto o filme chorando, faziam uma doação ecumênica à Cidade dos Meninos todos os anos. Mas eu não ia me identificar como judeu quando chegasse a Omaha. Eu diria — falando em voz alta depois de tanto tempo — que não sabia o que nem quem eu era. Que eu não era nada nem ninguém — apenas um menino, só isso, certamente não a pessoa que fizera a sr. Wisnaw morrer e seu filho virar órfão. Que meus pais criassem o filho dela como se fosse deles de agora em diante. Ele dominaria na minha cama. Ficaria com meu irmão. Herdaria todo o meu futuro. Eu viveria com o padre Flanagan em Nebraska, que era ainda mais longe de Newark do que Kentucky.

De repente pensei num nome e reescrevi o bilhete assinando “Philip Flanagan”. Então decidi ir ao porão para pegar a mala de papelão em que eu escondia as roupas roubadas de Seldon antes de fugir pela primeira vez. Dessa vez colocaria minhas próprias roupas na mala e levaria no bolso o pequeno mosquete de estanho comprado em Mount Vernon, que eu usava para abrir os envelopes que recebia da empresa filatélica no tempo em que eu possuía uma coleção decente e recebia correspondência. A baioneta media pouco mais de um centímetro, mas se eu



estava indo embora para valer era importante levar alguma coisa para me proteger, e uma faca de papel era tudo que eu tinha.

Minutos depois, descendo a escada com uma lanterna, consegui reunir forças e impedir que minhas penas desabassem, dizendo a mim mesmo que aquela era a última vez que eu teria de descer naquele porão e enfrentar o espremedor de roupas, os gatos, os ralos, os mortos. E também aquela parede úmida e suja que dava para a rua, em que Alvin, com uma pena só, uma vez despejara sua dor.

Ainda não fazia frio suficiente para que as caldeiras estivessem acesas; assim, quando, ao pé da escada, apontei a lanterna para os vultos cinzentos das caldeiras frias, elas pareciam aqueles mausoléus imponentes onde, sabe-se lá por quê, os ricos e poderosos se fazem enterrar. Fiquei parado, torcendo para que o fantasma do pai de Seldon tivesse ido para Kentucky (talvez escondido no porta-malas do carro de meu pai) para buscar sua mulher morta, porém sabendo muito bem que isso não tinha acontecido, que seu lugar de fantasma era ali, comigo — que seu coração espectral transbordava de maldições, todas destinadas a mim. “Eu não queria que eles se mudassem para lá”, cochichei. “Foi um erro. A culpa não é minha. Eu não queria que isso acontecesse com o Seldon.”

Eu estava preparado, é claro, para o silêncio que inevitavelmente se seguia a minhas súplicas dirigidas aos mortos implacáveis, mas em vez disso ouvi meu nome pronunciado em resposta — e por uma mulher! Atrás das caldeiras, havia uma mulher gemendo meu nome! Morta havia apenas algumas horas, e já pronta para começar a me assombrar para o resto da vida!

“Eu sei a verdade”, disse ela, e então, surgindo como uma sacerdotisa do oráculo de Delfos, do nosso depósito emergiu minha tia. “Eles estão atrás de mim, Philip”, disse tia Evelyn. “Eu sei a verdade, e eles vão me matar!”

Porque ela precisava ir ao banheiro e comer alguma coisa — e porque eu não sabia o que fazer senão dar a minha tia tudo que ela precisava — não me restava outra opção senão levá-la para cima comigo. Cortei uma fatia da metade do pão que restava do jantar, passei manteiga nela e pus leite num copo; quando saí do banheiro — eu havia baixado as corrediças das janelas da cozinha para que ninguém pudesse vê-la do lado de fora — minha tia devorou tudo com voracidade. Ainda estava com o casaco e a bolsa no colo e nem havia tirado o chapéu, e eu tinha esperança de que, tão logo matasse a fome, ela se levantaria e iria para casa, quando então eu poderia descer ao porão, pegar a mala, colocar minhas coisas nela e fugir de casa antes que minha mãe voltasse da reunião. Depois de comer, porém, minha tia começou a falar sem parar, repetindo vez após vez que sabia a verdade e que por isso iam matá-la. Haviam chamado a polícia montada, afirmou, para descobrir onde ela estava escondida.

No silêncio que se fez após esse comentário surpreendente — que, naquelas circunstâncias, em que de uma hora para outra não havia mais nada de previsível acontecendo, eu era criança o bastante para quase acreditar — ficamos ouvindo o ruído de um único cavalo subindo o quarteirão em direção à Chancellor Avenue. “Eles sabem que eu estou aqui”, disse minha tia.

“Não sabem, não, tia Evelyn”, mas eu próprio não acreditava no que dizia. “Nem eu sabia que

a senhora estava aqui.”

“Então por que é que você foi lá me procurar?”

“Não, eu estava procurando outra coisa. A polícia está na rua”, expliquei-lhe, convencido de que mentia deliberadamente, muito embora falasse no tom mais sério de que eu era capaz, “a polícia está na rua por causa do anti-semitismo. Os guardas estão aí fora pra proteger a gente.”

Ela sorriu um sorriso reservado para as almas puras. “Me conta outra, Philip.”

Agora *nada* do que eu sabia coincidia com nada do que eu ou ela dizíamos. A sombra de sua loucura havia me tocado sem que eu ainda me tivesse dado conta de que, enquanto estava escondida em nosso depósito — ou talvez até antes, no momento em que vira o rabino sendo levado algemado pelo FBI —, minha tia havia mesmo enlouquecido. A menos, claro, que o processo de enlouquecimento inexorável tivesse começado naquela noite na Casa Branca, em que ela dançava com von Ribbentrop. Essa a teoria que meu pai vinha a defender: muito antes de o rabino ser preso, quando todos os judeus de Newark estavam atônitos de ver o modo indecoroso como Bengelsdorf ganhava prestígio com o presidente, minha tia havia se entregado à mesma credulidade que transformara todo o país num hospício: o culto a Lindbergh e sua concepção do mundo.

“A senhora quer se deitar?”, perguntei, temendo que ela dissesse sim. “A senhora precisa descansar? Quer que eu chame um médico?”

Nesse ponto ela segurou minha mão com tanta força que suas unhas cravaram-se na minha carne. “Philip, meu amor, eu sei *tudo*.”

“A senhora sabe o que aconteceu com o presidente Lindbergh? É isso que a senhora está dizendo?”

“Cadê a sua mãe?”

“Na escola. Num reunião.”

“Você vai me levar água e comida, meu amorzinho.”

“Eu vou? Claro. Onde?”

“No porão. Não posso ficar bebendo água do tanque da lavanderia. Alguém vai acabar me encontrando.”

“De jeito nenhum”, concordei, pensando na mesma hora na avó de Joey e no hábito feroz de loucura que emanava dela. “Eu levo tudo.” Mas, tendo feito essa promessa, eu não podia mais fugir.

“Você por acaso teria uma maçã?”, indagou tia Evelyn.

Abri a geladeira. “Não, maçã não tem, não. Minha mãe não tem podido fazer compra. Mas tem uma pêra, tia Evelyn. A senhora quer?”

“Quero. E mais uma fatia de pão. Prepara mais uma fatia pra mim.”

A voz dela mudava o tempo todo. Agora ela falava como se estivéssemos apenas nos apressando para um piquenique, aproveitando o que tínhamos em casa para levar para o Weequahic Park, onde ficaríamos à beira do lago, à sombra de uma árvore, como se os acontecimentos daquele dia tivessem tão pouca importância para nós quanto tinham para o resto do país: um incômodo menor para os cristãos, no máximo. Como havia mais de trinta milhões de famílias cristãs nos Estados Unidos e apenas um milhão de famílias judias, por que eles haveriam

dese preocupar?

Cortei mais uma fatia de pão para minha tia levar para o porão e passei bastante manteiga. Se mais tarde me perguntassem quem havia comido aquele pão, eu diria que tinha sido Joey, que ele comera o pão e a pêra antes de sair correndo para ver os cavalos.

Quando cheguei em casa e soube que meu pai não havia telefonado, minha mãe não conseguiu ocultar seus sentimentos. Amasada, olhou para o relógio da cozinha, talvez se lembrando de que antigamente aquela hora era a hora de se deitar, e que bastava que as crianças lavassem o rosto e escovassem os dentes para que o dia, cheio de deveres cumpridos, se encerrasse para satisfação geral. Era esse o significado das nove horas — pelo menos era no que acreditávamos antes, convencidos por aquela realidade inteiramente convincente e imutável que, como agora sabíamos, era falsa.

É a rotina cotidiana da escola — seria ela também falsa, apenas um estratagemma engenhoso cujo objetivo era nos enfraquecer com expectativas racionais e cultivar em nós uma absurda sensação de confiança? “Por quê?”, indaguei quando ela me disse que no dia seguinte não iríamos à escola. Minha mãe respondeu utilizando a fórmula vazia que fora sugerida aos pais para que eles pudessem dizer a verdade sem assustar demais as crianças: “Porque a situação se deteriorou ainda mais”. “Que situação?”, indaguei. “A nossa.” “Por quê? O que foi que aconteceu agora?” “Não aconteceu nada. Mas é melhor as crianças ficarem em casa amanhã. Cadê o Joey? Cadê o seu amigo?” “Ele comeu um pedaço de pão, pegou a pêra e foi embora. Pegou a pêra na geladeira e foi embora. Ele foi ver os cavalos.” “E você tem certeza que ninguém telefonou?”, ela perguntou, exausta demais para se zangar com Joey por deixá-la na mão numa hora daquelas. “Eu queria saber por que é que não tem aula, mãe.” “Você quer mesmo que eu diga?” “Quero. Por que é que eu não posso ir pra escola?” “Bom... é porque pode haver uma guerra com o Canadá.” “Com o Canadá? Quando?” “Ninguém sabe. Mas é melhor todas as crianças ficarem em casa até a gente entender o que está acontecendo.” “Mas por que é que a gente vai entrar em guerra com o Canadá?” “Por favor, Philip, por hoje eu não agüento mais. Já disse a você tudo que sei. Você insistiu, eu falei. Agora a gente só pode esperar. A gente tem que esperar pra ver, como todo mundo.” E então, como se a insegurança a respeito do paradeiro de meu pai e meu irmão não tivesse desencadeado nela a pior das idéias — a de que nós dois éramos agora, tal como os Wisnow, uma viúva e seu filho —, minha mãe disse (tentando teimosamente seguir o tradicional protocolo das nove horas): “Quero que você escove os dentes e vá pra cama”.

Acama — como se a cama, lugar de aconchego e conforto, e não uma incubadora de pavores, ainda existisse.

Alguma coisa com o Canadá me intrigava bem menos do que o problema de como tia Evelyn ia fazer suas necessidades durante a noite. Até onde ia meu entendimento, os Estados Unidos finalmente iam entrar na guerra mundial, não do lado da Inglaterra e da Comunidade Britânica, como todos imaginavam no tempo em que Roosevelt era presidente, e sim do lado de Hitler e seus aliados, a Itália e o Japão. Além disso, haviam se passado dois dias inteiros desde a última vez que tivéramos notícias de meu pai e Sandy, e era perfeitamente possível que os dois houvessem sofrido

uma morte tão horrível quanto a da mãe de Seldon, nas garras das multidões anti-semitas; e, ainda por cima, no dia seguinte não iríamos à escola, o que levantava a possibilidade de que talvez nunca mais tivéssemos aulas se o presidente Wheeler implantasse no país as leis que sabíamos terem sido impostas pelos nazistas às crianças judias da Alemanha. Uma catástrofe política de proporções inimagináveis estava transformando uma sociedade livre num estado policial, mas, afinal, criança é criança, e a única coisa que não saía da minha cabeça na cama era que, quando chegasse a hora de seu intestino funcionar, tia Evelyn ia ter que fazer ali mesmo no chão do nosso depósito. Esse era o evento incontrolável que, para mim, pesava mais do que todo o resto, como se fosse a súplica de tudo, o acontecimento que apagava tudo o mais. Era o perigo menos importante de todos, e no entanto ganhou tamanha proporção na minha cabeça que, por volta da meia-noite, fui na ponta dos pés até o banheiro e encontrei, na parte de trás da prateleira de baixo do armário para astoalhas, a comadre que havíamos comprado para Alvin usar em situações de emergência logo que ele chegou do Canadá. Eu já estava na porta dos fundos, pronto para levar a comadre para tia Evelyn, quando minha mãe, de camisola, se deparou comigo e olhou atônita para aquela imagem de um menino que de tão agoniado estava prestes a enlouquecer.

Minutos depois, minha mãe subia a escada, trazendo tia Evelyn para nosso apartamento. Desnecessário relatar a perturbação que esse fato causou na família Cucuzza, a reação adversa que a figura assustadora de minha tia provocou na figura assustadora da avó de Joey — o lado farsesco do sofrimento é algo que todos conhecem. Fui dormir na cama de meus pais enquanto minha mãe e tia Evelyn se instalavam no meu quarto, e agora a tarefa principal de minha mãe era impedir que sua irmã se levantasse da cama de Sandy, fosse até a cozinha e abrisse o gás para matar a todos nós.

Aquela viagem de ida e volta, de dois mil e quinhentos quilômetros, foi a grande aventura da vida de Sandy. Para meu pai, foi algo ainda mais decisivo — foi sua batalha de Guadalcanal, sua batalha das Ardenas. Aos quarenta e um anos de idade, estava velho demais para ser convocado quando, em dezembro, tendo caído em descrédito a política de Lindbergh, tendo caído em desgraça o presidente Wheeler e estando Roosevelt de volta à Casa Branca, os Estados Unidos finalmente entraram na guerra contra as potências do Eixo; assim, aquela viagem seria a experiência mais próxima ao combate, em termos de medo, exaustão e sofrimento físico, que meu pai viria a ter. Ainda com o colar cervical, duas costelas quebradas, o rosto coberto de pontos e a boca cheia de dentes quebrados — e com a pistola sobressalente do sr. Cucuzza no porta-luvas para se proteger das pessoas que já haviam assassinado cento e vinte e dois judeus exatamente naquela região para onde ele estava indo —, meu pai dirigiu mais de mil e duzentos quilômetros até chegara Kentucky, parando apenas para encher o tanque e ir ao banheiro. E depois de dormir cinco horas na casa dos Mawhinney e comer alguma coisa, pegou o carro e deu início à viagem de volta, só que agora com uma infecção dolorosa no ferimento do rosto e com Seldon sofrendo dores no estômago e febril no banco de trás, tendo alucinações que envolviam sua mãe e tentando de tudo, só faltando apelar para a magia, para fazê-la voltar à vida.

Aviagem de ida levava pouco mais de vinte e quatro horas, mas a volta foi três vezes mais longa porque eles foram obrigados a parar muitas vezes para que Seldon vomitasse à beira da estrada ou

baixasse as calças e ficasse de cócoras numa vala, e porque, quando estavam a apenas quarenta quilômetros de Charleston, na Virgínia Ocidental (onde deram voltas e mais voltas, totalmente perdidos, em vez de seguirem para o nordeste numo a Maryland), o carro pifou seis vezes em pouco mais de um dia: uma vez em meio às ferrovias, cabos de força e enormes correias transportadoras de Alloy, um lugarejo com cerca de duzentos habitantes onde montes imensos de minério e sílica cercavam os prédios da fábrica da Electro-Metallurgical Company; uma vez na vila vizinha de Boomer, onde as chamas dos fornos de coque subiam tão alto que, depois do pôr do sol, parado no meio de uma rua sem iluminação, meu pai conseguiu ler (ainda que erradamente) o mapa rodoviário; uma vez em Belle, mais uma dessas cidadezinhas industriais, mínimas e infameis, onde o cheiro de amônia que vinha da fábrica da Du Pont quase fez meu pai e meu irmão desmaiarem quando saíram do carro para levantar o capô e tentar descobrir qual era o problema; outra vez em South Charleston, uma cidade que pareceu a Seldon “um monstro” por causa do vapor e da fumaça que cobriam os pátios, os depósitos e os telhados das fábricas, longos e escuros, repletos de fuligên; e duas vezes nos arredores da capital do estado, Charleston. Lá, por volta de meia-noite, a fim de procurar um botequim onde houvesse um telefone público para chamar um reboque, meu pai teve de atravessar a pé uma estrada de ferro e depois descer uma ladeira coberta de lixo, até chegar a uma ponte sobre um rio cheio de barcas de carvão, dragas e rebocadores, isso tendo deixado os dois meninos a sós dentro do carro, estacionado na estrada marginal do rio, do outro lado da qual se estendia uma fábrica infinita — galpões, bamacos, prédios de ferro e vagões abertos de carvão, fomalhas acesas, tanques baixos e cercas altas —, uma fábrica que, a se acreditar no que dizia uma placa do tamanho de um cartaz, era “o maior fabricante mundial de machados, machadinhase foices”.

Aquela fábrica, transbordando de lâminas afiadas, desferiu o golpe mortal sobre o pouco de sanidade mental que restava em Seldon — na manhã seguinte, ele começou a gritar que ia ser escalpelado pelos índios. E, curiosamente, ele tinha certa razão: era possível estabelecer uma analogia, mesmo sem estar delirando, entre os colonizadores brancos que, sem ser convidados, pela primeira vez ultrapassaram a barreira dos Apalaches e penetraram o território de caça favorito das tribos Delaware e Algonquin; só que os novos invasores não eram brancos de aparência estranha, cuja rapacidade agredisse os habitantes locais, e sim judeus de aparência estranha, cuja presença era por si só uma provocação. Dessa vez, porém, os homens que defendiam suas terras da usurpação e lutavam para que seu modo de vida não fosse destruído não eram índios liderados pelo grande Tecumseh, e sim virtuosos cristãos americanos, instigados pelo presidente da República em exercício.

Estávamos então no dia 15 de outubro — a quinta-feira em que o prefeito La Guardia foi preso em Nova York, a primeira-dama foi encarcerada no hospital Walter Reed, Roosevelt foi “detido” com “os judeus de Roosevelt” supostamente responsáveis pelo seqüestro de Lindbergh *père*, o rabino Bengelsdorf foi preso em Washington e tia Evelyn enlouqueceu no nosso depósito subterrâneo. Naquele mesmo dia, meu pai e Sandy vasculhavam a região serana da Virgínia Ocidental à procura do único médico licenciado do condado (o único barbeiro registrado já tinha oferecido seus serviços), para pedir-lhe que desse a Seldon alguma coisa que o acalmasse. O homem que encontraram numa estrada de terra rural tinha mais de setenta anos e fedia a *bourbon*,

um médico bom, simpático e lépido para sua idade, que dirigia uma clínica instalada numa pequena casa de madeira onde os pacientes que aguardavam em fila, na varanda da frente, eram — conforme Sandy me contou mais tarde — os brancos mais maltrapilhos que ele jamais vira. O médico concluiu que o delírio de Seldon fora causado principalmente pela desidratação, e mandou que o menino passasse uma hora bebendo canecos e mais canecos de água junto ao riacho que corria atrás da casa. Além disso, ele extraiu o pus da infecção no rosto de meu pai para evitar uma septicemia, a qual — naquela época em que os antibióticos já tinham sido descobertos mas ainda não eram fáceis de encontrar — teria se espalhado por seu organismo, matando-o antes que ele tivesse tempo de chegar em casa. Como o velho era melhor em diagnóstico do que em matéria de dar pontos, meu pai passou o resto da vida parecendo que havia duelado em seus tempos de estudante em Heidelberg. Essa cicatriz se transformou para mim não apenas numa marca deixada pelas condições emergenciais daquela viagem como também num indício do estoicismo enlouquecido de meu pai. Quando por fim chegou a Newark, ele estava tão enfraquecido pela febre e calafrios — e com uma tosse forte tão preocupante quanto a do sr. Wishnow — que o sr. Cucuzza levou-o direto da nossa cozinha, onde ele desmaiara durante o jantar, para o hospital Beth Israel, mais uma vez, onde ele quase morreu de pneumonia. Mas seria impossível deter meu pai enquanto Seldon não estivesse a salvo. Meu pai era um salvador nato, e sua especialidade eram os órfãos. Pois perder o pai e virar órfão era um infortúnio ainda maior do que ter de se mudar para Union ou para Kentucky. Veja só, dizia ele, o que aconteceu com Alvin. Veja só o que aconteceu com a minha cunhada depois que a mãe dela morreu. Ninguém podia ficar sem pai nem mãe. Quem não tinha pai nem mãe tomava-se vulnerável à manipulação, às más influências — ficava sem raízes, exposto a todos os perigos.

Nesse ínterim, Sandy havia se instalado no parapeito da varanda da clínica, e lá ficou desenhando os pacientes, entre eles uma menina de treze anos chamada Cecile. Era a época em que meu irmão precoce conseguia ser três garotos diferentes no intervalo de vinte e quatro horas; nessa época, por mais imperturbável que fosse, ele jamais agradava meus pais, nem quando se destacava: eles não gostaram quando ele foi trabalhar para Lindbergh e passou a exibir seus dotes oratórios sob o olhar de tia Evelyn e se tomou a maior autoridade em matéria de plantio de fumo de toda a Nova Jersey, e também não gostaram quando ele trocou Lindbergh pelas garotas e se tomou, da noite para o dia, o mais jovem *don juan* do bairro; e agora, tendo se oferecido para guiar meu pai até a fazenda dos Mawhinney, atravessando um quarto do continente — na esperança de que, com essa manifestação de coragem verdadeira, reconquistasse seu prestígio de filho mais velho e fosse aceito pela família da qual havia sido arrancado —, Sandy praticamente subvertiu sua própria causa por ter feito algo que certamente lhe pareceu uma distração inofensiva e “artística”: desenhara núbil Cecile. Quando meu pai — com um novo curativo cobrindo um lado do rosto — saiu do consultório e viu o que Sandy fazia, agarrou-o pelo cinto e começou a amastá-lo, com bloco e tudo, para fora da varanda, nua baixo, até chegar ao carro. “Você é maluco?”, cochichou, olhando para ele, furioso, por cima do colar cervical. “Que idéia maluca, desenhar a garota!” “É só o rosto”, Sandy tentou explicar, apertando o bloco contra o peito — e mentindo. “Eu não quero saber o que é! Será que nunca ouviu falar do Leo Frank? Nunca ouviu falar do judeu que eles lincharam na Geórgia por causa daquela garotinha da fábrica? Não tem nada que desenhar garota

nenhuma, que diabo! Não tem nada que desenhar *nenhum* deles! Essa gente não gosta de ser desenhada — será que você não entende? Nós fomos até Kentucky pegar esse garoto porque queimaram a mãe dele viva dentro do carro dela! Pelo amor de Deus, guarda essas suas coisas e não desenha mais garota nenhuma!”

De volta à estrada, eles não faziam idéia de que Filadélfia (onde meu pai pretendia chegar na manhã do dia 17) tinha sido ocupada por tanques e soldados do Exército; meu pai também não sabia que o tio Monty, apesar das súplicas de minha mãe, indiferente a todos os problemas que não fossem os seus, o havia despedido por faltar ao trabalho duas semanas seguidas. Meu pai opta pela resistência, o rabino Bengelsdorf opta pela colaboração e o tio Monty opta por si próprio.

Para chegar ao condado de Boyle, onde moravam os Mawhinney, eles haviam atravessado o estado de Nova Jersey na diagonal, em direção ao sul, até Camden, e depois cruzado o rio Delaware, chegando a Filadélfia; de lá seguiram para o sul até Baltimore, em seguida rumaram para o sudoeste atravessando toda a Virgínia Ocidental para alcançar Kentucky; cerca de cento e cinqüenta quilômetros depois, estavam em Lexington, e perto de um lugar chamado Versailles tomaram a direção sul outra vez, numo às seras baixas do condado de Boyle. Minha mãe acompanhava a viagem deles pelo mapa dobrável dos quarenta e oito estados norte-americanos e das dez províncias canadenses que vinha na minha enciclopédia, desdobrando-o sobre a mesa da sala de jantar toda vez que a ansiedade a dominava; enquanto isso, na estrada, Sandy, armado com uma lanterna para quando escurecia, ia traçando o itinerário com um mapa rodoviário da Esso, sempre atento à presença de pessoas de aparência suspeita, especialmente quando atravessavam algum lugarejo sinistro que nem existia no mapa. Além das seis vezes em que o carro pifou na volta, Sandy contou pelo menos outras seis, na Virgínia Ocidental, em que meu pai — por desconfiar da aparência de um caminhão caindo aos pedaços que os seguia, ou das picapes estacionadas de modo desordenado junto a um bar de beira-estrada, ou da cara do garoto de macacão que encheu o tanque do carro, verificara o óleo e depois cuspira no chão ao receber o pagamento — pediu a Sandy que abrisse o porta-luvas e lhe passasse a pistola do sr. Cucuzza para que a deixasse em seu colo enquanto ele dirigia; e em cada uma dessas vezes ele falava como se, embora nunca tivesse disparado um tiro na vida, em caso de necessidade não hesitaria em “puxare o gatilho”.

Sandy, que ao voltar para casa desenhou, de memória, a obra-prima de sua meninice — a história ilustrada de sua grande viagem à região mais dura do país —, admitiu que tivera medo quase o tempo todo: medo quando atravessavam cidades onde membros da Ku Klux Klan estavam à espera de judeus que tivessem a imprudência de passar por ali, mas medo também quando se viam afastados das cidades perigosas, longe dos cartazes desbotados, dos postos de gasolina minúsculos, do último dos banacões onde viviam os pobres mais esfarrapados — casebres de madeira toscos que Sandy reproduziu meticulosamente, sustentados nos quatro cantos por pilhas instáveis de pedras, com buracos à guisa de janelas, uma chaminé rústica desmoronando num canto e, sobre o telhado gasto, algumas pedras espalhadas para manter no lugar as telhas soltas — e penetravam o que meu pai chamava de “o interiorão”. Medo, disse Sandy, quando passavam velozes por vacas, cavalos, celeiros, silos, sem que houvesse nenhum outro carro à vista; medo das curvas fechadas das estradas de terra sem acostamento nem mureta à beira-estrada; medo quando o asfalto se transformava em pedregulho e a floresta se fechava em torno deles como se fossem os

exploradores Lewis e Clark a desbravar o continente. Medo, acima de tudo, porque nosso carro não tinha rádio, e assim eles não sabiam se a matança de judeus tinha terminado ou se estavam seguindo justamente em direção ao lugar onde o ódio assassino contra pessoas como nós estava no auge.

Ao que parecia, o único interlúdio em que meu irmão *não* sentira medo fora o episódio que tanto assistara meu pai na varanda da casa do médico: o momento em que Sandy desenhou uma garota serrana da Virgínia Ocidental cuja beleza sem dúvida o havia excitado. Por acaso, a garota tinha a mesma idade da “garotinha da fábrica” (era assim que todo o país se referia a ela) assassinada em Atlanta cerca de trinta anos antes por seu supervisor judeu, um funcionário casado de vinte e nove anos chamado Leo Frank. O famoso caso da pobre Mary Phagan, que em 1913 fora encontrada morta com uma corda ao redor do pescoço no chão do subsolo da fábrica de lápis depois de ter ido à sala de Frank no dia do assassinato para receber seu pagamento, rendera manchetes em todos os jornais, do Norte e do Sul, mais ou menos na época em que meu pai, um menino impressionável de doze anos de idade que havia largado os estudos para ajudar a sustentar a família, trabalhando numa fábrica de chapéus em East Orange, aprendia uma lição inesquecível a respeito da acusação generalizada que o associava, de modo inextricável, às pessoas que haviam crucificado Cristo. Depois que Frank foi julgado culpado (com base em provas circunstanciais não muito confiáveis, hoje em dia praticamente desacreditadas), um seu companheiro de prisão tomou-se herói em todo o estado ao cortar sua garganta, quase matando-o. Um mês depois, uma multidão de cidadãos respeitáveis terminou o serviço, retirando Frank à força de sua cela e — para grande satisfação dos colegas de fábrica de meu pai — enforcando o “sodomita” numa árvore em Marietta, na Geórgia (a cidade natal de Mary Phagan), como uma advertência pública a outros “libertinos judeus”, para que não pisassem em território sulista nem ousassem se aproximar das mulheres sulistas.

Mas, claro, o caso Frank era apenas uma parte da história por trás da sensação de perigo vivida por meu pai na Virgínia Ocidental naquela tarde de 15 de outubro de 1942. A origem daquele sentimento remontava a coisas bem mais antigas.

Foi assim que Seldon veio morar conosco. Depois que eles voltaram de Kentucky são e salvos, Sandy mudou-se para o jardim-de-inverno e Seldon passou a substituir Alvin e tia Evelyn na função da pessoa devastada pelos horrores cruéis do governo Lindbergh que dormia na cama ao lado da minha. Dessa vez eu não tinha de cuidar de nenhum coto. Aquele menino era de próprio o coto, e até ele ir morar com a irmã casada de sua mãe no Brooklyn, dez meses depois, eu fui a sua prótese.

\* Biscoito salgado cuja massa é torcida de modo a formar a letra B. (N.T.)



Post-scriptum

*Esclarecimento ao leitor*  
*Cronologia verídica das principais personagens*  
*Outras personagens históricas citadas na obra*  
*Alguns documentos*

*Complô contra a América* é uma obra de ficção. Este *post-scriptum* tem o propósito de fornecer referências aos leitores interessados em saber até onde vão os fatos históricos e onde tem início a imaginação histórica. Os fatos apresentados abaixo foram extraídos das seguintes fontes: John Thomas Anderson, “Senator Burton K Wheeler and United States foreign relations” (tese apresentada ao programa de pós-graduação da University of Virginia), 1982; Neil Baldwin, *Henry Ford and the Jews: The Mass Production of Hate*, 2001; A Scott Berg, *Lindbergh*, 1998; Biography Resource Center, *Newark Evening News* e *Newark Star-Ledger*; Allen Bodner, *When Boxing Was a Jewish Sport*, 1997; William Bridgwater e Seymour Kurtz, orgs, *The Columbia Encyclopedia*, 1963; James MacGregor Burns, *Roosevelt: The Soldier of Freedom*, 1970, e *Roosevelt: The Lion and the Fox*, 1984; Wayne S. Cole, *America First: The Battle Against Intervention, 1940-41*, 1953; Sander A. Diamond, *The Nazi Movement in the United States, 1924-1941*, 1974; John Drexel, org, *The Facts on File Encyclopedia of the Twentieth Century*, 1991; Henry Ford, *The international Jew: The World’s Foremost Problem*, vol. 3, *Jewish Influences in American Life, 1920-1922*; Neal Gabler, *Winchell: Gossip, Power, and the Culture of Celebrity*, 1994; Gale Group Publishing, *Contemporary Authors*, vol. 182, 2000; John A. Gamaty e Mark C. Cames, orgs, *American National Biography*, 1999; Susan Hertog, *Anne Morrow Lindbergh: Her Life*, 1999; Richard Hofstadter e Beatrice K. Hofstadter, orgs, *Great Issues in American History: From Reconstruction to the Present Day, 1864-1981*, vol. 3, 1982; Joseph G. e Hopkins, org, *Dictionary of American Biography*, suplementos 3-9, 1974-1994; Joseph K. Howard, “The Decline and Fall of Burton K. Wheeler”, *Harper’s Magazine*, março de 1947; Harold L. Ickes, *The Secret Diary of Harold L. Ickes, 1939-1941*, 1974; Thomas Kessner, *Fiorello H. La Guardia and the Making of Modern New York*, 1989; Herman Klurfeld, *Winchell: His Life and Times*, 1976; Anne Morrow Lindbergh, *The Wave of the Future: A Confession of Faith*, 1940; Albert S. Lindemann, *The Jew Accused: Three Anti-Semitic Affairs (Dreyfus, Beilis, Frank), 1894-1915*, 1991; Arthur Mann, *La Guardia: A Fighter Against His Times, 1882-1933*, 1959; Samuel Eliot Morison e Henry Steed Commager, *The Growth of the American Republic*, vol. 2, 1962; Charles Moritz, org, *Current Biography Yearbook, 1988*, 1988; John Morison e Catherine Wright Morison, *Mavericks: The Lives and Battles of Montana’s Political Legends*, 1997; *Random House Dictionary of the English Language*, 1983; Arthur M. Schlesinger, Jr., *The Coming of the New Deal, 1933-1935*, 1958, e *The Politics of Upheaval, 1935-1936*, 1960 (vols. 2 e 3 de *The Age of Roosevelt*); Peter Teed, *A Dictionary of Twentieth-Century History, 1914-1990*, 1992; Walter Yust, org, *Britannica Book of the Year Omnibus, 1937-1942*, e *Britannica Book of the Year, 1943*; Ben D. Zevin, org, *Nothing to Fear: The Selected Addresses of Franklin D. Roosevelt, 1932-1945*, 1961.

*Cronologia verídica das principais personagens*

NOVEMBRO DE 1920. Após atuar como secretário-assistente da Marinha no governo Wilson, Roosevelt concorre à vice-presidência como companheiro de chapa de James M. Cox, de Ohio, pelo Partido Democrata; os democratas são derrotados e Harding é eleito numa vitória acachapante.

AGOSTO DE 1921. Contraí poliomielite, o que o deixará paralítico para o resto da vida.

NOVEMBRO DE 1928. Eleito para o primeiro de dois mandatos de dois anos como governador de Nova York, pelo Partido Democrata, enquanto o candidato democrata à presidência, o ex-governador Alfred E. Smith, é derrotado por Herbert Hoover. Como governador, Roosevelt se afirma de modo categórico como liberal progressista, defensor da ajuda governamental às vítimas da Depressão, inclusive através do auxílio-desemprego, e inimigo da Lei Seca. Reeleito governador em 1930 numa vitória esmagadora, torna-se o principal presidente-él do Partido Democrata.

JULHO — NOVEMBRO DE 1932. Nomeado candidato pelos democratas na convenção do partido em julho; em novembro, derrota o presidente Hoover com 57,4% dos votos; democratas vencem por larga margem nas duas câmaras do Congresso.

MARÇO DE 1933. Toma posse em 4 de março; com o país paralisado pela Depressão, afirma em seu discurso de posse que “a única coisa de que devemos ter medo é o próprio medo”. Rapidamente lança o *New Deal*, propondo leis que visam à recuperação da economia, tendo como alvo a agricultura, a indústria, o operariado e o empresariado, e programas de auxílio a devedores hipotecários e desempregados. Fazem parte de seu gabinete Harold L. Ickes, secretário do Interior; Henry A. Wallace, da Agricultura; Frances Perkins, do Trabalho (primeira mulher nomeada para um cargo ministerial na história do país); e Henry Morgenthau Jr. (segundo judeu nomeado para um cargo ministerial na história), do Tesouro (substituindo William Woodin, que adoeceu, em 17 de novembro de 1933). Começa a fazer programas radiofônicos breves na Casa Branca, conhecidos como “conversas ao pé da lareira”, e dá entrevistas coletivas informativas.

NOVEMBRO DE 1933 — DEZEMBRO DE 1934. Reconhece diplomaticamente a União Soviética e começa a reconstruir a frota nacional, em parte como reação às atividades do Japão no Extremo Oriente. Em 1934 o eleitorado negro já migrou do Partido Republicano — o partido de Abraham Lincoln — para o Partido Democrata de Roosevelt, graças aos programas voltados para os menos favorecidos criados pelo presidente.

1935. Grande número de iniciativas reformistas, conhecidas como o “segundo *New Deal*”, resultam na Lei de Segurança Social, na Lei Nacional de Relações de Trabalho e na WPA (Works Progress Administration), programa que em um mês deu emprego a dois milhões de trabalhadores. Assina a primeira de uma série de medidas que afirmam posição de neutralidade com relação à instável situação européia.

NOVEMBRO DE 1936. Derrota o governador republicano de Kansas, Alfred M. Landon, ganhando em todos os estados, com exceção de Maine e Vermont; democratas aumentam margem de vantagem no Congresso. Afirma no discurso de posse: “Eis um desafio a nossa democracia. [...] Vejo um terço da nação morando mal, vestindo-se mal e alimentando-se mal”. Em 1937, a recuperação econômica já está adiantada, porém ocorre uma crise econômica; a crise, associada à inquietação dos trabalhadores, leva às vitórias republicanas nas eleições parlamentares de 1938.

SETEMBRO—NOVEMBRO DE 1938. Preocupado com as intenções de Hitler na Europa, pede ao líder nazista que aceite solução negociada na disputa da Tchecoslováquia. Na Conferência de Munique, em 30 de setembro, Grã-Bretanha e França cedem às exigências alemãs de que a região dos Sudetos seja entregue à Alemanha, e a Tchecoslováquia seja desmembrada; tropas alemãs, lideradas por Hitler, invadem o país em outubro (e cinco meses depois o conquistam por completo, transformando a Eslováquia num país independente e numa república fascista apoiada pela Alemanha). Em novembro, Roosevelt determina um aumento enorme na produção de aviões de combate.

ABRIL DE 1939. Pede a Hitler e Mussolini que aceitem não atacar países europeus mais fracos por um período de dez anos; a resposta de Hitler é dada num discurso ao Reichstag em que elezomba de Roosevelt e se gaba do poderio militar alemão.

AGOSTO—SETEMBRO DE 1939. Envia telegrama a Hitler pedindo-lhe que negocie acordo com a Polônia referente a disputas territoriais; a reação de Hitler é invadir a Polônia em 1º de setembro. Grã-Bretanha e França declaram guerra a Hitler e a Segunda Guerra Mundial tem início.

SETEMBRO DE 1939. A guerra na Europa leva Roosevelt a efetuar mudanças na Lei de Neutralidade para que Grã-Bretanha e França possam receber armas dos Estados Unidos. Quando Hitler invade Dinamarca, Noruega, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e França na primeira metade de 1940, Roosevelt aumenta em muito a produção de armas.

MAIO DE 1940. Cria Conselho de Defesa Nacional, e depois o Escritório de Gerência de Produção, com o fim de preparar a indústria e as Forças Armadas para uma possível entrada na guerra.

SETEMBRO DE 1940. O Japão, em guerra com a China e tendo invadido a Indochina Francesa (e já anexado a Coreia em 1910 e ocupado a Manchúria em 1931), assina tríplice aliança com Itália e Alemanha em Berlim. Por iniciativa de Roosevelt, o Congresso aprova primeira lei de convocação ao serviço militar em tempo de paz na história do país, de acordo com a qual todos os homens entre vinte e um e trinta e cinco anos devem se inscrever para o serviço militar, e oitocentos mil alistados são incorporados às Forças Armadas.

NOVEMBRO DE 1940. Acusado pelos republicanos de direita de “belicista”, e em campanha como inimigo declarado de Hitler e do fascismo, mas garantindo fazer o possível para manter o país fora da guerra europeia, Roosevelt é eleito para um terceiro mandato, fato sem precedentes na história, com 449 contra 82 votos no Colégio Eleitoral, derrotando o republicano Wendell L. Willkie numa eleição em que a defesa nacional e a relação do país com a guerra são as questões dominantes; Willkie ganha apenas em Maine, Vermont e no Meio-Oeste isolacionista.

JANEIRO—MARÇO DE 1941. Toma posse em 20 de janeiro. Em março, o Congresso aprova a Lei dos Empréstimos e Arrendamentos, que autoriza o presidente a “vender, transferir, emprestar e arrendar” armamentos, alimentos e serviços a países cuja defesa ele considere vital para a defesa dos Estados Unidos.

ABRIL—JUNHO DE 1941. Depois que a Alemanha invade Iugoslávia e Grécia, Hitler quebra o pacto de não-agressão e invade a Rússia. Em abril, os Estados Unidos assumem a proteção da Groenlândia; em junho, Roosevelt autoriza envio de tropas norte-americanas à Islândia e

estende a Lei dos Empréstimos e Arrendamentos à Rússia.

AGOSTO DE 1941. Reunindo-se em alto-mar, Roosevelt e Churchill redigem a Carta do Atlântico, que enuncia “princípios em comum” e contém declaração de metas de paz com oito itens.

SETEMBRO DE 1941. Anuncia que a Marinha tem ordens de destruir qualquer submarino alemão ou italiano encontrado em águas territoriais dos Estados Unidos e que ameace a defesa do país; pede ao Japão que dê início à evacuação militar de China e Indochina, porém o ministro da Guerra japonês, general Tojo, recusa o pedido.

OUTUBRO DE 1941. Pede ao Congresso que aprove emenda à Lei de Neutralidade, para permitir que navios da Marinha mercante do país sejam armados e penetrem em zonas de combate.

NOVEMBRO DE 1941. Força de ataque japonesa de grandes proporções é montada em segredo no Pacífico enquanto parecem ter continuidade negociações nipo-americanas sobre questões militares e econômicas, com a chegada aos Estados Unidos de enviados japoneses para “conversações de paz”.

DEZEMBRO DE 1941. O Japão lança ataque-surpresa contra possessões dos Estados Unidos no Pacífico e possessões britânicas no Extremo Oriente; após discurso de emergência do presidente, o Congresso declara guerra ao Japão por unanimidade no dia seguinte. Em 11 de dezembro, Alemanha e Itália declaram guerra aos Estados Unidos; em reação, o Congresso declara guerra a Alemanha e Itália. (Número de vítimas do ataque japonês a Pearl Harbor: 2403 marinheiros, soldados, fuzileiros navais e civis mortos; 1178 feridos.)

1942. A condução do esforço de guerra ocupa o presidente quase por completo. Em sua mensagem anual ao Congresso, enfatiza o aumento da produção para a guerra, declarando que “nossos objetivos são claros — esmagar o militarismo imposto pelos caudilhos aos povos por eles escravizados”. Propõe orçamento recorde de US\$ 58927000000 para dar conta das despesas de guerra. Com Churchill, anuncia a criação de um comando militar unificado no Sudeste Asiático. Conferência sobre a estratégia com Churchill em junho resulta, em novembro, na invasão da África Setentrional Francesa pelas tropas aliadas, sob o comando do general Dwight D. Eisenhower (o Exército alemão é expulso da África sete meses depois); presidente assegura a França, Portugal e Espanha que aliados não têm interesse de tomar seus territórios. Em junho, pede ao Congresso que reconheça existência de estado de guerra contra os regimes fascistas de Romênia, Bulgária e Hungria, aliados das potências do Eixo. Em julho, nomeia comissão para julgar oito sabotadores nazistas presos por agentes federais após chegarem à costa do país, vindos de um submarino inimigo; depois de um julgamento secreto, dois são presos e seis executados em Washington. Em setembro, o emissário do presidente, Wendell Willkie, é recebido por Stálin em Moscou, onde propõe, com insistência, a criação de um segundo *front* na Europa Ocidental. Em outubro, o presidente inspeciona em segredo fábricas envolvidas na produção de guerra durante duas semanas e anuncia que metas estão sendo atingidas. Pede ao Congresso que estenda convocação ao serviço militar a jovens de dezoito e dezenove anos de idade.

JANEIRO DE 1943—AGOSTO DE 1945. A guerra na Europa (e o massacre dos judeus europeus, com a expropriação simultânea de suas propriedades realizada por Hitler) prossegue até

1945. Em abril, Mussolini é executado por *partigiani* italianos, e a Itália se rende. A Alemanha se rende incondicionalmente em 7 de maio, uma semana após o suicídio de Hitler em seu *bunker* em Berlim e menos de um mês após a morte súbita do presidente Roosevelt, causada por uma hemorragia cerebral, quando cumpria o primeiro ano de seu quarto mandato presidencial — e após a posse de seu sucessor, o vice-presidente Harry S. Truman. A guerra termina no Extremo Oriente quando o Japão se rende incondicionalmente em 14 de agosto. Termina a Segunda Guerra Mundial.

## CHARLES A LINDBERGH

MAIO DE 1927. Charles A Lindbergh, aviador de vinte e cinco anos, natural de Minnesota, piloto dos correios e praticante de acrobacias aéreas, voa de Nova York a Paris em seu monomotor *Spirit of St. Louis* em trinta e três horas e trinta minutos; torna-se famoso em todo o mundo como o primeiro aviador a atravessar o Atlântico sozinho num vôo sem escalas. O presidente Coolidge o condecora com a Cruz de Distinção em Vôo e o nomeia coronel da reserva da Força Aérea do Exército norte-americano.

MAIO DE 1929. Lindbergh casa-se com Anne Morrow, vinte e três anos, filha do embaixador norte-americano no México.

JUNHO DE 1930. Nasce Charles A Lindbergh, Jr, filho de Charles e Anne Lindbergh, em Nova Jersey.

MARÇO — MAIO DE 1932. Charles Jr. é raptado da nova casa da família, que fica isolada num terreno de 176 hectares em Hopewell, região rural de Nova Jersey; cerca de dez semanas depois, o cadáver da criança, em estado de decomposição, é encontrado por acaso num bosque perto da casa.

SETEMBRO DE 1934 — MARÇO DE 1935. Um imigrante alemão pobre, carpinteiro e expressidiário, Bruno R Hauptmann, é preso no Bronx, Nova York, acusado do seqüestro e assassinato do filho dos Lindbergh. O julgamento, em Flemington, Nova Jersey, dura seis semanas, e é apelidado pela imprensa de “o julgamento do século”. Hauptmann é julgado culpado e executado na cadeia elétrica em abril de 1936.

ABRIL DE 1935. Anne Morrow Lindbergh publica seu primeiro livro, *North to the Orient*, um relato de suas aventuras na aviação com Lindbergh em 1931, que se torna *best-seller* e ganha o Prêmio Nacional dos Livreiros como o mais importante livro de não-ficção do ano.

DEZEMBRO DE 1935 — DEZEMBRO DE 1936. Buscando privacidade, os Lindbergh se mudam dos Estados Unidos com os dois filhos pequenos e, até voltarem, na primavera de 1939, moram a maior parte do tempo numa cidadezinha em Kent, Inglaterra. A convite das Forças Armadas norte-americanas, Lindbergh visita a Alemanha para fazer um relatório sobre o desenvolvimento da aeronáutica dos nazistas; faz uma série de viagens com esse fim nos três anos que se seguem. Assiste em Berlim às Olimpíadas de 1936, que contaram com a presença de Hitler; mais tarde escreve a respeito de Hitler para um amigo: “É, sem dúvida um grande homem, e acredito que ele fez muito pelo povo alemão”. Anne Morrow Lindbergh acompanha o marido nessas viagens à Alemanha e escreve posteriormente a respeito da “visão puritana estreita corrente nos

Estados Unidos segundo a qual as ditaduras são necessariamente erradas, más e instáveis, e jamais produzem nada de bom — combinada com nossa visão caricatural de Hitler como um palhaço — combinada com a fortíssima propaganda judaica (é claro) veiculada pelos jomais, cujos proprietários são judeus”.

OUTUBRO DE 1938. Lindbergh é condecorado com a Cruz de Serviço da Águia Alemã — uma medalha de ouro com quatro pequenas cruzes suásticas, conferida a estrangeiros que prestaram serviços ao Reich — “por ordem do *Führer*”, das mãos do marechal-do-ar Hermann Göring, num jantar na embaixada americana em Berlim. Anne Morrow publica o segundo volume sobre suas aventuras como aviadora, *Listen! the Wind*, que entra para a lista de *best-sellers* na categoria de não-ficção, embora seu marido esteja se tomando cada vez mais impopular entre os antifascistas americanos, e embora alguns livreiros judeus se recusem a comercializar o livro.

ABRIL DE 1939. Depois que Hitler invade a Tchecoslováquia, Lindbergh escreve em seu diário: “Por mais que condene muitas coisas que a Alemanha tem feito, creio que ela é o único país europeu a seguir uma política coerente nos últimos anos”. A pedido do chefe da Força Aérea do Exército, o general “Hap” Arnold, e com a aprovação do presidente Roosevelt — que não gosta de Lindbergh e não confia nele —, Lindbergh começa a servir na ativa como coronel da Força Aérea do Exército.

SETEMBRO DE 1939. Em seu diário, depois que a Alemanha invade a Polônia em 1º de setembro, Lindbergh escreve que é necessário “nos defendemos dos ataques de exércitos estrangeiros e da diluição nas raças estrangeiras” e da “infiltração de sangue inferior”. A aviação, segundo ele, é “um desses bens preciosos que permitem que a raça Branca sobreviva num oceano crescente de Amarelo, Negro e Pardo”. Nesse mesmo ano, meses antes, ele observa, após uma conversa particular com um membro do alto escalão do Comitê Nacional Republicano e com o jornalista conservador Fulton Lewis Jr: “Preocupamo-nos o efeito da influência judaica na nossa imprensa, rádio e cinema [...] É uma pena, porque alguns poucos judeus do tipo apropriado são, creio eu, uma vantagem para qualquer país”. Numa anotação em seu diário feita em 1939 (excluída da versão publicada em 1970 de seus diários, *Wartime Journals*), ele observa: “Já existe um excesso de judeus em lugares como Nova York. Um pequeno número de judeus dá força e caráter a um país, mas uma quantidade excessiva leva ao caos. E nós estamos recebendo judeus demais”. Em abril de 1940, num programa radiofônico da Columbia Broadcasting System, ele afirma: “A única razão pela qual corremos o perigo de nos envolvemos nesta guerra é a existência de elementos poderosos nos Estados Unidos que querem que entremos nela. Eles representam uma pequena minoria do povo americano, porém controlam boa parte da máquina de influência e propaganda. Eles aproveitam todas as oportunidades para nos empurrar para mais perto da beira do abismo”. Quando William E. Borah, senador republicano de Idaho, o incentiva a se candidatar à Presidência, Lindbergh responde que prefere assumir posições políticas como um cidadão comum.

OUTUBRO DE 1940. Na primavera, é criado o Comitê América em Primeiro Lugar na faculdade de direito da Yale University, com o objetivo de se opor às políticas intervencionistas de Roosevelt e promover o isolacionismo; em outubro, Lindbergh fala a uma platéia de três mil pessoas em Yale, propondo que os Estados Unidos reconheçam “as novas potências da Europa”.

Anne Morrow Lindbergh publica seu terceiro livro, *The Wave of the Future*, um pequeno manifesto antiintervencionista cujo subtítulo é “Profissão de fé”, que provoca uma tremenda controvérsia e imediatamente se torna o *best-seller* número um na categoria não-ficção, embora seja denunciado pelo secretário do Interior, Harold Ickes, como “a bíblia de todos os nazistas americanos”.

ABRIL.—AGOSTO DE 1941. Fala para uma platéia de dez mil pessoas num comício do Comitê América em Primeiro Lugar em Chicago e também para mais dez mil pessoas num comício em Nova York, levando seu inimigo encamiçado, o secretário Ickes, a referir-se a ele como “o principal simpatizante do nazismo nos Estados Unidos”. Quando Lindbergh escreve ao presidente Roosevelt queixando-se dos ataques de Ickes, em particular por ter ele aceito a medalha alemã, Ickes escreve: “Se o senhor Lindbergh não gosta de ser chamado, corretamente, de cavaleiro da ordem da Águia Alemã, então por que não devolve essa condecoração vergonhosa e termina logo com essa história?”. (Lindbergh já havia se recusado a devolver a medalha, argumentando que seria “um insulto desnecessário” à liderança nazista.) O presidente questiona abertamente a lealdade de Lindbergh, o que o leva a entregar sua patente de coronel do Exército ao secretário da Guerra do governo Roosevelt. Ickes observa que Lindbergh não hesita em renunciar à sua patente do Exército, porém se recusa teminamente a devolver a medalha que recebeu da Alemanha nazista. Em maio, juntamente com o senador Burton K. Wheeler, de Montana, que está sentado no palanque ao lado de Anne Morrow, Lindbergh dirige-se a uma platéia de vinte e cinco mil pessoas num comício do Comitê América em Primeiro Lugar no Madison Square Garden; sua entrada em cena é saudada com gritos de: “Nosso próximo presidente!”, e seu discurso é recebido com uma ovação de quatro minutos. Durante a primavera e o verão fala contra a intervenção americana na guerra européia para grandes platéias em todo o país.

SETEMBRO.—DEZEMBRO DE 1941. Num comício do Comitê América em Primeiro Lugar em Des Moines, pronuncia pelo rádio o discurso “Quem são os agitadores pró-guerra?”, em 11 de setembro; os oito mil espectadores reagem com entusiasmo quando ele cita “a raça judaica” como um dos elementos mais poderosos e ativos na campanha para levar os Estados Unidos a se envolverem na guerra “por motivos que não são americanos”. Acrescenta: “Não podemos lhes negar o direito de defender o que eles consideram seus próprios interesses, porém devemos também cuidar dos nossos. Não podemos permitir que as paixões e preconceitos naturais de outros povos levem nosso país à destruição”. O discurso de Des Moines é atacado no dia seguinte tanto por democratas quanto por republicanos, mas o senador republicano Gerald P. Nye, que representa a Dakota do Norte e é membro ativo do Comitê América em Primeiro Lugar, defende Lindbergh dos que o criticam e reafirma acusação aos judeus, tal como fazem outros. O discurso de 10 de dezembro, que seria feito no comício do Comitê América em Primeiro Lugar de Boston, é cancelado por Lindbergh depois que os japoneses atacam Pearl Harbor e os Estados Unidos declaram guerra ao Japão, Alemanha e Itália. As atividades do Comitê América em Primeiro Lugar são encerradas por seus líderes e a organização é desfeita.

JANEIRO.—DEZEMBRO DE 1942. Viaja a Washington para tentar se reintegrar à Força Aérea, mas membros importantes do gabinete Roosevelt são fortemente contrários à idéia, que também é combatida por boa parte da imprensa, e Roosevelt lhe diz não. Uma série de tentativas de



recuperar sua posição na indústria de aviação também não leva a nada, muito embora Lindbergh mantivesse uma associação lucrativa, no final dos anos 20 e início dos anos 30, com a Transcontinental Air Transport (“a Linha Lindbergh”) e como um consultor muito bem remunerado da Pan American Airways. Na primavera, finalmente encontra trabalho, com aprovação do governo, como consultor para o programa de desenvolvimento de bombardeiros desenvolvido pela Ford, em Willow Run, perto de Detroit, e a família se muda para um subúrbio de Detroit. (Quando, numa tarde de setembro, o presidente Roosevelt visita Willow Run para inspecionar os projetos de produção para a guerra, Lindbergh faz questão de não estar presente.) Participa de experimentos realizados no laboratório aeromédico da Mayo Clinic para diminuir os perigos físicos decorrentes de vôos em altitudes elevadas; mais tarde, como piloto, atua em experimentos com equipamentos de oxigênio em altitudes elevadas.

DEZEMBRO DE 1942—JULHO DE 1943. Participa ativamente do treinamento de pilotos para o Corsair, avião de caça da Marinha e do corpo de Fuzileiros Navais que ele ajuda a desenvolver para a United Aircraft, em Connecticut.

AGOSTO DE 1943. Anne Morrow Lindbergh, agora mãe de quatro filhos, publica *The Steep Ascent*, uma novela a respeito de uma perigosa aventura aeronáutica; é seu primeiro fracasso literário, causado principalmente pela hostilidade da crítica e dos leitores em razão das posições políticas assumidas pela família Lindbergh antes da guerra.

JANEIRO—SETEMBRO DE 1944. Após trabalhar por um tempo na Flórida, realizando provas de uma variedade de aviões de guerra, entre eles o novo bombardeiro B-29 da Boeing, recebe permissão do governo para viajar até o sul do Pacífico para examinar os Corsairs em ação; uma vez lá, começa a atuar como piloto de combate e bombardeio, atacando alvos japoneses a partir de uma base na Nova Guiné, primeiro como observador, porém pouco depois, com muito sucesso, como um participante entusiasmado. Ensina os pilotos a aumentar a autonomia de vôo economizando combustível. Tendo participado de cinquenta missões — e demorado um caça japonês —, volta para os Estados Unidos em setembro a fim de retomar seu trabalho no programa de caças da United Aircraft, e a família se muda de Michigan para Westport, em Connecticut.

## — FIORELLO H. LA GUARDIA —

NOVEMBRO DE 1922. Tendo atuado como parlamentar, representando o Lower East Side de Manhattan, logo antes e depois da Primeira Guerra Mundial, La Guardia é reeleito e atua por cinco mandatos consecutivos como representante republicano da população italiana e judaica do East Harlem. Lidera a Câmara na oposição ao imposto sobre as vendas do presidente Hoover e o critica por não ter tomado medidas para mitigar o sofrimento da população causado pela Depressão; é também contrário à Lei Seca.

NOVEMBRO DE 1924. Na eleição presidencial, defende abertamente o candidato do Partido Progressista, Robert M. La Follette, em oposição ao candidato republicano, o presidente Coolidge.

JANEIRO DE 1931. O governador de Nova York, Franklin D. Roosevelt, convoca uma reunião de governadores para enfrentar o problema do desemprego causado pela Depressão; La Guardia o elogia por promover um inquérito que resulta em leis referentes ao trabalho e ao

desemprego que ele próprio tentara, sem sucesso, convencer o presidente Hoover a adotar.

1932. Como republicano dissidente, e tendo sido derrotado nas eleições parlamentares, é escolhido pelo presidente eleito Roosevelt para propor leis do programa *New Deal* no 72º Congresso, no qual atuavam vários parlamentares que não conseguiram se reeleger, por conta da vitória esmagadora dos democratas em 1932.

NOVEMBRO DE 1933. Tendo feito campanha contra o grupo Tammany, é eleito prefeito de Nova York pela coalizão entre os republicanos e os progressistas (maistarde o Partido Trabalhista Americano também adere à coalizão); será reeleito duas vezes. Adota uma postura ativista como prefeito, promovendo a recuperação econômica da cidade combalida pela Depressão, criando projetos de obras públicas e expandindo os serviços públicos. Ataca o fascismo e os nazistas americanos; quando os nazistas o rotulam de “prefeito judeu de Nova York”, sai-se com esta: “Nunca pensei que tivesse bastante sangue judeu nas veias para poder contar vantagem”.

SETEMBRO DE 1938. Depois que Hitler desmembra a Tchecoslováquia, La Guardia ataca isolacionistas republicanos e toma o partido de Roosevelt na controvérsia cada vez mais intensa a respeito da intervenção na guerra.

SETEMBRO DE 1940. Embora se diga que Wendell Willkie pense em escolhê-lo como companheiro de chapa nas eleições presidenciais, mais uma vez La Guardia abandona os republicanos, tal como em 1924; com o senador George Norris forma o grupo Independentes com Roosevelt e abertamente faz campanha por um terceiro mandato para Roosevelt.

AGOSTO — NOVEMBRO DE 1940. Com a guerra prestes a eclodir, Roosevelt pensa em nomear La Guardia secretário da Guerra, porém acaba escolhendo o republicano Henry Stimson, nomeando La Guardia presidente americano da Junta de Defesa Estados Unidos — Canadá.

ABRIL DE 1941. Aceita trabalhar sem vencimentos para Roosevelt como diretor de defesa civil, ao mesmo tempo que exerce seu mandato de prefeito de Nova York.

FEVEREIRO — ABRIL DE 1943. Pressiona Roosevelt para que lhe permita voltar à ativa no Exército como general-de-brigada, mas Roosevelt, não tendo lhe concedido cargo ministerial nem escolhido seu nome como companheiro de chapa, não o faz, seguindo o conselho de pessoas próximas que consideram La Guardia excessivamente provocador. Decepcionado, o prefeito volta a envergarseu “uniforme de gan”.

AGOSTO DE 1943. Conflitos raciais, que já haviam ocorrido durante a guerra em Beaumont, Mobile, Los Angeles e Detroit — onde trinta e quatro pessoas morreram nos distúrbios de 21 de junho — explodem no Harlem de Nova York. Após quase três dias de vandalismo, saques e derramamento de sangue, La Guardia é elogiado pelos líderes negros por exercer uma liderança forte e humana durante os conflitos, que deixam um saldo de seis mortos, cento e oitenta e cinco feridos e cinco milhões de dólares em danos materiais.

MAIO DE 1945. Um mês após a morte de Roosevelt, anuncia que não concorrerá a um quarto mandato; em episódio que o torna famoso, antes de se afastar da política lê as lendas das histórias em quadrinhos pelo rádio para as crianças de Nova York durante uma greve de joias. Encerrado seu mandato, aceita a diretoria da UNRRA (Agência das Nações Unidas para Assistência e Reabilitação).

## WALTER WINCHELL

1924. Walter Winchell, que até então havia trabalhado em *vaudeville*, é contratado pelo *New York Evening Graphic* e logo se torna popular como colunista e repórter, cobrindo a Broadway.

JUNHO DE 1929. Começa a trabalhar como colunista para o *New York Daily Mirror*, de William Randolph Hearst, onde permanecerá por trinta anos. A King Features, distribuidora de Hearst, faz com que a coluna de Winchell seja lida em todo o país, chegando a ser publicada em mais de dois mil jornais. Winchell, inventor da coluna social moderna, como era de se esperar se toma *habitué* do Stork Club, boate nova-iorquina frequentada pelas celebridades.

MAIO DE 1930. Estréia no rádio num programa sobre mexericos da Broadway; toma-se extremamente popular na *Lucky Strike Dance Hour* e, em dezembro de 1932, aos domingos, às nove da noite, em um programa patrocinado pela loção Jergens, na NBC Blue Network. Seus quinze minutos semanais de mexericos e notícias em primeira mão em pouco tempo se transformam no mais popular do rádio, e sua abertura — “Boa noite, concidadãos, e todos os navios em alto-mar, vamos às notícias!” — entra para a linguagem cotidiana.

MARÇO DE 1932. Começa a cobrir o caso do rapto do filho de Lindbergh, sendo ajudado pelas informações que lhe fornece o chefe do FBI, J. Edgar Hoover; continua a cobrir o caso quando Bruno Hauptmann é preso em 1934 e julgado em 1935.

FEVEREIRO DE 1933. Quase sozinho entre os comentaristas públicos e os judeus mais conhecidos, começa a atacar abertamente Hitler e os nazistas americanos, entre eles o líder da ATA, Fritz Kuhn; continua a atacá-los no rádio e em sua coluna até a eclosão da Segunda Guerra Mundial; cria os neologismos “ratzistas” e “suastiqueiros” para ridicularizar o movimento nazista.

JANEIRO — MARÇO DE 1935. É elogiado por J. Edgar Hoover por sua cobertura do julgamento de Hauptmann. Subseqüentemente, Hoover e Winchell trocam informações sobre os nazistas americanos, as quais vão parar na coluna de Winchell.

1937. Por apoiar Roosevelt e o *New Deal* em sua coluna, em maio é convidado para ir à Casa Branca, passando a haver uma comunicação regular entre ele e o presidente. Tensão entre Hearst e Winchell por este apoiar Roosevelt publicamente. Winchell toma-se amigo de seu vizinho em Nova York, o mafioso Frank Costello.

1940. Calcula-se que o público da coluna e o do programa de rádio de Winchell atinja um total de cinqüenta milhões de pessoas, mais de um terço da população do país; seu salário anual de oitocentos mil dólares o transforma numa das pessoas mais bem pagas do país. Em sua coluna, Winchell incrementa ataques às atividades pró-nazistas com artigos intitulados “A coluna de Winchell contra a quinta-coluna”, entre outros. Dá forte apoio a Roosevelt em sua campanha por um terceiro mandato presidencial, inédito na história do país; assina com pseudônimos colunas em *PM* que atacam o candidato republicano Willkie depois que Hearst começa a censurar suas críticas a Willkie no *Daily Mirror*.

ABRIL — MAIO DE 1941. Ataca Lindbergh por seus pronunciamentos isolacionistas e pró-germânicos; declara ao ministro das Relações Exteriores nazista, von Ribbentrop, que os Estados Unidos estão dispostos à luta, sendo então atacado pelo senador Burton K. Wheeler por “promover

uma verdadeira *Blitzkrieg* com o objetivo de envolver o povo americano nesta guerra”.

SETEMBRO DE 1941. Depois do discurso de Lindbergh em Des Moines, em que os judeus são acusados de empurrar o país em direção à guerra, escreve que “a auréola de Lindbergh se transformou num laço de força”; ataca repetidamente Lindbergh e também os senadores Wheeler, Nye, Rankin, bem como outros que considera favoráveis ao nazismo.

DEZEMBRO DE 1941—FEVEREIRO DE 1972. Depois que os Estados Unidos entram na guerra, os programas de rádio e as colunas de Winchell passam a tematizar o conflito mais que qualquer outro assunto; como capitão-de-corveta de reserva da Marinha, insiste com Roosevelt que seja convocado para o serviço ativo, o que ocorre em novembro de 1942. Com o fim da guerra, passa para a extrema direita; toma-se inimigo feroz da União Soviética e, como anticomunista, apóia o senador Joseph McCarthy. Em meados dos anos 50, cai na obscuridade; quando morre, em 1972, apenas sua filha comparece a seu enterro.

### BURTON WHEELER

NOVEMBRO DE 1920 — NOVEMBRO DE 1922. Após desafiar a gigantesca e poderosa mineradora de Montana, a Anaconda Copper Mining Company, como legislador estadual de Montana, e se opor às violações dos direitos humanos cometidas durante a onda anticomunista ocorrida após a Primeira Guerra Mundial, Wheeler sofre derrota acachapante em 1920 nas eleições para o governo estadual, mas em 1922 é eleito pelo Partido Democrata para o Senado, onde atuará por quatro mandatos, com forte apoio dos fazendeiros e dos trabalhadores. Com o passar dos anos, transforma o governo estadual de Montana numa máquina bipartidária controlada por ele.

FEVEREIRO—NOVEMBRO DE 1924. Escolhido para comandar uma investigação senatorial sobre o escândalo de corrupção conhecido como Teapot Dome, que leva à renúncia do secretário da Justiça do presidente Coolidge e humilha o Departamento da Justiça de Coolidge. Abandona o Partido Democrata — e a chapa democrata encabeçada por John W. Davis — para concorrer à vice-presidência na chapa do Partido Progressista, com o senador de Wisconsin Robert M. La Follette. Coolidge derrota com larga vantagem tanto os democratas quanto os progressistas, embora estes consigam obter seis milhões de votos em todo o país, quase quarenta por cento deles em Montana.

1932—1937. Antes da convenção do Partido Democrata de 1932, visita dezesseis estados para promover a indicação de Roosevelt. Embora seja a primeira figura de expressão nacional a defender a candidatura democrata e seja favorável à reforma social do *New Deal*, em 1937 Wheeler entra em choque com o presidente por este ter proposto uma lei para aumentar o número de membros do Supremo Tribunal, com o intuito de nele instalar defensores do *New Deal*; a liderança de Wheeler consegue demubar o polêmico projeto de lei, aumentando a inimizade pessoal entre ele e o presidente.

1938. A máquina política de Montana comandada por Wheeler atua para enfraquecer seu rival no Partido Democrata, o representante Jerry O’Connell, e favorecer a eleição de Jacob Thorkelson, um republicano direitista acusado por Walter Winchell de ser “o porta-voz do movimento nazista no Congresso”. Thorkelson chama Winchell de “difamador judeu” e abre

processo contra ele depois que Winchell o inclui numa série de artigos publicados na revista *Libertysob* o título “Americanos que não fariam falta”. O representante O’Connell, comentando as atividades eleitorais dos democratas ligados a Wheeler, caracteriza-o como um “Benedict Arnold de seu partido e traidor de seu presidente”.

1940—1941. Democratas influentes de Montana criam um movimento em prol da candidatura Wheeler à Presidência; em seu estado e em outras regiões, é considerado um nome forte para a candidatura democrata à Presidência, até que Roosevelt anuncia que concorrerá a um terceiro mandato. No Senado, Wheeler alia-se cada vez mais a republicanos e democratas sulistas contra a ala liberal do Partido Democrata ligada a Roosevelt. Opõe-se categoricamente à intervenção americana na guerra européia. Em junho de 1940, ameaça abandonar o Partido Democrata “se ele virar o partido da guerra”. Nesse mesmo mês, reúne-se com Charles A. Lindbergh e um grupo de senadores isolacionistas, a fim de elaborar planos para “agir contra a agitação e a propagação em favor da guerra”; no plenário do Senado, defende Lindbergh da acusação de ser favorável aos nazistas, e meses depois, quando Roosevelt compara em público Lindbergh aos “*Copperheads*” da Guerra da Secessão (nortistas simpatizantes do Sul), afirma que o comentário é “chocante e apavorante para qualquer americano de bem”. Falando num programa de rádio da rede NBC, apresenta uma proposta de paz com oito itens a ser negociada com Hitler, e recebe telegrama de Lindbergh parabenizando-o. Reúne-se com alunos de Yale que planejam organizar o Comitê América em Primeiro Lugar e assume o papel de seu assessor informal; juntamente com Lindbergh, toma-se o orador mais popular nos comícios da organização. Manifesta-se contra o recrutamento obrigatório, dizendo que a proposta de Roosevelt de realizar recrutamento em tempo de paz é “um passo em direção ao totalitarismo”. No plenário do Senado, argumentando contra o projeto de lei que permitirá aos Estados Unidos ceder ou emprestar mantimentos ou serviços à Grã-Bretanha e seus aliados, afirma: “Se o povo americano quer uma ditadura — se o povo quer uma forma totalitária de governo e quer guerra —, então essa lei deve ser aprovada na mana, como é o costume do presidente Roosevelt”. Afirma que, se a lei for aprovada, ela resultará “na morte de um em cada quatro rapazes americanos”, levando Roosevelt a declarar que o comentário de Wheeler é “a afirmação mais mentirosa, vil e antipatriótica já feita na vida pública de toda a minha geração”. Revela ao público — de modo prematuro — que os Estados Unidos estão enviando soldados à Islândia; a Casa Branca, juntamente com o primeiro-ministro Churchill, acusa Wheeler de pôr em risco a vida de americanos e britânicos. É novamente acusado de comprometer um segredo militar quando, em novembro de 1941, passa para o *Chicago Tribune*, jornal isolacionista, um documento secreto do Departamento da Guerra referente à estratégia norte-americana a ser adotada em caso de guerra.

DEZEMBRO DE 1941—DEZEMBRO DE 1946. Depois de Pearl Harbor, toma-se favorável ao esforço de guerra, observando, porém, que a aliança do país com a União Soviética ajuda a sobrevivência do governo comunista. Em 1944, afirmando que “há comunistas por trás da MVA”, a Missouri Valley Authority, que seria criada à semelhança da Tennessee Valley Authority,\* toma o partido dos liberais, da Montana Power Company e da Anaconda Copper Company e derrota a proposta de criar o novo órgão. Posteriormente, sem o apoio dos democratas de Montana, em 1946 perde a nomeação a candidato do partido ao Senado para o jovem liberal de

Montana Leif Erickson.

DÉCADA DE 1950. Exerce a advocacia em Washington, D.C. Toma-se aliado ideológico e político do senador Joseph McCarthy.

## HENRY FORD

1903—1905. O primeiro automóvel Ford, o Model A de dois cilindros e oito cavalos, projetado por Henry Ford e fabricado pela recém-criada Ford Motor Company, é lançado em 1903, ao preço de oitocentos e cinquenta dólares. Modelos mais caros aparecem nos anos seguintes.

1908. Projetado para o meio rural, surge no mercado o Ford Model T; único modelo fabricado pela empresa até 1927, ele torna Ford o maior fabricante de automóveis do país, realizando seu plano de “fazer um carro para as multidões”.

1910—1916. Com seus sócios, cria um processo de fabricação por meio de produção em seqüência e divisão do trabalho, resultando na linha de produção contínua — considerada o maior progresso na indústria desde o advento da Revolução Industrial — e possibilitando a produção em massa do Model T. Em 1914, Ford anuncia o salário básico de cinco dólares para uma jornada de oito horas; na verdade, essa oferta só se aplica a parte dos empregados de Ford. Não obstante, graças ao “dia de cinco dólares”, Ford é elogiado e ganha fama como um empresário esclarecido, ainda que não como um pensador esclarecido. “Não gosto de ler livros”, ele explica. “Eles confundem minha cabeça.” Afirma também: “A história é, de modo geral, uma bobagem”.

1916—1919. Seu nome é proposto como candidato à Presidência na Convenção Nacional Republicana, e recebe trinta e dois votos no primeiro escrutínio. Consegue obter poder absoluto sobre todas as empresas Ford. Em 1916, a companhia já produz dois mil carros por dia; o total da produção do Model T até esse ano chega a um milhão. Quando eclode a Primeira Guerra Mundial, atua como militante pacifista contra a guerra e os que enriquecem com o conflito. Numa reunião de funcionários da Ford, afirma: “Eu sei quem causou a guerra. Os banqueiros judeu-alemães. Tenho as provas aqui. São fatos. Os banqueiros judeu-alemães causaram a guerra”. Quando os Estados Unidos entram na guerra, promete “atuar sem lucrar um centavo” nos contratos com o governo, mas não cumpre o prometido. Por insistência do presidente Wilson, concorre ao Senado como democrata — embora anteriormente se identificasse como republicano — e é derrotado por pequena margem de votos. Atribui sua derrota aos “interesses” de Wall Street e aos “judeus”.

1920. Em maio, o *Dearborn Independent* — um hebdomadário local comprado por Ford em 1918 — publica o primeiro de uma série de noventa e um detalhados artigos cujo tema é “O judeu intemacional: problema mundial”; em números subsequentes, publica em folhetim os apócrifos *Protocolos dos sábios de Sião*, afirmando que o documento — que revela um plano judaico para dominar o mundo — é autêntico. A circulação do hebdomadário alcança quase trezentos mil exemplares em seu segundo ano de publicação; os revendedores de produtos Ford são obrigados a fazer assinaturas, e os artigos de cunho fortemente anti-semita são depois reunidos numa edição em quatro volumes: *The International Jew: the world's foremost problem* (“O judeu intemacional: o principal problema mundial”).

DÉCADA DE 1920. Em 1921, a Ford atinge cinco milhões de carros produzidos, o Model T responde por mais da metade dos automóveis vendidos no país. Ford constrói a imensa fábrica de River Rouge e uma cidade industrial em Dearborn. Adquire florestas, minas de ferro e carvão para abastecer sua empresa com matérias-primas. Diversifica a linha Ford. Em 1922, sua autobiografia, *My Life and Work*, torna-se um *best-seller* na categoria não-ficção; o nome e a lenda Ford ganham fama no mundo todo. Pesquisas de opinião mostram que ele é mais popular do que o presidente Harding, e seu nome começa a ser sugerido como ideal para uma possível candidatura à Presidência pelo Partido Republicano; no outono de 1922, pensa em se candidatar. Adolf Hitler, numa entrevista em 1923, afirma: “Consideramos Heinrich Ford um líder do crescente movimento fascista nos Estados Unidos”. Em meados da década, um advogado judeu de Chicago o processa por difamação, e o caso é encerrado com um acordo extrajudicial; em 1927, retira seus ataques aos judeus, resolve interromper suas publicações de material anti-semita e fecha o deficitário *Dearborn Independent*, que já lhe custara quase cinco milhões de dólares. Quando Lindbergh vai a Detroit em agosto de 1927 no *Spirit of St. Louis*, encontra-se com Ford no Aeroporto Ford e o leva a voar pela primeira vez no famoso avião. Lindbergh desperta o interesse de Ford na produção de aviões. Os dois se reúnem posteriormente muitas vezes, e numa entrevista concedida em 1940, em Detroit, Ford observa: “Quando Charles vem aqui, nós só conversamos sobre os judeus”.

1931—1937. A concorrência da Chevrolet e da Plymouth, mais o impacto da Depressão, trazem grandes prejuízos à Ford, apesar da inovação representada pelo motor V-8. Surgem dificuldades nas relações com os empregados na fábrica de River Rouge, causadas pela aceleração do ritmo de trabalho, insegurança no emprego e espionagem industrial. Quando o sindicato United Auto Workers tenta fazer campanha na Ford, tal como na General Motors e na Chrysler, Ford reage com violência e intimidação; grupos paramilitares de Detroit espancam sindicalistas em River Rouge. As políticas trabalhistas da Ford Company são condenadas pelo Conselho Nacional de Relações Trabalhistas e consideradas as piores da indústria automobilística.

1938. Em julho, ao completar setenta e cinco anos, aceita a Cruz de Serviço da Águia Alemã oferecida pelo governo nazista de Hitler num jantar comemorativo de seu aniversário em Detroit, para o qual foram convidados mil e quinhentos cidadãos importantes. (Quando a mesma medalha é concedida a Lindbergh em cerimônia realizada na Alemanha em outubro, o secretário do Interior, Ickes, afirma numa reunião da Sociedade Sionista de Cleveland, em dezembro: “Henry Ford e Charles A. Lindbergh são os dois únicos cidadãos livres de um país livre que, com subserviência, aceitaram essas homenagens desprezíveis numa época em que aquele que as concedeu considera perdido o dia em que não cometeu nenhum novo crime contra a humanidade”.) Sofre o primeiro de seus dois demênes.

1939—1940. Quando tem início a Segunda Guerra Mundial, passa a defender, com seu amigo Lindbergh, o isolacionismo e o Comitê América em Primeiro Lugar. Pouco depois de Ford ingressar na comissão executiva do movimento, Lessing J. Rosenwald, diretor judeu da Sears, Roebuck and Company, renuncia por causa da reputação anti-semita de Ford. Durante algum tempo, tem encontros regulares com o padre Coughlin, que faz pronunciamentos anti-semitas no rádio; Roosevelt e Ickes acreditam que Ford o esteja financiando. Dá apoio financeiro ao

demagogo anti-semita Gerald I. k. Smith, pagando seus programas radiofônicos semanais e suas despesas cotidianas. (Anos depois, Smith reedita *The International Jew*; na década de 1960, ainda afirma que Ford “nunca mudou sua opinião a respeito dos judeus”)

1941—1947. Sofre o segundo demãe. A companhia passa a produzir artigos bélicos à medida que a guerra se aproxima; durante o conflito, produz o bombardeiro B-24 na imensa fábrica de Willow Run, onde Lindbergh é contratado como assessor. Por motivo de saúde, Ford não consegue mais dirigir a empresa e se aposenta em 1945. Morre em abril de 1947; uma multidão de cem mil pessoas comparece ao velório. A maior parte da imensa fortuna em ações da empresa vai para a Fundação Ford, que em pouco tempo se torna a mais rica fundação privada do mundo.

### *Outras personagens históricas citadas na obra*

BERNARD BARUCH (1870 — 1965). Financista e assessor governamental. Como diretor da Comissão de Indústrias Bélicas, mobilizou recursos industriais da nação para enfrentar a Primeira Guerra Mundial. Membro do círculo do poder durante os governos de Roosevelt. Nomeado por Truman representante dos Estados Unidos junto à Comissão de Energia Atômica da ONU em 1946.

RITCHIE BOIARDO, “O BOTA” (1890 — 1984). Figura do mundo do crime de Newark, rival do contraventor Longy Zwillman; sua influência era mais forte no bairro italiano First Ward, onde ele possuía um restaurante popular.

LOUIS D. BRANDEIS (1856 — 1941). Nasceu em Louisville, Kentucky, filho de imigrantes judeus de Praga. Atuou como advogado em direito trabalhista e de interesse público, em Boston. Um dos primeiros organizadores do movimento sionista no país. Nomeado pelo presidente Wilson para o Supremo Tribunal, porém apenas depois de quatro meses de intensa controvérsia na Comissão Judiciária do Senado e em todo o país, motivada, segundo Brandeis, pelo fato de ser ele o primeiro judeu nomeado para o tribunal. Permaneceu no cargo por vinte e três anos, até 1939.

CHARLESE. COUGHLIN (1891 — 1979). Padre católico, pároco do Santuário da Pequena Florem Royal Oak, Michigan. Considerava Roosevelt um comunista e era admirador fervoroso de Lindbergh. Na década de 1930, divulgava idéias fortemente anti-semitas num programa semanal de rádio e em seu periódico *Social Justice*, que durante a guerra foi proibido de ser enviado pelo correio norte-americano por violar a Lei da Espionagem e foi extinto em 1942.

AMELIA EARHART (1897 — 1937). Em 1932, quebrou um recorde ao voar da Terra Nova à Irlanda em catorze horas e cinquenta e seis minutos; primeira mulher a voar sozinha de uma margem a outra do Atlântico e de Honolulu à Califórnia. Seu avião desapareceu em algum ponto do Pacífico em 1937, quando tentava dar a volta ao mundo na companhia do navegador aéreo Frederick J. Noonan.

MEYER ELLENSTEIN (1885 — 1963). Após trabalhar como dentista e advogado, foi escolhido pelos outros vereadores em 1933 para ser prefeito de Newark. Primeiro e único prefeito judeu da cidade, que governou em dois mandatos, de 1933 a 1941.

EDWARD FLANAGAN (1886 — 1948). Em 1904, emigrou da Irlanda para os Estados Unidos, onde entrou num seminário; ordenou-se padre em 1912. Em 1917, para cuidar de meninos



sem família de todas as raças e religiões, fundou em Omaha o Flanagan's Home for Boys. Tornou-se figura nacional em 1938 graças ao filme de sucesso sobre Boys Town, a Cidade dos Meninos, em que Spencer Tracy atuou no papel do padre Flanagan.

LEO FRANK (1884 — 1915). Gerente de uma fábrica de lápis em Atlanta, julgado e condenado pela morte de Mary Phagan, uma empregada de treze anos de idade, em 26 de abril de 1913; foi atacado com uma faca na cela e mais tarde anancado à força da cadeia pelos cidadãos locais e linchado em agosto de 1915. Acredita-se que o anti-semitismo tenha desempenhado papel importante no julgamento, que tem sido contestado.

FELIX FRANKFURTER (1882 — 1965). Nomeado para o Supremo Tribunal por Roosevelt, permaneceu no cargo de 1939 a 1962.

JOSEPH GOEBBELS (1897 — 1945). Um dos primeiros membros do Partido Nazista, em 1933 tornou-se ministro da Propaganda de Hitler, com grande poder na área da cultura, sendo responsável por supervisionar imprensa, rádio, cinema e teatro, e organizar espetáculos públicos tais como paradas e comícios-monstro. Um dos mais dedicados e brutais auxiliares de Hitler. Em abril de 1945, com a Alemanha destruída e os russos já entrando em Berlim, ele e sua mulher mataram os seis filhos pequenos e suicidaram-se juntos.

HERMANN GÖRING (1893 — 1946). Fundador e primeiro chefe da Gestapo, a polícia secreta, e responsável pela criação da Força Aérea alemã. Em 1940, Hitler nomeou-o seu sucessor, porém o demitiu já perto do final da guerra. Em Nurembergue, julgado culpado de crimes de guerra e condenado à morte, suicidou-se duas horas antes da execução.

HENRY (HANK) GREENBERG (1911 — 1986). Jogador de beisebol dos Detroit Tigers nas décadas de 1930 e 1940; ficou apenas dois *home runs* abaixo do recorde estabelecido por Babe Ruth em 1938. Considerado um herói pelos torcedores judeus do esporte, foi o primeiro dos dois desportistas judeus eleitos para o Hall of Fame do beisebol.

WILLIAM RANDOLPH HEARST (1863 — 1951). Editor, considerado o maior expoente da imprensa marrom sensacionalista e ufanista, voltada para públicos de massa; seu império floresceu na década de 1930. De início ligado aos populistas democratas, com o passar do tempo caminhou para a direita e tomou-se inimigo feroz de Roosevelt.

HEINRICH HIMMLER (1900 — 1945). Líder nazista, comandante da SS, que controlava os campos de concentração, e chefe da Gestapo; era encarregado dos programas de “purificação” racial, e na hierarquia vinha imediatamente abaixo de Hitler. Suicidou-se com veneno depois de ser capturado pelo Exército britânico em maio de 1945.

J(OHN) EDGAR HOOVER (1895 — 1972). Diretor do FBI (Federal Bureau of Investigation, originalmente chamado Bureau of Investigation, vinculado ao Departamento da Justiça) de 1924 a 1972.

HAROLD L. ICKES (1874 — 1952). Republicano progressista que migrou para o Partido Democrata, atuou quase treze anos como secretário do Interior de Roosevelt; foi o segundo membro de seu gabinete a permanecer por mais tempo no poder. Defensor do meio ambiente e inimigo implacável do fascismo.

FRITZ KUHN (1886 — 1951). Ex-combatente da Primeira Guerra Mundial, nasceu na Alemanha e emigrou para os Estados Unidos em 1927; considerando-se o *Führer* americano, sua

Associação Teuto-Americana em 1938 já era o mais poderoso, mais ativo e mais rico grupo nazista dos Estados Unidos, com vinte e cinco mil membros. Acusado de apropriação indébita em 1939, perdeu a cidadania norte-americana em 1943 e foi deportado para a Alemanha em 1945. Em 1948, o tribunal alemão de desnazificação o julgou culpado de tentar transplantar o nazismo para os Estados Unidos e de ter ligação estreita com Hitler; condenado a dez anos de trabalhos forçados.

HERBERT H. LEHMAN (1878—1963). Um dos sócios da Lehman Brothers, instituição bancária fundada por sua família. Vice-governador de Nova York quando Roosevelt governou o estado; sucedeu Roosevelt como governador de 1932 a 1942. Defensor do *New Deal* e da intervenção norte-americana na guerra. Como senador democrata de Nova York (1949—1957), foi um dos primeiros a se opor ao senador Joseph McCarthy.

JOHN L. LEWIS (1880—1969). Líder sindicalista. Em 1935, como presidente da United Mine Workers (sindicato de mineiros), rompeu com a American Federation of Labor (AFL) e formou uma nova federação, o Committee for Industrial Organization, que em 1938 se transformou no Congress of Industrial Organization (CIO). De início apoiou Roosevelt, porém transferiu seu apoio para o republicano Willkie na eleição de 1940 e renunciou à presidência do CIO depois da derrota de Willkie. As greves realizadas pela UMW durante a guerra acirram a inimizade entre Lewis e o presidente.

ANNE SPENCER MORROW LINDBERGH (1906—2001). Escritora e aviadora. Filha de uma família rica e aristocrática, nasceu em Englewood, Nova Jersey; seu pai, Dwight Morrow, era sócio da companhia de investimentos J. P. Morgan & Co., foi embaixador norte-americano no México durante o governo Hoover e senador republicano por Nova Jersey; sua mãe, Elizabeth Reeve Cutter Morrow, escritora e educadora, foi por pouco tempo presidente em exercício do Smith College, onde Anne Morrow formou-se em literatura em 1928. Conheceu Charles Lindbergh no ano anterior, quando ele visitou sua família na residência do embaixador na Cidade do México. Para mais detalhes sobre a vida de Anne Morrow após conhecer Lindbergh, ver o item CHARLES A. LINDBERGH na Cronologia verídica.

HENRY MORGENTHAU, JR. (1891—1967). Secretário do Tesouro, nomeado por Roosevelt, de 1934 a 1945.

VINCENT MURPHY (1888—1976). Sucedeu Meyer Ellenstein como prefeito de Newark de 1941 a 1949. Escolhido pelo Partido Democrata como candidato ao governo de Nova Jersey em 1943, e figura importante no meio trabalhista de Nova Jersey por trinta e cinco anos a partir de 1933, quando foi eleito secretário-tesoureiro da Federation of Labor do estado.

GERALD P. NYE (1892—1971). Senador republicano de Dakota do Norte de 1925 a 1945, defensor veemente do isolacionismo.

WESTBROOK PEGLER (1894—1969). Jornalista de direita cuja coluna “As Pegler sees it” foi publicada nos jornais do grupo Hearst de 1944 a 1962. Em 1941 ganhou o Prêmio Pulitzer por suas matérias investigativas sobre extorsão e formação de quadrilha no meio trabalhista. Foi um crítico feroz dos Roosevelt e do *New Deal*, que via como uma iniciativa de inspiração comunista, e abertamente hostil aos judeus. Amigo e defensor do senador Joseph McCarthy, atuou como assessor da comissão investigadora de McCarthy.

JOACHIM PRINZ (1902—1988). Rabino, escritor e militante do movimento de direitos

civis, atuou como rabino no templo B'nai Abraham, Newark, de 1939 a 1977.

JOACHIM VON RIBBENTROP (1893—1946). Principal assessor de Hitler na área da política externa e ministro das Relações Exteriores de 1938 a 1945. Assinou, com o chanceler da URSS Molotov, o pacto de não-agressão de 1939, com uma cláusula secreta que previa a partilha da Polônia. O pacto abriu caminho para a Segunda Guerra Mundial. Julgado culpado de crimes de guerra em Nurembergue, foi o primeiro dos nazistas condenados a ser enforcado, em 16 de outubro de 1946.

ELEANOR ROOSEVELT (1884—1962). Sobrinha de Theodore Roosevelt, esposa de seu primo distante Franklin Delano Roosevelt e mãe de seus seis filhos. Como primeira-dama, fez discursos em favor de causas sociais liberais e conferências a respeito da situação das minorias, dos marginalizados e das mulheres; discursou contra o fascismo, publicou uma coluna diária distribuída para sessenta jomais e, durante a Segunda Guerra Mundial, foi co-diretora do Escritório de Defesa Civil. Como delegada junto à ONU, nomeada pelo presidente Truman, defendeu a criação de um Estado judeico; em 1952 e 1956 fez campanha para o candidato à presidência Adlai Stevenson. Mais uma vez nomeada representante junto à ONU pelo presidente Kennedy, foi contrária à tentativa de invasão de Cuba, na baía dos Porcos.

LEVERETT SALTONSTALL (1892—1979). Descendente de sir Richard Saltonstall, membro da Companhia da Baía de Massachusetts que chegou à América em 1630. Governador republicano de Massachusetts de 1939 a 1944; senador republicano entre 1944 e 1967.

GERALD L. K. SMITH (1898—1976). Pastor protestante e orador famoso, fez aliança primeiro com Huey Long e depois com o padre Coughlin e Henry Ford, e ambos o apoiaram em seus ataques ferozes aos judeus. Sua revista anti-semita *The Cross and the Flag* (A Cruz e a Bandeira) acusava os judeus de haverem causado a Depressão e a Segunda Guerra Mundial. Em 1942, obteve cem mil votos em Michigan como candidato ao Senado por esse estado. Afirmava que Roosevelt era judeu, que os *Protocolos dos sábios de Sião* eram um documento autêntico e, após a guerra, que o Holocausto jamais aconteceria.

ALLIE STOLZ (1918—2000). Boxeador peso leve, judeu, natural de Newark. Venceu setenta e três das oitenta e cinco lutas que disputou, perdendo na década de 1940 dois combates decisivos em que o título estava em jogo; o primeiro, uma luta em quinze assaltos, cuja decisão foi controvertida, contra o campeão Sammy Angott; o segundo — após o qual ele se aposentou, em 1946 — uma luta em treze assaltos, em que terminou nocauteado pelo campeão Bob Montgomery.

DOROTHY THOMPSON (1893—1961). Jornalista, ativista política e columnista publicada em cento e setenta jomais na década de 1930. Desde o início, opôs-se ao nazismo e a Hitler e criticou duramente as posições políticas de Lindbergh. Casou-se com o romancista Sinclair Lewis em 1928, divorciando-se em 1942. Contrária ao sionismo, defendeu os árabes palestinos nas décadas de 1940 e 1950.

DAVID T. WILENTZ (1894—1988). Secretário da Justiça de Nova Jersey (1934—1944), atuou como promotor no caso do seqüestro do filho de Lindbergh, que terminou com a condenação e execução de Bruno Hauptmann. Mais tarde, tomou-se influente no Partido Democrata em Nova Jersey, trabalhando como assessor de três governadores democratas do estado.

ABNER “LONGY” ZWILLMAN (1904 — 1959). Traficante de bebida durante o período de Lei Seca, natural de Newark, principal contraventor do estado da década de 1920 à de 1940. Um dos “seis grandes” da contravenção na Costa Leste, grupo a que também pertenciam Lucky Luciano, Meyer Lansky e Frank Costello. Suas extensas atividades criminosas foram investigadas pela Comissão Senatorial sobre o Crime e essas sessões, transmitidas pela televisão em 1951. Suicidou-se oito anos depois.

### *Alguns documentos*

*Discurso pronunciado por Charles Lindbergh — “Quem são os agitadores belicistas?” — no comício do Comitê América em Primeiro Lugar em Des Moines, 11 de setembro de 1941. O texto abaixo pode ser encontrado em [www.pbs.org/wgbh/amex/lindbergh/filmmore/reference/primary/desmoinesspeech.html](http://www.pbs.org/wgbh/amex/lindbergh/filmmore/reference/primary/desmoinesspeech.html).*

Já faz dois anos que eclodiu a atual guerra na Europa. Desde aquele dia em setembro de 1939 até o momento, tem havido uma pressão cada vez maior no sentido de forçar os Estados Unidos a entrar no conflito.

Essa pressão parte de interesses estrangeiros e de uma pequena minoria do nosso povo, porém tem obtido tanto sucesso que hoje nosso país se encontra à beira da guerra.

Neste momento em que tem início o terceiro inverno da guerra, creio que é apropriado reexaminar as circunstâncias que nos levaram à situação atual. Por que estamos à beira da guerra? Era mesmo necessário que nos envolvêssemos a tal ponto? Quem foi responsável por mudar nossa política nacional de neutralidade e independência para uma política de envolvimento nos assuntos europeus?

A meu ver, não há argumento melhor contra a nossa intervenção do que uma análise das causas e do desenrolar da atual guerra. Já afirmei várias vezes que se as questões e os fatos verdadeiros fossem expostos ao povo americano, não haveria o menor risco de nos envolvemos.

Neste ponto, é necessário destacar uma diferença fundamental entre os grupos que defendem a guerra no estrangeiro e aqueles que acreditam no destino independente dos Estados Unidos.

Se olharem para trás, vocês verão que nós, que nos opomos à intervenção, vimos constantemente tentando esclarecer fatos e questões, enquanto os intervencionistas tentam ocultar os fatos e confundir as questões.

Pedimos que leiam o que afirmamos no mês passado, no ano passado e até mesmo antes de ter início a guerra. Nossa posição é clara e está aberta a todos, e nos orgulhamos dela.

Jamais enganamos ninguém por meio de subterfúgios e propaganda. Jamais reconemos a todos os meios possíveis com o fim de levar o povo americano para onde ele não quer ir.

O que dizíamos antes das eleições, continuamos dizendo e repetindo, vez após vez, após vez, ainda hoje. E amanhã não vamos lhes dizer que tudo eram apenas promessas de campanha. Vocês já ouviram um intervencionista, ou um agente britânico, ou um membro do atual governo em Washington, pedir-lhes que olhem para trás e examinem o que eles afirmaram desde que a guerra teve início? Os pretensos defensores da democracia estão dispostos a submeter ao voto popular a

questão da guerra? Vocês já viram esses cruzados pedindo liberdade de expressão no estrangeiro ou o fim da censura aqui em nosso próprio país?\*

Os subterfúgios e as manobras de propaganda que existem em nosso país são óbvios sob todos os aspectos. Hoje vou tentar desmascarar alguns deles para trazer à luz os fatos reais que eles ocultam.

Quando esta guerra começou na Europa, estava claro que o povo americano era fortemente contrário a nossa participação nela. E por que não? Nosso país era o que tinha a melhor posição defensiva em todo o mundo; tínhamos uma tradição de independência em relação à Europa; e na única vez em que participamos de uma guerra européia, os problemas europeus permaneceram sem solução e as dívidas contraídas conosco não foram pagas.

Pesquisas de opinião nacionais mostraram que, quando a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha em 1939, menos de dez por cento da nossa população defendia que os Estados Unidos fizessem o mesmo.

Porém havia diversos grupos de pessoas, aqui e no estrangeiro, cujos interesses e crenças exigiam que os Estados Unidos se envolvessem na guerra. Hoje vou destacar alguns desses grupos e revelar em linhas gerais seu método de ação. Ao fazê-lo, terei de ser absolutamente franco, pois para neutralizar seus esforços é preciso que saibamos exatamente quem eles são.

Os três grupos mais importantes que vêm empurrando este país à guerra são os britânicos, os judeus e o governo Roosevelt.

Por trás desses grupos, porém com menos importância, temos um certo número de capitalistas, anglófilos e intelectuais que acreditam que o futuro da humanidade depende da dominação do Império Britânico. Se acrescentamos a esses setores os grupos comunistas que se opunham à intervenção até algumas semanas atrás, teremos identificado, a meu ver, os principais agitadores belicistas deste país.

Refiro-me apenas aos agitadores belicistas, e não àqueles homens e mulheres, sinceros porém equivocados, confundidos por informações falsas e assustados pela propaganda, que vão atrás dos agitadores belicistas.

Como já afirmei, esses agitadores perfazem apenas uma pequena minoria do nosso povo, porém exercem uma influência tremenda. Contra a determinação do povo americano no sentido de permanecer fora da guerra, eles vêm lançando mão do poder de sua propaganda, de seu dinheiro, de seu patrocínio.

Examinemos esses grupos, um a um.

Em primeiro lugar, os britânicos. É óbvio e perfeitamente compreensível que a Grã-Bretanha queira que os Estados Unidos participem da guerra como um aliado seu. A Inglaterra encontra-se numa situação de desespero. Sua população não é grande o bastante, e seus exércitos não são fortes o bastante para invadir o continente europeu e ganhar a guerra que ela declarou à Alemanha.

Sua posição geográfica é tal que ela não pode ganhar a guerra utilizando apenas a aviação, por mais aviões que enviemos para lá. Mesmo se os Estados Unidos entrarem na guerra, é improvável que os exércitos aliados possam invadir a Europa e derrotar as potências do Eixo. Uma coisa, porém, é clara: se a Inglaterra conseguir arrastar este país para a guerra, ela poderá nos passar boa

parte da responsabilidade de lutar no conflito e arcar com seus custos.

Como vocês todos sabem, nós é que arcamos com as dívidas da última guerra européia; e a menos que no futuro tenhamos mais cuidado do que tivemos no passado, mais uma vez arcaremos com as dívidas da guerra atual. Não fosse sua esperança de que vai conseguir nos tornar responsáveis pela guerra tanto sob o aspecto financeiro quanto sob o aspecto militar, creio que a Inglaterra já teria negociado a paz na Europa há muitos meses, o que teria sido muito melhor para ela.

A Inglaterra não tem medido esforços no sentido de nos levar a entrar nessa guerra, e assim continuará a agir. Sabemos que ela gastou quantias imensas neste país durante a última guerra com o objetivo de nos envolver. Autores ingleses publicaram livros revelando a esperteza dessa tática.

Sabemos que a Inglaterra está gastando quantias imensas em propaganda nos Estados Unidos durante a atual guerra. Se fôssemos ingleses, faríamos o mesmo. Mas nosso interesse é, acima de tudo, o nosso país, e como americanos é essencial que nos demos conta do esforço que os britânicos vêm fazendo no sentido de nos levar a entrar na guerra.

O segundo grupo importante que mencionei é o dos judeus.

Não é difícil compreender por que o povo judeu quer demubar a Alemanha nazista. A perseguição que ele sofreu na Alemanha seria suficiente para fazer qualquer raça tomar-se inimiga feroz da Alemanha.

Nenhuma pessoa com senso de dignidade humana pode desculpar a perseguição da raça judaica na Alemanha. Mas nenhuma pessoa dotada de honestidade e visão pode examinar a atual política pró-guerra sem se dar conta dos perigos que ela implica tanto para nós quanto para eles. Em vez de fazer agitação em prol da guerra, os grupos judeus deste país deviam se opor a ela de todas as maneiras, pois serão eles os primeiros a sentir suas conseqüências.

A tolerância é uma virtude que depende da paz e da força. A história mostra que ela não sobrevive à guerra e à devastação. Uns poucos judeus de visão já perceberam isso e se opõem à intervenção. Mas a maioria ainda não o fez.

O maior perigo que eles representam para este país se encontra no fato de que eles são grandes proprietários e exercem uma forte influência no nosso cinema, na nossa imprensa, no nosso rádio e no nosso governo.

Não estou atacando o povo judeu nem o povo britânico. Sou admirador de ambas as raças. O que estou dizendo é que os líderes tanto da raça britânica quanto da raça judaica, por motivos que são compreensíveis do ponto de vista deles mas não são recomendáveis do nosso ponto de vista, por motivos que não são americanos, querem nos envolver na guerra.

Não podemos lhes negar o direito de defender o que eles consideram seus próprios interesses, porém devemos também cuidar dos nossos. Não podemos permitir que as paixões e os preconceitos naturais de outros povos levem nosso país à destruição.

O governo Roosevelt é o terceiro grupo poderoso que está empurrando este país à guerra. Seus membros vêm utilizando o estado de emergência causado pela guerra para conseguir um terceiro mandato presidencial sem precedentes na história deste país. Eles vêm utilizando a guerra para acrescentar bilhões e bilhões de dólares a uma dívida que já era a mais elevada de toda a nossa história. E acabam de utilizar a guerra para justificar as restrições ao Poder Legislativo e para conferir

poderes ditatoriais ao presidente e seus assessores.

O poder do governo Roosevelt depende da manutenção do estado de emergência em tempo de guerra. O prestígio do governo Roosevelt depende do sucesso da Grã-Bretanha, ao qual o presidente vinculou seu futuro político numa época em que a maioria das pessoas acreditava que a Inglaterra e a França venceriam a guerra facilmente. O perigo do governo Roosevelt está no uso de subterfúgios. Enquanto seus membros nos prometem a paz, eles nos empurram para a guerra, desconsiderando o programa político com o qual se elegeram.

Ao destacar esses três grupos como os principais agitadores pró-guerra, incluí apenas aqueles cujo apoio é essencial para o partido belicista. Se apenas um desses grupos — os britânicos, os judeus ou o governo — parar de fazer agitação em favor da guerra, creio que é pequeno o perigo de que terminemos nos envolvendo nela.

Ameu ver, dois desses grupos apenas não teriam poder suficiente para levar este país a intervir na guerra sem o apoio do terceiro. E em comparação com esses três, como já afirmei, todos os outros grupos belicistas são de importância secundária.

Quando tiveram início as hostilidades na Europa, em 1939, esses grupos se deram conta de que o povo americano não tinha intenção de entrar na guerra. Eles sabiam que era absolutamente inútil nos pedir uma declaração de guerra naquele momento. No entanto, acreditavam que o país poderia entrar na guerra exatamente do mesmo modo como entramos na última guerra.

O plano era o seguinte: primeiro, preparar os Estados Unidos para a guerra estrangeira sob a desculpa da defesa nacional; segundo, envolver-nos na guerra pouco a pouco, sem que nos dêsemos conta disso; terceiro, criar uma série de incidentes que nos obrigariam de fato a entrar no conflito. Esses planos, naturalmente, seriam encobertos e auxiliados por uma poderosa máquina de propaganda.

Rapidamente, nossos teatros começaram a exibir peças que glorificavam a guerra. Nos cinemas, os jomais da tela nem sequer tentavam fingir objetividade. Os jomais e as revistas começaram a perder anunciantes quando publicavam artigos contrários à guerra. Uma campanha de difamação foi movida contra os indivíduos que se opunham à intervenção. Temos como “quinta-coluna”, “traidor”, “nazista” e “anti-semita” foram lançados de modo implacável contra todo aquele que ousasse dar a entender que não era do interesse dos Estados Unidos entrar na guerra. Homens perderam seus empregos por se manifestarem abertamente contra a guerra. Muitos outros passaram a ter medo de falar.

Em pouco tempo, os auditórios que se abriam para os defensores da guerra passaram a se fechar para os conferencistas que a ela se opunham. Teve início uma campanha com o objetivo de instilar o medo. Diseram-nos que a aviação, a qual vem impedindo que a Marinha britânica se aproxime do continente europeu, tomava mais do que nunca os Estados Unidos vulneráveis a uma invasão. A propaganda correu solta.

Não foi difícil obter bilhões de dólares para a produção de armas sob o argumento de estar defendendo a nação. Nosso povo se uniu em torno da meta de defesa nacional. O Congresso aprovou uma série de orçamentos para a fabricação de armas, aviões e belonaves, com o consentimento da maioria esmagadora dos cidadãos. O fato de que boa parte desse dinheiro seria utilizada para fabricar armas para a Europa só nos foi informado depois. Esse foi o passo seguinte.

Para dar um exemplo concreto: em 1939, foi-nos dito que precisávamos aumentar nossa Força Aérea, para atingir um total de cinco mil aviões. O Congresso aprovou a legislação necessária. Alguns meses depois, o governo nos disse que os Estados Unidos precisariam de no mínimo cinqüenta mil aviões para garantir a segurança nacional. Mas tão logo os caças saíam das fábricas, eles eram enviados para o estrangeiro, embora nossa Força Aérea precisasse muitíssimo de novos equipamentos; assim, hoje, dois anos após o início da guerra, o Exército americano dispõe de apenas algumas centenas de bombardeiros e caças realmente modernos — bem menos, aliás, do que a Alemanha produz por mês.

Desde que se iniciou, nosso programa de produção de armas tem como objetivo participar da guerra na Europa, e não construir uma defesa adequada para os Estados Unidos.

Então, ao mesmo tempo que estávamos sendo preparados para uma guerra estrangeira, tomou-se necessário, como já afirmei, nos envolver na guerra. Isso foi feito por meio daquela expressão que agora se tornou famosa: “medidas que não chegam a configurar guerra”.

A Inglaterra e a França ganhariam, nos disseram, se os Estados Unidos suspendessem o embargo contra armamentos e lhes vendessem munições. Em seguida, começamos a ouvir um refrão que se tornou bem conhecido, um refrão que assinalou cada etapa que trilhamos em direção à guerra durante meses: “A melhor maneira de defender os Estados Unidos e não entrar na guerra”, diziam, “é ajudar os Aliados”.

Primeiro, resolvemos vender armas para a Europa; depois, resolvemos emprestar armas para a Europa; depois resolvemos patrulhar os oceanos para a Europa; depois ocupamos uma ilha européia em plena zona de guerra. Agora estamos à beira da guerra.

Os grupos belicistas tiveram sucesso nas duas primeiras das três etapas em direção à guerra. Está em andamento o maior programa armamentista da história deste país.

No momento, estamos envolvidos na guerra sob praticamente todos os aspectos — a única coisa que não fazemos é dar tiros. Só falta criar o número suficiente de “incidentes”; e vocês estão vendo agora o primeiro desses incidentes ocorrendo, tal como previsto no plano — o plano que jamais foi apresentado ao povo americano para que ele o aprovasse.

Homens e mulheres de Iowa: um único fator impede que este país entre hoje na guerra. Esse fator é a oposição crescente do povo americano. Nosso sistema de democracia e governo representativo está sendo testado como jamais foi. Estamos à beira de uma guerra em que só sairia vencedor o caos, a prostração.

Estamos à beira de uma guerra para a qual ainda não estamos preparados, e para a qual ninguém ainda apresentou um plano viável de vitória — uma guerra que não pode ser ganha se enviarmos nossos soldados para o outro lado do oceano com o objetivo de invadir uma costa hostil e enfrentar exércitos mais fortes do que o nosso.

Estamos à beira da guerra, mas ainda não é tarde demais para ficarmos fora dela. Não é tarde demais para mostrarmos que não há dinheiro, propaganda ou patrocínios que possam obrigar um povo livre e independente a entrar numa guerra contra sua vontade. Ainda não é tarde demais para darmos um basta e mantemos o destino independente americano que nossos ancestrais estabeleceram neste novo mundo.

Todo o futuro depende de nós. Depende da nossa ação, da nossa coragem, da nossa



inteligência. Se vocês se opõem à nossa intervenção na guerra, agora é a hora de se fazerem ouvir.

Ajudem-nos a organizar essas reuniões, e escrevam para seus representantes em Washington. Eu lhes afirmo que o último baluarte da democracia e do governo representativo deste país está na nossa Câmara de Representantes e no nosso Senado.

Lá ainda podemos manifestar nossa vontade. Se nós, o povo americano, o fizemos, a independência e a liberdade continuarão a viver entre nós, e não haverá guerra estrangeira.

*Extraído de Lindbergh, de A. Scott Berg, 1998*

A paz, segundo Lindbergh, só podia perdurar enquanto “nos mantivemos unidos para preservar nosso bem mais precioso: nosso legado de sangue europeu; apenas enquanto nos defendemos dos ataques de exércitos estrangeiros e da diluição nas raças estrangeiras”. Para ele, a aviação era “uma dádiva dos céus àquelas nações ocidentais que já eram os líderes de sua era [...] um instrumento criado especialmente para a mão dos ocidentais, uma arte científica que os outros apenas copiam de modo tosco, mais uma barreira entre as turbas pululantes da Ásia e o legado helênico da Europa — um desses bens preciosos que permitem que a raça Branca sobreviva num oceano crescente de Amarelo, Negro e Pardo”.

Lindbergh acreditava que a União Soviética havia se transformado no império mais malévolo da Terra e que, para garantir a sobrevivência da civilização ocidental, era necessário que esse império e as potências asiáticas que se estendiam além de suas fronteiras — os “mongóis, persas e mouros” — fossem repelidos. Escreveu que isso também exigia “a união de forças entre nós; uma força grande demais para ser desafiada pelos exércitos estrangeiros; uma Muralha Ocidental de raça e amas capaz de conter um Gênis Khan ou uma infiltração de sangue inferior” (p. 394).

\* Órgão federal criado no período New Deal para gerar energia elétrica e controlar as inundações no vale do rio Tennessee. (N.T.)

\* A frase parece estar truncada no original.

Copyright ©2004 by Philip Roth  
Todos os direitos reservados

*Título original*  
The Plot Against America

*Capa*  
João Baptista da Costa Aguiar sobre capa original de Milton Glaser,  
publicada pela editora americana Houghton Mifflin

*Preparação*  
Maria Cecília Caropreso

*Revisão*  
Otacilio Nunes  
Carmen S. da Costa

ISBN 978-85-8086-599-8

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)